Diôgenes Laêrtios

VIDAS E DOUTRINAS DOS FILÓSOFOS ILUSTRES

2ª EDIÇÃO

EDITORA UnB

De Diôgenes Laêrtios pouco sabemos além de que sua obra foi escrita nas primeiras décadas do século III d.C. e que foi um compilador incansável. Antes de *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, ele havia publicado uma coletânea de epigramas intitulada *Pâmmetros* ("Todos os metros"), que continha epitáfios de homens ilustres. Embora em sua obra encontremos menções simpáticas ao ceticismo e ao epicurismo, é difícil acreditar que ele pudesse ser ao mesmo tempo cético e epicurista. Além disso, por sua obra ser composta mais de transcrições que de contribuições originais, essas referências podem ter sido reproduzidas inadvertidamente de uma de suas numerosas fontes. Desse modo, não existe nenhuma prova de que ele tenha pertencido a qualquer das escolas filosóficas a que alude.

LANÇAMENTOS DA EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

O capital da esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília
Gustavo Lins Ribeiro

Redes de comunicação convergentes: tecnologias e protocolos
Vários autores

Clarice em cena: as relações entre Clarice Lispector e o teatro
André Luís Gomes

A delicadeza: estética, experiência e paisagens
Denilson Lopes

História constitucional inglesa e norte-americana: do surgimento à estabilização da forma constitucional
Cristiano Paixão e Renato Bigliazzi

Anatomia funcional da criança: bases morfológicas para a prática pediátrica clínica e cirúrgica
Paulo Tubino e Elaine Alves

A doméstica imaginária: literatura, testemunhos e a invenção da empregada doméstica no Brasil (1889-1999)
Sônia Roncador

Imagem interativa
Mario Maciel e Suzete Venturelli

Formas e dilemas da representação da mulher na literatura contemporânea
Maria Isabel Edom Pires (Organizadora)

O reinado de Édipo
Ordep Serra

Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres, de Diôgenes Laêrtios, é a mais preciosa obra conservada da Antiguidade a respeito da história da filosofia e dos filósofos gregos.

Esta obra constitui a fonte principal para o conhecimento das filosofias epicurista e estóica, e é importante para o estudo do ceticismo e das ramificações da filosofia socrática (o cinismo, o hedonismo e a dialética). Nela, o autor expõe as idéias dos mais importantes pensadores gregos, desde as origens da filosofia e dos chamados Sete Sábios até os últimos escolarcas da Academia platônica e do Liceu aristotélico, abrangendo cerca de oitenta filósofos.

Por serem antes uma história dos filósofos do que uma história da filosofia, os capítulos que compõem este livro pertencem tanto à literatura quanto à filosofia propriamente dita. Essa característica confere um interesse ainda maior à obra, principalmente por seu conteúdo humano. Outro de seus méritos é a evocação palpitante da atmosfera do mundo em que viveram os filósofos antigos, graças aos numerosos detalhes que apresenta e aos elementos míticos e fantásticos misturados a anedotas de sabor popular. Esses detalhes, aparentemente marginais, são na realidade muito significativos e esclarecedores.

Cod. Edu. 10499

9 788523 004798

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Reitor *pro tempore*
Roberto A. R. de Aguiar

Vice-Reitor
José Carlos Balthazar

EDITORA
UnB

Diretor
Norberto Abreu e Silva Neto

Conselho Editorial

Norberto Abreu e Silva Neto
Presidente do Conselho

Denise Imbroisi
José Carlos Córdova Coutinho
José Otávio Nogueira Guimarães
Lúcia Mercês de Avelar
Luís Eduardo de Lacerda Abreu
Maria José M. S. da Silva

Diôgenes Laêrtios

VIDAS E DOUTRINAS DOS FILÓSOFOS ILUSTRES

Tradução do grego, introdução e notas
Mário da Gama Kury

2ª edição
reimpressão

EDITORA
UnB

EQUIPE TÉCNICA

Supervisão editorial: Dival Porto Lomba
Supervisão gráfica: Elmano Rodrigues Pinheiro e Luiz Antônio Rosa Ribeiro
Revisão de texto: Maria Helena de Aragão Miranda e Wilma Gonçalves Rosas Saltarelli
Capa: Resa

Tradução, introdução e notas, *Copyright* © 1987 *by* Mário da Gama Kury

Direitos exclusivos para esta edição:
EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK, 1º andar
CEP 70302-509, Brasília, Distrito Federal
Telefone (61) 3035-4211, fax (61) 3035-4223
E-mail: direcao@editora.unb.br
www.editora.unb.br

Impresso no Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

D591 Diógenes Laêrtios
Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres / Diógenes Laêrtios; tradução do grego, introdução e notas Mário da Gama. – 2. ed., reimpressão – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2008
360 p.

ISBN 978-85-230-0479-8

1. Filosofia grega. I. Kury, Mário da Gama. II. Título.

CDU 19(38)

SUMÁRIO

(Os algarismos romanos indicam os livros, e os arábicos os parágrafos – entre parênteses na tradução).

Introdução 5

Livro I – Origem e precursores da filosofia. 13

- 1-11 – Prólogo. Origem do estudo da filosofia.
- 12 – Origem do termo "filósofo".
- 13 – Os Sete Sábios. Origem da filosofia propriamente dita.
- 14-15 – As escolas filosóficas.
- 16-18 – Diversas classificações dos filósofos.
- 19-21 – Diversas escolas ou seitas filosóficas e seus fundadores.
- 22-44 – Tales.
- 45-67 – Sôlon.
- 68-73 – Quílon.
- 74-81 – Pítacos.
- 82-88 – Bias.
- 89-93 – Cleôbulos.
- 94-100 – Periandros.
- 101-105 – Anácarsis.
- 106-108 – Míson.
- 109-115 – Epimenides.
- 116-122 – Ferecides.

Livro II – Primeiros filósofos propriamente ditos e seus sucessores. 47

- 1-2 – Anaximandros.
- 3-5 – Anaximenes.
- 6-15 – Anaxagoras.
- 16-17 – Arquêlaos.
- 18-47 – Sócrates.
- 48-59 – Xenofon.
- 60-64 – Aisquines.
- 65-104 – Arístipos.
- 105 – Fáidon.
- 106-112 – Eucleides.
- 113-120 – Stílpon.
- 121 – Críton.
- 122-123 – Simon.
- 124 – Gláucon e Simias.

125 – Cebes.
125-144 – Menêdemos.

Livro III – Platão. 85
1-46 – Vida e obras.
47-109 – Exposição e interpretação da filosofia de Platão.

Livro IV – Discípulos de Platão. 111
1-5 – Spêusipos.
6-15 – Xenocrates.
16-20 – Polêmon.
21-23 – Crates.
24-27 – Crântor.
28-45 – Arcesílaos.
46-58 – Bíon.
59-61 – Lacides.
62-66 – Carneades.
67 – Cleitômacos.

Livro V – Aristóteles e seus discípulos. 129
1-27 – Aristóteles; vida, testamento, expressões famosas, obras.
28-35 – Sinopse de sua filosofia.
36-57 – Discípulos de Aristóteles. Teôfrastos.
58-64 – Stráton.
65-74 – Lícon.
75-85 – Demétrios de Fáleron.
86-94 – Heracleides.

Livro VI – Escola Cínica. 153
1-19 – Antístenes.
20-81 – Diôgenes.
82-83 – Mônimos.
84 – Onesícritos.
85-93 – Crates.
94-95 – Metroclês.
96-98 – Hiparquia.
99-101 – Mênipos.
102-105 – Menêdemos.

Livro VII – Escola Estóica. 181
1-38 – Zênon.
39-159 – Exposição da filosofia estóica.
160-164 – Aríston.
165 – Hérilos.
166-167 – Dionísios.
168-176 – Cleantes.
177-178 – Sfairos.
179-202 – Crísipos.

Livro VIII – Pitágoras e os pitagóricos. 229
1-24 – Pitágoras.
25-36 – Tópicos principais da filosofia pitagórica.
37-50 – Continuação da vida de Pitágoras.
51-77 – Empedoclês.
78 – Epícarmos.
79-82 – Arquitas.
83 – Alcmáion.
84-85 – Hípasos e Filôlaos.
86-91 – Êudoxos.

Livro IX – Os filósofos esporádicos. 251
1-17 – Heráclеitos.
18-20 – Xenofanes.
21-23 – Parmenides.
24 – Mélissos.
25-29 – Zênon de Elea.
30-33 – Lêucipos.
34-49 – Demôcritos.
50-56 – Protagoras.
57 – Diôgenes de Apolônia.
58-60 – Anáxarcos.
61-71 – Pírron.
72-108 – Exposição da filosofia cética e sua comparação com a dogmática.
109-116 – Tímon.

Livro X – Epícuros. 283
1-28 – Epícuros e seus discípulos.
29-34 – Exposição sumária da filosofia epicurista.
35-83 – Epístola de Epícuros a Herôdotos.
84-116 – Epístola de Epícuros a Pitoclês.
117-121 – Conduta na vida segundo Epícuros.
122-135 – Epístola de Epícuros a Menoiceus.
136-138 – Diferenças entre a doutrina de Epícuros e a dos cirenaicos.
139-154 – Máximas principais de Epícuros.

Índice das Fontes 323

Índice Geral 329

INTRODUÇÃO

1. *O Autor*

Nada se sabe com certeza a respeito de Diôgenes Laêrtios, e há dúvidas até sobre seu nome, que também aparece em alguns autores posteriores (Stêfanos de Bizântion e Fótios) como Laêrtios Diôgenes; os manuscritos apresentam essa segunda forma, e Eustátios usa simplesmente Laertes. Atualmente adotam-se as duas primeiras formas, sendo Diôgenes Laêrtios a mais tradicional.

Quanto à sua época, admite-se com base em evidência confiável que ele teria vivido no século III, pois nosso autor menciona Sextos Empeiricôs e Saturninos (no Livro IX, § 116), que viveram na parte final do século II. Por outro lado, Fótios (*Biblioteca*, Códex 161) diz que Sôpatros de Apamea (século IV), discípulo de Iâmblicos, citava em uma de suas obras trechos de Diôgenes Laêrtios.

Sendo assim, o autor das *Vidas* tê-las-ia escrito nas primeiras décadas do século III e teria sido um contemporâneo mais novo de Lucianos, Galenos, Filôstratos e Clemente de Alexandria, não muito distante de Apuleio e Atênaios. Há, entretanto, quem o ponha no século IV, com fundamentos também razoáveis.

As *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres* não foram a única obra de Diôgenes Laêrtios. Antes de escrevê-las ele já havia publicado uma coletânea de epigramas de sua autoria intitulada *Pâmmetros* ("Todos os Metros"), citada no Livro I, § 39. O *Pâmmetros* continha epitáfios de homens ilustres, e nosso autor introduziu generosamente em sua obra conservada esses epigramas, aliás sempre medíocres.

Com vistas às tendências filosóficas de Diôgenes Laêrtios, a julgar por uma menção no § 109 do Livro IX, ele teria sido um cético, pois se refere a Apolonides de Nícaia, adepto do ceticismo, como sendo "um dos nossos". Entretanto, considerando que a obra de nosso autor se compõe mais de transcrições que de contribuições originais, a referência pode ter sido reproduzida inadvertidamente de uma de suas numerosas fontes. A mesma circunstância também explicaria os elogios fervorosos de Diôgenes Laêrtios a Epícuros (Livro X, §§ 9 e 138), sem indicar entretanto sua condição de adepto de Epícuros. Acresce que nosso autor não pode ter sido simultaneamente cético e epicurista. Em suma, este biógrafo de filósofos não explicita em parte alguma da obra a pretensão de ter estudado filosofia e não dá demonstração segura (descartadas as duas mencionadas pouco acima, ambíguas pelas razões aduzidas) de ter pertencido a qualquer das escolas filosóficas a que alude.

2. *A Obra*

Na subscrição dos manuscritos mais antigos o título da obra aparece como sendo *Coleção das Vidas e das Doutrinas dos Filósofos, em Dez Livros.* Em outros

manuscritos a subscrição é: *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres e Dogmas de cada Escola, em Dez Livros*, além do título mais curto de *Vidas dos Filósofos*.

A intenção de Diôgenes Laërtios é apresentar os principais pensadores gregos, tanto os "sábios" mais antigos quanto os filósofos propriamente ditos. Antes da obra de nosso autor já haviam sido escritos numerosos livros do mesmo gênero, de muitos dos quais ele faz transcrições e citações, porém somente sua obra conservou-se.

Embora sejam poucas as alusões de escritores posteriores a esta obra, podemos de certo modo seguir seu caminho. No século VI de nossa era Stéfanos de Bizântion cita três vezes as *Vidas*. Fótios, patriarca de Constantinopla em 858-867 e 878-886, diz-nos que Sôpatros, mencionado no início desta introdução, referiu-se às *Vidas*. Há outras menções a elas no *Léxico de Suídas* (ou, segundo autores modernos, a *Suda*), baseado em parte na obra congênere de Hesíquios de Míletos (final do século VI); Eustátios e Tzetzes (século XII) também aludem às *Vidas*.

A notícia seguinte já vem do Ocidente europeu. No século XIII, época do apogeu da Escolástica, as primeiras traduções latinas de Aristóteles despertaram a curiosidade dos leitores em relação a outros filosófos mencionados pelo estagirita. Um inglês, Walter de Burleigh (1275-1357), discípulo de Duns Scotus, esforçou-se por satisfazer essa curiosidade escrevendo uma obra em latim, *De Vita et Moribus Philosophorum*, inspirada principalmente numa suposta tradução das *Vidas* de Diôgenes Laërtios por Enricus Aristippus (século XII?). Na Renascença, já no século XV, veio a público uma tradução latina feita por Ambrosius Traversarius, e meio século mais tarde foi impresso em Basiléia o texto grego. A obra de nosso autor suscitou extraordinário interesse, recebendo atenção entusiástica, entre outras de Montaigne. Para citar somente os mais ilustres, Casaubon, Henri Estienne, Ménage e Gassendi a editaram e comentaram. As primeiras histórias da Filosofia, publicadas nessa época, eram pouco mais que adaptações e ampliações das *Vidas*. Os editores da *Antologia Palatina* e de seu apêndice aproveitaram-se de seus epigramas, e os compiladores das primeiras coleções dos fragmentos dos poetas cômicos gregos utilizaram muito material contido em Diôgenes Laërtios. Apareceram edições separadas das epístolas e fragmentos de Epícuros (Livro X), uma das partes mais valiosas da obra.

Não escapará ao leitor atento o fato de as *Vidas* serem, antes de tudo, a obra de um compilador incansável, a ponto de não perceber que se aplicava perfeitamente a ele mesmo a observação de Apolôdoros de Atenas em relação a Crísipos, reproduzida pelo próprio Diôgenes Laërtios: "Se tirássemos das obras de Crísipos todas as citações alheias, suas páginas ficariam em branco" (Livro VII, § 181). A princípio, entretanto, não é fácil perceber tudo que é transcrição na obra, pois as referências incontáveis levam a pensar em erudição, mas, baseados em critérios estilísticos e outros, logo notamos que quase todas elas provêm de autores mais antigos, que Diôgenes Laërtios reproduz, seja diretamente, seja por meio de compiladores intermediários. Não é possível determinar com certeza e precisão quantas das centenas de fontes (cerca de duzentas) ele próprio leu. Pode-se todavia supor com bons fundamentos que Diôgenes Laërtios leu os compiladores mais

famosos – por exemplo, Hêrmipos, Sotion, Demétrios de Magnesia e Apolôdoros, por ele citados abundantemente.

É óbvia sua falta de espírito crítico em relação às fontes, o que não é de admirar, pois essa carência é característica de sua época. Ele aceita a lenda dos Sete Sábios, com sua troca de visitas e cartas protocolares, e reproduz ingenuamente as afirmações mais absurdas constantes das obras dos compiladores precedentes, sem estabelecer sequer uma hierarquia das fontes e sem a mínima preocupação com a coerência, como acontece no caso da inserção de notas marginais (escólios) num contexto onde a intrusão salta aos olhos (principalmente no Livro X, onde tais intrusões abundam[a]).

Notam-se igualmente equívocos decorrentes da utilização negligente de grande número de transcrições, a ponto de algumas terem ido encaixar-se numa Vida errada – por exemplo, no § 1 do Livro II atribui-se a Anaximandros uma descoberta de Anaxagoras, além da confusão de Arquêlaos com Anaxagoras, de Xenofanes com Xenofon e de Protagoras com Demôcritos[b].

Na realidade as *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres* muitas vezes são mais uma história dos filósofos que uma história da filosofia, e pertencem mais à literatura que à própria filosofia. Mas, sua importância e seu interesse talvez sejam ainda maiores porque aparece pouco do próprio autor na obra, onde em geral ele reproduz exatamente o que está sob seus olhos nas fontes de que se serve. E na comparação que podemos fazer de sua Vida de Pitágoras com as *Vidas* do mesmo filosófo de autoria de Iâmblicos e Porfírios, de seu Platão com o de Olimpiôdoros, de seu Sôlon com o de Plútarcos, Diôgenes Laërticos não sai perdendo.

Segue-se um resumo do plano da obra.

O Livro I começa com um prólogo, onde são mencionados sumariamente os conhecimentos pré-filosóficos fora da Grécia – dos Magos na Pérsia, dos Caldeus, dos Ginosofistas (ou faquires) na Índia e dos Druidas, alguns dos quais eram considerados com boas razões anteriores aos mais antigos filósofos gregos. O restante do Livro I, que tem pouco a ver com a filosofia propriamente dita, trata de Tales; de Sôlon e de outros homens sagazes em assuntos de ordem mais prática, cujas vidas foram romanceadas.

No Livro II começa a sucessão dos filósofos iônicos, que se teria iniciado com Tales e prosseguido com Anaximenes, Anaxagoras e Arquêlaos até Sócrates. A apreciação de Sócrates traz a filosofia para Atenas e seus arredores; onde nosso autor permanece ao longo do Livro II, dos Livros III (Platão), IV (a Academia), V (os Peripatéticos), VI (os Cínicos) e VII (os Estóicos). Concluída assim a sucessão iônica, que se desdobra em muitos ramos diferentes, Diôgenes Laërtios desenvolve a sucessão italiota no Livro VIII, abrangendo Empedoclés e Êudoxos.

Os Livros IX e X incluem vários pensadores de importância considerável, embora desvinculados uns dos outros tanto doutrinária como cronologicamente. No Livro IX aparecem após Heracleitos os Eleatas, os Atomistas, os Céticos, Diôgenes de Apolônia (um "iônio tardio") e o sofista Protagoras. Finalmente o Livro X é dedicado em sua totalidade a Epícuros, constituindo no consenso geral a

(a) Na tradução essas intrusões aparecem entre parênteses duplos. Veja-se o antepenúltimo parágrafo desta introdução.

(b) Vejam-se os livros II, § 16, e IX, §§ 18 e 50.

parte mais valiosa da obra. Os filósofos das escolas incluídas nos dois livros finais, muito diferentes entre si, recebem a denominação de "esporádicos".

Há uma desproporção muito grande entre o tratamento dado a Platão, a Epícuros, e mesmo aos estóicos e céticos, de um lado, e o dado aos pensadores mais antigos – seja aos iônios, seja aos eleatas –, incompatível com sua grande influência e fama. A parte dedicada a Heráclitos é um esboço caricatural; Parmenides, Zênon de Elea, e Diôgenes de Apolônia são ainda menos aquinhoados, e relativamente muito pouco é dito de Anaxagoras, Empedoclés e Demôcritos.

Examinemos agora sumariamente uma questão muito debatida: as fontes principais de Diôgenes Laërtios para as *Vidas* de seus biogrados. Deixando de lado Aristôxenos e o historiador Neantes, cuja contribuição se restringe em sua quase totalidade a anedotas, o verdadeiro pioneiro no campo da biografia foi provavelmente Antígonos de Caristos (aproximadamente 290-239 a.C.). Destacavam-se em sua obra, da qual nos chegaram apenas fragmentos, as *Vidas* de alguns filósofos contemporâneos deste biógrafo. Diôgenes Laërtios usou-o como fonte principal no Livro VI para Arcesílaos e seus predecessores Polêmon, Crântor e Crates. Provavelmente as *Vidas* de Menêdemos (Livro II, capítulo 17), Lícon (V, capítulo 4), Pírron (IX, capítulo 11) e Tímon (IX, capítulo 12) derivam também de Antígonos em grande parte. Antes de Diôgenes Laërtios outros compiladores valeram-se amplamente de Antígonos, cujos fragmentos foram coligidos e comentados por Wilamowitz-Moellendorff (*Antigonos von Karystos*, Berlim, 1881, reimpressão de 1965).

Hêrmipos de Smirne, discípulo de Calímacos em Alexandria, é citado por Diôgenes Laërtios com freqüência ainda maior que Antígonos de Caristos. Suas *Vidas* caracterizavam-se pela abundância de detalhes, e lhe devemos a preservação dos testamentos de Aristóteles e de Teôfrastos, aos quais teve acesso em sua condição de peripatético.

Sotíon de Alexandria escreveu entre 200 e 170 a.C. sua grande obra intitulada *Sucessão dos Filósofos*, baseada numa epítome das *Opiniões Físicas* de Teôfrastos.

Outro biógrafo, que também era crítico, foi Sátiros, cuja credibilidade é posta em dúvida; Diôgenes Laërtios cita-o nove vezes.

Heracleides Lembos, que vivia em Alexandria por volta de 170 a.C., elaborou uma epítome das *Sucessões dos Filosófos* de Sotíon; essa seqüência de epítomes e epítomes de epítomes fez com que o material usado por nosso autor nos tenha chegado a quatro estágios de distância da fonte original. Sosicrates de Rodes, também pertencente ao século II a.C., escreveu igualmente uma obra chamada *Sucessão dos Filósofos*, citada doze vezes por Diôgenes Laërtios. Antistenes de Rodes foi também autor de uma obra com título idêntico, citada dez vezes nas *Vidas*.

Apolôdoros de Atenas publicou, aproximadamente em 140 a.C., uma obra indispensável aos compiladores de biografias, intitulada *Crônica*, um compêndio de cronologia.

Diôgenes Laërtios cita igualmente Lôbon de Argos, cujo descaso pela fidelidade nas informações pode ter chegado até a falsificação deliberada.

No século I a.C., destacam-se Alêxandros Poliístor e Demétrios e Dioclés (ambos de Magnesia), cujas obras foram largamente usadas por nosso autor. Demétrios de Magnesia escreveu uma obra muito útil, *Poetas e Prosadores Homônimos*, citada por Diôgenes Laërtios simplesmente como *Homônimos*. Dioclés foi autor de um *Compêndio de História da Filosofia*, mencionado quinze vezes por nosso autor, e

se interessou principalmente pelos filósofos cínicos. A propósito desse autor Nietzsche, comentando passagens como o § 48 do Livro VII, diz que Diôgenes Laërtios foi um simples copista, reproduzindo tudo de Dioclés; de sua autoria seriam apenas os epigramas e raras anotações. Entre as muitas obras do prolífico Alêxandros Poliístor, todas perdidas, incluía-se uma *História da Filosofia*.

Ao passarmos da época alexandrina para a época imperial romana as fontes citadas por Diôgenes Laërtios tornam-se cada vez mais raras. Panfile, que viveu durante o reinado de Nero, publicou uma obra chamada de *Comentários* por nosso autor, que cita essa escritora oito vezes. O último dos predecessores de Diôgenes Laërtios, mencionado por ele (com muita freqüência, aliás), é o gaulês Favorinos de Arles, o sofista mais famoso de sua época, amigo íntimo de Plútarcos e Herodes Ático, e até certa altura de sua vida protegido pelo imperador Adriano. Diôgenes Laërtios menciona constantemente suas obras *Histórias Variadas* e *Memórias*. Favorinos teria produzido uma epítome dos *Comentários* de Panfile.

De todos esses autores restam-nos apenas fragmentos.

Deixando os detalhes biobibliográficos e entrando nas doutrinas dos filósofos, as principais fontes dos compiladores nesse campo foram as *Opiniões Físicas* de Teôfrastos. Dois séculos mais tarde Poseidônios publicou uma obra de âmbito ainda mais amplo, usada por Cícero e Sêneca.

Na época de Augusto, o eclético Ários Dídimos elaborou uma epítome das doutrinas éticas e físicas de Platão, de Aristóteles e dos estóicos; dessa epítome derivam as *Éclogas* de Stobaios (Eusêbios também utilizou essa obra em sua *Preparação Evangélica*). Chegou até nossos dias entre as obras de Plútarcos um opúsculo intitulado *Das Opiniões Físicas Adotadas pelos Filósofos* cuja autoria Diels, em seus *Doxographi Graeci*, atribui a Aétios, que teria composto o opúsculo aproximadamente em 100 d. C.. Embora não haja certeza nesse sentido, Diôgenes Laërtios deve ter-se valido dessas obras (ou pelo menos de algumas delas) direta ou indiretamente, apesar de não as citar.

A condição de mero compilador atribuída a Diôgenes Laërtios (alguns estudiosos falam até de plágio puro e simples) não diminui de forma alguma o valor inestimável de sua obra para nós, entre outras razões porque quase nada sobreviveu das obras compiladas (ou plagiadas) além dos fragmentos conservados por nosso autor.

Realmente, todo o material doxográfico, biográfico e cronológico conflui para a exposição da filosofia grega escrita por Diôgenes Laërtios, que Nietzsche achava preferível à grande história de Zeller em seis alentados volumes, principalmente por seu conteúdo humano. Um dos méritos da obra ora traduzida é a evocação da atmosfera do mundo em que viveram os filósofos antigos, graças aos numerosos detalhes aparentemente insignificantes e aos elementos míticos e fantásticos em mistura com anedotas de sabor popular, tudo muito significativo e esclarecedor. O fato é que esse compilador, com todas as suas limitações, deixou-nos a obra mais preciosa da Antiguidade sobre a história da filosofia grega.

Outro aspecto a destacar é o caráter às vezes superficial da exposição, que passa abruptamente da constatação cosmológica para a anedota jocosa, revelando uma dimensão nova: a intenção de popularizar a filosofia. Esse caráter da obra pode surpreender e até desconcertar o leitor moderno, habituado a considerar a filosofia e os filósofos de um ponto de vista diferente, mas acentua a intenção a que

já nos referimos, pondo em nossas mãos uma história popular evocativa do lado humano de um mundo perdido, porém sempre fascinante.

3. *A Tradução*

Não fosse o grande interesse intrínseco da obra, a tradução das *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres* seria uma tarefa extremamente ingrata. De fato, o estado do texto ainda é precário em muitas passagens onde o sentido permanece obscuro, apesar das numerosas conjecturas de filólogos de várias gerações; para enfrentar esses desafios freqüentes o tradutor se transforma repetidamente em intérprete e é tentado quase que irresistivelmente a parafrasear. Essa circunstância talvez explique o pequeno número de traduções da obra mesmo em países onde a filologia clássica é cultivada intensamente, como a Alemanha, a França, a Inglaterra e a Itália. De qualquer modo, nossa intenção foi respeitar ao máximo o texto, mesmo em suas obscuridades, em vez de contorná-lo ou violentá-lo.

Como em nossas traduções anteriores, e mais ainda que nelas, os nomes próprios gregos são simplesmente transliterados em caracteres latinos, com pouquíssimas exceções – p. ex. Homero e Platão. Para facilitar a composição tipográfica transliteramos as palavras gregas em caracteres latinos (o "c" e o "g" têm sempre o som duro, como em português antes de "a").

As repetições do original, extremamente freqüentes, são geralmente reproduzidas na tradução, respeitando o estilo descuidado do autor ou de suas fontes. Procuramos ser coerentes no uso da linguagem filosófica, e pedimos desculpas antecipadas aos filósofos profissionais por discrepâncias quase inevitáveis numa obra desta natureza.

Seguindo também o critério adotado em nossas traduções da *Política* e da *Ética a Nicômacos* de Aristóteles para esta mesma editora, traduzimos *aretê* por "excelência", *aretai* por "formas de excelência" e *kakia* por "deficiência", e não pelas formas tradicionais e enganosas de "virtude", "virtudes" e "vício" respectivamente, que por seu sentido muito estrito podem levar a interpretações insatisfatórias.

Os algarismos arábicos entre parênteses indicam os parágrafos constantes das principais edições do texto, que facilitam as remissões e o uso dos índices.

As notas marginais (escólios) dos manuscritos mais antigos, incorporadas ao texto do Livro X nos manuscritos posteriores conservados, aparecem na tradução entre parênteses duplos ((...)).

Servimo-nos de um modo geral do texto preparado por Cobet para a edição na coleção Didot, útil ainda hoje apesar da edição recente de H. S. Long na coleção "*Scriptorum Classicorum Biblioteca Oxoniensis*", 1964 (sobre as deficiências e qualidades desta última edição, veja-se a recensão no nº 2 do volume XV da Nova Série, de junho de 1965, da "*Classical Review*"). Consultamos também o texto eclético de Hicks para a "*Loeb Classical Library*" (1931-1942), bem como sua tradução na mesma coleção. A ótima tradução de Marcello Gigante para a Editora Laterza (Bari, 1962), seguida de extensas notas complementares, é a mais recente que conhecemos.

Há edições separadas do texto das Vidas de Platão por Breitenbach e outros (1907), de Aristóteles por Düring (1957), dos estóicos por von Arnim nos *Stoicorum Veterum Fragmenta* (1905-1924), de Pitágoras por Delatte (1922) e de Epicuros por Usener (1881), por Cyril Bailey (1926) e por von der Mühl (1922). Graças ao trabalho crítico desses editores as condições do texto nessas *Vidas* são mais satisfatórias.

Rio de Janeiro, março de 1987
Mário da Gama Kury

LIVRO I

Proêmio

(1) Segundo alguns autores o estudo da filosofia começou entre os bárbaros[1]. Esses autores sustentam que os persas tiveram seus Magos, os babilônios ou assírios seus Caldeus, e os indianos seus Ginosofistas[2]; além disso entre os celtas e gálatas encontram-se os chamados Druidas ou Veneráveis, de acordo com o testemunho de Aristóteles em sua obra *O Mágico* e de Sotíon no Livro XXIII de sua obra *Sucessões dos Filósofos*. As mesmas autoridades dizem que Mocos era fenício, Zâmolxis era trácio e Atlas era líbio.

Para os egípcios Héfaistos era filho do Nilo, e com ele começou a filosofia, sendo os sacerdotes e profetas seus principais expoentes, Héfaistos teria vivido 48.863 anos antes de Alexandre, o Macedônio[3]; (2) nesse intervalo ocorreram 373 eclipses do sol e 832 eclipses da lua.

Quanto aos Magos, sua atividade teve início com Zoroastros, o Persa, 5.000 anos antes da queda de Tróia, de conformidade com o platônico Hermôdoros em sua obra *Da Matemática*; entretanto o lídio Xantos calcula o decurso de 6.000 anos entre a época de Zoroastros e a expedição de Xerxes, e após Zoroastros ele enumera uma longa sucessão de Magos, cujos nomes seriam Óstanas, Astrâmpsicos, Gobrias e Pasatas, até a conquista da Pérsia por Alexandre, o Grande.

(3) Esses autores ignoram que os feitos por eles atribuídos aos bárbaros pertencem aos helenos, com os quais não somente a filosofia mas a própria raça humana começou – por exemplo, os atenienses reivindicam para a sua cidade a condição de pátria de Musaios, e os tebanos fazem o mesmo em relação a Linos. Dizia-se que Musaios, filho de Êumolpos, foi o primeiro a compor uma *Teogonia* e uma *Esfera*, e sustentou que todas as coisas procediam da unidade e revertiam a ela. Musaios teria morrido em Fáleron[4], e seu epitáfio era o seguinte[5]:

> "Aqui no chão de Fáleron jaz o cadáver de Musaios, filho querido de Êumolpos."

Os Eumôlpidas de Atenas tiraram o seu nome do pai de Musaios.

(4) Dizia-se que Linos era filho de Hermes e da Musa Urania, e que teria composto um poema sobre a cosmogonia, o curso do sol e da lua e a gênese dos animais e das plantas; o início desse poema é o seguinte:

> "Houve um tempo em que todas as coisas cresciam juntas."

---

1. "Bárbaros", para os gregos antigos, eram os povos que não falavam a língua grega, e a expressão não era necessariamente pejorativa.
2. Ginosofistas, literalmente os "sábios nus".
3. Ou seja, Alexandre, o Grande.
4. Fáleron, um dos portos de Atenas.
5. *Antologia Palatina*, VII, 615.

Anaxagoras aproveitou essa idéia quando disse que todas as coisas eram originariamente indistintas, até que veio o Espírito e as organizou. Linos morreu em Êuboia, atingido por uma flecha de Apolo, e seu epitáfio é o seguinte[6]:

> "Este chão recebeu o tebano Lino morto, filho da Musa Urania belamente coroada."

Assim começou a filosofia com os helenos, e seu próprio nome nada tem a ver com a maneira bárbara de expressar-se.

(5) Os defensores de sua invenção pelos bárbaros apresentam o trácio Orfeus, introduzindo-o como um filósofo antiqüíssimo. Mas, considerando os conceitos por ele usados a propósito dos deuses, não nos é possível chamá-lo de filósofo; de fato, essas pessoas concedem tal qualificação a alguém que não hesita em atribuir aos deuses todas as paixões humanas e até as ignomínias que apenas raramente certos homens cometem, e ainda assim somente por meio de palavras. Segundo a lenda ele morreu nas mãos de mulheres, porém de conformidade com o epitáfio existente em Díon, na Macedônia, Orfeus foi atingido por um raio; o epitáfio é o seguinte[7]:

> "Aqui as Musas sepultaram o trácio Orfeus, da lira áurea, morto pelo raio de Zeus."

Entretanto, os propagadores da idéia de que a filosofia apareceu entre os bárbaros prosseguem explicando as diferentes formas que os diversos filósofos lhe deram. (6) Os Ginosofistas e Druidas teriam exposto suas doutrinas por meio de enigmas, exortando os homens a reverenciar os deuses, a abster-se totalmente de más ações e a ser corajosos. Com efeito, Clêitarcos afirma no décimo-segundo livro que os Ginosofistas desdenham a própria morte: que os caldeus dedicam-se à astronomia e à previsão do futuro; e que os Magos consomem o seu tempo no culto dos deuses, em sacrifícios e em preces, como se fossem os únicos a ser ouvidos pelas divindades. Eles expõem suas idéias a respeito do ser e da origem dos deuses, compostos de fogo, terra e água em sua opinião; condenam o uso de imagens, principalmente o erro de atribuir diferenças de sexo às divindades. (7) Os Ginosofistas pregam a justiça e consideram ímpia a prática da cremação, porém acham lícito o casamento com mãe ou filha, como Sotíon diz no vigésimo-terceiro livro de sua obra; além disso, praticam a adivinhação e prognosticam o futuro, alegando que os próprios deuses lhes aparecem. Eles dizem ainda que o ar está repleto de formas que se propagam como o vapor e penetram nos olhos dos adivinhos de visão aguçada; esses Ginosofistas também proíbem adornos pessoais e o uso de ouro. Suas roupas são brancas, eles dormem no chão e se alimentam de vegetais e pão rústico; seus bastões são de junco, e esses homens, segundo consta, costumam usá-los para apanhar com sua ponta o pedaço de queijo que comem.

(8) Eles desconhecem totalmente a arte da magia, de acordo com Aristóteles em sua obra *O Mágico*[8] e com Dêinon no quinto livro de sua *História*. Este último autor informa que a tradução literal de Zoroastros é "adorador dos astros"

---

6. *Antologia Palatina*, VII, 616.
7. *Antologia Planúdea*, II, 99.
8. Essa obra, perdida e considerada espúria na Antiguidade, já foi mencionada por Diôgenes Laêrtios no § 1 deste livro.

(Hermôdoros diz o mesmo). No primeiro livro de seu diálogo *Da Filosofia* Aristóteles afirma que os Magos são mais antigos que os egípcios, acrescentando que acreditam em dois princípios, o espírito bom e o espírito mau, um chamado Zeus ou Oromasdes e o outro Hades ou Arimânios. O mesmo dizem Hêrmipos em seu primeiro livro *Dos Magos*, Êudoxos em sua obra *Viagem em Volta ao Mundo*, e Teôfrastos no oitavo livro de sua *Filípica*. (9) O último desses autores acrescenta que, de acordo com os Magos, os homens viverão uma existência futura e serão imortais, e que o mundo continua a existir graças às suas preces. Êudemos de Rodes confirma essas informações. Mas, Hecataios declara que, de conformidade com eles, os deuses haviam sido gerados. Clêarcos de Sôloi, em seu tratado *Da Educação*, faz ainda os Ginossofistas descenderem dos Magos, e algumas autoridades atribuem a mesma origem aos judeus. Acrescente-se que os autores de obras sobre os Magos criticam Herôdotos[9], dizendo que Xerxes jamais teria arremessado dardos contra o sol nem teria lançado grilhões ao mar, porquanto na crença dos Magos o sol e o mar seriam deuses; a destruição de estátuas dos deuses por Xerxes, todavia, seria obviamente natural.

(10) A filosofia dos egípcios no tocante aos deuses e à justiça é descrita da maneira seguinte. Dizem eles que o primeiro princípio seria a matéria, da qual se derivaram então os quatro elementos e surgiram finalmente todos os seres vivos. O sol e a lua são deuses portadores dos nomes de Ôsiris e Ísis respectivamente. Os egípcios usam o escaravelho, o dragão, o falcão e outras criaturas como símbolos da divindade, de acordo com Maneto em sua *Epítome de Doutrinas Físicas* e com Hecataios no primeiro livro de sua obra *Da Filosogia Egípcia*. Eles também erigem estátuas e templos aos animais sagrados porque não conhecem a forma verdadeira da divindade. (11) Para eles o universo foi criado, é perecível e esférico, as estrelas compõem-se de fogo e os eventos na terra ocorrem de conformidade com a mistura de fogo nelas; os egípcios dizem ainda que a lua entra em eclipse quando fica na sombra da terra, que a alma sobrevive à morte e transmigra para outros corpos, e que a chuva decorre de alterações na atmosfera; segundo Hecataios e Aristagoras os egípcios dão explicações naturais para todos os outros fenômenos. Eles também instituíram leis tendo em vista a justiça, atribuindo-as a Hermes, e divinizaram os animais úteis aos homens, além de pretenderem ser os criadores da geometria, da astronomia e da aritmética. São esses os dados referentes à invenção da filosofia.

(12) Entretanto, Pitágoras foi o primeiro a usar o termo e a chamar-se de filósofo[10]; com efeito, Heracleides do Pontos em sua obra *A Mulher Exânime* atribui-lhe em conversa com Lêon, tirano da cidade de Fliús, a frase segundo a qual homem algum é sábio, mas somente Deus. Imediatamente esse estudo passou a chamar-se sabedoria, e seu professor recebeu o nome de sábio, para significar que atingira a perfeição no tocante à alma, enquanto o estudioso dessa matéria recebia o nome de filósofo. Outro nome para os sábios era "sofista", e não somente para os filósofos mas também para os poetas – Cratinos[11], ao elogiar Homero e Hesíodos em sua peça *Arquílocos*, dá-lhes esse nome.

---

9. Em sua *História*, Herôdotos alude a ações nada edificantes dos Magos e dos reis dos persas.
10. Literalmente "amigo da sabedoria".
11. Poeta da Comédia Antiga; este fragmento é o de nº 2 nas coletâneas de Meineke e de Edmonds.

(13) Os homens geralmente considerados sábios eram os seguintes: Tales, Sôlon, Periandros, Cleôbulos, Quílon, Bias e Pítacos. Acrescentavam-se a estes Anácarsis, o Cita, Míson de Quen, Ferecides de Siros e Epimenides de Creta; algumas fontes incluem ainda o tirano Peisístratos[12]. São estes os sábios.

Na realidade a filosofia teve uma origem dupla, começando com Anaxímandros e com Pitágoras. O primeiro foi discípulo de Tales, enquanto Pitágoras recebeu lições de Ferecides. Uma das escolas filosóficas chamou-se iônica porque Tales, um milésio e portanto um iônio, instruiu Anaxímandros; a outra chamou-se italiota por causa de Pitágoras, que filosofou a maior parte de sua vida na Itália. (14) Uma delas (a iônica) termina com Cleitômacos, Crísipos e Teôfrastos, e a outra (a italiota) com Epícuros. De um lado a sucessão passa de Tales a Anaxímandros, Anaximenes, Anaxagoras e Arquêlaos até Sócrates, introdutor da ética na filosofia; de Sócrates ela passa a seus discípulos – os socráticos –, especialmente a Platão, o fundador da Academia Antiga; de Platão, por meio de Spêusipos e Xenocrates, a sucessão passa a Polêmon, Crántor e Crates, Arcesílaos (fundador da Academia Média), Lacides[13], (fundador da Academia Nova), Carneades e Cleitômacos.

(15) Há outra escola que termina com Crísipos, ou seja, passando de Sócrates a Antistenes, Diôgenes, o Cínico, Crates de Tebas, Zênon de Cítion, Cleantes e Crísipos. Existe ainda outra que termina com Teôfrastos, passando de Platão a Aristóteles e deste a Teôfrastos. Finda então dessa maneira a escola iônica.

A escola italiota apresenta a seguinte sucessão: Ferecides a Pitágoras, a Telauges (filho deste último), a Xenofanes, Parmenides, Zênon de Elea, Lêucipos, Demôcritos, que teve numerosos seguidores, principalmente Nausífanes[14], e finalmente Epícuros.

(16) Dos filósofos, uns recebem a designação de dogmáticos e outros de céticos; todos aqueles que fazem asserções acerca de coisas no pressuposto de que elas podem ser conhecidas são dogmáticos, enquanto os que suspendem seu juízo, alegando que não podemos conhecer as coisas, são céticos. Além disso, alguns deles deixaram escritos, enquanto outros nada escreveram (como aconteceu segundo algumas autoridades com Sócrates, Stílpon, Fílipos, Menêdemos, Pírron, Teôdoros, Carneades e Brison – alguns acrescentam Pitágoras e Aríston de Quios, com a exceção de que estes teriam escrito umas poucas cartas). Outros escreveram apenas uma obra cada um, como Melissos, Parmenides e Anaxagoras. Zênon escreveu muitas obras, Xenofanes ainda mais, Demôcritos ainda mais, Aristóteles ainda mais.

(17) Alguns filósofos foram qualificados segundo suas cidades natais, como os elíacos e os megáricos, os eretrianos e os cirenaicos; outros segundo os locais onde funcionavam suas escolas, como os acadêmicos e os estóicos; outros em função de circunstâncias acidentais, como os peripatéticos; outros ainda por causa de apelidos pejorativos, como os cínicos; outros por suas inclinações particulares, como os eudemonistas[15]; outros por uma presunção que alimentavam, como os amantes

12. Outras fontes – por exemplo Clemente de Alexandria, *Stromateis*, I, 59 – excluem Peisístratos e incluem Acusílaos de Argos.
13. Veja-se o Livro IV, §§ 59-61.
14. Os manuscritos acrescentam Naucides, que os editores suprimem do texto.
15. Eudemonistas, literalmente "os que buscam a felicidade".

da verdade, os refutacionistas, os analogéticos[16]; outros ainda por causa de seus mestres, como os socráticos, epicuristas e semelhantes; alguns adotaram o nome de físicos em decorrência de suas investigações a respeito da natureza; outros o de éticos por suas discussões sobre tópicos de ordem moral, enquanto os que se dedicavam a malabarismos verbais chamavam-se dialéticos.

(18) As partes da filosofia são três: física, ética, e dialética ou lógica. A física é a parte dedicada ao universo e ao seu conteúdo; a ética é a parte dedicada à vida e ao que se relaciona conosco; dialética é o processo de raciocínio usado em ambas as partes anteriores. A física esteve em evidência até a época de Arquêlaos; a ética, como já dissemos, começou com Sócrates; a dialética data do tempo de Zênon de Elea. Em ética houve dez escolas: a acadêmica, a cirenaica, a elíaca, a megárica, a cínica, a eretriana, a dialética, a peripatética, a estóica e a epicurista.

(19) Os fundadores dessas escolas foram: da Academia Antiga, Platão; da Academia Média, Arcesílaos; da Academia Nova, Lacides; da escola cirenaica, Arístipos; da elíaca, Fáidon de Élis; da megárica, Eucleides de Mêgara; da cínica, Antistenes de Atenas; da eretriana, Menêdemos de Eretria; da escola dialética, Cleitômacos de Cartago; da peripatética, Aristóteles de Stágeira; da estóica, Zênon de Cítion; a escola epicurista tirou seu nome do próprio Epícuros.

Em sua obra *Das Seitas Filosóficas* Hipôbotos declara que há nove seitas ou escolas, e as enumera na seguinte ordem: a primeira é a megárica, a segunda a eretriana, a terceira a cirenaica, a quarta a epicurista, a quinta a aniceriana[17], a sexta a teodórea, a sétima a zenônia ou estóica, a oitava a acadêmica antiga, a nona a peripatética. (20) Ele não se refere às escolas cínica, elíaca e dialética. Quanto aos pirrônios, suas conclusões são de tal modo indefinidas que praticamente nenhuma autoridade lhes atribui a condição de seita; algumas autoridades acolhem suas pretensões sob certos aspectos, mas não sob outros; parece, porém, que eles constituem uma seita, pois usamos o termo em relação àqueles que em sua atitude a propósito das aparências seguem ou dão a impressão de seguir algum princípio, e sob esse aspecto teríamos justificativa para chamar os céticos de seita. Entretanto, se tivermos de entender por " seita" uma tendência a favor de doutrinas positivas coerentes, já não poderemos qualificá-los de seita, pois eles não têm quaisquer doutrinas positivas.

Eis aí os primórdios da filosofia, seu desenvolvimento subseqüente, suas várias partes e o número de seitas ou escolas filosóficas.

(21) Mas, ainda há pouco tempo, foi fundada uma certa escola eclética por Potâmon de Alexandria[17a], que elaborou uma seleção de doutrinas de todas as seitas existentes. Como o próprio autor declara em seus *Elementos de Filosofia*, Potâmon adota como critério da verdade aquilo que forma o juízo, ou seja, o princípio dominante da alma, e o instrumento usado – por exemplo, a percepção mais acurada. Seus princípios universais são a matéria e a causa eficiente, a qualidade e o lugar, pois aquilo de que e por que uma coisa é feita, bem como a qualidade com que e o lugar em que algo é feito, são princípios. O fim a que ele

16. Respectivamente *Philalethеis*, *Elegktikoi* e *Analogetikoi*.
17. Os seguidores de Aniceris separaram-se da escola cirenaica. Veja-se Strábom, *Geografia*, X, 837.
17a. Esse "há pouco tempo" foi copiado por Diôgenes Laêrtios de sua fonte, pois, segundo parece, Potâmon teria sido contemporâneo de Augusto e portanto teria vivido muito antes de nosso autor. Veja-se o verbete *Potâmon* na "Suda" (Suídas).

subordina todas as ações é a vida levada à perfeição em todas as formas de excelência[18], sendo as vantagens naturais corpóreas e ambientais indispensáveis à consecução desse objetivo.

Resta-nos falar dos próprios filósofos individualmente, e em primeiro lugar de Tales.

Capítulo 1. TALES[19]

(22) Tanto Heródotos como Dúris e Demócritos dizem que Tales era filho de Examias e Cleobuline, e pertencia à família dos Telidas[20], que eram de origem fenícia e estavam entre os descendentes mais nobres de Cadmos e de Agênor. De acordo com o testemunho de Platão[21] ele era um dos Sete Sábios; foi o primeiro a receber o nome de sábio, no arcontado de Damasias[22] em Atenas, quando a expressão se aplicava a todos os Sete Sábios, de acordo com a menção de Demétrios de Fáleron em sua *Lista de Arcontes*. Tales obteve a cidadania em Míletos quando chegou àquela cidade em companhia de Neileus, que fora banido da Fenícia. A maioria dos autores, todavia, apresenta-o como milésio de nascimento, e de família ilustre.

(23) Após dedicar-se à política durante algum tempo Tales passou a observar a natureza. De acordo com algumas fontes esse filósofo nada deixou escrito (a *Astronomia Náutica*, atribuída a ele, segundo constava era de autoria de Focos de Samos). Calímacos o conhece como descobridor da Ursa Menor, pois declara em seus *Iambos:*

> "Dizem que ele observou pela primeira vez as estrelas diminutas do carro que guiava os nautas da Fenícia."

Entretanto, de conformidade com outros autores, ele escreveu somente duas obras, uma *Do Solstício* e outra *Do Equinócio*, considerando todos os demais assuntos acima da capacidade de conhecimento dos homens. Certos relatos o apresentam como o primeiro a estudar astronomia e predizer eclipses do sol e a determinar os solstícios, como afirma Êudemos em suas *Investigações Astronômicas*, merecendo por isso a admiração de Xenofanes e de Heródotos (Heráclitos e Demócritos testemunham esses feitos).

(24) Alguns autores, inclusive o poeta Côirilos, dizem que Tales sustentou pela primeira vez a imortalidade da alma. Foi ainda o primeiro a determinar o curso do sol de solstício a solstício, e de conformidade com algumas fontes declarou pela primeira vez que o tamanho do sol correspondia à 720ª parte do círculo solar, e que o tamanho da luz obedecia à mesma fração do círculo lunar. Tales foi também o primeiro a dar ao último dia do mês o nome de trigésimo, e o primeiro – dizem alguns autores – a discutir problemas físicos.

18. A tradução de *aretê* por "excelência" parece-nos menos ambígua que a tradicional "virtude". Veja-se o item 3 da introdução.
19. Tales estava no apogeu aproximadamente em 585 a.C., data do eclipse por ele previsto.
20. Ou Nelidas, correção ao texto proposta por Bywater.
21. Platão, *Protagoras*, 343 A.
22. 582-581 a.C.

Aristóteles[23] e Hípias afirmam que, raciocinando a partir da pedra-ímã e do âmbar, Tales atribuiu uma alma até a objetos inanimados. Panfile assevera que, tendo aprendido geometria com os egípcios, Tales foi o primeiro a inscrever um triângulo equilátero num círculo, e por essa descoberta sacrificou um boi. (25) Outros autores, entre os quais o aritmético Apolôdoros, contam a mesma história a respeito de Pitágoras (foi Pitágoras quem desenvolveu em toda a sua plenitude as descobertas atribuídas por Calímacos em seus *Iambos* ao frígio Êufor-bos, ou seja, os triângulos escalenos e tudo mais que se relaciona com a geometria teórica[24]).

Atribuíam-se também a Tales conselhos excelentes a propósito de assuntos políticos. Por exemplo, quando Croisos mandou emissários a Míletos propondo condições para uma aliança ele frustrou o plano; essa atitude veio a ser a salvação da cidade por ocasião da vitória de Ciros. O próprio Tales teria dito, de acordo com o relato de Heracleides, que sempre viveu solitário e como um cidadão comum, mantendo-se afastado da vida política. (26) Algumas autoridades dizem que ele se casou e teve um filho chamado Cíbistos; outras declaram que Tales permaneceu solteiro e adotou o filho de sua irmã, e quando alguém lhe perguntou por que não tivera seus próprios filhos ele respondeu: "por amor aos filhos". Conta-se também a história segundo a qual quando sua mãe tentou induzi-lo a casar-se ele respondeu que era muito cedo, e quando ela voltou a pressioná-lo posteriormente o filósofo ponderou que já era tarde demais. No segundo livro de sua obra *Notas Esparsas* Hierônimos de Rodes relata que, a fim de mostrar que era fácil enriquecer, Tales, prevendo uma boa safra de azeitonas, arrendou todos os moinhos destinados à produção de azeite, e assim ganhou muito dinheiro[25].

(27) Tales disse que o princípio do universo é a água, e que o mundo é dotado de alma e repleto de divindades. Segundo constava ele teria identificado as estações do ano e o teria dividido em 365 dias.

Ninguém lhe deu lições, com a única exceção de sua viagem ao Egito onde passou algum tempo com os sacerdotes. Hierônimos conta-nos que Tales mediu a altura das pirâmides pela sombra das mesmas, fazendo a medição na hora em que nossa própria sombra corresponde ao nosso tamanho. Segundo o relato de Minias ele conviveu com Trasíbulos, o tirano de Míletos.

A história muito divulgada da trípode encontrada por um pescador e mandada pelo povo de Míletos sucessivamente a todos os Sete Sábios é a seguinte. (28) Quando alguns rapazes iônios compraram de um pescador milésio o produto de seu trabalho, eclodiu uma disputa a propósito de uma trípode recuperada durante a pescaria. Afinal os milésios submeteram a questão ao oráculo de Delfos, e o deus proferiu a seguinte resposta[26]:

> "Interrogais Apolo, prole de Míletos, sobre a trípode? Respondo: a trípode será do homem mais sábio."

Diante desse pronunciamento os milésios a deram a Tales; este, entretanto, mandou-a a outro dos Sábios, e assim por diante até chegar a Sólon que, atribuindo ao deus a primazia em sapiência, mandou devolvê-la a Delfos. Em seus

23. *Da Alma*, 405 a 19.
24. Uma teoria pertinente às linhas, incluindo certamente as linhas curvas além das retas.
25. Veja-se a versão dessa história em Aristóteles, *Política*, 1259 a 6-18.
26. *Antologia Palatina*, VI, 51.

Iambos Calímacos apresenta uma versão diferente da história, tirada por ele de Maiândrios de Míletos. Segundo essa versão Baticlés da Arcádia deixou ao morrer uma taça, com instruções expressas para que fosse entregue ao homem mais útil por sua sapiência. Ela foi então enviada a Tales, passou sucessivamente pelos demais Sábios e voltou afinal a Tales; (29) este mandou-a a Apolo Didimeus com a seguinte dedicatória, reproduzida por Calímacos:

> "Consagra-me Tales ao povo de Neileus, duas vezes oferecida, prêmio ótimo."

A inscrição em prosa, todavia, é: "Oferta de Tales, filho de Examias, milésio, a Apolo Delfino, após obter duas vezes o prêmio supremo dos helenos." O filho de Baticlés, cujo nome era Tírion, levou a taça de local em local, a crer nas informações de Êleusis em sua obra *Sobre Aquileus*, e de Alêxon de Mindos no nono livro de suas *Lendas*.

Mas, Êudoxos de Cinidos e Euantes de Míletos afirmam que um certo homem, amigo de Croisos, recebeu do rei uma taça de ouro a fim de entregá-la ao mais sábio dos helenos. Esse homem deu-a a Tales, que passou aos outros sábios sucessivamente até chegar a Quílon. (30) Este perguntou diante de Apolo Pítio quem era mais sábio que ele. O deus respondeu que era Míson, de quem voltaremos a falar (ele aparece na lista[27] elaborada por Êudoxos, no lugar de Cleôbulos; Platão também o inclui entre os Sábios, em substituição a Períandros). A resposta do oráculo a seu respeito foi a seguinte[28]:

> "Digo que é Míson de Oita, nascido em Quen, muito mais capaz que tu em sapiência."

Essa resposta teria sido dada a Anácarsis. O platônico Daímacos e Clêarcos relatam que Croisos enviou uma taça a Pítacos, começando assim a ronda pelos Sábios.

A história contada por Ândron em sua obra *A Trípode*[29] é no sentido de que os argivos teriam oferecido uma trípode como prêmio pela excelência ao mais sábio dos helenos; o prêmio coube a Aristôdemos de Esparta, mas reverteu afinal em favor de Quílon. (31) Alcaios menciona Aristôdemos nos seguintes termos[30]:

> "Conta-se que Aristôdemos disse em Esparta palavras de forma alguma insensatas: o homem é sua riqueza, e nenhum pobre é famoso."

Alguns autores registram que Períandros despachou uma nau com sua carga para Trasíbulos, tirano de Míletos, e quando ela afundou nas águas da ilha de Cós alguns pescadores recuperaram uma trípode. Fanôdicos, entretanto, afirma que ela foi encontrada em águas atenienses e trazida para Atenas. Realizou-se uma assembléia e a trípode foi mandada a Bias, por razões que exporemos na vida deste último sábio.

(32) Há outra versão, segundo a qual a trípode teria sido feita por Héfaistos e dada por este deus a Pélops como presente de casamento. De Pélops ela passou para Menêlaos e foi levada por Páris juntamente com Helena, sendo lançada por

27. Subentenda-se "na lista dos Sete Sábios".
28. *Antologia Planúdea*, VI, 40.
29. Sabe-se que Ândron de Éfesos (veja-se o § 119 deste livro) escreveu sua obra antes da morte do historiador Teôpompos (nascido aproximadamente em 378 a.C.), acusado de haver plagiado a *Trípode* (Eusêbios, *Preparação Evangélica*, X, 3, 7).
30. Fragmento 49, Bergk, *Poetae Lyrici Graeci*, 4a. edição.

ela em águas próximas a Cós, pois a lacônia[31] disse que a mesma seria a causa de conflitos. Posteriormente, certas pessoas de Lêbedos, tendo comprado o produto de uma pescaria nos arredores, apossaram-se da trípode e, como houve divergência com os pescadores a propósito da mesma, dirigiram-se a Cós; lá, não podendo resolver a questão, submeteram-na aos habitantes de Míletos, sua metrópole. Os milésios enviaram uma delegação para tratar do assunto, mas tendo seus homens sido desacatados, entraram em guerra contra Cós; muitos combatentes tombaram em ambos os lados, e um oráculo declarou que a trípode teria de ser dada ao homem mais sábio; as partes litigantes concordaram em entregá-la a Tales, por quem começou a ronda pelos Sábios; ele afinal dedicou-a a Apolo de Didime. (33) O oráculo dirigido aos coanos tinha o seguinte teor:

> "A disputa entre os mêropes e os iônios pela trípode que Héfaistos lançou ao mar não cessará antes que ela deixe a cidade e chegue à casa do homem cuja sabedoria conhece e revela o passado, o presente e o futuro."

O oráculo dos milésios, começando com as palavras "Interrogais Apolo, prole de Míletos, sobre a trípode?", já foi citado acima. E isso é bastante a esse respeito.

Em suas *Vidas* Hérmipos atribui a Tales a história contada por outros autores como se fosse sobre Sócrates, segundo a qual ele costumava manifestar seu reconhecimento por três vantagens que o levavam a ser grato à Sorte: primeiro por ter nascido um ser humano, e não um animal irracional; depois, por ter nascido um homem, e não uma mulher; e terceiro por ser heleno e não bárbaro. (34) Contava-se que certa vez, quando era levado para fora de casa por uma velha serviçal para observar as estrelas, Tales caiu numa vala, e seu grito de socorro levou a velha a dizer: "Como pretendes, Tales, tu, que não podes sequer ver o que está à tua frente, conhecer tudo acerca do céu?" Tímon também o considera um astrônomo, e o elogia nas *Sátiras*[32]:

> "Assim foi Tales, o sábio astrônomo entre os sábios."

Segundo a informação de Lôbon de Argos, seus escritos totalizavam cerca de duzentas linhas. Havia em sua estátua a seguinte inscrição[33]:

> "A iônica Míletos nutriu e revelou este Tales, astrônomo entre todos o mais antigo pela sapiência."

(35) Dos poemas convivais ainda cantados, os versos seguintes são de Tales:

> "Muitas palavras não revelam opinião sábia. Procura uma única sabedoria, escolhe um único bem, pois assim calarás as línguas inquietas dos homens loquazes."

Conservaram-se também as seguintes máximas de Teles:

> "Deus é o mais antigo dos seres, pois é incriado.
> Mais belo é o universo, pois é obra de Deus.
> Maior é o espaço, pois contém todas as coisas.
> Mais veloz é o espírito, pois corre para tudo.

31. Isto é, Helena.
32. Os *Sílloi*; o fragmento é o nº 23 da coletânea *Poetarum Philosophorum Fragmenta* de Diels.
33. *Antologia Palatina*, VII, 83.

Mais forte é a necessidade, pois domina tudo.
Mais sábio é o tempo, que revela tudo."

Tales dizia que a morte não difere da vida. "Por que, então", disse alguém, "não morres?" "Porque", disse ele, "não faz diferença". (36) Quando lhe perguntaram quem era mais velho, o dia ou a noite, ele respondeu: "A noite é mais velha por um dia." Alguém lhe perguntou se um homem pode ocultar aos deuses uma ação má: "Não", respondeu Tales, "nem sequer um mau pensamento". A um adúltero que lhe perguntou se poderia negar a acusação mediante juramento ele respondeu que o perjúrio não era pior que o adultério. A alguém que lhe perguntou qual era a coisa mais difícil ele respondeu: "Conhecer-se a si mesmo." "E qual a mais fácil?" "Dar conselhos aos outros." "Qual é a coisa mais agradável?" "O sucesso." "Que é o divino?" "O que não tem princípio nem fim." Quando lhe perguntaram qual era a coisa mais rara que ele já vira, sua resposta foi: "Um tirano idoso." "Como poderá uma pessoa suportar melhor a adversidade?" "Se lhe for possível, ver seus inimigos em situação pior." "Como poderemos viver a vida da maneira melhor e mais justa?" "Abstendo-nos de fazer o que censuramos nos outros." (37) "Quem é feliz?" "Quem tem o corpo saudável, o espírito atilado e a natureza dócil." Tales nos diz que devemos lembrar-nos dos amigos, quer estejam presentes, quer ausentes; que não devemos orgulhar-nos de nossa aparência, e sim esforçar-nos por ser belos no caráter. "Não devemos enriquecer de maneira condenável" – diz Tales – "e nem mesmo uma palavra deve tornar-nos odiosos a quem confiou em nós". "Deves esperar de teus filhos tudo que fizeste por teus pais." Ele explicava a cheia do Nilo como sendo devida aos ventos etésios que, soprando na direção contrária, forçam as águas a refluírem.

Em sua *Crônica* Apolôdoros fixa o nascimento de Tales na 35ª Olimpíada[34]. (38) Sua morte ocorreu aos 78 anos de idade (ou, de acordo com Sosícrates, aos 90 anos); de fato, ele morreu na 58ª Olimpíada, tendo sido contemporâneo de Croisos, a quem prometeu assegurar a travessia do rio Hális sem ter de construir uma ponte, mediante o desvio do curso natural do rio.

Existiram outras cinco personagens com o nome de Tales, de acordo com a enumeração de Demétrios de Magnesia em sua obra *Homônimos*: um retórico de Calatia, cujo estilo era afetado; um pintor de Sícion, muito talentoso; um contemporâneo de Hesíodos, de Homero e de Lícurgos, em época muito remota; uma pessoa mencionada por Dúris em sua obra *Da Pintura*; e uma pessoa obscura que viveu em época mais recente, mencionada por Dionísios em suas *Obras Críticas*. (39) O sábio Tales morreu quando presenciava uma competição atlética, vítima do calor, da sede e da fraqueza, já muito idoso. Há em seu túmulo a seguinte inscrição:

"Neste pequeno túmulo jaz o sapientíssimo Tales, cuja glória se eleva aos céus."

Há também um poema de nossa autoria, do primeiro livro de nossos *Epigramas em todos os Metros*[34a]:

34. Em 640 a.C.. Cada Olimpíada equivale a quatro anos.
34a. *Antologia Palatina*, VII, 34.

"Levaste Tales do estádio, Zeus Solar, enquanto ele assistia a uma competição atlética. Louvo-te por havê-lo conduzido para perto de ti, pois o ancião já não podia enxergar os astros daqui da terra."

(40) É dele o provérbio "Conhece-te a ti mesmo", que Antistenes, em sua obra *Sucessões dos Filósofos*, atribui a Femonoe, embora admitindo que o mesmo fora plagiado por Quílon.

Com vistas aos Sete Sábios – vale a pena dar aqui uma notícia em linhas gerais a respeito dos mesmos –, seguem-se algumas referências a eles. Em sua *História dos Filósofos* Dâmon de Cirene critica todos os sábios, especialmente os Sete. Anaxímenes assinala que todos se dedicaram à poesia; Dicáiarcos diz que eles não eram sábios nem filósofos, mas simplesmente homens judiciosos com vocação para legislar. Arquêtimos de Siracusa descreve uma reunião deles na corte de Cípselos, da qual o próprio autor diz haver participado; Éforos, por seu turno, menciona em vez desse um encontro dos Sábios na corte de Croisos sem a presença de Tales. Outros falam de encontros no festival Pan-Iônico, em Corinto e em Delfos. (41) As palavras dos Sábios são registradas de maneiras diferentes, e atribuídas ora a um, ora a outro – por exemplo, as seguintes[35]:

"Foi o sábio lacedemônio Quílon quem disse: "Nada em excesso", e "No momento oportuno é belo."

Há divergências até quanto ao seu número; com efeito, em lugar de Cleôbulos e Míson, Maiândrios inclui na lista Leôfantos, filho de Gorgíadas, nascido em Lêbedos ou Éfesos, e Epimenides de Creta; em seu diálogo *Protagoras* Platão menciona Míson e exclui Períandros; Éforos substitui Míson por Anácarsis; outros acrescentam Pitágoras aos Sete. Dicáiarcos apresenta quatro nomes sempre aceitos, constantes da lista – Tales, Bias, Pítacos e Sôlon – e acrescenta os nomes de seis outros, dos quais três deveriam ser selecionados: Aristôdemos, Pânfilos, o lacedemônio Quílon, Cleôbulos, Anácarsis e Períandros. Outros acrescentam Acusílaos, filho de Cabas ou Scabras, de Argos.

(42) Em sua obra *Sobre os Sábios* Hêrmipos refere-se a dezessete, dos quais autores diferentes fazem seleções diferentes de sete; eles são Sôlon, Tales, Pítacos, Bias, Quílon, Míson, Cleôbulos, Períandros, Anácarsis, Acusílaos, Epimenides, Leôfantos, Ferecides, Aristôdemos, Pitágoras, Lasos, filho de Carmantidas ou de Sisímbrinos, ou segundo Aristôxenos de Cabrinos, nascido em Hermione, e Anaxagoras. Em sua *Lista de Filósofos* Hipôbotos relaciona: Orfeus, Linos, Sôlon, Períandros, Anácarsis, Cleôbulos, Míson, Tales, Bias, Pítacos, Epícarmos e Pitágoras.

Seguem-se as cartas conservadas de Tales.

Tales a Ferecides

(43) "Tomei conhecimento de tua pretensão de ser o primeiro iônio a expor a teologia aos helenos. Talvez seja um critério justo pôr uma obra ao alcance do público, em vez de confiá-la sem qualquer benefício a uma pessoa isolada. Entretanto, se te é agradável de algum modo, estou pronto a discutir contigo o assunto de teu livro, e se me convidares a ir a Liros farei a viagem. Com efeito, certamente eu e Sôlon de Atenas não seríamos nada sensatos se, após haver navegado até Creta para dar seqüência a nossas indagações lá, e até o Egito para conversar

35. *Antologia Palatina*, IV, 22.

com os sacerdotes e astrônomos, não viajássemos até onde estás (com tua anuência, Sôlon também irá). (44) Tu, ao contrário, és de tal maneira apegado ao lar que raramente visitas a Iônia e não sentes vontade de ver estrangeiros. Nesse ínterim, espero eu, deves estar dedicando-te somente a escrever, enquanto nós, que jamais escrevemos coisa alguma, viajamos por toda a Hélade e a Ásia."

Tales a Sôlon

"Se deixares Atenas, penso que poderás com toda a conveniência instalar tua casa em Miletos, uma colônia ateniense; onde nada de mal te acontecerá. Se te constrange o fato de sermos governados por um tirano – odeias todos os governantes absolutos –, ao menos desfrutarás a companhia de amigos. Bias escreveu-te convidando-te para ires a Priene; se te parecer preferível a cidade dos prieneus, eu mesmo irei morar lá e juntar-me a ti."

Capítulo 2. SÔLON[36]

(45) Sôlon, filho de Execestides, nasceu em Salamina. Sua primeira realização foi a "Lei da Liberação"[37], por ele introduzida em Atenas com a finalidade de resgatar pessoas e bens. Com efeito, os homens tomavam dinheiro emprestado mediante garantia de suas próprias pessoas, e muitos foram forçados pela pobreza a tornar-se servos. Ele foi o primeiro a renunciar ao seu direito a uma dívida de sete talentos, cujo credor era seu pai, e a encorajar outros a seguir-lhe o exemplo. Essa lei chamou-se "Lei da Liberação" por razões óbvias.

Em seguida, Sôlon empreendeu a estruturação do resto de suas leis, cuja enumeração consumiria muito tempo, e inscreveu-as em tabuletas giratórias.

(46) Seu maior serviço foi a libertação de sua terra natal, Salamina, reivindicada por Mêgara e Atenas. Após numerosas derrotas Atenas promulgou um decreto punindo com a morte qualquer pessoa que propusesse o reinício da guerra salamínia. Fingindo loucura Sôlon correu em direção à ágora com uma guirlanda em sua cabeça; lá mandou um arauto ler seu poema sobre Salamina para os atenienses ouvirem, fazendo-os ficarem furiosos. Eles renovaram a guerra contra os megáricos, e graças a Sôlon saíram vitoriosos. (47) Os versos elegíacos que mais inflamaram os atenienses foram os seguintes[38]:

> "Ah! Se eu mudasse de pátria e fosse um folegândrio ou sicinita em vez de ateniense! Logo se difundiria essa fama entre os homens: os atenienses, embora sendo áticos, abandonaram Salamina!"

E estes outros:

> "Marchemos para Salamina e combatamos pela ilha desejada, a fim de apagar a dura vergonha!"

Ele também persuadiu os atenienses a conquistar o Quersonesos trácio. (48) Para evitar que atribuíssem a conquista de Salamina somente à força e não ao direito, Sôlon mandou abrir algumas sepulturas e mostrou que os mortos estavam enterrados com a face voltada para o leste, de conformidade com os costumes atenienses

36. Foi arconte em Atenas em 594 a.C.
37. Lei da Liberação; literalmente *Seisakhtheia*.
38. Fragmento 2 Bergk.

quanto aos funerais; ele mostrou também que as próprias sepulturas estavam cavadas na direção do leste[39], e que as inscrições gravadas nelas qualificavam os mortos por seus demos, maneira característica dos atenienses. Alguns autores afirmam que depois do verso de Homero no Catálogo das Naus[40]: "Aias de Salamina guiava doze naus", ele inseriu o seguinte verso de sua autoria:

> "e as levou até onde estavam as falanges atenienses".

(49) Daí em diante o povo ateniense passou a dar-lhe atenção, e até queria tê-lo à frente do governo da cidade como tirano; Sôlon, entretanto, recusou-se, e percebendo antecipadamente os desígnios de seu parente Peisístratos (como diz Sosicrates), fez o possível para obstá-los. Ele correu para a Assembléia armado com lança e escudo, e alertou os cidadãos reunidos para os desígnios de Peisístratos; mas não se limitou a isso, declarando-se pronto a auxiliá-los e pronunciando as seguintes palavras: "Homens de Atenas! Sou mais sábio que alguns de vós e mais corajoso que outros; mais sábio que os incapazes de discernir a trama de Peisístratos e mais corajoso que aqueles que, embora a percebam, guardam silêncio por temor."

Os membros do Conselho, por seu turno, adeptos do partido de Peisístratos, afirmaram que ele era louco; diante disso Sôlon recitou os seguintes versos[41]:

> "Um breve lapso de tempo mostrará minha loucura aos cidadãos, mostrá-la-á juntamente com a verdade."

(50) Os versos elegíacos em que ele predisse a tirania de Peisístratos são os seguintes[42]:

> "A nuvem leva a força da neve e do granizo; o fúlgido relâmpago é seguido pelo trovão; de grandes homens vem a ruína da cidade; o povo incauto cai na servidão, submisso a um homem só."

Quando Peisístratos já detinha o poder, Sôlon, incapaz de convencer o povo, depôs as suas armas em frente ao quartel dos generais e disse: "Minha pátria! Prestei-te serviços com palavras e atos!" Em seguida viajou para o Egito e para Chipre, e de lá foi ao encontro de Croisos em seu reino. Lá o rei perguntou-lhe: "Quem é feliz em tua opinião?" Sôlon respondeu: "Telos de Atenas, e Clêobis e Bíton"[43], e outros muito falados.

(51) Conta-se que Croisos, suntuosamente vestido, sentou-se em seu trono e perguntou a Sôlon se alguma vez tinha visto qualquer coisa mais bela. Sôlon respondeu: "Galos, faisões e pavões, pois eles brilham com as cores naturais, miríades de vezes mais belas." Partindo de lá ele foi viver na Cilícia e fundou uma cidade chamada Sôloi por causa de seu nome. Nela Sôlon instalou uns poucos atenienses, que com o decurso do tempo corromperam a pureza do dialeto ático, e por isso dizia-se que cometiam "solecismos". Note-se que os habitantes dessa cidade chamavam-se solenses, enquanto os habitantes de Sôloi, em Chipre, chamavam-se sólios.

39. As observações de Diógenes Laértios são imprecisas ou errôneas, e contrariam a afirmação de Plútarcos no capítulo 10 de sua *Vida de Sôlon*.
40. *Ilíada*, canto II, verso 557.
41. Fragmento 10 Bergk.
42. Fragmento 9 Bergk.
43. Os estudiosos consideram cronologicamente impossível o encontro entre Sôlon e Croisos. Para as alusões a Telos, Clêobis e Bíton, veja-se Heródotos, *História*, I, 30-31.

Ao saber que naquela época Peisístratos já governava como tirano, ele escreveu os versos seguintes e os enviou aos atenienses[44]:

> (52) "Se sofrestes amargamento por causa de vosso mau caráter, não deveis imputar esse destino aos deuses, pois vós mesmos apoiastes inimigos e os engrandecestes; por isso suportais a dura escravidão. Cada um de vós segue as pegadas da raposa, e no entanto em conjunto tendes a mente insensata. Estais atentos às falas e às palavras suaves de um adulador, e não tendes a mínima preocupação com os seus atos."

Ele escreveu esses versos. Após a ida de Sôlon para o exílio Peisístratos escreveu-lhe uma carta nos seguintes termos:

Peisístratos a Sôlon

(53) "Não fui o único heleno a instaurar a tirania, nem na qualidade de descendente de Codros, careço de qualificações para isso. Logo, retomo os privilégios que os atenienses juraram conferir a Codros e sua família, embora mais tarde tenham faltado ao juramento. Em tudo mais não cometi ofensa alguma contra os deuses e os homens; meu governo inspira-se constantemente nas leis que deste aos atenienses, e eles são governados melhor do que seriam sob uma democracia; de fato, não permito a cidadão algum exorbitar de seus direitos, e, embora seja um tirano, não usurpo para mim mesmo qualquer participação em prerrogativas e honrarias; desfruto somente de privilégios explicitamente pertencentes aos reis de antigamente. Cada cidadão paga um dízimo do valor de seus bens, não a mim, mas a um fundo destinado a cobrir as despesas com os sacrifícios públicos e quaisquer outros encargos do Estado ou gastos com alguma guerra em que nos envolvamos.

(54) Não te recrimino porque revelaste meus desígnios; agiste por lealdade para com a cidade, e não por inimizade a mim, e mais ainda por ignorância quanto ao tipo de governo que eu iria instituir; se soubesses, talvez te mostrasses tolerante comigo e não teria ido para o exílio. Sendo assim, volta à pátria, confiando em minha palavra, embora não jurada, de que Sôlon não sofrerá qualquer mal por obra de Peisístratos (fica sabendo que nenhum de meus outros inimigos tampouco sofreu). Se preferires ser um de meus amigos estarás entre os primeiros cidadãos, pois não vejo em ti vestígios de traição e nada que provoque desconfiança; se quiseres viver em Atenas em outras condições terás a minha permissão. Não te mantenhas afastado de tua pátria por minha causa."

(55) Peisístratos escreveu essa carta.

Sôlon disse que o limite da vida humana é de setenta anos. Parece que ele elaborou algumas leis admiráveis. Por exemplo, se alguém se negasse a sustentar seus pais seria privado dos direitos cívicos; além disso aplicava-se penalidade semelhante a quem dilapidasse seu patrimônio; e não ter uma ocupação definida era um crime, pelo qual qualquer pessoa, querendo, podia levar o ocioso a prestar contas de sua vida. Lísias, entretanto, atribui essa lei a Drácon, e a Sôlon outra, privando quem quer que se houvesse prostituído do direito de ocupar a tribuna na Assembléia. Ele reduziu as honrarias concedidas aos atletas participantes de competições, fixando a recompensa para um vencedor nos Jogos Olímpicos em

44. Fragmento 11 Bergk.

quinhentos dracmas, nos Jogos Ístmicos em cem dracmas e analogamente em outros casos. Era moralmente pernicioso, dizia Sôlon, aumentar as recompensas desses vencedores, e tal procedimento somente se justificava em relação aos mortos no campo de batalha, cujos filhos deviam também ser mantidos e educados pelo Estado.

(56) Em decorrência dessa lei muitos cidadãos esforçaram-se por comportar-se como soldados valorosos em batalha, como Polízelos, Cinêgeiros, Calímacos e todos que combateram em Maratona, ou então Harmôdios e Aristogêiton, e Miltíades e mais dezenas de milhares. Por outro lado, os atletas, quando se exercitam, são muito dispendiosos, e, quando vencem, são prejudiciais e recebem coroas por vitórias contra a pátria, e não contra os adversários; quando envelhecem, segundo Eurípedes[45],

"desfazem-se como seus mantos que perdem a trama".

Sôlon discerniu essas circunstâncias e os tratou parcimoniosamente. É excelente, também, o dispositivo legal segundo o qual o guardião de um órfão não podia casar com a mãe de seu tutelado, e o herdeiro subseqüente na sucessão, em caso de morte dos órfãos, devia considerar-se impedido de ser guardião dos mesmos. (57) Além disso, nenhum gravador de sinetes tinha permissão para reter uma impressão do anel que houvesse vendido, e a penalidade para quem privasse de sua visão uma pessoa que tivesse um único olho era a perda dos dois olhos do agressor. Não era permitida a retirada de um depósito a não ser pelo próprio depositante, sob pena de morte. Mais ainda: o magistrado que fosse encontrado em estado de embriaguês estaria sujeito à pena de morte.

Sôlon também estipulou que os recitais públicos dos poemas homéricos teriam de obedecer a uma ordem predeterminada, de tal maneira que o segundo rapsodo tinha de começar no ponto em que o primeiro se detivesse. Por isso, segundo as palavras de Dieuquidas no quinto livro de sua *História Megárica*, a contribuição de Sôlon foi mais importante que a de Peisístratos para preservar a clareza dos poemas de Homero. O trecho mais recitado de Homero era o que começava com as palavras: "Em seguida os habitantes de Atenas..."[46].

(58) Sôlon foi o primeiro a chamar o trigésimo dia do mês de "velho e novo", e a instituir reuniões em caráter privado dos nove arcontes, segundo Apolôdoros no segundo livro de sua obra *Sobre os Legisladores*. Quando começou a guerra civil ele não aderiu aos habitantes da cidade, nem aos da planície, nem aos da costa.

São dele as palavras "A fala é o espelho dos atos", e outras significando que o mais forte e mais capaz é rei. Sôlon comparou as leis a teias de aranha, que se mantêm intactas quando qualquer objeto leve e flexível cai nelas, enquanto qualquer coisa maior as rompe e vai adiante. Ele qualificou o segredo de "selo da palavra". (59) Sôlon costumava dizer que as pessoas influentes junto aos tiranos se assemelhavam aos pequenos seixos usados para calcular, pois da mesma forma que cada seixo representava ora um número grande, ora um pequeno, os tiranos tratavam cada pessoa à sua volta às vezes como importante e famosa, e às vezes como insignificante. Quando lhe perguntaram por que ele não elaborara lei alguma contra o parricídio o sábio respondeu: "Porque espero que ela seja desnecessária." Em resposta a uma pergunta sobre a maneira mais eficaz de

45. Fragmento 282 Nauck, *Tragicorum Graecorum Fragmenta*, 2a. edição.
46. *Ilíada*, II, 546.

diminuir os crimes ele disse: "Isso ocorrerá se eles causarem tanto ressentimento nas pessoas que não são vítimas dos mesmos quanto nas que são", acrescentando: "A riqueza gera a saciedade, e a saciedade gera a insolência." Sôlon propôs aos atenienses a adoção do mês lunar, e proibiu Téspis de encenar tragédias alegando que a ficção é inútil. (60) Por isso, quando Peisístratos apareceu com ferimentos que ele próprio se infligira, Sôlon disse: "Trata-se de uma conseqüência da encenação de tragédias." Seus conselhos aos homens, segundo Apolôdoros em sua obra *Das Seitas Filosóficas*, eram os seguintes: "Confiai mais na nobreza de caráter que nos juramentos; nunca mintais; tende em vista objetivos dignos; não sejais precipitados ao fazer amigos, mas, uma vez feitos, não os deixeis; aprendei a obedecer antes de comandar; tomai as melhores decisões, e não as mais agradáveis; fazei da razão o vosso guia; não convivais com os maus; honrai os deuses e reverenciai os pais." Dizia-se que ele criticara o dístico de Mimnermos[47]:

"Sem moléstias e sem cuidados opressivos, leve-me a morte aos sessenta anos!"

(61)replicando da seguinte maneira[48]:

"Mas, se quiseres dar-me ouvidos, apaga esse verso; não me invejes se minha ponderação é melhor que a tua; muda-o, Ligiastades, e canta assim: 'leve-me aos oitenta anos!'"

Dos poemas convivais mais cantados atribui-se o seguinte a Sôlon[49]:

"Observa cada homem e vê se, ocultando ódio em seu coração, ele fala com amável contenção, e sua língua ressoa com palavras dúplices vindas do negro coração."

Evidentemente ele escreveu as leis, discursos, exortações a si mesmo, elegias (especialmente sobre Salamina e sobre a constituição ateniense), totalizando cinco mil versos, além de poemas iâmbicos e épodos.

(62)Há em sua estátua a seguinte inscrição[50]:

"Esta Salamina que pôs fim à injusta violência dos medos gerou Sôlon, legislador sagrado."

De acordo com Sosicrates, Sôlon estava no apogeu aproximadamente na 46ª Olimpíada, em cujo terceiro ano ele foi arconte em Atenas[51],e nessa época elaborou as suas leis. Sôlon morreu em Chipre aos oitenta anos de idade. Suas últimas vontades, ditadas aos parentes, foram as seguintes: deveriam levar seus ossos para Salamina e, quando estivessem reduzidos a cinzas, espalhá-las sobre o solo. Por isso Cratinos[52] fá-lo dizer em sua peça *Os Quéirons*:

"Moro nesta ilha, como dizem os homens, disseminado por toda a cidade de Aias."

(63)Há uma composição nossa entre os *Epigramas em Todos os Metros*, já mencionados, onde falo de todos os mortos ilustres em todos os metros e ritmos (em epigramas e peças líricas), nos seguintes termos[53]:

47. Fragmento 6 Bergk.
48. Fragmento 20 Bergk.
49. Fragmento 42 Bergk.
50. *Antologia Palatina*, VII, 86.
51. Em 594 a.C..
52. Veja-se a nota 11. O fragmento é o nº 5 de Meineke.
53. *Antologia Palatina*, VII, 87.

"Em terra estrangeira o fogo de Chipre consumiu o corpo de Sôlon; Salamina tem os seus ossos, reduzidos a pó, mas um carro célere levou-lhe a alma aos céus; ele criou boas leis, peso levíssimo para os cidadãos."

Atribui-se a Sôlon a máxima "Nada em excesso". De acordo com Dioscurides em seus *Comentários*, quando ele estava chorando a perda de seu filho, de quem nada mais se conhece, e alguém lhe disse: "Não adianta!", sua resposta foi: "Choro precisamente porque não adianta!"

Conservaram-se as seguintes cartas de Sôlon:

Sôlon a Periandros

(64) "Comunicas-me que muitas pessoas estão tramando contra ti. Não deves perder tempo se queres livrar-te de todas elas. Um conspirador contra ti pode surgir de uma direção totalmente inesperada – por exemplo, alguém que teme por tua segurança pessoal ou que te despreza, pois não há homem algum que não tenha receios de ti. Quem descobrisse que não alimentas suspeitas conquistaria a gratidão da cidade. A melhor atitude seria renunciar ao poder, para afastar a causa do temor. Entretanto, se queres a qualquer preço continuar sendo tirano, faze o possível para tornar tuas tropas mercenárias mais poderosas que as forças da cidade. Assim ninguém te será hostil e não terás de eliminar pessoa alguma."

Sôlon a Epimenides

"Nem as minhas leis deviam ajudar os atenienses, nem tu ajudaste a tua cidade purificando-a. Com efeito, a religião e a legislação não bastam por si mesmas para beneficiar as cidades; esse objetivo somente pode ser atingido por quem conduz constantemente a multidão em qualquer direção desejada. Sendo assim, se tudo vai bem, a religião e a legislação podem ser úteis, mas, se tudo vai mal, de nada valem.

(65) Minhas leis e dispositivos não são melhores. Os homens que os desprezaram prejudicaram o Estado, não conseguindo impedir a tirania de Peisístratos. E quando os alertei, não acreditaram em mim. Ele obteve mais apoio adulando os cidadãos do que eu dizendo-lhes a verdade. Depus minhas armas em frente ao quartel dos generais e disse ao povo que eu era mais sábio que aqueles que não perceberam que o objetivo de Peisístratos era a tirania, e mais corajoso que os que se abstiveram de oferecer-lhe resistência. Entretanto, o povo denunciou Sôlon como louco. Afinal testemunhei: estou pronto a defender-te, minha pátria, com palavras e atos, porém alguns de meus concidadãos consideraram-me louco. Por isso afastar-me-ei deles como único adversário de Peisístratos; eles, se quiserem podem passar a ser seus guarda-costas. Deves saber, companheiro, que ele alimentava a ambição desenfreada de tornar-se tirano. (66) A princípio Peisístratos era um líder popular; em seguida feriu-se a si mesmo e apareceu diante do tribunal da Heliaia, gritando que aqueles ferimentos lhe haviam sido infligidos por seus inimigos e pedindo uma guarda de 400 jovens. O povo, sem me ouvir, concedeu-lhe os homens armados com suas clavas. Depois disso ele destruiu a democracia. Foram inúteis meus esforços para livrar os atenienses pobres de sua servidão, porquanto agora todos são escravos de apenas um senhor: Peisístratos."

Sôlon a Peisístratos

"Confio em que nenhum mal sofrerei de ti, pois antes de te tornares tirano eu era teu amigo, e agora não tenho qualquer divergência contigo além daquelas de cada ateniense contrário à tirania. Se é melhor para eles ser governados por um único homem ou viver numa democracia, cada um de nós deve decidir por si mesmo, usando seu próprio discernimento. (67) Admito que és o melhor de todos os tiranos, porém vejo que não ficaria bem para mim retornar a Atenas. Se dei igualdade de direitos políticos aos atenienses e me recusei a tornar-me tirano quando tive oportunidade, agora não seria digno de mim retornar e endossar tua conduta."

Sôlon a Croisos

"Admiro-te por tuas gentilezas para comigo; por Atena, se não estivesse ansioso antes de tudo por viver numa democracia, eu teria preferido residir em teu palácio em vez de morar em Atenas, onde Peisístratos exerce violentamente a tirania. Entretanto, parece-me muito mais agradável viver num lugar onde há justiça e igualdade para todos. Seja como for, irei até onde estás, pois anseio por ser teu hóspede."

Capítulo 3. QUÍLON[54]

(68) Quílon, filho de Damagetas, era lacedemônio; escreveu um poema elegíaco de 200 versos, e declarou que a excelência de um homem consiste em prever o futuro até onde este pode ser discernido pela razão. A seu irmão, irado por não ter sido escolhido para éforo, como Quílon foi, este último disse: "Sei aceitar a injustiça, e tu não sabes." Quílon assumiu o eforato na 55ª Olimpíada[55], embora Panfile mencione a 56ª. Segundo Sosicrates, ele foi éforo pela primeira vez no arcontado de Eutídemos, e propôs pela primeira vez a designação dos éforos para auxiliarem os reis (Sátiros diz que essa iniciativa coube a Licurgos).

De acordo com o relato de Herôdotos no Livro I de sua *História*[56], quando Hipócrates estava realizando um sacrifício em Olímpia e seus caldeirões ferveram por si mesmos, foi Quílon quem o aconselhou a não se casar, ou, se já tivesse uma mulher, a divorciar-se dela e deserdar seus filhos. (69) Conta-se também que ele perguntou a Esopo o que Zeus estava fazendo e recebeu a seguinte resposta: "Está humilhando os altivos e exaltando os humildes." Quando lhe perguntaram qual era a diferença entre o homem culto e o ignorante Quílon respondeu: "As esperanças fundadas." "Que coisas são difíceis?" "Guardar um segredo, usar bem o lazer, ser capaz de suportar uma ofensa." Seguem-se alguns de seus preceitos: "Domina a língua, principalmente num banquete; (70) não fales mal dos vizinhos, pois quem fizer isso ouvirá a propósito de si mesmo coisas que lamentará; não ameaces pessoa alguma, pois isso é típico das mulheres; visita mais depressa os amigos na

54. Estava no apogeu aproximadamente em 560 a.C..
55. 560-557 a.C..
56. No capítulo 59.

adversidade que na prosperidade; faze um casamento modesto; nada digas de mal a respeito dos mortos; honra a velhice; guarda-te a ti mesmo; prefere um prejuízo a um lucro desonesto, pois o primeiro faz sofrer no momento, e o outro para sempre; não rias do infortúnio alheio; sê bondoso quando forte, se queres ser respeitado e não temido pelos vizinhos; aprende a ser um senhor sábio em tua própria casa; não deixes a língua antecipar-se ao pensamento; domina a ira; não abomines a arte divinatória; não desejes o impossível; não deixes pessoa alguma ver-te apressado; evita gesticular enquanto estiveres falando, pois isso é sinal de insanidade; obedece às leis; cultiva a tranqüilidade."

(71) O mais popular de seus poemas convivais, ainda cantados, é o seguinte:

> "Com a pedra de toque se experimenta o ouro, e a prova é segura; o ouro põe à mostra o espírito dos homens bons e maus."

Relata-se que em sua velhice Quílon disse que não tinha noção de jamais haver infringido a lei em toda a sua vida, porém tinha dúvidas quanto a um ponto: numa causa em que um amigo seu estava envolvido ele pronunciou a sentença de conformidade com a lei, porém persuadiu um colega e amigo a absolver o acusado, a fim de ao mesmo tempo fazer prevalecer a lei e não perder o amigo.

Sua fama na Hélade deveu-se inicialmente à sua advertência a propósito da ilha de Citera, situada em frente à costa da Lacedemônia. Com efeito, tomando conhecimento da natureza da ilha ele exclamou: "Melhor seria se ela não existisse, ou então, já que existia, se houvesse desaparecido no mar." Essa advertência foi muito sábia, (72) pois Demáratos, quando foi banido de Esparta, aconselhou Xerxes a ancorar sua frota defronte da ilha; se Xerxes tivesse ouvido o conselho a Hélade teria sido conquistada. Mais tarde, durante a Guerra do Peloponeso, Nícias subjugou a ilha e lá instalou uma guarnição ateniense, causando muitos transtornos aos lacedemônios.

Quílon era conciso no falar, e por isso Aristagoras de Míletos chama seu estilo de "quilônio". Ele descendia de Brancos[57], fundador do templo de Branquídai. Quílon já era idoso por volta da 52ª Olimpíada, quando estava no apogeu o fabulista Esopo. Segundo Hêrmipos, sua morte ocorreu em Pise, pouco depois de ele congratular-se com seu filho por uma vitória olímpica no pugilismo, e resultou do excesso de alegria somado à fraqueza decorrente de sua idade avançada. Todos os presentes acompanharam o cortejo fúnebre.

Há também um epigrama de nossa autoria sobre ele[58]:

> (73) "Rendo-te homenagem, Polideuces portador de luz, porque o filho de Quílon conquistou no pugilismo as folhas verdes de oliveira. Se o pai viu o filho coroado e morreu satisfeito, não há por que lamentá-lo; caiba-me morte igual a esta!"

Em sua estátua havia a seguinte inscrição[59]:

> "Esparta coroada de lanças gerou este Quílon, o primeiro dos Sete Sábios em sapiência."

Sua máxima é: "Garantia dada, desgosto à vista."

Conserva-se também a seguinte carta dele:

57. Os manuscritos são lacunosos nesse trecho; a tradução é conjectural.
58. *Antologia Palatina*, VII, 88.
59. *Antologia Palatina*, IX, 596.

Quílon a Periandros

"Anuncias-me uma expedição contra inimigos de fora, da qual tu mesmo participarás. Quanto a mim, penso que os próprios problemas locais são perigosos para um governante absoluto, e considero feliz o tirano que morre de morte natural em sua pátria."

Capítulo 4. PÍTACOS[60]

(74) Pítacos era filho de Hirradios de Mitilene. Dúris diz que seu pai era trácio. Ajudado pelos irmãos de Alcaios[61] ele destitui Mêlancros, tirano de Lesbos; na guerra entre Mitilene e Atenas pelo território de Aquileis, o próprio Pítacos era o estratego de seu lado, e Frínon, detentor de uma vitória olímpica no pancrácio[62], comandava os atenienses. Pítacos anuiu em travar um combate singular com Frínon; com uma rede que ocultava em seu escudo ele envolveu o adversário, matou-o e recuperou o território em litígio. De acordo com a informação de Apolôdoros em sua *Crônica*, mais tarde Atenas e Mitilene submeteram a divergência a arbitramento. Ouvindo as alegações, Periandros adjudicou a região aos atenienses.

(75) Na época, entretanto, os mitilênios honraram extraordinariamente Pítacos e puseram o governo em suas mãos. Ele exerceu o poder durante dez anos, renunciando depois ao cargo. Pítacos viveu mais dez anos após a renúncia e recebeu dos mitilênios um lote de terra, que consagrou aos deuses e até hoje se chama Pitáqueios. Sosícrates diz que Pítacos ficou com uma pequena parte do lote para si mesmo, afirmando que a metade é mais que o todo. Croisos também lhe ofereceu riquezas, mas Pítacos as recusou; alegando possuir o dobro do que necessitava, pois havia herdado os bens de um irmão falecido sem deixar filhos.

(76) Panfile diz no segundo livro de suas *Memórias* que, enquanto seu filho Tirraios estava sentado num salão de barbeiro em Cume, um ferreiro matou-o com uma machadada. Quando os cumanos mandaram o criminoso preso à presença de Pítacos este, tomando conhecimento dos fatos, restituiu-lhe a liberdade e declarou: "É melhor o perdão agora do que o arrependimento mais tarde." Heráclеitos, entretanto, afirma que a pessoa posta por ele em liberdade foi Alcaios, na época em que teve o poeta em seu poder, e suas palavras foram: "A clemência é melhor que a vingança."

Entre as leis por ele instituídas havia uma impondo uma penalidade dobrada no caso de qualquer ofensa cometida em estado de embriaguez; seu objetivo era desencorajar o uso da bebida, sendo o vinho abundante na ilha. Um de seus preceitos era: "É difícil ser bom", citado por Simonides[63]:

> "Ser um homem verdadeiramente bom é difícil, segundo o preceito de Pítacos."

(77) Platão também o menciona em seu diálogo *Protagoras*[64]: "Contra a necessidade nem os deuses lutam." E também: "O cargo revela o homem." Certa vez, quando lhe perguntaram qual era a melhor coisa, Pítacos respondeu: "Desincumbir-se bem da tarefa presente." Respondendo à pergunta de Croisos quanto à melhor forma de governo, ele disse: "O governo da madeira cambiante."[65] Pítacos também exortava os homens a obterem vitórias incruentas. Quando um foceu disse que seria necessário procurar um homem excelente, Pítacos retrucou: "Se o buscares com muito cuidado, nunca o encontrarás." Ele deu as seguintes respostas a diversas perguntas: "O que é agradável?" "O tempo." "O que é obscuro?" "O futuro." "O que merece confiança?" "A terra." "O que não merece confiança?" "O mar."

(78) Pítacos disse que é próprio dos homens prudentes prever as dificuldades para evitar que elas se concretizem, e é próprio dos corajosos enfrentá-las quando elas aparecem. Não devemos divulgar nossos planos antecipadamente, pois se eles falharem ninguém rirá de nós. Não devemos recriminar quem quer que seja vítima de infortúnios, pois a justiça divina[66] pode fazê-los reverter contra nós. Cumpre-nos restituir o que nos foi confiado. Não devemos falar mal de um amigo, e nem mesmo de um inimigo. Devemos praticar a piedade, amar a moderação, cultivar a verdade, a fidelidade, a competência, a habilidade, a sociabilidade e a solicitude.

O mais popular de seus poemas convivais ainda cantados é o seguinte:

> "Com arco, flechas e carcás devemos marchar contra o homem mau; a língua que se move em seus lábios em nada é fiel, se em seu coração o pensamento é dúplice."

(79) Pítacos escreveu também elegias, totalizando cerca de 600 versos, e sua obra em prosa, *Das Leis*, para uso de seus concidadãos. Ele estava no apogeu por volta da 42ª Olimpíada[67], tendo morrido no arcontado de Aristomenes, no terceiro ano da 52ª Olimpíada[68], após viver mais de setenta anos. Sobre seu túmulo havia a seguinte inscrição:

> "Com lágrimas maternais esta sagrada Lesbos chora o finado Pítacos, por ela gerado."

Sua máxima é: "Percebe a oportunidade."

Houve outro Pítacos, um legislador, segundo dizem Favorinos no primeiro livro de suas *Memórias* e Demétrios em sua obra *Homônimos*, chamado Pítacos Menor.

Dizia-se que o sábio foi consultado certa vez por um jovem sobre seu casamento, e sua resposta foi a seguinte, como diz Calímacos em seus *Epigramas*[69]:

> (80) "Um estrangeiro de Atarneus perguntou a Pítacos de Mitilene, filho de Hirradios: "Dois casamentos se me oferecem, venerável ancião; uma das esposas é igual a mim em riqueza e estirpe; a outra me ultrapassa. Qual delas devo preferir? Dize-me então: qual das duas devo levar ao altar?" Assim ele falou. Pítacos levantou o bastão, arma dos anciãos, e

60. Estava no apogeu aproximadamente em 600 a.C..
61. Poeta lírico famoso, contemporâneo e conterrâneo de Safo.
62. Competição esportiva, uma combinação de luta livre e pugilismo.
63. Fragmento 5 Bergk.
64. 345 D.

65. O "governo da madeira" equivale a "governo da lei".
66. Literalmente "a Nêmesis".
67. 612-609 a.C..
68. Em 570 a.C..
69. *Antologia Palatina*, VII, 89.

disse: "Olha ali os que te dirão a última palavra." Num amplo cruzamento alguns meninos lançavam seus piões velozes puxando os cordéis e dizendo a cada um: "Fica em teu lugar!" Ouvindo estas palavras o estrangeiro renunciou a uma casa maior, acolhendo a advertência gritada pelos meninos, e conduziu a esposa à sua pequena casa. Sendo assim, tu também, Díon, fica em teu lugar."

(81) O conselho parece ter sido uma decorrência da situação do próprio Pítacos; de fato, o sábio se casara com uma mulher superior a ele em nascimento, irmã de Drácon, filho de Pêntilos, que o tratava arrogantemente.

Alcaios apelidou-o de *sarápous* e *sárapos*, porque tinha os pés chatos e os arrastava ao caminhar; também de "Frieiras"[69a], por ter os pés rachados, para os quais a palavra usada era *kheirás*; de "Fanfarrão", porque estava sempre dizendo fanfarronadas; de "Pança" e "Barrigão" por ser gordo; e ainda de "Janta-no-escuro" porque jantava sem acender a lâmpada; e finalmente de "Desmazelado" por ser negligente e sujo. Sua ginástica consistia em pilar grãos, como diz o filósofo Clêarcos.

Atribui-se a Pítacos a breve carta seguinte:

Pítacos a Croisos

"Convidas-me para ir à Lídia a fim de testemunhar a tua prosperidade, porém, mesmo sem vê-la, posso crer que o filho de Aliates é o mais opulento de todos os reis. Não me trará qualquer proveito uma viagem a Sárdis, pois o ouro não me faz falta e minhas posses bastam para mim e para os meus amigos. Isso, não obstante, irei, para entreter-me em conversas com o anfitrião amigo."

Capítulo 5. BIAS[70]

(82) Bias, filho de Teutames, nasceu em Priene, e é considerado por Sátiros o primeiro entre os Sete Sábios. De acordo com algumas fontes Bias era rico; Dúris, ao contrário, diz que ele não tinha sequer uma casa própria. Fanôdicos conta que esse sábio resgatou algumas virgens messênicas capturadas em tempo de guerra e as criou como suas filhas, dando-lhes dotes e restituindo-as a seus pais na Messênia. Algum tempo depois, como já dissemos, por ocasião da descoberta em Atenas, por pescadores, da trípode de bronze com a inscrição "Ao mais sábio", as virgens, segundo Sátiros, ou seu pai, segundo outras fontes (inclusive Fanôdicos), dirigiram-se à Assembléia e, após relatarem suas próprias aventuras, proclamaram Bias o mais sábio; diante disso a trípode lhe foi entregue, porém Bias, ao vê-la, afirmou que Apolo era mais sábio e se recusou a levá-la consigo.

(83) Outras fontes mencionam que ele a dedicou a Heraclés em Tebas, pois descendia dos tebanos fundadores de uma colônia em Priene (de conformidade com versão de Fanôdicos).

Dizia-se que, enquanto Aliates estava sitiando Priene, Bias engordou dois mulos e os levou até as proximidades do acampamento do rei; vendo-os, Aliates

69a. Literalmente *kheirópodes*.

70. Estava no apogeu aproximadamente em 570 a.C..

ficou admirado com o bom tratamento dispensado pelos habitantes até às bestas de carga. O rei decidiu então negociar condições de paz e despachou um mensageiro aos priênios. Nesse ínterim, Bias mandou preparar montes de areia cobertos com cereais e os mostrou ao mensageiro; finalmente, informado dessa aparente abundância, Aliates concluiu um tratado de paz com o povo de Priene. Pouco tempo depois Aliates enviou um convite a Bias para ir até a sua corte, mas este replicou: "Dize a Aliates, de minha parte, para comer cebolas", isto é, para chorar. (84) Afirmava-se também que ele foi um advogado eficiente, porém que costumava usar a força de sua eloqüência na defesa do bem. Daí a referência de Demôdicos[70a] de Leros no verso:

"Se por acaso fores juiz, aplica a justiça como se faz em Priene."

E Hipônax[71]:

"Melhor que Bias de Priene na defesa de causas."

Bias morreu defendendo um cliente, apesar de já estar muito idoso, nas seguintes circunstâncias: acabando de falar ele reclinou a cabeça no colo de seu neto; o advogado da parte contrária fez o seu discurso, os juízes votaram e o veredito foi favorável a Bias; quando as pessoas presentes no tribunal se levantaram verificou-se que ele estava morto no colo do neto. (85) A cidade proporcionou-lhe um funeral magnífico e mandou gravar as seguintes palavras sobre o seu túmulo[72]:

"Esta pedra cobre Bias, nascido na nobre terra de Priene e ornamento maior dos iônios."

Há também o epitáfio de nossa autoria[73]:

"Aqui repousa Bias, que coberto pela velhice cor de neve foi suavemente transportado para o Hades por Hermes; ele defendeu – sim, defendeu um amigo –, e depois, reclinando a cabeça nos braços de um menino, entregou-se ao longo sono."

Bias compôs um poema de 2.000 versos a respeito da Iônia, principalmente sobre a maneira de torná-la mais próspera. De seus poemas convivais ainda cantados o mais popular é o seguinte:

"Agrada a todos os cidadãos na cidade em que moras, pois assim obterás muitos favores; um caráter intratável geralmente provoca o infortúnio pernicioso."

(86) Ser forte, dizia Bias, é obra da natureza, porém a capacidade de ser útil à pátria é um dom da alma e da sapiência. A abundância de riquezas chega a muitos graças à sorte. Ele também disse que as pessoas incapazes de suportar o infortúnio eram realmente infortunadas; que desejar o impossível é uma doença da alma, bem como não pensar nos males alheios. Quando lhe perguntaram o que é difícil Bias respondeu: "Suportar dignamente as mudanças da sorte para pior." Certa vez ele viajava com pessoas ímpias, e diante de uma tempestade que sobreveio, essas mesmas pessoas começaram a clamar pela ajuda divina; "Calai-vos", disse Bias, "para evitar que os deuses ouçam e percebam que estais aqui nesta nau!" Ouvindo o pedido de um homem ímpio para que definisse a piedade, ele permaneceu em

70a. Ou Demôdocos. O fragmento é o nº 6 da coletânea de Bergk.

71. Fragmento 79 Bergk.

72. *Antologia Palatina*, VII, 90.

73. *Antologia Palatina*, VII, 91.

silêncio; quando o homem quis saber a razão de sua atitude Bias retrucou: "Estou silencioso porque fazes perguntas sobre assuntos que nada têm a ver contigo."

(87) À pergunta: "O que é doce para os homens?" ele respondeu: "A esperança." Bias dizia que preferia decidir uma divergência entre dois inimigos seus em vez de entre dois amigos; no segundo caso ele tinha certeza de que iria transformar um dos amigos em inimigo, enquanto no primeiro iria fazer de um dos inimigos um amigo. Quando lhe perguntaram qual a ocupação mais agradável para um homem Bias respondeu: "Ganhar dinheiro." Bias dizia que devíamos medir a vida como se tivéssemos de viver muito e pouco; que devíamos amar como se um dia tivéssemos de odiar, pois a maioria das criaturas é má. Ele dava também os seguintes conselhos: "Sê lento para começar a agir, mas persevera firmemente na ação depois de começar"; (88) "Não fales precipitadamente, pois é sinal de insânia"; "Ama a prudência"; "Admite a existência dos deuses"; "Não louves um homem indigno por causa de sua riqueza"; "Vence pela persuasão, e não pela força"; "Atribui as tuas boas ações aos deuses"; "Faze da sabedoria a tua provisão para a viagem desde a juventude até a velhice, pois ela merece mais confiança que todos os outros bens."

Hipônax menciona Bias com as palavras citadas acima[74], e Heráclitos, tão difícil de contentar, faz-lhe um elogio extraordinário nos seguintes termos[75]: "Em Priene nasceu Bias, cuja fama supera muito a dos outros."

Os habitantes de Priene consagraram-lhe um recinto, denominado Teutâmeion. Sua máxima era: "Os homens em sua maioria são maus."

Capítulo 6. CLEÔBULOS[76]

(89) Cleôbulos, filho de Euagoras, nasceu em Lindos, porém, segundo Dúris, era cário. Alguns autores dizem que ele fazia recuar sua ascendência a Heraclés; que se distinguia por sua força e beleza e que conhecia a filosofia egípcia. Uma filha dele, chamada Cleobuline, compôs epigramas em hexâmetros; Cratinos[77] a menciona, dando a uma de suas comédias o nome da mesma, no plural *Cleobulínai*. Atribui-se a Cleôbulos a reconstrução do templo de Atena fundado por Dânaos. Ele compôs cantos e enigmas, totalizando cerca de 3.000 versos.

Dizia-se que era de sua autoria a seguinte inscrição no túmulo de Midas[78]:

> "Sou uma virgem de bronze e repouso sobre o túmulo de Midas. Enquanto a água fluir e as árvores crescerem, (90) e o sol nascente brilhar e a luz luzir, e os rios correrem e o mar for ondulante, aqui nessa tumba molhada de lágrimas estarei para dizer aos passantes que Midas jaz sepulto neste lugar."

A atribuição a Cleôbulos fundamenta-se no testemunho de Simonides em um de seus poemas, onde o poeta diz[79]:

74. Veja-se o § 84.
75. Fragmento 39 Diels-Kranz, 6a. edição.
76. Estava no apogeu aproximadamente em 600 a.C..
77. Veja-se a edição Meineke-Bothe, página 20.
78. *Antologia Palatina*, VII, 153.
79. Fragmento 37 Bergk.

> "Quem, confiante em seu bom-senso, louvará Cleôbulos de Lindos, que opõe a duração de uma lápide aos rios eternamente correntes, às flores da primavera, ao sol flamejante e à lua dourada, e às marés do oceano? Todas as coisas, entretanto, estão sujeitas aos deuses, e até as mãos dos mortais quebram o mármore; essa idéia é de um estulto."

A inscrição não pode ser de Homero, pois segundo se diz ele viveu muito tempo antes de Midas.

Panfile conserva em suas *Memórias* o seguinte enigma de Cleôbulos[80]: (91) "O pai é um, os filhos são doze, e cada um deles tem duas vezes trinta filhas de aspecto dúplice; umas são brancas à vista, outras são negras por seu turno; embora sejam imortais, todos e todas morrem." É o ano.

De seus poemas convivais ainda cantados o mais popular é o seguinte:

> "Predominam entre os homens a ignorância e a tagarelice, porém o senso da oportunidade te preservará; pensa em algo bom, e não seja vã a gratidão."

Cleôbulos dizia que devemos dar nossas filhas, a seus maridos, virgens na idade porém mulheres na mentalidade, querendo com essas palavras significar que as meninas também devem ser educadas. Ele dizia ainda que devemos prestar serviços a um amigo para que o mesmo seja ainda mais amigo, e ao inimigo para transformá-lo em amigo; (92) devemos guardar-nos contra a censura dos amigos e as intrigas dos inimigos. Ao sair de casa devemos perguntar-nos primeiro o que pretendemos fazer, e ao regressar, perguntar-nos o que fizemos. Cleôbulos aconselhava a prática de exercícios físicos; dizia que devemos ouvir mais que falar; exortava-nos a optar pela instrução e não pela ignorância, a evitar palavras de blasfêmia, a ser amigos da excelência e hostis à deficiência moral, a fugir à injustiça, a aconselhar os governantes da cidade para o melhor, a não nos deixarmos dominar pelo prazer, a nada fazermos mediante violência; a educar os filhos, a pôr termo à inimizade. "Evita demonstrar afeição para com a mulher ou discutir com ela na presença de estranhos, pois no primeiro caso parecerás tolo, e no segundo louco." "Não deves punir um serviçal sob os efeitos do vinho, pois pensarão que ages assim por causa da embriaguez." "Deves casar-te com alguém do mesmo nível, pois se escolheres uma mulher superior" – diz Cleôbulos – "seus parentes te dominarão." (93) "Não deves rir de quem está sendo ridicularizado, sob pena de incorrer em seu ódio." "Não deves ser arrogante na prosperidade, nem abater-te se cais na pobreza." "Aprende a suportar com dignidade as mudanças da sorte."

Cleôbulos morreu já velho, com a idade de setenta anos, e sobre seu túmulo foi feita a seguinte inscrição[81]:

> "Esta terra de Lindos, adornada pelo mar e pátria do sábio Cleôbulos, chora o extinto."

Sua máxima é: "A moderação é ótima."

Ele escreveu a seguinte carta a Sôlon:

80. *Antologia Palatina*, XIV, 101.
81. *Antologia Palatina*, VII, 618.

Cleóbulos a Sólon

"São muitos os teus amigos, e onde quer que estejas tens um lar; entretanto, digo eu, o melhor lugar para Sólon estar é Lindos com seu governo democrático. A ilha situa-se em alto-mar, e quem vive aqui nada tem a temer de Peisístratos. Amigos de todas as partes virão visitar-te."

Capítulo 7. PERÍANDROS[82]

(94) Períandros, filho de Cípselos, nasceu em Corinto e pertencia à família dos Heráclidas. O nome de sua mulher era Lisida (ele a chamava Mélissa), filha de Proclés, tirano de Epídauros, e de Euristêneia, filha de Aristocrates, e irmão de Aristódemos, que dominaram juntos toda a Arcádia durante quase trinta anos, de conformidade com a afirmação de Heracleides do Pontos em sua obra *Sobre o Governo*. Com ela Períandros teve dois filhos, Cípselos e Licofron, sendo o mais novo inteligente e o mais velho estulto. Em certa época, num acesso de cólera, Períandros golpeou com um escabelo sua mulher grávida, ou deu-lhe um pontapé, e a matou, acatando as insinuações maliciosas de suas concubinas, que depois mandou queimar vivas.

O filho Licofron, que lamentava a sorte de sua mãe, foi banido por ele para Córcira. (95) Já muito idoso Períandros mandou chamar o filho para ser seu sucessor na tirania, porém os corcireus o mataram antes do embarque. Dominado pela ira diante desse fato, Períandros mandou os filhos dos corcireus para Aliates, a fim de serem castrados; entretanto, quando a nau que os levava se deteve em Samos, eles se refugiaram no templo de Hera e foram salvos pelos sâmios.

Períandros ficou deprimido e morreu com oitenta anos de idade. Segundo o relato de Sosicrates, ele morreu quarenta e um anos antes de Croisos, pouco antes da 49ª Olimpíada[83]. No primeiro livro de sua *História*[84] Heródotos diz que Períandros foi hóspede de Trasíbulos, tirano de Miletos.

(96) No primeiro livro de sua obra *Sobre a Vida Luxuriosa dos Antigos* Arístipos diz que Cráteia, mãe de Períandros, apaixonou-se pelo filho; este mostrou-se complacente e houve relações sexuais entre os dois; Arístipos acrescenta que, conhecido o fato, o filho se amargurou em face da descoberta de seu procedimento e passou a ser extremamente severo com todos. Éforos registra sua promessa no sentido de, se fosse vitorioso na corrida de carros em Olímpia, erigir uma estátua de ouro. Obtida a vitória, mas não dispondo de ouro, Períandros, que vira as mulheres usando ornamentos de ouro num festival na cidade, mandou despojá-las de todos esses adornos, e assim pôde enviar ao deus a oferenda prometida.

Dizem alguns autores que ele não desejava que fosse conhecido o local onde seria sepultado, e com esse objetivo adotou o seguinte ardil. O tirano deu ordens a dois jovens para saírem à noite por uma certa estrada que ele indicou; eles deveriam matar o homem que encontrassem e enterrá-lo. Em seguida, Períandros ordenou a outros quatro homens que saíssem em perseguição aos dois primeiros,

82. Tirano durante o período de 625 a 585 a.C..
83. 584-580 a.C..
84. No capítulo 20.

matassem-nos e os sepultassem; logo após despachou um contingente ainda maior de soldados em perseguição aos quatro. Tomadas essas medidas o próprio tirano saiu ao encontro dos dois primeiros soldados e foi morto pelos mesmos.

Os corintios mandaram gravar a seguinte inscrição em seu cenotáfio[85]:

> (97) "Esta terra de Corinto, próxima ao mar no golfo, que foi sua pátria, recebeu Períandros, supremo em riqueza e sapiência."

O epigrama de nossa autoria sobre ele é o seguinte[86]:

> "Não te aflijas mais se não consegues algo; frui igualmente tudo que o deus te concede, pois o sábio Períandros, aviltado, sofreu porque não obteve o que desejava."

É dele a máxima "Nada faças por dinheiro, pois temos de ganhar o que deve ser ganho." Períandros compôs um poema exortatório de 2.000 versos. Ele dizia que os tiranos que pretendem estar seguros devem fazer da lealdade, e não das armas, seu corpo de guarda. A alguém que lhe perguntou por que ainda era tirano Períandros respondeu: "Porque é tão perigoso afastar-me voluntariamente quanto ser deposto." Seguem-se outras frases suas. "A tranqüilidade é bela." "A hesitação é perigosa." "O ganho é ignóbil." "A democracia é melhor que a tirania." "Os prazeres são efêmeros, as honras são imortais." (98) "Sê moderado na prosperidade, prudente na adversidade." "Sê invariavelmente o mesmo em relação a teus amigos, estejam eles na prosperidade ou na adversidade." "Seja qual for o teu compromisso, honra-o." "Não divulgues os segredos." "Pune não somente os transgressores mas também os que estão na iminência de transgredir."

Períandros foi o primeiro a ter um corpo de guarda e a transformar o seu governo em tirania, e não permitia a pessoa alguma viver na cidade sem seu consentimento, segundo dizem Éforos e Aristóteles[87]. Ele estava no apogeu aproximadamente na 38ª Olimpíada, e foi tirano durante quarenta anos.

Sotion, Heracleides e Panfile (esta no quinto livro de suas *Memórias*) atestam que houve dois Períandros, um tirano e outro o sábio, nascido na Ambracia. (99) Neantes de Cízicos faz também esta afirmação, acrescentando que os dois eram parentes; Aristóteles[88] diz que o corintio é sábio, porém Platão[89] não o menciona entre os Sábios. Sua máxima é: "A perseverança é tudo."[90] Períandros planejou a escavação de um canal através do istmo[91].

Conservam-se as seguintes cartas dele e para ele.

Períandros aos Sábios

"Sou muito grato a Apolo Pítio por vos haver encontrado reunidos. Minhas cartas trar-vos-ão também a Corinto onde, como vós mesmos sabeis, proporcionar-vos-ei a recepção mais concorrida. Tomei conhecimento de que no ano

85. *Antologia Palatina*, VII, 619.
86. *Antologia Palatina*, VII, 620.
87. Fragmento 516 Rose.
88. Em suas obras conservadas, Aristóteles menciona Períandros na *Política*, 1304 – 32, mas somente como tirano. A referência de Diógenes Laértios corresponde ao fragmento 517 Rose.
89. *Protagoras*, 343 A.
90. Ou parafraseando: "a prática leva à perfeição".
91. Subentenda-se: "de Corinto".

passado vos encontrastes em Sárdis, na corte do rei lídio. Não hesiteis portanto em vir até mim, o tirano de Corinto. Os coríntios terão prazer em ver-vos hospedados em casa de Períandros."

Períandros a Proclés

(100) "O assassinato de minha mulher não foi premeditado; tu, entretanto, ages deliberadamente quando exacerbas o coração de meu filho contra mim. Logo, põe termo ao procedimento inflexível de meu filho, ou me vingarei de ti. De fato, já expiei em relação a ti o mal feito à tua filha, mandando queimar juntamente com ela as vestes de todas as mulheres de Corinto."

Trasíbulos a Períandros

"Não dei resposta verbal a teu arauto; conduzi-o entretanto a um trigal; e em sua companhia, valendo-me de um bastão, golpeei e cortei as espigas que se salientavam entre as demais. Se lhe perguntares o que ele ouviu e viu, o arauto dir-te-á sua mensagem. Se quiseres manter forte o poder absoluto faze o seguinte: manda matar os cidadãos proeminentes, sejam-te eles hostis ou não. Com efeito, para um governante absoluto até os amigos são suspeitos."[92]

Capítulo 8. ANÁCARSIS, o Cita.

(101) Anácarsis, o Cita, era filho de Gnuros e irmão de Caduídas, rei da Cítia. Sua mãe era de raça helênica, e por isso ele falava ambas as línguas. Escreveu sobre as instituições dos helenos e dos citas, dissertando a propósito da simplicidade e frugalidade da vida e assuntos relacionados com a guerra num poema de 800 versos. Por sua maneira de falar, livre e franca, deu origem à expressão proverbial "falar como um cita".

Sosícrates diz que ele veio para Atenas aproximadamente na 47ª Olimpíada[93], durante o arcontado de Eucrates. Hêrmipos narra que por ocasião de sua chegada à casa de Sôlon ele mandou anunciar por um dos serviçais que Anácarsis chegara e estava ansioso por vê-lo e, se possível, ser seu hóspede. (102) O serviçal transmitiu a mensagem e recebeu ordens de Sôlon para dizer-lhe que os homens em geral escolhem seus hóspedes entre os próprios concidadãos. Anácarsis aproveitou as palavras de Sôlon e retrucou que estava em sua pátria e tinha o direito de ser tratado como hóspede. Sôlon, atônito com sua presença de espírito, admitiu-o em sua casa e fez dele seu maior amigo. Mais tarde Anácarsis regressou à Cítia onde, por causa de seu entusiasmo em relação a tudo que era helênico, tornou-se suspeito de subverter as instituições nacionais e foi morto por seu irmão enquanto ambos caçavam juntos. Ao ser atingido pela flecha ele exclamou: "Minha reputação me salvou na Hélade, mas a inveja que ela suscitou em minha terra natal foi a minha perdição." algumas versões dizem que ele foi morto enquanto celebrava ritos helênicos.

92. Para as alusões neste capítulo à conduta de Períandros, veja-se Heródotos, *História*, I, 20-23; III, 48-53; V, 92.
93. 591-588 a.C..

O epitáfio escrito por nós a seu respeito é o seguinte[94]:

> (103) "Voltando à Cítia depois de muito viajar, Anácarsis induzia todos os citas a viverem de acordo com os costumes helênicos. Sua alocução ainda estava incompleta nos lábios quando uma seta alada o levou velozmente para o meio dos imortais."

Anácarsis dizia que as vinhas produzem três tipos de uvas: o primeiro do prazer, o segundo da embriaguez e o terceiro do desgosto. Ele comentava que se admirava porque na Hélade os artistas competiam nos concursos por ocasião dos jogos e os leigos conferiam prêmios. Quando lhe perguntaram como uma pessoa poderia evitar o risco de tornar-se alcoólatra, ele respondeu: "Tendo diante dos olhos a imagem repugnante dos ébrios." Anácarsis também expressou surpresa em face do fato de os legisladores helênicos imporem penalidades para punir a violência, enquanto honravam os atletas por se espancarem. Após tomar conhecimento de que a espessura do casco das naus era de quatro dedos, disse que essa era a distância que separava os navegantes da morte.

(104) Esse sábio dizia que o azeite de oliveira era uma droga capaz de causar a loucura, pois os atletas quando se untam com ele se enfurecem uns contra os outros. Como é possível, dizia também Anácarsis, que os helenos condenem a falsidade e ao mesmo tempo façam afirmações obviamente falsas quando negociam nas lojas?

Ele se mostrava surpreso também ao ver os helenos beberem no início das festas em taças pequenas, e quando já estavam saturados beberem nas grandes. As palavras inscritas em sua estátua são: "Refreia a língua, o ventre e o sexo." Quando lhe perguntaram se havia flautas na Cítia ele respondeu: "Não, nem vinhas." À pergunta "Quais são as naus mais seguras?" sua resposta foi: "As içadas para a praia." Outra declaração sua é a respeito da coisa mais estranha por ele vista na Hélade: os helenos deixarem a fumaça nas montanhas e trazerem a madeira para casa[95]. Perguntando-lhe alguém: "Quais são os mais numerosos: os mortos ou os vivos?", Anácarsis redargüiu: "Em que categoria pões os navegantes?" Insultado por um ateniense pelo fato de ser cita, o sábio respondeu: "Minha pátria me desabona, e tu desabonas a tua." (105) À pergunta: "Que coisa nos homens é ao mesmo tempo boa e má?" ele respondeu: "A língua." Anácarsis dizia que era preferível ter um amigo merecedor de grande estima a ter muitos amigos merecedores de nenhuma. Ele definia a praça do mercado como um lugar onde os homens podem enganar-se uns aos outros e trapacear. Insultado por um rapaz porque estava bebendo, o sábio disse: "Se não podes resistir ao vinho agora que és jovem, rapaz, carregarás água na velhice."

De acordo com algumas fontes Anácarsis teria sido o inventor da âncora e também da roda dos oleiros.

Atribui-se-lhe a seguinte carta:

Anácarsis a Croisos

"Vim à terra dos helenos, rei dos lídios, para aprender seus costumes e instituições. Não tenho necessidade de ouro, pois basta-me regressar à Cítia sendo um

94. *Antologia Palatina*, VII, 92.
95. Sob a forma de carvão.

homem melhor. Entretanto, estou em Sárdis, considerando importante para mim merecer a tua estima."

Capítulo 9. MÍSON[96]

(106) Segundo Sosícrates, cuja fonte é Hêrmipos, Míson era filho de Strímon e natural de Quen (um povoado no distrito de Oita ou na Lacônia), incluído entre os Sete Sábios. Constava que seu pai era um tirano. Alguns autores afirmam que, quando Anácarsis perguntou se havia alguém mais sábio que ele mesmo, a sacerdotisa pítia deu a resposta já citada na Vida de Tales[97] com referência a Quílon[98]:

"Digo que é Míson de Oita, nascido em Quen, muito mais capaz que tu em sapiência."

Aguçada assim a sua curiosidade, Anácarsis dirigiu-se ao povoado durante o verão, encontrando Míson ocupado em ajustar uma relha ao arado, e disse: "Ora, Míson! Não é este o tempo de arar!" A resposta foi: "Mas, é justamente o tempo de consertar!" (107) Outras fontes citam o primeiro verso do oráculo de maneira diferente: "Digo que um certo eteu", e indagam qual é a significação de "eteu". Parmenides[99] explica que Étis é um distrito na Lacônia, onde nasceu Míson (em sua obra *Sucessão dos Filósofos* Sosícrates diz que Míson era eteu por via do pai, e queneu por via da mãe; Eutífron, filho de Heracleides do Pontos, afirma que Míson era cretense, sendo Eteia uma cidade de Creta; Anaxílaos considera-o arcádio).

Hipônax menciona-o também dizendo[100]:

"E Míson, que Apolo proclamou o mais sábio dos homens."

Em suas *Memórias Esparsas* Aristôxenos diz que ele não diferia de Tímon e Apêimantos, pois era um misantropo. (108) Certa vez Míson foi visto em Esparta rindo sozinho num lugar deserto, e quando alguém apareceu subitamente e perguntou a razão de seu riso sem que ninguém estivesse perto, sua resposta foi: "Justamente por isso!" Aristôxenos diz que a causa de sua existência obscura foi a circunstância de ele não haver nascido em uma cidade, e sim num povoado sem importância. Em conseqüência de sua obscuridade alguns autores, mas não Platão, o filósofo, atribuem seus preceitos a Peisístratos. De fato, Platão menciona-o no Protagoras[101], dando-lhe o lugar atribuído por outros a Períandros.

Míson costumava dizer que não devemos investigar os fatos a partir dos argumentos, e sim os argumentos a partir dos fatos, pois não se reuniam os fatos para demonstrar os argumentos, e sim os argumentos para demonstrar os fatos.

Ele morreu com noventa e sete anos de idade.

Capítulo 10. EPIMENIDES[102]

(109) Segundo dizem Teôpompos e outros autores, o pai de Epimenides chamava-se Fáistios; outros, entretanto, afirmam que seu nome era Dosiadas, e

96. Estava no apogeu aproximadamente em 600 a.C..
97. Veja-se o § 30 deste livro.
98. *Antologia Palatina*, VI, 40.
99. Algumas autoridades modernas propõem a leitura "Parmeniscos" em vez de "Parmenides".
100. Fragmento 45 Bergk.
101. 343 A.
102. Estava no apogeu aproximadamente em 600 a.C..

outros ainda Agêsarcos. Cretense de estirpe, Epimenides nasceu em Cnossos, embora usasse os cabelos longos contrariando os costumes locais. Em certa época o pai mandou-o ao campo em busca de uma ovelha desgarrada, porém, aproximadamente ao meio-dia, Epimenides desviou-se do caminho e foi dormir numa caverna, onde teria ficado adormecido durante cinqüenta e sete anos. Despertando depois disso, Epimenides levantou-se e saiu à procura da ovelha, imaginando que estivera dormindo por pouco tempo. Não tendo podido encontrá-la, encaminhou-se para a fazenda, onde achou tudo mudado e de posse de outro dono. Em seguida, Epimenides voltou perplexo para a cidade, e lá, ao entrar em sua própria casa, viu-se cercado por pessoas desejosas de saber quem era ele; finalmente encontrou seu irmão mais novo, agora um homem idoso, e tomou conhecimento de toda a verdade por meio dele.

(110) Epimenides tornou-se famoso em toda a Hélade, e passou a ser considerado caríssimo aos deuses. Por isso, quando foram atingidos por uma pestilência e a sacerdotisa pítia determinou-lhes que purificassem a cidade, os atenienses mandaram a Creta uma nau comandada por Nícias, filho de Nicêratos, a fim de pedir ajuda a Epimenides. Ele chegou a Atenas durante a 46ª Olimpíada[103], purificou a cidade e pôs fim à pestilência da maneira seguinte. Obteve algumas ovelhas negras e brancas e levou-as para o Areópago; de lá Epimenides deixou-as irem para onde lhes aprouvesse, instruindo as pessoas que as seguiam no sentido de marcarem o lugar onde cada ovelha deitasse e oferecerem um sacrifício à divindade local. E assim terminou a calamidade. Por causa desse acontecimento é possível encontrar-se até hoje, em diferentes demos atenienses, altares sem nome, erigidos para perpetuar a memória dessa expiação. De conformidade com algumas autoridades, Epimenides atribuiu a pestilência ao sacrilégio envolvendo Cílon[104] e mostrou a maneira de extinguí-la. Com efeito, foram mortos dois jovens – Cratinos e Ctesíbios –, livrando-se assim a cidade do flagelo.

(111) Os atenienses decretaram que lhe fosse dado um talento[105], além de uma nau para levá-lo de volta a Creta. Epimenides recusou o dinheiro, porém pactuou amizade e aliança entre Cnossos e Atenas. Não muito tempo depois do regresso à pátria ele morreu. Segundo Flêgon, em sua obra *Da Longevidade* Epimenides viveu cento e cinqüenta e sete anos; de acordo com os cretenses, duzentos e noventa e nove (Xenofanes de Colofon[106] teria ouvido dizer que esse número seria cento e cinqüenta e quatro).

Epimenides compôs um poema intitulado *Sobre o Nascimento dos Curetes e Coribantes* e uma *Teogonia*, totalizando 5.000 versos; compôs também uma epopéia sobre a construção da nau Argó e a viagem de Iáson a Colquis em 6.500 versos. (112) Escreveu em prosa obras sobre os sacrifícios e sobre a constituição dos cretenses, bem como sobre Minos e Radamântis (cerca de 4.000 linhas ao todo). Fundou ainda em Atenas o templo das Eumenides, segundo o testemunho de Lôbon de Argos em sua obra *Sobre os Poetas*. Afirmava-se que ele purificou pela primeira vez casas e campos, e também fundou templos. Há quem sustente que

103. 595-592 a.C..
104. Veja-se Heródotos, *História*, V, 21.
105. O talento como unidade monetária equivalia a cerca de US$ 1.000.
106. Fragmento 20 Diels-Kranz.

Epimenides não adormeceu, mas se afastou dos homens durante algum tempo, dedicando-se a colher raízes com propriedades medicinais.

Conservou-se uma carta sua ao legislador Sôlon, tratando da constituição elaborada por Minos para os cretennses. Entretanto, Demétrios de Magnesia em sua obra *Homônimos* esforça-se por refutar a autenticidade dessa carta, demonstrando que a mesma é recente e não está escrita no dialeto cretense, e sim no ático (e no ático novo). Encontramos, porém, outra carta sua nos termos seguintes:

Epimenides a Sôlon

(113) "Coragem, amigo! Se Peisístratos houvesse atacado os atenienses enquanto ainda eram servos e antes de serem governados por boas leis, teria assegurado o poder perpétuo mediante a escravização dos cidadãos. Mas, nas circunstâncias predominantes, o tirano está impondo a sujeição a homens que não são covardes, cuja memória recorda a advertência de Sôlon e que nunca se conformarão com a tirania. Embora Peisístratos tenha conseguido dominar a cidade, espero que seu poder não seja transferido a seus filhos, pois é difícil compelir homens criados em liberdade sob as melhores leis a ser escravos. Nesse ínterim, em vez de viajar continuamente, vem tranqüilo para Creta, onde ficarás comigo; aqui não terás a temer um governante absoluto, ao passo que se algum dos amigos de Peisístratos encontrar-te enquanto viajas, temo que te sobrevenham males."

(114) São estes os termos da carta. Demétrios relata que Epimenides recebeu das Ninfas um certo alimento e o guardou no casco de uma vaca; ingeria pequenas porções desse alimento, que era inteiramente absorvido por seu organismo, e nunca foi visto comendo outra coisa. Tímaios menciona-o no segundo livro de sua obra. De acordo com alguns autores os cretenses realizavam sacrifícios em sua honra como se se tratasse de um deus, pois diziam que Epimenides possuía poderes divinatórios extraordinários. Por exemplo, vendo Muniquia em Atenas, ele disse que os atenienses ignoravam os muitos males que lhes adviriam daquele lugar; se soubessem, destruí-lo-iam ainda que tivessem de fazê-lo com seus próprios dentes; e disse-lhes isso muito tempo antes dos acontecimentos. Também se afirma que ele foi o primeiro a chamar-se Áiacos, que prognosticou aos lacedemônios sua derrota pelos arcádios, e que pretendia ter-se reencarnado muitas vezes.

(115) Teôpompos relata em sua obra *Maravilhas* que, quando Epimenides estava construindo o templo das Ninfas, uma voz vinda do céu gritou: "Não das Ninfas, Epimenides, mas de Zeus!", e que ele previu para os cretenses a derrota dos lacedemônios pelos arcádios, como dissemos pouco acima, na qual os primeiros foram aniquilados em Orcômenos.

Epimenides envelheceu em tantos dias quantos foram os anos da duração de seu sono, como atesta o mesmo Teôpompos. Em sua obra *Similaridades* Mironianôs declara que os cretenses o chamavam de Curetes. De conformidade com o lacônio Sosíbios, os lacedemônios guardam-lhe o corpo em sua própria terra, em obediência a um oráculo.

Houve dois outros homens chamados Epimenides: um genealogista, e o outro autor de uma obra escrita no dialeto dórico sobre Rodes.

Capítulo 11. FERECIDES[107]

(116) Ferecides, filho de Bábios, nasceu em Siros de acordo com Alêxandros em sua obra *Sucessão dos Filósofos*, e foi discípulo de Pítacos. Teôpompos diz que ele foi o primeiro a escrever para os helenos a respeito da natureza e da origem dos deuses.

Contam-se muitas histórias extraordinárias a seu respeito. Certa vez ele passeava pela praia em Samos e viu uma nau avançando a favor do vento, e predisse que dentro de não muito tempo ela afundaria; a nau soçobrou diante de seus olhos. Tirando água de um poço e bebendo-a, o filósofo prognosticou que no terceiro dia a contar daquele haveria um terremoto, e isso realmente aconteceu. Vindo de Olímpia para Messene, ele aconselhou Perílaos, seu anfitrião, a mudar-se com todos os seus parentes; Perílaos, todavia, não se deixou persuadir, e Messene foi capturada pouco tempo depois.

(117) Ferecides exortou os lacedemônios a não darem muita importância ao ouro e à prata, como diz Teôpompos nas *Maravilhas*, acrescentando que havia recebido essa ordem de Heraclés num sonho; na mesma noite Heraclés reiterou aos reis que obedecessem a Ferecides (alguns autores contam essa história a respeito de Pitágoras).

Hêrmipos relata que, deflagrada a guerra entre Éfesos e Magnesia, desejando a vitória dos efésios, Ferecides perguntou a um transeunte de onde ele vinha, e ouvindo a resposta "de Éfesos" disse: "Arrasta-me pelas pernas e deixa-me no território de Magnesia; vai também dizer a teus conterrâneos que após a sua vitória eles devem sepultar-me lá; estas são as ordens de Ferecides." (118) O homem transmitiu a mensagem; no dia seguinte os efésios atacaram e derrotaram os magnésios, encontraram Ferecides morto e o sepultaram no local, tributando-lhe honras esplêndidas. Outros autores contam que, indo a Delfos, ele se lançou do alto do monte Côricos. Mas, em sua obra *Pitágoras e sua Escola* Aristôxenos afirma que Ferecides morreu de morte natural e foi sepultado por Pitágoras em Delos; segundo outra versão ele morreu de ftiríase; Pitágoras estava presente e perguntou pelo estado de saúde do enfermo; este passou o dedo através da abertura da porta e exclamou: "Minha pele mostra!", frase usada subseqüentemente pelos gramáticos como equivalente a "piorando", embora alguns autores entendam-na erradamente como se significasse "tudo vai bem". (119) Ferecides dizia que os deuses chamavam a mesa de *thyorôs*[108].

Ândron de Éfesos menciona que houve duas pessoas nascidas em Siros com o nome de Ferecides; uma delas foi um astrônomo, e a outra (o filho de Bábis) um teólogo, professor de Pitágoras. Eratostenes, entretanto, diz que houve somente um Ferecides de Siros, sendo o outro um ateniense e genealogista. Conservou-se uma obra de Ferecides, cujo início é: "Zeus, Cronos e Ctônia sempre existiram; Ctônia recebeu o nome de *Gé* (Terra), porque Zeus a distinguiu com honrarias (*geras*)."[108a] Conservou-se também o seu relógio solar na ilha de Siros.

No segundo livro de sua obra *Horas* Dúris registra a seguinte inscrição existente em seu túmulo[109]:

107. Estava no apogeu aproximadamente em 540 a.C..
108. Isto é, "mesa dos sacrifícios".
108a. Fragmento 1 Diels-Kranz.
109. *Antologia Palatina*, VII, 93.

(120) "O pináculo de toda a sabedoria está em mim, mas se algo me acontecer dize a meu Pitágoras que ele é o primeiro entre todos na terra helênica. Falando assim não minto."

Íon de Quios escreveu a respeito de Ferecides[110]:

"Assim ele, insigne por seu mérito e modéstia viris, mesmo depois de morto sobrevive com a alma alegre, se Pitágoras, o sábio superior a todos os homens, vê e conhece as mentes."

Há também um epigrama de nossa autoria sobre ele, composto no metro ferecrático[111]:

"O famoso Ferecides, gerado em certa época por Siros, segundo se diz (121) foi desfigurado pelos piolhos e deu ordens para ser levado sem demora para a terra dos magnésios, a fim de poder proporcionar a vitória aos milésios cheios de nobreza. Foi esta a ordem do oráculo que somente ele conhecia; e lá morreu entre eles. Então é verdade que, se alguém é realmente sábio, é útil enquanto está vivo e até depois de reduzir-se a nada."

Ferecides estava no apogeu na 59ª Olimpíada[112] e escreveu a seguinte carta:

Ferecides a Tales

(122) "Desejo-te uma boa morte quando chegar a hora fatal. Estou doente desde que recebi tua carta. Os piolhos infestaram-me e padeço de acessos de febre violenta. Dei portanto instruções a meus familiares para te levarem meus escritos após o meu sepultamento. Se os aprovares juntamente com os outros sábios, manda publicá-los. Em caso contrário, não, pois eu mesmo não estou satisfeito com eles. Os fatos não estão perfeitamente corretos, nem tenho a pretensão de conhecer a verdade, mas somente as coisas que alguém percebe especulando sobre os deuses. O resto deve ser intuído, pois faço alusão a tudo por meio de enigmas. Cada dia mais abatido pela doença, não permiti que se aproximassem de mim nem os médicos nem meus amigos. A quem estava diante da porta e queria notícias de minha saúde exibi meu dedo pelo orifício da chave e mostrei o mal que me afligia, pedindo que voltassem no dia seguinte para sepultarem Ferecides."

São estes, então, os chamados Sábios, entre os quais alguns autores incluem também o tirano Peisístratos. Agora devemos falar dos filósofos, começando pela filosofia iônica. Seu fundador foi Tales, de quem Anaxímandros foi discípulo.

110. Fragmento 4 Bergk.
111. *Antologia Palatina*, III, 128.
112. 544-541 a.C..

LIVRO II

Capítulo 1. ANAXÍMANDROS[113]

(1) Anaxímandros, filho de Praxiades, nasceu em Míletos; afirmou que o princípio e elemento era o infinito, sem defini-lo como ar, ou água, ou qualquer outra coisa. Disse também que as partes sofrem mudanças, porém o todo é imutável; que a terra, esférica quanto à forma, fica no meio, ocupando o lugar central; que a lua não brilha com luz própria, derivando sua luminosidade do sol; além disso, o sol é tão grande quanto a terra e se compõe do fogo mais puro.

Anaxímandros foi o primeiro a imaginar o gnômon, pondo-o como relógio de sol na Lacedemônia[114], de acordo com Favorinos em suas *Histórias Variadas*, a fim de marcar os solstícios e os equinócios, e inventou também relógios para marcar as horas. (2) Ele foi também o primeiro a desenhar num mapa os contornos da terra e do mar, tendo construído também um globo.

A exposição de suas teorias tomou a forma de um sumário, que chegou ao conhecimento, entre outros, de Apolôdoros de Atenas. Este, em sua *Crônica*, diz que no segundo ano da 58ª Olimpíada[115] Anaxímandros tinha sessenta e quatro anos de idade, e que morreu não muito tempo depois. Sendo assim, ele estava no apogeu quase simultaneamente com Polícrates, o tirano de Samos[116]. Há uma história segundo a qual enquanto ele cantava alguns meninos riam; ouvindo falar nisso Anaxímandros disse: "Devo então melhorar meu canto por causa dos meninos."

Existiu outro Anaxímandros, também de Míletos, um historiador que escreveu no dialeto iônico.

Capítulo 2. ANAXIMENES[117]

(3) Anaximenes, filho de Eurístratos, nasceu em Míletos e estava entre os ouvintes de Anaxímandros. De acordo com alguns autores ele também teria ouvido as preleções de Parmenides, e admitiu como primeiro princípio o ar e o infinito. Sustentou que os astros se movem não por baixo da terra, e sim em torno dela, e escreveu no dialeto iônico, num estilo simples e despojado. Segundo Apolôdoros, ele viveu na época da captura de Sárdis e morreu na 63ª Olimpíada[118].

113. 611-546 a.C..
114. Heródotos (II, 109) atribui a descoberta do gnômon aos babilônios.
115. 547-546 a.C..
116. Há um anacronismo nessa referência, porquanto Polícrates morreu em 522 a.C.. A alusão estaria certa se fosse a Pitágoras, também natural de Samos, como imaginam alguns estudiosos.
117. Estava no apogeu aproximadamente em 546 a.C..
118. 528-525 a.C..

Houve duas outras pessoas com o mesmo nome, ambas de Lâmpsacos, sendo uma delas um retórico, e a outra um historiador, filho do irmão do retórico, que escreveu sobre os feitos de Alexandre, o Grande.

São desse filósofo as seguintes cartas:

Anaximenes a Pitágoras

(4) "Tales, o filho de Examias, foi vítima de um destino trágico na velhice. Ele saiu do átrio de sua casa à noite, como costumava fazer, acompanhado por uma serviçal, a fim de observar os astros; absorto na contemplação, ele esqueceu onde estava, chegando até a borda de um precipício, onde caiu; findou dessa maneira a vida do astrônomo dos milésios. Nós, seus seguidores, e nossos filhos e nossos discípulos, devemos preservar a memória daquele homem e continuar a entreter-nos com suas palavras em nossas conversas. Dediquemos o início de todas as nossas falas a Tales."

E outra:

Anaximenes a Pitágoras

(5) "Foste o mais sábio de nós quando tomaste a decisão de mudar-te de Samos para Crôton, onde vives em paz. Os descendentes de Aiaces tramam constantemente malefícios, e os tiranos[119] não se afastam de Miletos. O rei dos medos é outro motivo de terror para nós, ao menos quando não nos dispomos a pagar-lhe tributo; entretanto os iônios estão prontos a guerrear contra os medos a fim de assegurar a liberdade de todos, e uma vez envolvidos no conflito não teremos mais esperanças de salvação. Como pode então Anaximenes entregar-se tranqüilamente ao estudo dos céus sob a ameaça da morte ou da escravidão? Nesse ínterim és bem acolhido pelos crotoniatas e pelos outros helenos da Itália, e até da Sicília vêm numerosas pessoas ouvir-te."

Capítulo 3. ANAXAGORAS[120]

(6) Anaxagoras, filho de Hegesíbulos ou Êubulos, nasceu em Clazomênai. Era discípulo de Anaximenes e foi o primeiro a pôr o espírito (*nous*) acima da matéria (*hyle*); com efeito, o início de sua obra, composta numa linguagem agradável e elevada, é o seguinte: "Todas as coisas estavam juntas; depois veio o Espírito e as pôs em ordem." Por isso ele recebeu o apelido de Espírito, e Tímon, em suas *Sátiras*, escreve o seguinte[121]:

> "E dizem que há Anaxagoras, herói fortíssimo, chamado Espírito, porque ele próprio foi o espírito que despertou subitamente e harmonizou tudo que antes estava numa enorme confusão."

119. Literalmente *aisimnetai*, governantes com poderes absolutos por um período predeterminado, com o objetivo de enfrentar alguma situação grave.
120. 500-428 a.C..
121. Fragmento 24 Diels.

Ele se distinguiu pela riqueza e origem nobre, e além disso pela magnanimidade, pois entregou seu patrimônio aos parentes. (7) De fato, quando estes o acusaram de negligência Anaxagoras respondeu: "Por que, então, não cuidais dele?" Em seguida o filósofo passou a levar uma existência solitária, dedicando-se à contemplação da natureza, desinteressado dos assuntos políticos. Quando alguém lhe perguntou: "Não te preocupas com tua pátria?" ele respondeu apontando para o céu: "Cala-te! Preocupo-me muito com a minha pátria!"

Dizia-se que Anaxagoras tinha vinte anos de idade na época da invasão de Xerxes e que viveu setenta e dois anos. Em sua *Crônica* Apolôdoros afirma que o filósofo nasceu na 70ª Olimpíada[122], e morreu no primeiro ano da 88ª Olimpíada[123]. Começou a estudar filosofia em Atenas aos vinte anos, durante o arcontado de Calias[124] (Demétrios de Fáleron dá essa informação em sua lista de arcontes), e dizia-se que permaneceu lá durante trinta anos.

(8) Anaxagoras sustentava que o sol é uma massa incandescente e maior que o Peloponeso, embora outros autores atribuam essa opinião a Tântalos; ele acrescentava que havia moradas na lua, e além disso colinas e ravinas. Em sua opinião os primeiros princípios são as homeomerias; o filósofo sustentava que, da mesma forma que o ouro se compõe de partículas finas chamadas pó de ouro, o universo é constituído de corpúsculos formados de partes homogêneas. Seu princípio de movimento era o Espírito; dos corpos, alguns, como a terra, são pesados e ocupam as regiões inferiores; outros, leves como o fogo, mantêm-se na região superior, enquanto a água e o ar estão numa posição intermediária. Dessa maneira o mar tem como sua base subjacente a terra, que é plana, após a evaporação da umidade pelo sol. (9) A princípio os astros moviam-se no céu como numa cúpula, de tal maneira que o pólo celeste, sempre visível, estava no vértice da terra, em posição vertical, porém mais tarde se inclinou. A Galáxia é um reflexo da luz dos astros não iluminados pelo sol; os cometas são uma conjunção de planetas que emitem chamas; as estrelas cadentes assemelham-se a centelhas que vibram por causa do ar. Os ventos manifestam-se quando o ar se torna rarefeito por causa do calor do sol; o trovão é uma colisão de nuvens, e o relâmpago é sua fricção violenta; o terremoto é uma retração de ar no interior da terra.

Os animais resultaram da umidade, do calor e de uma substância proveniente da terra; posteriormente as espécies propagaram-se mediante a geração dos seres uns pelos outros, os machos do lado direito, as fêmeas do esquerdo.

(10) Conta-se que Anaxagoras prognosticou a queda em Aigos Potamoi de um meteorito, que segundo o filósofo se destacara do sol. Por isso Eurípides, que foi seu discípulo, chama o sol de "massa de ouro" em sua tragédia *Faéton*[125]. Além disso, estando certa vez em Olímpia ele sentou-se no estádio vestindo uma capa de pele de carneiro como se fosse chover, e choveu. A quem lhe perguntou se os montes em Lâmpsacos algum dia seriam banhados pelo mar Anaxagoras respondeu: "Sim; é apenas uma questão de tempo." Perguntando-lhe alguém para que fim ele havia nascido, o filósofo respondeu: "Para a contemplação do sol,

122. 500-497 a.C..
123. 428 a.C..
124. Em 456 a.C., ou talvez em 480, com a correção do texto para Caliades, proposta por alguns editores.
125. Fragmento 783 Nauck.

da lua e do céu." A quem lhe disse: "Estás perdendo o convívio dos atenienses" sua resposta foi: "Eu não; são eles que perdem o meu." Ao ver o túmulo de Máusolos suas palavras foram: "Um túmulo dispendioso é a imagem da riqueza petrificada." (11) A alguém que se queixava de estar morrendo em terra estrangeira sua réplica foi: "De qualquer ponto da terra a descida para o Hades é a mesma."

Em suas *Histórias Variadas* Favorinos diz que Anaxagoras foi o primeiro a sustentar que Homero, em seus poemas, trata principalmente da excelência e da justiça, e essa tese foi defendida com maior amplitude por seu amigo Metrôdoros de Lâmpsacos, o primeiro autor a ocupar-se da doutrina do poeta acerca da natureza. Anaxagoras foi ainda o primeiro filósofo a publicar sua própria obra. No primeiro livro de sua *História* Silenôs afirma que durante o arcontado de Dêmilos[126] caiu uma pedra do céu, (12) e Anaxagoras declarou que todo o céu é constituído de pedras, que a velocidade de sua rotação o mantém coeso, e que se ela diminuísse o céu cairia.

Há versões diferentes do processo contra Anaxagoras. Em sua obra *Sucessão dos Filósofos* Sotion diz que ele foi acusado de impiedade pelo demagogo Cleôn por haver declarado que o sol é uma massa de metal incandescente. O mesmo autor acrescenta que Péricles o defendeu e Anaxagoras foi multado em cinco talentos, além de ser banido. Em suas *Vidas* Sátiros afirma que seu acusador foi Tucídides, o adversário político de Péricles, e a acusação foi não somente de impiedade mas também de simpatia pelos medos, e ainda que Anaxagoras foi condenado à morte à revelia. (13) Ao receber a notícia de que fora condenado e de que seus filhos estavam mortos, seu comentário sobre a sentença foi: "Há muito tempo meus juízes e eu mesmo fomos condenados à morte pela natureza"; sobre seus filhos ele disse: "Eu sabia que eles nasceram mortais." Alguns autores, entretanto, contam a mesma história a propósito de Sôlon, e outros de Xenofon. Em sua obra *Da Velhice* Demétrios de Fáleron afirma que Anaxagoras sepultou os filhos com suas próprias mãos. Nas *Vidas* Hêrmipos diz que o filósofo estava confinado na prisão à espera da execução; Péricles apareceu e perguntou aos atenienses se eles tinham algo a reprovar em sua conduta na vida pública; diante da resposta negativa ele disse: "Pois sou discípulo de Anaxagoras; não vos deixeis levar por caluniadores, não condeneis este homem à morte; deixai-me persuadir-vos e libertai-o!" E assim Anaxagoras foi solto, porém não pôde suportar o opróbrio e pôs fim à vida. (14) No segundo livro de suas *Notas Esparsas* Hierônimos afirma que Péricles o conduziu ao tribunal de tal maneira debilitado e consumido pela doença que sua absolvição se deveu mais à comiseração dos juízes que ao mérito de sua causa. São essas as circunstâncias pertinentes a seu processo.

Supunha-se que Anaxagoras fosse hostil a Demôcritos, porque não conseguiu ser admitido em suas conversas. Afinal ele retirou-se para Lâmpsacos, onde morreu. Quando os dirigentes da cidade perguntaram se podiam fazer alguma coisa por ele, o filósofo respondeu que ficaria satisfeito se instituíssem um feriado anual dedicado aos meninos no mês de sua morte; até hoje observa-se essa instituição. (15) Os lampsacenos sepultaram-no honrosamente e mandaram gravar sobre sua sepultura a seguinte inscrição[127]:

126. Não há qualquer referência a um arconte com este nome em Atenas; Diels sugere Demotion, arconte em 470 a.C..

127. *Antologia Palatina*, VII, 94.

"Aqui jaz Anaxagoras, que na busca da verdade se alçou até os confins dos céus."

Há também um epigrama de nossa autoria sobre ele[128]:

"Certa vez Anaxagoras disse que o sol é uma massa incandescente, e por ter dito isso deveria morrer; seu amigo Péricles salvou-o, mas ele pôs fim à própria vida, com a tranqüilidade que a sabedoria dá."

Houve três outros homônimos de Anaxagoras, nenhum dos quais teve as qualidades do filósofo; um deles foi um retórico da escola de Isocrates; outro, um escultor, mencionado por Antígonos; e outro um gramático, discípulo de Zenôdotos.

Capítulo 4. ARQUÊLAOS[129]

(16) Arquêlaos, filho de Apolôdoros ou, segundo dizem alguns autores, de Mídon, era ateniense ou milésio; foi discípulo de Anaxagoras e mestre de Sócrates, e trouxe pela primeira vez a filosofia natural da Iônia para Atenas; qualificavam-no de naturalista porque com ele terminou a filosofia natural, quando Sócrates introduziu a ética. Parece, aliás, que o próprio Arquêlaos não foi alheio à ética, pois filosofou sobre as leis, o belo e o justo; Sócrates, que adotou e ampliou suas concepções, é considerado o criador da ética. Arquêlaos sustentava que havia duas causas para o devenir – o calor e o frio –; que os seres vivos se originaram do lodo, e que o justo e o torpe não existem por natureza, e sim por convenção.

(17) Sua teoria naturalista baseia-se no seguinte raciocínio: a água evapora-se sob a ação do calor, e quando, precipitando-se, condensa-se por causa do fogo, produz a terra; ao inundar tudo em sua volta gera o ar; sendo assim, a terra é limitada pelo ar, e o ar pelo fogo que circunda tudo. Os seres vivos, diz Arquêlaos, são gerados pela terra quando é aquecida e se recobre de lodo com a consistência do leite para servir de nutriente; e assim a terra produziu até os homens. Ele explicou pela primeira vez a voz como sendo uma concussão do ar, e a formação do mar em concavidades como sendo devida a infiltrações através da terra. O sol é o maior dos astros e todo o universo é infinito.

Existiram três outros homônimos de Arquêlaos: o corógrafo que descreveu as regiões percorridas por Alexandre, o Grande; o autor de uma obra sobre as singularidades da natureza, e o terceiro foi um retórico que escreveu sobre a sua arte.

Capítulo 5. SÓCRATES[130]

(18) Sócrates era filho do escultor Sofroniscos e da parteira Fainareté, como diz Platão no *Teáitetos*[131]; nasceu em Atenas, no demo Alopece. Acreditava-se que ele

128. *Antologia Palatina*, VII, 95.

129. Estava no apogeu em 450 a.C..

130. 469-399 a.C..

131. 149 A.

colaborava com Eurípides na composição das peças deste último; por isso Mnesímacos[132], sob o nome de Telecleides, escreve:

"*Os Frígios* é um novo drama de Eurípides, e Sócrates contribui com a lenha para frigir."[133]

Mnesímacos também escreve:

"Eurípedes com pregos socráticos."

E Calias nos *Cativos*[134]:

"A. Por que estás com a fisionomia tão grave e pensativa?
B. Tenho boas razões; o autor é Sócrates."

E Aristófanes nas *Nuvens*[135]:

"Ele compõe para Eurípides tragédias cheias de palavrório, mas também de sabedoria."

(19) Segundo alguns autores Sócrates foi discípulo de Anaxagoras, e também de Dâmon, como afirma Alêxandros em sua obra *Sucessão dos Filósofos*. Por ocasião do veredito contra Anaxagoras ele passou a ser discípulo de Arquêlaos, o naturalista, de quem, a crer em Aristôxenos, foi amante. Dúris apresenta-o como tendo sido escravo e trabalhado em obras de pedra (alguns autores dizem que ele esculpiu as Graças vestidas existentes na Acrópole). Por isso Tímon escreve nas *Sátiras*[136]:

"Destes divergiu o escultor, um tagarela sobre leis que encantou os helenos, mestre em argumentos sutis, bom de olfato, sarcástico em relação aos retóricos refinados, meio ático, irônico."

Sócrates era um orador extraordinário, segundo Idomeneus; além disso, como diz Xenofon[137], os Trinta proibiram-no de ensinar a arte da palavra: (20) Em suas comédias Aristófanes critica-o por fazer o discurso pior parecer o melhor. Em suas *Histórias Variadas* Favorinos diz que Sócrates e seu discípulo Aisquines foram os primeiros a ensinar retórica. A informação é confirmada por Idomeneus em sua obra *Sobre os Socráticos*. Ele foi igualmente o primeiro a discutir a respeito da vida, e o primeiro filósofo a morrer em decorrência de uma condenação à pena capital. Aristôxenos, o filho de Spíntaros, diz que Sócrates conseguiu enriquecer: reaplicava o capital e tirava somente os juros, gastando apenas a renda e reinvestindo o principal.

(21) Demétrios de Bizântion afirma que Crítias o tirou da oficina e o educou, cativado pelo encanto de sua alma; convencido de que o estudo da natureza nada tem a ver conosco, Sócrates passou a discutir questões morais na praça do mercado, e costumava dizer que o objeto de suas indagações era

"o que se faz em casa de mal ou de bem"[138].

132. Fragmentos 39-40 Edmonds (sob o nome de Telecleides).
133. Um trocadilho com *Phryges* (Frígios) e *phrýgana* (achas de lenha).
134. Fragmento 12 Edmonds.
135. Fragmento 376 Edmonds (da primeira versão da comédia).
136. Fragmento 25 Diels.
137. *Memorabília*, I, 2, 31.
138. Homero, *Ilíada*, IV, 392.

Freqüentemente sua conversa nessas indagações tendia para a veemência, e então seus interlocutores golpeavam-no com os punhos ou lhe arrancavam os cabelos; na maior parte dos casos Sócrates era desprezado e ridicularizado, mas tolerava todos esses abusos pacientemente. Incidentes desse tipo chegaram a tal ponto que certa vez, suportando com a calma habitual os pontapés que recebera de alguém, a uma pessoa que manifestou admiração por sua atitude o filósofo respondeu: "Se eu recebesse coices de um asno levá-lo-ia por acaso aos tribunais?" Essas observações são de Demétrios.

(22) Ao contrário da maioria dos filósofos, não lhe pareceu necessário viajar, a não ser em expedições militares. Durante o resto da vida ele permaneceu em sua cidade, entregando-se cada vez mais à sua ânsia de indagação, conversando com todos que desejassem entreter-se com ele, pois seu objetivo não era levar os outros a renunciarem às suas opiniões, e sim chegar à verdade. Dizem que Eurípides lhe deu a obra de Heráclеitos e perguntou o que Sócrates pensava a respeito da mesma; sua resposta foi: "A parte que entendi é excelente, tanto quanto – atrevo-me a dizer – a parte que não entendi, porém seria necessário um mergulhador délio para chegar ao fundo."

Sócrates dedicava-se a exercícios físicos e se mantinha em boa forma. Participou da expedição militar a Anfípolis, e quando Xenofon caiu de seu cavalo na batalha de Délion ele se deteve e salvou-lhe a vida. (23) De fato, na fuga generalizada dos atenienses ele retirou-se tranqüilamente, voltando-se de vez em quando, pronto a defender-se em caso de ataque. Serviu igualmente em Potídaia, para onde fora por mar porque as comunicações terrestres estavam interrompidas pela guerra; naquela ocasião, segundo consta, o filósofo permaneceu durante uma noite inteira na mesma posição, conquistando o prêmio de bravura. Entretanto, Sócrates renunciou em favor de Alcibíades, por quem, segundo Arístipos no quarto livro de seu tratado *Sobre a Vida Luxuriosa dos Antigos*, Sócrates estaria apaixonado. Íon de Quios relata que em sua juventude ele visitou Samos em companhia de Arquêlaos, e Aristóteles[139] menciona sua ida a Delfos; Sócrates foi também ao istmo, segundo Favorinos em suas *Memórias*.

(24) Seu ânimo forte e seus sentimentos democráticos evidenciam-se em face de sua recusa em ceder diante de Crítias e de seus colegas quando lhe ordenaram que trouxesse o rico Léon de Salamina à presença dos mesmos para ser executado, e posteriormente pelo fato de somente ele ter votado a favor da absolvição dos dez generais; além disso, quando teve oportunidade de escapar da prisão, negou-se a fazê-lo e repreendeu severamente os amigos que lamentavam seu destino; naquela ocasião, embora estivesse agrilhoado, lhes dirigiu seus discursos mais memoráveis.

Sócrates foi um homem independente e da mais alta dignidade. No sétimo livro de seus *Comentários* Panfile menciona a oferta que Alcibíades lhe fez de um grande terreno onde poderia construir uma casa; Sócrates, todavia, replicou: "Suponhamos então que eu necessitasse de sandálias e me oferecesses um couro inteiro para fazer um par; seria ridículo se eu aceitasse." (25) Muitas vezes, observando a grande quantidade de mercadorias expostas à venda, ele dizia a si mesmo: "De quantas coisas não tenho necessidade!" O filósofo repetia constantemente os seguintes versos iâmbicos[140]:

139. Fragmento 2 Rose.
140. Fragmento 20 Diehl, *Anthologia Lyrica Graeca*.

"Objetos de prata e mantos de púrpura são úteis a atores trágicos, e não para vivermos."

Ele alardeava seu desdém por Arquêlaos da Macedônia, Scopas de Crânon e Eurílocos de Lárissa, recusando-se a aceitar seus presentes e ir às suas cortes. Sócrates era tão cuidadoso em sua maneira de viver que em diversas ocasiões, durante a pestilência que irrompeu em Atenas, foi o único habitante que não adoeceu.

(26) Aristóteles[141] diz que Sócrates se casou com duas mulheres; a primeira foi Xantipe, com a qual teve um filho, Lamproclés; a segunda foi Mirtó, filha de Aristeides, o Justo, com a qual o filósofo casou-se sem dote e teve Sofroniscos e Menêxenos. Outros autores dizem que a primeira mulher foi Mirtó, enquanto outros, inclusive Sátiros e Hierônimos de Rodes, afirmam que ambas foram suas mulheres ao mesmo tempo. Com efeito, esses autores dizem que havia escassez de homens em Atenas, e desejando aumentar a população, a cidade promulgou um decreto permitindo a cada cidadão ateniense casar-se com uma cidadã e procriar também com outra; Sócrates teria feito isso.

(27) Ele era capaz de desdenhar quem o ridicularizasse, e se orgulhava de sua vida simples e de jamais haver aceito recompensa de ninguém; costumava dizer que apreciava principalmente o alimento que requeria o mínimo de temperos que considerava mais agradável a bebida que não lhe despertava a vontade de beber mais, e que estava mais próximo dos deuses pelo fato de ter o mínimo de necessidades. Pode-se ver que as coisas se passavam assim pelas alusões dos poetas cômicos, os quais, sem perceber, cobriam-no de elogios enquanto imaginavam ridicularizá-lo.

Por exemplo, Aristófanes[142]:

"Homem que desejasse justamente atingir a alta sapiência, quão feliz serás entre os atenienses e helenos! Tens a memória tenaz, és um pensador profundo, resistes à fadiga graças a teu caráter; jamais te cansas, quer estejas parado ou caminhando, nunca sofres com o frio, nunca anseias pelo desjejum; absténs-te da bebida e do excesso de comida e de outras frivolidades irracionais!"

(28) Ameipsias também, apresentando-o envolto num manto longo, diz o seguinte[143]:

"A. Vem juntar-te a nós, Sócrates, o melhor dos homens entre poucos e o mais tolo entre muitos! És um tipo robusto. Onde poderemos obter um manto adequado a ti?
B. Essa dificuldade é um insulto aos remendões.
A. Este homem, embora faminto, nunca se animou a adular."

Seu espírito desdenhoso e altivo é mostrado também por Aristófanes ao dizer[144]:

"Porque caminhas de cabeça erguida pelas ruas, girando os olhos, e suportas descalço muitas dificuldades, mostras-te diante de nós com o olhar altivo."

141. Fragmento 93 Rose.
142. *Nuvens*, 412-417.
143. Fragmento 9 Edmonds.
144. *Nuvens*, 362-363.

Sócrates adaptava-se às circunstâncias e vestia, quando era o caso, roupas esplêndidas, como no *Banquete* de Platão[145], onde está a caminho da casa de Agáton.

(29) Era igualmente hábil em ambos os sentidos, tanto para persuadir como para dissuadir; por exemplo, após uma conversa com Teáitetos a propósito da ciência ele o mandou embora, segundo diz Platão, como se o inspirasse um impulso divino; mas, quando Eutífron havia movido uma ação contra seu próprio pai pelo assassínio de um estrangeiro, Sócrates, após conversar com ele a propósito da piedade, dissuadiu-o de levar avante seu propósito. Mediante exortações o filósofo também imprimiu em Lísis um caráter excelente; com efeito, sua habilidade em tirar os argumentos dos fatos era grande. Quando seu filho Lamproclés estava fortemente agastado com a mãe, Sócrates fê-lo sentir-se envergonhado de si mesmo, como afirma Xenofon num trecho de suas obras. E Sócrates, vendo Gláucon, irmão de Platão, desejoso de entrar na política, dissuadiu-o dessa intenção, de acordo com o testemunho de Xenofon, por causa de sua inexperiência; ao contrário, encorajou Carmides a dedicar-se à política, considerando-o bem dotado para essa atividade[146].

(30) Ele inspirou em Ificrates, o general, um ânimo guerreiro, mostrando-lhe como os galos de briga de Meidias, o barbeiro, abriam as asas desafiando os de Calias. Glauconides acreditava que Sócrates podia dar prestígio à cidade como um faisão ou pavão.

O filósofo costumava dizer que era estranho que, se perguntasse a alguém quantas ovelhas tinha, essa pessoa poderia mencionar facilmente o número exato, enquanto não podia dar o nome de seus amigos e dizer quantos tinha, tão pequeno era o valor que lhes atribuía. Vendo Eucleides profundamente interessado em argumentações erísticas, Sócrates lhe disse: "És capaz de entender-te com os sofistas, Eucleides, porém nunca com os homens." Com efeito, ele não via a mínima utilidade nessa espécie de seccionamento de um cabelo ao meio no sentido do comprimento, como Platão nos mostra no *Eutídemos*.

(31) Noutra ocasião, quando Carmides lhe oferecia uns poucos escravos para proporcionar-lhe algum lucro, o filósofo recusou a oferta. De acordo com alguns autores Sócrates desprezou a beleza de Alcibíades. Ele louvava o lazer como a mais bela possessão, de acordo com Xenofon em seu *Banquete*. Em sua opinião existia apenas um bem – o conhecimento –, e apenas um mal – a ignorância –; riqueza e nobreza de nascimento não conferem dignidade a quem as tem; ao contrário, trazem somente mal. Havendo-lhe dito alguém que a mãe de Antistenes era trácia, sua réplica foi: "Pensavas que um homem tão nobre podia ter nascido de pai e mãe atenienses?" Sócrates deu ordens a Críton para resgatar Fáidon que, aprisionado em tempo de guerra, estava reduzido à condição degradante de escravo, conquistando-o assim para a sua filosofia.

(32) Além do mais ele aprendeu na velhice a tocar a lira, dizendo que não via absurdo algum em ficarmos conhecendo o que não sabemos. Mais ainda: segundo Xenofon no *Banquete*, Sócrates costumava dançar, considerando que esse exercício ajudava a manter o corpo são. Declarava que um demônio lhe predissera o futuro;

145. 174 A.
146. Veja-se Xenofon, *Memorabilia*, III, 7.

que saber obedecer não era pouca coisa, mas se conquista aos poucos; e que ele nada sabia exceto que nada sabia. Dizia que, quando as pessoas pagam um alto preço por uma fruta amadurecida antes do tempo não podem ter esperanças de ver a fruta amadurecer na época própria. À pergunta: "Em que consiste a excelência de um jovem?", sua resposta foi: "Em nada fazer em excesso." Afirmava que se devia estudar a geometria até o ponto em que se soubesse medir a terra comprada ou vendida.

(33) Ouvindo o verso da tragédia *Auge* de Eurípides, onde o poeta diz da excelência:

"É melhor deixá-la andar ao acaso"[147],

Sócrates levantou-se e saiu do teatro, alegando que é ridículo ter o poder de indagar sobre um escravo desaparecido e deixar a excelência desaparecer dessa maneira. Alguém lhe perguntou se deveria casar-se ou não, e a resposta foi: "Em ambos os casos te arrependerás." Ele expressava geralmente perplexidade diante do fato de os escultores de estátuas de mármore se esforçarem por transformar o bloco de mármore na semelhança perfeita de um homem, ao passo que nada fazem em relação a si mesmos com o objetivo de não se tornarem simples blocos de pedra. Sócrates recomendava aos jovens que se olhassem constantemente no espelho, visando conseguir que os homens belos tenham uma conduta adequada à sua beleza, e que os feios escondam seus defeitos graças à educação.

(34) O filósofo convidara alguns homens ricos para jantar, e Xantipe disse que estava envergonhada com a comida: "Não te preocupes", disse ele, "pois se forem moderados os convidados ficarão satisfeitos com a refeição; se forem grosseiros, não nos incomodaremos com eles." Sócrates costumava dizer que os outros homens viviam para comer, enquanto ele comia para viver. Da massa de homens sem mérito o filósofo dizia que era como se alguém recusasse um tetradracma como falso e admitisse como legítimo um monte de tais moedas. Aisquines disse-lhe: "Sou pobre e nada mais tenho a dar-te além de mim mesmo"; Sócrates respondeu: "Ora! Não percebes que me estás oferecendo o maior de todos os presentes?" (35) A alguém que se queixava de haver sido preterido quando os Trinta assumiram o poder ele disse: "Não estás triste por isso; ou estás?" A certa pessoa que lhe disse que os atenienses o tinham condenado à morte, sua resposta foi: "Eles também, pela natureza" (alguns autores atribuem essas palavras a Anaxagoras). Quando sua mulher lhe disse: "Morrerás injustamente", o filósofo retrucou: "Querias que eu morresse justamente?" Sócrates sonhou que alguém lhe dizia:

"No terceiro dia verás da Ftia dos campos férteis"[148],

e falou a Aisquines: "Dentro de três dias morrerei."

Pouco antes de Sócrates beber a cicuta Apolôdoros ofereceu-lhe um belo manto, para vesti-lo na hora da morte. "Por que", disse ele, "meu próprio manto foi bastante bom para ser usado em vida, mas não na morte?" Ouvindo dizer que alguém falara mal dele, Sócrates comentou: "É natural, pois essa pessoa nunca aprendeu a falar bem." (36) Quando Antistenes moveu o seu manto de forma a deixar visível um rasgão no mesmo, o filósofo disse: "Vejo tua vaidade através do

147. Esse verso aparece também na *Electra* (379) do mesmo poeta. Veja-se Nauck, *Tragicorum Graecorum Fragmenta*, página 437 da segunda edição.
148. *Ilíada*, IX, 363.

manto." A alguém que falou: "Não achas que tal pessoa te injuria?" Sócrates respondeu: "Não, pois essas coisas não me atingem." Ele costumava dizer que as pessoas deviam expor-se espontaneamente às invectivas dos poetas cômicos, pois satirizando nossos defeitos eles nos corrigem, e se não os tivermos não seremos atingidos. Quando Xantipe o injuriou pela primeira vez e o encharcou com água, Sócrates comentou: "Eu não disse que a trovoada de Xantipe acabaria em chuva?" A Alcibíades, que achava insuportáveis as injúrias de Xantipe, o filósofo retrucou: "Acostumei-me a isso, como se se tratasse do rumor incessante de um sarilho. (37) E não te incomodas o grasnar dos gansos?" "Não", replicou Alcibíades, "e eles me dão ovos e gansinhos". "E Xantipe", treplicou Sócrates, "é a mãe de meus filhos". Certa vez Xantipe, em plena praça do mercado, arrancou-lhe o manto; como seus acompanhantes o instassem a puni-la esmurrando-a, o filósofo disse: "Sim, por Zeus, de modo a que enquanto nós dois nos engajamos num pugilato, cada um de vós nos exorte gritando: Muito bem, Sócrates! Muito bem, Xantipe!" Sócrates dizia que diante de uma mulher violenta devemos comportar-nos como os cavaleiros com os corcéis fogosos; "da mesma forma que, quando estes conseguem domá-los, podem lidar facilmente com os outros, eu, na convivência com Xantipe, aprendo a adaptar-me a todas as pessoas".

Essas e outras frases e feitos semelhantes testemunham o acerto da sacerdotisa pítia ao dar a Cairefon a famosa resposta:

"Sócrates, de todos os homens o mais sábio."

(38) Por isso ele era muito invejado, e mais ainda porque qualificava de estultos aqueles que se tinham em alto conceito, como por exemplo Ânitos, de acordo com o *Mênon* de Platão[149]. Com efeito, Ânitos não tolerou ser ridicularizado por Sócrates, e foi o primeiro a insuflar contra ele Aristófanes e seus amigos; mais tarde ajudou a persuadir Mêletos a acusá-lo sob a alegação de impiedade e de corrupção da juventudade.

A acusação foi apresentada por Mêletos, e Políeuctos pronunciou o libelo, segundo Favorinos em suas *Histórias Variadas*. O autor do discurso foi o sofista Policrates, como diz Hêrmipos (alguns autores afirmam que foi Ânitos). O demagogo Lícon incumbiu-se de todos os preparativos necessários.

(39) Antistenes, em sua *Sucessão dos Filósofos*, e Platão, em sua *Apologia*, dizem que houve três acusadores – Ânitos, Lícon e Mêletos –; Ânitos foi o porta-voz do ressentimento dos artífices e políticos, Lícon dos retóricos e Mêletos dos poetas (todas essas classes tinham sido satirizadas por Sócrates). No primeiro livro de suas *Memórias* Favorinos demonstra que o discurso de Policrates contra Sócrates não é autêntico, pois menciona-se a reconstrução das muralhas por Cônon, efetuada seis anos após a morte de Sócrates. E isso é um fato.

(40) A declaração jurada, que ainda se conserva, tinha o seguinte teor de conformidade com Favorinos em sua obra *Metrôon*: "Esta acusação e declaração é jurada por Mêletos, filho de Mêletos de Pitos, contra Sócrates, filho de Sofroniscos de Alopece: Sócrates é culpado de recusar-se a reconhecer os deuses reconhecidos pelo Estado, e de introduzir divindades novas, e é também culpado de corromper a juventude. Pena pedida: a morte." Depois de ter lido toda a sua defesa escrita por Lísias, o filósofo declarou: (41) "Um belo discurso, Lísias, mas não é adequado ao meu caso." Com efeito, a composição de Lísias era evidentemente mais forense

149. 95 A.

que filosófica. Lísias retrucou: "Se se trata de um belo discurso, como pode faltar-lhe adequação ao teu caso?" Sócrates replicou: "Ora: belos mantos e calçados não me seriam também inadequados?"

Em sua obra *A Guirlanda*, Justos de Tiberias diz que durante o julgamento Platão subiu à tribuna e começou a falar: "Homens de Atenas! Embora sendo o mais novo de todos os que em qualquer tempo subiram a essa tribuna", porém foi interrompido pelos gritos dos juízes: "Desce! Desce!" Sócrates foi condenado por 281 votos a mais que os dados para a absolvição, e quando os juízes começaram a deliberar sobre a pena ou multa a ser imposta ao réu, Sócrates propôs pagar 25 dracmas (Eubulides diz que na realidade ele ofereceu 100). (42) Vendo que sua proposta causara tumulto entre os juízes o filósofo disse: "Pelos serviços por mim prestados ao Estado, estipulo como penalidade a minha manutenção no Pritaneu a expensas do Tesouro público." A pena imposta foi a morte, com oitenta votos adicionais. Sócrates foi levado à prisão e poucos dias depois bebeu a cicuta, após haver feito muitos discursos excelentes, conservados por Platão no *Fáidon*. De acordo com alguns autores ele além disso compôs um peã cujo início é o seguinte:

> "Apolo Délio e Ártemis, salve, prole gloriosa!"

Dionisôdoros afirma que o peã não é de sua autoria. O filósofo também compôs uma fábula à maneira de Esopo, com pouca arte, cujo início é[150]:

> "Certa vez Esopo declarou aos cidadãos coríntios: Não julgueis a excelência usando como critério o saber dos juízes populares."

(43) E assim Sócrates deixou de estar entre os homens; passado pouco tempo os atenienses arrependeram-se, fecharam as palestras e os ginásios atléticos, baniram os outros acusadores e condenaram Mêletos à morte; além disso honraram Sócrates com uma estátua de bronze, obra de Lísipos, erigida no recinto destinado às procissões. Ânitos, recém-chegado a Herácleia, foi expulso pelos habitantes da cidade no mesmo dia. Não somente no caso de Sócrates, mas ainda em muitos outros, os atenienses comportaram-se dessa maneira; de fato, segundo Heracleides eles multaram Homero em 50 dracmas como louco, e disseram que Tirtaios era um desvairado, enquanto homenageavam Astidamas com uma estátua de bronze antes de Ésquilo e seus parentes. (44) Eurípides censura-os no *Palamedes* dizendo[151]:

> "Matastes, matastes o onisciente rouxinol das Musas, que a ninguém magoou!"

Esta é uma das versões, porém Filôcoros afirma que Eurípides morreu antes de Sócrates.

De acordo com Apolôdoros em sua *Crônica*, Sócrates nasceu durante o arcontado de Apsefion, no quarto ano da 77ª Olimpíada[152], no sexto dia do mês Targelion, quando os atenienses purificam a cidade, e segundo os délios a data do nascimento de Ártemis.

O filósofo morreu no primeiro ano da 95ª Olimpíada[153], aos setenta anos de idade. Demétrios de Fáleron menciona esses dados, porém alguns autores dizem

150. *Antologia Planúdea*, IV, 16.
151. Fragmento 588 Nauck.

que a morte de Sócrates ocorreu aos sessenta anos. (45) Ambos foram ouvintes de Anaxagoras – queremos dizer Sócrates e Eurípides –, sendo que este último nasceu na 75ª Olimpíada, durante o arcontado de Caliades[154].

Em nossa opinião Sócrates discorreu também a respeito da natureza,pois entreteve algumas conversas sobre a providência, segundo o próprio Xenofon, que entretanto afirma que o filósofo discutiu somente ética. Mas Platão, após referir-se a Anaxagoras e outros filósofos naturalistas na *Apologia*[155], fala de argumentos cujo conhecimento Sócrates negava, embora Platão lhe atribuísse tudo.

Aristóteles[155a] relata que um mago vindo da Síria para Atenas predisse a Sócrates, entre outros infortúnios, que seu fim seria violento.

(46) Há também o seguinte epigrama de nossa autoria dedicado a ele[156]:

> "Bebe então, Sócrates, estando junto a Zeus; o deus declarou verazmente que és sábio, sendo ele próprio o deus da sabedoria; com efeito, quando tomaste com naturalidade a cicuta das mãos dos atenienses, eles mesmos a beberam pela tua boca."

De acordo com Aristóteles no terceiro livro de sua *Poética*[157], Sócrates foi asperamente criticado por um certo Antílocos de Lemnos e por Antifon, o intérprete de presságios[158], da mesma forma que Cílon e Onatas criticaram Pitágoras, e Homero foi atacado ainda vivo por Síagros e depois de morto por Xenofanes de Colofon. Além desses, Hesíodos foi criticado enquanto vivo por Cêrcops e depois de sua morte por Xenofanes, referido acima; Anfimenes de Cós criticou Píndaros, Ferecides criticou Tales, Sálaros de Priene fez o mesmo com Bias, Antimenides e Alcaios com Pítacos, Sosíbios com Anaxagoras, e Timocrêon com Simonides.

(47) De seus sucessores, chamados socráticos, os principais foram: Platão, Xenofon e Antístenes; dos dez nomes da lista tradicional os mais famosos são Aisquines, Fáidon, Eucleides e Arístipos. Devemos falar primeiro de Xenofon, depois de Antístenes entre os cínicos, depois dos socráticos propriamente ditos, e afinal de Platão, com o qual começam as dez escolas; este último foi também o fundador da Primeira Academia. Esta é a ordem de sucessão que seguiremos.

Houve ainda outro Sócrates, historiador, autor de uma obra sobre a geografia de Argos; outro, um filósofo peripatético da Bitínia; um terceiro, poeta, autor de epigramas; e outro, de Cós, que escreveu sobre os nomes dos deuses.

Capítulo 6. XENOFON[159]

(48) Xenofon, filho de Grilos, era ateniense do demo de Erquia, um homem extremamente modesto e de ótima aparência. Conta-se que Sócrates o encontrou numa rua estreita e estendeu o bastão para barrar-lhe o caminho, enquanto lhe

154. 480-479 a.C..
155. 26 D.
155a. Fragmento 27 Rose.
156. *Antologia Palatina*, VII, 96.
157. Fragmento 75 Rose.
158. Fragmento 5 Diels-Kranz.
159. 426?-354 a.C..

perguntava onde se vendia toda espécie de alimentos. Obtida a resposta Sócrates perguntou-lhe ainda onde os homens se tornavam excelentes. Diante da perplexidade de Xenofon, Sócrates disse: "Segue-me, então, e aprende." Desde esse momento ele passou a ser discípulo de Sócrates. Foi o primeiro a tomar notas das conversas do mestre e publicá-las, numa obra intitulada *Memorabília*; foi também o primeiro filósofo a escrever obras históricas.

(49) No quarto livro de sua obra *Sobre a Vida Luxuriosa dos Antigos* Arístipos afirma que Xenofon se enamorou de Cleinias e disse referindo-se a ele: "Para mim é mais doce contemplar Cleinias que todas as outras coisas belas do mundo. Contentar-me-ia com ser cego para tudo mais, desde que pudesse ver somente Cleinias. Odeio a noite e o sono porque não posso contemplar Cleinias; sou extremamente grato ao dia e ao sol porque me mostram Cleinias."

Xenofon conquistou a amizade de Ciros nas circunstâncias seguintes: Prôxenos da Boiotia, um discípulo de Gorgias de Leontínoi e amigo de Ciros, era seu amigo íntimo. Enquanto vivia em Sárdis, na corte de Ciros, Prôxenos escreveu uma carta a Xenofon em Atenas, convidando-o a ir juntar-se a ele e fazer amizade com Ciros. (50) Xenofon mostrou essa carta a Sócrates e pediu-lhe a opinião. Sócrates aconselhou-o a ir a Delfos consultar o oráculo. Xenofon obedeceu e foi à presença do deus, mas não perguntou se deveria ir para onde estava Ciros, e sim como deveria ir. Sócrates censurou-o por isso, mas aconselhou-o a partir. Chegando à corte de Ciros, tornou-se não menos amigo dele que o próprio Prôxenos. Xenofon descreve de maneira bastante completa as peripécias de sua marcha para o interior e o retorno à pátria. Manifestou-se entretanto uma inimizade entre ele e Mênon de Fársalos, comandante do Exército mercenário na época da expedição. Para melindrá-lo Xenofon dizia que Mênon tinha um amásio mais velho que ele. Xenofon censurou também um certo Apolonides por haver perfurado as orelhas[160].

(51) Após a expedição e os infortúnios e as traições de Seutes, rei dos odrísios, Xenofon retornou à Ásia, engajando-se entre os soldados de Ciros como mercenário a serviço de Agesílaos, rei dos lacedemônios, a quem era muito devotado. Aproximadamente nessa época ele foi banido pelos atenienses, sob a acusação de apoiar Esparta[161]. Estando em Éfesos e dispondo de uma quantia elevada de dinheiro, Xenofon confiou metade dessa quantia a Megábizos, o sacerdote de Ártemis, para guardar até o seu regresso, ou se não regressasse, para aplicá-la na ereção de uma estátua em honra da deusa; a outra metade ele enviou em oferendas votivas a Delfos. De lá Xenofon retornou à Hélade com Agesílaos, que fora chamado para a guerra contra Tebas. Os lacedemônios concederam-lhe o privilégio de proxenia[162].

(52) Separando-se em seguida de Agesílaos ele dirigiu-se a Squilús, uma localidade situada no território de Élis não muito distante da cidade. Segundo Demétrios de Magnesia sua mulher Filesia o acompanhou, e num discurso escrito para um liberto acusado por Xenofon de negligência no cumprimento do dever, Dêinarcos menciona que seus dois filhos – chamados de Diôscuros – foram também com ele. Megábizos, chegando a pretexto de assistir ao festival, restituiu o

160. Veja-se a *Anábasis*, III, 1, 26-31.
161. Literalmente "de laconismo".
162. Proxenia: hospitalidade a expensas do Tesouro da cidade.

dinheiro a Xenofon, que com o mesmo comprou e consagrou à deusa uma propriedade atravessada por um rio, cujo nome é também Selinús, à semelhança do rio em Éfesos. Daquela época em diante ele dedicou-se à caça, a receber seus amigos e a trabalhar em suas obras históricas. Dêinarcos, entretanto, afirma que a casa e o terreno lhe foram dados pelos lacedemônios.

(53) Conta-se também que o espartano Filopidas lhe mandou em Squilús como presente escravos prisioneiros de Dárdanos, que Xenofon dispôs deles de acordo com sua conveniência, e que os elieus marcharam contra Squilús e por causa da lentidão dos lacedemônios capturaram a localidade; seus filhos se retiraram então para Lêpreon com alguns serviçais, enquanto o próprio Xenofon, que havia ido antes para Élis, seguiu para Lêpreon a fim de juntar-se a seus filhos; de lá conseguiu pôr-se a salvo em Corinto, onde passou a viver. Nesse ínterim os atenienses decretaram que iriam ajudar os lacedemônios, e Xenofon mandou seus filhos a Atenas para combaterem juntamente com os lacedemônios. (54) De acordo com Dioclés em suas *Vidas dos Filósofos* eles se educaram na própria Esparta. Diódoros sobreviveu à batalha sem fazer nada de extraordinário (ele tinha um filho com o mesmo nome do irmão). Grilos, ao contrário, servia na cavalaria, e na batalha travada nas proximidades de Mantinea combateu bravamente e tombou, segundo o relato de Éforos no vigésimo quinto livro de sua obra; Cefisôdoros era o comandante da cavalaria, e hegesílaos o comandante-em-chefe. Nessa batalha também morreu Epamêinondas. Dizem que na ocasião Xenofon estava realizando um sacrifício com uma coroa na cabeça, e a removeu ao receber a notícia da morte de seu filho. Mais tarde, tendo sabido que ele tombara gloriosamente, repôs a coroa na cabeça. (55) Alguns autores dizem que Xenofon não derramou uma lágrima sequer, mas exclamou: "Eu sabia que ele nasceu mortal." Aristóteles[162a] menciona que incontáveis autores de epitáfios e elogios escreveram a propósito de Grilos, em parte para serem agradáveis ao pai. Em sua obra *Vidas dos Filósofos*, Hêrmipos também afirma que o próprio Isocrates escreveu um elogio de Grilos. Tímon, todavia, ridiculariza Xenofon nos versos[162b]:

> "Um fraco par ou uma tríade de obras, ou talvez mais, tais como as que poderiam vir de Xenofon, ou a força persuasiva de Aisquines."

Essa é a sua vida. Ele estava no apogeu no quarto ano da 94ª Olimpíada[163] e participou da expedição de Ciros durante o arcontado de Xenáinetos no ano anterior à morte de Sócrates.

(56) De acordo com Ctesicleides de Atenas em sua lista de arcontes e vencedores olímpicos, Xenofon morreu no primeiro ano da 105ª Olimpíada, durante o arcontado de Calidemidas[164], no mesmo ano da ascensão de Filipe, filho de Amintas, ao trono da Macedônia. Sua morte ocorreu em Corinto, de conformidade com a afirmação de Demétrios de Magnesia, obviamente em idade já avançada. Xenofon foi um gentil-homem sob todos os aspectos, amante dos cavalos e da caça, um perito na arte da tática, como se pode ver claramente em suas

162a. Fragmento 68 Rose.
162b. Fragmento 26 Diels.
163. 401-400 a.C..
164. 360-359 a.C..

obras; era também um homem pio, praticante habitual de sacrifícios, e perito em augúrios baseados nas vítimas, tendo emulado zelosamente Sócrates.

(57) Xenofon escreveu cerca de quarenta livros, embora haja divergência quanto à divisão dos mesmos: *Anábasis*, com um proêmio para cada livro, mas não para o conjunto; *Ciropedia; Helênicas; Memorabília; Banquete; Econômico*[165]; *Da Equitação; Da Caça; O Comandante de Cavalaria; Apologia de Sócrates; Das Rendas; Hiêron* ou *Da Tirania; Agesílaos; Constituição dos Lacedemônios; Constituição dos Atenienses* (segundo Demétrios de Magnesia esta última não é de Xenofon). Dizia-se que ele tornou famosos os livros de Tucídides[166], até então desconhecidos, publicando-os em nome do autor quando podia apropriar-se deles. Pela doçura de sua prosa era chamado a Musa Ática; por isso ele e Platão se invejavam mutuamente, como dizemos no capítulo relativo a Platão.

(58) Há também nossos epigramas sobre ele nos seguintes termos[167]:

> "Xenofon adentrou-se pela terra dos persas não somente por haver sido chamado por Ciros, mas também porque procurava avançar pela via que leva a Zeus. Mostrando que os feitos dos helenos resultavam de sua educação, ele perpetuou a memória da beleza da sapiência de Socrátes."

O outro é sobre a sua morte[168]:

> "Embora os concidadãos de Cranaôs e de Cêcrops te hajam condenado ao exílio, Xenofon, por causa de tua amizade com Ciros, recebeu-te Corinto hospitaleira, de cujas delícias gozaste satisfeito; lá decidiste repousar para sempre."

(59) Em outras fontes encontramos a afirmação de que ele estava no apogeu, juntamente com os outros socráticos, na 89ª Olimpíada[169], e segundo a afirmação de Istros foi banido por um decreto de Êubulos, mas foi chamado de volta por outro decreto do mesmo.

Houve sete personagens com o nome de Xenofon: o próprio filósofo; um ateniense, irmão de Pitôstratos (o autor da *Teseís*), ele próprio autor, entre outras obras, de biografias de Epamêinondas e Pelopidas; um médico de Cós; o autor de uma história de Aníbal; um autor de obras sobre prodígios lendários; um escultor de Paros; um poeta da Comédia Antiga.

Capítulo 7. AISQUINES[170]

(60) Aisquines era filho de Carinos, o salsicheiro, (segundo outros autores, de Lisanias); era ateniense, e desde a juventude foi muito ativo. Por isso ele jamais deixou Sócrates, que costumava dizer: "Somente o filho do salsicheiro sabe honrar-me." De acordo com Idomeneus foi Aisquines, e não Críton, que aconselhou Sócrates na prisão a fugir; entretanto Platão atribuía a Críton aquelas palavras porque Aisquines era mais ligado a Arístipos. Dizia-se maliciosamente – em particular Menêdemos de Eretria – que em sua maior parte os diálogos que

165. Ou *Da Economia*.
166. A *História da Guerra do Peloponeso*, justamente famosa até hoje.
167. *Antologia Palatina*, VII, 97.
168. *Antologia Palatina*, VII, 98.
169. 424-420 a.C..
170. Estava no apogeu aproximadamente em 400 a.C..

Aisquines fazia passar por seus eram na realidade de Sócrates, obtidos por ele de Xantipe. Entre estes os chamados acéfalos[171] são muito descuidados e nada mostram do vigor socrático, e Peisístratos de Éfesos negava até que fossem escritos por Aisquines.

(61) Persaios atribui a maioria dos sete diálogos a Pasífon, da escola de Eretria, que os inseriu entre os diálogos de Aisquines. Além disso, Aisquines usou o *Pequeno Ciros*, o *Heraclés Menor* e o *Alcibíades* de Antistenes, além de diálogos de outros autores. Dos escritos de Aisquines os marcados pelo caráter socrático são: primeiro *Miltiades* (por isso este é de certo modo fraco), depois *Calias, Axíocos, Aspasia* e *Rínon*.

Dizem que, premido pela necessidade, ele viajou para a Sicília, onde fez parte do séquito de Dionísios, e que enquanto Platão o desprezava ele foi apresentado por Arístipos a Dionísios, a quem dedicou alguns diálogos e de quem recebeu presentes. (62) Mais tarde, de volta a Atenas, Aisquines não ousou fazer preleções por causa da popularidade de Platão e Arístipos, porém dava lições mediante pagamento e posteriormente compôs discursos forenses para clientes levados aos tribunais. Tímon refere-se a essa circunstância aludindo à "força persuasiva de Aisquines"[172]. Dizem que Sócrates, vendo-o em dificuldades por causa da pobreza, aconselhou-o a tomar emprestado de si mesmo comendo menos. Arístipos também suspeitava da autenticidade de seus diálogos. Conta-se que enquanto Aisquines estava lendo um desses diálogos Arístipos zombou dele perguntando: "Onde conseguiste este, ladrão?".

(63) Polícritos de Mende diz no primeiro livro de sua *História de Dionísios* que Aisquines conviveu com o tirano até sua expulsão de Siracusa, e continuou a viver na cidade até o regresso de Díon (o poeta trágico Carcinos estava em sua companhia). Conservou-se uma epístola de Aisquines a Dionísios. Seus discursos em defesa do pai de Fáiax, o general, e de Díon, evidenciam que ele tinha uma boa formação retórica, imitando especialmente Gorgias de Leontínoi. Lísias escreveu contra ele um discurso intitulado *Da Desonestidade*, que também põe à mostra sua condição de retórico. Menciona-se um único discípulo seu, chamado Aristóteles, cujo apelido era "Fábula".

(64) Panáitios pensa que, de todos os diálogos socráticos, são autênticos os escritos por Platão, Xenofon, Antistenes e Aisquines, mas manifesta dúvidas sobre os atribuídos a Fáidon e Eucleides e rejeita todos os outros.

Houve oito personagens com o nome de Aisquines: este filósofo; um autor de manuais de retórica; um orador adversário de Demóstenes; um arcádio, discípulo de Isocrates; um mitileno, chamado geralmente de "flagelo dos retores"; um napolitano, filósofo acadêmico, discípulo e amásio de Melântios de Rodes; um milésio, autor de obras sobre política; um escultor.

Capítulo 8. ARÍSTIPOS[173]

(65) Arístipos nasceu em Cirene, mas veio para Atenas, de acordo com as palavras de Aisquines, atraído pela fama de Sócrates. Sofista de profissão, como diz

171. Ou seja, "sem exórdios".
172. Veja-se o § 55 deste livro.
173. Aproximadamente 435-350 a.C..

Fanias de Éresos, o peripatético, foi o primeiro dos socráticos a cobrar honorários e a mandar dinheiro ao mestre. Em certa ocasião a importância de vinte minas remetida a Sócrates foi restituída a Arístipos, com a declaração do primeiro de que seu demônio não lhe permitiria recebê-la; na realidade, a própria oferta o constrangera. Xenofon antipatizava com ele, e por esta razão o discurso que pôs na boca de Sócrates contra o prazer[174] é dirigido contra Arístipos. Além disso Teôdoros, em sua obra *Sobre as Escolas Filosóficas*, trata-o asperamente, e Platão faz o mesmo em seu diálogo *Sobre a Alma*[175], como observamos em outra parte da obra[176].

(66) Arístipos era capaz de adaptar-se com desenvoltura aos lugares, ocasiões e pessoas, e a desempenhar convenientemente seu papel em quaisquer circunstâncias. Por isso recebeu mais favores que qualquer outro filósofo junto a Dionísios, pois conseguia sempre fazer reverter para melhor qualquer situação. Ele gozava o prazer proporcionado pelos bens presentes, e não se esforçava pela fruição de bens não – presentes. Por essa razão Dionísios chamou-o de "cão do rei"[177]. Tímon também o critica mordazmente por sua luxúria[178] dizendo o seguinte:

> "Essa é a natureza luxuriosa de Arístipos, que distingue com o tato o verdadeiro do falso."

Conta-se que ele mandou comprar uma perdiz por cinqüenta dracmas, e quando alguém o censurou o filósofo perguntou: "Não darias um óbolo por ela?" Em face da resposta afirmativa ele retrucou: "Esse é o valor de cinqüenta dracmas para mim." (67) Certa vez Dionísios convidou-o a escolher uma entre três cortesãs presentes, e ele saiu com as três dizendo: "Não foi vantajosa para Páris a escolha de uma só." Conta-se, todavia, que Arístipos as levou somente até o átrio, mandando-as então embora. A tais extremos ele ia na escolha e no desprezo. Daí as palavras de Stráton, ou segundo outras fontes de Platão: "Sòmente a ti é dado vestir a elegante clâmide ou um trapo." Em certa ocasião Dionísios cuspiu-lhe o rosto, e pescadores se deixam encharcar pela água para pescar um peixe qualquer, por que não deveria eu suportar que me molhem com saliva para apanhar um peixe especial?"

(68) Enquanto lavava a sujeira de suas verduras Diógenes viu-o passando e disse: "Se tivesse aprendido a usar verduras como essas, não terias de cortejar os reis." Sua resposta foi: "Se soubesses conviver com os homens, não estarias lavando verduras." A alguém que lhe perguntou o que ele ganhava com a filosofia Arístipos respondeu: "A capacidade de sentir-me à vontade em qualquer companhia." Recriminado por ser extravagante ele disse: "Se a extravagância fosse condenável, não estaria em voga nos festivais dos deuses." Quando lhe perguntaram quais as vantagens que os filósofos levam Arístipos respondeu: "Se todas as leis fossem revogadas, continuaríamos a viver de maneira idêntica." (69) Quando Dionísios perguntou por que os filósofos vão às casas dos homens ricos e os ricos não vão às casas dos filósofos, ele disse: "Uns sabem do que necessitam, enquanto os outros não sabem." Certa vez Platão o censurou por sua extravagância e Arístipos perguntou: "Consideras Dionísios um homem bom?" Diante da resposta afirmativa ele disse: "Entretanto sua extravagância é maior que a minha; logo, nada impede que um homem viva extravagantemente e bem." À pergunta: "Qual a diferença entre uma pessoa educada e outra sem educação?" sua resposta foi: "Exatamente a diferença entre um cavalo treinado e um sem treino." Um dia, entrando em casa de uma cortesã, Arístipos notou que um dos jovens de seu grupo corou: sua reação foi dizer: "O perigo não está em entrar, e sim em ser incapaz de sair."

(70) A alguém que lhe propôs um enigma, convidando-o a decifrá-lo, Arístipos disse: "Por que, criatura ingênua, desejas decifrá-lo, se como está ele já te causa preocupação?" Arístipos afirmava que "é melhor ser um mendigo que inculto; ao primeiro falta dinheiro, enquanto ao outro falta a própria condição humana". Certa vez alguém o injuriou e ele começou a afastar-se; a outra pessoa o perseguiu perguntando-lhe: "Por que foges?" Arístipos respondeu: "Porque da mesma forma que tens o privilégio de insultar-me, eu tenho o de não te ouvir." Dizendo alguém que sempre via filósofos em casa de ricos ele falou: "De maneira idêntica os médicos dirigem-se às pessoas doentes, mas nem por isso pessoa alguma preferiria ser o doente em vez do médico".

(71) Certa vez a nau em que viajava para Corinto foi surpreendida por uma tempestade e Arístipos ficou extremamente inquieto. Alguém lhe disse: "Nós, os homens comuns, não estamos alarmados, e tu, um filósofo, tremes?" Sua resposta foi: "Não é por causa de uma alma igual que cada um de nós está preocupado." Certa pessoa alardeava sua erudição e ele comentou: "Da mesma forma que os glutões e os atletas exagerados em seus exercícios não têm mais saúde que os moderados, não são excelentes os leitores de muitos livros, e sim os de livros úteis." Um advogado, após defendê-lo no tribunal e ganhar a causa, perguntou-lhe: "Que bem te fez Sócrates?" Arístipos respondeu: "O bastante para que as palavras a meu respeito em teu discurso fossem verdadeiras."

(72) Arístipos educou sua filha Aretê com excelentes conselhos, preparando-a para desprezar qualquer excesso. Perguntando-lhe alguém em que seu filho seria melhor recebendo boa educação, sua resposta foi: "Se não em nada mais, estando no teatro ele não se sentará como uma pedra sobre outra pedra." Alguém lhe trouxe o filho para receber instrução, e Arístipos pediu quinhentos dracmas em pagamento; o pai objetou: "Por essa importância posso comprar um escravo"; sua resposta foi: "Age então assim e terás dois." Ele dizia que não tirava dinheiro dos amigos para seu próprio uso, e sim para instruí-los a respeito das coisas em que deveriam gastar seu dinheiro. Censurado por haver contratado um retor para conduzir sua causa, Arístipos redargüiu: "Ora: quando ofereço um jantar, contrato um cozinheiro."

(73) Em face da insistência de Dionísios para que falasse sobre filosofia, sua resposta foi: "Seria ridículo se aprendesses de mim a arte de dizer e quisesses ensinar-me o momento de dizer." Conta-se que Dionísios ficou ofendido com essa resposta e o relegou para a extremidade da mesa; Arístipos disse-lhe: "Quiseste dar maior importância ao último lugar." A alguém que se envaidecia de suas qualidades de mergulhador ele disse: "Não te envergonhas de te vangloriares do que um golfinho pode fazer?" Em certa ocasião perguntaram-lhe qual é a

174. *Memorabilia*, II, 1.
175. *Fáidon*, 59 B-C.
176. Livro III, § 36.
177. Ou "cínico do rei". É impossível reproduzir literalmente o duplo sentido de *kyon*, ao mesmo tempo "cão" e "cínico" (filósofo da escola cínica).
178. Fragmento 27 Diels.

diferença entre o homem sábio e o néscio. Arístipos respondeu: "Manda os dois despidos à presença de alguém que não os conheça e saberás." A alguém que se gabava de poder beber muito sem ficar embriagado sua resposta foi: "Um mulo pode fazer isso."

(74) Alguém o acusou de viver com uma cortesã e o filósofo perguntou: "Há por acaso alguma diferença entre estar numa casa em que muitas pessoas já viveram antes e estar numa em que ninguém viveu?" Sendo a resposta "Não", Arístipos continuou: "Ou entre viajar numa nau em que dez mil pessoas já viajaram antes e numa em que jamais ninguém viajou?" "Nenhuma." "Então", disse ele, "não faz diferença se a mulher com quem se vive já viveu com muitos homens ou com nenhum". À acusação de que, embora fosse um discípulo de Sócrates, ele recebia honorários, sua resposta foi: "Certamente, porque Sócrates, quando lhe mandavam alimento e vinho, costumava ficar com um pouco e devolver o resto, tendo como seus tesoureiros os principais cidadãos de Atenas; quanto a mim, disponho apenas de meu escravo, Eutiquides." Arístipos tinha relações sexuais também com a cortesã Laís, como afirma Sotion em sua obra *Sucessão dos Filósofos*. (75) A quem o censurava por isso o filósofo dizia: "Possuo Laís, mas não sou possuído por ela; abster-nos de prazeres não é o melhor, e sim dominá-los e não sermos prejudicados por eles." A alguém que o censurava por comprar iguarias refinadas sua resposta foi: "Não as comprarias se pudesses tê-las por três óbolos?" Diante da resposta afirmativa Arístipos falou: "Não sou mais amante do prazer que tu do dinheiro." Certo dia Simos (o tesoureiro de Dionísios), frígio de nascimento e um velhaco, mostrava-lhe uma casa magnífica, pavimentada de mosaicos; Arístipos expectorou profundamente e escarrou em seu rosto. Diante dos protestos de Simos o filósofo ponderou: "Não encontrei lugar algum mais adequado."

(76) Quando Carondas (ou segundo outros autores Fáidon) perguntou: "Quem é este homem coberto de ungüentos perfumados?" Arístipos respondeu: "Eu, pobre desgraçado, e ainda mais desgraçado que eu o rei dos persas. Mas, como nenhum dos outros animais leva qualquer desvantagem por isso, menos ainda o homem. Vai censurar os efeminados, que desacreditam o uso dos bons perfumes por nós." Perguntando-lhe alguém como Sócrates morreu, Arístipos respondeu: "Como eu mesmo gostaria de morrer." Certa vez o sofista Políxenos visitou-o, e depois de ver algumas mulheres e iguarias dispendiosamente apresentadas, censurou-o por isso. Após alguns momentos Arístipos perguntou-lhe: "Podes juntar-te a nós hoje?" (77) Em face da concordância do outro Arístipos indagou: "Por que, então, me censuraste? Pareces contrário ao dispêndio, e não ao entretenimento." Em certa ocasião seu serviçal estava transportando dinheiro e achou a carga muito pesada – essa história é contada por Bion em suas *Diatribes* – e Arístipos gritou: "Joga fora o excesso, e carrega somente o que podes suportar!" Estando certa vez em viagem, ao descobrir que a nau era tripulada por piratas apanhou o dinheiro e começou a contá-lo; depois, como se fosse por descuido, deixou o dinheiro cair no mar e naturalmente começou a lamentar-se. Em outra versão da história ele teria acrescentado: "É melhor que o dinheiro se perca por causa de Arístipos que Arístipos por causa do dinheiro." (78) Em outra ocasião Dionísios perguntou-lhe qual era o objetivo de sua presença, e ele disse que era distribuir o que possuía e obter em troca o que não tinha. Mas, segundo outros autores, sua resposta teria sido: "Quando necessitei de sabedoria, fui a Sócrates; agora, que necessito de dinheiro, venho a ti." Ele costumava queixar-se de que os homens, ao comprarem utensílios, experimentavam-nos para ouvir se soavam bem, porém não dispunham de qualquer critério preestabelecido pelo qual pudessem julgar a vida. Outras fontes atribuem essa observação a Diógenes. Em certa ocasião Dionísios, sob o efeito do vinho, mandou que todos vestissem roupas de púrpura e dançassem; Platão recusou-se, citando o verso:

"Não poderei vestir um traje feminino."[179]

Arístipos, entretanto, vestiu a roupa e, aprontando-se para dançar, disse oportunamente:

"Mesmo nas festas báquicas quem for puro não se corromperá."[180]

(79) Em certa ocasião ele intercedeu junto a Dionísios por um amigo, e não sendo bem-sucedido ajoelhou-se aos pés do tirano. A alguém que o ridicularizava por isso Arístipos retrucou: "A culpa não é minha, e sim de Dionísios, que tem os ouvidos nos pés."

Enquanto visitava a Ásia Arístipos foi aprisionado pelo sátrapa Artafernes, e à pergunta: "Podes estar contente nessas circunstâncias?" sua resposta foi: "Posso, criatura simplória, pois quando poderia estar mais contente que agora, no momento da conversa com Artafernes?" Ele costumava dizer que aqueles que possuem uma cultuta enciclopédica mas deixam de lado a filosofia se assemelham aos pretendentes a Penelôpeia; com efeito, os pretendentes conquistaram Melantó, Polidora e as outras criadas, todas elas, porém não puderam casar-se com a própria Penelôpeia. Atribui-se uma observação semelhante a Aríston: (80) Odisseus desceu para o mundo subterrâneo, viu quase todos os mortos e conversou com eles, porém não pôde contemplar sua rainha[181]. Quando perguntaram a Arístipos quais são os assuntos que os meninos bons devem aprender, sua resposta foi: "Aqueles que lhes serão úteis quando forem homens." A um crítico que o censurava por afastar-se de Sócrates para procurar Dionísios, sua resposta foi: "Ora: procurei Sócrates para educar-me, e procuro Dionísios para divertir-me." Depois de Arístipos ter ganho algum dinheiro ensinando, Sócrates perguntou-lhe: "Onde ganhastes tanto?" A resposta foi: "Onde ganhaste tão pouco."

(81) Tendo-lhe dito uma cortesã: "Estou grávida de ti", Arístipos respondeu-lhe: "Não estás mais segura disto do que se, depois de correr através de um campo de juncos pontiagudos, dissesses que determinado junco te feriu." Acusado por alguém de repudiar o filho, como se este não houvesse nascido dele, Arístipos disse: "Sabemos que o escarro e os piolhos também provêm de nós, mas por serem inúteis jogamo-los fora e tão longe quanto possível." Tendo recebido de Dionísios certa quantia em dinheiro, enquanto Platão levava um livro, respondeu a alguém que o recriminava por isso: "Necessito de dinheiro, e Platão necessita de livros." Alguém perguntou-lhe por que se deixara refutar por Dionísios; "Pela mesma razão", disse ele, "por que os outros o refutam".

(82) Recebendo de Arístipos um pedido de dinheiro Dionísios perguntou-lhe: "Mas não disseste que o sábio nunca estaria necessitado?" Arístipos respondeu: "Dá, e depois discutiremos"; e após receber o dinheiro acrescentou: "Vês agora que não estou necessitado?" Citando-lhe Dionísios os versos:

179. Eurípides, *Bacantes*, 836.
180. Idem, ib., 317.
181. Fragmento 349 von Arnim, *Stoicorum Veterum Fragmenta*.

"Quem negocia com um tirano é seu servo, embora chegue livre"[182], Arístipos retrucou:

"Não é escravo, se chega livre."[183]

Essas histórias são mencionadas por Dioclés em sua obra *Sobre as Vidas dos Filósofos*; outros autores atribuem-nas a Platão. Irritando-se certa vez com Aisquines, Arístipos disse logo depois: "Não nos reconciliaremos, não deixaremos de fanfarronar? Ou esperarás que alguém nos reconcilie entre uma taça de vinho e outra?". "Com muito prazer", disse Aisquines. (83) "Então lembra-te", continuou Arístipos, "de que eu, embora seja o mais velho, tomei a iniciativa". E Aisquines: "Muito bem, por Hera! Tens razão. És um homem muito melhor que eu, pois fui o iniciador da querela e tomaste a iniciativa da amizade." São essas as réplicas oportunas atribuídas a Arístipos.

Houve quatro personagens com esse nome: o filósofo de que trata este capítulo; o autor de um livro sobre a Arcádia; um neto de Arístipos, nascido de sua filha, conhecido como discípulo da própria mãe; um filósofo da Academia Nova.

Conservaram-se os seguintes livros do filósofo cirenaico: uma *História da Líbia* em três livros, dedicada a Dionísios; uma obra contendo vinte e cinco diálogos, alguns deles no dialeto ático, outros no dórico. Os títulos dos diálogos são os seguintes: (84) *Artábazos; Aos Náufragos; Aos Exilados; A um Mendigo; A Laís; A Poros; A Laís, sobre o Espelho; Hermeias; Um Sonho; Ao Copeiro; Filômelos; A Seus Amigos; Aos que o Censuram por seu Amor ao Vinho Velho e às Mulheres; Aos que o Censuram por sua Vida Extravagante; Carta à sua Filha Areté; A um Atleta que Treina para as Olimpíadas; Um Interrogatório; Outro Interrogatório; Uma Peça de Circunstância para Dionísios; Outra, Sobre uma Estátua; Outra, Sobre a Filha de Dionísios; A Alguém que se Considera Humilhado; A Alguém que Procurava dar Conselhos*.

Alguns autores asseguram que ele escreveu seis livros de *Diatribes*; outros (entre eles Sosícrates de Rodes), que nada escreveu.

(85) De acordo com Sotion em seu segundo livro e com Panáitios, são de sua autoria as seguintes obras: *Da Educação; Da Excelência; Introdução à Filosofia; Artábazos; Os Náufragos; Os Exilados; Diatribes*, em seis livros; *Peças de Circunstância*, em seis livros; *A Laís; A Poros; A Sócrates; Da Sorte*.

Arístipos demonstrou que o fim supremo é o movimento calmo que resulta em sensação.

Depois de descrever a vida de Arístipos, agora passaremos em revista os filósofos da escola cirenaica que derivam dele, embora alguns se chamem seguidores de Hegesias, outros de Aníceris, e outros ainda de Teôdoros. Além disso examinaremos os discípulos de Fáidon, dos quais os mais importantes foram os da escola de Eretria. As coisas são assim. (86) Os discípulos foram sua filha Areté, Aitiops de Ptolemaís e Antípatros de Cirene. O Arístipos, cognominado "Discípulo de sua Mãe"[184], foi discípulo de Areté; Teôdoros, conhecido como Ateu e posteriormente como Deus, foi seu discípulo. De Antípatros foi discípulo Epitimides de Cirene, de quem foi discípulo por seu turno Paraibates, cujos seguidores foram Hegesias, que aconselhava o suicídio, e Aníceris, que resgatou Platão. Estes, então, que permaneceram fiéis aos ensinamentos de Arístipos e ficaram

182. Sófocles, fragmento 789 Nauck.

183. Verso de uma peça perdida de Sófocles.

184. Literalmente *metrodídaktos*.

conhecidos como cirenaicos, sustentavam as seguintes opiniões: admitiam dois estados de alma – o prazer e a dor –, sendo o prazer um movimento suave, e a dor um movimento brusco. (87) Um prazer não difere de outro prazer, nem um prazer é mais agradável que outro; todos os seres animados aspiram ao prazer e repelem a dor. Entretanto, o prazer é o físico, que é também o fim supremo, como afirma Panáitios em sua obra *Das Escolas Filosóficas*, e não o prazer estático, resultante da eliminação das dores, nem a ausência de perturbação aceita por Epícuros como o bem supremo. Os cirenaicos sustentam que há uma diferença entre bem supremo e felicidade. O bem supremo é na realidade o prazer isolado, enquanto a felicidade é a soma de todos os bens isolados, na qual se incluem também os prazeres passados e futuros.

(88) O prazer isolado é desejável por si mesmo, ao passo que a felicidade é desejável não por sua própria causa, e sim por causa dos prazeres isolados. A prova de que o prazer é o bem supremo está no fato de desde a infância sermos atraídos instintivamente para o prazer e, quando o obtemos, nada mais procurarmos, e evitarmos tanto quanto possível o seu oposto, a dor. O prazer é bom, ainda que resulte dos fatos mais vergonhosos, como diz Hipôbotos em sua obra *Sobre as Escolas Filosóficas*, pois até quando a ação é absurda o prazer é por si mesmo desejável e bom. (89) A remoção da dor, entretanto, defendida por Epícuros, parece-lhes que não é um prazer, nem tampouco a ausência de prazer é dor. Com efeito, prazer e dor são movimentos, ao passo que nem a ausência da dor nem a ausência do prazer são movimentos (a ausência de dor é como se fosse a condição da pessoa adormecida). Os cirenaicos afirmam que certas pessoas podem deixar de escolher o prazer porque seu espírito é pervertido, pois nem todos os prazeres e dores psíquicos são determinados por prazeres e dores somáticos. Por exemplo, deleitamo-nos desinteressadamente com a prosperidade de nossa pátria, como se se tratasse de nossa própria prosperidade. Negam, todavia, que o prazer possa decorrer da recordação ou da expectativa de bens (essa é a teoria de Epícuros). (90) De fato, o movimento da alma se exaure com o tempo. Os adeptos dessa escola afirmam ainda que o prazer não pode resultar apenas da visão ou da audição, já que ouvimos com prazer a imitação de lamentos, enquanto os lamentos reais causam sofrimento. Os cirenaicos chamaram a ausência de prazer e a ausência de dor de condições intermediárias; em sua opinião os prazeres somáticos são muito melhores que os psíquicos, e as dores somáticas são muito piores que as dores psíquicas, e essa é a razão de os culpados serem punidos com as primeiras. Presumiam que a dor é mais penosa, e o prazer é mais conforme à natureza, e por isso davam maior atenção ao corpo que à alma. Mais ainda: embora o prazer seja desejável por si mesmo, esses filósofos sustentam que as causas geradoras de certos prazeres são de natureza dolorosa e freqüentemente são o contrário do prazer, de tal maneira que o acúmulo de prazeres que não produz felicidade lhes parece muito difícil.

(91) Eles afirmam que nem todos os sábios vivem agradavelmente, nem todos os estultos penosamente, mas na maioria dos casos é assim. Basta vivermos cada prazer isolado que se nos depare. Dizem ainda que a prudência é um bem, embora não seja desejável por si mesma, e sim por causa de suas conseqüências; fazemos amigos levados pelo interesse, da mesma forma que amamos uma parte do corpo enquanto a temos. Encontram-se algumas formas de excelência até nos estultos. Os exercícios físicos contribuem para a obtenção da excelência. O sábio não

sentirá inveja, nem amor, nem superstição, pois esses sentimentos devem-se apenas à opinião vã; ele está sujeito, entretanto, à dor e ao temor, pois essas afecções são naturais. A riqueza também produz o prazer, embora não seja desejável por si mesma.

(92) Esses filósofos afirmam que podemos conhecer as paixões, mas não as suas causas; eles não se dedicavam ao estudo da natureza porque ela é manifestamente ininteligível, porém, cultivavam a lógica tendo em vista sua utilidade. Entretanto, Melêagros, no segundo livro de sua obra *Das Opiniões Filosóficas* e Cleitômacos, no primeiro livro de sua obra *Das Escolas Filosóficas*, dizem que na opinião dos cirenaicos tanto a dialética quanto a ciência da natureza são inúteis, porquanto se alguém aprender a teoria do bem e do mal será capaz de falar adequadamente, de livrar-se da superstição e de evitar o temor da morte. (93) Nada é justo ou honesto ou torpe por natureza, e sim por convenção e hábito. Isso não obstante o homem bom nada fará de mal, porque se impõem convenções e prevalecem determinadas opiniões; existe realmente o homem sábio. Admitem o progresso tanto na filosofia quanto nas outras disciplinas, sustentam que a dor de uma pessoa pode exceder a de outra, e que as sensações não são totalmente verazes.

Os chamados seguidores de Hegesias adotam os mesmos fins, isto é, o prazer e a dor; não existe gratidão, nem amizade, nem beneficência, porquanto não escolhemos esses sentimentos por si mesmos, e sim por motivos interesseiros; quando estes não existem, também não se encontram aqueles.

(94) A felicidade é totalmente impossível, pois o corpo é afetado por muitos sofrimentos, e a alma padece juntamente com o corpo e se perturba com ele, e a sorte impede a concretização de muitas esperanças; conseqüentemente a felicidade é inatingível. Além disso, a vida e a morte são desejáveis alternadamente. Esses filósofos negavam a existência de qualquer coisa agradável ou desagradável por natureza; quando alguns homens ficam satisfeitos e outros sofrem pelas mesmas coisas, isto se deve à falta, ou raridade, ou abundância de tais coisas. A pobreza e as riquezas são irrelevantes para o cômputo dos prazeres, porque os ricos não gozam de maneira diferente dos pobres. Servidão e liberdade, nobreza e obscuridade de nascimento, honra e desonra são indiferentes para a medição dos prazeres. (95) Para o estulto é vantajoso viver, enquanto para o sábio isso é indiferente. O sábio será guiado em tudo que faz por seus próprios interesses, pois não considera qualquer outra pessoa detentora de méritos iguais aos seus. Mesmo no caso de haver obtido as maiores vantagens de outrem, tais vantagens jamais serão iguais às que ele mesmo terá proporcionado. Esses filósofos também não aprovavam as sensações, porque estas não levam a um conhecimento acurado, mas faziam tudo que lhes parecia racional. Afirmavam que os erros devem ser tolerados, pois nenhum homem erra voluntariamente, e sim constrangido por alguma afecção; não devemos, portanto, odiar os homens, e sim educá-los. O sábio terá menos vantagens sobre os demais na escolha dos bens que na repulsa aos males, porque seu objetivo é não viver entre penas e dores; (96) e alcançam esse fim aqueles que não fazem qualquer distinção entre as causas geradoras do prazer.

Os seguidores de Aniceris concordavam no resto com estes, porém admitiam a existência da amizade, da gratidão e do respeito aos pais na vida real, e que às vezes é necessário agir por amor à pátria. Por isso, se sofrer constrangimento, o sábio não será menos feliz, ainda que lhe restem poucos prazeres. A felicidade de um amigo não é desejável por si mesma, pois não é sentida por seu vizinho. A razão não é suficiente para inspirar-nos confiança em nós mesmos e para pairarmos acima da opinião do vulgo; devemos educar o nosso caráter e vencer a má disposição inata que cresce junto conosco. (97) Não devemos ser amigos pensando somente na utilidade (se ficarmos frustrados a esse respeito, teremos de afastar-nos), e sim por um sentimento de benevolência que nos dê disposição para afrontar até dificuldades. Com efeito, embora tendo como finalidade o prazer e sentindo aflição se nos vemos privados dele, devemos, apesar disso, suportar essa privação por amor do amigo.

Os chamados teodoreanos derivam seu nome de Teôdoros, já mencionado, e adotaram suas doutrinas. Teôdoros eliminou radicalmente a crença generalizada nos deuses, e tivemos oportunidade de ler um livro seu, *Dos Deuses*, que não deve ser desprezado. Consta que Epícuros tirou desse livro a maior parte do que disse.

(98) Teôdoros foi também discípulo de Aniceris e do dialético Dionísios, de acordo com a menção de Antistenes em sua obra *Sucessão dos Filósofos*. Ele considerava a alegria e a tristeza o bem e o mal supremos: um deriva da sabedoria, e a outra da estultícia; a prudência e a justiça são bens, e seus contrários são males, ficando o prazer e a dor numa posição intermediária entre o bem e o mal. Teôdoros rejeitava a amizade porque ela não existe nem entre os estultos nem entre os sábios; no caso dos primeiros, eliminada a necessidade a amizade desaparece, e os sábios são auto-suficientes e não têm necessidade de amigos. Em sua opinião também é razoável que o homem bom não arrisque a vida em defesa de sua pátria, pois ele jamais deve renegar sua sabedoria para beneficiar os estultos.

(99) Nossa pátria é o mundo. Roubar e cometer adultério e sacrilégio seriam permissíveis num momento oportuno, pois nenhum desses atos é ignóbil por natureza se eliminamos o preconceito contra os mesmos, instituído com o objetivo de refrear os estultos. O sábio cederá manifestamente à sua paixão pelo amásio, sem qualquer constrangimento. Para justificar essa opinião Teôdoros usava argumentos como os seguintes. "Uma mulher entendida em gramática será útil enquanto for entendida em gramática?" "Sim." "E um menino ou um jovem entendido em gramática será útil enquanto for entendido em gramática?" "Sim." "Então uma mulher bela será útil enquanto for bela, e um menino e um jovem belos serão úteis enquanto forem belos?" "Sim." (100) "São utéis, então, para uma união?" "Sim." Admitidas essas premissas, impunha-se a conclusão: "Então, se alguém se entrega ao coito enquanto é útil, não erra, nem errará se ceder à beleza enquanto é útil." Teôdoros sustentava seu ponto de vista com argumentos desse tipo.

Aparentemente chamavam-no de Deus por causa da seguinte argumentação. Certa vez Stílpon lhe perguntou: "És aquilo que dizes ser, Teôdoros?" "Sim." "E dizes que és Deus?" "Sim." "Então és Deus", concluiu. Teôdoros mostrou-se satisfeito e Stílpon acrescentou sorridente: "Então, velhaco, com esse raciocínio admitirias ainda ser uma gralha e outras dez mil coisas."

(101) Certa vez Teôdoros estava sentado ao lado de Euricleides, o Hierofante. "Dize-me, Euricleides: quem viola os mistérios?" Euricleides respondeu: "Aqueles que os revelam aos não-iniciados." "Então tu mesmo os violas", disse Teôdoros, "quando os explicas aos não-iniciados". Pouco faltou para que ele fosse levado à presença dos juízes do Areópago, e quem o salvou do processo por impiedade foi Demétrios de Fáleron. Mas Anficrates, no livro *Dos Homens Ilustres*, diz que Teôdoros foi condenado a beber cicuta.

(102) Enquanto residia na corte de Ptolemaios, filho de Lagos, Teôdoros foi mandado por este como embaixador a Lisímacos. Por causa de sua maneira excessivamente franca de falar Lisímacos perguntou-lhe: "Dize-me, Teôdoros: não és aquele que foi banido de Atenas?" Sua resposta foi: "O que ouviste dizer é exato; a cidade dos atenienses não pôde suportar-me, como Semele não pôde suportar Diônisos, e me expulsou." Disse-lhe ainda Lisímacos: "Não voltes à nossa cidade!" "Não", respondeu Teôdoros, "a não ser que Ptolemaios me mande". Mitras, ministro de Lisímacos presente ao encontro, falou-lhe: "Parece que ignoras não somente os deuses mas até os reis!" E Teôdoros: "Como poderia eu ignorar os deuses se acho que és odiado pelos deuses?" Conta-se que certa vez em Corinto ele passeava com um numeroso séquito de discípulos, e Metroclês, o Cínico, que lavava cerefólio, lhe disse: "Se tu, o sofista, lavasses verdura, não necessitarias de tantos discípulos." Teôdoro retrucou: "E tu, se tivesses aprendido a conviver com os homens, não te servirias dessas verduras." (103) Conta-se uma anedota semelhante a propósito de Diôgenes e Arístipos, como dissemos acima[185]. Eram, esses, então, o caráter e a doutrina de Teôdoros. Afinal ele se retirou para Cirene, onde viveu com Magas e continuou a receber grandes honrarias. Narra-se que por ocasião de sua primeira expulsão de Cirene Teôdoros declarou espirituosamente: "Agistes muito bem, cidadãos de Cirene, transferindo-me da Líbia para a Hélade."

Houve vinte personagens com o nome de Teôdoros: primeiro, um sâmio, filho de Roicos; partiu dele o conselho para porem rescaldo de carvão vegetal sob as fundações do templo de Éfesos (sendo o terreno muito úmido, o carvão, livre das fibras lígneas, adquiria uma solidez impenetrável à água); segundo, um geômetra cirenaico, cujas preleções Platão ouviu; terceiro, o filósofo de que estamos tratando; quarto, o autor de uma obra excelente sobre o exercício da voz; (104) quinto, uma autoridade em compositores de melodias a partir de Têrpandros; sexto, um filósofo estóico; sétimo, o autor de uma obra sobre os romanos; oitavo, um siracusano, autor de uma obra sobre tática; nono, um bizantino, famoso por seus discursos políticos; décimo, outro, igualmente famoso, mencionado por Aristóteles em sua *Epítome dos Oradores*[186]; décimo primeiro, um escultor tebano; décimo segundo, um pintor mencionado por Polêmon; décimo terceiro, um pintor ateniense sobre o qual Menôdotos escreveu; décimo quarto, um pintor efésio mencionado por Teofanes em sua obra sobre a pintura; décimo quinto, um poeta autor de epigrama; décimo sexto, um escritor sobre os poetas; décimo sétimo, um médico discípulo de Atênaios; décimo oitavo, um filósofo estóico de Quios; décimo nono, um milésio, também filósofo estóico; vigésimo, um poeta trágico.

Capítulo 9. FÁIDON.

(105) Fáidon nasceu em Élis, de família nobre, e por ocasião da queda de sua cidade foi capturado e confinado numa casa mal-afamada. Mas, fechando a porta, conseguiu entrar em contato com Sócrates, e finalmente, por insistência deste,

185. Veja-se o § 68 deste livro.
186. Fragmento 132 Rose.

Alcibíades ou Críton com seus amigos o resgataram; a partir dessa época ele dedicou-se ao estudo da filosofia, após recuperar a condição de homem livre. Em sua obra *Da Suspensão do Juízo* Hierônimos o ataca e chama de escravo. Dos diálogos que trazem o seu nome o *Zôpiros* e o *Símon* são autênticos; o *Nícias* é duvidoso; o *Medíon*, segundo algumas autoridades, é obra de Aisquines, mas outras o atribuem a Políainos; o *Antímacos* e *Os Anciãos* são atribuídos por alguns autores a Aisquines.

Seu sucessor foi Plêistanos de Élis, e uma geração mais tarde Menêdemos de Eretria e Asclepiades de Fliús (egressos da escola de Stílpon) o sucederam. Até então, sua escola era conhecida como de Élis, porém, a partir de Menêdemos, passou a chamar-se escola eretriana. De Menêdemos falaremos mais tarde, pois ele iniciou uma escola filosófica.

Capítulo 10. EUCLEIDES

(106) Eucleides nasceu em Mêgara, no istmo, ou segundo outros autores em Gela, como afirma Alêxandros em sua obra *Sucessão dos Filósofos*. Dedicou-se ao estudo de Parmenides, e seus seguidores passaram a chamar-se megáricos por sua causa, depois erísticos e mais tarde dialéticos, nome dado pela primeira vez a esses filósofos por Dionísios de Calcêdon porque expunham seus argumentos na forma de perguntas e respostas. Hermôdoros informa que, após a morte de Sócrates, Platão e os filósofos restantes, alarmados com a crueldade dos tiranos, foram para a companhia de Eucleides. Ele sustentava que o bem supremo era na realidade um só, embora tivesse muitos nomes – às vezes sabedoria, às vezes deus, ou então espírito, e assim por diante. Rejeitava tudo que é contrário ao bem, negando sua existência.

(107) Ao impugnar uma demonstração, esse filósofo não atacava as premissas, e sim as conclusões. Rejeitava o argumento por analogia, declarando que o mesmo se baseia em coisas similares ou dissimilares; se se baseia em coisas similares, é nestas e não em suas analogias que os argumentos devem basear-se; se se baseia em coisas dissimilares, o paralelo é supérfluo. Por isso Tímon diz dele[187], atingindo também os outros socráticos: "Não me preocupo com esses tagarelas, nem com outros quaisquer, nem com Fáidon, seja ele quem for, nem com o rixento Euclides, que transmitiu aos megáricos o amor frenético pela controvérsia."

(108) Eucleides escreveu seis diálogos: *Lamprias, Aisquines, Fóinix, Críton, Alcibíades* e *Do Amor*. À escola de Eucleides pertence Eubulides de Miletos, autor de numerosos argumentos dialéticos em forma interrogativa: *O Mentiroso, O Disfarçado, Electra, O Argumento Velado, Sorites, O Cornudo, O Calvo*.

Um dos poetas cômicos[188] diz dele:

> "Eubulides, o erístico que propunha sofismas cornudos e confundia os oradores com argumentos falsos e pomposos, foi-se com toda a fanfarronada de um Demóstenes."

Demóstenes parece ter sido um de seus ouvintes, e graças a ele melhorou sua pronúncia da letra R. (109) Eubulides teve uma controvérsia com Aristóteles e o criticou reiteradamente.

187. Fragmento 28 Diels.
188. Fragmento anônimo 294 Kock.

Entre outros prosélitos de Eubulides incluía-se Alexinos de Élis, um homem apaixonado por controvérsias, razão pela qual o chamavam de Elenxinos[189]. Engajou-se em controvérsias especialmente com Zênon. Hêrmipos diz que ele se mudou de Élis para Olímpia, onde estudou filosofia. Seus discípulos perguntavam-lhe por que se transferira para lá, e sua resposta era que pretendia fundar uma escola que se pudesse chamar Olímpica. Entretanto, seus discípulos, seja por falta de provisões seja pela insalubridade do local, foram-se embora e Alexinos passou a viver em solidão com um único servo. Passado algum tempo, enquanto nadava no rio Alfeiôs, foi atingido pela ponta de um junco e morreu desse ferimento.

(110) Há também um epigrama de nossa autoria sobre ele[190]:

> "Não era vã, então, aquela fábula segundo a qual um homem sem sorte teve o pé transpassado por um prego enquanto nadava; de fato, aquele homem venerável, Alexinos, antes de poder transpor o Alfeiôs foi atravessado por um junco e morreu."

Ele escreveu não somente uma obra contra Zênon, mas também outras, inclusive uma contra o historiador Éforos.

À escola de Eubulides pertenceu também Êufantos de Ôlintos, autor de uma história de sua própria época. Esse filósofo escreveu também várias tragédias, com as quais obteve sucesso nos concursos durante os festivais. Foi ainda professor do rei Antígonos[191], a quem dedicou sua obra *Da Realeza*, muito famosa. Morreu de velhice.

(111) Houve ainda outros discípulos de Eubulides, entre os quais Apolôdoros, cognominado Cronos. Deste foi discípulo, Diôdoros, filho de Ameinias de Íasos, também cognominado Cronos[192], de quem Calímacos diz em seus *Epigramas*:

> "O próprio Momos escrevia nas paredes: Cronos é sábio."

Diôdoros foi um dialético, que na opinião de alguns autores teria sido o primeiro a descobrir o argumento velado e o argumento cornudo. Ele estava na corte de Ptolemaios Sóter quando Stílpon lhe apresentou alguns argumentos dialéticos; não conseguindo refutá-los imediatamente, foi censurado pelo rei, e entre outras humilhações recebeu por zombaria o cognome de Cronos[193].

(112) Saindo do banquete, depois de haver escrito sobre um problema de lógica, morreu de depressão. Há também um epigrama nosso a seu respeito[194]:

> "Que demônio te mergulhou na desagradável depressão, Diôdoros Cronos, a ponto de te lançares no Tártaros, pela incapacidade de decifrar as palavras enigmáticas de Stílpon? Revelaste-te então um Cronos sem o C e sem o R."[195]

Os sucessores de Eucleides foram Ictias, filho de Mêtalos, homem excelente, a quem Diógenes, o Cínico, dedicou um de seus diálogos; Cleinômacos de Túrioi, o primeiro a escrever a propósito das preposições, dos predicados e assuntos afins; e Stílpon de Mêgara, um filósofo dos mais notáveis, de quem iremos falar.

---

189. *Élegkhos* = argumento para refutação.
190. *Antologia Palatina*, III, 129.
191. Antígonos Dôson, nascido em 262 a.C..
192. Veja-se Strábon, *Geografia*, XIV, 658.
193. *Khronos* = tempo.
194. *Antologia Palatina*, VII, 19.
195. Ou seja, *onos* = asno.

Capítulo 11. STÍLPON

(113) Stílpon, de Mêgara (na Hélade), foi discípulo de alguns dos seguidores de Eucleides, embora segundo outros autores tenha sido discípulo do próprio Eucleides, e além disso de Trasímacos de Corinto, que foi amigo de Ictias, de acordo com Heracleides. Pela inventividade em relação a argumentos e pela capacidade sofística sobrepujou a tal ponto os outros filósofos que quase toda a Hélade tinha os olhos postos nele e aderiu à escola megárica. Sobre ele Filipos de Mêgara exprimiu-se textualmente com as seguintes palavras: "De Teôfrastos Stílpon conquistou para sua escola o teórico Metrôdoros e Timogenes de Gela; de Aristóteles (o filósofo cirenaico), Clêitarcos e Simias; dos próprios dialéticos conquistou Paiônios; de Aristeides, Dífilos do Bôsporos, filho de Êufantos, e Mírmex, filho de Exáinetos; os dois últimos tinham vindo a ele para refutá-lo, porém tornaram-se seus prosélitos devotados." (114) Além desses, Stílpon conquistou para a sua escola o peripatético Frasídemos, um físico excelente, e o retor Álcimos, o principal orador de toda a Hélade; conquistou também Crates e muitíssimos outros, e mais ainda, juntamente com estes trouxe para sua escola Zênon, o Fenício. Stílpon foi também excelente na doutrina política. Ele era casado formalmente, mas convivia também com a cortesã Nicarete, como atesta Onêtor em uma de suas obras; teve uma filha dissoluta, casada com seu amigo Simias de Siracusa. Não sendo a sua vida regular, alguém disse a Stílpon que essa filha constituía uma desonra para ele: Stílpon replicou: "Não mais do que sou uma honra para ela."

(115) Dizem que o próprio Ptolemaios Sóter o tinha em alta conta, e quando se apoderou de Mêgara ofereceu-lhe uma quantia em dinheiro e convidou-o a ir com ele para o Egito. Stílpon, todavia, aceitou somente uma importância moderada, recusando o convite para a viagem e mudando-se para Áigina até a partida de Ptolemaios. Quando Demétrios, filho de Antígonos, conquistou mais tarde Mêgara, tomou medidas visando à preservação da casa de Stílpon e à devolução de tudo que lhe fora tirado. Mas, quando lhe pediu uma relação dos bens confiscados, Stílpon negou que tivesse perdido qualquer coisa realmente de sua propriedade, pois ninguém o privara de sua doutrina e ele ainda possuía a razão e a ciência.

(116) Conversando sobre o dever de benemerência, Stílpon impressionou de tal maneira o rei que este passou a dedicar-lhe grande admiração.

Conta-se que acerca da estátua de Atena, esculpida por Feidias, ele havia usado mais ou menos a seguinte argumentação: "Atena, filha de Zeus, é uma divindade?"[196] Tendo o interlocutor dito "Sim", Stílpon prosseguiu, aludindo à estátua: "Esta, entretanto, não é de Zeus, e sim de Feidias"; em face da concordância do outro o filósofo concluiu: "Então não é uma divindade." Por causa dessa afirmação ele foi acusado diante do Areópago, onde não negou a alegação; sustentou a correção de seu raciocínio, porque Atena não é uma divindade, e sim uma deusa; somente os deuses eram divindades masculinas. Apesar dessa explicação os juízes do Aerópago lhe ordenaram que deixasse imediatamente a cidade. Conta-se ainda que naquela ocasião Teôdoros, cognominado Deus, dissera ridicularizando-o: "Mas como Stílpon sabe disso? Será que ele levantou a roupa e viu o sexo?" Esse Teôdoros era de fato muitíssimo impudente, e Stílpon muitíssimo engenhoso.

---

196. Em grego *theós* (masculino).

(117) Quando Crates lhe perguntou se os deuses se deleitam com preces e adoração, conta-se que sua resposta foi: "Não me faças essa pergunta na rua, criatura simplória, e sim quando estivermos sós!" Dizem que a resposta de Bion quando lhe perguntaram se os deuses existem foi:

"Não afastarás de mim a multidão, velho desgraçado?".

Stílpon tinha um caráter simples, sem afetação, e se adaptava facilmente aos homens comuns. Por exemplo, certa vez Crates, o Cínico, não respondeu a uma pergunta e apenas insultou quem a fez; o comentário de Stílpon foi: "Eu sabia que dirias tudo, exceto o que deverias dizer." Em outra ocasião Crates ofereceu-lhe um figo e ao mesmo tempo lhe fez uma pergunta; Stílpon aceitou o figo e o comeu. "Por Heraclés", exclamou Crates, "perdi o figo!" "Não somente ele", replicou Stílpon, "mas também a pergunta pela qual o figo era um adiantamento". (118) Em outra ocasião, vendo Crates tiritando de frio no inverno, Stílpon lhe disse: "Parece-me que necessitas de um manto novo e de bom-senso."[197] Crates sentiu-se ofendido e replicou com a seguinte paródia[198]:

"Vi Stílpon passando por duros sofrimentos em Mégara onde, segundo dizem, está o leito de Tifoeus; lá ele discutia com um grande bando de amigos seus, que perseguindo literalmente a excelência a consumiam."[199]

(119) Dizem que em Atenas Stílpon atraía de tal maneira o público que o povo corria das lojas para vê-lo. Ouvindo alguém dizer: "Eles te admiram como se fosses um ser exótico, Stílpon", o filósofo comentou: "Não como um ser exótico, mas como um homem de verdade." Sendo extraordinariamente hábil nas controvérsias, ele negava a validade até dos conceitos gerais, e dizia que quem afirma a existência do homem não significa os indivíduos, não se referindo a este ou àquele; de fato, por que deveria significar um homem mais que outro? Logo, não quer dizer este homem individualmente. Da mesma forma, "verdura" não é esta verdura em particular, pois a verdura já existia há dez mil anos; logo, "isto" não é verdura. Conta-se que no meio de uma discussão com Crates Stílpon saiu correndo para comprar peixe, enquanto Crates tentava detê-lo dizendo-lhe: "Abandonas a discussão?" Stílpon respondeu: "Não; mantenho a discussão embora te esteja deixando, porquanto a discussão irá demorar, mas o peixe será vendido num instante."

(120) Conservam-se nove diálogos de sua autoria, num estilo frígido: *Moscos, Arístipos* ou *Calias, Ptolemaios, Cairecrates, Metroclés, Anaximenes, Epigenes, À sua Filha* e *Aristóteles*. Heracleides afirma que Zênon, o fundador da escola estóica, foi seu discípulo[200]; Hêrmipos atesta que Stílpon morreu em idade avançada após beber vinho para apressar a morte.

Há o seguinte epigrama de nossa autoria sobre ele[201]:

197. Há no original um jogo de palavras intraduzível literalmente: *kainou* significa "novo" (no genitivo) e *kai nou* significa "e de bom-senso", "e de espírito". O jogo de palavras é repetido no § 3 do Livro VI.

198. Fragmento 1 Diehl.

199. Alusão às sutilezas verbais estéreis dos erísticos.

200. Veja-se o § 24 do Livro VII.

201. *Antologia Planúdea*, V, 42.

"Certamente conheces Stílpon de Mégara: a velhice e depois a doença – uma dupla formidável – o abateram. Entretanto, encontrou um auriga mais forte que aquela parelha no vinho que, avidamente bebido, o levou bem depressa."

Stílpon foi também ridicularizado pelo poeta cômico Sófilos[202]:

"A palavra de Carinos é a rolha de Stílpon."

Capítulo 12. CRÍTON

(121) Críton era um cidadão de Atenas, extremamente devotado a Sócrates, de quem cuidava tanto que negligenciava suas próprias necessidades. Seus filhos Critôbulos, Hermogenes, Epigenes e Ctésipos também foram discípulos de Sócrates. Críton escreveu dezessete diálogos, reunidos em um único livro, com os seguintes títulos: *A Instrução não Torna os Homens Melhores; Da Superfluidade; Do que É Conveniente,* ou *O Estadista: Da Beleza; da Maleficência; Da Boa Ordem; Da Lei; da Divindade; Das Artes; Da Vida em Sociedade; Da Sabedoria; Protagoras*, ou *O Estadista; Das Cartas; Da Poética; Da Instrução; Do Conhecimento,* ou *Da Ciência; Que é o Conhecimento?*

Capítulo 13. SÍMON

(122) Símon era um cidadão de Atenas e sapateiro remendão. Quando Sócrates chegava à sua loja e começava a conversar ele costumava tomar notas de tudo que podia lembrar. Por isso dizia-se que seus diálogos eram "de couro"; existem trinta e três desses diálogos, reunidos num volume único: *Dos Deuses; Do Bem; Do Belo; Que É o Belo?; Do Justo* (dois diálogos); *Da Excelência, que não Pode Ser Ensinada; Da Coragem* (três diálogos); *Da Lei; Da Demagogia; Da Honra; Da Poesia; Do Bem Viver; Do Amor; Da Filosofia; Da Ciência; Da Música;* (123) *Da Poesia; Do Ensino; Da Arte da Conversação; Do Juízo; Do Ser; Do Número; Da Diligência; Da Eficiência; Da Ganância; Da Presunção; Do Belo.*

E ainda os seguintes: *Da Deliberação; Da Razão; Do que É Conveniente; Da Maleficência.*

Dizem que ele foi o primeiro a introduzir na conversação o método socrático. Quando Péricles prometeu sustentá-lo e o instou a ir juntar-se a ele, a resposta foi: "Não renuncio à minha liberdade de palavra por dinheiro."

(124) Houve outro Símon, autor de tratados de arte retórica; um outro, médico na época de Sêleucos Nicânor; e um terceiro, escultor.

Capítulo 14. GLÁUCON

Gláucon era cidadão ateniense, e dele conservam-se nove diálogos num volume único: *Feídilos; Eurípides; Amínticos; Eutias; Lisiteides; Aristófanes; Céfalos; Anaxífemos; Menêxenos.* Existem ainda trinta e dois considerados espúrios.

202. Veja-se Edmonds, *The Fragments of Attic Comedy*, II, 548.

Capítulo 15. SIMIAS

Simias era um cidadão de Tebas; conservam-se dele vinte e três diálogos num volume único: *Da Sabedoria; Do Raciocínio; Da Música; Dos Versos; Da Coragem; Da Filosofia; Da Verdade; Das Cartas; Do Ensino; Da Arte; Do Governo; Da Conveniência; Do que se Deve Escolher e Evitar; Da Amizade; Do Conhecimento; Da Alma; Do Bem Viver; Do Possível; Do Dinheiro; Da Vida; Que É o Belo?; Da Diligência; Do Amor.*

Capítulo 16. CEBES

(125) Cebes era cidadão de Tebas; conservam-se dele três diálogos: *A Tabuleta; O Sétimo Dia; Frínicos.*

Capítulo 17. MENÊDEMOS

Menêdemos foi um dos discípulos de Fáidon; era filho de Cleistenes (membro do clã dos Teopropidas), nobre de nascimento, embora fosse arquiteto e pobre; outros autores dizem que Menêdemos foi pintor de cenários e aprendeu ambos os ofícios. Por isso, quando ele apresentou um decreto à assembléia, um certo Alexíneios o atacou, declarando que o sábio não é a pessoa adequada para pintar uma cena ou propor um decreto. Mandado pelos eretrianos para Mêgara em missão militar, visitou a Academia de Platão, sentindo-se tão atraído que abandonou o serviço militar. (126) Asclepiades de Fliús levou-o consigo e ele passou a viver em Mêgara com Stílpon, cujas preleções ambos ouviam. De Mêgara ambos viajaram para Élis, onde se juntaram a Arquípilos e Moscos da escola de Fáidon. Até essa época, como já dissemos na Vida de Fáidon[203], os filósofos dessa escola chamavam-se Elíacos; daí em diante receberam o nome de eretrianos, por causa da pátria do filósofo de quem estamos falando. Segundo parece Menêdemos era muito pomposo, e por isso Crates diz em sua paródia[204]:

"Asclepiades de Fliús e o touro de Eretria."

E Tímon diz o seguinte[205]:

"Franze o sobrecenho o tolo fanfarrão quando impinge suas magníficas charlatanices."

(127) Menêdemos era tão pomposo que Eurílocos de Cassandrea, convidado para ir à corte de Antígonos juntamente com o jovem Cleipides de Cízicos, recusou o convite, temendo que Menêdemos, áspero e sem peias na língua como era, viesse a saber. Quando um jovem tomou certa vez excessiva licença com ele Menêdemos, sem dizer uma palavra, apanhou uma vareta e desenhou no chão a figura de um jovem fornicando passivamente sob o olhar de todos; o jovem afinal percebeu o insulto e se afastou. Em certa ocasião Hieroclés, comandante do Peiraieus, passeava para um lado e para outro com ele no santuário de Anfiáraos, e falava muito sobre a captura de Eretria; Menêdemos limitou-se a perguntar por que Antígonos mantinha relações sexuais com ele.

203. Veja-se o § 105 deste livro.
204. Fragmento 2 Diehl.
205. Fragmento 29 Diels.

(128) A um adúltero que se vangloriava de seus feitos Menêdemos disse: "Não sabes que não somente o repolho mas também o rabanete é saboroso?" A um jovem que gritava escandalosamente ele falou: "Olha bem, pois talvez tenhas alguma coisa dentro de ti e não saibas!" Certa vez Antígonos perguntou-lhe se devia ir a uma festa; Menêdemos rompeu o silêncio apenas para aconselhá-lo a ter em mente que era filho de um rei. A um néscio que falava com ele sem um objetivo aparente Menêdemos perguntou se possuía uma fazenda; diante da resposta afirmativa, seguida de informações sobre muitas outras posses, Menêdemos disse: "Vai embora, então, e cuida de tudo isso para evitar que tanta coisa se arruíne e desapareça um fazendeiro muito capaz." A alguém que lhe perguntou se um homem sério devia casar-se ele respondeu: "Consideras-me sério ou não?" Em face da resposta afirmativa do outro Menêdemos disse: "Pois sou casado." (129) A alguém que afirmava que existiam muitas coisas boas ele perguntou quantas e se pensava que tais coisas eram mais de cem. Não podendo suportar as extravagâncias dispendiosas de alguém que já o convidara para jantar, nada disse quando foi convidado novamente, mas tacitamente advertiu o anfitrião limitando-se a comer apenas azeitonas. Entretanto, por causa de sua incontinência verbal, Menêdemos expôs-se a um grande perigo em Chipre com seu amigo Asclepiades quando estava na corte de Nicocrêon. Com efeito, quando o rei celebrava a festa mensal costumeira, para a qual convidara os dois juntamente com outros filósofos, Menêdemos comentou que se a reunião de tais homens era uma boa coisa a festa deveria realizar-se diariamente; se não era, seria supérflua mesmo sendo mensal. (130) Diante da réplica do rei no sentido de que aquele era o único dia em que podia dedicar-se a ouvir os filósofos, Menêdemos reiterou o seu ponto de vista com obstinação ainda maior, declarando durante toda a festa que em qualquer ocasião os filósofos devem ser ouvidos; o resultado foi que se um flautista não os tivesse separado o final da festa teria sido violento. Narra-se a esse respeito que enquanto enfrentavam uma tempestade em meio a uma viagem marítima Asclepiades teria dito que o flautista os salvara graças à sua arte excelente, e que a incontinência verbal de Menêdemos os arruinara. Dizem que lhe era desagradável o trabalho e não cuidava do andamento de sua escola, e não se podia ver na mesma a mínima ordem, não havendo sequer bancos dispostos em círculo; cada discípulo ouvia a lição onde se encontrava, passeando ou sentado, e Menêdemos se comportava de maneira idêntica. (131) Sob outros aspectos o filósofo era nervoso, segundo se dizia, e muito cioso de sua reputação; tanto era assim que, em certa ocasião, o próprio Menêdemos e Asclepiades estavam ajudando alguém a construir uma casa; enquanto se podia ver Asclepiades despido na cobertura passando a argamassa, Menêdemos tentava ocultar-se toda vez que via uma pessoa aproximar-se. Depois de haver participado da vida pública Menêdemos ficou muito nervoso, de tal maneira que pondo incenso deixava-o cair sempre fora do turíbulo. Em certa ocasião, quando Crates aproximou-se e o atacou por dedicar-se à vida pública, Menêdemos mandou alguém prendê-lo. Ainda assim, Crates o observava de uma das janelas do presídio na ponta dos pés enquanto Menêdemos passava, e o chamava de Agamêmnon de bolso e Hegesípolis[206].

(132) Menêdemos era de certo modo muito cismado. Estando um dia com Asclepiades numa hospedaria, comeu inadvertidamente alguma carne que havia

206. Hegesípolis significa literalmente "dono da cidade".

sido jogada fora; tomando conhecimento dessa circunstância, ficou com náuseas e pálido, até que Asclepiades o censurou, dizendo que não foi a carne que lhe fez mal, e sim sua suspeita em relação à mesma. Sob todos os outros aspectos Menêdemos era magnânimo e liberal. Quanto à sua compleição, mesmo na velhice era sadio e queimado de sol, parecendo um atleta, embora fosse gordo e desgastado por sua atividade de filósofo; era bem proporcionado de compleição, como se pode ver em sua estátua existente no estádio antigo de Eretria, onde sem dúvida intencionalmente o filósofo aparece quase nu, mostrando a maior parte do corpo.

(133) Menêdemos era acolhedor, e sendo o clima de Eretria insalubre, convidava freqüentemente os amigos, inclusive poetas e músicos. Mantinha relações cordiais com Áratos, com Licofron (o poeta trágico) e com Antagoras de Rodes; acima de tudo, entretanto, dedicava-se ao estudo de Homero, e além deste aos poetas líricos e ainda Sófocles, e também Acaios, a quem atribuía o segundo lugar como escritor de dramas satíricos, reservando o primeiro para Ésquilo. Por isso citava contra seus adversários políticos os versos seguintes[207]:

> "Às vezes o veloz é ultrapassado pelo débil e a águia pela tartaruga em pouco tempo."

(134) Esses versos são do drama satírico *Onfale* de Acaios; erra, portanto, quem afirma que ele havia lido somente a *Medéia* de Eurípides, cuja autoria, aliás, alguns estudiosos atribuem a Neofron de Sícion. Ele desdenhava os mestres da escola de Platão e Xenocrates, e também Paraibates, o Cirenaico, enquanto demonstrava grande admiração por Stílpon (em certa ocasião, quando lhe pediram a opinião a seu respeito, Menêdemos disse apenas que se tratava de um homem liberal). Por sua inteligência superior dificilmente podia ser entendido, e não tinha rival na concatenação dos pensamentos. Sua versatilidade permitia-lhe voltar-se para qualquer argumento, e imaginar objeções com facilidade. Em sua obra *Sucessão dos Filósofos* Antistenes diz que ele foi o maior dos erísticos. Menêdemos gostava de usar especialmente o seguinte argumento: "Uma de duas coisas é diferente da outra?" "É." "E fazer benefícios é diferente de ser bom?" "É." "Então fazer benefícios não é bom."

(135) Dizem que ele não admitia proposições negativas, convertendo-as em afirmativas, e destas aceitava somente as simples, rejeitando as que não são simples (quero dizer as proposições hipotéticas e complexas). Heracleides afirma que doutrinariamente Menêdemos era um platônico, e com a dialética apenas se divertia. Tanto é assim que Alexinos certa vez lhe perguntou se havia deixado de espancar seu pai, e ele respondeu: "Nem o espancava, nem deixei de fazê-lo." Insistindo o outro que desejava resolver a ambigüidade com um claro "sim" ou "não", Menêdemos replicou: "Seria absurdo para mim submeter-me às tuas leis se posso fazer-te parar na soleira." E de Bíon, que atacava obstinadamente os adivinhos, Menêdemos dizia que ele estava matando os mortos.

(136) Ouvindo alguém falar que o bem maior é obtermos tudo que queremos, Menêdemos comentou: "Um bem muito maior é querermos o que devemos querer." Antígonos de Caristos afirma que Menêdemos nunca escreveu ou compôs obra alguma, e portanto nunca sustentou firmemente qualquer doutrina, acrescentando que ao discutir as questões ele era tão combativo que somente se

207. Nauck, *Tragicorum Graecorum Fragmenta*, fragmento 34 de Acaios.

retirava depois de ficar exausto. No entanto, apesar de mostrar-se tão resoluto no debate, em suas ações era de uma brandura absoluta. Por exemplo, embora divertindo-se à custa de Alexinos e zombando asperamente dele, Menêdemos mostrava-se bom amigo, pois quando a mulher de Alexinos estava aflita por temer um assalto em sua viagem de Delfos a Calcis proporcionou-lhe uma escolta.

(137) Menêdemos era um amigo fervoroso, como se pode ver em sua amizade com Asclepiades, que em nada diferia da devoção demonstrada por Pílades[208]. Sendo Asclepiades o mais velho, dizia-se que ele era o dramaturgo e Menêdemos o ator. Consta que em certa ocasião Arquípolis lhes havia oferecido três mil dracmas e eles discutiram durante tanto tempo para saber quem deveria ser contemplado em segundo lugar que nenhum dos dois obteve o dinheiro. Conta-se também que os dois vieram a casar-se respectivamente com mãe e filha, Asclepiades com a filha e Menêdemos com a mãe desta, e que após a morte de sua própria mulher Asclepiades casou-se com a mulher de Menêdemos; mais tarde este último, quando assumiu o governo de sua cidade, casou-se com uma mulher rica em segunda núpcias. Apesar disso, como ambos moravam na mesma casa, Menêdemos confiou à sua primeira mulher a administração doméstica.

(138) Asclepiades morreu primeiro, em Eretria, já muito velho, tendo vivido parcimoniosamente com Menêdemos, embora os dois dispusessem de grandes recursos. Algum tempo depois apareceu um antigo amásio de Asclepiades, querendo participar de uma festa; como os discípulos o impedissem de entrar, Menêdemos ordenou-lhes que o admitissem, dizendo que mesmo naquela ocasião Asclepiades, embora estivesse embaixo da terra, abria-lhe a porta. Seus principais benfeitores foram o macedônio Hipônicos e o lâmio Agétor; este último deu a cada um dos dois trinta minas, enquanto Hipônicos deu a Menêdemos dois mil dracmas como dote para suas filhas (elas eram três segundo Heracleides, nascidas de uma mulher oriunda de Oropôs).

(139) Menêdemos costumava dar suas festas da seguinte maneira: fazia o desjejum com dois ou três amigos e se entretinha com eles até uma hora mais avançada do dia; em seguida alguém chamava os convidados presentes, que já haviam comido, de tal forma que, se alguém chegasse mais cedo, andaria para um lado e para outro e perguntaria aos que saíam da casa o que havia na mesa e que horas eram. Então, se havia somente verduras ou peixe salgado, eles se retiravam, porém, se havia carne, entravam. No verão punham-se sobre os divãs esteiras de palha, e no inverno peles de ovelha; os convidados traziam suas próprias almofadas. A taça que circulava entre os convidados não era maior que um vaso. A sobremesa consistia em tremoços ou feijões, às vezes em frutas, como pêras, romãs, uma espécie de ervilha, ou mesmo, por Zeus, figos secos. (140) A tudo isso alude Licofron em seu drama satírico intitulado *Menêdemos*, composto em homenagem ao filósofo. Eis um exemplo[209]:

> "Como depois de uma refeição sóbria, a taça modesta circulava discretamente, e sua sobremesa era um discurso moderado, dirigido a quem quisesse ouvir."

208. Subentenda-se: "em relação a Orestes".
209. Veja-se Nauck, página 818 da segunda edição dos *T. G. F.*.

A princípio Menêdemos era ridicularizado, sendo chamado de cínico ou de boquirroto dos eretrianos, porém mais tarde passou a ser muito admirado, a ponto de lhe confiarem o governo da cidade. Menêdemos foi mandado em missão a Ptolemaios e a Lisímacos, recebendo honrarias onde quer que chegasse. Além disso seus concidadãos o enviaram a Demétrios, e ele conseguiu reduzir em cinqüenta talentos o tributo anual de duzentos que a cidade pagava ao rei. E quando o acusaram junto a Demétrios de conspirar para entregar a cidade a Ptolemaios, ele se defendeu numa carta cujo início era: (141) "Menêdemos ao rei Demétrios, saudações. Ouvi dizer que te enviaram um relatório referente a mim." De acordo com uma versão teria sido um certo Aisquilos, um de seus adversários políticos, o autor dessas acusações contra Menêdemos. Parece, entretanto, que sua conduta na embaixada a Demétrios a respeito de Oropôs foi perfeitamente digna, como Êufantos relata em suas *Histórias*. Antígonos também era ligado a Menêdemos, e costumava proclamar-se seu discípulo. Quando Antígonos venceu os bárbaros nas imediações da cidade de Lisimaquia, Menêdemos apresentou em sua honra um decreto simples, destituído de adulação, cujo início é: (142) "Os generais e os conselheiros declaram: Considerando que o rei Antígonos está voltando a seu país após vencer os bárbaros em batalha, e considerando que em todas as suas iniciativas tudo acontece de acordo com seus desejos, o Conselho e o povo decretam..."

Por isso e pela atitude amistosa em relação ao rei em outros assuntos, Menêdemos foi acusado, por inicitiva de Aristôdemos, de querer entregar a cidade a Antígonos, e assim viu-se obrigado a abandoná-la, passando algum tempo em Oropôs no templo de Anfiáraos. Mas, como desapareceram do templo algumas taças de ouro, ele recebeu ordens para partir em decorrência de uma decisão unânime dos habitantes da Boiotia, segundo o relato de Hêrmipos. Em face desses acontecimentos degradantes Menêdemos, após visitar secretamente sua pátria, partiu com sua mulher e suas filhas e foi para a corte de Antígonos, onde morreu amargurado.

(143) Heracleides conta uma história completamente diferente: eleito conselheiro pelos eretrianos, Menêdemos muitas vezes teve de recorrer a Demétrios para livrar a cidade da tirania; sendo assim, não lhe teria sido possível entregar a cidade a Antígonos, mas foi vítima de uma acusação infundada; refugiou-se em seguida junto a Antígonos, porque desejava induzi-lo a libertar a pátria; entretanto, como o rei não lhe acolheu os planos, dominado pelo desespero pôs fim à vida, abstendo-se de alimentos durante sete dias. Antígonos de Caristos faz um relato semelhante a este. Somente contra Persaios ele se empenhou numa guerra declarada, porque, segundo parece, este último havia impedido Antígonos – desejoso de tomar essa iniciativa para ajudar Menêdemos – de restaurar a democracia em Eretria.

(144) Por isso Menêdemos, em certa ocasião, durante um banquete, refutou Persaios numa discussão e entre outras coisas disse: "Como filósofo ele é assim, porém como homem é pior que todos os que existem e todos que irão nascer."

Segundo Heracleides, Menêdemos morreu com setenta e quatro anos de idade. Há sobre ele o seguinte epigrama de nossa autoria[210]:

210. *Antologia Planúdea*, V, 40.

"Ouvi falar de teu destino, Menêdemos: expiraste voluntariamente, privando-te de alimento durante sete dias. Certamente teu ato foi digno de um eretriano, mas não de um homem, pois o desespero guiou-te na direção de teu destino."

Foram estes, então, os socráticos e seus sucessores. Agora devemos passar a Platão, o fundador da Academia, e a seus sucessores, pelo menos aos que se tornaram famosos.

LIVRO III

PLATÃO[211]

(1) Platão nasceu em Atenas. Era filho de Áriston e de Perictione – ou Potone –, que fazia sua ascendência recuar a Sôlon (Diopides era irmão de Sôlon e pai de Crítias, de quem Calaiscros era filho; Crítias, um dos Trinta, e Gláucon, eram filhos de Calaiscros; Gláucon era pai de Carmides e de Perictione; de Perictione e de Áriston nasceu Platão, na sexta geração a contar de Sôlon; por sua vez, Sôlon pretendia descender de Neleus e de Poseidon). Dizem ainda que seu pai traçava sua ascendência até Codros, filho de Melantos. De acordo com o relato de Trásilos, Codros e Melantos diziam-se descendentes de Poseidon.

(2) Spêusipos, em sua obra *Banquete Fúnebre de Platão*, Clêarcos, no *Elogio de Platão*, e Anaxilaides, no segundo livro de sua obra *Dos Filósofos*, dizem que era voz corrente em Atenas que Áriston quis violentar Perictione, então na plenitude de sua mocidade, porém não conseguiu; desistindo de seus propósitos impetuosos, Áriston teve um sonho com Apolo, e por isso não a molestou em sua pureza até o parto.

Em sua *Crônica*, Apolôdoros situa o nascimento de Platão na 87ª Olimpíada[211a], no sétimo dia do mês Targelion, no mesmo dia em que, segundo os délios, nasceu Apolo. De acordo com Hêrmipos, Platão morreu enquanto participava de um banquete nupcial, no primeiro ano da 108ª Olimpíada[212], aos oitenta anos de idade. (3) Neantes, todavia, diz que ele morreu com 84 anos, sendo então seis anos mais novo que Isocrates. De fato, este último nasceu durante o arcontado de Lisímacos[213], e Platão durante o arcontado de Ameinias[214], no ano da morte de Péricles. Pertencia ao demo Colitos, como diz Antilêon no segundo livro de sua *Crônica*. De acordo com alguns autores, Platão nasceu em Áigina, em casa de Feidiades, filho de Tales, como Favorinos afirma em suas *Histórias Diversas*. Seu pai foi mandado para Áigina como cleruco[215] juntamente com outros cidadãos, e teve de retornar a Atenas quando os lacedemônios vieram socorrer os eginetas e expulsaram os atenienses. Mais tarde Platão foi corego em Atenas, tendo Díon arcado com os custos desse encargo cívico de acordo com Atenôdoros no oitavo livro de sua obra *Excursões*. (4) Adêimantos e Gláucon eram seus irmãos, e Potone, de quem nasceu Spêusipos, era sua irmã.

Platão recebeu os primeiros ensinamentos de Dionísios, mencionado pelo filósofo nos *Rivais*[216]. Praticou ginástica com Áriston, o lutador argivo, de quem

211. 427-347 a.C..
211a. 428-425 a.C..
212. 347 a.C..
213. 436-435 a.C..
214. 429-428 a.C..
215. Os clérucos eram cidadãos atenienses enviados pelo próprio Estado para fundar uma colônia.
216. 132 A. Plâton é a forma grega de Platão.

recebeu o nome de Pláton por causa de sua constituição robusta (originariamente seu nome era Aristoclés, em homenagem ao avô, como diz Alêxandros na *Sucessão dos Filósofos*). Outros autores afirmam que ele recebeu o nome de Pláton por causa da amplitude de seu estilo, ou em decorrência de sua ampla fronte, como diz Neantes. Outros afirmam ainda que Platão lutou nos Jogos Ístmicos – essa informação é de Dicáiarcos no primeiro livro de sua obra *Das Vidas*–, (5) e se dedicou à pintura e a escrever poemas (primeiro ditirambos, e depois cantos líricos e tragédias). Dizem que sua voz era fraca, e Timôteos de Atenas confirma essa deficiência em sua obra *Das Vidas*. Narra-se que Sócrates viu em seus joelhos num sonho um filhote de cisne, cuja plumagem cresceu num instante, e que levantou vôo para emitir um doce canto. No dia seguinte Platão lhe foi apresentado como discípulo, e imediatamente Sócrates disse que ele era a ave de seu sonho.

A princípio Platão estudou filosofia na Academia, e depois no jardim em Colonôs, como diz Alêxandros na *Sucessão dos Filósofos*, seguindo as teorias de Heráclitos. Mais tarde, enquanto se preparava para participar de um concurso de tragédias, passou a ouvir Sócrates em frente ao teatro de Diônisos, e então jogou às chamas seus poemas, exclamando[217]:

"Avança assim, Héfaistos! Platão necessita de ti!"

(6) Dizem que a partir de então, aos vinte anos, tornou-se discípulo de Sócrates. Quando este morreu ele passou a seguir Crátilos, adepto da filosofia de Heráclitos, e Hermogenes, praticante da filosofia de Parmenides. Aos vinte e oito anos, segundo Hermôdoros, Platão retirou-se para Mêgara com outros discípulos de Sócrates, indo juntar-se a Eucleides. Em seguida prosseguiu para Cirene em visita ao matemático Teôdoros, e de lá foi para a Itália a fim de encontrar-se com os pitagóricos Filôlaos e Êuritos; da Itália viajou para o Egito em visita aos profetas, segundo dizem acompanhado por Eurípides, que lá adoeceu e foi curado pelos sacerdotes; estes o trataram com água do mar, e por isso Eurípides teria dito em alguma de suas peças[218]:

"O mar lava todos os males dos homens."

(7) Homero também afirmava[219] que todos os homens do Egito eram médicos. Platão pretendia ainda encontrar-se com os Magos, porém foi impedido de fazê-lo pela guerra na Ásia. De regresso a Atenas ele passava o tempo na Academia, um ginásio atlético fora da cidade, situado num local bem arborizado, assim chamado por causa do herói Hecádemos, como diz Êupolis em sua comédia *Os Desertores*[220]:

"Nos sombreados caminhos do divino Hecádemos."

E Tímon diz de Platão[221]:

"De todos era o guia, um peixe achatado mas orador de fala doce, igual às cigarras em sua musicalidade, que sob as árvores de Hecádemos faz ouvir sua voz delicada como um lírio."

217. Paródia do verso 392 do canto XVIII da *Ilíada* de Homero.
218. *Ifigêneia em Táuris*, 1193.
219. Na *Odisséia*, IV, 231.
220. Fragmento 32 Edmonds.
221. Fragmento 30 Diels.

(8) Então, o nome originário do local era Hecademia, escrito com "He". O filósofo era amigo também de Isócrates (Praxifanes transcreveu uma conversa havida entre os dois a propósito dos poetas, quando Platão hospedou Isócrates). Diz Aristôxenos que ele participou três vezes de campanhas militares, uma vez em Tânagra, a segunda em Corinto e a terceira em Délion, onde conquistou o prêmio da bravura. Platão misturou as doutrinas heraclíticas, pitagóricas e socráticas, seguindo Heráclitos na teoria do sensível, Pitágoras na teoria do inteligível e Sócrates na filosofia política.

(9) Dizem alguns autores – entre eles Sátiros – que Platão escreveu a Díon, na Sicília, pedindo-lhe para comprar os três livros pitagóricos de Filôlaos[222] por cem minas (consta que suas condições financeiras eram boas, pois recebeu de Dionísios mais de oitenta talentos; essa afirmação é de Onétor na obra *Se o Sábio Deve Enriquecer*). Além disso ele utilizou consideravelmente as obras do poeta cômico Epícarmos e transcreveu grande parte de suas idéias, como diz Álcimos nos quatro livros *A Amintas*. No primeiro deles Álcimos diz:

"Evidentemente Platão repete muitas coisas de Epícarmos. Considere-se: Platão diz que o sensível é aquilo que nunca é permanente, seja na quantidade, seja na qualidade, mas sempre flui e muda. (10) As coisas de que se tira o número já não são iguais nem determinadas, nem têm qualidade ou quantidade, e o devenir do sensível é eterno e nele nada é essência. O inteligível é aquilo de que nada se subtrai e a que nada se acrescenta. Essa é a natureza das coisas eternas, que é sempre igual e sempre a mesma. Na realidade Epícarmos expressou-se claramente acerca do sensível e do inteligível"[223]:

"A. Os deuses sempre existiram; nunca, em tempo algum, eles faltaram, e o que é eterno é igual e sempre o mesmo.
B. Entretanto dizem que o Caos foi o primeiro deus.
A. Como assim? Não pode ter vindo de lá ou ter ido para lá como primeiro.
B. Então nada veio primeiro.
(11) A. Nem segundo, por Zeus, ao menos quanto a isso de que falamos agora deste modo, mais isso sempre existiu."

E[224]:

"A. Se a um número ímpar, ou par, se quiseres, acrescenta-se um seixo ou dele se tira um seixo, parece-te que ele ainda permanece o mesmo?
B. Certamente não.
A. E assim, se à medida de um cúbito quiseres juntar, ou se dela quiseres tirar, outro comprimento ao que já existia, aquela medida permanecerá a mesma?
B. Não.
A. Agora considera os homens: um cresce, o outro diminui; tudo está mudando sempre. Mas uma coisa que muda naturalmente e nunca permanece no mesmo estado deve ser sempre diferente daquilo que mudou dessa maneira. Nós mesmos – tu e eu – ontem éramos diferentes

222. Testemunho 8 Diels-Kranz.
223. Fragmento 1 Diels-Kranz.
224. Fragmento 2 Diels-Kranz.

do que somos hoje e novamente seremos outros no futuro, e nunca seremos os mesmos segundo esse argumento."

(12) Álcimos acrescenta o seguinte:

"Dizem os sábios que a alma percebe certas coisas por meio do corpo enquanto vê e enquanto ouve, e outras coisas ela discerne por si mesma, não se servindo do corpo para nada; por isso as coisas existentes dividem-se em sensíveis e inteligíveis. Conseqüentemente, Platão dizia que quem quiser compreender os princípios do todo deverá primeiro discernir as idéias em si mesmas, como a igualdade, unidade, multiplicidade, magnitude, repouso e movimento; em segundo lugar, deverá presumir a existência do belo, do bom, do justo e similares em si mesmos; (13) em terceiro lugar, devemos perceber quantas entre as idéias são relativas a outras idéias, como ciência, ou magnitude, ou domínio (considerando que as coisas são homônimas das idéias pelo fato de participarem delas – quero dizer, que são justas as coisas que participam do justo, belas as que participam do belo). E cada uma das idéias é eterna, é uma noção, e além disso é imutável. Por isso, Platão diz[225] que na natureza as idéias permanecem como arquétipos e que as coisas de nosso mundo, sendo cópias suas, assemelham-se às idéias."

Mais ainda: Epícarmos exprime-se da seguinte maneira a propósito do bem e das idéias[226]:

(14)"A. Tocar flauta é alguma coisa?
B. Com toda a certeza.
A. E um homem é tocar flauta?
B. De modo nenhum.
A. Então, que é um flautista? Quem te parece que ele é? Um homem, ou não?
B. Com toda a certeza é um homem.
A. Não te parece que seja também assim em relação ao bem? Em si mesmo o bem não é uma coisa? Quem o aprendeu ou o conhece já se torna bom, da mesma forma que o flautista que aprendeu a tocar flauta, e o dançarino que aprendeu a dançar, e o tecelão que aprendeu a tecer, e igualmente quem quer que tenha aprendido qualquer coisa que imagines; ele não será a arte, e sim o artista."

(15) "Ora: Na concepção de sua teoria das idéias Platão diz [227] que se há memória as idéias estão nas coisas existentes pois a memória é somente de algo estável e permanente, e nada é permanente exceto as idéias." "Como", diz ele[228], "os seres vivos poderiam conservar-se se não tivessem apreendido a idéia e não tivessem recebido da natureza a inteligência? Eles recordam similaridades e seus alimentos, sejam eles quais forem, e isso demonstra que todos os animais possuem a faculdade inata de discernir o que é semelhante; por isso percebem o que se lhes assemelha."

225. *Parmenides*, 132 D.
226. Fragmento 3 Diels-Kranz.
227. *Fédon*, 69 B.
228. *Parmenides*, 128 e seguintes.

Como Epícarmos se expressa?[229]

(16) "A sabedoria não está em um só indivíduo, Êumaios, mas todos os seres vivos são igualmente dotados de inteligência. De fato, se quiseres observar a raça das galinhas, elas não têm os filhos vivos; deitam-se chocando os ovos, e fazem com que tenham vida. E somente a natureza sabe como é essa inteligência, pois a galinha aprendeu por si mesma."

E mais[230]:

"Não há maravilha alguma no fato de falarmos assim e de estarmos satisfeitos conosco e nos acharmos belamente feitos; na realidade, um cão parece a criatura mais bela a outro cão, um boi a outro boi, um asno a outro asno, e até um porco a outro porco."

(17) Álcimos anota esses e outros exemplos ao longo dos quatro livros, apontando a utilização de Epícarmos por Platão. Que Epícarmos tinha consciência de sua sabedoria é lícito deduzir dos versos seguintes, onde ele prevê a vinda de um êmulo seu[231]:

"Como penso – e quando penso em qualquer coisa conheço-a muito bem –, minhas palavras algum dia serão lembradas; alguém as tomará e as livrará do metro que agora têm, e as vestirá com trajes purpúreos, adornando-as com belas frases; sendo invencível, ele mostrará que os demais podem ser vencidos facilmente."

(18) Aparentemente Platão foi o primeiro a introduzir em Atenas os *Mimos* de Sôfron, negligenciados até então, adaptando alguns de seus personagens ao estilo desse poeta; segundo consta achou-se um exemplar dos *Mimos* sob seu travesseiro. Platão viajou três vezes à Sicília, a primeira para ver a ilha e às crateras, na época do tirano Dionísios, filho de Hermocrates, que o forçou a relacionar-se com ele. Entretanto, quando Platão, conversando sobre a tirania, afirmou que seu direito de mais forte era válido somente se Dionísios sobressaísse também em excelência, o tirano sentiu-se ofendido e disse, dominado pela cólera: "Tuas palavras são as de um velho caduco!" Platão respodeu: "E as tuas são as de um tirano."

(19) Ouvindo essas palavras o tirano enfureceu-se e de início teve vontade de eliminá-lo; em seguida intervieram Díon e Arístomenes e ele não realizou o seu intento, mas entregou o filósofo ao lacedemônio Pôlis, recém-chegado numa embaixada, com ordens para vendê-lo como escravo. Pôlis levou-o para Áigina e lá o vendeu. Então Cármandros, filho de Carmandrides, condenou-o à morte de acordo com a lei vigente, na época, em Áigina, que impunha a pena capital sem processo a qualquer ateniense que pusesse os pés na ilha (o próprio Cármandros havia promulgado essa lei, como diz Favorinos em suas *Histórias Variadas*). Mas, quando alguém alegou, gracejando, que o recém-chegado à ilha era um filósofo, o tribunal o libertou. Outros autores dizem que Platão foi levado à Assembléia e mantido sob rigorosa vigilância, não tendo pronunciado uma palavra sequer, a ponto de aceitar o veredito; a Assembléia não decretou a sua morte, mas decidiu vendê-lo como se se tratasse de um prisioneiro de guerra.

229. Fragmento 4 Diels-Kranz.
230. Fragmento 5 Diels-Kranz.
231. Fragmento 6 Diels-Kranz.

(20) Aníceris de Cirene estava por acaso presente e o resgatou por vinte minas – outros autores falam em trinta – e mandou-o para Atenas ao encontro de seus amigos, que imediatamente lhe remeteram o dinheiro. Entretanto, Aníceris recusou-o, dizendo que os atenienses não eram o único povo digno de cuidar de Platão. Outros autores afirmam que Díon enviou o dinheiro e que Aníceris não o aceitou, mas comprou para Platão o pequeno jardim existente na Academia. Conta-se que Pôlis foi derrotado por Cabrias e depois naufragou em Helice, porque seu comportamento em relação ao filósofo provocou a ira da divindade, como diz Favorinos no primeiro livro de suas *Memórias*.

(21) Dionísios, todavia, estava intranqüilo. Tomando conhecimento dos fatos escreveu a Platão e o exortou a não falar mal dele; Platão respondeu que não tinha tempo para pensar em Dionísios. Na segunda viagem ele visitou Dionísios, o Jovem, pedindo-lhe terras e homens para viver de conformidade com a constituição de sua autoria. O tirano prometeu, mas não cumpriu a palavra. Alguns autores dizem que Platão se expôs ainda a um grande perigo, pois teria induzido Díon e Teodotas a libertar a ilha; nessa ocasião o pitagórico Arquitas escreveu uma carta a Dionísios, obteve seu perdão e mandou Platão de volta a Atenas. A carta é a seguinte:

"Arquitas saúda Dionísios.

(22) Todos nós, amigos de Platão, mandamos ao teu encontro Lamiscos e Fotidas a fim de levarem com ele o filósofo, de conformidade com as condições de nosso acordo contigo. Agirás retamente lembrando-te do empenho com que nos exortaste a assegurar a vinda de Platão à Sicília, pois estavas decidido a assumir, entre outras coisas, a responsabilidade por sua segurança enquanto ele estivesse contigo e durante seu regresso. Lembra-te também disto: atribuíste grande importância à sua vinda, e desde aquela ocasião tiveste mais atenções com ele que com qualquer das outras pessoas de tua corte. Se houve alguma desavença, deves agir humanitariamente e restituir-nos esse homem incólume. Agindo assim, procederás justamente e ao mesmo tempo terás a nossa gratidão."

(23) Na terceira vez Platão veio para reconciliar Díon e Dionísios, mas, fracassando nessa tentativa, regressou à sua cidade sem nada conseguir. Em Atenas ele não participou da vida política, embora seus escritos no-lo mostrem como um estadista. A razão é que na época o povo já se tinha acostumado a instituições políticas diferentes. No vigésimo quinto livro de suas *Memórias* Panfile diz que os arcádios e os tebanos, quando fundaram Megalópolis, convidaram Platão para ser seu legislador, mas quando o filósofo descobriu que eles eram contrários à igualdade de direitos recusou-se a ir. (24) Conta-se uma história segundo a qual Platão saiu em defesa de Cabrias, o General, quando este foi objeto de uma acusação que poderia custar-lhe a vida, embora nenhum dos outros cidadãos quisesse tomar essa iniciativa; nessa ocasião, enquanto o filósofo estava subindo para a Acrópole com Cabrias, o sicofante Cróbilos encontrou-o e disse: "Então estás vindo para defendê-lo, ignorando que também te espera a cicuta de Sócrates?" Platão respondeu: "Da mesma forma que quando combati pela pátria me expus a perigos, enfrentá-los-ei agora, como exige o dever para com um amigo."

Platão foi o primeiro a introduzir a discussão filosófica por meio de perguntas e respostas, como diz Favorinos no oitavo livro de suas *Histórias Variadas*, e foi também o primeiro a ensinar a Laodamas de Tasos o método de investigação por meio de análise; foi ainda o primeiro a empregar na filosofia as expressões *antípodas*, *elemento*, *dialética*, *qualidade*, *número oblongo*, e entre as delimitações *superfícies planas*, e finalmente *providência divina*.

(25) Ele foi também o primeiro a contradizer o discurso de Lísias, filho de Céfalos, expondo-o no *Faidros*[232] palavra por palavra, e o primeiro a investigar a importância da gramática. Platão foi o primeiro a opor-se a quase todos os seus predecessores, e por isso pode-se perguntar por que não menciona Demócritos. Neantes de Cízicos diz que, em sua viagem a Olímpia, todos os helenos voltaram os olhos para ele, e lá o filósofo encontrou Díon, que estava prestes a atacar Dionísios. No primeiro livro de suas *Memórias*, Favorinos afirma que o persa Mitridates erigiu uma estátua a Platão na Academia e inscreveu na mesma as seguintes palavras: "O persa Mitridates, filho de Orontabates, dedicou às Musas esta imagem de Platão, feita por Silânion."

(26) Heracleides diz que na juventude Platão era tão recatado e ordeiro que nunca foi visto rindo imoderadamente. Apesar disso, também foi ridicularizado pelos poetas cômicos. Ao menos Teôpompos, em sua peça *Hedicares*, diz[233]:

"Um não é um, e dois mal é um, como diz Platão."

Também Anaxandrides, em sua peça *Teseus*, diz[234]:

"Quando devorava azeitonas exatamente como Platão."

E Tímon faz o seguinte trocadilho sobre seu nome[235]:

"Como Platão, plasmava platidudes absurdas."

(27) E Álexis de Meropis[236]:

"Vieste no momento exato, pois me agito indeciso para um lado e para outro, como Platão; não me ocorreu qualquer conselho sábio, porém as pernas já me doem."

E no *Ancílion*[237]:

"Falas de coisas que não sabes; corre como Platão e saberás tudo acerca de sabão e cebolas."

Ânfis, também, diz no *Anficrates*[238]:

"A. Quanto ao bem, seja ele o que for, que desejas obter por isto, conheço-o menos, senhor, que o bem de Platão.
B. Ouve, então."

(28) E no *Dexidemides*[239]:

"Nada mais sabes, Platão, além de ficar carrancudo, com as sobrancelhas erguidas como qualquer caracol."

E Cratinos, na *Criança Falsamente Trocada*[240]:

"A. Evidentemente és homem e tens uma alma.

232. 230 E e seguintes.
233. Fragmento 14 Edmonds.
234. Fragmento 19 Edmonds.
235. Fragmento 19 Diels.
236. Fragmento 147 Edmonds.
237. Fragmento 1 Edmonds.
238. Fragmento 6 Edmonds.
239. Fragmento 13 Edmonds.
240. Cratinos, o Moço, fragmento 10 Edmonds.

B. À maneira de Platão, não estou certo mas suponho que a tenho."

E Álexis no *Olimpiódoros*[241]:

"A. Meu corpo mortal tornou-se árido, e minha parte imortal correu velozmente para o ar.

B. Isso não é uma aula de Platão?"

E no *Parasita*[242]:

"Ou, como Platão, falar sozinho."

Anaxilas também, no *Botrilíon*, na *Circe* e nas *Mulheres Ricas*, zomba dele[243].

(29) No quarto livro de sua obra *Da Luxúria dos Antigos*, Arístipos diz que Platão era apaixonado por um rapaz chamado Aster, que estudava astronomia junto com ele, e também por Díon, mencionado acima, e ainda, como dizem alguns autores, por Faidros. Evidenciam o seu amor os epigramas escritos por ele sobre essas pessoas[244]:

"Olha os astros, meu Aster! Ah! Se eu fosse os céus para contemplar-te com muitos olhos!"

E outro:

"Entre os vivos, Aster, brilhavas como a estrela matutina; agora, morto, que brilhes como a estrela vespertina entre os finados!"

(30) E para Díon o seguinte:

"As Parcas decretaram lágrimas a Hecabe e às mulheres de Ílion desde o seu nascimento. A ti, entretanto, Díon, que conquistaste a vitória em belas iniciativas, os deuses reservaram amplas esperanças. Jazes na pátria imensa, honrado por teus concidadãos, Díon, tu que deixaste meu coração louco de amor."

(31) Dizem que este último epigrama foi gravado sobre a tumba de Díon em Siracusa. Consta ainda que, estando enamorado de Álexis, e também de Faidros (já mencionado), Platão compôs o seguinte epigrama[245]:

"Agora que eu disse 'Somente Álexis é belo', todos o contemplam e por onde passa ele é olhado por todos. Por que, meu coração, mostras o osso aos cães? Depois sofrerás. Não foi assim que perdemos Faidros?"

Platão também possuiu Arqueânassa, para quem compôs o seguinte epigrama[246]:

"Possuo Arqueânassa, cortesã de Colofon; até em suas rugas pousa o amor picante. Ah! Infelizes que colhestes a flor de sua primeira viagem, por que chamas passastes!"

(32) Ele compôs este outro epigrama sobre Agaton[247]:

"Enquanto beijava Agaton eu tinha a alma nos lábios, como se ela quisesse – infeliz! – passar para ele!"

E outro[248]:

241. Fragmento 158 Edmonds.
242. Fragmento 180 Edmonds.
243. Respectivamente fragmentos 6, 13 e 26 Edmonds.
244. *Antologia Palatina*, VII, respectivamente 99, 699, 670.
245. *Antologia Palatina*, VII, 100.
246. *Antologia Palatina*, VII, 217.
247. *Antologia Palatina*, V, 78.
248. *Antologia Palatina*, V, 79.

"Lanço-te esta maçã, e se queres realmente amar-me, recolhe-a e deixa-me provar a tua virgindade. Se não pensares assim – que isso não aconteça! –, recolhe igualmente a maçã e vê como é breve a beleza!"

E ainda este[249]:

"Sou esta maçã, lançada por quem te ama; cede, Xantipe, pois ambas nascemos para fenecer."

(33) Dizem que ele compôs também o epigrama sobre os eretrianos levados à força de sua terra[250]:

"Somos de raça eretriana, de Êuboia, e jazemos perto de Susa. Ah, como estamos distantes de nossa terra!"

E este outro[251]:

"Cípris disse às Musas: 'Honrai Afrodite, moças, ou armarei Eros contra vós'. As Musas responderam a Cípris: 'Essas ameaças convêm a Ares, mas contra nós esse menino não voa."

E outro[252]:

"Um homem achou algum ouro, e em seu lugar deixou um laço; outro não achou o ouro que deixara, e com o laço achado enforcou-se."

(34) Môlon, que era seu inimigo, disse-lhe em certa ocasião: "Não é de admirar que Dionísios esteja em Corinto, e sim que Platão esteja na Sicília." Parece que Xenofon também não mantinha boas relações com ele. Como se estivessem competindo, ambos escreveram narrativas semelhantes: o *Banquete*, a *Apologia de Sócrates* e seus *Comentários*[253]. Depois, um deles escreveu a *República*, e o outro a *Ciropedia* (nas *Leis*[254] Platão diz que a *Ciropedia* é pura invenção – na realidade Ciros não corresponde à descrição de Xenofon). Ambos mencionam Sócrates, mas nenhum dos dois se refere ao outro, à exceção de que Xenofon alude a Platão no terceiro livro das *Memorabília*[255]. (35) Dizem que Antistenes, querendo ler em público uma obra de sua autoria, convidou Platão para participar. Perguntando-lhe este último o que pretendia ler, Antistenes respondeu que era algo sobre a impossibilidade da contradição. "Como, então, podes escrever sobre esse assunto?", perguntou Platão, mostrando-lhe assim que o próprio assunto se contradizia. Diante disso, Antistenes escreveu contra Platão um diálogo intitulado *Sáton*. Começou dessa maneira a inimizade recíproca e constante entre os dois. Dizem que Sócrates, ouvindo Platão ler o *Lúsis*, exclamou: "Por Heraclés! Quantas mentiras esse rapaz me faz dizer!" Com efeito, Platão atribui a Sócrates não poucas afirmações que este jamais fez.

(36) Platão manifestou hostilidade também em relação a Arístipos, e o acusou no diálogo *Da Alma*[256] de não haver presenciado a morte de Sócrates, embora

249. *Antologia Palatina*, V, 80.
250. *Antologia Palatina*, VII, 259.
251. *Antologia Palatina*, IX, 39.
252. *Antologia Palatina*, IX, 44.
253. Diógenes Laêrtios contrapõe às *Memorabília* de Xenofon o *Laques*, o *Críton*, o *Carmides* e outros diálogos breves de Platão, juntando-os sob o título de *Memorabília* (Comentários).
254. 694 C.
255. III, 6, 1.
256. *Fáidon*, 59 C. Veja-se o § 65 do Livro II destas *Vidas*.

estivesse entretendo-se nas proximidades de Áigina. Dizem também que ele mostrou um certo despeito diante de Aisquines, por causa de sua reputação junto a Dionísios; quando Aisquines chegou à corte foi menosprezado por Platão por causa de sua pobreza, mas recebeu o apoio de Arístipos. Idomeneus afirma que os discursos atribuídos a Críton no cárcere, quando este último pretendia persuadir Sócrates a fugir, são de Aisquines, porém Platão os atribui a Críton por causa de sua inimizade a Aisquines.

(37) Em nenhum trecho de suas obras Platão refere-se a si mesmo, exceto no diálogo *Da Alma*[257] e na *Apologia*[258]. Diz Aristóteles[259] que seu estilo se situa entre a poesia e a prosa. Favorinos comenta em algumas de suas obras que quando Platão leu seu diálogo *Da Alma* somente Aristóteles permaneceu até o fim; todos os outros ouvintes retiraram-se antes. Alguns autores dizem que Filipos de Opus transcreveu as *Leis*, deixadas por Platão em plaquetas enceradas, e segundo consta, Filipos é o autor da *Epínomis*.

Euforíon e Panáitios sustentam que o início da *República* foi encontrado com muitas correções e alterações, e Aristôxenos afirma que a própria *República* está quase toda escrita nas *Antilogias* de Protagoras.

(38) De acordo com a tradição, a primeira obra composta por Platão foi o *Faidros*. Realmente, o assunto constante dele tem algo de juvenil. Dicáiarcos, por seu turno, critica todo o seu estilo, julgando-o vulgar.

Conta-se que Platão viu certa vez uma pessoa jogando dados e a censurou; a pessoa alegou que a aposta pouco significava, e Platão retrucou: "Mas o hábito não significa pouco." Tendo alguém perguntado ao filósofo se seriam escritas memórias sobre ele, a exemplo do que fizeram com seus predecessores, Platão respondeu: "Primeiro deve-se conquistar a fama; depois haverá muitas memórias." Um dia, Xenocrates o visitou e Platão pediu-lhe que castigasse seu escravo, alegando que se sentia impossibilitado de fazê-lo por estar encolerizado. (39) Conta-se também que ele disse a um de seus servos: "Eu te açoitaria se não estivesse encolerizado." Montando certa vez a cavalo o filósofo desceu em seguida, declarando que não queria ser contagiado pelo orgulho dos cavalos. Aos ébrios Platão aconselhava a se olharem num espelho, pois se o fizessem abandonariam o hábito que tanto os desfigura. Jamais e em parte alguma convinha beber em excesso, costumava dizer o filósofo, a não ser na festa do deus criador do vinho. Ele também condenava dormir em excesso; de fato, Platão diz nas *Leis*[260] que "ninguém quando dorme é bom para coisa alguma". (40) Esse filósofo também dizia que a coisa mais agradável de se ouvir é a verdade (outros afirmam que é falar a verdade). Platão diz ainda nas *Leis*[261] a respeito da verdade: "A verdade é bela, estrangeiro, e durável, porém é algo de que é difícil convencer os homens." Platão desejava deixar recordações de si mesmo, nos amigos ou nos livros. Segundo alguns autores, ele se mantinha distante dos homens tanto quanto possível.

Sua morte, cujas circunstâncias já mencionamos[262], ocorreu no décimo terceiro ano do reinado de Filipe, de acordo com a informação de Favorinos no

257. *Fáidon*, 59 B.
258. 34 A.
259. Fragmento 73 Rose.
260. 808 B.
261. 663 E.
262. Veja-se o § 2 deste livro.

terceiro livro de suas *Memórias*, e segundo Teôpompos o próprio Filipe tributou-lhe honras por ocasião de seu falecimento. Em seus *Paralelos*, Mironianos declara que Fílon menciona algumas expressões conhecidas sobre os piolhos de Platão, dando a entender que o filósofo morreu de ftiríase. (41) Platão foi sepultado na Academia, onde passou a maior parte de sua vida ensinando filosofia, e por isso a escola por ele fundada chamou-se Acadêmica. Todos os discípulos juntaram-se lá no cortejo fúnebre. Seu testamento é o seguinte:

"Platão deixou estes bens e estas disposições: a propriedade em Ifistiádai, limitada ao norte pela estrada que vem do templo de Cefísios, ao sul pelo templo de Heraclés em Ifistiádai, a leste pela propriedade de Arquêstratos de Freárroi, e a oeste pela de Fílipos de Colêidai, não poderá ser vendida ou permutada por quem quer que seja; pertencerá ao menino Adêimantos enquanto for possível. (42) A propriedade em Eiresídai, que comprei de Calímacos, limitada ao norte pela propriedade de Eurimêdon de Mírrinos, ao sul pela propriedade de Demóstratos de Xepete, a leste pela de Eurimêdon de Mírrinos e a oeste pelo rio Céfisos; a quantia de três minas de prata, um vaso de prata pesando 165 dracmas, uma taça pesando 45 dracmas, um anel-sinete de ouro e um brinco de ouro pesando em conjunto quatro dracmas e três óbolos[262a]. O lapidário Eucleides deve-me três minas. Concedo a liberdade a Ártemis. Deixo quatro serviçais domésticos – Tícon, Bictas, Apolonides e Dionísios. (43) Móveis de acordo com o inventário de que Demétrios possui uma duplicata. Nada devo a ninguém. Meus testamenteiros são Leostenes, Spêusipos, Demétrios, Hegias, Eurimêdon, Calímacos e Trásipos."

Estas foram as suas disposições testamentárias. Sobre seu túmulo inscreveram-se os epitáfios seguintes. Primeiro[263]:

> "Pelo espírito equilibrado e pelo caráter justo destacou-se e aqui jaz Aristoclés, homem divino. Se outros receberam grandes honrarias por sua sapiência, ele as recebeu ainda maiores, e a inveja não o persegue."

(44) Outro[264]:

> "Em seu seio a terra oculta o corpo de Platão, mas a sede imortal dos bem-aventurados tem a alma do filho de Ariston, honrado por todos os homens bons, embora more muito longe, porque viu a vida divina."

E um terceiro, de data mais recente[265]:

> "A. Por que pairas sobre este sepulcro, águia? Dize-me: contemplas a morada estrelada de algum dos deuses?
> B. Sou a imagem da alma de Platão, que voou até o Ólimpos, enquanto a Ática retém o seu corpo nascido na terra."

(45) Há também o seguinte epitáfio de nossa autoria[266]:

> "Se Foibos não tivesse dado a vida a Platão na Hélade, como poderia ter curado com as letras as almas dos homens? Seu filho Asclépios é o médico do corpo, da mesma forma que o da alma imortal é Platão."

262a. O texto deste parágrafo e do seguinte é incerto nos manuscritos.
263. *Antologia Palatina*, VII, 60.
264. *Antologia Palatina*, VII, 61.
265. *Antologia Palatina*, VII, 62.
266. *Antologia Palatina*, VII, 108.

E outro sobre as circunstâncias de sua morte[267]:

"Foibos criou para os mortais Asclépios e Platão, um para salvar o corpo, o outro para salvar a alma. De um banquete nupcial Platão partiu para a cidade que fundou e construiu no solo de Zeus."

São esses os seus epitáfios.

(46) Seus discípulos foram: Spêusipos de Atenas, Xenocrates de Calcêdon, Aristóteles de Stágeira, Fílipos de Opus, Hestiaios de Pêrintos, Díon de Siracusa, Âmicos de Heraclea, Êrastos e Coriscos de Squepsos, Timôlaos de Cízicos, Euáion de Lâmpsacos, Píton e Heracleides de Ainos, Hipotalés e Cálipos de Atenas, Demétrios de Anfípolis, Heracleides do Pontos e muitos outros, entre os quais duas mulheres – Laostêneia de Mantinea e Axiotea de Fliús (segundo o testemunho de Dicáiarcos a última vestia roupas masculinas). Alguns autores dizem que Teôfrastos também foi seu ouvinte. Camailêon acrescenta a essa relação o orador Hipereides e Licurgos. Polêmon dá a mesma informação.

(47) Sabinos diz que Demóstenes também foi seu discípulo, citando no quarto livro de seus *Subsídios para a Crítica* Mnesístratos de Tasos como sua fonte, e isso é provável.

Agora, sendo tu um apreciador de Platão, e justamente, e como procuras zelosamente as doutrinas desse filósofo de preferência às de todos os outros, consideramos necessário aludir à verdadeira natureza de seus discursos, ao arranjo dos diálogos e a seu método de raciocínio indutivo, tanto quanto nos foi possível oferecer de maneira elementar e sumária, a fim de que o material coligido a propósito de sua vida fosse completado com um breve esboço de suas doutrinas; realmente, nas palavras do provérbio seria como levar corujas a Atenas pretender expor extensamente cada detalhe.

(48) Dizem que o primeiro escritor de diálogos foi Zênon de Elea, mas Aristóteles afirma no livro primeiro de sua obra *Dos Poetas*[268], de acordo com as *Memórias* de Favorinos, que foi Alexâmenos de Stira ou de Têos. Em minha opinião e de pleno direito o verdadeiro inventor do diálogo é Platão, que pelo domínio do estilo pode reivindicar para si mesmo o primado tanto da beleza como da própria invenção. Um diálogo é um discurso composto de perguntas e respostas em torno de uma questão filosófica ou política, com uma caracterização conveniente dos personagens apresentados e com uma elocução acurada. A dialética é a arte da discussão com o objetivo de refutar ou aprovar uma tese por meio de perguntas e respostas dos interlocutores.

(49) São dois os tipos principais dos diálogos platônicos: um em que se apresenta a questão, e o outro em que se indaga. O primeiro se desdobra ainda em outros dois tipos: o teórico e o prático; desses o teórico se divide em físico e lógico, e o prático em ético e político. O diálogo em que se indaga também se desdobra em duas divisões principais; uma cujo objetivo é exercitar a discussão, e outra cujo objetivo é a vitória na controvérsia; ao primeiro damos a denominação de ginástico, e o distinguimos em maiêutico, usando uma imagem tirada da obstetrícia, e em outro, o tentativo. O conveniente à controvérsia chamamos de agonístico e dividimos em acusatório (o que se dirige à objeção) e demolidor (o que se dirige à refutação).

267. *Antologia Palatina*, VII, 109.
268. Fragmento 72 Rose.

(50) Não se ignora que os autores distinguem e classificam diferentemente os diálogos, pois alguns diálogos eles chamam de dramáticos, outros de narrativos, e outros ainda de uma mistura dos dois, porém essa distinção baseia-se mais no ponto de vista cênico que no filosófico. Alguns diálogos tratam da física, como o *Tímaios*; outros da lógica, como o *Estadista*, o *Crátilos*, o *Parmenides* e o *Sofista*; outros tratam da ética, como a *Apologia*, o *Críton*, o *Fáidon*, o *Faidros* e o *Banquete*, bem como o *Menêxenos*, o *Cleitofon*, as *Epístolas*, o *Filebos*, o *Híparcos*, e os *Rivais*; finalmente outros tratam da política, como a *República*, as *Leis*, *Mínos*, *Epínomis* e o *Atlântico*[269].

(51) À classe da obstetrícia mental pertencem os dois *Alcibíades*, o *Teages*, o *Lísis* e o *Laques*, enquanto o *Eutífron*, o *Mênon*, o *Íon*, o *Carmides* e o *Teáitetos* ilustram o método tentativo. Ao método da objeção pertence o *Protagoras*, e ao método refutativo o *Eutídemos*, o *Gorgias* e os dois *Hípias*. Já dissemos então o bastante sobre a natureza do diálogo e quais são os seus aspectos distintivos.

Considerando que há uma grande polêmica entre os autores que afirmam que Platão formulou uma doutrina dogmática e os que negam esse ponto de vista, impõe-se um esclarecimento nosso a esse respeito. Ensinar dogmaticamente é propor dogmas, da mesma forma que legiferar é propor leis. "Dogma" tem um duplo sentido: o que se opina e a própria opinião.

(52) O que se opina é uma proposição, e a opinião é uma concepção. Ora, Platão, quando tem uma convicção firme, expõe seus pontos de vista e refuta os pontos de vista falsos, porém, diante de questões obscuras ou dúbias, suspende o juízo. Suas opiniões pessoais ele apresenta por meio de quatro personagens: Sócrates, Tímaios, o hóspede ateniense[270] e o hóspede eleático[271]. Os hóspedes estrangeiros não são, como alguns autores supõem, Platão e Parmenides, e sim personagens imaginárias sem nome, pois mesmo quando Sócrates e Tímaios estão falando é sempre Platão que expõe sua doutrina. Para ilustrar a refutação de opiniões falsas Platão se serve, por exemplo, de Trasímacos, Caliclés, Polos, Gorgias, Protagoras, ou ainda Hípias, Eutídemos e outros semelhantes.

(53) Quando quer demonstrar suas opiniões, Platão se serve principalmente do método indutivo, não de um modo exclusivo, mas sob duas formas. A indução consiste em partir de algumas verdades, e em chegar, por meio de certas premissas, a uma verdade semelhante a elas. Há dois tipos de indução: uma em que se procede por meio de contradição, e a outra por consenso. No caso em que se procede por contradição a resposta a cada questão será necessariamente o contrário da posição de quem responde – por exemplo, "meu pai é diferente de teu pai ou é o mesmo; se teu pai é diferente do meu, sendo diferente do pai não é um pai; mas, se ele é o mesmo que meu pai, então por ser o mesmo que meu pai ele será meu pai". (54) E ainda: "Se o homem não é um animal será uma pedra ou uma vara; mas ele não é nem uma pedra nem uma vara, pois é uma criatura animada e se move por si mesmo; logo, é um animal; mas, se ele é um animal, e se um cão ou um boi é também um animal, então o homem, sendo um animal, será um cão e um boi." Esse é o tipo de indução em que se procede por contradição e discussão, e Platão o usou não para a exposição de sua doutrina dogmática e sim para refutação.

269. Ou *Crítias, sobre a Atlântida*.
270. Nas *Leis*.
271. No *Sofista* e no *Estadista*.

A indução em que se procede pelo consenso é dúplice: ou se demonstra a conclusão particular em discussão partindo do particular, ou se procede por via do universal mediante fatos particulares. A primeira forma é própria da retórica, e a segunda da dialética. Por exemplo, na primeira forma indaga-se se alguém cometeu um assassinato. A prova é que esse alguém foi encontrado na ocasião com manchas de sangue. (55) Essa é uma forma retórica de indução, pois a retórica gira em torno de fatos particulares e não de universais; ela não indaga a respeito da justiça em si mesma, e sim a respeito de casos particulares de justiça. A outra forma, onde se estabelece primeiro a proposição geral por meio de fatos particulares, é própria da dialética. Por exemplo, pergunta-se se a alma é imortal, e se os vivos retornam da morte; isso é provado no diálogo *Da Alma*[272] por meio de uma proposição universal, demonstrando-se que dos contrários se gera o contrário. E a mesma proposição universal é estabelecida graças a certas proposições particulares: o sono provém da vigília e vice-versa, e o maior provém do menor e vice-versa. Platão valeu-se desse tipo para firmar sua doutrina.

(56) Mas, da mesma forma que antigamente apenas o coro se incumbia de representar a tragédia, e mais tarde, para dar ao coro tempo de respirar, Téspis introduziu um primeiro ator proporcionando pausas ao coro, e Ésquilo um segundo ator, e Sófocles um terceiro, fazendo a tragédia chegar à sua plenitude, da mesma forma a filosofia primeiro dedicou-se unicamente à natureza; depois, com Sócrates, introduziu a ética como segundo assunto, e com Platão a dialética como terceiro, levando assim a filosofia à sua perfeição.

Trasilos diz que Platão publicou seus diálogos em tetralogias, à semelhança dos poetas trágicos, que participavam com quatro peças das competições dramáticas – as Dionísias, as Lênaias, as Panatenaias e o festival dos *Quítroi*. A última das quatro peças era um drama satírico, e as quatro juntas chamavam-se uma tetralogia.

(57) O mesmo Trasilos diz que os diálogos autênticos são cinqüenta e seis ao todo, com a *República* divida em dez livros (Favorinos opina no segundo livro das *Histórias Variadas* que ela se encontra quase toda nas *Antilogias* de Protagoras[273]) e as *Leis* em doze. São, portanto, nove tetralogias, se computarmos a *República* e as *Leis* como uma obra cada uma. A primeira tetralogia desenvolve um assunto comum às quatro obras, querendo mostrar como deve ser a vida do filósofo. A cada uma das obras Trasilos antepõe um duplo título, um tirado do nome dos interlocutores, e o outro do assunto.

(58) Essa tetralogia, então, que é a primeira, começa com o *Eutífron* ou *Da Santidade*, um diálogo tentativo; em segundo lugar vem a *Apologia de Sócrates*, um diálogo ético; em terceiro vem o *Críton* ou *Do que se Deve Fazer*; em quarto vem o *Fáidon* ou *Da Alma*, igualmente ético. A segunda tetralogia começa com o *Crátilos* ou *Da Correção dos Nomes*, um diálogo lógico; seguem-se o *Teáitetos* ou *Do Conhecimento*, um diálogo tentativo, o *Sofista* ou *Do Ser*, um diálogo lógico, e o *Estadista* ou *Da Monarquia*, também lógico. A terceira tetralogia inclui o *Parmenides* ou *Das Idéias*, lógico, o *Filebos* ou *Do Prazer*, ético, o *Banquete* ou *Do Bem*, ético, e o *Faidros* ou *Do Amor*, igualmente ético.

272. *Fáidon*, 70 D – 72 A.

273. Fragmento 5 Diels-Kranz. Veja-se o § 37 deste livro.

(59) A quarta tetralogia inclui o *Alcibíades I* ou *Da Natureza do Homem*, diálogo maiêutico, o *Alcibíades II* ou *Da Prece*, também maiêutico, o *Híparcos* ou o *Ambicioso*, ético, e os *Rivais* ou *Da Filosofia*, igualmente ético. A quinta tetralogia inclui o *Teages* ou *Da Filosofia*, diálogo maiêutico, o *Carmides* ou *Da Moderação*, tentativo, o *Laques* ou *Da Coragem*, maiêutico, e o *Lísis* ou *Da Amizade*, também maiêutico. A sexta tetralogia inclui o *Eutídemos* ou *O Erístico*, diálogo refutativo, o *Protagoras* ou *Os Sofistas*, crítico, o *Gorgias* ou *Da Retórica*, refutativo, e o *Mênon*, ou *Da Excelência*, tentativo. (60) A sétima tetralogia inclui os dois diálogos intitulados *Hípias* (o primeiro *Da Beleza* e o segundo *Da Falsidade*), diálogos refutativos, o *Íon* ou *Da Ilíada*, tentativo, e o *Menêxenos* ou *Oração Fúnebre*, ético. A oitava tetralogia inclui o *Cleitofon*, diálogo ético, a *República* ou *Da Justiça*, político, o *Tímaios* ou *Da Natureza*, físico, e o *Crítias* ou *Atlântico*, ético. A nona tetralogia inclui o *Minos* ou *Da Lei*, diálogo político, as *Leis* ou *Da Legislação*, também político, a *Epínomis* ou *Colóquio Noturno* ou *O Filósofo*, político, (61) e finalmente as *Epístolas*, em número de treze, éticas. Platão iniciava essas epístolas com a expressão "Passa Bem", enquanto Epícuros começava-as com "Vive Bem" e Clêon com "Salve". As epístolas são endereçadas: uma a Aristôdemos, duas a Arquitas, quatro a Dionísios; a Hermeias, Êrastos e Coriscos, uma a cada um; uma a Laodamas, uma a Díon, uma a Perdicas, e duas aos amigos de Díon. Esta é a classificação de Trasilos e de outros autores.

Alguns, inclusive o gramático Aristófanes, agrupam os diálogos arbitrariamente em trilogias. Na primeira trilogia põem a *República*, o *Tímaios* e o *Crítias*; (62) na segunda o *Sofista*, o *Estadista* e o *Crátilos*; na terceira as *Leis*, o *Minos* e a *Epínomis*; na quarta o *Teáitetos*, o *Eutífron* e a *Apologia*; na quinta o *Críton*, o *Fáidon* e as *Epístolas*. Seguem-se os outros diálogos um a um sem uma classificação regular. Alguns críticos, como já dissemos, começam pela *República*, outros pelo *Alcibíades Maior*, outros ainda pelo *Teages*, pelo *Eutífron*, pelo *Cleitofon*, pelo *Tímaios*, pelo *Faidros*, pelo *Teáitetos*, enquanto muitos começam pela *Apologia*. Todos são concordes em considerar apócrifos os seguintes diálogos: o *Mídon* ou o *Criador de Cavalos*, o *Eríxias* ou *Erasístratos*, o *Alcíon*, o *Acéfalo* ou *Sísifos*, o *Axíocos*, o *Feácios*, o *Demôdocos*, o *Quelídon*, o *Sétimo Dia* e o *Epimenides*. No quinto livro de suas *Memórias* Favorinos diz que o *Alcíon* é provavelmente obra de um certo Lêon.

(63) Platão usa termos diferentes com o objetivo de tornar seu sistema menos acessível aos ignorantes. Mas, num sentido especialíssimo, ele considera a sabedoria a ciência do inteligível e do real, que tem por isso como seu campo de indagação, diz o filósofo, a divindade e a alma separada do corpo. Num sentido especial sabedoria significa para Platão também filosofia, que é um anseio pela sabedoria divina. Num sentido geral ele entende por sabedoria toda experiência, como quando chama sábio o artesão. Platão aplica os mesmos termos com significações muito diferentes – por exemplo a palavra *phaulos* ("modesto", "comum") valendo como *haplous* ("simples"), usada nesse sentido em relação a Heraclês no seguinte trecho do *Licímnios* de Eurípides[274]:

"Simples, sem malícia, excelente nos maiores feitos, instilando toda a sapiência em seus atos, distante do rumor da praça pública."

(64) Às vezes, entretanto, Platão usa a mesma palavra (*phaulos*) para significar ora o que é mau, ora o que é pequeno, e usa com freqüência termos diferentes

274. Fragmento 473 Nauck.

para exprimir a mesma coisa. Por exemplo, para exprimir a idéia (*idea*) ele adota *eidos* (forma), *genos* (gênero), *parádeigma* (arquétipo), *arkhé* (princípio), *ditíon* (causa). Usa ainda termos opostos para exprimir o mesmo sentido. Por exemplo, chama *aistheton* (o sensível) ente (*on*) e não-ente (*mé on*): "ente" porque é produto de um devenir, "não-ente" porque muda incessantemente. Define a idéia como o que não se move nem permanece, e chega a chamá-la de unidade e multiplicidade. E costuma fazer o mesmo em numerosos casos.

(65) A exegese de seus diálogos apresenta três aspectos. Primeiro é necessário explicar a significação de cada afirmação, considerada isoladamente; depois é necessário declarar a razão da afirmação, se é feita por um princípio fundamental ou para servir de ilustração, ou se se destina a firmar a doutrina ou a refutar o interlocutor; em terceiro lugar é necessário explicar se a afirmação é enunciada corretamente.

Como alguns estudiosos acrescentam sinais críticos às suas obras, devemos dizer algumas palavras a esse respeito. A letra X (*khi*) é usada para indicar expressões peculiares e figuras de retórica, e de um modo geral as expressões idiomáticas habituais de Platão. A *diplé* (>) chama a atenção para as doutrinas e opiniões características de Platão. (66) A letra X ·X· pontuada indica trechos notáveis por seu conteúdo ou beleza estilística. A *diplé* pontuada > assinala as correções introduzidas no texto pelos editores. O *obelós* pontuado (÷) chama a atenção para as passagens consideradas suspeitas sem razão. O *antisigma* pontuado (Ͽ·), repetições e transcrições de palavras; o *keráunion* (⸗) a escola filosófica; o asterisco (*), o acordo dos vários pontos da doutrina; o *obelós* (—) uma passagem espúria. Bastam essas indicações a respeito de sinais críticos e das obras de Platão em geral. Como diz Antígonos de Caristos em sua *Vida de Zênon*, quando foram feitas novas edições com os sinais críticos quem quisesse consultá-las tinha de pagar certa importância aos donos das mesmas.

(67) A doutrina de Platão é a seguinte. Ele dizia que a alma é imortal, e transmigrando reveste-se de muitos corpos[275] e tem origem aritmética, enquanto a origem do corpo é geométrica[276]. Definia a alma como a idéia do sopro vital difuso em todas as direções. Afirmava ainda que a alma se move por si mesma e se compõe de três partes: a racional, com sede na cabeça, a passional, com sede no coração, e a apetitiva, cuja sede está no umbigo e no fígado[277].

(68) A partir do centro a alma se irradia para todos os lados do corpo em um círculo, e se compõe de elementos, e, sendo dividida a intervalos harmônicos, forma dois círculos conjugados entre si; o círculo interior, dividido em seis partes, forma ao todo sete círculos, e se move por meio de sua diagonal para a esquerda; o outro se move lateralmente para a direita. E pelo fato de ser único este círculo tem a primazia, pois o outro círculo interior é dividido. O primeiro é o círculo do Mesmo, e os demais são os círculos do Outro, e Platão diz que o movimento da alma é o movimento do universo juntamente com as revoluções dos planetas[278].

(69) Sendo determinada dessa maneira a divisão a partir do centro para os extremos, que é ajustada em harmonia com a alma, esta conhece aquilo que é e a

275. *Tímaios*, 42 B e seguintes, 90 E.
276. *Tímaios*, 54 A e seguintes.
277. *Tímaios*, 69 C e seguintes, 89 E.
278. *Tímaios*, 36 D – 37 C.

ajusta harmoniosamente porque tem os elementos harmonicamente dispostos em si mesma. A opinião se forma quando o círculo do Outro revolve-se na direção certa, e o conhecimento se forma em decorrência do movimento do círculo do Mesmo. Platão admite dois princípios universais – Deus e a matéria – e chama Deus de espírito e causa; a matéria é informe e ilimitada e dela se geram os compostos[279]; a matéria, que no início dos tempos se movia de maneira desordenada, diz ele, foi concentrada em um único lugar por Deus, que considerava a ordem melhor que a desordem.

(70) Essa substância, diz Platão, converteu-se nos quatro elementos – fogo, água, ar e terra –, dos quais gerou-se o universo e o que existe nele. Platão afirma ainda que somente a terra é imutável, por causa da peculiaridade das figuras geométricas que constituem seus elementos. As figuras dos outros elementos, diz ele, são homogêneas; efetivamente, todas consistem num triângulo escaleno, que é único e o mesmo – somente a terra tem um triângulo de forma peculiar –; o elemento do fogo é uma pirâmide, o do ar é um octaedro, o da água é um icosaedro, o da terra é um cubo. Por isso a terra não pode transformar-se nos outros elementos, nem estes na terra.

(71) Mas, os elementos não estão separados cada um em seu próprio lugar, porque a revolução do céu une suas partículas, comprimindo-as e forçando-as na direção do centro, enquanto separa as grandes massas. Por isso, do mesmo modo que mudam de forma, também mudam de lugar[280]. E há um só universo criado[281], formado por Deus de modo a ser percebido pelos sentidos, animado porque o que é animado é superior ao que é inanimado[282]. Essa obra se deve a um demiurgo sumamente bom[283]. O universo foi feito único e não-ilimitado, porque o modelo segundo o qual foi feito era único. E ele é esférico porque esta é a forma de seu criador. (72) Esse criador, de fato, contém todos os seres vivos, e esse universo contém as formas de todos eles[284]. Ele é liso e não tem órgão algum em torno de si, pois não necessita de órgãos. O universo permanece imperecível porque não pode dissolver-se na divindade[285]. E a causa de toda a criação é Deus, porque o bem é por natureza benfeitor[286], e a criação do universo tem por sua causa o bem mais alto. Com efeito, a mais bela das coisas criadas deve-se à melhor das causas inteligíveis[287], de tal modo que, sendo essa a natureza de Deus e sendo o universo semelhante ao melhor em sua beleza perfeita, a nenhuma outra criatura poderá assemelhar-se senão a Deus.

(73) O universo compõe-se de fogo, água, ar e terra; de fogo para ser visível, de terra para ser sólido, de água e de ar para ser proporcional[288] (as forças representadas pelos sólidos se conjugam graças a mediedades[289], de maneira a assegurar a

279. *Tímaios*, 50 D-E, 51 A.
280. *Tímaios*, A-C.
281. *Tímaios*, 31 A-B, 33 A, 55 C-D, 92 C.
282. *Tímaios*, 30 B.
283. *Tímaios*, 30 A-B, 55 C-D.
284. Uma interpretação deturpada do *Tímaios*, 33 B.
285. *Tímaios*, 33 A-D, 34 B, 32 C, 63 A.
286. *Tímaios*, 32 C, 33 A, 38 B, 41 A, 43 D.
287. *Tímaios*, 29 E – 30 A, 42 E.
288. *Tímaios*, 31 B – 33 A.
289. Para "mediedade", veja-se Rivaud, introdução à edição do *Tímaios*, (coleção "Les Belles Lettres"), páginas 43 e seguintes.

mediedade do todo); e o universo é formado por todos os elementos a fim de ser perfeito e indestrutível.

O tempo foi criado como uma imagem da eternidade. O universo permanece para sempre em repouso, mas o tempo consiste no movimento do céu. A noite, o dia, os meses e o resto são partes do tempo; por isso o tempo não existe sem a natureza do universo, pois só enquanto existe o universo existe também o tempo[290].

(74) Para a criação do tempo foram criados o sol, a lua e os planetas; e Deus acendeu a luz do sol a fim de que o número das estações e os seres animados participassem do número. A lua está no círculo imediatamente acima da terra e o sol no imediatamente seguinte, e nos círculos superiores estão os planetas. O universo é em seu todo um ser animado, porque está ligado a um movimento animado[291]. Para que o universo criado à semelhança do ser inteligível fosse absolutamente perfeito, foi criada a natureza dos outros seres animados. Já que seu modelo os possuía, o universo também deveria tê-los. Os deuses são essencialmente ígneos; as criaturas são de três espécies: aladas, aquáticas e terrestres[292]. (75) A terra é a mais antiga de todas as divindades existentes no céu, e foi feita para determinar a noite e o dia; estando no centro, a terra se move em torno do centro[293]. Já que há duas causas, é necessário afirmar – diz Platão – que algumas coisas se devem à razão, enquanto outras têm uma causa necessária[294]. Estas últimas são o ar, o fogo, a terra e a água, que não são exatamente elementos, e sim recipientes de forma[295]. Eles se compõem de triângulos; seus elementos constitutivos são o triângulo escaleno e o triângulo isósceles[296].

(76) Então, como havíamos dito, são dois os princípios e as causas, cujos modelos são Deus e a matéria. A matéria é necessariamente informe, à semelhança de outros recipientes de forma. De todos estes há uma causa necessária, pois a matéria, recebendo de algum modo as idéias, gera as substâncias, e se move porque sua força é desigual, e com seu movimento move em torno de si as coisas por ela geradas. Todas essas coisas moviam-se, a princípio, irracional e desordenadamente, mas quando começaram a constituir o universo Deus, tanto quanto possível, deu-lhes uma disposição simétrica e ordenada. (77) Como as duas causas já existiam antes da criação do céu, da mesma forma que o devenir em terceiro lugar, mas não eram distintas, embora na desordem deixassem entrever seus vestígios, quando o universo foi criado elas mesmas receberam uma disposição orgânica[297]. O céu formou-se de todos os corpos existentes. Platão acredita que Deus, à semelhança da alma, seja incorpóreo, e por via de conseqüência, absolutamente imune à decomposição e à paixão. Como já dissemos, esse filósofo admite as idéias como causas e princípios graças aos quais o mundo das coisas naturais é o que é.

(78) Sobre o bem e o mal ele diz o seguinte. O fim supremo é a assimilação a Deus; a excelência basta por si mesma à felicidade, mas necessita ainda das aptidões físicas como instrumentos – a força, a saúde, uma sensibilidade aguçada e outras aptidões semelhantes –, e além disso das prerrogativas externas – riqueza, nobreza de nascimento e boa reputação. O sábio, entretanto, será feliz ainda que não possua qualquer delas. Ele participará da vida política, casar-se-á e não violará as leis vigentes; tanto quanto lhe permitam as circunstâncias dará leis à sua pátria, a não ser que o estado das coisas lhe pareça absolutamente irremediável em decorrência da predominância excessiva do povo.

290. *Tímaios*, 37 D – 38 B.
291. *Tímaios*, 38 C – 39 D.
292. *Tímaios*, 30 C – 31 B.
293. *Tímaios*, 40 B-C.
294. *Tímaios*, 46 D-E, 47 E, 48 A, 68 E, 69 A.
295. *Tímaios*, 49 A e segs., 50 B – 51 B, 52 A-B.
296. *Tímaios*, 53 C – 55 C.
297. *Tímaios*, 52 D, 53 B, 57 C, 69 B-C.

(79) Platão pensa que os deuses observam as atividades humanas e que existem demônios[298]. Foi o primeiro a definir a noção do bem como aquilo que é ao mesmo tempo louvável, racional, útil, apropriado e conveniente (todas essas noções estão estreitamente ligadas ao que é conforme à natureza e se coaduna com ela). Platão também discorreu sobre o uso adequado das palavras, e foi de fato o primeiro a conceber sistematicamente a ciência de responder e interrogar corretamente, usando-a ele mesmo até o excesso. Nos diálogos esse filósofo considera a justiça como sendo a lei de Deus, porque ela é mais forte para incitar os homens à prática de atos justos, de modo a evitar que até após a morte quem faz mal seja punido.

(80) Por isso ele pareceu a alguns demasiadamente afeito aos mitos, tendo inserido em suas obras narrações dessa natureza, a fim de que, parecendo incerta a sorte após a morte[299], os homens se mantivessem afastados das injustiças. São essas, então, as suas doutrinas.

Segundo Aristóteles[300], Platão distinguiu as coisas do modo seguinte. Os bens estão no espírito ou no corpo, ou são externos. Por exemplo, a justiça, a prudência, a coragem, a moderação e outros sentimentos semelhantes estão no espírito; a beleza, uma boa compleição, a saúde e a força estão no corpo; são bens externos os amigos, a prosperidade da pátria e a riqueza.

(81) São três, portanto, as espécies de bens: os do espírito, os do corpo e os externos. Há também três espécies de amizade: uma delas é natural, a outra é social e a terceira está ligada à hospitalidade. Por amizade natural queremos dizer a dos pais pelos filhos e a dos parentes entre si (outros animais além do homem herdaram essa forma). Chamamos amizade social a que deriva da convivência e nada tem a ver com o parentesco – por exemplo, a de Pílades e Orestes. A amizade hospitaleira é a estendida a forasteiros em decorrência de uma apresentação ou cartas de recomendação. A amizade, portanto, é natural, social ou hospitaleira. Alguns autores acrescentam uma quarta espécie – o amor.

(82) Há cinco regimes políticos; um deles é o democrático, outro é o aristocrático, o terceiro é o oligárquico, o quarto é o monárquico e o quinto é o tirânico. A forma democrática é aquela em que o povo detém o controle do poder e escolhe seus magistrados e suas leis. A forma aristocrática é aquela em que os governantes não são nem os ricos, nem os pobres, nem os nobres, pois o Estado é dirigido pelos melhores. A oligarquia é a forma em que os governantes são escolhidos mediante o critério de qualificação pelos bens possuídos, pois os ricos são menos numerosos que os pobres. A monarquia é regulada pela lei ou pela

298. *Tímaios*, respectivamente 30 B, 44 C e 40 D.
299. *Tímaios*, 42 B.
300. Fragmento 114 Rose.

hereditariedade. Em Cartago a monarquia é regulada pela lei, sendo o poder real posto à venda[301].

(83) Mas a monarquia na Lacedemônia e na Macedônia é hereditária, pois os habitantes selecionam o rei numa certa família. A tirania é a forma em que os cidadãos são governados por um indivíduo, mediante o uso da fraude ou da força. Então, os regimes políticos são: democracia, aristocracia, oligarquia, monarquia e tirania.

As espécies de justiça são três: a relativa aos deuses, a relativa aos homens e a relativa aos mortos. As pessoas que sacrificam de conformidade com as leis e cuidam dos templos são obviamente piedosas em relação aos deuses; as que pagam os empréstimos e restituem os depósitos comportam-se corretamente em relação aos homens; e finalmente as que cuidam das sepulturas são obviamente justas para com os mortos. Sendo assim, uma das espécies de justiça se relaciona com os deuses, outra com os homens e outra com os mortos.

(84) Há três espécies de ciência: a prática, a produtiva e a teórica. A construção de edifícios e a construção naval, por exemplo, são produtivas, porquanto é possível ver as obras produzidas por elas. A política, a aulética e a citarística e similares são ciências práticas, pois nada produzem de visível, embora tenham algum efeito, nos dois últimos casos o artista toca a flauta ou a cítara, e no primeiro há uma participação na vida pública. A geometria, a harmonia e a astronomia são ciências teóricas, pois não produzem nem criam obra alguma; entretanto o geômetra considera o comportamento das linhas entre si, o estudioso de harmonia investiga os sons, e o astrônomo estuda os astros e o universo. Então as ciências são teóricas, práticas ou produtivas.

(85) Há cinco espécies de medicina: a farmacêutica, a cirúrgica, a dietética, a diagnóstica e a medicina do pronto-socorro. A farmacêutica cura as doenças com os remédios; a cirúrgica cura cortando e cauterizando; a dietética prescreve regime para eliminar as doenças; a diagnóstica atua mediante a determinação da natureza das enfermidades; e a medicina do pronto-socorro proporciona a remoção imediata da dor. As espécies de medicina, então, são: a farmacêutica, a cirúrgica, a dietética, a diganóstica e o pronto-socorro.

(86) As divisões da lei são duas: a escrita e a não-escrita. A lei escrita é aquela sob a qual vivemos nas cidades, mas a que se originou dos costumes chama-se lei não-escrita – por exemplo, não andar despido na praça do mercado e não vestir trajes femininos sendo-se homem. Nenhuma lei impede essas atitudes, mas nem por isso as adotamos porque são proibidas pela lei não-escrita.

Há cinco espécies de discursos, das quais uma é a de que se servem os políticos nas assembléias; é a chamada eloqüência política. (87) Outra espécie é a usada pelos retores em composições escritas para uma exibição, ou elogio, ou censura, ou para acusação; essa espécie chama-se retórica. A terceira espécie de discurso é a de pessoas conversando entre si em caráter privado, e se chama o modo de falar na vida ordinária. Outra espécie de discurso é a linguagem dos que conversam por meio de perguntas e respostas breves; essa espécie chama-se dialética. A quinta espécie é a fala dos artífices conversando a propósito de seus assuntos técnicos; é a chamada linguagem técnica. Temos então o discurso político, o retórico, o da conversação ordinária, o dialético e o técnico.

301. Vejam-se Platão, *República*, 544 D, e Aristóteles, *Política*, 1273 a 36.

(88) A música se divide em três espécies. Uma emprega somente a boca, como o canto; a segunda se obtém com uso da boca e das mãos, como o canto acompanhado pela cítara; a terceira espécie se produz apenas com as mãos – por exemplo, a música da cítara. Temos então a música produzida somente com a boca, a produzida com a boca e as mãos, e a produzida apenas com as mãos.

A nobreza divide-se em quatro espécies; numa delas, quando os antepassados foram excelentes e também justos, diz-se que seus descendentes são nobres; na outra, quando os antepassados foram príncipes ou magistrados, diz-se também que seus descendentes são nobres. A terceira espécie ocorre quando os antepassados foram ilustres – por exemplo, exerceram comandos militares ou obtiveram vitórias nos jogos nacionais –; chamam-se então seus descendentes de nobres. (89) Existe ainda outra espécie, que ocorre quando se é nobre por generosidade e magnanimidade, porque ainda neste caso se é nobre; dessa nobreza diz-se que é a suprema. Então a nobreza deriva de antepassados excelentes, ou poderosos, ou gloriosos, ou da própria excelência individual.

Há três espécies de beleza: uma é digna de louvor, como a formosura visível do corpo, a outra é útil, como no caso de um instrumento, de uma casa ou de coisas semelhantes em que se combinam beleza e utilidade; na terceira a beleza é ao mesmo tempo benéfica, como as leis, os costumes e similares. A beleza, então, é digna de louvor, ou é útil, ou é benéfica.

(90) A alma divide-se em três partes: uma racional, uma apetitiva e uma irascível. Destas, a racional é a causa da resolução, da reflexão, do pensamento e similares. A parte apetitiva da alma é a causa da vontade de comer, do desejo sexual e similares, enquanto a parte irascível é a causa da coragem, do prazer, da dor e da cólera. Então, uma parte da alma é racional, outra é apetitiva e outra é irascível.

Há quatro espécies de excelência perfeita: a prudência, a justiça, a coragem e a moderação. (91) Destas, a prudência é a causa da conduta correta, a justiça é a causa do comportamento justo nas relações pessoais e de negócios, e a coragem nos leva a não ceder e a manter a firmeza diante do perigo e do medo. A moderação é a causa do domínio das paixões, de maneira a jamais sermos escravizados por qualquer prazer e a levarmos uma vida ordeira. A excelência então inclui primeiro a prudência, depois a justiça, em terceiro lugar a coragem e em quarto a moderação.

O mando divide-se em cinco espécies; uma legal, outra natural, outra consuetudinária, uma quarta hereditária e a quinta violenta. (92) Os magistrados nas cidades, quando eleitos por seus concidadãos, governam de acordo com a lei. Os mandantes naturais são os do sexo masculino, não somente entre as criaturas humanas, mas também entre os outros animais, pois os machos em todos os casos exercem um amplo domínio sobre as fêmeas. O mando consuetudinário é o exercício de uma autoridade como a dos preceptores sobre as crianças e a dos professores sobre seus alunos. O mando hereditário pode ter como exemplo o dos reis lacedemônios, pois a dignidade real se restringe a certa família. A monarquia macedônia também se fundamenta na sucessão dos membros de uma mesma estirpe. O mando violento é o imposto mediante violência ou fraude, contra a vontade dos cidadãos. Essa espécie de mando se chama violento. Então, o mando é legal, ou natural, ou consuetudinário, ou hereditário, ou violento.

(93) São seis as espécies de retórica. Quando os oradores insistem numa guerra ou aliança com um Estado vizinho, essa espécie de retórica chama-se persuasão.

Quando falam contra a guerra ou aliança e aconselham os ouvintes a permanecerem em paz, essa espécie de retórica se chama dissuasão. Ocorre a terceira espécie quando um orador afirma que alguém está praticando uma injustiça ou declara que tal pessoa é autora de muitos males; essa espécie se chama acusação. Dá-se o nome de defesa à quarta espécie de retórica, e ela ocorre quando o orador demonstra que ele ou seu cliente não cometeu injustiça e que sua conduta nada tem de anormal; essa espécie se chama defesa. (94) Aparece uma quinta espécie de retórica quando um orador fala bem de alguém e prova que essa pessoa é excelente; o nome dado a essa espécie é encômio. A sexta espécie ocorre quando o orador demonstra que alguém é indigno; a essa espécie dá-se o nome de invectiva. Então, a retórica inclui o encômio, a invectiva, a persuasão, a dissuasão, a acusação e a defesa.

A oratória bem-sucedida pressupõe quatro condições: dizer o que deve ser dito, falar durante o tempo necessário, adequar a fala à audiência, e falar no momento oportuno. O que é necessário dizer deve ser útil a quem fala e a quem ouve; a duração da fala não deve ser maior nem menor que o suficiente; (95) quanto às pessoas a quem o orador se dirige, é necessário adequar o discurso à idade dos ouvintes, tendo em conta a circunstância de estar falando a anciãos ou jovens; quanto à oportunidade, é necessário falar no momento oportuno, nem antes, nem depois; se assim não for o orador será mal-sucedido e não estará falando acertadamente.

A beneficência divide-se em quatro espécies: por meio do dinheiro, do corpo, da ciência ou da palavra. A beneficência pecuniária ocorre quando se ajuda com dinheiro a quem precisa de assistência em caso de necessidade; presta-se um benefício com o corpo quando se socorre e salva alguém que está sendo espancado.

(96) Os educadores e os médicos e todos que ensinam alguma coisa valiosa beneficiam por meio da ciência; aqueles que entram nos tribunais para pronunciar um discurso persuasivo em defesa de alguém beneficiam com a palavra. Então os benefícios são conferidos por meio de dinheiro, ou do corpo, ou da ciência, ou da palavra.

Determina-se a finalização ou a realização das coisas de quatro maneiras. A primeira é a promulgação de um dispositivo legal, quando é sancionado um decreto e esse decreto passa a vigorar. A segunda é pela natureza, quando o dia, o ano e as estações se completam. A terceira é pelas regras da arte, como por exemplo quando a arte do construtor civil completa uma casa, ou quando a arte do construtor naval completa uma nau. (97) Na quarta espécie as coisas se completam por acaso, quando as coisas acontecem contra a expectativa. Então, a finalização e a realização das coisas devem-se à lei, ou à natureza, ou à arte, ou ao acaso.

Há quatro espécies de capacidade de fazer. A primeira é o que se pode fazer com o pensamento – por exemplo, calcular ou prever –; a segunda é o que se pode fazer com o corpo, como viajar, dar, receber e similares; a terceira é o que se pode fazer com um grande número de soldados ou com muitos recursos, como quando se diz que um rei tem muita capacidade de fazer; a quarta consiste em proporcionar ou receber o bem e o mal; assim, podemos estar enfermos, ou sãos, ou ser instruídos, e coisas semelhantes; então, a capacidade de fazer está no pensamento, ou no corpo, ou nos exércitos e recursos, ou em proporcionar e receber.

(98) São três as espécies de filantropia: uma é mediante saudações, como quando certas pessoas se dirigem a outras que encontram e, apertando-lhes a mão direita, saúdam-nas cordialmente; ocorre outra espécie quando alguém é propenso a ajudar qualquer pessoa necessitada; outra espécie de filantropia é a daquelas pessoas que gostam de oferecer jantares. A filantropia se mostra, então, mediante a saudação, ou o benefício, ou a hospitalidade e o gosto do convívio social.

A felicidade depende de cinco requisitos; um deles é a sabedoria nas deliberações; outro é a plenitude dos sentidos e a saúde física; o terceiro é o sucesso nas iniciativas; o quarto é a boa reputação entre os homens; o quinto é a abundância de riquezas e de outros recursos que facilitam a vida. (99) A sabedoria nas deliberações deriva da educação e de uma vasta experiência; a plenitude dos sentidos depende das partes do corpo, de tal forma que se vemos com os olhos, ouvimos com os ouvidos e percebemos o que deve ser percebido com o nariz e com a boca, essa condição é a plenitude dos sentidos; o sucesso consiste na realização correta dos objetivos que todo o homem excelente deve ter em vista; um homem tem boa reputação quando ouve falarem bem de si. A abundância de recursos existe quando é possível enfrentar as necessidades da vida de maneira a poder beneficiar os amigos, e fazer face aos encargos públicos com magnificência. Quem possui todos esses requisitos é perfeitamente feliz. Então, fazem parte da felicidade a sabedoria nas deliberações, a plenitude dos sentidos e a saúde física, o sucesso, a glória, e a abundância de recursos.

(100) As artes dividem-se em três espécies. A primeira espécie consiste na mineração e no aproveitamento das florestas, que são artes produtivas; a segunda espécie inclui as artes do ferreiro e do carpinteiro, que são artes transformadoras; com efeito, do ferro, o ferreiro faz as armas, e o carpinteiro transforma a madeira em flautas e liras. A terceira espécie é a que se aproveita dos resultados da anterior – por exemplo a arte eqüestre, que se serve dos freios, a arte da guerra, que utiliza as armas, e a música das flautas e da lira. São três, então, as espécies de arte: a primeira, a segunda e a terceira mencionadas acima.

(101) O bem se divide em quatro espécies. Uma delas é a posse da excelência, que chamamos de bem no sentido próprio; outra é a própria excelência e a justiça, que classificamos de bens; a terceira inclui os alimentos, os exercícios físicos benéficos e os remédios; a quarta espécie, que afirmamos ser um bem, inclui a aulética, a arte teatral e similares. Então, dizemos que as espécies de bens são quatro: a posse da excelência, a própria excelência; os alimentos e os exercícios físicos benéficos, e a aulética, a arte teatral e a arte poética. (102) Das coisas existentes umas são más, outras são boas, e outras são neutras. Qualificamos de más as coisas que sempre podem ser prejudiciais, como por exemplo a falta de discernimento, a estultícia, a injustiça, e similares. Os contrários dessas coisas são bons. Mas, as coisas que às vezes podem beneficiar e às vezes podem prejudicar, tais como caminhar, sentar, comer, ou que não podem de forma alguma beneficiar nem prejudicar, essas não são nem boas nem más. Então, todas as coisas são boas, ou más, ou neutras. (103) Um bom governo num Estado existe em três casos: quando as leis são sérias dizemos que há um bom governo; quando os cidadãos observam as lei instituídas, dizemos também nesse caso que há um bom governo; quando, mesmo sem a ajuda das leis, o povo se deixa guiar pelos costumes e instituições, dizemos ainda que há um bom governo. Então, o

bom governo resulta das boas leis, ou da fidelidade às leis instituídas, ou da vida pública marcada pelos bons costumes e boas instituições.

O mau governo existe igualmente em três casos: quando as leis são más tanto para os estrangeiros como para os cidadãos; (104) quando não há obediência às leis vigentes; e quando não há lei alguma. Então, o mau governo ocorre quando as leis são más, quando não são observadas, ou quando não há lei alguma.

Os contrários dividem-se em três espécies. Por exemplo, dizemos que os bens são contrários aos males, a justiça à injustiça, a sabedoria à ignorância, e assim por diante; e dizemos também que os males são contrários aos males – por exemplo, a prodigalidade é contrária à mesquinhez, e ser torturado injustamente é contrário a ser torturado justamente, e o mesmo com outros males semelhantes. Mais ainda: o pesado é contrário ao leve, o veloz ao lento, o negro ao branco, e esses pares não são nem bons nem maus, mas são contrários entre si. (105) Sendo assim, alguns contrários são opostos, como o bem e o mal, outros como males a males, e outros, como coisas que não são nem boas nem más, são opostos entre si.

Há três espécies de bens: os que podem ser possuídos, os que podem ser partilhados com outrem, e os existentes por si mesmos. À primeira espécie, ou seja, aos que podem ser possuídos exclusivamente, pertencem a justiça e a saúde; à seguinte pertencem aqueles dos quais se pode participar, embora não possam ser possuídos exclusivamente, como o bem em si mesmo, que não podemos ter, mas do qual podemos apenas participar. Os bens que existem por si mesmos existem necessariamente, mas não admitem posse nem participação. Por exemplo, ser excelente e justo é um bem, porém essas coisas não podem ser possuídas nem partilhadas, devendo existir necessariamente por si mesmas. Dos bens, então, alguns são possuídos exclusivamente, alguns são partilhados, e outros existem por si mesmos.

(106) Os exemplos dividem-se em três espécies: uns podem tirar-se do passado, outros do futuro e outros do presente. Os tirados do passado constituem lições, como o fato de os lacedemônios terem sofrido por confiar nos outros. Os exemplos tirados do presente servem para demonstrar a fragilidade das muralhas, a covardia dos homens e o risco da escassez dos suprimentos. Um exemplo baseado no futuro é, entre outros, não insistir em levantar injustamente suspeição contra as embaixadas, para evitar que a Hélade perca a sua credibilidade. Então, os exemplos derivam do passado, do presente e do futuro.

(107) A voz divide-se em duas espécies: a animada e a inanimada. A voz das criaturas vivas é animada, os sons e os rumores são inanimados. Da voz animada uma é articulada e a outra é inarticulada. A voz dos homens é articulada, a dos animais é inarticulada. A voz, então, é animada ou inanimada.

Das coisas existentes algumas são divisíveis, outras são indivisíveis. Das coisas divisíveis algumas são divisíveis em partes semelhantes, e outras em partes dissemelhantes. São indivisíveis as coisas que não admitem divisão e não se compõem de elementos – por exemplo, a unidade, o ponto e a nota musical –; são divisíveis as coisas compostas, como a sílaba, a consonância musical, os animais, a água, o ouro. (108) São homogêneas as coisas constituídas de partes iguais, e o todo difere das partes apenas no volume, como a água, o ouro e tudo que pode ser fundido, e similares. São heterogêneas as coisas constituídas de partes dissimilares, como uma casa e coisas do mesmo gênero. Então, das coisas que existem algumas são divisíveis e outras são indivisíveis; das divisíveis, umas são homogêneas e outras são heterogêneas.

Das coisas existentes umas são absolutas e outras chamam-se relativas. Dizem-se existentes em sentido absoluto as coisas que não exigem explicação alguma, como homem, cavalo e os outros animais, pois para entender o que são essas coisas não há necessidade de explicações. (109) As coisas chamadas relativas necessitam de alguma explicação, como aquilo que é maior que outra coisa, ou mais rápido que outra coisa, ou mais belo, e assim por diante; de fato, o maior pressupõe um menor, e o mais veloz é mais veloz que outro. Então, das coisas que existem algumas são absolutas e outras são relativas. E dessa maneira, segundo Aristóteles, Platão costumava distinguir também as coisas primárias.

Existiu outro Platão, um filósofo de Rodes, discípulo de Panáitios, como diz o gramático Sêleucos no primeiro livro de sua obra *Da Filosofia*; e outro um peripatético discípulo de Aristóteles; e ainda outro, discípulo de Praxifanes; e finalmente o poeta da Comédia Antiga.

LIVRO IV

Capítulo 1. SPÊUSIPOS[302]

(1) Os dados precedentes foram os que pudemos coligir a propósito de Platão, após examinar diligentemente a tradição. Seu sucessor foi Spêusipos, filho de Eurimêdon, ateniense do demo de Mirrinús e filho de Potone, irmã de Platão, e escolarca durante oito anos a partir da 108ª Olimpíada[303]. Mandou erigir as estátuas das Graças no recinto das Musas, instituído por Platão na Academia. Spêusipos permaneceu fiel à doutrina platônica, mas no caráter não se assemelhava ao mestre, deixando-se levar facilmente pela cólera e pelos prazeres. Conta-se mesmo que num acesso de cólera Spêusipos lançou seu cãozinho num poço, e que o prazer foi o único motivo de sua viagem à Macedônia para presenciar as núpcias de Cássandros.

(2) Dizia-se que foram suas ouvintes Lastêneia de Mantinea e Axiotea de Fliús, que tinham sido discípulos de Platão. Data dessa época uma carta onde Dionísios diz sarcasticamente: "Podemos ter uma noção de tua sapiência graças à moça arcádia que é tua discípula; enquanto Platão isentava do pagamento de honorários as pessoas que vinham a ele, tu lhes cobras uma contribuição, paga voluntária ou compulsoriamente." De acordo com Diódoros no primeiro livro de suas *Memórias*, Spêusipos foi o primeiro a discernir um elemento comum em todas as disciplinas e a estabelecer entre as mesmas a relação mais íntima possível. Segundo o testemunho de Caineus, ele foi também o primeiro a divulgar o que Isócrates chamava de segredos do ofício (3), e ainda o primeiro a descobrir o meio pelo qual é possível fazer com palha cestos facilmente transportáveis.

Quando seu corpo estava imobilizado pela paralisia, Spêusipos enviou uma mensagem a Xenocrates instando-o a vir e a sucedê-lo no ensino. Canta-se que, quando o levaram à Academia num carrinho, Spêusipos encontrou-se com Diógenes e o saudou, e Diógenes respondeu: "Não posso retribuir a tua saudação, pois aceitas a vida nessas condições." Finalmente, desalentado e velho, Spêusipos pôs fim espontaneamente à vida.

Há um epigrama nosso dedicado a ele[304]:

> "Se eu não soubesse que Spêusipos quis morrer assim, ninguém me teria persuadido a afirmar que nele corria o mesmo sangue de Platão, pois por um motivo fútil ele jamais ter-se-ia deixado morrer de desespero."

302. Aproximadamente 407-339 a.C., escolarca da Academia no período de 347 a 339 a.C..
303. 348-344 a.C..
304. *Antologia Palatina*, VIII, 101.

(4) Em suas *Vidas de Lísandros e Sula* Plútarcos afirma que Spêusipos morreu de ftiríase[305]. Timôteos, em sua obra *Das Vidas*, diz que seu corpo se consumiu. Certa vez Spêusipos – afirma ele –, encontrando um homem rico que estava apaixonado por uma mulher disforme, disse-lhe: "De que te serve isso? Por dez talentos acharei para ti uma mulher realmente formosa."

Spêusipos deixou grande quantidade de memórias e numerosos diálogos, entre os quais: *Arístipos de Cirene; Da Riqueza*, em um livro; *Do Prazer*, em um livro; *Da Justiça*, em um livro; *Da Filosofia*, em um livro; *Da Amizade*, em um livro; *Dos Deuses*, em um livro; *O Filósofo*, em um livro; *Resposta a Céfalos*, em um livro; *Céfalos*, em um livro; *Cleinômacos* ou *Lísias*, em um livro; *O Cidadão*, em um livro; *Da Alma*, em um livro; *Resposta a Grilos*, em um livro; (5) *Arístipos*, em um livro; *Crítica das Artes*, em um livro; *Memórias*, em forma de diálogos; *Do Método*, em um livro; *Diálogos sobre as Semelhanças em Ciências*, em dez livros; *Divisões e Hipóteses Relativas às Semelhanças; Exemplos de Gêneros e Espécies; Contra o "Discurso sem Testemunhas"; Elogio de Platão; Epístolas a Díon, Dionísios e Fílipos; Da Legislação; O Matemático; Mandróbolos; Lísias; Definições; Disposição dos Comentários*.

Essas obras perfazem um total de 43.475 linhas. Timonides dedicou-lhe as *Histórias*, cujo assunto eram os feitos de Díon. No segundo livro de suas *Memórias* Favorinos relata que Aristóteles comprou as obras de Spêusipos por três talentos.

Existiu outro Spêusipos, um médico de Alexandria, da escola de Herôfilos.

Capítulo 2. XENOCRATES[306]

(6) Xenocrates, filho de Agatênor, nasceu em Calquêdon. Ainda muito jovem tornou-se discípulo de Platão, e além disso acompanhou-o até a Sicília. Era naturalmente preguiçoso, e por isso Platão, comparando-o com Aristóteles, dizia: "Um deles necessita de espora, e o outro de rédea", e ainda: "Que asno estou criando, e com que corcel ele tem de competir!" Em tudo mais, entretanto, Xenocrates tinha sempre um aspecto solene e retraído, que levava Platão a dizer freqüentemente a seu respeito: "Sacrifica às Graças, Xenocrates!" Ele passava a maior parte de seu tempo na Academia, mas dizia-se que sempre que ia à cidade toda a ralé ruidosa e os carregadores abriam caminho à sua passagem.

(7) Em certa ocasião a famosa Friné quis tentá-lo e, como se estivesse sendo perseguida por alguém, refugiou-se na modesta casa do filósofo; movido por seu sentimento humanitário Xenocrates acolheu-a e partilhou com ela o único leito exíguo que possuía; afinal, depois de haver insistido muito sem sucesso, ela se levantou e foi embora, dizendo a quem lhe perguntava que deixara não um homem, mas uma estátua. Outros autores contam que seus discípulos induziram Laís a ir juntar-se a Xenocrates no leito, porém ele se castigara tanto que mais de uma vez se deixou amputar e cauterizou os órgãos sexuais. Xenocrates inspirava tanta confiança que somente ele tinha permissão dos atenienses para testemunhar sem prestar juramento, apesar da ilegalidade desse procedimento.

(8) Além disso, Xenocrates era extremamente independente. Certa vez Alexandre, o Grande, mandou-lhe um presente substancial em dinheiro, mas ele

305. Veja-se o § 40 do Livro III.

306. 396-314 a. C., escolarca da Academia no período de 339 a 314 a.C..

ficou apenas com três mil dracmas áticos e devolveu o resto, dizendo que as necessidades de Alexandre eram muito maiores que as dele, pois o rei tinha de manter um número consideravelmente mais elevado de pessoas. Em seus *Paralelos Mironianos* afirma que Xenocrates não aceitou um presente enviado por Antípatros. Em outra ocasião, na corte de Dionísios, durante a festa dos copos, foi honrado com uma coroa de ouro como prêmio por haver bebido mais que os outros, e ao sair depôs a coroa sobre a estátua de Hermes, da mesma forma que costumava adorná-la com guirlandas de flores. Conta-se que ele participou de uma embaixada a Filipe; enquanto outros embaixadores deixavam-se corromper com presentes, e aceitavam os convites para banquetes e conversavam com o rei, Xenocrates não fez nem uma coisa nem outra, e por isso Filipe não o recebeu.

(9) De regresso a Atenas os demais embaixadores declararam que a participação de Xenocrates fora inútil, e o povo dispunha-se a puni-lo. Entretanto, quando Xenocrates demonstrou que agora mais do que nunca os atenienses deviam preocupar-se com a cidade, "pois" – disse ele – "Filipe corrompeu os outros, mas nenhum argumento pôde atrair-me à sua causa", o povo, segundo se diz, prestou-lhe honras redobradas. Mais tarde, Filipe proclamou que Xenocrates fora o único dos que chegaram à sua corte a não se deixar corromper. Em outra ocasião ele foi mandado como embaixador a Antípatros para pleitear o resgate dos atenienses aprisionados durante a guerra lamíaca[307]; convidado por Antípatros para jantar, o filósofo respondeu ao rei com os seguintes versos[308]:

> "Ah! Circe! Que homem sensato poderia provar alimentos e beber antes
> de ver os companheiros resgatados e contemplá-los frente a frente?"

Antípatros apreciou sua presença de espírito e mandou libertar imediatamente os prisioneiros.

(10) Quando um pequeno pardal era perseguido por um gavião e se refugiou em seu colo, Xenocrates o acariciou e deixou-o ir embora, dizendo que não se deve trair um suplicante. Em certa ocasião, injuriado por Bion, ele declarou que não responderia, acrescentando que a tragédia não desce de sua dignidade para responder ao insulto da comédia. A alguém que nunca aprendeu música, nem geometria, nem astronomia, mas apesar disso desejava ouvir suas preleções, Xenocrates disse: "Segue o teu caminho, pois não tens os vínculos da filosofia." Outros autores dizem que suas palavras foram: "Junto a mim não se carda lã."

(11) Dionísios disse certa vez a Platão que lhe cortaria a cabeça. Xenocrates, que estava presente, falou apontando para sua própria cabeça: "Ninguém cortará a cabeça de Platão antes de cortar a minha!" Conta-se também que quando Antípatros veio a Atenas e o saudou ele não retribuiu o cumprimento antes de concluir o que estava dizendo. Xenocrates era absolutamente isento de orgulho, e muitas vezes ficava absorto durante o dia em meditação e, segundo se diz, permanecia uma hora em silêncio.

Deixou inúmeras obras em prosa e verso, que são as seguintes: *Da Natureza*, em seis livros; *Da Sabedoria*, em seis livros; *Da Riqueza*, em um livro; *O Arcádio*, em um livro; *Do Indeterminado*, em um livro; (12) *Da Criança*, em um livro; *Da Continência*, em um livro; *Do Útil*, em um livro; *Da Liberdade*, em um livro; *Da Morte*, em um livro; *Do Voluntário*, em um livro; *Da Amizade*, em dois livros; *Da Eqüidade*, em um

307. Em 332 a.C..

308. *Odisséia*, X, 383 e seguintes.

livro; *Do Contrário*, em dois livros; *Da Felicidade*, em dois livros; *Da Escrita*, em um livro; *Da Memória*, em um livro; *Da Falsidade*, em um livro; *Caliclés*, em um livro; *Da Prudência*, em dois livros; *O Dono de Casa*, em um livro; *Da Moderação*, em um livro; *Da Força da Lei*, em um livro; *Do Estado*, em um livro; *Da Santidade*, em um livro; *A Excelência Pode Ser Ensinada*, em um livro; *Do Ser*, em um livro; *Do Destino*, em um livro; *Das Emoções*, em um livro; *Dos Modos de Vida*, em um livro; *Da Concórdia*, em um livro; *Dos Discípulos*, em dois livros; *Da Justiça*, em um livro; *Da Excelência*, em dois livros; *Das Espécies*, em um livro; *Do Prazer*, em dois livros; *Da Vida*, em um livro; *Da Coragem*, em um livro; *Do Uno*, em um livro; *Das Idéias*, em um livro; (13) *Da Arte*, em um livro; *Dos Deuses*, em dois livros; *Da Alma*, em dois livros; *Da Ciência*, em um livro; *O Estadista*, em um livro; *Do Conhecimento*, em um livro; *Da Filosofia*, em um livro; *Dos Escritos de Parmenides*, em um livro; *Arquêdemos* ou *Da Justiça*, em um livro; *Do Bem*, em um livro; *Uma Teoria sobre o Intelecto*, em oito livros; *Soluções de Problemas Lógicos*, em dez livros; *Lições sobre a Física*, em seis livros; *Sumário*, em um livro; *Dos Gêneros e Espécies*, em um livro; *A Doutrina de Pitágoras*, em um livro; *Soluções*, em dois livros; *Divisões*, em oito livros; *Teses*, em vinte livros (30.000 linhas); *A Doutrina da Dialética*, em quatorze livros (12.470 linhas). Além desses, existem ainda quinze livros, e depois outros dezesseis de *Estudos sobre o Estilo; Da Lógica*, em nove livros; *Da Matemática*, em seis livros; outros dois livros *Sobre o Intelecto; Dos Geômetras*, em cinco livros; *Comentários*, em um livro; *Contrários*, em um livro; *Dos Números*, em um livro; *Teoria dos Números*, em um livro; *Dos Intervalos*, em um livro; *Da Astronomia*, em um livro; (14) *Princípios Elementares da Realeza*, em quatro livros, dedicados a Alexandre, o Grande; *A Aribas; A Hefaistíon; Da Geometria*, em dois livros. Essas obras totalizam 224.239 linhas.

Embora fosse esse o seu caráter, quando em certa ocasião ele não pôde pagar o imposto incidente sobre residentes estrangeiros, os atenienses o venderam. Demétrios de Fáleron o comprou, restituindo assim a liberdade a Xenocrates e pagando o imposto aos atenienses (esse incidente é contado por Mironianos de Amastris no primeiro livro de sua obra *Capítulos sobre Paralelos Históricos*). Xenocrates sucedeu a Spêusipos por ocasião do arcontado de Lisimaquides e dirigiu a escola durante vinte e cinco anos, começando no segundo ano da 110ª Olimpíada[309]; morreu aos oitenta e dois anos de idade em conseqüência de uma queda, à noite, sobre uma tina.

(15) Manifestamo-nos sobre ele no seguinte epigrama[310]:

> "Xenocrates, o homem ótimo em tudo, caiu sobre uma tina de bronze e fraturou a cabeça, e dando um altíssimo grito morreu."

Houve seis personagens chamados Xenocrates: um tático, muito antigo; um parente e concidadão do filósofo (conserva-se um discurso de sua autoria intitulado *Arsinoético*, escrito por ocasião da morte de Arsinoe); um filósofo e escritor infeliz de elegias (é notável o fato de os poetas serem bem-sucedidos quando passam a escrever em prosa, enquanto os prosadores que tentam escrever poesia fracassam; é claro, portanto, que a poesia é um dom da natureza e a prosa é o resultado da arte); um escultor; e um autor de cantos, como diz Aristôxenos.

309. 339-338 a.C..
310. *Antologia Palatina*, VII, 102.

Capítulo 3. POLÊMON[311]

(16) Polêmon, filho de Filôstratos, nasceu em Atenas, no demo de Oie. Durante a juventude foi tão libertino e dissipado que levava sempre dinheiro consigo para satisfazer prontamente seus desejos, e para isso tinha esconderijos em vielas e becos[312] (na própria Academia achou-se uma moeda de três óbolos perto de uma coluna, onde ele a escondera com esse objetivo). Certo dia, em conluio com seus jovens amigos, Polêmon irrompeu, completamente embriagado, na escola de Xenocrates, com uma guirlanda na cabeça. Xenocrates, entretanto, sem se perturbar, continuou o seu discurso como antes; o assunto era a moderação. O jovem ouviu-o e aos poucos deixou-se conquistar e se entregou ao estudo com tanta dedicação que superou todos os outros discípulos; foi o sucessor de Xenocrates na direção da escola, começando na 116ª Olimpíada[313].

(17) Em suas biografias, Antígonos de Caristos diz que o pai de Polêmon ocupava uma posição proeminente entre seus concidadãos, e criava cavalos para as corridas de carros; acrescenta que Polêmon foi processado sob a alegação de maus tratos por sua mulher, que o acusava de manter relações sexuais com rapazes; entretanto, a partir da época em que passou a dedicar-se à filosofia, adquiriu uma tal força de caráter que sempre mantinha a mesma calma imperturbável em suas atitudes. Não perdia sequer o domínio de sua voz, e esse fato fascinou Crântor. Quando um cão raivoso mordeu-o na parte posterior da coxa, Polêmon nem sequer empalideceu, permanecendo impassível diante do clamor que se alastrou por toda a cidade em face da notícia do incidente. Mesmo no teatro ele permanecia impassível. (18) Por exemplo, Nicôstratos, cognominado Clitemnestra, estava lendo em certa ocasião para Polêmon e para Crates um trecho do poeta[314]; Crates participou intensamente, porém Polêmon não se comoveu, e comportou-se como se nem tivesse ouvido. Ele se assemelhava em tudo ao tipo descrito pelo pintor Melântios em sua obra *Sobre a Pintura*; Melântios diz que nas obras, como no caráter, deve aparecer altivez e severidade. Polêmon dizia que devemos exercitar-nos com fatos concretos da vida, e não com especulações dialéticas, que nos tornam como certas pessoas que aprendem de cor algum manual de harmonia musical mas nunca praticaram, capazes de conquistar admiração pela habilidade em fazer perguntas, porém incoerentes consigo mesmos na ordenação da própria vida.

Polêmon era refinado e generoso, e pediria desculpas, usando as palavras de Aristófanes a respeito da Eurípides, pelo estilo "ácido e pungente", como diz o próprio Aristófanes, (19) que é

> "tempero forte para um bom pedaço de carne"[315].

Segundo dizem, quando discutia sobre problemas propostos, Polêmon nunca ficava sentado, mas caminhava para um lado e para o outro; a cidade honrava-o pela nobreza de seus sentimentos. Entretanto, ele vivia afastado do mundo, confinando-se principalmente no jardim da Academia, em cujas proximidades os discípulos haviam construído barracas para morar perto do recinto das Musas e da

311. Escolarca da Academia no período de 314 a aproximadamente 276 a.C..
312. Veja-se Lucianos, *Duplamente Acusado*, cap. 16.
313. 316-312 a.C..
314. Subentenda-se "Homero".
315. Fragmento 180 Dindorf.

sala de aulas onde se reuniam. Aparentemente Polêmon emulou Xenocrates em tudo; no quarto livro de sua obra *Da Luxúria dos Antigos*, Arístipos afirma que Polêmon se enamorou dele. O fato é que Polêmon sempre o tinha em mente, e conservou como ele o tom de simplicidade, austeridade e dignidade típicas da harmonia dórica. (20) Polêmon amava a poesia de Sófocles, sobretudo os trechos em cuja criação, segundo a frase de um poeta cômico[316],

"um cão molosso colaborou",

e outros que são, nas palavras de Frínicos[317],

"não mosto, nem uma mistura, mas puro vinho de Pramnos".

Ele costumava dizer que Homero é o Sófocles da epopéia, e Sófocles é o Homero da tragédia.

Polêmon morreu idoso, de consumpção, deixando grande número de obras. Há um epigrama nosso a seu respeito[318]:

"Não ouviste? Sepultamos Polêmon, trazido para cá pela enfermidade, o mal terrível dos homens. No entanto, não é Polêmon, mas apenas seu corpo, que ele, indo para os astros, deixou consumido na terra."

Capítulo 4. CRATES

(21) Crates, cujo pai chamava-se Antigenes, nasceu em Atenas no demo de Tria; foi aluno e ao mesmo tempo amásio de Polêmon, a quem sucedeu como escolarca. Os dois eram a tal ponto apaixonados um pelo outro que não somente tinham os mesmos interesses e atividades, mas também até o último alento tornaram-se cada vez mais semelhantes entre si, e depois de mortos tiveram uma sepultura comum. Por isso, Antagoras escreveu sobre ambos o seguinte epigrama[319]:

"Estrangeiro que passas, dize que nesse sepulcro jazem Crates divino e Polêmon, homens magnânimos pela concórdia, de cujos lábios inspirados fluíram palavras sagradas, e cuja existência, assentada em doutrina sadia, preparou-os para uma brilhante imortalidade."

(22) Ainda por isso Arcesílaos, que havia deixado Teôfrastos e ido para a sua escola, disse deles que ambos eram deuses ou remanescentes da idade de ouro. Desdenhavam a popularidade, assemelhando-se mais ao flautista Dionisôdoros, que se vangloriava, segundo diziam, pelo fato de ninguém ter ouvido suas melodias – todos preferiam as de Ismenias – nem numa trirreme, nem junto a uma fonte. Segundo Antígonos, Crates tinha a mesa em comum com Crântor, e ambos e Arcesílaos viviam juntos em harmonia. Arcesílaos e Crântor moravam na mesma casa, enquanto Polêmon e Crates viviam com Lisiclês, um dos cidadãos. Como já dissemos, Crates era o amásio de Polêmon, e Arcesílaos de Crântor.

(23) De acordo com Apolôdoros no terceiro livro de sua *Crônica*, Crates, ao morrer, deixou muitas obras; algumas sobre a filosofia, outras sobre a comédia, e ainda orações pronunciadas diante do povo ou por ocasião de embaixadas; deixou

316. Fragmento anônimo 18 Kock.
317. Fragmento 65 Kock.
318. *Antologia Palatina*, II, 380.
319. *Antologia Palatina*, VII, 103.

também discípulos ilustres, entre os quais Arcesílaos, que ouviu suas lições e de quem falaremos depois (ele foi igualmente discípulo de Crates); outro foi Bíon de Borístenes, conhecido mais tarde como o Teodoreano por causa da escola a que se juntou (falaremos dele em seguida a Arcesílaos).

Houve dez personagens com o nome de Crates: o poeta da Comédia Antiga; um retor de Trales, discípulo de Isocrates; um construtor de fossos que acompanhou Alexandre, o Grande; o filósofo cínico, de quem falaremos mais tarde; um filósofo peripatético; o filósofo acadêmico descrito acima; um gramático de Malos; o autor de uma obra sobre geometria; um poeta epigramático; e um filósofo acadêmico de Tarsos.

Capítulo 5. CRÂNTOR[320]

(24) Crântor de Sôloi, embora gozasse de alta estima em sua pátria, transferiu-se para Atenas, onde foi ouvinte de Xenocrates juntamente com Polêmon. Deixou comentários totalizando 30.000 linhas, alguns dos quais certos críticos atribuem a Arcesílaos. Narra-se que quando lhe perguntaram o que mais o atraía em Polêmon, sua resposta foi: "O fato de eu nunca tê-lo ouvido elevar ou baixar a voz enquanto falava." Em certa ocasião Crântor adoeceu e retirou-se para o templo de Asclépios, onde continuou a caminhar; muitas pessoas acorreram para juntar-se a ele, imaginando que o filósofo não estivesse ali por causa da doença, e sim porque pretendia fundar uma nova escola no local. Entre essas pessoas estava Arcesílaos, desejoso de ser apresentado a Polêmon por Crântor, apesar das relações amorosas que uniam os dois, como relataremos na Vida de Arcesílaos[321]. (25) Entretanto, após recuperar-se da doença, Crântor continuou a ouvir as lições de Polêmon, sendo muito admirado por causa dessa atitude. Conta-se também que ele deixou seus bens para Arcesílaos, no valor de doze talentos. Quando Arcesílaos lhe perguntou onde queria ser sepultado, Crântor respondeu:

"É belo repousar no seio da terra pátria."[322]

Conta-se ainda que Crântor escreveu poemas e os depositou lacrados no templo de Atena em sua terra natal. O poeta Teáitetos escreveu o seguinte poema a propósito dele[323]:

"Agradável aos homens, porém mais agradável ainda às Musas, Crântor não chegou à velhice. Recebe, terra, o sagrado homem morto; possa ele viver tranqüilo e na abundância mesmo sob a terra!"

(26) Crântor admirava Homero e Eurípides mais que todos os outros poetas, dizendo que é difícil atingir as culminâncias trágicas e provocar um sentimento de compaixão com a linguagem da vida cotidiana. E citava como exemplo este verso do Belerofon[324]:

320. Aproximadamente 340-290 a.C..
321. Veja-se o § 29 deste livro.
322. Fragmento de um tragediógrafo desconhecido, nº 251 de Nauck.
323. *Antologia Planúdea*, III, 60.
324. De Eurípides, fragmento 300 Nauck.

"Ai de mim! Mas, por que de mim? Nossa aflição é humana."

Fala-se ainda de versos compostos por Crântor para Eros, que entretanto se conservam sob o nome do poeta Antagoras[325]:

"Já que tua origem é obscura, meu ânimo está em dúvida, sem saber se te devo chamar, Eros, o primeiro dos deuses imortais, o mais velho dos filhos gerados pelo antigo Êrebos e pela rainha Noite nos abismos do oceano imenso, ou a criança da sábia Cípris, ou da Terra, ou dos Ventos. Tantos males e bens dispensas, errante, aos homens! Por isso a natureza de teu corpo é dúplice!"

(27) Crântor era também um exímio criador de palavras e expressões novas. Da voz de um ator trágico ele disse que "não era polida como o machado e cheia de casca". De certo poeta, que seus versos eram "cheios de traças"; dizia ainda que as teses de Teôfrastos eram escritas com tinta de púrpura. Sua obra mais admirada é o tratado *Do Luto*. Crântor morreu antes de Polêmon e Crates, de hidropisia.

Há sobre ele o seguinte epigrama de nossa autoria[326]:

"Dominou-te, Crântor, a pior das doenças, e assim desceste ao negro abismo de Plúton. Enquanto mesmo lá vives alegremente, a Academia e Sôloi, tua pátria, choram privadas de teus discursos."

Capítulo 6. ARCESÍLAOS[327]

(28) Arcesílaos, filho de Seutes (ou Squitos, de acordo com Apolôdoros no terceiro livro de sua *Crônica*), nasceu em Pitane, na Aiolis. Com ele começa a Academia Média; foi o primeiro a suspender o juízo por causa da contradição de argumentos opostos. Foi também o primeiro a defender ambos os lados de uma questão, e o primeiro a modificar o sistema deixado por Platão e a torná-lo mais adequado à controvérsia mediante perguntas e respostas. Seu encontro com Crântor ocorreu nas seguintes circunstâncias. Arcesílaos era o mais novo de quatro irmãos, dois dos quais nascidos do mesmo pai e dois da mesma mãe. Dos nascidos da mesma mãe o mais velho chamava-se Pilades, e dos nascidos do mesmo pai o mais velho chamava-se Moireas, e Moireas era seu tutor. (29) Antes de transferir-se para Atenas Arcesílaos ouviu as lições do matemático Autôlicos, seu concidadão, com quem fez uma viagem a Sárdis. Em seguida estudou com o músico Xantos, ateniense, e depois foi aluno de Teôfrastos. Mais tarde passou para a Academia e juntou-se a Crântor. Moireas, o irmão a quem já nos referimos pouco acima, queria fazer dele um orador, mas Arcesílaos dedicou-se à filosofia, e Crântor, enamorado dele, citou um verso da *Andromeda* de Eurípides[328]:

"Se te salvo, virgem, ser-me-ás grata?"

Ele respondeu com o verso seguinte[329]:

"Leva-me, estrangeiro, como escrava, se quiseres, ou como esposa."

325. *Antologia Palatina*, III, 60.
326. *Antologia Palatina*, II, 381.
327. Aproximadamente 318-242 a.C..
328. Fragmento 129 Nauck.
329. Fragmento 132 Nauck.

(30) Depois disso os dois passaram a viver juntos. Conta-se que Teôfrastos, magoado com sua partida, disse que um jovem bem-dotado e ágil de espírito havia deixado a escola. Com efeito, além de extremamente apto em argumentação e realmente amigo de ler e escrever, ele também se dedicava a compor poemas. Conserva-se o seguinte epigrama[330] sobre Átalos, de sua autoria:

"Pêrgamos não deve somente às armas sua glória, mas também é celebrada com freqüência por causa de seus corcéis na divina Pisa. Se a algum mortal é dado revelar a vontade de Zeus, no futuro Pêrgamos inspirará ainda, e muito, o canto dos poetas."

Há outro sobre Menôdoros, o amásio de Êudamos, um de seus condiscípulos na Academia[331]:

(31) "Distante é a Frígia, distante é a sagrada Tiáteira, tua pátria, Menôdoros, filho de Cadauas. Mas, de qualquer parte que se meçam, como diz o provérbio, as estradas que levam ao Aquêron horrível têm a mesma extensão. Ergueu-te este sepulcro bem visível Êudamos, a quem eras mais caro que muitos dos que se fatigaram por ele."

Entre todos os poetas Arcesílaos apreciava mais Homero, de quem lia habitualmente algum trecho antes de dormir; mesmo de manhã cedo, quando queria ler Homero, dizia que desejava visitar o seu amor. De Píndaros costumava afirmar que era uma fonte incomparável para transmitir a plenitude da elocução e para proporcionar uma provisão abundante de palavras e frases. Em sua juventude ele procurou caracterizar a obra de Íon[332].

(32) Ouviu também lições do geômetra Hipônicos, sobre o qual fez um gracejo porque, enquanto era muito capaz em sua arte, em tudo mais era preguiçoso e obtuso, e sempre bocejava enfadado; Arcesílaos dizia que a geometria voara para a sua boca enquanto a mesma estava aberta. Quando em certa ocasião Hipônicos perdeu o senso, Arcesílaos acolheu-o em sua casa e o tratou até vê-lo restabelecido. Na época da morte de Crates ele obteve a direção da escola depois de um certo Socratides haver renunciado em seu favor. Segundo alguns autores, em conseqüência de sua suspensão do juízo sobre todos os assuntos, Arcesílaos não escreveu um livro sequer; segundo outros autores, foi surpreendido revisando algumas obras de Crântor, que de acordo com certas fontes ele publicou, e de acordo com outras queimou. Parece que Arcesílaos foi admirador de Platão e possuía um exemplar de suas obras.

(33) Na opinião de outros foi também adepto de Pírron. Dedicou-se ainda ao estudo da dialética, adotando o método da escola de Eretria. Por isso Aríston dizia dele: "Pela frente Platão, por trás Pírron e no meio Diôdoros."[333]

Tímon refere-se a ele nos seguintes termos[334]:

"Tendo o chumbo de Menêdemos no peito ele correrá para Pírron – todo carne – ou para Diôdoros."

330. *Antologia Palatina*, III, 56.
331. *Antologia Palatina*, II, 382.
332. Poeta e prosador nascido por volta de 490 a.C. em Quios, mas radicado em Atenas, de quem nos restam apenas fragmentos.
333. Fragmento 343 von Arnim.
334. Fragmentos 31, 32, 33 Diels.

Pouco adiante o faz dizer o seguinte:

"Nadarei para Pirron e para o sinuoso Diôdoros."

Arcesílaos expressava-se axiomática e concisamente, e na conversa distinguia cuidadosamente os termos. Era bastante satírico e franco, (34) e por isso Tímon ainda fala dele assim:

"Misturando bom-senso com cavilações."

A um rapaz que conversava com muita arrogância ele disse: "Ninguém ganhará dele no jogo de ossinhos?" Em outra ocasião, a certo homem acusado de práticas homossexuais passivas e desejoso de demonstrar-lhe que uma coisa não lhe parecia maior que outra, Arcesílaos perguntou se dez polegadas também não lhe pareciam mais que seis. Havia um certo Hêmon, de Quios, que embora fosse muito feio, tinha a pretensão de ser belo, e andava sempre vestido elegantemente; certa vez ele externou a opinião de que o homem sábio nunca se apaixonaria, e Arcesílaos replicou: "Nem por alguém tão belo como tu, e tão bem vestido?" Essa mesma pessoa, que levava uma vida dissoluta, para significar que Arcesílaos era arrogante, dirigiu-lhe a palavra citando o seguinte verso[335]:

(35) "Posso falar, senhora, ou devo manter-me calado?"

Sua resposta foi[336]:

"Por que, mulher, me dizes insolitamente palavras tão ásperas?"

Em certa ocasião, quando uma pessoa tagarela e malnascida o entediava, Arcesílaos citou o verso[337]:

"O falatório desenfreado é característico dos filhos de servos."

De alguém que dizia muitas tolices ele ponderou que tal pessoa não tivera sequer uma educação severa. A outras pessoas ele não se dignava sequer responder. A um usurário amante da cultura, que confessava sua ignorância a propósito de certo assunto, Arcesílaos replicou com os versos:

"A própria fêmea dos pássaros não sabe conhecer a direção dos ventos, a não ser que veja novos filhotes no ninho",

tirados do *Oinômaos* de Sófocles[338].

(36) A um dialético seguidor de Alexinos, incapaz de repetir adequadamente um argumento do mestre, Arcesílaos contou a história de Filôxenos e dos oleiros: certa vez Filôxenos surpreendeu uns oleiros que cantavam mal as melodias por ele compostas, e se pôs a pisotear os tijolos que estavam fazendo, dizendo-lhes: "Se estragais a minha obra, estrago a vossa!" Arcesílaos aborrecia-se com qualquer pessoa que se dedicava muito tarde aos estudos. Na conversação, como se fosse por um impulso natural, recorria sem nenhum subterfúgio a frases como "Afirmo" e "Fulano de Tal (e dizia o nome) não concordará com isso"[339]. Esse hábito, seu modo de falar e seu comportamento em geral eram imitados por seus discípulos.

(37) Arcesílaos era extraordinariamente inventivo quando se tratava de rebater com sucesso as objeções ou de trazer o curso da discussão de volta ao ponto em

335. De um poeta trágico não-identificado, fragmento 282 Nauck.
336. Idem, fragmento 283 Nauck.
337. Eurípides, fragmento 676 Nauck.
338. Fragmento 436 Nauck.
339. Essas frases não se coadunam com a suspensão do juízo ou decisão de não enunciar conceitos (vejam-se os §§ 28 e 32 acima), característica do ceticismo de Arcesílaos.

debate, e adaptava-se a qualquer situação. Ninguém rivalizava com ele no poder de persuasão, e isso mais que qualquer outra coisa trazia discípulos para a escola, embora temessem seu espírito ferino; mas eles suportavam de bom grado essa peculiaridade, pois sua bondade era grande e o filósofo enchia de esperanças os seus ouvintes. Na vida privada era generosíssimo, estando sempre disposto a fazer benefícios, embora procurasse esconder com muita modéstia os favores prestados. Por exemplo, certa vez visitou Ctesíbios, que estava doente, e vendo-o aflito em face de dificuldades, pôs dissimuladamente uma bolsa sob o travesseiro do enfermo. Este, descobrindo-a, disse: "Isto é uma brincadeira de Arcesílaos." Além disso, em outra ocasião, mandou-lhe 1.000 dracmas.

(38) Graças a uma recomendação a Eumenes ele proporcionou ao arcádio Arquias a ascensão a um alto cargo. Era muito liberal e altruísta em matéria de dinheiro, e foi o primeiro a assistir a conferências pelas quais se pagava uma moeda de prata, e mais que qualquer outro comparecia às realizadas em casa de Arquecrates e Calicrates, pelas quais se pagava uma moeda de ouro. Arcesílaos prestou ajuda a muitas pessoas, para as quais arrecadava contribuições. Em certa ocasião alguém pediu-lhe emprestado um utensílio de prata a fim de receber amigos, e nunca o devolveu, mas o filósofo não o pediu de volta e até alegava que não o emprestara. De acordo com outra versão da história ele o emprestou espontaneamente, e quando o beneficiado quis devolvê-lo Arcesílaos lho ofereceu como presente porque se tratava de uma pessoa pobre. Ele possuía uma propriedade em Pitane, da qual seu irmão Pílades lhe mandava suprimentos. Além disso Eumenes, filho de Filêtairos, mandava-lhe muitos presentes, porque foi o único rei de seu tempo a quem o filósofo dedicou suas obras.

(39) Enquanto muitas pessoas cortejavam Antígonos e iam vê-lo sempre que esse rei vinha a Atenas, Arcesílaos ficava em casa, não querendo ser o primeiro a encontrá-lo. Mantinha ótimas relações de amizade com Hieroclés, comandante de Muniquia e do Peiraieus, e em todos os festivais descia para ir vê-los. Hieroclés tentou muitas vezes convencê-lo a ir cumprimentar Antígonos, mas sem sucesso, pois embora fosse até as portas Arcesílaos voltava. Após a batalha naval, vencida por Antígonos, quando muitas pessoas procuraram o rei e lhe escreveram cartas adulando-o, Arcesílaos permaneceu calado. Entretanto, foi em nome de sua cidade a Demetriás como embaixador a Antígonos, porém não teve sucesso em sua missão. De um modo geral ele passava todo o seu tempo na Academia, evitando a política.

(40) Em outra ocasião, quando estava em Atenas, Arcesílaos deteve-se por muito tempo no Peiraieus discutindo certos assuntos, por causa da amizade que o ligava a Hieroclés, e por isso recebeu censuras de algumas pessoas. O filósofo amava a magnificência, e era por assim dizer um outro Arístipos; ia a banquetes, embora somente com pessoas que compartilhavam de suas predileções. Convivia publicamente com Teodote e Fila, as cortesãs eleatas, e a quem o censurava ele citava as máximas de Arístipos. Apreciava o amor dos meninos e era muito susceptível à voluptuosidade; seu procedimento provocou uma acusação de Ariston de Quios, o estóico, e dos adeptos deste último, que o chamavam de corruptor da juventude e de professor devasso de imoralidade. (41) Conta-se que ele se enamorou especialmente por Demétrios, que fez uma viagem marítima a Cirene, e por Cleocares de Mirlea; narra-se também que, quando os companheiros de folguedo chegaram à porta, Arcesílaos disse que desejava abri-la, porém

Cleocares o impedia. O mesmo jovem foi amado por Democares, filho de Laques, e por Pitoclés, filho de Bugelos; em certa ocasião Arcesílaos surpreendeu-os amando-se, e declarou que lhes dava permissão por ser tolerante. Em conseqüência de tudo isso seus críticos já mencionados o recriminavam e ridicularizavam como amigo do vulgo e cortejador da popularidade. Sobretudo o peripatético Hierônimos e seus adeptos o criticavam todas as vezes que ele arruinava os amigos para festejar o aniversário natalício de Alcioneus, filho de Antígonos (para esses festejos Antígonos mandava uma vultosa soma de dinheiro). (42) Durante os banquetes, entre uma taça e outra já não se tratava de discussões doutrinárias; quando certa vez Aridices propôs uma determinada questão e pretendia que os presentes a debatessem, Arcesílaos disse: "A prerrogativa principal da filosofia é exatamente conhecer que há uma ocasião para cada coisa." Quanto à acusação levantada contra ele de ser amigo do vulgo, Tímon faz, entre outras, a seguinte observação[340]:

> "Assim falando ele se misturava à multidão. As pessoas contemplavam-no admiradas, como tentilhões em torno de uma coruja, apontando-o como estulto; por ser um adulador da turba. Por que, insignificante como és, inchas como um tolo?"

Mas, apesar disso, Arcesílaos era bastante modesto para recomendar a seus discípulos que ouvissem outros filósofos. E como um jovem de Quios não estivesse satisfeito com suas preleções, manifestando preferência pelas de Hierônimos, o próprio Arcesílaos levou-o e o apresentou àquele filósofo, aconselhando-o a comportar-se bem.

(43) Outra anedota espirituosa contada a seu respeito é a seguinte: a alguém que lhe perguntou por que os discípulos de outras escolas corriam para a de Epícuros, mas da escola epicurista jamais um discípulo passou para as outras, Arcesílaos replicou: "Porque os homens podem tornar-se eunucos, porém um eunuco jamais pode tornar-se um homem."

Estando próximo ao fim ele deixou todos os seus bens para o irmão Pilades, porque, sem que Moireas soubesse, Arcesílaos o tinha levado para Quios e de lá para Atenas. Em toda a sua vida ele nunca se casou nem teve filho algum. Arcesílaos fez três testamentos; deixou um deles em Eretria com Anficritos, outro com alguns amigos, e o terceiro enviou à sua casa, aos cuidados de Taumasias, um de seus parentes, com um pedido para conservá-lo em lugar seguro. A este último escreveu a seguinte carta:

> "Arcesílaos a Taumasias, saudações."

(44) Confiei meu testamento a Diôgenes para ser-te entregue. Como tenho estado sempre doente e meu corpo perdeu sua força, parece-me oportuno fazer testamento. Se algo desagradável acontecer, não quero aborrecer-me com o remorso de haver cometido uma injustiça em relação a ti, que me deste tantas provas de apego e dedicação. Nesse lugar és o mais digno de todos de ser incumbido da observância de minhas disposições testamentárias, tanto pela idade como por nosso parentesco. Lembra-te de que depositei em ti a mais absoluta confiança, e esforça-te por ser justo em relação a mim, a fim de que, tanto quanto depender de ti, minhas disposições sejam cumpridas com a dignidade cabível.

340. Fragmento 34 Diels.

Uma cópia do testamento está depositada em Atenas junto a alguns conhecidos, e outra em Eretria com Anficritos.

De acordo com Hérmipos, Arcesílaos morreu por haver bebido uma quantidade excessiva de vinho sem mistura, que lhe afetou a razão; tinha então setenta e cinco anos de idade, e foi estimado pelos atenienses como nenhum outro.

(45) Há o seguinte epigrama de nossa autoria sobre ele[341]:

> "Por que, Arcesílaos, sorveste tanto vinho sem mistura, a ponto de perder o senso? Não te lamento tanto por tua morte, e sim porque insultaste as Musas erguendo a taça desmedidamente."

Existiram outros três personagens com o nome de Arcesílaos: um poeta da Comédia Antiga, outro poeta autor de elegias, e além destes um escultor sobre o qual Simonides escreveu o seguinte epigrama[342]:

> "A estátua que vês é de Ártemis e custou duzentos dracmas pários, marcados com um bode. Foi feita por Arcesílaos, o digno filho de Aristôdicos, exímio na arte de Atena."

De acordo com Apolôdoros em sua *Crônica*, o filósofo de quem estamos falando floresceu por volta da 120ª Olimpíada[343].

Capítulo 7. BÍON[344]

(46) Bíon nasceu em Boristenes. O nome de seus pais e as circunstâncias que o levaram à filosofia ele mesmo revela a Antígonos. Com efeito, perguntando-lhe esse rei:

> "Quem és tu entre os homens, e de onde? Qual a tua cidade e de quem és filho?"[345],

e sabendo que já fora caluniado junto ao rei, Bíon deu-lhe a seguinte resposta: "Meu pai era um liberto, que limpava o nariz no braço" – querendo dizer que era um vendedor de peixe salgado –, "natural de Boristenes, sem rosto para ostentar, mas somente uma marca na face, sinal da severidade de seu senhor. Minha mãe era do tipo com que um homem como meu pai podia ter casado, vinda de um bordel. Depois meu pai sonegou não sei que imposto, e foi vendido com toda a família. Eu, na época um rapaz de boa aparência, fui comprado por um retor, que ao morrer me deixou todos os seus bens. (47) Queimei seus livros, amontoei tudo que tinha, vim para Atenas e me dediquei à filosofia.

Eis a estirpe e o sangue dos quais me orgulho de provir[346]. Esta é a minha história e já é tempo de Persaios e Filonides pararem de contá-la. Julga-me por mim mesmo. Na realidade, Bíon era uma pessoa versátil, um sofista sutil, e ofereceu muitas oportunidades a quantos queriam denegrir a filosofia, mas em algumas ocasiões mostrava-se pomposo e era capaz de apreciar o fausto. Deixou numerosos comentários e também máximas oportunas de aplicação útil. Por

341. *Antologia Palatina*, VII, 104.
342. *Antologia Palatina*, III, 9.
343. 300-296 a.C..
344. Século III a.C..
345. Homero, *Odisséia*, X, 325.
346. Homero, *Ilíada*, VI, 211.

exemplo: certa vez, censurado porque não tentava conquistar um adolescente, Bíon replicou: "Não é possível apanhar um queijo mole com um gancho." (48) Em outra ocasião perguntaram-lhe quem sofre mais de ansiedade, e sua resposta foi: "Aquele que deseja a felicidade máxima." Quando alguém lhe perguntou se deveria casar – atribui-se essa frase também a Bíon – ele respondeu: "Se casares com uma mulher feia, sofrerás por isso; se for bela, não será apenas tua."[347] Bíon definia a velhice como o porto dos males, porque nela se encontram todos eles. Dizia que a glória é a mãe da excelência, a beleza é o bem de outro, as riquezas são os nervos das coisas. A alguém que tinha devorado o próprio mônio Bíon disse: "A terra engoliu Anfiáraos, e tu engoliste as tuas terras." Não saber suportar o mal é um grande mal. Condenava os que incineram os mortos como se não tivessem sensibilidade, porém os invocavam como se fossem sensíveis.

(49) Bíon dizia constantemente que fazer favores é melhor que os receber, pois este último caso significa um prejuízo para o corpo e para a alma. Ele menosprezou o próprio Sócrates, declarando que se este desejava Alcibíades e se abstinha era um tolo, e se não o desejava sua conduta nada tinha de extraordinário. Costumava dizer ainda que a estrada para o Hades é fácil; tanto é assim que se vai para lá de olhos fechados. Censurando Alcibíades, Bíon dizia que em sua meninice ele tirava os maridos de suas mulheres, e quando rapaz tirava as mulheres de seus maridos.

Em Rodes, enquanto os atenienses se exercitavam na oratória ele ensinava filosofia; a alguém que o criticava por isso ele replicou: "Como posso vender cevada se trouxe trigo para o mercado?"

(50) Bíon dizia que aqueles que estão no Hades seriam punidos com severidade maior se carregassem água em vasos inteiros em vez de furados. A um tagarela importuno que lhe pedia insistentemente ajuda ele disse: "Atenderei ao teu pedido se mandares intermediários e te mantiveres distante." Durante uma viagem em má companhia Bíon encontrou piratas no percurso; quando seus companheiros de viagem disseram: "Estaremos perdidos se formos descobertos!", ele falou: "E eu também, a não ser que me descubram." Esse filósofo afirmava que a presunção é um obstáculo ao progresso. Referindo-se a um rico avarento Bíon disse: "Este não conquistou uma fortuna; a fortuna o conquistou." Os avarentos, comentava ele, cuidavam de seus bens como se estes lhes pertencessem, mas não obtinham benefícios de sua posse, como se pertencessem a outrem. Bíon dizia que os homens, quando são jovens, têm coragem, mas somente quando se envelhece a prudência chega ao máximo.

(51) O filósofo acrescentava que a prudência é tão superior às outras formas de excelência quanto a vista é superior aos outros sentidos, e repetia sempre que não devemos falar mal da velhice, pois todos desejamos chegar a ela. A um invejoso tristonho ele disse: "Não sei se te aconteceu algum mal, ou se aconteceu algum bem a teu próximo." Bíon falava também que o nascimento humilde era má companhia para a liberdade de palavra, pois

> "ele torna o homem servil, apesar de sua coragem"[348].

347. Veja-se o § 3 do Livro VI.
348. Eurípides, *Hipólitos*, 424.

Devemos conservar os amigos, quaisquer que sejam, para que não se pense que tínhamos maus amigos ou os desprezamos.

A princípio Bíon seguiu a doutrina da Academia, na época em que ouvia Crates, porém aderiu mais tarde à doutrina cínica e adotou o manto e a sacola. (52) Que mais seria necessário à sua adesão ao princípio da insensibilidade? Posteriormente Bíon passou a seguir as teorias teodoreanas, após ouvir as lições de Teôdoros, o Ateu, que usava todos os tipos de argumentos sofísticos. Depois de Teôdoros ouviu as lições do peripatético Teôfrastos. Apreciava a teatralidade e era exímio em ridicularizar qualquer coisa, usando expressões vulgares. Sendo sua linguagem o resultado de uma combinação de todos os estilos, conta-se que Eratostenes tinha dito dele que Bíon foi o primeiro e vestir a filosofia com uma roupagem florida. Esse filósofo era exímio também na paródia. Eis um exemplo de seu estilo:

> "Gentil Arquitas, nascido na música, feliz em tua própria presunção, entre todos os homens o mais hábil para fazer soar a nota mais grave da discórdia." [349]

(53) Em geral Bíon gracejava com a música e a geometria. Apreciava a pompa, e por isso andava de cidade em cidade imaginando às vezes algum expediente fantasioso para exibir-se. Em Rodes, por exemplo, persuadiu os marinheiros a vestir-se como estudantes e a segui-lo. Quando, acompanhado por eles, entrou no ginásio, todos os olhares convergiram em sua direção. Era também seu hábito adotar rapazes, tanto para satisfazer seus impulsos voluptuosos como para ter a proteção de seu afeto. Mas, por outro lado, era extremamente egoísta, embora repetisse insistentemente a máxima "Os bens dos amigos são comuns". Por isso ninguém quis declarar-se expressamente seu discípulo, apesar de suas preleções terem muitos ouvintes. Entretanto, alguns seguiram-no em sua impudência.

(54) Conta-se de Betíon, um de seus íntimos, que ele dirigiu a Menêdemos as seguintes palavras: "Passo a noite com Bíon, Menêdemos, e penso que nada há de estranho nesse procedimento." Em suas conversas reservadas ele muitas vezes pronunciava-se contra a crença nos deuses, opinião que lhe viera dos teodoreanos. Mais tarde, quando adoeceu – assim se dizia em Calcis, onde o filósofo morreu – deixou-se convencer a usar amuletos, e a retratar-se, arrependido, das blasfêmias contra as coisas divinas. A falta de enfermeiros deixou-o numa situação penosa, até que Antígonos lhe mandou dois serviçais, que o seguiam numa liteira como afirma Favorinos em suas *Histórias Variadas*.

(55) Escrevemos os seguintes versos de crítica a propósito de sua morte[350]:

> "Sabemos que Bíon, nascido na terra cita de Borístenes, negava a existência real dos deuses. Se ele houvesse perseverado nessa opinião, teríamos naturalmente dito: "Bíon pensa como lhe apraz; erradamente, porém pensa". Mas depois, vítima de uma prolongada doença e temendo morrer, nosso negador dos deuses, que não se dignou sequer de olhar um templo, (56) que zombou tanto dos mortais que sacrificavam aos deuses, não somente na lareira e sobre os altares, mas também na mesa, com doces odores, com gordura e com incenso ele alegrou as narinas dos

349. Paródia de versos épicos. Veja-se a *Ilíada*, III, 182; I, 146; e XVII, 170.
350. *Antologia Palatina*, V, 37.

deuses. Nem se dignou de dizer: "Pequei; perdoa o passado", mas pressurosamente confiou o pescoço a uma velha para o encantamento, (57) e docilmente pôs em seus braços laços de couro e suspendeu sobre a porta ramo e galhos de murta, pronto a sofrer tudo para não morrer. Estulto, que teve a pretensão de comprar a preço baixo o favor divino, como se os deuses tivessem passado a existir somente quando Bion quis reconhecê-los! Foi então com vã sabedoria que, quando tudo se transformou em cinzas, alçou as mãos e disse: 'Salve, Plúton, salve!'"

(58) Existiram dez personagens com o nome de Bion: um contemporâneo de Ferecides de Siros, a quem são atribuídos dois livros escritos no dialeto iônico, natural do Proconesos; um siracusano, autor de manuais de retórica; nosso filósofo; um adepto de Demócritos e matemático em Ábdera, que escreveu nos dialetos ático e iônico (foi o primeiro a afirmar que há lugares onde tanto as noites como os dias duram seis meses); um nativo de Sôloi, autor de uma obra sobre a Etiópia; um retor, autor de uma obra em nove livros intitulada *As Musas*; um poeta mélico; um escultor milésio, mencionado por Polêmon; um tragediógrafo, do chamado círculo de Tarsos; e um escultor de Clazomênai, mencionado por Hipônax.

Capítulo 8. LACIDES[351]

(59) Lacides, filho de Alêxandros, nasceu em Cirene. Fundou a Academia Nova e sucedeu a Arcesílaos. Foi um homem muito sério e teve numerosos admiradores, diligente desde a juventude e pobre, de modos afáveis e conversa agradável. Conta-se que na administração doméstica ele se comportava com muita avareza: toda vez que tirava alguma coisa da despensa voltava a fechar a porta de acesso e a lacrava, lançando o anel-sinete no interior através de um orifício, para evitar furtos ou retiradas dos gêneros depositados. Os serviçais espertos, cientes desse procedimento, rompiam o lacre e carregavam o que desejavam, e de maneira idêntica lançavam o anel no interior da despensa através do orifício; apesar dos furtos repetidos, nunca foram descobertos.

(60) Lacides dava suas lições nos jardins da Academia, feitos por ordem do rei Átalos, chamados Lacídeion por causa do nome desse filósofo. Somente ele, tanto quanto se tem memória, ainda em vida entregou a escola a Teleclés e Êuandros, ambos da Fócaia. A Êuandros sucedeu Hegesinos de Pêrgamos, e a este sucedeu Carneades. Conta-se uma anedota divertida a respeito de Lacides. Quando Átalos mandou chamá-lo, dizem que ele replicou que as imagens devem ser olhadas de longe. Dedicou-se tardiamente ao estudo da geometria, e por isso alguém lhe perguntou: "Agora é a época oportuna?" Lacides replicou: "Talvez nem mesmo agora."

(61) Tornou-se escolarca no quarto ano da 134ª Olimpíada[352], e morreu depois de dirigir a escola durante vinte e seis anos. Sua morte resultou de uma

351. Escolarca da Academia aproximadamente durante o período de 242 a 216 a.C..
352. 241-240 a.C..

paralisia, provocada por excesso de bebida. Dedicamos-lhe por isso o seguinte epigrama[353]:

"Também de ti, Lacides, ouvi dizer que Bacos te arrastou pela ponta dos pés e te levou para o Hades. É verdade que quando Diônisos[354] entra no copo em grande quantidade relaxa os membros. Será por isso que ele é chamado 'Relaxador'?"

Capítulo 9. CARNEADES[355]

(62) Carneades, filho de Epícomos, ou como diz Alêxandros em sua obra *Sucessão dos Filósofos*, de Filôcomos, nasceu em Cirene. Estudou detidamente as obras dos estóicos, em particular as de Crísipos, e combatendo-os com sucesso tornou-se tão famoso que costumava dizer: "Se não existisse Crísipos eu não seria quem sou."

Carneades esforçava-se em suas tarefas mais que qualquer outro, porém tinha mais pendor para a ética que para a física, e tão intensa era sua aplicação aos estudos que deixava crescer os cabelos e as unhas. Destacava-se de tal forma na filosofia que até os retores abandonavam suas escolas para irem ouvir suas lições. (63) Tinha uma voz potentíssima, a ponto de o administrador do ginásio ter de intervir freqüentemente para que não gritasse tanto. Então Carneades dizia: "Dá-me uma medida para a voz." O outro rebateu com muita presença de espírito dizendo: "Já tens essa medida em teus ouvintes." Era notável o seu talento na crítica aos opositores, e se mostrava extraordinário nas controvérsias; pelas razões já mencionadas não aceitava convites para jantar. Conta Favorinos nas *Histórias Variadas* que em certa ocasião Carneades teve um aluno – Mêntor, da Bitínia –, que tentou conquistar-lhe a concubina; quando esse aluno chegou para a aula, Carneades intercalou na lição os seguintes versos, como uma paródia a suas expensas:

(64) "Eis que chega um velho homem do mar, infalível, semelhante a Mêntor no físico e na voz. Proclamo que deve ser banido desta escola."[356]

O discípulo levantou-se e disse:

"Mal ouviram a proclamação, reuniram-se no mesmo instante."[357]

Aparentemente a atitude de Carneades diante da morte demonstrou falta de coragem, e o filósofo repetia freqüentemente as palavras: "A natureza me compôs e me decomporá." Ao saber que Antípatros cometera o suicídio bebendo veneno, aparentou uma coragem repentina diante da morte e exclamou: "Dai-me também!" Seus acompanhantes perguntaram então: "O quê?" "Vinho com mel", disse ele. Conta-se que por ocasião de sua morte a lua se eclipsou, como se o astro mais belo depois do sol tivesse querido significar que participava da dor.

353. *Antologia Palatina*, VII, 105.
354. O deus do vinho.
355. Aproximadamente 213-129 a.C..
356. A primeira parte dessa fala é uma paródia da *Odisséia*, II, 268 e 401, e IV, 384.
357. Vejam-se a *Ilíada*, II, 52 e 444, e a *Odisséia*, II, 8.

(65) De acordo com Apolôdoros em sua *Crônica*, ele deixou o convívio dos homens no quarto ano da 162ª Olimpíada[358] aos oitenta e cinco anos de idade. Conservaram-se cartas de Carneades a Ariarates, rei da Capadócia. As outras obras suas foram compiladas por seus discípulos, pois ele mesmo nada deixou escrito. Há um epigrama nosso referente a esse filósofo, em versos logaédicos[359]:

> "Por que, Musa, por que desejas que eu censure Carneades? É realmente ignorante quem não sabe quanto ele temia a morte. Entretanto, quando adoeceu de tísica – a pior das doenças –, não quis encontrar a solução. Mas, ao saber que Antípatros pusera fim à vida bebendo veneno, Carneades exclamou: 'Dai-me também um trago para eu beber!' 'Que desejas? O quê?' 'Dai-me um trago de vinho com mel!' (66) Ele tinha sempre pronta a frase: 'A natureza me compôs e me decomporá.' Nem por isso deixou de ir para debaixo da terra, e poderia ter ido para o Hades mais cedo, livrando-se dos muitos males da vida."

Dizem que à noite seus olhos não enxergavam, sem ele perceber, e ordenava ao escravo que acendesse a lâmpada. Este a trouxe e falou: "Ei-la!", e Carneades exclamou: "Então lê!"

Esse filósofo teve muitos outros discípulos, porém o mais ilustre de todos foi Cleitômacos, de quem falaremos em seguida. Houve outro Carneades, um frígido poeta elegíaco.

Capítulo 10. CLEITÔMACOS[360]

(67) Cleitômacos nasceu em Cartago. Seu nome verdadeiro era Asdrúbal, e ensinou filosofia em sua pátria no próprio idioma. Aos quarenta anos foi para Atenas e passou a ser discípulo de Carneades, que lhe apreciava a diligência, e fê-lo aprender o grego e participou de sua instrução. Cleitômacos mostrou-se tão esforçado que escreveu mais de quatrocentos livros. Sucedeu a Carneades, cuja doutrina explicou principalmente em seus escritos, e conhecia muito bem as doutrinas das três escolas – a Acadêmica, a Peripatética e a Estóica.

Os acadêmicos em geral são satirizados por Tímon no seguinte verso[361]:

> "A prolixidade insossa dos acadêmicos...".

Passamos então em revista os filósofos acadêmicos, continuadores de Platão; agora examinaremos os peripatéticos, também oriundos de Platão, começando por Aristóteles.

358. 129-128 a.C..
359. *Antologia Palatina*, V, 39.
360. Escolarca a partir de 129 a.C..
361. Fragmento 35 Diels.

LIVRO V

Capítulo 1. ARISTÓTELES[362]

(1) Aristóteles, filho de Nicômacos e de Faistis, nasceu em Stágeira. Nicômacos descendia de Nicômacos, filho de Macáon e neto de Asclépios, como diz Hêrmipos em sua obra sobre Aristóteles, e morava na corte de Amintas, rei da Macedônia, na qualidade de médico e amigo do rei. Aristóteles era o discípulo mais autêntico de Platão; falava balbuciando, como informa Timôteos de Atenas em sua obra *Das Vidas*. Além disso, segundo dizem, suas pernas eram finas, tinha os olhos pequenos e se distinguia pela maneira de vestir, pelos anéis e pela maneira de cortar os cabelos. Timôteos registra que ele teve um filho, Nicômacos, com sua concubina Herpilis.

(2) Aristóteles afastou-se da Academia enquanto Platão ainda vivia. É por isso que se atribui a Platão a seguinte frase: "Aristóteles deu-me um pontapé, como fazem os potros com a mãe que os gerou." Em suas *Vidas* Hêrmipos menciona que ele estava ausente na corte de Filipe, na qualidade de enviado dos atenienses, quando Xenocrates tornou-se escolarca da Academia, e que por ocasião de seu regresso, ao ver a escola sob outro dirigente, escolheu o passeio público[363] existente no Liceu; lá, caminhando até a hora de friccionar-se com óleo, falava de filosofia com os discípulos. Daí provém o nome "peripatético". Outros autores, entretanto, dizem que o nome foi dado porque ele ficou conhecendo Alexandre, o Grande, então convalescente, enquanto passeava e conversava com o mesmo sobre certos assuntos.

(3) Com o passar do tempo os ouvintes tornaram-se mais numerosos, e Aristóteles começou a lecionar sentado, acrescentando:

> "Seria vergonhoso calar e deixar Xenocrates falar."[364]

O filósofo ensinava seus discípulos a se exercitarem sobre um tema proposto, e ao mesmo tempo os preparava para os debates oratórios. Mais tarde, entretanto, partiu para juntar-se ao eunuco Hermias, tirano de Atarneus. Alguns autores dizem que Aristóteles foi seu amásio, outros que Hermias se ligou a Aristóteles por laços de parentesco, dando-lhe a filha ou a neta em casamento (ao menos Demétrios de Magnesia se refere a essa circunstância em sua obra *Homônimos*; o mesmo autor nos diz que Hermias foi escravo de Êubulos, era originário da Bitínia e havia assassinado seu senhor). No primeiro livro de sua obra *Da Luxúria dos Antigos*, Arístipos divulga a informação de que Aristóteles se enamorou de uma concubina de Hermias, (4) e desposou-a com o consentimento deste último, e num

362. 384-322 a.C..
363. Chamado *Peripatos*.
364. Paródia de Eurípides, fragmento 796 Nauck.

momento de excesso de entusiasmo ofereceu um sacrifício à sua mulher, como os atenienses sacrificavam a Deméter Eleusínia; para Hermias ele compôs um peã, que citaremos adiante[365]. De Atarneus Aristóteles foi depois para a Macedônia, na corte de Filipe, e recebeu dele como aluno o filho Alexandre, a quem pediu a reconstrução de sua pátria destruída por Felipe. Alexandre atendeu à solicitação, e além disso deu uma constituição aos habitantes. Aristóteles, todavia, quis imitar Xenocrates, e introduziu na escola uma norma segundo a qual a cada dez dias devia-se eleger um novo dirigente. Quando lhe pareceu que se havia entretido suficientemente com Alexandre, partiu para Atenas, após haver-lhe recomendado seu parente Calistenes de Ôlintos. (5) Este, entretanto, falava ao rei com excessiva liberdade e não lhe dava atenção, e, segundo dizem, Aristóteles repreendeu-o citando o verso:

"Tua vida será curta, meu filho, por causa do que dizes."[366]

E isso realmente aconteceu. Suspeito de cumplicidade com Hermôlaos numa trama contra a vida de Alexandre, foi confinado numa jaula de ferro e levado a circular assim por vários lugares, até ficar infestado de piolhos por falta de cuidados; finalmente lançaram-no a um leão, e dessa maneira morreu Calistenes.

Voltando então a Atenas, Aristóteles dirigiu sua escola durante treze anos e em seguida refugiou-se na Calcis, porque o hierofante Eurimêdon o acusara de impiedade, ou porque, segundo o testemunho de Favorinos em suas *Histórias Variadas*, Demôfilos o acusara de haver composto um hino em honra de Hermias, o tirano, mencionado pouco acima, (6) além de um epigrama para a estátua do mesmo, em Delfos, nos seguintes termos[367]:

"Esse homem foi morto pelo rei dos persas portadores de arco, ímpio violador da lei dos imortais, que não o abateu abertamente com uma lança em luta saguinolenta, mas mediante traição com a ajuda de um homem de sua confiança."

Aristóteles morreu na Calcis, de acordo com Êumelos no quinto livro de suas *Histórias*, bebendo acônito, aos setenta anos de idade. O mesmo autor diz que Aristóteles tinha trinta anos quando veio juntar-se a Platão, mas engana-se, pois Aristóteles viveu sessenta e três anos e quando se tornou discípulo de Platão tinha dezessete anos.

O teor do hino é o seguinte:

(7) "Excelência, que custas tantas fadigas aos mortais, prêmio mais belo para a vida de um homem! Por tua beleza, virgem, até a morte é um destino invejável na Hélade, e sofrer penas atrozes, incessantes. Infundes essa coragem no espírito, imortal, superior ao ouro, mais cara que os genitores ou o sono que enlanguesce os olhos. Por ti Heraclés, filho de Zeus, e os filhos de Leda, suportaram muitas provações em busca de tua potência. (8) E ansiando por ti Aquileus e Aias foram para a morada de Hades, e por causa de tua imagem querida o filho de Atarneus privou seus olhos da luz do sol. Por isso seus feitos são dignos de cantos, e as Musas,

365. Vejam-se os §§ 7 e 8 deste livro.
366. Homero, *Ilíada*, XVIII, 95.
367. *Antologia Palatina*, III, 48.

filhas da Memória, fá-lo-ão imortal, exaltando a majestade de Zeus, guardião dos estrangeiros, e a graça da amizade duradoura."

Há também o seguinte epigrama de nossa autoria sobre o filósofo[368]:

"Eurimêdon, oficiante dos mistérios de Deó[369], estava certa vez prestes a acusar Aristóteles de impiedade, mas este bebeu acônito e fugiu à acusação. Assim, sem luta ele venceu as calúnias iníquas."[370]

(9) Em suas *Histórias Variadas* Favorinos afirma que Aristóteles foi o primeiro a compor em sua própria defesa um discurso forense, escrito para essa causa, e cita-o dizendo que em Atenas

"Pêra amadurece sobre pêra, e figo sobre figo"[371].

Em sua *Crônica* Apolôdoros diz que Aristóteles nasceu no primeiro ano da 99ª Olimpíada[372], e que se encontrou com Platão aos dezessete anos de idade e freqüentou-lhe a escola durante vinte anos; foi para Mitilene no arcontado de Êubulos no quarto ano da 108ª Olimpíada[373]. Quando Platão morreu no primeiro ano daquela Olimpíada[374], no arcontado de Teôfilos, ele foi juntar-se a Hermias, e ficou com o mesmo durante três anos. (10) No arcontado de Pitôdotos, no segundo ano da 109ª Olimpíada[375], viajou para a corte de Filipe, na época em que Alexandre tinha quinze anos de idade. Sua volta a Atenas ocorreu no segundo ano da 111ª Olimpíada[376], e lá Aristóteles lecionou no Liceu durante trinta anos; em seguida retirou-se para a Calcis no terceiro ano da 114ª Olimpíada[377], e morreu de doença com sessenta e três anos de idade, durante o arcontado de Filoclés, no mesmo ano em que Demóstenes morreu em Caláureia. Conta-se que Aristóteles irritou o rei apresentando-lhe Calistenes, e que Alexandre quis melindrá-lo exaltando Anaximenes[378] e enviando presentes a Xenocrates.

(11) Ambríon, em seu livro *Teôcritos*, conserva o seguinte epigrama em que Teôcritos de Quios ridicularizou o filósofo[379]:

"A Hermias, o eunuco, escravo de Êubulos, foi erigido um monumento vazio por Aristóteles de mente vazia, que compelido por um apetite excessivo preferiu viver na foz do Bôrboros em vez de morar na Academia."

Tímon também o ataca no verso[380]:

"Nem de Aristóteles a penosa futilidade..."

368. *Antologia Palatina*, VII, 107.
369. Um dos epítetos da deusa Deméter.
370. Há no original um jogo de palavras intraduzível: *akóniton*, "acônito", e *akoniti*, "sem luta".
371. Homero, *Odisséia*, VII, 120.
372. 384-383 a.C..
373. 345-344 a.C..
374. 347-346 a.C..
375. 342-341 a.C..
376. 335-334 a.C..
377. 322-321 a.C..
378. Provavelmente Anaximenes de Lâmpsacos, a quem se atribui a *Retórica a Alexandre*, incluída entre as obras de Aristóteles.
379. *Antologia Palatina*, II, 46.
380. Fragmento 36 Diels.

Foi esta, então, a vida do filósofo. Tivemos oportunidade de ler o seu testamento, cujo teor é o seguinte:

"Que tudo esteja bem; entretanto, se algo acontecer, Aristóteles adotou as seguintes disposições extremas. (12) Antípatros é o testamenteiro em todos os assuntos e em geral; até a chegada de Nicânor, todavia, Aristomenes, Tímarcos, Diotelês e (se ele consentir e as circunstâncias permitirem) Teôfrastos, encarregar-se-ão tanto de Herpilis e das crianças como da herança. Quando a menina estiver na idade própria será dada em casamento a Nicânor; mas, se algo acontecer à menina (que Deus não queira, nem aconteça) antes do casamento, ou quando ela já estiver casada, porém antes de ter filhos, Nicânor terá plenos poderes, seja em relação às crianças, seja em relação a tudo mais, para administrar de maneira digna dele e de nós. Nicânor se encarregará da menina e do menino Nicômacos como lhe parecer conveniente em tudo que lhes diz respeito, como se ele fosse o pai e irmão. Se algo acontecer a Nicânor (que Deus não queira!) antes do casamento da menina, ou quando ela estiver casada, porém antes de ter filhos, terão pleno valor as suas disposições. (13) Se Teôfrastos quiser conviver com ela, terá os mesmos direitos de Nicânor. Se assim não for, os testamenteiros, de acordo com Antípatros, adotarão a respeito da filha e do menino as medidas que lhes parecerem melhores. Os testamenteiros e Nicânor, pensando em mim e na grande afeição que Herpilis me dedicou, cuidarão dela sob todos os aspectos e, se ela quiser casar-se, esforçar-se-ão para que não lhe seja dado um marido indigno de nós; e além do que ela já recebeu dar-lhe-ão um talento de prata tirado da herança, e três servas à sua escolha, além da que ela já tem e do servo Pirraios; (14) e se ela preferir permanecer em Calcis dar-lhe-ão o alojamento destinado aos hóspedes junto ao jardim, mas se preferir Stágeira, a casa de meu pai. Qualquer que seja a sua preferência entre as duas moradias, os testamenteiros as guarnecerão com móveis que lhes pareçam apropriados e como aprouverem a Herpilis. Nicânor se encarregará do menino Mírmex, para que seja reconduzido aos seus de maneira digna de nós, com todos os seus bens que recebemos. Ambracis ganhará a liberdade, e por ocasião do casamento de minha filha receberá quinhentos dracmas e a serva que tem agora. A Talé serão dados, além da serva que ela já tem e que foi comprada, mil dracmas e uma serva. (15) E Símon, além da quantia dada anteriormente para aquisição de outro servo, terá um servo comprado para ele ou receberá uma quantia adicional de dinheiro. E Ticon, Filon, Olímpios e seu filho ganharão a liberdade quando minha filha se casar. Nenhum dos servos que cuidaram de mim será vendido, e todos continuarão a ser empregados; quando chegarem à idade própria terão a sua liberdade, se a merecerem. Meus testamenteiros cuidarão de que, quando estiverem prontas as estátuas encomendadas a Grilos, sejam as mesmas postas nos respectivos lugares, a de Nicânor, a de Prôxenos, que era minha intenção ver terminadas, e a da mãe de Nicânor; (16) a de Arímnestos, já pronta, deve ser colocaca em seu lugar, para perpetuar-lhe a memória, porquanto ele morreu sem deixar filhos; a de nossa mãe deve ser dedicada a Deméter em Nemea, ou onde acharem melhor. E onde quer que me sepultem, ponham no mesmo lugar os ossos de Pitiás depois de havê-los recolhido, de acordo com suas próprias instruções. E para comemorar o regresso de Nicânor são e salvo, como prometi em seu nome, devem ser dedicadas em Stágeira estátuas de pedra em tamanho natural a Zeus Salvador e a Atena salvadora."

Esse é o teor de seu testamento. Dizem ainda que foram encontradas numerosas panelas pertencentes a ele, e Licon conta que o filósofo se banhava numa tina com azeite quente e depois vendia o azeite. Alguns autores mencionam também que Aristóteles costumava pôr sobre o estômago uma bolsa com azeite quente, e quando ia dormir punha uma bola de bronze na mão, e deixava uma bacia, por baixo, de maneira a que quando a bola caísse de sua mão na bacia o ruído provocado o despertasse.

(17) Atribuem-se-lhe as seguintes frases belíssimas. Perguntando-lhe alguém qual a vantagem que levam os mentirosos, sua resposta foi: "A de não merecerem crédito quando falam a verdade." Censurado, em certa ocasião, por haver dado uma esmola a um homem iníquo, sua réplica foi: "Tive pena do homem, e não de seu caráter."

Aristóteles dizia constantemente, tanto aos amigos como aos discípulos, que da mesma forma que a vista recebe a luz, através do ar circundante, a alma recebe-a do estudo científico. Muitas vezes e explicitamente ele dizia que os atenienses descobriram o trigo e as leis, mas, embora usassem o trigo, não observavam as leis.

(18) Aristóteles costumava dizer que são amargas as raízes da educação, porém seus frutos são doces. A alguém que lhe perguntou o que envelhece mais depressa sua resposta foi: "A gratidão." Quando alguém lhe perguntou o que era a esperança a resposta foi: "O sonho de quem está acordado." Oferecendo-lhe Diôgenes figos secos, Aristóteles pensou que se não os aceitasse estaria proporcionando a Diôgenes a ocasião de imaginar uma frase espirituosa; então aceitou-os e acrescentou que Diôgenes havia perdido ao mesmo tempo a frase espirituosa e os figos. Em outra ocasião ele os aceitou, mas depois de havê-los levantado nas mãos, como fazem as crianças, devolveu-os exclamando: "Diôgenes é grande!" O filósofo costumava dizer que três coisas são indispensáveis à educação: dotes naturais, estudo e prática constantes. Ouvindo alguém injuriá-lo Aristóteles disse: "Ele pode até açoitar-me, desde que seja em minha ausência." Segundo o filósofo, a beleza é uma recomendação maior que qualquer carta de apresentação. (19) Outros autores atribuem essa frase a Diôgenes; dizia-se que Aristóteles definia a boa aparência como um dom dos deuses, Sócrates como uma tirania efêmera, Platão como um privilégio da natureza, Teôfrastos como um engano tácito, Teôcritos como um mal encastoado em marfim, Carneades como um reino sem corpo de guarda.

Perguntaram-lhe se havia muita diferença entre uma pessoa educada e outra sem educação; a resposta foi: "Tanto quanto os vivos diferem dos mortos."[381] Ele costumava afirmar que a educação é um ornamento na prosperidade e um refúgio na adversidade. Os pais que educam os filhos merecem honras maiores que os pais que apenas os geraram; de fato, estes deram-lhes a vida e aqueles prepararam-nos para viver bem. A alguém que se vangloriava de ser habitante de uma grande cidade Aristóteles disse: "Este não é o ponto a considerar, e sim o fato de ser digno de uma grande pátria."

(20) Quando lhe perguntaram o que é um amigo a resposta foi: "Uma alma morando em dois corpos." Costumava dizer que dos homens alguns são parcimoniosos como se devessem viver eternamente, enquanto outros são perdulários como se devessem morrer em seguida. A alguém que perguntou por que

381. Vejam-se os Livros I, § 69, e II, § 69.

conversamos tanto com as pessoas belas Aristóteles disse: "Esta pergunta é para
um cego." Alguém perguntou-lhe que vantagem ele tirava da filosofia; a resposta
foi: "A de fazer sem que me ordenem o que alguns fazem por medo das leis."[382]
Perguntando-lhe alguém como os estudantes podem progredir, ele respondeu:
"Pressionando os que estão na frente, e não esperando pelos que etão atrás." A
um tagarela que derramara uma torrente de palavras sobre ele e depois perguntou:
"Não te aborreci com meu palavrório?" Aristóteles respondeu: "Não, por Zeus,
pois não te estava ouvindo." (21) Quando alguém o acusou de estar ajudando um
homem desonesto mediante uma subscrição (a anedota é contada também nessa
forma[383]), sua réplica foi: "Não ajudei o homem, e sim o gênero humano."
Perguntaram-lhe como devíamos comportar-nos em relação a nossos amigos e sua
resposta foi: "Como gostaríamos que eles se comportassem em relação a nós."
Aristóteles definia a justiça como uma forma de excelência da alma que distribui
de conformidade com o mérito. Dizia também que a educação é a melhor provi-
são para a velhice. No segundo livro de suas *Memórias*, Favorinos menciona como
uma de suas frases habituais: "Quem tem amigos não tem amigo algum."[384] Essa
frase encontra-se no sétimo livro da *Ética*[385]. São estes, então, os ditos a ele
atribuídos.

Aristóteles escreveu numerosíssimas obras, e considerando sua excelência em
todos os campos, julguei oportuno catalogá-las aqui[386].

(22) *Da Justiça*, em quatro livros; *Dos Poetas*, em três livros; *Da Filosofia*, em três
livros; *Do Estadista*, em dois livros; *Da Retórica* ou *Grilos*, em um livro; *Nêrintos*, em
um livro; *O Sofista*, em um livro; *Menêxenos*, em um livro; *Sobre o Amor*, em um livro;
O Banquete, em um livro; *Exortação à Filosofia*, em um livro; *Da Riqueza*, em um li-
vro; *Da Alma*, em um livro; *Da Prece*, em um livro; *Da Nobreza de Nascimento*,
em um livro; *Do Prazer*, em um livro; *Alêxandros*, ou *A Favor das Colônias*, em um
livro; *Do Reinado*, em um livro; *Da Educação*, em um livro; *Dos Bens*, em três livros;
Extratos das "Leis" de Platão, em três livros; *Extratos da "República"*, em dois livros; *Da
Economia Doméstica*, em um livro; *Da Amizade*, em um livro; *Do Sofrer ou Haver Sofrido*,
em um livro; *Das Ciências*, em um livro; *Questões Controvertidas*, em dois livros; *Solu-
ções de Questões Controvertidas*, em quatro livros; *Divisões Sofísticas*, em quatro livros;
Dos Contrários, em um livro; *Dos Gêneros e Espécies*, em um livro; *Dos Atributos
Essenciais*, em um livro; (23) *Notas sobre os Argumentos em Refutações*, em três livros;
Proposições sobre a Excelência, em dois livros; *Das Várias Significações dos Conceitos Filosófi-
cos*, em um livro; *Das Paixões ou da Ira*, em um livro; *Ética*, em cinco livros; *Dos Ele-
mentos*, em três livros; *Da Ciência*, em um livro; *Do Princípio Lógico*, em um livro;
Divisões Lógicas, em dezessete livros; *Da Divisão*, em um livro; *Das Perguntas e Respos-
tas*, em dois livros; *Do Movimento*, em um livro; *Proposições*, em um livro; *Proposições
Controvertidas*, em um livro; *Silogismos*, em um livro; *Primeiros Analíticos*, em oito
livros; *Analíticos Posteriores Maiores*, em dois livros; *Dos Problemas*, em um livro; *Ques-
tões Metódicas*, em oito livros; *Do Bem Supremo*, em um livro; *Da Idéia*, em um livro;

382. Veja-se Cicero, *República*, I, 3, para uma resposta semelhante atribuída a Xenocrates.
383. Veja-se o § 17 acima.
384. Subentenda-se: "Quem tem muitos amigos não tem um amigo verdadeiro."
385. Veja-se a *Ética a Êudemos*, 1245 b 20, e também a *Ética a Nicômacos*, 1171 a 15-17.
386. Além deste conservaram-se mais dois catálogos das obras de Aristóteles, ambos publicados na coleção de fragmentos do filósofo preparada por V. Rose: um de Hesiquios e outro de Ptolemaios (fragmentos 9 e seguintes e 18 e seguintes).

Definições Antepostas aos "Tópicos", em sete livros; *Silogismos*, em dois livros; (24) *Do Silogismo e das Definições*, em um livro; *Do Desejável e do Contingente*, em um livro; *Prefácio aos Lugares-Comuns*, em um livro; *Tópicos para as Definições*, em dois livros; *Das Paixões*, em um livro; *Sobre a Divisão*, em um livro; *Da Matemática*, em um livro; *Definições*, em treze livros; *Argumentações*, em dois livros; *Do Prazer*, em um livro; *Do Belo*, em um livro; *Teses para Argumentações*, em vinte e cinco livros; *Teses Referentes ao Amor*, em quatro livros; *Teses Referentes à Amizade*, em dois livros; *Teses Referentes à Alma*, em um livro; *Teses sobre o Estado*, em dois livros; *Lições sobre a Política como as de Teôfrastos*, em oito livros; *Das Ações Justas*, em dois livros; *Compêndio de Artes* , em dois livros; *Arte Retórica*, em dois livros; *Da Arte*, em um livro; *Outro Compêndio de Artes*, em dois livros; *Sobre o Método*, em um livro; *Compêndio da "Arte" de Teodectes*, em um livro; *Tratado de Arte Poética*, em dois livros; *Entimemas Retóricos*, em um livro; *Dos Graus de Grandeza*, em um livro; *Divisões dos Entimemas*, em um livro; *Da Dicção*, em dois livros; *Do Conselho*, em um livro; (25) *Compêndio*, em dois livros; *Da Natureza*, em um livro; *Da Filosofia de Arquitas*, em três livros; *Da Filosofia de Spêusipos e de Xenocrates*, em um livro; *Extratos do "Tímaios" e das Obras de Arquitas*, em um livro; *Contra a Doutrina de Melissos*, em um livro; *Contra a Doutrina de Alcmêon*, em um livro; *Contra os Pitagóricos*, em um livro; *Contra a Doutrina de Gorgias*, em um livro; *Contra a Doutrina de Xenofanes*, em um livro; *Contra a Doutrina de Zênon*, em um livro; *Dos Pitagóricos*, em um livro; *Dos Animais*, em nove livros; *Descrições Anatômicas*, em oito livros; *Seleção das Descrições Anatômicas*, em um livro; *Dos Animais Complexos*, em um livro; *Dos Animais Mitológicos*, em um livro; *Da Esterilidade*, em um livro; *Das Plantas*, em dois livros; *Fisiognômico*, em um livro; *Da Medicina*, em dois livros; *Da Mônada*, em um livro; (26) *Prognósticos de Tempestades*, em um livro; *Da Astronomia*, em um livro; *Da Ótica*, em um livro; *Do Movimento*, em um livro; *Da Música*, em um livro; *Da Memória*, em um livro; *Problemas Homéricos*, em seis livros; *Problemas Poéticos*, em um livro; *Problemas Físicos em Ordem Alfabética*, em trinta e oito livros; *Problemas Teóricos*, em dois livros; *Instrução Enciclopédica*, em dois livros; *Da Mecânica*, em um livro; *Problemas Tirados das Obras de Demócritos*, em dois livros; *Da Pedra Magnética*, em um livro; *Analogias*, em um livro; *Miscelânea de Problemas*, em doze livros; *Problemas Ordenados segundo o Gênero*, em quatorze livros: *Controvérsias Jurídicas*, em um livro; *Vencedores nos Jogos Olímpicos*, em um livro; *Vencedores nos Jogos Píticos*, em um livro; *Da Música*, em um livro; *Sobre Pitó*, em um livro; *Crítica da Lista de Vencedores Píticos*, em um livro; *Vitórias nos Concursos Dionisíacos*, em um livro; *Das Tragédias*, em um livro; *Registros dos Concursos Dramáticos*, em um livro; *Provérbios*, em um livro; *Normas para os Repastos em Comum*, em um livro; *Leis*, em quatro livros; *Da Interpretação*, em um livro; (27) *Constituições de 158 Cidades, em Geral, e em Particular das Democráticas, Oligárquicas, Aristocráticas e Tirânicas; Cartas a Filipe; Cartas de Selembrianos; Cartas a Alexandre*, (quatro); *Cartas a Antípatros* (nove); *A Mêntor* (uma); *A Aríston* (uma); *A Olimpiás* (uma); *A Temistagoras* (uma); *A Filôxenos* (uma); *Em Resposta a Demócritos*, um livro; *Poema começando pelo verso "Santo, o mais venerado dos deuses, que alvejas de longe"; Poema Elegíaco começando com o verso "Filha de mãe de filhos belos"*.

Seus escritos totalizam 445.270 linhas.

(28) O número de seus livros é dessa grandeza, e neles Aristóteles expõe os pontos de vista enunciados a seguir. A filosofia divide-se em duas partes: a prática e a teórica. A primeira inclui a ética e a política, sendo que esta última se ocupa tanto do Estado como da economia doméstica. A parte teórica compreende a física e a lógica, embora a lógica não seja uma ciência independente, e sim um instrumento

para todas as disciplinas. Aristóteles estabelece claramente que a lógica tem um objetivo dúplice: a probabilidade e a verdade. Para cada uma destas ele utilizou duas faculdades: a dialética e a retórica para a probabilidade, e a análise e a filosofia para a verdade, sem nada descurar do que leva à descoberta, ao juízo ou ao uso. (29) À descoberta ele dedicou os *Tópicos*, os *Metódicos* e numerosas proposições, por meio das quais é possível dispor de argumentos prováveis para resolver problemas. Para os juízos Aristóteles compôs os *Primeiros Analíticos* e os *Analíticos Posteriores;* por meio dos *Primeiros* julgam-se as premissas e por meio dos *Posteriores* provam-se as conclusões. Para o uso prático Aristóteles deixou os preceitos sobre controvérsias, sobre o procedimento mediante perguntas e respostas, sobre refutações sofísticas, sobre silogismos e similares. Como critério da verdade para os fenômenos relativos à representação dos objetos Aristóteles propôs a sensação, e para as relações éticas pertinentes ao Estado, à casa e às leis propôs a razão.

(30) Como fim único Aristóteles propôs o exercício da excelência em uma vida perfeita. Definia a felicidade como a fusão perfeita de bens de três espécies: dos bens da alma, que qualifica de primeiros por sua importância; em segundo lugar dos bens do corpo – a saúde, a força, a beleza e similares –; em terceiro lugar os bens externos – a riqueza, a nobreza de nascimento, a fama e similares –; a excelência não é bastante para felicidade, sendo necessários ainda os bens do corpo e os externos, pois o sábio será infeliz se viver aflito por causa de sofrimentos, pobreza ou similares; a deficiência moral, entretanto, é suficiente em si mesma para causar a infelicidade, ainda que seja acompanhada por abundantes bens externos e do corpo.

(31) Aristóteles afirmava que as formas de excelência não são mutuamente interdependentes, pois um homem pode ser prudente e também justo, e ser ao mesmo tempo dissoluto, e incapaz de dominar as paixões; dizia ainda que o sábio não é imune às paixões, mas estas o afetam moderadamente.

Definia a amizade como uma igualdade de benevolência recíproca, e distinguia três espécies da mesma: a amizade entre parentes, a amizade entre amantes, e a amizade entre anfitrião e hóspede[387]. O amor não tem por objetivo apenas a união pessoal, mas também a filosofia. Em sua opinião o sábio amará e participará da vida política, casar-se-á e viverá na corte de um rei. Das três espécies de vida – a contemplativa (ou teórica), a ativa (ou prática), e a hedonística –, ele dava preferência à contemplativa. Esse filósofo sustentava que os estudos incluídos na educação enciclopédica são úteis para alcançarmos a excelência.

(32) No âmbito das ciências naturais Aristóteles ultrapassou todos os outros filósofos pela profundeza da investigação das causas, pois procurava explicar até os fenômenos mais insignificantes. Por isso escreveu numerosos livros tratando das questões físicas. À semelhança de Platão ele sustentava que Deus é incorpóreo, que sua providência se estende até os corpos celestes, que Deus é imóvel, e todos os fenômenos terrestres são governados pela afinidade com os corpos celestes. Aristóteles sustentou que além dos quatro elementos há um quinto, do qual se compõem os corpos celestes, e que seu movimento difere do movimento dos outros por ser circular. Além disso, afirma que a alma é incorpórea, definindo-a como a primeira enteléquia de um corpo físico e orgânico dotado potencialmente

387. Vejam-se o § 81 do Livro III, e Aristóteles, *Retórica*, 1381 b 33.

de vida[388]. (33) Por enteléquia ele entende aquilo que tem uma forma incorpórea; o ser, segundo Aristóteles, é dúplice: o ser em potência, como a figura de Hermes está implícita na cera que tem a capacidade de acolher uma forma caracterizante, e como uma estátua está implícita no bronze; o ser em ato ou em realidade completa (em enteléquia) é o ser de Hermes ou de uma estátua completamente acabada. A alma é a realização de um corpo natural, porquanto os corpos podem dividir-se em artificiais, feitos pelas mãos de artífices (como uma torre ou uma nau), e em naturais, que são obras da natureza (como as plantas e os corpos dos animais). Quando Aristóteles diz "orgânico" quer significar os meios para um fim, como a visão se adapta para ver e o ouvido para ouvir. "Corpo que tem vida em potência" significa um corpo dotado potencialmente de vida, ou seja, em si mesmo.

(34) A expressão "em potência" tem dois sentidos, um deles correspondente à possibilidade e o outro ao exercício em ato. No segundo sentido do termo diz-se que quem está desperto tem alma, e ocorre primeiro quando se diz isso de um homem que dorme. Para incluir até o homem adormecido Aristóteles acrescenta "em potência".

Ele sustentou muitas outras opiniões sobre numerosos assuntos, e seria tedioso enumerá-las. Realmente, sua operosidade e seu espírito inventivo foram extraordinários, como se pode ver pelo catálogo de suas obras, apresentado acima, compreendendo cerca de quatrocentos títulos, considerando-se apenas as de autenticidade indiscutível. Com efeito, são-lhe atribuídos muitos outros escritos, além de sentenças, que embora não escritas, por sua enunciação feliz sobrevivem na tradição oral.

(35) Houve oito personagens com o nome de Aristóteles: nosso filósofo; um estadista ateniense[389], autor de agradáveis discursos forenses; um comentador erudito da *Ilíada*; um retor siciliano, autor de uma réplica ao panegírico de Isocrates; um discípulo de Aisquines, o filósofo socrático, cognominado Mito; um autor de obras sobre a arte poética, nascido em Cirene; um mestre de ginástica, mencionado por Aristôxenos em sua *Vida de Platão*; um gramático obscuro, cujo manual *Da Redundância* ainda se conserva. Aristóteles teve muitos discípulos, entre os quais o mais ilustre foi Teôfrastos, de quem falaremos em seguida.

Capítulo 2. TEÔFRASTOS[390]

(36) Teôfrastos, filho do pisoeiro Melantes, nasceu em Êresos, como diz Atenôdoros no oitavo livro dos *Passeios Filosóficos*. Foi inicialmente ouvinte de seu concidadão Álcipos em sua própria cidade; depois passou a ouvir Platão, deixando-o mais tarde para seguir Aristóteles. Quando este último retirou-se para a Calcis ele o sucedeu como escolarca na 114ª Olimpíada[391]. Um escravo seu, chamado Pompilos, foi filósofo, segundo diz Mironianos de Amastris no primeiro livro de seus *Paralelos Históricos*. Teôfrastos era um homem muito inteligente e extremamente dedicado ao trabalho. De acordo com o testemunho de Panfile no

388. Veja-se *Da Alma*, 412 a 27.
389. Provavelmente o mesmo que aparece no *Parmenides* de Platão.
390. Aproximadamente 370-286 a.C., escolarca a partir de 323 a.C..
391. Em 323 a.C..

trigésimo segundo livro de suas *Memórias*, foi professor de Mênandros, o poeta cômico.

(37) Além disso, estava sempre pronto a fazer uma gentileza. Cássandros certamente concedeu-lhe uma audiência, e Ptolemaios quis relacionar-se com ele. Os atenienses o estimavam a tal ponto que, quando Agonides ousou acusá-lo de impiedade, o acusador livrou-se por pouco da acusação. Cerca de dois mil alunos freqüentavam suas aulas. Em uma carta ao peripatético Fanias, entre outros tópicos, ele alude nos seguintes termos às leituras públicas: "Não é fácil reunir um público semelhante ao das festas panegíricas, nem mesmo um círculo seleto, como se poderia desejar; as leituras públicas são úteis para a revisão e o melhoramento do texto; os companheiros de estudo já não toleram o descuido na revisão e a indiferença à crítica" (nessa mesma carta Teôfrastos introduziu o termo "escolástico").

(38) Embora sua reputação fosse considerável, durante um breve período Teôfrastos teve de deixar a cidade, não somente ele, mas todos os filósofos, em seguida ao projeto de lei apresentado por um certo Sófocles, filho de Anficleides, no sentido de que não seria permitido a filósofo algum dirigir uma escola sem a permissão do Conselho e do povo, sob pena de morte. No ano seguinte, entretanto, os filósofos regressaram, porque Fílon alegou a ilegalidade da proposta de Sófocles. Diante disso os atenienses repudiaram a lei, impuseram a Sófocles uma multa de cinco talentos e decretaram o retorno dos filósofos, de tal maneira que Teôfrastos pôde retomar a sua atividade. Seu nome verdadeiro era Tírtamos, porém Aristóteles mudou-o para Teôfrastos por causa de sua elocução graciosa[391a]. (39) No quarto livro de sua obra *Da Luxúria dos Antigos*, Arístipos afirma que Teôfrastos se enamorou de Nicômacos, o filho de Aristóteles, apesar de ser o seu mestre. Conta-se que Aristóteles aplicou a ele e a Calistenes o que Platão havia dito de Xenocrates e do próprio Aristóteles (como já dissemos antes[392]), ou seja, que um necessitava de rédeas e o outro de espora; com efeito, Teôfrastos, por sua extraordinária acuidade mental, exprimia com clareza adequada tudo que pensava, enquanto Calistenes era por natureza lerdo. Diz-se que após a morte de Aristóteles, Teôfrastos adquiriu um jardim próprio, com a ajuda de Demétrios de Fáleron, que foi seu amigo íntimo. Atribuem-se-lhe frases de grande préstimo, como as seguintes. Dizia que se pode confiar mais num cavalo sem rédeas que num discurso malfeito. (40) A alguém que nunca abria a boca num banquete para falar ele disse: "Se és ignorante, comportas-te prudentemente, mas se tens educação, comporta-te estultamente." Teôfrastos dizia constantemente que em nossos dispêndios o gasto mais precioso é o tempo.

Esse filósofo morreu aos oitenta e cinco anos de idade, não muito tempo depois de haver abandonado suas atividades.

Há os seguintes versos de nossa autoria a seu respeito[392a]:

> "Não é vã a máxima pronunciada por um mortal:'Quando é relaxado, o arco da sabedoria parte-se'. Realmente, enquanto Teôfrastos trabalhou seu corpo conservou-se íntegro, porém logo depois de relaxado, seus membros decaíram e ele morreu."

391a. Teôfrastos = "da fala divina".
392. Veja-se o § 6 do Livro IV.
392a. *Antologia Palatina*, VII, 110.

Conta-se que aos discípulos que lhe perguntaram qual era sua última mensagem Teôfrastos respondeu: "Nada tenho a declarar em particular, a não ser que, como a vida demonstra, muitos prazeres são mera aparência. (41) Com efeito, mal começamos a viver e logo morremos. Nada é mais nocivo que a ambição desmedida. Desejo-vos boa sorte, e renunciai à minha doutrina, que custa muitas fadigas, ou dedicai-vos a ela denodadamente, porquanto a glória é grande. A vida proporciona mais decepções que vantagens. Mas, agora que já não é possível deliberarmos sobre a conduta reta, escolhei vós mesmos o que deveis fazer." Segundo dizem, pronunciadas estas palavras o filósofo morreu. Conta-se também que todos os atenienses seguiram seu cortejo fúnebre a pé, querendo tributar-lhe assim uma homenagem. Favorinos atesta que em sua velhice Teôfrastos tinha de ser transportado numa liteira. Hêrmipos alude igualmente a essa circunstância, dizendo que por seu turno, se baseou numa obra de Acusílaos de Pitane dedicada a Lacides de Cirene.

(42) Teôfrastos deixou também muitíssimas obras, que achei conveniente catalogar aqui porque abundam em boas qualidades de todos os tipos. O catálogo é o seguinte: *Primeiros Analíticos*, em três livros; *Analíticos Posteriores*, em sete livros; *Da Análise dos Silogismos*, em um livro; *Epítome dos "Analíticos"*, em um livro; *Deduções Lógicas*, em dois livros; *Discussões sobre a Teoria dos Argumentos Erísticos; Da Sensação*, em um livro; *Dos Escritos de Anaxagoras*, em um livro; *Dos Escritos de Anaximenes*, em um livro; *Dos Escritos de Arquêlaos*, em um livro; *Do Sal, do Salitre e do Alume*, em um livro; *Da Petrificação*, em dois livros; *Das Linhas Indivisíveis*, em um livro; *Lições*, em dois livros; *Dos Ventos*, em um livro; *Diferenças das Formas de Excelência*, em um livro; *Da Realeza*, em um livro; *Da Educação dos Reis*, em um livro; *Dos Modos de Vida*, em três livros; (43) *Da Velhice*, em um livro; *Da Astronomia de Demôcritos*, em um livro; *Meteorologia*, em um livro; *Das Imagens Visuais*, em um livro; *Dos Sabores, das Cores e das Carnes*, em um livro; *Da Ordem Cósmica*, em um livro; *Dos Homens*, em um livro; *Coleção das Sentenças de Diógenes*, em um livro; *Definições*, em três livros; *Do Amor*, em um livro; outro livro *Do Amor; Da Felicidade*, em um livro; *Das Espécies*, ou *Formas*, em dois livros; *Da Epilepsia*, em um livro; *Do Entusiasmo*, em um livro; *Sobre Empedoclés*, em um livro; *Argumentações Dialéticas*, em dezoito livros; *Objeções*, em três livros; *Do Voluntário*, em um livro; *Epítome da "República" de Platão*, em dois livros; *Da Diversidade dos Sons Emitidos por Animais da Mesma Espécie*, em um livro; *Do que Aparece em Massa Compacta*, em um livro; *Dos Animais que Mordem ou Chifram*, em um livro; *Dos Animais Considerados Invejosos*, em um livro; *Dos Animais que Permanecem em Terra Seca*, em um livro; (44) *Dos Animais que Mudam de Cor*, em um livro; *Dos Animais que Vivem em Esconderijos*, em um livro; *Dos Animais*, em sete livros; *Do Prazer segundo Aristóteles*, em um livro; outro livro *Do Prazer; Teses*, em vinte e quatro livros; *Do Calor e do Frio*, em um livro; *Da Vertigem e do Desmaio*, em um livro; *Dos Suores*, em um livro; *Da Afirmação e da Negação*, em um livro; *Calistenes*, ou *Do Pranto*, em um livro; *Das Fadigas*, em um livro; *Do Movimento*, em três livros; *Das Pedras*, em um livro; *Das Pestilências*, em um livro; *Do Desfalecimento*, em um livro; *Megárico*, em um livro; *Da Melancolia*, em um livro; *Das Minas*, em dois livros; *Do Mel*, em um livro; *Compêndio das Doutrinas de Metrôdoros*, em um livro; *Dos Fenômenos Atmosféricos*, em dois livros; *Da Embriaguez*, em um livro; *Leis, em Ordem Alfabética* em vinte e quatro livros; *Epítome das Leis*, em dez livros; (45) *Das Definições*, em um livro; *Dos Odores*, em um livro; *Do Vinho e do Azeite; As Primeiras Premissas*, em dezoito livros; *Dos Legisladores*, em três livros; *Da Política*, em seis livros; *Da Política Adaptada às Circunstâncias*, em quatro li-

vros; *Dos Costumes Políticos*, em quatro livros; *Da Melhor Constituição*, em um livro; *Coleção de Problemas*, em cinco livros; *Dos Provérbios*, em um livro; *Da Coagulação e Da Liquefação*, em um livro; *Do Fogo*, em dois livros; *Dos Ventos*, em um livro; *Da Paralisia*, em um livro; *Da Asfixia*, em um livro; *Das Desordens Mentais*, em um livro; *Das Paixões*, em um livro; *Dos Sintomas*, em um livro; *Sofismas*, em dois livros; *Soluções de Silogismos*, em um livro; *Tópicos*, em dois livros; *Da Punição*, em dois livros; *Dos Cabelos*, em um livro; *Da Tirania*, em um livro; *Da Água*, em três livros; *Do Sono e dos Sonhos*, em um livro; *Da Amizade*, em três livros; *Da Ambição*, em três livros; (46) *Da Natureza*, em três livros; *Física*, em dezoito livros; *Epítome da "Física"*, em dois livros; outra *Física*, em oito livros; *Contra os Filósofos Naturalistas*, em um livro; *Pesquisas Botânicas*, em dez livros; *Das Causas das Plantas*, em oito livros; *Dos Sucos*, em cinco livros; *Do Falso Prazer*, em um livro; *Da Alma*, uma tese; *Das Provas Não-Científicas*, em um livro; *Teoria da Harmonia*, em um livro; *Da Excelência*, em um livro; *Aversões ou Contradições*, em um livro; *Da Negação*, em um livro; *Da Inteligência*, em um livro; *Do Ridículo*, em um livro; *Conversas Vespertinas*, em dois livros; *Divisões*, em dois livros; *Das Diferenças*, em um livro; *Dos Crimes*, em um livro; *Da Calúnia*, em um livro; *Do Louvor*, em um livro; *Da Experiência*, em um livro; *Cartas*, em três livros; *Dos Animais Gerados Espontaneamente*, em um livro; *Da Secreção*, em um livro; (47) *Panegíricos aos Deuses*, em um livro; *Das Festas*, em um livro; *Da Boa Sorte*, em um livro; *Dos Entimemas*, em um livro; *Das Descobertas*, em dois livros; *Lições de Ética*, em um livro; *Caracteres Éticos*, em um livro; *Do Tumulto*, em um livro; *Da Pesquisa Histórica*, em um livro; *Da Apreciação dos Silogismos*, em um livro; *Da Adulação*, em um livro; *Do Mar*, em um livro; *A Cássandros, sobre a Realeza*, em um livro; *Da Comédia*, em um livro; *Do Estilo*, em um livro; *Coleção de Proposições*, em um livro; *Soluções*, em um livro; *Da Música*, em três livros; *Dos Metros*, em um livro; *Megaclés*, em um livro; *Das Leis*, em um livro; *Da Ilegalidade*, em um livro; *Compêndio da Doutrina de Xenocrates*, em um livro; *Da Conversação*, em um livro; *Do Juramento*, em um livro; *Preceitos Retóricos*, em um livro; *Da Riqueza*, em um livro; *Da Arte Poética*, em um livro; *Problemas Políticos, Éticos, Físicos e Amorosos*, em um livro; (48) *Proêmios*, em um livro; *Coleção de Problemas*, em um livro; *Problemas Físicos*, em um livro; *Do Exemplo*, em um livro; *Da Introdução e da Narração*, em um livro; outro livro *Da Arte Poética; Dos Sábios*, em um livro; *Das Consultas*, em um livro; *Da Arte Retórica*, em um livro; *Dos Solecismos*, em um livro; *Dos Lugares – Comuns nos Manuais de Retórica*, em dezessete livros; *Da Interpretação Teatral*, em um livro; *Apontamentos de Aristóteles ou de Teôfrastos*, em seis livros; *Opiniões dos Filósofos Naturalistas*, em dezesseis livros; *Epítome das Opiniões dos Filósofos Naturalistas*, em um livro; *Da Gratidão*, em um livro; *Da Verdade e da Falsidade*, em um livro; *Indagações sobre a Divindade*, em seis livros; *Dos Deuses*, em três livros; *Pesquisas Geométricas*, em quatro livros; (49) *Epítome da "História dos Animais" de Aristóteles*, em seis livros; *Argumentações Dialéticas*, em dois livros; *Teses*, em três livros; *Da Realeza*, em dois livros; *Das Causas*, em um livro; *Sobre Demócritos*, em um livro; *Da Geração*, em um livro; *Da Inteligência e do Caráter dos Animais*, em um livro; *Do Movimento*, em dois livros; *Da Visão*, em quatro livros; *Das Definições*, em dois livros; *Dos Dados*, em um livro; *Do Maior e do Menor*, em um livro; *Dos Músicos*, em um livro; *Da Bem-Aventurança Divina*, em um livro; *Contra os Acadêmicos*, em um livro; *Exortação à Filosofia*, em um livro; *Da Melhor Maneira de Governar o Estado*, em um livro; *Notas*, em um livro; *Da Erupção Vulcânica na Sicília*, em um livro; *Do que É Geralmente Admitido*, em um livro; *Dos Métodos do Saber*, em um livro; *Do Sofisma "O Mentiroso"*, em três livros; (50) *Prolegômenos aos "Tópicos"*, em um livro; *Sobre Ésquilo*, em um livro; *História da*

Astronomia, em seis livros; *Pesquisas Aritméticas; Do Crescimento*, em um livro; *Dos Discursos Forenses*, em um livro; *Epístolas*, dirigidas a Aristocrêon, a Fanias e a Nicânor; *Da Piedade*, em um livro; *Euiás*[393], em um livro; *Da Oportunidade*, em dois livros; *Dos Discursos Oportunos*, em um livro; *Da Educação das Crianças*, em um livro; outro tratado com o mesmo título, em um livro; *Da Educação*, ou *Das Formas de Excelência*, ou *Da Moderação; Dos Números*, em um livro; *Definições sobre a Disposição dos Silogismos*, em um livro; *Do Céu*, em um livro; *Questões Políticas*, em dois livros; *Da Natureza; Das Frutas; Dos Animais*.

Ao todo são 232.808 linhas, tão grande é o número de suas obras.

(51) Pudemos ler também o seu testamento, cujo teor é o seguinte:

"Que tudo vá bem; entretanto, se algo acontecer eis as minhas disposições extremas. Lego todos os meus bens existentes em minha casa a Melantes e Pancrêon, filhos de Lêon. Dos recursos à disposição de Híparcos[394] quero que sejam feitas as seguintes apropriações. Em primeiro lugar, devem ser concluídas as obras para a reconstrução do Museu com as estátuas dos deuses, e deverá acrescentar-se tudo que possa contribuir para adorná-lo e embelezá-lo. Em segundo lugar, a imagem de Aristóteles deverá ser colocada no templo com todas as oferendas votivas que estavam no mesmo. Além disso, o pequeno pórtico de acesso ao Museu deverá ser reconstruído, não mais rústico que o primitivo. As tabuletas que representam a rotação da terra deverão ser recolocadas no pórtico inferior. (52) O altar deverá ser igualmente reconstruído, de maneira perfeita e elegante. Também desejo que seja terminada a estátua de Nicômacos em tamanho natural. O preço combinado para a feitura da estátua já foi pago a Praxíteles, mas o resto do custo deve ser coberto pela fonte mencionada acima. A estátua deverá ser posta no lugar mais adequado na opinião dos executores das outras cláusulas testamentárias. São estas, então, as minhas disposições pertinentes ao templo e às oferendas votivas. Lego a Calinos a pequena propriedade que possuo em Stágeira. A Neleus lego toda a minha biblioteca. Lego o jardim e o passeio e toda a casa vizinha ao jardim aos amigos mencionados abaixo que desejem estudar juntos e juntos cultivar a filosofia, (53), pois não é possível a todos morarem sempre lá, sob a condição de que nenhum deles aliene esses bens e nenhum se sirva dos mesmos como bens privados, e sim que todos os possuam em comum como se se tratasse de um templo, com espírito solidário de familiaridade e amizade, como é conveniente e justo. A comunidade deverá compor-se de Híparcos, Neleus, Stráton, Calinos, Demôtimos, Calistenes, Melantes, Pancrêon e Nícipos. Aristóteles, filho de Metrôdoros e Pitiás, deverá ter também o direito de estudar e juntar-se a eles se for esse o seu desejo; os mais velhos deverão dar-lhe toda a atenção, de modo a assegurar-lhe o máximo progresso em filosofia. Quero ser sepultado no local do jardim que pareça mais adequado, sem dispêndios desnecessários nem para os funerais nem para o monumento. (54) A fim de que, depois de cumprido o meu destino, sejam imediatamente executadas as minhas determinações relativas ao templo, ao monumento, ao jardim e ao passeio, deve incumbir-se dessas providências o próprio Pompilos, já que ele mora perto. Pompilos também deverá supervisionar a execução de todas as disposições restantes, como fazia antes. Os

393. Ou *Da Bacante*.
394. Vejam-se a seguir os parágrafos 53, 54, 55 e 66 para Híparcos.

possuidores deverão zelar pelos interesses da propriedade. Pompilos e Trepte, que já há algum tempo obtiveram a liberdade, e que nos prestaram muitos serviços, devem permanecer na posse tranqüila de tudo que receberam anteriormente de nós ou adquiriram por si mesmos, além de dois mil dracmas que determino agora que lhe sejam dados por Híparcos. Conversei muitas vezes nesse sentido com Melantes e Pancrêon, que me asseguraram sua plena concordância. Dou-lhes ainda a serva Somatale. (55) De meus servos declaro agora livres Môlon, Tímon e Parmênon. Concedo a liberdade também a Manes e a Calias, sob a condição de permanecerem quatro anos no Jardim e trabalharem juntos lá, e de se comportarem irrepreensivelmente. Dos móveis de minha casa os testamenteiros devem dar a Pompilos os que lhes parecerem bons, e os restantes devem ser vendidos. Deixo Carion a Demôtimos, e Dônax a Neleus. Êuboios, entretanto, deverá ser vendido. Híparcos dará a Calinos três mil dracmas. Se não soubéssemos que Híparcos já prestou anteriormente muitos serviços tanto a Melantes e Pancrêon como a nós mesmos, e que agora sofreu um naufrágio na administração do patrimônio privado, teríamos disposto que Híparcos executasse as minhas vontades juntamente com Melantes e Pancrêon. (56) Mas, sabendo que não seria fácil para eles administrar conjuntamente, e considerando útil para ambos receberem de Híparcos uma soma determinada, disponho que Híparcos dê um talento a Melantes e um talento a Pancrêon. Híparcos deve entregar aos testamenteiros, em todas as datas de vencimento, as somas necessárias ao pagamento das despesas estipuladas por mim no testamento. Após haver executado todas essas disposições, Híparcos poderá considerar-se livre de todas as obrigações contraídas para comigo. Os adiantamentos feitos por Híparcos em meu nome na Calcis pertencem a Híparcos. Sejam meus testamenteiros Híparcos, Neleus, Stráton, Calinos, Demôtimos, Calistenes e Ctêsarcos. (57) Os exemplares do testamento estão selados com o anel-sinete de Teôfrastos. Um exemplar está depositado com Hegesias, filho de Híparcos, sendo testemunhas Cálipos de Palene, Filômelos de Euonimaia, Lísandros de Hiba e Fílon de Alopece. Olimpiôdoros tem outro exemplar, e as testemunhas são as mesmas; um terceiro exemplar foi recebido por Adêimantos, sendo portador Androstenes, o filho, e as testemunhas são Arímnestos, filho de Cleôbulos, Lisístratos, filho de Fêidon de Tasos, Stráton, filho de Arcesílaos de Lâmpsacos, Têsipos, filho de Têsipos de Cerameus, e Dioscurides, filho de Dionísios de Epicefisia."

Esse é o teor de seu testamento.

Segundo dizem alguns autores, o médico Erasístratos foi também discípulo de Teôfrastos, e isso é provável.

Capítulo 3. STRÁTON[395]

(58) O sucessor de Teôfrastos à frente da escola foi Stráton, filho de Arcesílaos, mencionado pelo próprio Teôfrastos em seu testamento. Tratava-se de um homem muito insigne, conhecido geralmente como "Físico", porque, mais que qualquer outro, se dedicou com extremo cuidado ao estudo da natureza. Foi também mestre de Ptolemaios Filadelfos, de quem, segundo se diz, recebeu oitenta talentos. De acordo com o testemunho de Apolôdoros em sua *Crônica*,

395. Escolarca no período de 286 a 268.

Stráton passou a ser o escolarca na 123ª Olimpíada[396], e permaneceu nesse posto durante dezoito anos.

(59) Conservam-se as seguintes obras de sua autoria: *Da Realeza*, em três livros; *Da Justiça*, em três livros; *Dos Deuses*, em três livros; *Dos Princípios*, em três livros; *Dos Vários Modos de Vida; Da Felicidade; Do Filósofo-Rei; Da Coragem; Do Vazio; Do Céu; Do Vento; Da Natureza Humana; Da Geração dos Animais; Da Mistura; Do Sono; Dos Sonhos; Da Visão; Da Sensação; Do Prazer; Das Cores; Das Doenças; Das Crises nas Doenças; Das Faculdades Fisiológicas; Das Máquinas para a Mineração; Da Fome e das Vertigens; Do Leve e do Pesado; Do Entusiasmo; Do Tempo; Do Crescimento e da Nutrição; Dos Animais cuja Existência é Questionada; Dos Animais Mitológicos; Soluções de Problemas Controvertidos; Introdução aos Tópicos; Do Acidente;* (60) *Da Definição; Do Mais e do Menos; Da Injustiça; Do Anterior e do Posterior; Do Gênero do Anterior; Dos Atributos Próprios; Do Futuro; Duas Refutações das Invenções; Notas de Leitura* (de autenticidade controvertida); *Cartas*, cujo início é: "Stráton a Arsinoe, saudações."

Dizem que Strátron definhou a tal ponto que nada sentiu quando chegou ao fim. Há o seguinte epigrama de nossa autoria a seu respeito[397]:

> "Se acreditas em mim, era um homem magro por causa do uso freqüente de ungüentos. Digo-te que ele era Stráton, nascido em Lâmpsacos. Lutando sempre com as doenças, morreu sem saber, sem sequer perceber."

(61) Houve oito personagens com o nome Stráton: um discípulo de Isocrates; o Stráton de quem estamos falando; um médico, discípulo de Erasístratos ou, segundo outras fontes, seu filho de criação; um historiador que escreveu sobre a luta de Fílipos e Perseus contra os romanos;[398] um poeta autor de epigramas; um médico antigo, mencionado por Aristóteles; um filósofo peripatético que viveu em Alexandria. Voltando porém ao nosso Stráton, o "Físico", conservou-se o seu testamento, cujo teor é o seguinte: "Se me sobrevier alguma desventura, adoto as seguintes disposições extremas: deixo todos os bens existentes em minha casa para Lampirion e Arcesílaos. Com o dinheiro de que disponho em Atenas, em primeiro lugar meus testamenteiros providenciarão meus funerais e tudo que os costumes impõem que seja feito após os funerais, sem extravagância mas também sem mesquinhez. (62) Os executores deste meu testamento serão Olímpicos, Aristeides, Mnesigenes, Hipocrates, Epicrates, Gorgilos, Dioclés, Lícon e Atanes. Deixo a escola a Lícon, já que os outros são muito idosos ou muito ocupados; será bom, entretanto, que os demais cooperem com ele. Deixo-lhe também toda a minha biobloteca, à exceção de meus próprios manuscritos, e todos os móveis da sala de refeições em comum, os coxins e as taças. Os testamenteiros devem dar a Epicrates quinhentos dracmas e um dos servos, à escolha de Arcesílaos. (63) Em primeiro lugar Lampirion e Arcesílaos anularão as disposições estipuladas por Dáipos a favor de Iraios. E nada ele deverá a Lampirion nem aos herdeiros de Lampirion, ficando desobrigado de todas as cláusulas estipuladas. Os executores dar-lhe-ão quinhentos dracmas de prata e um só dos servos à escolha de Arcesílaos, de tal maneira que, como retribuição por todo o trabalho que teve

396. 288-284 a.C..
397. *Antologia Palatina*, VII, 111.
398. Os manuscritos omitem o quinto Stráton.

conosco e por todos os serviços que me prestou, ele possa dispor de meios bastantes para uma vida respeitável. Além disso, emancipo Diôfantos, Dioclês e Abos. Confio Simias a Arcesílaos. Concedo a liberdade também a Drômon. Logo após a vinda de Arcesílaos, Iraios, juntamente com Olímpicos, Epícrates e os outros testamenteiros, farão as contas do dinheiro gasto nos funerais e nos ritos costumeiros. (64) O dinheiro restante Arcesílaos receberá de Olímpicos, sem pressioná-lo todavia quanto à observância de datas ou prazos. Arcesílaos também cancelará o acordo feito por Stráton com Olímpicos e Ameinias, cujo depositário é Filocrates filho de Teisamenôs. Meu monumento deverá ser feito de acordo com as determinações de Arcesílaos, Olímpicos e Lícon." São esses os termos de seu testamento, de conformidade com a coleção organizada por Ariston de Céos. O próprio Stráton, como já indicamos acima, foi um homem digno de muita consideração, e distinguiu-se em todos os ramos da erudição, especialmente na física, uma ciência mais antiga e mais séria que as outras.

Capítulo 4. LÍCON

(65) O sucessor de Stráton foi Lícon, filho de Astiânax da Troás, homem eloqüente e da mais alta competência na educação de meninos. Lícon costumava dizer que os meninos devem ser dotados de pudor e de amor à glória como um equipamento necessário, da mesma forma que os cavalos requerem esporas e rédeas. A elegância e a plenitude de seu estilo evidenciam-se graças ao seguinte exemplo, onde Lícon se exprime nos seguintes termos a respeito de uma virgem sem recursos: "É um fardo pesado para um pai uma virgem que por falta de dote vê passar a flor da idade." Por isso, segundo diz Antígonos, da mesma forma que seria impossível transferir para outro lugar a fragância e a graça de uma maçã, qualquer expressão isolada deve ser visualizada no próprio homem, como a maçã na árvore. (66) Essa observação se deve à circunstância de sua voz ter sido suavíssima, a ponto de algumas pessoas acrescentarem a letra G ao seu nome, chamando-o de Glícon[399]. Escrevendo, entretanto, era muito diferente de si mesmo. Por exemplo, sobre algumas pessoas que se lamentavam por não se terem dedicado aos estudos na época oportuna e desejavam tê-lo feito, Lícon exprimia-se graciosamente nos seguintes termos: "Essas pessoas acusavam-se a si mesmas, denunciando, como um desejo impotente, o arrependimento por uma preguiça irremediável." Costumava dizer que as pessoas incapazes de deliberar corretamente se enganam no cálculo, da mesma forma que aqueles que verificam um objeto reto com uma régua torta, ou olham a face em águas agitadas ou num espelho deformante. E ainda sua frase: "Muitas pessoas vão à procura da coroa da vitória na praça pública, e poucas, ou nenhuma, aspiram à coroa da vitória nos Jogos Olímpicos." Muitas vezes Lícon deu conselhos aos atenienses sobre numerosas questões, e assim lhes trouxe os maiores benefícios.

(67) Esse filósofo era muito refinado no vestir, e usava roupas insuperáveis pela maciez e fineza, como afirma Hêrmipos. Além disso, cultivava a educação física e era plenamente são de corpo. As orelhas marcadas por golpes e a pele untada de óleo eram os sinais evidentes de suas atividades atléticas, como relata Antígonos de

399. Ou seja, "Doce", "Suave".

Caristos. Por isso dizem que em sua pátria, por ocasião das festas consagradas a Ílion, Lícon ter-se-ia exibido como pugilista e jogador de bola. Mais que qualquer outro filósofo ele foi estimado nas cortes de Eumenes e de Átalos, que o ajudaram generosamente. O próprio Antíocos tentou conquistar-lhe a amizade, mas sem sucesso. (68) Sua inimizade em relação ao filósofo peripatético Hierônimos foi tão forte que ele era o único, para evitar encontrar-se com ele, a não participar da festa de aniversário, da qual falamos na Vida de Arcesílaos[400].

Lícon foi escolarca durante quarenta e quatro anos após sua designação por Stráton no testamento para sucedê-lo na 127ª Olimpíada[401]. Além disso, foi ouvinte do dialético Pantoides. Morreu aos setenta e quatro anos de idade, depois de haver sofrido severamente de gota. Há um epigrama de nossa autoria sobre ele[402]:

> "Não, por Zeus, não deixarei de mencionar Lícon, que morreu de gota. Causa-me admiração acima de tudo o fato de ele, que somente podia caminhar com os pés dos outros, em uma única noite ter conseguido percorrer o longo caminho até o Hades."

(69) Houve outras personalidades além do nosso filósofo com o nome de Lícon: um filósofo pitagórico; um poeta épico; um poeta autor de epigramas.

Tive oportunidade de ler o testamento de Lícon, nos seguintes termos: "Estas são as disposições referentes aos meus bens, se eu não conseguir superar minha atual moléstia. Lego todos os bens existentes em minha casa aos irmãos Astiânax e Lícon, e, segundo penso, desse fundo deve tirar-se o dinheiro necessário à liquidação dos compromissos por mim assumidos em Atenas mediante empréstimo ou compra, e para pagar as despesas de meu funeral e as restantes cerimônias costumeiras. (70) Minhas posses na cidade e em Áigina lego a Lícon, porque ele tem o meu próprio nome e viveu comigo durante muito tempo, proporcionando-me muitas alegrias; é justo agir assim em relação a ele, que foi para mim como um filho. Deixo o local do Passeio para meus amigos íntimos que quiserem continuar a servir-se dele – Búlon, Calinos, Ariston, Anfíon, Lícon, Píton, Aristômacos, Heráclios, Licomedes e meu sobrinho Lícon. Escolhei para escolarca aquele que na opinião dos supracitados puder dar continuidade à escola, e sobretudo for capaz de assegurar-lhe o progresso. Todos os outros amigos deverão colaborar por amor a mim e ao local. Cuidem de meu funeral e de minha cremação Búlon e Calinos, juntamente com seus companheiros, de tal modo que essas cerimônias não sejam nem mesquinhas nem extravagantes. (71) Após a minha morte Lícon deverá pôr à disposição dos jovens – a fim de que usem o óleo para ungir-se – os meus olivais situados em Áigina; que assim seja para que durante toda a duração desse uso continue viva a recordação condigna de minha pessoa e de quem me estima. Lícon deverá também erigir uma estátua minha, escolhendo um lugar conveniente para sua colocação, com a assistência de Diôfantos, e de Heracleides, filho de Demétrios. De minha propriedade urbana Lícon deverá obter a quantia necessária ao pagamento a todos aqueles de quem recebi alguma coisa depois de sua partida; Búlon e Calinos incumbir-se-ão das despesas com meu funeral e das

400. Veja-se o § 41 do Livro IV.
401. 274-270 a.C..
402. *Antologia Palatina*, VII, 112.

outras despesas costumeiras[403]. Os fundos necessários provirão dos bens contidos em minha casa, que deixo em comum para ambos. (72) Eles devem também remunerar os médicos Pasítemis e Medias, dignos de homenagens e recompensas ainda maiores pela dedicação com que cuidaram de mim e por sua competência. Lego ao filho de Calinos um par de taças de Tericleia, e à sua mulher um par de taças de Rodes, um tapete fino e um tapete grosso, uma coberta e dois coxins, dos melhores que deixo, numa demonstração de que, tendo meios de recompensá-los, não sou ingrato. Quanto a meus servos, disponho o seguinte: a Demétrios, que já recebeu a liberdade, restituo a quantia do resgate e dou cinco minas, um manto e uma túnica, para que, em retribuição aos serviços a mim prestados fielmente durante tanto tempo, tenha uma vida decente. A Críton de Calcêdon restituo a quantia do resgate e dou quatro minas. Concedo a liberdade a Mícron, devendo Lícon sustentá-lo e educá-lo durante os próximos seis anos. (73) Concedo ainda a liberdade a Cares; Lícon cuidará também de seu sustento. Lego-lhe duas minas e meus livros já editados; os inéditos confio a Calinos, para que este providencie uma edição bem cuidada. A Siros, já liberto, lego quatro minas e Menodora, e lhe dou quitação de eventuais débitos que tenha para comigo. A Hilará lego cinco minas e um tapete, dois coxins, uma coberta e um leito, à sua escolha. Concedo ainda a liberdade às mães de Mícron, de Noêmon, de Díon, de Têon, de Eufrânor e de Hermeias. Que Agáton receba a liberdade dentro de dois anos, e que os carregadores de liteira Ofelíon e Poseidônios sejam libertos dentro de quatro anos. (74) A Demétrios, a Críton e a Siros dou um leito a cada um e roupas de cama de minha propriedade que, de acordo com a opinião de Lícon, estejam em boas condições, por terem executado corretamente as tarefas confiadas a cada um deles. Quanto à minha sepultura, deixo-a à discrição de Lícon: que me enterre aqui ou em minha casa. Tenho certeza de que ele, não menos que eu mesmo, saberá julgar o que é conveniente e decoroso. Satisfeitas as minhas vontades, toda a minha herança restante pertencerá a Lícon, com o direito de dispor da mesma válida e definitivamente. São testemunhas: Calinos de Hermione, Aríston de Céos e Eufrônios de Paiania."

Dessa forma Lícon, que exercitou sua inteligência no campo da pedagogia e de todas as outras ciências, e até, pode-se dizer, na redação de suas disposições testamentárias, foi especialmente preciso e revelou uma competência singular na administração doméstica. Até por isso, então, é um modelo digno de imitação.

Capítulo 5. DEMÉTRIOS[404]

(75) Demétrios, filho de Fanôstratos, nasceu em Fáleron e foi discípulo de Teôfrastos. Graças à sua eloqüência governou a cidade durante dez anos e foi honrado com 360 estátuas de bronze, a maior parte das quais o representavam a cavalo, ou num carro, ou numa biga. As estátuas foram concluídas em menos de trezentos dias, tão grande era a estima em que era tido. Em seus *Homônimos* Demétrios de Magnesia informa que ele iniciou sua atividade política quando Hárpalos, fugindo de Alexandre, o Grande, veio para Atenas[405]. Como estadista

403. Repetição ou reiteração do § 70 acima.
404. Provavelmente 350-280 a.C..
405. Em 324 a.C..

prestou grandes benefícios à pátria. Embora não fosse nobre de nascimento, enriqueceu a cidade com proventos e edifícios. (76) Realmente, Demétrios era um dos serviçais da casa de Cônon, de acordo com a informação de Favorinos no primeiro livro de suas *Memórias*, porém Lamia, com quem ele vivia, era uma cidadã de família nobre, como registra o mesmo Favorinos em seu primeiro livro. Ainda esse mesmo autor, no segundo livro, conta que Demétrios sofreu violências amorosas de Cônon. Em seus *Discursos Convivais* Dídimos relata que uma cortesã o apelidou de Caritobléfaros e Lampito[406]. Conta-se que ele perdeu a visão quando estava em Alexandria e a recuperou por graça de Sarápis, e por isso compôs peãs cantados até hoje. Apesar de seu prestígio junto aos atenienses, foi eclipsado pela inveja devoradora de tudo.

(77) De fato, acusado por alguns inimigos, Demétrios foi condenado à morte à revelia; seus acusadores, incapazes de apoderar-se de sua pessoa, derramaram seu veneno sobre o bronze das estátuas: derribaram algumas delas dos pedestais e venderam-nas, lançaram outras ao mar, e outras ainda, segundo se diz, foram reduzidas a pedaços, transformados depois em urinóis. Somente uma estátua conserva-se até hoje na Acrópole. De acordo com as *Histórias Variadas* de Favorinos, os atenienses agiram dessa maneira obedecendo a ordens do rei Demétrios. O mesmo Favorinos afirma que os atenienses designaram o ano de sua ascensão ao posto de arconte como o "ano da anarquia".

(78) Hêrmipos diz que depois da morte de Cássandros, Demétrios, com medo de Antígonos, refugiou-se na corte de Ptolemaios Sóter. Lá ele permaneceu durante um longo período, e entre outras coisas aconselhou Ptolemaios a conferir o poder real aos filhos tidos de Eurídice. Ptolemaios não aceitou a sua sugestão e transmitiu o diadema ao filho tido de Berenice, que, após a morte de Ptolemaios, achou conveniente reter Demétrios como prisioneiro em seu país até a tomada de alguma decisão quanto à sua sorte. Lá ele vivia dominado por um profundo desalento, e não se sabe como recebeu a picada de uma serpente na mão enquanto dormia e perdeu a vida. Foi sepultado no distrito de Búsiris, nas imediações de Diôspolis.

(79) Dedicamos-lhe também um epigrama[407]:

> "Uma áspide matou o sábio Demétrios com muito veneno impuro,
> emitindo de seus olhos não a luz, e sim a morte negra."

Em sua *Epítome da "Sucessão dos Filósofos"* de Sotíon, Heracleides afirma que o próprio Ptolemaios desejava transmitir o reino a Filadelfos, porém Demétrios o dissuadiu dizendo-lhe: "Se o deres a outro, não o terás mais." Na época em que o caluniavam incessantemente em Atenas – estou informado também disso – o poeta cômico Mênandros correu o risco de ser levado a julgamento pelo simples motivo de ser seu amigo, porém Telésforos, primo de Demétrios, intercedeu em seu favor.

(80) No número de suas obras e na sua extensão total em linhas ele sobrepujou quase todos os peripatéticos contemporâneos, e foi mais erudito e versátil que qualquer outro. Algumas de suas obras são históricas, outras políticas, outras tratam ainda dos poetas, outras são retóricas, coleções de discursos públicos e diplomáticos, além de fábulas esópicas e muitos outros gêneros.

406. Respectivamente "de pálpebras belas como as das Graças" e "de olhos brilhantes".
407. *Antologia Palatina*, VII, 113.

As obras são as seguintes: *Da Legislação Ateniense*, em cinco livros; *Da Constituição dos Atenienses*, em dois livros; *Da Demagogia*, em dois livros; *Da Política*, em dois livros; *Das Leis*, em um livro; *Da Retórica*, em dois livros; *Da Estratégia*, em dois livros; (81) *Sobre a "Ilíada"*, em dois livros; *Sobre a "Odisséia"*, em quatro livros; *Ptolemaios*, em um livro; *Do Amor*, em um livro; *Faidondas*, em um livro; *Máidon*, em um livro; *Clêon*, em um livro; *Sócrates*, em um livro; *Artaxerxes*, em um livro; *Sobre Homero*, em um livro; *Aristeides*, em um livro; *Aristômacos*, em um livro; *Exortação à Filosofia*, em um livro; *Da Constituição*, em um livro; *Do Decênio de Governo*, em um livro; *Dos Iônios*, em um livro; *Das Embaixadas*, em um livro; *Da Crença*, em um livro; *Da Gratidão*, em um livro; *Da Sorte*, em um livro; *Da Magnanimidade*, em um livro; *Do Casamento*, em um livro; *Da Opinião*, em um livro; *Da Paz*, em um livro; *Das Leis*, em um livro; *Das Propensões*, em um livro; *Da Oportunidade*, em um livro; *Dionísios*, em um livro; *Sobre a Calcis*, em um livro; *Invectiva contra os Atenienses*, em um livro; *Sobre Antífanes*, em um livro; *Introdução à História*, em um livro; *Cartas*, em um livro; *A Assembléia Jurada*, em um livro; *Da Velhice*, em um livro; *Dos Direitos*, em um livro; *Fábulas Esópicas*, em um livro; *Sentenças*, em um livro.

(82) Seu estilo é filosófico, apresentando uma mistura de tensão e força retórica. Ao receber a notícia de que os atenienses haviam destruído suas estátuas Demétrios comentou: "Isso eles podem fazer, porém os méritos que motivaram sua erecção não lhes é possível destruir." Esse filósofo costumava dizer que as sobrancelhas constituem apenas uma pequena parte do rosto, mas podem obscurecer toda uma vida[408]. E dizia ainda que não só a riqueza é cega, mas também sua guia, a Sorte; e que tudo que o ferro pode fazer na guerra, a palavra pode fazer na política. Vendo certa vez um rapaz dissoluto, Demétrios exclamou: "Eis um Hermes quadrado, com vestses arrastando no chão, barriga, barba e tudo mais." Dos homens cheios de vaidade ele dizia que deveríamos reduzir-lhes a altura, mas deixar-lhes o espírito com a mesma dimensão. Dizia ainda que os jovens deviam respeitar em casa os pais, na rua todos que encontrassem, e quando sós deveriam respeitar-se a si mesmos. (83) Na prosperidade os amigos aparecem somente quando chamados, mas na adversidade acorrem espontaneamente. São esses os ditos que presumivelmente devem ser-lhe atribuídos.

Existiram vinte personagens importantes com o nome Demétrios: um retor de Calcêdon, mais antigo que Trasímacos; o filósofo de quem estamos tratando; um filósofo peripatético de Bizântion; um escritor cognominado "Gráfico", claro nas narrações, e também pintor; um filósofo aspêndio, discípulo de Apolônios de Sóloi; um escritor originário de Calatia, autor de uma obra em vinte livros sobre a Europa e a Ásia; um escritor bizantino, autor de uma história em treze livros sobre a migração dos gálatas da Europa com destino à Ásia, e outra em oito livros sobre Antíocos e Ptolemaios e sua administração da Líbia; (84) um sofista, que viveu em Alexandria, autor de manuais de retórica; um gramático de Adramítion, cognominado Ixíon provavelmente por causa de algum ultraje a Hera; um gramático eminente, natural de Cirene, cognominado "Jarra de Vinho"; um filólogo excelente, nascido em Squêpsis, homem rico e nobre de nascimento, que contribuiu muito para a formação de seu conterrâneo Metrôdoros; um gramático de Erítrai, arrolado como cidadão de Temnos; um filósofo bitínio, filho do estóico Dífilos e discípulo de Panáitios de Rodes; (85) um retor de Smirna. Estes foram

408. Subentenda-se em continuação: "pelo desdém que expressam".

prosadores. Dos poetas com esse nome o primeiro pertenceu à Comédia Antiga; o segundo foi um poeta épico, de quem se conservam apenas os versos seguintes contra os invejosos:

> "Vivo, o invejoso escarnece o homem que as outras pessoas lamentam quando morre; algum dia, entretanto, pela honra de ser o local de sua tumba e de sua imagem que já não respira, manifestam-se divergências entre cidades e o povo suscita a discórdia."

O terceiro, de Tarsos, foi autor de dramas satíricos; o quarto, escritor de críticas mordazes, homem amargo; o quinto, além de poeta, escultor, mencionado por Polêmon; o sexto, de Erítrai, um homem versátil, autor também de obras históricas e retóricas.

Capítulo 6. HERACLEIDES[409]

(86) Heracleides, filho de Eutífron, nasceu em Heraclea do Pontos e era um homem rico. Em Atenas encontrou-se primeiro com Spêusipos, mas costumava ouvir também os pitagóricos e admirava as obras de Platão. Subseqüentemente ouviu as lições de Aristóteles, como diz Sotíon em sua obra *Sucessão dos Filósofos*. Vestia roupas macias e era tão majestoso de corpo que os atenienses o chamavam de Pômpico, e não de Pôntico. Seu semblante era ao mesmo tempo suave e austero. Seus escritos são excelentes pela beleza estilística e elevação dos assuntos. Suas obras éticas são: *Da Justiça*, em três livros; *Da Moderação*, em um livro; *Da Coragem*, em um livro; *Da Excelência em Geral*, em um livro; *Da Felicidade*, em um livro; (87) *Do Governo*, em um livro; *Das Leis* e assuntos afins, em um livro; *Dos Nomes*, em um livro; *Dos Pactos*, em um livro; *Do Involuntário*, em um livro; *Do Amor e Cleínias*, em um livro.

Suas obras físicas são: *Da Mente; Da Alma* e outro tratado separado sobre o mesmo assunto; *Da Natureza; Das Imagens; Contra Demócritos; Dos Fenômenos Celestes*, em um livro; *Das Coisas do Outro Mundo; Dos Modos de Vida*, em dois livros; *Das Causas das Doenças*, em um livro; *Do Bem*, em um livro; *Contra a Doutrina de Zênon*, em um livro; *Contra a Doutrina de Métron*, em um livro.

Suas obras de crítica literária são: *Da Idade de Homero e Hesíodos*, em dois livros; *Sobre Arquílocos e Homero*, em dois livros.

Suas obras literárias e musicais são: *Questões sobre Eurípedes e Sófocles*, em três livros; *Da Música*, em dois livros; (88) *Soluções de Problemas Homéricos*, em dois livros; *Dos Três Poetas Trágicos*, em um livro; *Caracteres*, em um livro; *Da Poesia e dos Poetas*, em um livro; *Da Conjectura*, em um livro; *Da Previsão*, em um livro; *Exegeses de Herácleitos*, em quatro livros; *Exegeses de Demócritos*, em um livro; *Soluções de Problemas Erísticos*, em dois livros; *O Axioma*, em um livro; *Contra Dionísios*, em um livro; *Soluções*, em um livro; *Das Espécies*, em um livro; *Exortações*, em um livro.

Sua obra retórica é: *O Ensino da Retórica*, ou *Protagoras*.

Suas obras históricas são: *Dos Pitagóricos* e *Das Descobertas*.

O estilo de algumas obras de Heracleides reproduz o da comédia, como por exemplo *Do Prazer* e *Da Moderação*; o de outras é o da tragédia, como *Das Coisas do Outro Mundo, Da Piedade* e *Da Autoridade*.

409. Estava no apogeu em 360 a.C..

(89) Entretanto, Heracleides tinha também um estilo intermediário – o da conversação –, que usa quando os filósofos, generais e estadistas conversam entre si. Ele escreveu também tratados geométricos e dialéticos, e além do mais seu estilo é versátil e elevado, dando-lhe grande poder de persuasão.

Acredita-se que esse filósofo livrou sua pátria da tirania assassinando-lhe o governante, como atesta Demétrios de Magnesia em sua obra *Homônimos*, onde o autor conta a seguinte história a seu respeito: "Desde menino, e já depois de crescido, Heracleides criava uma serpente, estando na iminência de morrer, deu ordens a um de seus amigos fiéis para ocultar-lhe o cadáver e pôr no esquife em seu lugar a serpente, a fim de que se acreditasse que ele fora juntar-se aos deuses. (90) Tudo foi feito de acordo com suas ordens. Aconteceu, entretanto, que quando seus concidadãos acompanhavam o cortejo fúnebre e o louvavam cantando, a serpente, ouvindo os gritos, esgueirou-se do esquife e estabeleceu a confusão entre os acompanhantes. Posteriormente tudo foi revelado, e seus concidadãos viram Heracleides não como ele aparentava ser, mas como realmente era."

Há também um epigrama de nossa autoria a seu respeito, nos seguintes termos[410]:

> "Quiseste deixar aos homens, Heracleides, a fama de que logo após a morte te transformaste numa serpente viva. Mas te enganaste, sofista, porque a besta era de fato uma serpente, ao passo que tu te revelaste uma besta, e não um sábio."

Hipôbotos também conta essa história.

(91) Hêrmipos, todavia, relata que sendo a região assolada pela fome em certa época, o povo de Heraclea dirigiu um apelo à sacerdotisa pítia; Heracleides, entretanto, subornou os enviados e a própria sacerdotisa para dizerem que a cidade se livraria da calamidade se Heracleides, o filho de Eutífron, fosse coroado em vida com uma coroa de ouro e depois de sua morte recebesse honras de herói. Quando o pretenso oráculo chegou a seus autores não levaram vantagem alguma, pois Heracleides, logo após receber a coroa no teatro, morreu de um ataque apoplético, enquanto os enviados eram apedrejados até perderem a vida. Além disso, na mesma hora a sacerdotisa pítia, depois de descer para o santuário e sentar-se, foi mordida por uma das serpentes e morreu no mesmo instante.

São estas as versões sobre a sua morte.

(92) O musicólogo Aristôxenos afirma que Heracleides também compôs tragédias e as publicou como obras de Têspis. Caimalêon, por seu turno, afirma que a obra de Heracleides sobre Hesíodos e Homero é um plágio de seus escritos. Além disso, o filósofo epicurista Autôdoros o critica e contradiz acerca de sua obra *Da Justiça*. Mais ainda: Dionísios, o Renegado, ou, como alguns o chamam, "Fagulha", escreveu um drama, *Partenopeus*, e o publicou sob o nome de Sófocles; Heracleides acreditou na autoria, e numa de suas próprias obras citou-o como evidência de Sófocles. (93) Tomando conhecimento da citação, Dionísios confessou o que tinha feito, porém Heracleides o contestou e não quis acreditar. Então Dionísios chamou-lhe a atenção para o acróstico formado pelas letras iniciais dos primeiros versos, compondo a palavra "Pâncalos", nome do amásio de Dionísios. Heracleides, por seu turno, insistia em não querer acreditar, e teimava

410. *Antologia Palatina*, VII, 104.

que tal fato era pura coincidência. A essa altura dos acontecimentos Dionísios disse: "Encontrarás também os versos seguintes:"

> "A. Macaco velho não cai em armadilha. B. Cai, sim; dentro de algum tempo cai."

E disse ainda:

> "Heracleides não conhece as letras e não se envergonha disso."

Existiram quatorze personagens com o nome de Heracleides: este filósofo; um conterrâneo seu, autor de versos pírricos e contos insignificantes; (94) o autor de uma história persa em cinco livros, nascido em Cúmai; um calatiano ou alexandrino, autor da *Sucessão dos Filósofos* em seis livros e de um discurso intitulado *Lembêuticos*, do qual lhe veio o sobrenome de Lembos; o autor de uma obra sobre o caráter peculiar dos persas, nascido em Alexandria; um dialético de Bargilia, autor de uma obra contra Epicuros; um médico da escola de Hicêsios; outro médico, de Taras, da escola empírica; um poeta, autor de cantos parenéticos; um escultor originário da Fócaia; um poeta lígure, autor de epigramas; o autor de uma obra sobre Mitridates, natural da Magnesia; o autor de um tratado de astronomia.

LIVRO VI

Capítulo 1. ANTISTENES[411]

(1) Antistenes, filho de Antistenes, era ateniense, porém dizia-se que não seria de puro sangue ático. A quem o ridicularizava por isso ele respondia: "A mãe dos deuses também é da Frígia" (supunha-se que sua mãe fosse da Trácia). Como na batalha de Tânagra[412] seu comportamento caracterizou-se pela bravura, Antistenes deu a Sócrates a oportunidade de dizer que se ambos os seus genitores fossem atenienses ele não se teria distinguido tanto nos combates. Esse filósofo mostrava desprezo pelos atenienses que se vangloriavam de ser autóctones, e falava até que não eram mais nobres que os caracóis e gafanhotos.

Inicialmente Antistenes foi ouvinte do retor Gorgias, exibindo por isso o estilo retórico em seus diálogos, principalmente na *Verdade* e nas *Exortações*. (2) Segundo Hêrmipos, na reunião solene durante os Jogos Ístmicos ele pretendia falar sobre os defeitos e méritos dos atenienses, dos tebanos e dos macedônios, porém desistiu desse propósito quando percebeu que grande número de pessoas estava chegando dessas cidades. Mais tarde, entrou em contato com Sócrates e colheu tantos benefícios junto ao mesmo que costumava sugerir a seus próprios discípulos que se tornassem condiscípulos de Sócrates. Morando no Peiraieus, Antistenes andava diariamente quarenta estádios para ouvir Sócrates. De Sócrates ele aprendeu a resistência e emulou-lhe a impassibilidade, dando início assim à filosofia cínica; demonstrou que a fadiga é um bem com os exemplos de Heraclés e de Ciros, tirando de um deles o modelo dos helenos e do outro o dos bárbaros.

(3) Antistenes foi o primeiro a dar a seguinte definição do discurso: "O discurso demonstra o que é ou o que era uma coisa." Costumava também repetir: "Preferiria ficar louco a sentir prazer", e "Devemos manter relações sexuais com as mulheres que nos demonstrem sua gratidão". A um jovem do Pontos que desejava freqüentar-lhe a escola e perguntava quais os requisitos, sua resposta foi: "Um livro novo, uma pena nova e uma plaqueta nova", querendo dizer: "e também inteligência"[413]. A alguém que lhe perguntou com que espécie de mulher deveria casar-se Antistenes disse: "Se escolheres uma mulher bela não a terás somente para ti; se for feia, penarás por isso." Certa vez esse filósofo ouviu dizer que Platão falava mal dele, e seu comentário foi: "É um privilégio dos reis agir bem e ouvir falar mal."

Iniciando-se em certa ocasião nos mistérios órficos, ao sacerdote que dizia que os iniciados em tais mistérios participariam de muitos bens no Hades, Antistenes replicou: "Então, por que não morres?" Ridicularizado certa vez porque seus pais

411. Aproximadamente 446-366 a.C..
412. Em 426 a.C.; veja-se Tucidides, *História da Guerra do Peloponeso*, III, 91.
413. Veja-se a nota 197.

não nasceram ambos livres, ele replicou: "Não nasci de dois atletas, porém ainda assim sou atleta." Quando lhe perguntaram por que tinha poucos discípulos, sua resposta foi: "Porque uso uma vara de prata para expulsá-los." A alguém que lhe perguntou por que repreendia os discípulos com tanta aspereza, o filósofo respondeu: "Os médicos agem de maneira idêntica com seus pacientes." Certa vez ele viu um adúltero em fuga e disse: "Ah! Infeliz! Com um simples óbolo terias podido evitar um perigo tão grande."[413a] Segundo Hecáton em suas *Sentenças* Antistenes costumava dizer que é melhor cair entre os corvos que entre os aduladores; os primeiros devoram os mortos, e os outros devoram os vivos.

(5) Perguntaram-lhe qual seria a maior bem-aventurança para os homens, e sua resposta foi: "Morrer feliz." A um amigo que se lamentava com ele por haver perdido os apontamentos sua resposta foi: "Devias tê-los gravado na alma, e não escrito no papel." Antistenes dizia que da mesma forma que o ferro é consumido pela ferrugem, os invejosos são devorados por sua própria índole. Dizia também que quem deseja ser imortal devia viver piedosa e justamente. As cidades, comentava ele, arruínam-se quando já não podem distinguir os maus dos bons. Certa vez, recebendo elogios de pessoas más, o filósofo comentou: "Tenho muito receio de haver agido mal."

(6) Antistenes dizia que a vida em comum de irmãos concordes é a muralha mais forte; que a bagagem mais adequada para quem viaja é a que, mesmo quando a nau soçobra, fica boiando com o viajante. A alguém que o censurava por andar em más companhias sua réplica foi: "Os médicos também encontram-se com os doentes, mas nem por isso contraem febre." Ele achava estranho que enquanto separamos o joio do trigo e os soldados ineptos dos bons, na política não mantemos distantes os maus. Perguntaram-lhe qual a vantagem que havia tirado da filosofia, e sua resposta foi: "Poder falar comigo mesmo." Alguém que já bebera muito lhe disse: "Canta!" Sua resposta foi: "Então acompanha-me com a flauta!" A Diógenes, que lhe pedia uma túnica, Antistenes ordenou que dobrasse seu manto em dois e o usasse assim.

(7) Perguntaram-lhe qual era a ciência mais necessária e o filósofo respondeu: "Aquela que ensina a não esquecermos o que aprendemos." Às vítimas da maledicência Antistenes aconselhava a serem mais resignadas que aquelas que recebem pedradas. Ele zombava de Platão por causa de seu orgulho. Durante uma procissão viu um cavalo que trotava solenemente; voltou-se para Platão, que elogiava incessantemente o cavalo, e disse: "Parece-me que também poderias marchar como aquele vistoso cavalo." Certa vez Antistenes visitou Platão, que estava enfermo, e depois de ter visto a bacia em que ele vomitara exclamou: "Vejo a bile aqui, porém não consigo ver o orgulho."

(8) Antistenes aconselhava os atenienses a decretarem que os asnos são cavalos[414], e como seus concidadãos consideraram o conselho absurdo, sua justificativa foi: "Mas os generais não parecem ter experiência alguma e são eleitos com um simples levantar de mãos." Alguém lhe disse: "És muito elogiado!"; "Que mal eu fiz?" respondeu Antistenes. Quando certa vez ele levantou a parte poída de seu manto de maneira a que todos pudessem vê-la, Sócrates notou-a e disse: "Através dos furos de teu manto vejo teu anseio de glória."

413a. Pagando um óbolo a uma prostituta.
414. Veja-se Platão, *Fédros*, 260 C.

Em sua obra *Sobre os Socráticos* Fanias conta que, a quem lhe perguntou certa vez o que deveria fazer para tornar-se excelente, Antistenes respondeu: "Deves aprender daqueles que sabem que os defeitos que tens devem ser corrigidos." A alguém que louvava o luxo sua resposta foi: "Que vivam no luxo os filhos de teus inimigos!"

(9) A um rapaz que costumava posar como modelo para artistas ele perguntou: "Se o bronze passasse a ter voz, de que acreditas que ele se vangloriaria?" A resposta foi: "De sua beleza." Antistenes redarguiu: "Não te envergonhas, então, de sentir a mesma alegria de uma coisa inanimada?" Um jovem do Pontos prometeu-lhe que cuidaria dedicadamente dele quando chegasse a sua nau carregada de peixe salgado; o filósofo, levando-o consigo e apanhando um saco vazio, dirigiu-se a uma vendedora de farinha de trigo, fê-la encher o saco e pôs-se em marcha; quando a mulher pediu o dinheiro Antistenes disse: "Este jovem te pagará quando chegar a sua carga de peixe salgado."

Considerava-se Antistenes o causador do exílio de Ânitos e da execução de Mêletos. (10) De fato, ele juntou-se a alguns jovens do Pontos, que tinham vindo para Atenas atraídos pela fama de Sócrates, e os levou à presença de Ânitos, dizendo ironicamente que este era mais sábio que Sócrates. Diante disso as pessoas que estavam em volta indignaram-se e expulsaram Ânitos da cidade.

Quando via em qualquer parte uma mulher ostentando muitos ornamentos Antistenes dirigia-se à casa da mesma e mandava o marido mostrar seus cavalos e armas; se o homem os tinha, deixava-a viver nesse luxo, pois dispunha de meios para defendê-la; em caso contrário, mandava-o tirar os ornamentos da mulher.

Seus ensinamentos eram os seguintes. Demonstrava que a excelência pode ser ensinada; que somente os homens excelentes são nobres; (11) que a excelência é suficiente para assegurar a felicidade, pois ela não necessita de coisa alguma além da firmeza de Sócrates; que a excelência está nas ações e não necessita de muitas palavras nem de muitos conhecimentos; que o sábio é auto-suficiente, pois todos os bens dos outros são seus; que a ausência de glória é um bem, tanto quanto a fadiga; que o sábio não deve viver de acordo com as leis vigentes na cidade, e sim segundo as leis da excelência; que ele deve casar-se para ter filhos, unindo-se às mulheres mais belas, e amará, pois somente o sábio distingue as que merecem ser amadas.

(12) Dioclés registra as seguintes máximas de Antistenes: para o sábio, nada é estranho ou impraticável; o homem bom é digno de ser amado; os homens dignos são amigos; devemos aliar-nos aos homens corajosos e justos; a excelência é uma arma de que não nos podem privar; é melhor estar com uns poucos homens bons contra todos os maus, do que com muitos maus contra poucos bons; devemos dar atenção aos inimigos, porque são os primeiros a notar os nossos erros; devemos estimar um homem justo mais que um parente; a excelência é a mesma para o homem e para a mulher; o que bom é belo, o que é mau é feio; considera todas as más ações alheias a ti.

(13) A prudência é a muralha mais segura, que não pode cair nem ser traída. É necessário construir muralhas em nossos próprios raciocínios inexpugnáveis. Antistenes conversava habitualmente no ginásio de Cinosarges, a pouca distância das portas, e algumas pessoas pensam que a escola cínica derivou o seu nome de Cinosarges. O próprio Antistenes recebeu o nome de "cão puro e simples", e foi o primeiro, como diz Dioclés, a dobrar o manto e a vestir somente essa roupa, e usar

um bastão e uma sacola. Neantes também confirma que ele foi o primeiro a dobrar o manto. Sosicrates, todavia, afirma no terceiro livro de sua obra *Sucessão dos Filósofos* que o primeiro foi Diôdoros de Áspendos, que também deixou sua barba crescer e usava um bastão e uma sacola.

(14) Teôpompos elogia apenas Antistenes entre todos os socráticos e diz que ele foi extremamente capaz, podendo por meio de um discurso agradável conquistar qualquer ouvinte. Essa capacidade transparece claramente em seus próprios escritos e é mencionada no *Banquete* de Xenofon. Parece ainda que lhe podem ser atribuídas as origens do estoicismo mais viril. Por isso o poeta epigramático Atênaios escreveu os seguintes versos a seu respeito[415]:

> "Peritos em fábulas estóicas, que nas sagradas páginas inscreveis a melhor de todas as doutrinas – que a excelência é o único bem da alma, e somente ela salva as vidas humanas e a cidade. Mas, uma só das filhas da Memória[416] aprova os prazeres da carne, que outros homens escolheram como seu fim supremo."

(15) Antistenes antecipou a impassibilidade de Diôgenes, a moderação de Crates, a firmeza de Zênon, e estabeleceu os fundamentos da doutrina. Xenofon diz que ele era o homem mais agradável na conversa e o mais moderado sob todos os aspectos.

Seus escritos conservaram-se em dez volumes.

O primeiro volume contém: *Do Estilo*, ou *Dos Tipos de Elocução; Aias*, ou *O Discurso de Aias; Odisseus*, ou *Sobre Odisseus; Defesa de Orestes*, ou *Sobre os Autores de Discursos Forenses; Isografia*, ou *Lísias e Isocrates; Contra o Discurso de Isocrates "Sem Testemunhas"*.

O segundo volume contém: (16) *Da Natureza dos Animais; Da Procriação*, ou *Sobre as Núpcias*, tratado do amor; *Dos Sofistas*, tratado fisiognômico; *Da Justiça e Coragem*, obra exortativa em três livros; *Sobre Têognis*, quarto e quinto livros exortativos.

O terceiro volume contém: *Do Bem; Da Coragem; Da Lei*, ou *Do Estado; Da Lei*, ou *Do Belo e do Justo; Da Liberdade e da Escravidão; Da Crença; Do Supervisor*, ou *Da Obediência; Da Vitória*, tratado de economia.

O quarto volume contém: *Ciros; Heraclés Maior*, ou *Da Força*.

O quinto volume contém: *Ciros*, ou *Da Realeza; Aspasia*.

O sexto volume contém: *Verdade; Da Discussão*, um manual dialético; *Sáton*, ou *Da Contradição*, em três livros; *Do Dialeto*.

(17) O sétimo volume contém: *Da Educação*, ou *Dos Nomes*, em cinco livros; *Do Uso dos Nomes*, um tratado erístico; *Das Perguntas e Respostas; Da Opinião e da Ciência*, em quatro livros; *Do Morrer, Da Vida e Da Morte; Dos que Estão no Hades; Da Natureza*, em dois livros; *Um Problema sobre a Natureza*, em dois livros; *Opiniões*, ou *Tratado Erístico; Problemas Relativos ao Aprendizado*.

O oitavo volume contém: *Da Música; Dos Intérpretes; Sobre Homero; Da Injustiça e Da Impiedade; Sobre Calcas; Do Explorador; Do Prazer*.

415. *Antologia Palatina*, IX, 496.

416. Erato, uma das Musas. Vejam-se Atênaios, *Deipnosofistas*, página 555b (Livro XIII), e Apolônios Rôdio, *Argonáutica*, III, 1.

O nono volume contém: *Sobre a "Odisséia"; Da Batuta; Atena*, ou *Sobre Telêmacos; Sobre Helena e Penelópeia; Sobre Proteus; Cíclopes*, ou *Sobre Odisseus;* (18) *Do Uso do Vinho*, ou *Da Embriaguez*, ou *Sobre o Cíclopes; Sobre Circe; Sobre Anfiáraos; Sobre Odisseus, Penelópeia e o Cão*.

O décimo volume contém: *Heraclés*, ou *Midas; Heraclés*, ou *Da Sabedoria e da Força; Ciros*, ou *O Bem-Amado; Ciros*, ou *Os Exploradores; Menêxenos*, ou *Do Comando; Alcibíades; Arquêlaos*, ou *Da Realeza*.

Essa é a lista de suas obras.

Tímon ironiza-o pelo grande número de suas obras e chama-o de "tagarela prolífico"[417]. Antistenes morreu de doença precisamente quando Diôgenes entrou em sua casa perguntando-lhe: "Necessitas de um amigo?" Em outra ocasião Diôgenes foi visitá-lo levando consigo um espadim. Quando Antistenes gritou: "Quem me livrará deste sofrimento?" ele respondeu mostrando o espadim: "Isto!" O outro replicou: "Eu disse de meu sofrimento, e não de minha vida." (19) Antistenes parecia fraco na hora de enfrentar a doença, por amor à vida, e há sobre ele o seguinte epigrama de nossa autoria[418]:

> "Na vida, Antistenes, foste um cão autêntico, preparado pela natureza para morder o coração humano com palavras, e não com os dentes. Mas morreste de consumpção. Talvez alguém poderá dizer-te: 'Como assim?' De qualquer modo devemos ter um guia para o Hades."

Houve três outros personagens com o nome Antistenes: um filósofo adepto de Heráclitos; um outro de Éfesos; e um terceiro de Rodes, historiador. Como já tratamos dos discípulos de Arístipos e de Fáidon, voltar-nos-emos agora para os cínicos e estóicos originários de Antistenes. Sigamos então essa ordem.

Capítulo 2. DIÔGENES[419]

(20) Diôgenes, filho do banqueiro Iquêsios, nasceu em Sinope. Diclés revela que ele viveu no exílio porque seu pai, a quem fora confiado o dinheiro do Estado, adulterou a moeda corrente. Entretanto, Eubulides, em seu livro sobre Diôgenes, afirma que o próprio Diôgenes agiu dessa maneira e foi forçado a deixar a terra natal com seu pai. Diôgenes, aliás, em sua obra *Pôrdalos*[420], confessa a adulteração da moeda. Dizem alguns autores que, tendo sido nomeado superintendente, deixou-se persuadir pelos operários, e foi a Delfos ou ao oráculo Délio na pátria de Apolo perguntar se deveria fazer aquilo a que desejavam induzi-lo. O deus deu-lhe permissão para alterar as instituições políticas, porém ele não entendeu e adulterou a moeda. Descoberto, segundo alguns autores foi exilado, e segundo outros deixou a cidade espontaneamente. (21) Outros autores contam ainda que o pai lhe confiou a cunhagem da moeda e que ele a adulterou; o pai foi preso e morreu; o próprio Diôgenes fugiu e foi a Delfos perguntar não se devia falsificar a moeda, e sim o que devia fazer para tornar-se mais famoso, e então recebeu o oráculo supramencionado.

417. Fragmento 37 Diels.

418. *Antologia Palatina*, VII, 115.

419. 419. 424-323 a.C..

420. Veja-se o § 80 deste livro.

Chegando a Atenas encontrou-se com Antistenes; repelido por este, que nunca recebia bem os discípulos, graças à sua perseverança conseguiu convencê-lo. Certa vez, quando Antistenes ergueu o bastão contra Diôgenes, este ofereceu a cabeça, acrescentando: "Golpeia, pois não acharás madeira tão dura que possa fazer-me desistir de conseguir que me digas alguma coisa, como me parece que é teu dever." Desde essa ocasião passou a ser seu ouvinte, e na qualidade de exilado adotou um modo de vida modesto.

(22) Conta Teôfrastos no seu *Megárico*[421] que certa vez Diôgenes, vendo um rato correr de um lado para outro, sem destino, sem procurar um lugar para dormir, sem medo das trevas e não querendo nada do que se considera desejável, descobriu um remédio para suas dificuldades. Segundo alguns autores ele foi o primeiro a dobrar o manto[422], que tinha de usar também para dormir, e carregava uma sacola onde guardava seu alimento; servia-se indiferentemente de qualquer lugar para satisfazer qualquer necessidade, para o desjejum ou para dormir, ou conversar; sendo assim, costumava dizer, apontando para o pórtico de Zeus e para a Sala de Procissões que os próprios atenienses lhe haviam proporcionado lugares onde podia viver.

(23) De início apoiava-se no bastão somente quando estava enfermo, mas depois usava-o sempre, embora não na cidade, e sim quando caminhava pela estrada com ele e a sacola (assim dizem Olimpiôdoros[423], que governou os atenienses, o orador Polieuctes e Lisanias filho de Aiscrion). Em certa ocasião Diôgenes escreveu a alguém pedindo-lhe para arranjar uma pequena casa; em face da demora dessa pessoa ele passou a morar num tonel existente no Metrôon, de acordo com suas próprias afirmações em suas cartas. No verão ele rolava sobre a areia quente, enquanto no inverno abraçava as estátuas cobertas de neve, querendo por todos os meios acostumar-se às dificuldades.

(24) Diôgenes comprazia-se em tratar seus contemporâneos com altivez. Chamava de bílis (*kholé*) a escola (*skholé*) de Eucleides, e dizia que as preleções de Platão eram perda de tempo, que as representações teatrais durante as Dionisíacas eram grandes maravilhas para os tolos, e que os demagogos eram os lacaios da turba. Sempre que via na vida pilotos, médicos e filósofos costumava definir o homem como o mais inteligente dos animais; entretanto, quando via intérpretes de sonhos, adivinhos e pessoas que prestavam atenção a indivíduos cheios de arrogância ou de riqueza, pensava que não havia animal mais estulto. Diôgenes dizia constantemente que na vida necessitamos da razão ou então de uma corda para nos enforcarmos.

(25) Vendo certa vez num banquete suntuoso Platão servir-se apenas de azeitonas, Diôgenes comentou: "Como tu, filósofo que navegaste até a Sicília por causa de mesas iguais a esta, agora que elas estão diante de ti não as desfrutas?" Platão respondeu: "Mas, pelos deuses, Diôgenes, lá eu também comia azeitonas e coisas semelhantes." "Por que, então", replicou Diôgenes, "ir até Siracusa? Será que na época a Ática não produzia azeitonas?" (nas *Histórias Variadas* Favorinos atribui a anedota a Arístipos). Em outra ocasião Diôgenes, quando comia figos

421. Veja-se o § 44 do Livro V.
422. Veja-se o § 6 deste livro.
423. Provavelmente arconte em 294-293 e 293-292 a.C.. Veja-se Pausânias, *Descrição da Hélade*, I, 26, 1, 3; 29, 3; X, 11, 7; 34, 3.

secos, encontrou-se com Platão e convidou-o a prová-los. Platão apanhou-os e comeu-os, e Diôgenes exclamou: "Convidei-te para prová-los, e não para devorá-los."

(26) Durante uma recepção oferecida por Platão a amigos vindos da parte de Dionísios, Diôgenes pisou em seus tapetes e disse: "Estou pisando na vanglória de Platão." A resposta de Platão foi: "Quanto orgulho demonstras, Diôgenes; embora queiras parecer imune a ele!" Outros autores dizem que Diôgenes falou: "Piso no orgulho de Platão", e que este replicou: "Com outra espécie de orgulho, Diôgenes!" (no quarto livro de sua obra, entretanto, Sotíon atribui a resposta do cínico a Platão). Em outra ocasião Diôgenes pediu-lhe vinho e ao mesmo tempo figos secos. Platão mandou-lhe uma ânfora cheia de vinho, e o outro disse: "Se alguém te perguntar qual é a soma de dois mais dois, responderás vinte? Não dás, então, a quantidade que te pediram, nem a resposta ao que te foi perguntado." Diôgenes também censurava Platão por ser excessivamente falante.

(27) A alguém que lhe perguntou onde na Hélade ele vira homens bons, Diôgenes respondeu: "Homens bons em parte alguma, porém bons meninos na Lacedemônia." Certa vez em que ninguém prestava atenção a um discurso sério seu, ele começou a assobiar; vendo o povo aglomerar-se em sua volta, ele censurou a multidão por haver-se aproximado atentamente para ouvir uma tolice, enquanto para ouvir coisas sérias ninguém havia chegado perto. Diôgenes dizia que os homens competem cavando fossos e esmurrando-se, mas ninguém compete para tornar-se moralmente excelente. Admirava-se vendo os críticos estudarem os males de Odisseus apesar de ignorarem seus próprios males; ou os músicos afinarem as cordas da lira, sem cuidarem de obter a harmonia de sua alma; (28) ou os matemáticos perscrutarem o sol e a lua, mas ignorarem a realidade sob seus próprios olhos; ou os oradores cansarem-se de falar em justiça, mas não a praticarem; ou os avarentos esbravejarem contra o dinheiro, enquanto na realidade o amam exageradamente. Diôgenes condenava as pessoas que, embora louvando os justos por estarem acima das riquezas, invejavam os homens muito ricos. Revoltavam-no os sacrifícios aos deuses pela saúde, porque durante os próprios sacrifícios as pessoas se banqueteavam em detrimento da saúde, e se admirava quando os escravos, embora vendo seus senhores comendo desbragadamente, nada subtraíam das iguarias.

(29) Diôgenes elogiava os que estavam na iminência de casar mas não casavam, os que estavam a ponto de realizar uma viagem porém não viajavam, os que pensavam em dedicar-se à política mas não se dedicavam, os que desejavam constituir uma família e não a constituíam, os que se preparavam para conviver com os poderosos mas não se aproximavam deles. Dizia também que se deve estender a mão aos amigos com os dedos abertos, e não fechados. Em sua obra *Diôgenes à Venda* Mênipos afirma que quando Diôgenes foi capturado e posto à venda perguntaram-lhe o que sabia fazer; "Comandar os homens", disse ele, e deu ordens ao leiloeiro para chamá-lo no caso de alguém querer comprar um senhor. Proibido de sentar-se, Diôgenes disse: "Não importa, pois os peixes, seja qual for a posição em que estejam, são vendidos."

(30) Ele se admirava de que antes de comprar um jarro ou um prato façamo-lo tinir, mas se se trata de um homem contentamo-nos simplesmente com olhá-lo. Diôgenes intimava Xeniades, sem comprador, a obedecer-lhe, embora fosse seu escravo, pois se um médico ou piloto se encontrasse na condição de escravo seria

igualmente necessário prestar-lhe obediência. Em sua obra intitulada *Diógenes à Venda* Êubulos afirma que Diógenes educou os filhos de Xeniades de tal maneira que, depois de outras disciplinas, lhes ensinou a cavalgar, a atirar com o arco, a lançar pedras e a arremessar dardos. Mais tarde, na escola de luta, não permitiu ao mestre dar-lhes uma educação atlética completa, mas apenas exercitá-los até adquirirem a cor avermelhada e as condições normais de saúde. (31) Os meninos sabiam de cor muitos trechos de poetas e prosadores, além de obras do próprio Diógenes, e ele os treinava todo o tempo para terem boa memória. Em casa ensinava-os a cuidar de si mesmos, a nutrir-se com alimentos simples e a beber apenas água. Cortava-lhes os cabelos bem curtos, privando-os de quaisquer ornamentos, educando-os para andarem sem túnica, descalços, silenciosos, e para cuidarem somente de si mesmos nas ruas; além disso levava-os algumas vezes a caçar. Os meninos, por seu turno, tinham grande consideração por Diógenes, e intercediam por ele junto a seus pais. O mesmo Êubulos atesta que Diógenes envelheceu junto a Xeniades, e quando morreu foi sepultado por seus filhos. Perguntando Xeniades a Diógenes como queria ser enterrado, a resposta foi: "Com o rosto para baixo." (32) O outro perguntou: "Por quê?" "Porque", disse Diógenes, "dentro de pouco tempo o que está em baixo passará a estar por cima", querendo dizer com essa resposta que os macedônios iriam dominar, ou seja, de humildes que eram tornar-se-iam poderosos. Alguém o levou a uma casa magnífica e o proibiu de cuspir; diante disso ele pigarreou profundamente e expectorou no rosto da pessoa, pois não encontrava, disse ele, um lugar pior (outros autores atribuem essa tirada a Arístipos[424]). Conta Hecáton no primeiro livro de suas *Sentenças* que certa vez Diógenes gritou: "Atenção, homens!", e quando muita gente acorreu ele brandiu o seu bastão dizendo: "Chamei homens, e não canalhas!" Conta-se que Alexandre, o Grande, disse que se não tivesse nascido Alexandre gostaria de ter nascido Diógenes.

(33) Diógenes sustentava que a palavra "inválido" devia aplicar-se não aos surdos e cegos, mas a quem não tivesse uma sacola[425]. Conta Metroclés em suas *Sentenças* que certa vez, entrando numa festa de jovens com metade da cabeça raspada, Diógenes foi recebido a bordoadas. Depois ele escreveu numa tabuleta os nomes daqueles que o tinham espancado e passeou com a tabuleta pendurada no pescoço, reagindo assim à ofensa recebida, até haver coberto seus autores de ridículo e levá-los à execração e descrédito públicos. Diógenes descrevia-se como um cão daqueles que são elogiados por todos, mas nenhuma das pessoas que o elogiava, acrescentava ele, ousava levá-lo para caçar. A alguém que se vangloriava de ter vencido os homens nos Jogos Píticos, Diógenes replicou: "Eu venço homens, e tu vences escravos."

(34) A alguém que lhe disse: "És velho; repousa!" Diógenes respondeu: "Como? Se estivesse correndo num estádio eu deveria diminuir o ritmo ao me aproximar da chegada? Ao contrário, deveria aumentar a velocidade." Certa vez ele recusou um convite para jantar porque na última vez que estivera naquela casa o anfitrião não lhe agradecera. Diógenes caminhava sobre a neve de pés descalços e fazia as outras coisas mencionadas acima. Tentou até comer carne crua, porém não conseguiu digeri-la. Em outra ocasião encontrou Demóstenes almoçando numa

424. Veja-se o § 75 do Livro II.
425. Jogo de palavras com *anapérous* ("inválido") e *pera* ("sacola").

taverna, e quando o orador se retirou Diógenes disse: "Ao menos por instantes ainda estarás na taverna." Quando alguns estrangeiros expressaram o desejo de ver Demóstenes ele apontou com o dedo médio em riste em sua direção e disse: "Lá vai o demagogo de Atenas."

(35) Querendo dar uma lição a alguém que se envergonhava de apanhar um pedaço de pão que lhe caíra da mão, Diógenes amarrou uma corda no gargalo de uma jarra de vinho e saiu arrastando-a através do Cerameicôs[426].

Diógenes dizia que imitava o exemplo dos instrutores dos coros; de fato, estes dão o tom mais alto para que todos os outros dêem o tom certo. A maioria das pessoas, comentava ele, está de tal maneira próxima da insanidade mental que um dedo faz diferença: "se andares com o dedo médio em riste, pensarão que és louco, mas se for o dedo mínimo não pensarão assim". Coisas muito valiosas, afirmava Diógenes, vendem-se a preço ínfimo, e vice-versa; sendo assim, vende-se uma estátua por três mil dracmas, e um quarto de farinha por duas moedas de cobre.

(36) A Xeniades, que o comprara como escravo, Diógenes disse: "Vem cá para cumprir as minhas ordens!" Xeniades respondeu com o verso[427]:

"Os rios remontam às nascentes",

e Diógenes replicou: "Se estivesses doente e houvesses comprado um médico, em vez de obedecer-lhe recitarias – Os rios remontam às nascentes?" A alguém que desejava estudar filosofia com ele Diógenes deu um atum e ordenou à pessoa que o seguisse com o peixe na mão. Essa pessoa envergonhou-se de levá-lo, lançou-o fora e foi-se embora. Algum tempo depois o filósofo a encontrou e disse-lhe rindo: "Um atum desfez a nossa amizade." A versão dada por Dioclés, todavia, é a seguinte: Alguém lhe disse: "Às tuas ordens, Diógenes!" Diógenes levou essa pessoa consigo e lhe deu um queijo de meio óbolo para levar; diante da recusa do outro Diógenes exclamou: "Um queijo de meio óbolo desfez nossa amizade!"

(37) Certa vez Diógenes viu um menino bebendo água com as mãos em concha e jogou fora o copo que tirara da sacola dizendo: "Um menino me deu uma lição de simplicidade!" Ele jogou fora também sua bacia ao ver um menino que quebrara o prato comer lentilhas com a parte côncava de um pedaço de pão. Diógenes raciocinava da seguinte maneira: "Tudo pertence aos deuses; os sábios são amigos dos deuses; os bens dos amigos são comuns; logo, tudo pertence aos sábios." Em certa ocasião ele viu uma mulher dirigindo uma súplica aos deuses numa posição inconveniente. Querendo livrá-la da superstição, segundo relata Zoilos de Perga, Diógenes aproximou-se dela e lhe disse: "Não pensas, mulher, que o deus pode estar por trás de ti – pois tudo está cheio de sua presença –, e que deves ter vergonha?" (38) Diógenes consagrou a Asclépios um brigão que avançava contra as pessoas que caíam com a boca no chão e as esmurrava.

Dizia que todas as maldições da tragédia haviam caído sobre ele, e de qualquer modo era um homem

"sem cidade, sem lar, banido da pátria, mendigo, errante, na busca diuturna de um pedaço de pão"[428].

Diógenes afirmava que à Sorte podia opor a coragem, às convenções a natureza, à paixão a razão. Enquanto em certa ocasião o filósofo tomava sol no

426. O Cerameicôs era o bairro dos oleiros em Atenas.
427. Eurípides, *Medéia*, verso 410.
428. Fragmento trágico anônimo, 984 Nauck.

Cranêion, Alexandre, o Grande, chegou, pôs-se à sua frente e falou: "Pede-me o que quiseres!" Diôgenes respondeu: "Deixa-me o meu sol!" Alguém estava lendo em voz alta havia longo tempo, e ao fim do livro disse que já não restava nada escrito; então Diôgenes exclamou: "Coragem, homens! Vejo a terra!" A alguém que mediante argumentos sofísticos concluíra que ele tinha chifres, Diôgenes disse tocando em sua testa: "Quanto a mim, não os percebo."

(39) Diôgenes deu a seguinte resposta a alguém que sustentava que não existe o movimento: levantou-se e começou a caminhar. A outra pessoa que dissertava sobre os fenômenos celestes Diôgenes perguntou: "Há quantos dias chegaste do céu?" Um eunuco de mau caráter havia escrito na porta de sua casa: "Não entre aqui nenhum mal." Diôgenes comentou: "E por onde entra o dono da casa?" Enquanto friccionava os pés com ungüento dizia que da testa o ungüento vai para o ar, mas dos pés ia para suas narinas. Os atenienses instavam-no a iniciar-se nos mistérios, argumentando que os iniciados conseguem lugares privilegiados no Hades; Diôgenes então disse: "Seria ridículo se Agesílaos e Epamêinondas morassem no lodo, enquanto certas pessoas sem o mínimo valor fossem morar nas ilhas dos bem-aventurados."

(40) Vendo ratos subirem à sua mesa, disse: "Vede! Até Diôgenes sustenta parasitas!" Quando Platão o chamou de cão ele replicou: "É verdade, pois volto sempre a quem me vendeu." À saída dos banhos públicos alguém lhe perguntou se havia muitos homens banhando-se, e sua resposta foi: "Não"; perguntando-lhe outra pessoa se havia muita gente, a resposta foi: "Sim." Platão definira o homem como um animal bípede, sem asas, e recebeu aplausos; Diôgenes depenou um galo e o levou ao local das aulas, exclamando: "Eis o homem de Platão!" Em conseqüência desse incidente acrescentou-se à definição: "tendo unhas chatas". A alguém que lhe perguntou a que horas devia almoçar, sua resposta foi: "Se fores rico, quando quiseres; se fores pobre, quando puderes."

(41) Em Mégara ele viu as ovelhas protegidas por jaquetas de pele e os filhos dos megáricos nus, e comentou: "É melhor ser carneiro que filho de megárico." A alguém que o atingiu com uma trave e depois gritou: "Atenção!", Diôgenes replicou: "Queres atingir-me outra vez?" Ele definia os demagogos como lacaios da turba e as coroas conferidas a eles como a floração da glória. Durante o dia Diôgenes andava com uma lanterna acesa dizendo: "Procuro um homem!" Certa vez ele estava imóvel sob forte chuva; enquanto os circunstantes demonstravam compaixão, Platão, que estava presente, disse: "Se quiserdes compadecer-vos dele, afastai-vos", aludindo à sua vaidade. Um dia alguém o golpeou com o punho e Diôgenes disse: "Por Heraclés! Esqueci-me de que se deve caminhar protegido por um capacete!"

(42) Em outra ocasião Meidias o agrediu com os punhos e disse: "Há três mil dracmas a teu crédito!" No dia seguinte Diôgenes muniu-se de um par de luvas de pugilismo, deu-lhe um murro e exclamou: "Há três mil dracmas a teu crédito!" Quando o farmacêutico Lísias lhe perguntou se acreditava nos deuses Diôgenes respondeu-lhe: "Como não haveria de acreditar, se vejo que és odiado pelos deuses?" (outros autores atribuem esta resposta a Teôdoros). Vendo alguém realizar purificações religiosas Diôgenes disse: "Não sabes, infeliz, que da mesma forma que, fazendo a tua purificação, não poderias eximir-te dos erros de gramática, não conseguirás livrar-te dos pecados de tua vida?" Ele ridicularizava as

preces dos homens, observando que os mesmos não pedem os verdadeiros bens, e sim o que lhes parece bom.

(43) Às pessoas que se deixavam perturbar por sonhos Diôgenes falava: "Por tudo que realmente fazeis quando estais despertas não vos atormentais, porém usais toda a vossa perspicácia para entender o que imaginais no sono." Quando o arauto proclamou em Olímpia: "Diôxipos venceu os homens", Diôgenes o interrompeu para dizer: "Estes vencem os escravos, e eu venço os homens."[429]

Apesar de tudo os atenienses o amavam. Tanto era assim que quando um rapaz lhe quebrou o tonel os atenienses surraram o rapaz e deram outro tonel a Diôgenes. Dionísios, o estóico, afirma que após a batalha de Caironea ele foi detido e levado à presença de Filipe; perguntando-lhe este quem ele era, sua resposta foi: "Um observador de tua ambição insaciável." Por essa resposta Diôgenes conquistou a admiração do rei e foi posto em liberdade.

(44) Certa vez Diôgenes, presente à chegada de uma carta enviada por Alexandre a Antípatros em Atenas por intermédio de um certo Átlios, disse: "Um infeliz descendente de um infeliz, por intermédio de um infeliz a um infeliz."[430]

Em outra ocasião Perdicas ameaçou-o de morte se não fosse à sua presença. Diôgenes respondeu: "Nada há de extraordinário nessa ameaça, pois até um escaravelho ou uma tarântula poderia matar-me." Em vez disso ele acharia natural que a ameaça fosse no sentido de que Perdicas poderia viver perfeitamente feliz sem a sua companhia. Diôgenes proclamava freqüentemente que os deuses haviam concedido aos homens meios fáceis de vida, porém os homens perderam de vista esse benefício, pois necessitam de bolos de mel, de ungüentos e de coisas semelhantes. Pensando assim, a alguém que se deixava calçar por um servo Diôgenes disse: "Ainda não és feliz se este servo não te abana também o nariz; atingirás a felicidade completa quando tiveres perdido o uso das mãos."

(45) Certa vez ele viu os guardiães de um templo arrastando um serviçal que roubara uma taça pertencente ao tesouro sagrado, e disse: "Os grandes ladrões arrastam o pequeno ladrão." Em outra ocasião, vendo um jovem que atirava pedras numa cruz, Diôgenes exclamou: "Muito bem! Atingirás o alvo!".[431] A alguns jovens que o cercavam e diziam: "Cuidado para que não nos morda!", ele falou: "Coragem, rapazes! Um cão não come acelga." A alguém que se exibia orgulhosamente vestindo uma pele de leão Diôgenes disse: "Pára de desonrar as vestes da coragem!" A certa pessoa que considerava Calistenes feliz porque desfrutava do esplendor do séquito de Alexandre, o Grande, ele ponderou: "Calistenes é sem dúvida infeliz, pois almoça e janta quando Alexandre tem vontade."

(46) Se necessitava de dinheiro Diôgenes dirigia-se aos amigos dizendo que não o pedia como doação, e sim como restituição. Em certa ocasião esse filósofo masturbava-se em plena praça do mercado e dizia: "Seria bom se, esfregando também o estômago, a fome passasse!" Vendo um rapaz saindo para jantar com alguns sátrapas, levou-o consigo e o encaminhou a seus familiares recomendando que cuidassem dele. A um rapaz tratado com cosméticos que lhe fez uma pergunta, disse que não responderia antes de ele despir-se e mostrar-lhe se era

429. Veja-se o § 33 deste livro.
430. *Áthlios*, além de ser o nome do mensageiro, significa "infeliz"; daí a quádrupla repetição.
431. Ou seja: "serás crucificado".

homem ou mulher. A um rapaz que praticava o *côtabos*[432] num banho público Diôgenes disse: "Quanto melhor jogares, pior para ti!" Durante um banquete algumas pessoas lançaram-lhe ossos como a um cão; levantando-se, o filósofo urinou sobre os ossos, como faria um cão.

(47) Diôgenes chamava de "três vezes homens" os retores e todos os que buscam a glória na eloqüência, querendo dizer "três vezes infortunados". De um ignorante rico ele costumava dizer que era uma ovelha com o tosão de ouro. Observando na casa de um devasso o anúncio "Vende-se", Diôgenes comentou: "Eu sabia que depois de tanta depravação vomitarias facilmente o dono." A um jovem que se queixava do grande número de admiradores importunos ele disse: "Cessa de provocá-los exibindo esses sinais de convite." De um banho público sujo Diôgenes disse: "Onde devem ir lavar-se as pessoas que se banharam aqui?" Um citaredo muito gordo era ridicularizado por todos e elogiado apenas por Diôgenes; perguntaram-lhe a razão dessa atitude e a resposta foi: "porque, apesar de ser tão corpulento, ele canta com sua citara em vez de tornar-se um ladrão".

(48) A um citaredo sempre abandonado pelos ouvintes ele dirigiu a saudação: "Salve, galo!"; quando lhe perguntaram por que o saudara assim Diôgenes respondeu: "Porque o seu canto faz todo mundo levantar-se." Enquanto um jovem exibia-se proferindo um discurso muito elaborado, Diôgenes, que enchera a parte da frente de seu manto com tremoços, comia-os sofregamente diante do orador; chamando assim a atenção dos presentes ele disse que estava muito surpreso ao ver que estes se desinteressavam do orador para observá-lo. A uma pessoa muito supersticiosa que lhe disse: "Com um único golpe quebrar-te-ei a cabeça" o filósofo replicou: "E eu, com um simples espirro da narina esquerda, far-te-ei tremer." Diante das súplicas de Hegesias para que lhe emprestasse um de seus escritos, Diôgenes disse: "És um tolo, Hegesias; preferes os figos secos reais, e não os pintados, porém queres adquirir a prática da vida nos livros, e não na realidade cotidiana."

(49) Quando alguém o reprovou por seu exílio sua resposta foi: "Mas me dediquei à filosofia por causa disso, infeliz!" Dizendo outra pessoa que o povo de Sinope o condenara ao exílio, Diôgenes replicou: "E eu o condenei a permanecer onde estava." Em certa ocasião ele viu um vencedor olímpico pastoreando ovelhas e disse: "Passaste muito depressa de Olímpia para Nemea."[433] Perguntaram-lhe certa vez por que é tão grande a estupidez dos atletas; sua resposta foi: "Porque se compõem de carne de porco e de boi." Em outra ocasião Diôgenes pediu uma esmola a uma estátua; a alguém que lhe perguntou a razão do pedido o filósofo explicou: "Para habituar-me a pedir em vão." Compelido pela pobreza a pedir uma esmola a alguém, acrescentou: "Se já deste a outro, dá-me também; se não, começa por mim."

(50) Um tirano perguntou-lhe qual seria o melhor bronze para uma estátua, e sua resposta foi: "O bronze com que foram feitas as estátuas de Harmôdios e Aristogêiton."[434] Perguntaram-lhe também como Dionísios costumava tratar os amigos. Diôgenes disse: "Como sacos; enquanto estão cheios ele os mantém de pé, e quando ficam vazios joga-os fora." Um recém-casado escreveu em sua casa:

432. Jogo que consistia em derramar com destreza o vinho, de certa altura, numa taça.
433. *Nemea* era o local dos Jogos Nemeus e também significava "a moita do pastor".
434. Os mais famosos tiranicidas atenienses.

"Nesta casa reside Heraclês vitorioso; filho de Zeus; nada de mal entre aqui." Diôgenes acrescentou: "Depois da guerra, a aliança." Diôgenes definia o amor ao dinheiro como a metrópole de todos os males. Vendo um devasso comendo azeitonas numa taverna ele disse: "Se tivesses almoçado deste modo, não estarias jantando assim."

(51) Definia os homens bons como imagens dos deuses, e o amor como a ocupação de desocupados. Perguntaram-lhe o que havia de mais miserável na vida e sua resposta foi: "Um velho na miséria." Perguntaram-lhe também de que animal a mordida era pior, e ele respondeu: "Do sicofanta entre os animais selvagens, e do adulador entre os animais domésticos." Vendo em certa ocasião dois centauros mal-pintados, perguntou: "Qual dos dois é Quêiron?"[435]. Diôgenes comparava um discurso cativante com um laço de forca untado com mel, e definia o estômago como a Caríbdis da vida[436]. Em certa ocasião Diôgenes ouviu dizer que o flautista Didímon havia sido flagrado em adultério e comentou: "Já pelo nome ele merece a força."[437] À pergunta: "Por que o outro é pálido?", sua resposta foi: "Porque há muita gente pérfida tramando contra ele." Ao ver uma mulher sendo levada numa liteira, disse: "A jaula não é proporcional à caça."

(52) Vendo um servo fugitivo sentado na borda de um poço, gritou: "Cuidado, rapaz, para não caíres aí dentro!". Ao ver um menino roubando roupas num banho público, disse: "É para um pouco de ungüento ou para uma roupa nova?"[438]. Vendo uma mulher pendurada numa oliveira Diôgenes exclamou: "Seria ótimo se todas as árvores produzissem frutas como essa!". Vendo um ladrão de roupas, disse:

"Que fazes aqui, homem ótimo? Vieste saquear algum cadáver?"[439].

Perguntaram-lhe se dispunha de algum servo ou serva e ele disse que não; quando o autor da pergunta acrescentou: "E quem te levará ao cemitério quando morreres?", sua resposta foi: "Quem quiser a minha casa."

(53) Notando um belo jovem que dormia numa posição em que se expunha demais, tocou-lhe as costas e disse:

"Acorda, homem, para evitar que alguém te enfie uma lança por trás."[440]

A alguém que gastava exageradamente em festas suntuosas, disse:

"Tua vida será curta, filho, por causa do que compras."[441]

Ouvindo uma preleção de Platão sobre as idéias, na qual esse filósofo se referia a nomes como "mesidade" e "tacidade"[442], Diôgenes ponderou: "A mesa e a taça eu vejo, Platão porém tua mesidade e tacidade não posso ver de forma alguma." "Isso é lógico"; respondeu Platão, "pois tens olhos para ver a taça e a mesa, mas não tens mente para perceber a mesidade e a tacidade".

(54) Alguém perguntou: "Que espécie de homem pensas que Diôgenes é?" A resposta de Platão foi: "Um Sócrates demente." Quando lhe perguntaram qual era

435. *Khêiron* é o nome de um centauro famoso na mitologia grega e significa também "pior".
436. Ou seja, "um sorvedouro de bens".
437. *Dídymoi* = testículos.
438. Jogo de palavras com *aleimátion* ("pequena massagem com ungüento") e *all'himátion* ("para uma roupa").
439. A segunda parte corresponde a um verso de Homero, *Ilíada*, X, 343, 387.
440. Compare-se o verso 95 do canto VIII da *Ilíada*.
441. Veja-se o verso 95 do canto XVIII da *Ilíada*.
442. Ou seja, a qualidade daquilo que é mesa e daquilo que é taça.

a idade oportuna para casar Diôgenes respondeu: "Quando se é jovem, ainda não é tempo; para um homem idoso, nunca mais." Perguntaram-lhe em que circunstâncias ele consentiria em receber um murro na cabeça, e a resposta foi: "Estando protegido por um capacete." Vendo um rapaz vestido com requinte excessivo, disse: "Se te adornas para os homens, és um tolo; se para as mulheres, és um impostor." Em certa ocasião Diôgenes percebeu que um jovem ficara ruborizado, e disse: "Coragem! Esta é a cor da excelência moral!" Em outra ocasião ouvia a discussão de dois advogados, e condenou os dois, dizendo que sem dúvida um deles havia roubado, e o outro nada tinha perdido. A alguém que lhe perguntou qual o vinho que preferia beber o filósofo respondeu: "O vinho alheio." A alguém que lhe disse: "Muita gente ri de ti", sua resposta foi: "Mas eu não rio de mim mesmo."

(55) Diôgenes corrigiu da seguinte maneira alguém que declarou que a vida é um mal: "Não a vida, mas viver erradamente." A alguém que tentava convencê-lo a perseguir seu escravo fugitivo, sua resposta foi: "Seria ridículo, se Manes pode viver sem Diôgenes, que Diôgenes não pudesse viver sem Manes." Quando, na primeira refeição, comia azeitonas no meio das quais se pusera um bolo, ele o afastou e lhe dirigiu as seguintes palavras:

"Dá passagem aos tiranos, estrangeiro!"[443]

Em outra ocasião suas palavras foram:

"Ele açoitou a azeitona."[444]

Perguntaram-lhe que espécie de cão ele era; sua resposta foi: "Quando estou com fome, um maltês; quando estou farto, um molosso – duas raças muito elogiadas, mas as pessoas, por temerem a fadiga, não se aventuram a sair com eles para a caça. Da mesma forma não podeis conviver comigo; porque receais sofrer."

(56) Quando lhe perguntaram se os sábios comem bolos ele respondeu: "De todas as espécies, com o resto dos homens." Perguntaram-lhe também por que as pessoas dão esmolas aos mendigos, mas não dão aos filósofos, e Diôgenes respondeu: "Por que pensam que podem tornar-se um dia aleijados ou cegos, porém filósofos nunca." Certa vez pediu alguma coisa a um avarento; este demorava, e Diôgenes falou: "Estou pedindo para comprar alimentos, e não para as despesas do funeral." Censurado em certa ocasião por haver falsificado dinheiro, disse: "Foi numa época em que eu era como és agora, porém jamais serás como sou agora." E a alguém que lhe dirigia a mesma censura Diôgenes replicou: "Naquela época eu urinava rapidamente, mas hoje não." (57) Chegando a Mindos e vendo as portas grandes embora a cidade fosse pequena, exclamou: "Fechai as portas, homens de Mindos, para evitar que a cidade saia por elas!" Vendo alguém que havia sido flagrado roubando púrpura, disse:

"Foi colhido pela morte purpúrea e pela poderosa Moira."[445]

Insistindo Cráteros em hospedá-los, Diôgenes disse: "Prefiro lamber sal em Atenas a desfrutar da rica mesa de Cráteros." Encontrando Anaximenes, que estava gordo, disse-lhe: "Partilha conosco, os mendigos, a abundância de teu ventre; será um alívio para ti e uma vantagem para nós." Quando o mesmo Anaximenes fazia uma preleção, Diôgenes, mostrando um peixe salgado,

443. Verso de Eurípides, *Fenícias*, 40.
444. Veja-se Homero, *Ilíada*, V, 366 e VIII, 45.
445. Homero, *Ilíada*, V, 83.

conseguiu atrair a atenção de seus ouvintes. Essa atitude irritou Anaximenes e Diôgenes disse: "Um pedaço de peixe salgado valendo um óbolo interrompeu a prelação de Anaximenes."

(58) Censurado certa vez por estar comendo em plena praça do mercado, Diôgenes replicou: "Mas senti fome na praça do mercado!" Alguns autores atribuem-lhe também a seguinte anedota: Platão o viu enquanto lavava verduras e se aproximou, segredando-lhe ao ouvido: "Se cortejasses Dionísios não estarias lavando verduras." Diôgenes respondeu-lhe também ao ouvido: "E se lavasses verduras não terias de cortejar Dionísios." A alguém que lhe disse: "Muitas pessoas riem de ti", sua resposta foi: "Talvez os asnos riam delas, mas nem elas se incomodam com os asnos, nem eu com elas." Em certa ocasião, observando um jovem que estudava filosofia, disse-lhe: "Muito bem! Levas os admiradores de teu corpo a apreciar a beleza da alma!"

(59) Notando a admiração de alguém diante das oferendas votivas em Samotrácia, seu comentário foi: "Haveria um número muito maior se as pessoas que não se salvaram tivessem podido trazer as suas oferendas" (outros autores atribuem essa frase a Diagoras de Melos). A um belo rapaz que estava saindo para um banquete Diôgenes disse: "Voltarás pior." Regressando no dia seguinte o rapaz disse a Diôgenes: "Voltei sem me tornar pior." Diôgenes replicou: "Quêiron, não, mas Eurition voltou pior."[446] Certa vez Diôgenes pediu uma esmola a um homem intratável, que lhe disse: "Se conseguires persuadir-me." A réplica de Diôgenes foi: "Se pudesse persuadir-te, seria para te esforcares." Por ocasião de sua volta da Lacedemônia para Atenas alguém lhe perguntou: "De onde e para onde?" "Dos aposentos dos homens para os das mulheres", respondeu Diôgenes.

(60) Ele estava regressando de Olímpia e lhe perguntaram se havia muita gente lá. "Sim", disse o filósofo, "muita gente porém poucos homens". Diôgenes comparava os libertinos às árvores que crescem à beira de precipícios, e cujos frutos os homens não provam, mas são comidos pelos corvos e abutres. Dizem que na Afrodite de ouro consagrada por Friné em Delfos Diôgenes mandou gravar a inscrição "Oferenda da incontinência helênica." Certa vez Alexandre o encontrou e exclamou: "Sou Alexandre, o grande rei"; "E eu", disse ele, "sou Diôgenes, o cão". Perguntaram-lhe o que havia feito para ser chamado de cão, e a resposta foi: "Balanço a cauda alegremente para quem me dá qualquer coisa, ladro para os que recusam e mordo os patifes."

(61) Diôgenes estava colhendo figos, e o guardião do local disse-lhe que pouco tempo antes alguém se enforcara naquela mesma árvore; "Então vou purificá-la agora", respondeu o filósofo. Vendo um vencedor olímpico dirigir olhares insistentes a uma cortesã ele comentou: "Eis um carneiro cheio de ardor combativo sendo levado pelo pescoço, fascinando uma moça vulgar." O filósofo comparava as belas cortesãs a poções mortais de mel. Enquanto ele fazia a primeira refeição na praça do mercado os circunstantes repetiam: "Cão!", e Diôgenes dizia: "Cães sois vós, que estais à minha volta enquanto faço a minha refeição!" Dois homens lânguidos tentavam evitá-lo, mas o filósofo lhes gritou:

446. Jogo de palavras intraduzível literalmente; veja-se a nota 435. Quêiron era um centauro sábio, enquanto Euritíon, outro centauro, bebia imoderadamente.

"Não vos acovardeis, pois um cão não gosta de acelga!" (62) Perguntaram-lhe de onde era um menino que se prostituía, e a resposta foi: "De Tegea."[447]

(62) Vendo um lutador estúpido que praticava a medicina, disse-lhe: "Que significa isto? Queres mandar para o outro mundo aqueles que te vencem nas competições?" Em outra ocasião Diôgenes viu o filho de uma cortesã lançar pedras contra a multidão e gritou: "Tem cuidado para não atingires teu pai!" A um menino que lhe mostrava um punhal recebido de um admirador o filósofo lhe disse: "Um belo punhal com um cabo feio!" Quando algumas pessoas elogiavam alguém que lhe havia dado uma coisa qualquer, Diôgenes comentou: "E não me louvais, a mim que mereci recebê-la?" A alguém que lhe pediu a restituição do manto, respondeu: "Se o manto me foi dado, é meu; se me foi emprestado, estou usando-o." Dizendo-lhe um filho putativo que tinha ouro em sua roupa, Diôgenes retrucou: "É verdade, e é por isso que dormes com ele sob o travesseiro." (63) Perguntaram-lhe o que ganhava com a filosofia, e a resposta foi: "No mínimo, estar preparado para enfrentar todas as vicissitudes da sorte." Interrogado sobre sua pátria, respondeu: "Sou um cidadão do mundo." Vendo um casal oferecer um sacrifício aos deuses para ter um filho, Diôgenes disse: "Mas não sacrificastes para saber que espécie de filho nascerá?" Certa vez pediram-lhe uma contribuição para uma associação, e ele disse ao presidente:

"Despoja os demais, porém conserva as mãos longe de Hêctor!"[448]

Diôgenes definia as cortesãs como rainhas dos reis, pois dizia que os reis fazem tudo que elas querem. Quando os atenienses conferiram por lei o título de Diônisos a Alexandre, o Grande, Diôgenes propôs: "Fazei de mim Sárapis!"[449]. A quem o censurava por ir a lugares sujos, ele respondia: "O sol também penetra nas latrinas, mas não é contaminado."

(64) Enquanto jantava num templo foram-lhe servidos pães com impurezas; Diôgenes apanhou-os e jogou-os fora, dizendo que nada impuro deve entrar no templo. A alguém que lhe falou: "Não sabes coisa alguma e te fazes de filósofo", sua resposta foi: "Aspirar à filosofia também é filosofar." Alguém lhe trouxe um menino, dizendo-lhe que era muito bem dotado e tinha ótimos costumes; "Para que, então, ele necessita de mim?", ponderou Diôgenes. Comparava a uma cítara as pessoas que falam coisas excelentes porém não as praticam, pois a cítara, à semelhança de tais pessoas, nada ouve e nada percebe. Ele entrava no teatro encontrando frente a frente os espectadores que saíam, e quando lhe perguntaram por que, respondeu: "Isso é o que procuro fazer em toda a minha vida."

(65) Vendo um jovem efeminado, Diôgenes lhe disse: "Não te envergonhas por pretenderes ser pior para ti mesmo que a natureza? Ela te faz homem e queres ser mulher à força." Vendo um tolo que tentava afinar uma lira, disse-lhe: "Tu, que afinas o som de um objeto de madeira, não te envergonhas de não afinar a tua alma à vida?" A alguém que lhe declarou: "Não tenho inclinação para a filosofia", Diôgenes disse: "Por que vives, se não cuidas de viver bem?" A um filho que desprezava os pais suas palavras foram: "Não te envergonhas de desprezar aqueles a quem deves o dom de poder bravatear? Vendo um jovem bem apessoado que

447. *Tegea* era uma cidade da Grécia e *tegos* significa prostíbulo.
448. Verso supostamente homérico, que não consta do texto conservado do poeta.
449. Sárapis era uma divindade egípcia representada com a cabeça de um cão.

falava mal, seu comentário foi: "Não te envergonhas de sacar uma espada de chumbo de uma bainha de marfim?"

(66) Censurado por estar bebendo numa taverna, o filósofo replicou: "Também corto o cabelo numa barbearia." Criticado por aceitar um manto de Antípatros, sua resposta foi:

"Não devemos desprezar os dons magníficos dos deuses."[450]

Alguém o atingiu primeiro com uma trave e depois disse: "Atenção!"[451]; após haver esbordoado essa pessoa, Diôgenes exclamou: "Atenção!" A alguém que tentava insistentemente obter os favores de uma cortesã, suas palavras foram: "Por que, infeliz, queres obter o que é melhor não obter?" A certa pessoa que passava ungüento perfumado nos cabelos, Diôgenes disse: "Tem cuidado para que o perfume de tua cabeça não traga maus odores à tua vida!" Ele dizia que os estultos obedecem às paixões da mesma forma que os escravos obedecem a seus senhores.

(67) A alguém que lhe perguntou por que os servos se chamam *andrápoda*, sua resposta foi: "Porque têm os pés de homens (*tous podas andron*), mas têm a alma como tu, que me fazes esta pergunta." O filósofo pediu certa vez uma mina a um devasso, que lhe perguntou por que dos outros pleiteava apenas um óbolo, e dele uma mina; Diôgenes respondeu: "Porque espero receber dos outros novamente, porém só Deus sabe[452] se jamais receberei outra esmola de ti." Alguém o censurou por pedir, enquanto Platão não pedia; Diôgenes disse: "Ele também pede, mas aproximando a cabeça, para que os outros não ouçam."[453] Vendo um mau arqueiro, Diôgenes sentou-se perto do alvo, dizendo: "Para não ser atingido." Ele dizia que os amantes derivam seus prazeres do próprio infortúnio.

(68) A alguém que lhe perguntou se a morte era um mal, sua resposta foi: "Como poderia ser um mal se quando está presente não a percebemos?" Em certa ocasião Alexandre, o Grande, ficou à sua frente e perguntou-lhe: "Não me temes?" Sua resposta foi: "Que és tu? Um bem ou um mal?" Alexandre respondeu: "Um bem." Então Diôgenes concluiu: "E quem teme um bem?" Em sua opinião a educação é moderação para os jovens, consolo para os velhos, riqueza para os pobres e um ornamento para os ricos. Ao adúltero Didímon, que certa vez medicava o olho de uma menina, ele disse: "Curando o olho da menina, tem cuidado para não prejudicar a pupila."[454] Dizendo-lhe alguém que os amigos estavam tramando contra ele, sua resposta foi: "Que se pode fazer, então, se se deve tratar os amigos e inimigos de maneira idêntica?".

(69) A alguém que lhe perguntou qual era a coisa mais bela entre os homens esse filósofo respondeu: "A liberdade de palavra." Entrando numa escola, Diôgenes viu muitas estátuas das Musas e poucos alunos, e disse: "Contando com os deuses, mestre, tens muitos alunos." Ele costumava fazer tudo em público, inclusive os trabalhos de Deméter e de Afrodite[455], e se justificava com os seguintes argumentos: "Se fazer as refeições não é absurdo, então não é absurdo fazê-las na praça do mercado." Costumava masturbar-se em público e ponderava: "Seria

450. Homero, *Ilíada*, III, 65.
451. Veja-se o § 41 deste livro.
452. Literalmente: "está nos joelhos dos deuses".
453. Homero, *Odisséia*, I, 157 e IV, 70.
454. *Kore* significa "menina" e "pupila" (como em português "a menina dos olhos")
455. Ou seja, comer e copular.

ótimo se pudéssemos aplacar a fome esfregando o estômago."[456] Atribuíram-se-lhe numerosos outros ditos, cuja transcrição seria excessivamente longa.

(70) Diôgenes dizia que há dois tipos de exercício: o espiritual e o físico. Na prática constante do exercício físico formam-se percepções que tornam mais expedita a prática da excelência. O exercício físico e o espiritual se integram e se completam. As condições físicas satisfatórias e o vigor são elementos fundamentais para a saúde da alma e do corpo. Aduzia provas para demonstrar que o exercício físico contribui para a conquista da excelência. Observava que tanto os artesãos humildes como os grandes artistas adquiriam habilidade notável graças ao exercício constante de sua arte, e que os flautistas e os atletas deviam sua superioridade a uma dedicação assídua e fatigante. E se estes transferissem seus esforços para o aprimoramento da alma, tais esforços não seriam inúteis nem destituídos de objetivo.

(71) Com efeito, nada na vida se pode obter sem exercício, e este é capaz de sobrepor-se a tudo. Eliminados então os esforços inúteis, o homem que escolhe os esforços requeridos pela natureza vive feliz. A falta de discernimento para perceber os esforços necessários é a causa da infelicidade humana. O próprio desprezo do prazer para quem está habituado a ele é sumamente agradável. É da mesma forma que as pessoas habituadas a viver em meio aos prazeres passam relutantemente a um modo de viver oposto, aqueles que se exercitam de maneira contrária desprezam com maior naturalidade os próprios prazeres. Eram estes os seus preceitos, e por eles Diôgenes moldou sua vida. De fato, ele adulterou moeda corrente porque atribuía importância menor às prescrições das leis que às da natureza, e afirmava que sua maneira de viver era a de Heraclês, que preferia a liberdade a tudo mais.

(72) Diôgenes sustentava que tudo pertence ao sábio, e demonstrava a veracidade de sua asserção com os seguintes argumentos, já mencionados acima[457]: tudo pertence aos deuses; os deuses são amigos dos sábios; os bens dos amigos são comuns; logo, tudo pertence aos sábios. Em relação às leis, segundo Diôgenes, não é possível a existência de um Estado sem elas. Esse filósofo afirma que sem uma cidade a própria civilização não tem utilidade alguma; a cidade é uma comunidade civilizada e organizada; sem a cidade as leis não têm utilidade; logo, a lei é a civilização. Diôgenes ridicularizava a nobreza de nascimento, a fama e similares, chamando-as de ornamento ostentatório do vício. A única organização política correta, dizia ele, é a universal. Defendia a comunidade das mulheres, e não reconhecia outro casamento além da união do homem que persuade com a mulher que se deixa persuadir. Conseqüentemente, os filhos devem ser também comuns.

(73) Diôgenes nada via de estranho em roubar qualquer coisa de um templo ou em comer a carne de qualquer animal, nem via qualquer impiedade em comer a carne humana, como faziam sabidamente alguns povos estrangeiros. De acordo com a reta razão ele dizia que todos os elementos estão contidos em todas as coisas e impregnam todas as coisas; sendo assim, no pão há carne e nas verduras há pão; e todos os outros corpos, por meio de certos condutos e partículas invisíveis,

456. Veja-se o § 46 deste livro.
457. Veja-se o § 37 deste livro.

também encontram o seu caminho para todas as substâncias e se unem a elas sob a forma de vapor, como o filósofo esclarece no *Tiestes* (se as tragédias são suas e não de seu amigo Filiscos de Áigina ou de Pasífon da Lícia, que as teria composto após a morte de Diôgenes, como afirma Favorinos em suas *Histórias Variadas*). Diôgenes sustentava que não devemos dar importância à música, à geometria, à astronomia e estudos semelhantes, por serem inúteis e desnecessários.

(74) Diôgenes era extraordinariamente rápido para responder a perguntas que lhe eram feitas, como evidenciam os exemplos que demos acima. Além disso, quando foi vendido como escravo demonstrou uma altivez nobilitante e extraordinária perseverança. Com efeito, em uma viagem à Áigina ele foi capturado por piratas sob o comando de Squírpalos[458], levado para Creta e exposto à venda. Perguntando-lhe o pregoeiro o que ele sabia fazer, Diôgenes respondeu: "Comandar os homens."[459] Em seguida apontou para um cidadão de Corinto, que vestia um manto com debruns de púrpura (Xeniades, mencionado mais acima), e disse: "Vende-me a este homem; ele necessita de um senhor." Xeniades realmente comprou-o e o levou para Corinto, onde lhe confiou a educação dos filhos e a administração doméstica. Em todos os detalhes Diôgenes mostrou-se um administrador de tal maneira eficiente que seu senhor dizia por onde passava: "Um gênio bom entrou em minha casa."

(75) Em sua obra intitulada *Pedagógico*, Cleomenes afirma que os amigos queriam resgatá-lo, e por isso ele os chamou de tolos; de fato, disse o filósofo, os leões não são escravos de quem os alimenta, e quem os alimenta é escravo dos leões; o escravo tem medo, ao passo que as feras amedrontam os homens. Diôgenes possuía o dom maravilhoso de persuadir, de tal maneira que seus argumentos prevaleciam sobre os de qualquer pessoa. Conta-se a esse respeito que um certo Onesícritos de Áigina, que tinha dois filhos, mandou um deles, Androstenes, a Atenas; este, após ouvir as lições de Diôgenes, passou a viver naquela cidade. Então o pai mandou o outro filho, que era mais idoso – o já mencionado Filiscos[460] – à procura do primeiro, porém Filiscos permaneceu igualmente em Atenas. (76) Finalmente, em terceiro lugar, o próprio pai juntou-se aos dois filhos e dedicou-se à filosofia com eles, tão forte era o fascínio exercido por Diôgenes com suas palavras.

Ouviram-lhe também as lições Focion, cognominado o Honesto, e Stílpon de Mégara, além de muitos outros políticos. Dizem que Diôgenes morreu aproximadamente aos noventa anos de idade. Circulam diversas versões acerca de sua morte. Uma diz que após haver comido um polvo cru ele contraiu o cólera e morreu. Segundo outra versão, esse filósofo morreu voluntariamente, prendendo a respiração. Essa versão aparece também em Cercidas de Megalópolis, que se exprime da seguinte maneira em seus *Meliambos*[461]:

> "Já não existe, ele, que foi cidadão de Sinope, famoso por seu bastão, pelo manto dobrado e por viver ao ar livre; (77) foi para o céu, apertando os lábios contra os dentes e prendendo a respiração, tendo sido realmente um verdadeiro Diôgenes[462] de Zeus, cão do céu."

458. Ou Hárpalos, segundo Cícero, *Da Natureza dos Deuses*, III, 34, 83.
459. Veja-se o § 29 deste livro.
460. Veja-se o § 73 deste livro.
461. Fragmento 6 Diehl.
462. *Diôgenes* significa "nascido de Zeus".

Circulava ainda outra versão, segundo a qual Diógenes, enquanto dividia um polvo entre os cães, foi mordido no tendão do pé por um dos cães e morreu. Segundo Antistenes na *Sucessão dos Filósofos*, seus amigos acreditavam que ele tivesse morrido voluntariamente prendendo a respiração. Ele costumava ficar no Cranêion, o ginásio situado nas imediações de Corinto; em certa ocasião, como de costume, chegando ao local os amigos o encontraram todo envolto no manto e supuseram que dormisse, embora raramente se entregasse ao sono. Em seguida levantaram-lhe o manto e verificaram que Diógenes já não respirava. Pensaram por isso que se tratasse de um ato deliberado para fugir dessa maneira ao que lhe restava da vida.

(78) Segundo se conta, eclodiu então uma querela entre seus amigos para saber qual deles o sepultaria – dizem que eles foram ao extremo de esmurrar-se. Chegaram em seguida os pais desses amigos e outras pessoas influentes e o sepultaram perto da porta que leva ao Istmo. Sobre o túmulo foi posta uma coluna, em cujo topo havia um cão de mármore pário. Mais tarde seus próprios concidadãos o homenagearam com estátuas de bronze, nas quais inscreveram os seguintes versos[463]:

> "O próprio bronze envelhece com o tempo, mas tua glória, Diógenes, nem toda a eternidade destruirá; pois apenas tu ensinaste aos mortais a lição da auto-suficiência na vida e a maneira mais fácil de viver."

(79) Há também um epigrama nosso dedicado a ele, em metro proceleusmático[464]:

> "A. Vem dizer-me, Diógenes, que destino te levou ao Hades.
> B. O dente selvagem de um cão."

Alguns autores, entretanto, relatam que ao morrer Diógenes deixou instruções para que o lançassem insepulto em qualquer lugar, a fim de que todos os animais selvagens pudessem devorá-lo, ou para que o jogassem numa vala e o recobrissem com um pouco de pó. Mas, segundo outros autores, suas instruções foram no sentido de o lançarem no rio Ilissós, para que pudesse ser útil a seus irmãos. Em sua obra *Homônimos*, Demétrios afirma que Diógenes morreu no mesmo dia da morte de Alexandre, o Grande, na Babilônia. O filósofo já era velho na 113ª Olimpíada[465].

(80) Atribuem-se a Diógenes as seguintes obras: *Cefalíon, Ictias, A Gralha, Pôrdalos, O Povo Ateniense, A República, A Arte da Ética, Da Riqueza, Do Amor, Teôdoros, Hípsias, Arístarcos, Da Morte, Cartas.* Sete tragédias: *Helena, Tiestes, Heraclés, Aquileus, Medéia, Crísipos, Édipo.*

Sosicrates no primeiro livro de suas *Sucessões*, e Sátiro no quarto livro de suas *Vidas*, dizem que Diógenes nada escreveu, e Sátiros acrescenta que as tragédias medíocres são de autoria de seu amigo Filiscos de Áigina. Em seu sétimo livro, Sotion atribui a Diógenes somente as seguintes obras: *Da Excelência, Do Bem, Do Amor, O Mendigo, Tolmaios, Pôrdalos, Cássandros, Cefalíon, Filiscos, Arístarcos, Sísifos, Ganimedes, Anedotas, Cartas.*

(81) Houve cinco personagens com o nome Diógenes. O primeiro, de Apolônia, filósofo naturalista. O início de seu tratado é o seguinte: "No preâmbulo

463. *Antologia Palatina*, XVI, 334.
464. *Antologia Palatina*, VII, 116.
465. 324-321 a.C..

de qualquer discurso parece-me necessário estabelecer-se um princípio irrefutável." O segundo, de Sicione, autor de uma *História do Peloponeso*. O terceiro, o filósofo de quem estamos tratando. O quarto, um filósofo estóico nascido em Seleucia, conhecido também como o Babilônio, porque Seleucia está situada nas proximidades da Babilônia. O quinto, de Tarsos, autor de uma obra sobre problemas poéticos, que procura resolver.

No oitavo livro de seus *Passeios Filosóficos*, Atenôdoros diz que nosso filósofo tinha a pele sempre brilhante porque costumava usar ungüentos.

Capítulo 3. MÔNIMOS[466]

(82) Mônimos de Siracusa foi discípulo de Diógenes; segundo Sosicrates, era serviçal de um banqueiro de Corinto, a quem Xeniades, o comprador de Diógenes, fazia visitas freqüentes, e comentando a excelência de Diógenes nos atos e nas palavras suscitou em Mônimos uma admiração apaixonada por Diógenes. Mônimos passou então a fingir-se de louco e jogava fora moedas e todo o dinheiro que estivesse na mesa do banqueiro, até que este o despediu. Então Mônimos dedicou-se imediatamente a Diógenes. Seguiu também muito de perto o cínico Crates, e tinha propósitos idênticos. Diante disso, seu senhor, observando-lhe o procedimento, ficou ainda mais convencido de sua loucura.

(83) A reputação de Mônimos chegou a tal ponto que o poeta cômico Mênandros o mencionou. De fato, em uma de suas comédias – *O Cavalariço* – esse poeta diz o seguinte[467]:

> "A. Mônimos era certamente um homem sábio, Filon, embora um pouco menos famoso.
> B. Aquele que carregava a sacola?
> A. Não uma, e sim três sacolas. Aquele homem, todavia, não pronunciou, por Zeus, sentença alguma comparável à famosa 'Conhece-te a ti mesmo', nem outras proverbiais, porém muito mais longe foi aquele mendigo sujo, afirmando que é vão qualquer pensamento humano."

Mônimo foi um homem extremamente sério, a ponto de desprezar a glória e buscar somente a verdade. Compôs poemas leves misturados com uma seriedade dissimulada, e escreveu além disso dois livros: *Dos Impulsos* e *Exortação à Filosofia*.

Capítulo 4. ONESÍCRITOS[468]

(84) Segundo alguns autores, Onesícritos nasceu em Áigina, porém Demétrios de Magnesia diz que ele era de Astipalaiá; foi um dos discípulos ilustres de Diógenes. Sua carreira assemelha-se de certo modo à de Xenofon; com efeito, este último juntou-se à expedição de Ciros, e Onesícritos à de Alexandre, o Grande; o primeiro escreveu a *Ciropedia*, e o segundo descreveu a educação de Alexandre, sendo uma dessas obras um elogio a Ciros, e a outra a Alexandre. Até no estilo os dois se assemelham, com a diferença de que Onesícritos, como seria de esperar de um imitador, é inferior ao modelo.

466. Século IV a.C..
467. Fragmento 215 Koerte.
468. Estava no apogeu aproximadamente em 330 a.C..

Entre outros discípulos de Diôgenes citam-se: um Mênandros, cognominado "Drimos"[469], admirador de Homero; Hegesias de Sinope, cujo apelido era "Coleira"; e Filiscos de Áigina, mencionado acima.

Capítulo 5. CRATES[470]

(85) Crates, filho de Ascondas, nasceu em Tebas, e se inclui entre os discípulos ilustres do Cão. Hipôbatos, entretanto, afirma que Cebes não foi discípulo de Diôgenes, e sim de Brison, o aqueu. Atribuem-se-lhe os seguintes versos jocosos[471]:

> "Existe uma cidade, Pere, envolta em vapores escuros, cor de vinho, bela e fértil, suja e carente de tudo. Não navegam até lá nem tolos, nem parasitas, nem glutões, que se regalam com as nádegas das prostitutas. Mas a cidade produz timo, alho, figos e pães; seus habitantes não se digladiam por essas coisas, nem recorrem às armas por dinheiro ou pela glória."

(86) Há também uma anotação de seu diário em versos, muito conhecido, cujo teor é o seguinte:

> "Dá ao cozinheiro dez minas, ao médico um dracma, ao adulador cinco talentos, fumaça ao conselheiro, à prostituta um talento, três óbolos ao filósofo."

Crates era chamado "Abridor de Portas", porque entrava em qualquer casa para dar bons conselhos. São também de sua autoria os versos seguintes[472]:

> "Possuo o que aprendi e pensei, os sagrados preceitos das Musas; as riquezas acumuladas pertencem à vaidade."

A vantagem que tirou da filosofia foi[473]

> "uma quênice de tremoços e não me preocupar com coisa alguma".

É de Crates também o famoso dístico[474]:

> "A fome acalma o amor, ou se não ela o tempo; se nem isso resolver, um laço de corda."

(87) Crates estava no apogeu na 113ª Olimpíada[475]. De acordo com Antistenes em sua *Sucessão dos Filósofos*, o primeiro impulso em direção à filosofia cínica ele recebeu quando viu Télefos numa tragédia carregando um cesto na mão e com um aspecto absolutamente miserável; vendeu então os seus bens, pois pertencia a uma família distinta, e arrecadando cerca de duzentos talentos distribuiu-os entre seus concidadãos. Demonstrou tanta perseverança na prática da filosofia que o poeta cômico Filêmon o menciona. Este de fato diz[476]:

> "No verão usava um manto felpudo, e no inverno andrajos, para assemelhar-se a Crates."

469. Ou seja: "Bosque de carvalhos".
470. De Tebas, estava no apogeu em 326 a.C..
471. *Antologia Palatina*, V, 13.
472. *Antologia Palatina*, VII, 326.
473. Fragmento 18, verso 2 Diehl.
474. *Antologia Palatina*, IX, 497.
475. 328-324 a.C..
476. Fragmento 146 Kock.

Dioclés relata que Diôgenes o persuadiu a abandonar seus campos para servirem de pasto às ovelhas e a lançar ao mar o dinheiro que tinha.

(88) Dizem que certa vez Alexandre, o Grande, esteve em casa de Crates, como Filipe havia estado em casa de Hiparquia. Crates foi obstinado em seu propósito e não se deixou convencer por seus parentes que vinham visitá-lo, e muitas vezes teve de afastá-los com seu bastão. Demétrios de Magnesia diz que ele confiou seu dinheiro a um banqueiro, com a condição de que se seus filhos viessem a ser homens comuns, lhes desse o dinheiro, mas se se tornassem filósofos o distribuísse ao povo, pois os filhos de nada necessitariam se se dedicassem à filosofia.

Eratostenes diz que com Hiparquia, de quem falaremos em seguida, ele teve um filho chamado Pasiclés; concluída a iniciação militar, Crates levou-o a um bordel, e lhe disse que seu pai havia celebrado suas núpcias num local como aquele. (89) Os casamentos dos adúlteros são assunto de tragédias, e resultam em exílio ou assassinato, enquanto os casamentos dos apreciadores de meretrizes são assunto de comédia, pois em conseqüência da devassidão e da ebriedade levam à loucura. Crates tinha um irmão também chamado Pasiclés, discípulo de Eucleides. No segundo livro de suas *Memórias*, Favorinos transmite-nos uma anedota engraçada a respeito de Crates: enquanto fazia um pedido ao mestre do ginásio atlético, Crates tocou-lhe a coxa; como o mestre demonstrasse irritação ele disse: "Ora! Será que as coxas não te pertencem tanto quanto os joelhos?" Esse filósofo costumava dizer que era impossível encontrar um homem sem defeitos, da mesma forma que numa romã há sempre um caroço podre. Tendo levado o citaredo Nicôdromos à exasperação, foi atingido por ele no rosto; Crates pôs então uma faixa na testa com essa inscrição: "Isto foi obra de Nicôdromos."

(90) Ele insultava constantemente as prostitutas, acostumando-se a suportar-lhes os impropérios. Quando Demétrios de Fáleron mandou-lhe pães e algum vinho Crates o repreendeu dizendo: "Ah! Se as fontes além da água proporcionassem também o pão!" É óbvio, então, que ele bebia somente água. Em certa ocasião foi advertido pelos inspetores de polícia porque vestia roupas levíssimas de musselina, e sua resposta foi: "Mostrar-vos-ei o próprio Teôfrastos vestido de musselina!" Em face de sua incredulidade, Crates conduziu-os ao salão de barbeiro e mostrou Teôfrastos sendo barbeado.

Certa vez o mestre do ginásio atlético em Tebas – ou segundo outras fontes Euticrates em Corinto – açoitou-o e o arrastou pelos pés. Como se isso não o molestasse, ele citou o verso[477]:

> "Segurou-o pelo pé e arrastou-o através do umbral sagrado."

(91) Segundo Dioclés, entretanto, foi Menêdemos de Eretria que o arrastou dessa maneira. De fato, este último era um belo homem e se comentava que mantinha relações íntimas com Asclepiades de Fliús; Crates bateu-lhe no flanco e disse: "Aqui dentro está Asclepiades"; Menêdemos irritou-se e saiu arrastando-o, tendo Crates citado o verso mencionado pouco acima.

Em suas anedotas, Zênon de Cítion[478] relata que Crates não teve a menor dificuldade em costurar uma pele de ovelha a seu manto. Crates era feio de rosto, e quando fazia ginástica provocava riso. Erguendo as mãos, costumava dizer:

477. Fragmento 12 Diehl; veja-se a *Ilíada*, 1, 591.
478. Fragmento 272 von Arnim.

"Coragem, Crates! Isto faz bem aos olhos e ao resto do corpo. (92) Quanto aos que riem de ti, hás de vê-los, torturados pela doença, considerando-te feliz e recriminando-se por sua preguiça!"

Dizia que é necessário estudar filosofia até o ponto de poder considerar os generais simples condutores de asnos; afirmava também que os homens que vivem com aduladores são indefesos como vitelos entre lobos, pois nem estes nem aqueles têm quem os defenda, mas somente quem trame a sua perdição. Quando sentiu o fim aproximar-se, cantou para si mesmo o seguinte refrão[479]:

> "Avança, caro corcunda, a caminho da casa de Hades, recurvado pela velhice!"

De fato, a idade o tinha tornado corcunda.

(93) A Alexandre, o Grande, que lhe perguntou se queria que sua cidade natal fosse reconstruída, ele respondeu: "De que serviria? Talvez outro Alexandre volte a destruí-la." Proclamava que a Obscuridade e a Pobreza eram a sua pátria, que a Sorte não pode conquistar, e que tinha como concidadão Diôgenes, que desafiava todas as tramas da inveja. Mênandros o menciona em sua comédia *As Gêmeas* nos seguintes termos[480]:

> "Passearás comigo vestida com o manto, como certa vez a mulher do cínico Crates com ele."

O próprio Crates dizia que deu sua filha em casamento durante trinta dias, num período de experiência.

Capítulo 6. METROCLÉS[481]

(94) Metroclés de Marôneia era irmão de Hiparquia. Inicialmente foi discípulo do peripatético Teôfrastos, e era tão débil fisicamente que certa vez, enquanto fazia exercícios na escola, soltou um peido; envergonhado com essa falta, trancou-se em casa pretendendo morrer de inanição. Tomando conhecimento de sua atitude desesperada, Crates, atendendo a uma solicitação, foi visitá-lo; depois de fazer propositalmente uma refeição de tremoços, tentava persuadir Metroclés com bons argumentos de que este nada fizera de mal, e que seria de admirar se não houvesse proporcionado aos gases de seu ventre a saída natural. Finalmente o próprio Crates soltou um peido, e, consolando-o com o fato de ele também haver cometido a mesma falta, conseguiu reanimá-lo. Daí em diante Metroclés tornou-se discípulo de Crates e atingiu uma posição de relevo na filosofia.

(95) No primeiro livro de suas *Anedotas*, Hecáton afirma que Metroclés queimou suas obras exclamando:

> "Estes são fantasmas de sonhos do outro mundo."[482]

Segundo outras fontes, ele teria queimado as lições de Teôfrastos, que anotara, citando o verso:

> "Vem até aqui, Héfaistos; Tétis agora te procura."[483]

479. Fragmento 11 Diehl.
480. Fragmento 104 Koerte.
481. Estava no apogeu aproximadamente em 300 a.C..
482. Verso de uma tragédia anônima, fragmento 285 Nauck.
483. *Ilíada*, XVIII, 392.

Metroclés ensinava que das coisas algumas podem obter-se com dinheiro, como uma casa, outras com o tempo e com diligência, como a educação. A riqueza, dizia ele, é nociva se não soubermos usá-la bem. Morreu em idade avançada, estrangulando-se. Teômbrotos e Cleomenes foram seus discípulos; de Teômbrotos foi discípulo Demétrios de Alexandria, e de Cleomenes Tímarcos de Alexandria e Equeclés de Éfesos; entretanto, na realidade Equeclés foi também ouvinte de Teômbrotos, que por sua vez foi discípulo de Menêdemos, de quem falaremos mais adiante. Mênipos de Sinope também se distinguiu entre eles.

Capítulo 7. HIPARQUIA[484]

(96) Hiparquia, irmã de Metroclés, sentiu-se também atraída pelas doutrinas dessa escola; ambos nasceram em Marôneia. Ela se apaixonou pelas teorias e pela maneira de viver de Crates, não dando atenção a qualquer de seus pretendentes, nem à riqueza, nobreza de nascimento ou beleza dos mesmos; para ela Crates era tudo. Hiparquia chegou a ameaçar seus pais, dizendo que se mataria se não lhe fosse dada em casamento. Os pais dela suplicaram então a Crates que a dissuadisse de seus propósitos, e este recorreu a todos os expedientes; finalmente, vendo que não era bem-sucedido, levantou-se e tirou diante dela toda a sua roupa, dizendo: "Eis o futuro esposo, e aqui estão os seus bens; decide, portanto, pois não poderás ser a minha consorte se não te adaptares ao meu modo de viver."

(97) A moça escolheu, e adotando as mesmas roupas passou a andar com seu marido, unindo-se com ele em público e indo juntos a jantares. E foi num banquete em casa de Lisímacos que ela refutou Teôdoros, cognominado o Ateu, usando o seguinte sofisma: "O que Teôdoros faz sem ser considerado injusto, Hiparquia também faz sem ser considerada injusta; Teôdoros não comete uma injustiça ferindo-se a si mesmo; logo, Hiparquia também não comete uma injustiça ferindo Teôdoros." Este não levantou qualquer objeção, mas procurou tirar-lhe a roupa; Hiparquia não demonstrou o menor espanto ou perturbação, como haveria feito outra mulher. (98) Quando Teôdoros lhe disse:

> "Quem abandonou a lançadeira junto ao tear?"[485]

Hiparquia respondeu: "Fui eu, Teôdoros, mas acreditas que tomei uma decisão errada se dediquei à minha educação o tempo que teria dedicado ao tear?" Esta e inúmeras outras anedotas são contadas a respeito dessa filósofa.

Circula sob o nome de Crates um livro de *Epístolas*, no qual sua filosofia é excelente; às vezes o estilo assemelha-se ao de Platão. Ele escreveu também tragédias, de conteúdo altamente filosófico, como por exemplo o trecho seguinte[486]:

> "Minha pátria não tem apenas uma torre nem apenas um teto; onde quer que seja possível viver bem, seja onde for em todo o universo, é lá a minha cidadela e minha casa."

Crates morreu idoso e foi sepultado na Boiotia.

484. Estava no apogeu aproximadamente em 300 a.C..
485. Eurípides, *Bacantes*, 1236.
486. Fragmento 1 Nauck = fragmento 15 Diehl.

Capítulo 8. MÊNIPOS

(99) Mênipos, também pertencente à escola cínica, nasceu na Fenícia e era escravo, como diz Acaicôs na *Ética*. Dioclês acrescenta que seu dono era do Pontos e se chamava Báton. Dominado pela ânsia de ganhar dinheiro, pedia com petulância e tornou-se tebano. Nada há de sério nele, seus livros transbordam de espirituosidade, e têm alguma semelhança com os de seu contemporâneo Melêagros.

Hêrmipos afirma que ele emprestava dinheiro por dia, e por isso recebeu o apelido de *Hemerodaneistés*[487]. Efetuava empréstimos para o comércio marítimo e exigia garantias, acumulando assim uma fortuna enorme. (100) Finalmente foi vítima de uma trama e lhe roubaram todos os bens, e terminou os seus dias enforcando-se num acesso de desespero. Há um poema burlesco de nossa autoria sobre ele[488]:

> "Talvez conheças Mênipos, de raça fenícia mas um cão cretense, que por emprestar dinheiro por dia era chamado *Hemerodaneistés*. Um dia em Tebas sua casa foi arrombada e ele perdeu tudo. Sem compreender a natureza do cínico, enforcou-se."

Alguns autores questionam a autenticidade dos livros que se lhe atribuem, alegando que os escreveram por divertimento Dionísios e Zôpiros, ambos de Colofon, que os deram a Mênipos considerando-o mais capaz de vendê-los.

(101) Existiram seis personagens com o nome de Mênipos: o autor de uma obra sobre a Lídia, abreviada do livro de Xantos; o nosso filósofo; um sofista de Stratonicea, de raça cária; um escultor; e dois pintores, ambos mencionados por Apolôdoros.

As obras de Mênipos, que abrangem treze livros, são as seguintes: *O Mundo dos Mortos; Contra os Físicos, os Matemáticos e os Gramáticos; Testamentos; Epístolas Fictícias como se Fossem Compostas pelos Deuses; Sobre o Nascimento de Epícuros e sobre as Reverências que lhe Prestavam os Epicuristas no Vigésimo Dia do Mês;* e outras.

Capítulo 9. MENÊDEMOS

(102) Menêdemos foi discípulo de Colotes de Lâmpsacos. Segundo Hipôbotos, ele atingiu um grau tão elevado de audácia na encenação de coisas miraculosas que costumava andar vestido como uma Fúria, dizendo que viera do Hades para tomar conhecimento dos pecados cometidos, a fim de poder relatá-los aos deuses do mundo subterrâneo quando voltasse. Seu aspecto era o seguinte: vestia uma túnica de cor soturna, chegando até os pés, com um cinto vermelho arroxeado, usava um chapéu arcádio na cabeça, no qual estavam bordados os doze signos do zodíaco, além de coturnos trágicos, uma barba longuíssima, e uma vara de freixo na mão.

(103) São essas as vidas dos cínicos. Acrescentaremos um resumo de suas teses em comum, pois acreditamos que o Cinismo foi uma escola filosófica autêntica, e não um simples modo de viver, como alguns autores afirmam. À semelhança de

487. *Hemerodaneistés* significa "emprestador por dia".
488. *Antologia Palatina*, V, 41.

Aríston[489], desprezavam a lógica e a física e se dedicavam à ética. Dioclês atribui a Diôgenes o que outros autores atribuem a Sócrates, fazendo-o dizer que devemos indagar

> "o que ocorre de bom ou mau em nossas casas"[490].

Deixaram de lado os assuntos ordinários de instrução. Segundo dizia Antístenes, as pessoas que conquistaram o equilíbrio espiritual não devem estudar literatura para não se distraírem com interesses estranhos. (104) Desprezavam também a geometria e a música, e todos os assuntos similares. A alguém que lhe mostrava um relógio de sol Diôgenes disse: "É um instrumento útil para não chegarmos tarde ao jantar." E a outra pessoa que se exibia num espetáculo musical:

> "A inteligência governa bem a cidade e as casas, e não os sons da lira e da flauta."[491]

Sustentam que o fim supremo é viver de conformidade com a excelência moral, como diz Antístenes no *Heraclés*, exatamente como os estóicos, pois há uma certa afinidade entre essas duas escolas. Por isso alguns autores definem o Cinismo como um caminho mais curto para a excelência. E assim viveu também Zênon de Cítion.

Os cínicos afirmam que se deve viver frugalmente, comendo apenas os alimentos necessários à nutrição e vestindo um simples manto, e desprezando a riqueza, a fama e a nobreza de nascimento. Alguns deles, de fato, eram vegetarianos, e bebiam apenas água fria, contentando-se com qualquer espécie de abrigo – até um tonel, como Diôgenes, que costumava dizer que era privilégio dos deuses não sentir necessidade de coisa alguma, e dos homens semelhantes aos deuses necessitar de pouco.

(105) Sustentam ainda que a excelência pode ser ensinada, como declara Antístenes no *Heraclés*, e que quando adquirida não se pode perder; que o sábio é digno de ser amado, impecável, amigo de seu semelhante; e que nada devemos confiar à sorte. Como Aríston de Quios, os cínicos consideram indiferente tudo que se situa entre a excelência e a deficiência.

Foram estes os cínicos. Agora devemos passar aos estóicos, dos quais o primeiro é Zênon, discípulo de Crates.

489. Fragmento 130 von Arnim.
490. *Odisséia*, IV, 392.
491. Veja-se o verso 1 do fragmento 200 de Eurípides na coletânea de Nauck.

LIVRO VII

Capítulo 1. ZÊNON[492]

(1) Zênon, filho de Mnaseas (ou Dameas), nasceu em Cítion (na ilha de Chipre), uma cidade helênica que havia recebido colonos fenícios. Em sua obra *Sobre as Vidas*, Timôteos, o ateniense, diz que Zênon tinha o pescoço torto. Apolônios de Tiros acrescenta que ele era esbelto, mais para alto, e moreno – por isso alguém o chamou de "ramo de videira egípcia", como atesta Crísipos no primeiro livro de seus *Provérbios*. Zênon tinha as pernas grossas, e era débil e delicado. Persaios registra em suas *Memórias Conviviais* que por essa razão ele recusava a maior parte dos convites para jantar. Conta-se que esse filósofo gostava de comer figos verdes e de expor-se ao sol.

(2) Como já dissemos acima, Zênon foi discípulo de Crates. Há quem afirme, como Timôteos no *Díon*, que mais tarde ele foi discípulo de Stílpon e de Xenocrates durante dez anos, e ainda de Polêmon. Hecáton e Apolônios de Tiros no primeiro livro de sua obra *Sobre Zênon* afirmam que Zênon foi consultar o oráculo a fim de saber que deveria fazer para viver da melhor maneira possível, e o deus respondeu que teria de igualar-se aos mortos. O filósofo entendeu corretamente e passou a ler os autores antigos.

Seu encontro com Crates ocorreu nas seguintes circunstâncias: após haver comprado púrpura na Fenícia, Zênon sofreu um naufrágio nas proximidades do Peiraieus; dirigiu-se então a Atenas (nessa época Zênon tinha trinta anos de idade) e sentou-se na loja de um livreiro. Lendo o segundo livro das *Memorabília* de Xenofon, sentiu tanta satisfação que perguntou onde seria possível encontrar homens como Sócrates.

(3) Naquele exato momento Crates passava por lá, e o livreiro apontou para o filósofo e disse: "Segue aquele homem!" Desde então ele se tornou discípulo de Crates; seu espírito mostrou-se fortemente inclinado para a filosofia, porém era muito tímido para adaptar-se ao despudor cínico. Percebendo essa resistência e querendo superá-la, Crates deu-lhe uma panela cheia de sopa de lentilhas para levar ao longo do Cerameicôs; vendo que ele estava envergonhado e tentava esconder a panela, Crates partiu-a com um golpe de seu bastão. Zênon começou a fugir, enquanto as lentilhas escorriam de suas pernas, e Crates disse-lhe: "Por que foges, meu pequeno fenício? Nada te aconteceu de terrível."

(4) Então, durante algum tempo, Zênon foi discípulo de Crates, e como nesse período havia escrito sua *República* alguém disse gracejando que ele a escreveu em Cinosura[493]. Além da *República*, Zênon escreveu as seguintes obras: *Da Vida*

492. 333-261 a.C..

493. Cinosura era o nome de um promontório nas proximidades de Atenas, significando "cauda de cão".

segundo a Natureza; Do Impulso, ou *Da Natureza Humana; Das Emoções; Do Dever; Da Lei; Da Educação Helênica; Da Visão; Do Universo; Dos Sinais; Questões Pitagóricas; Dos Universais; Das Espécies de Estilo; Problemas Homéricos*, em cinco livros; *Da Leitura da Poesia.* Existem dele também uma *Arte Retórica; Soluções e Refutações,* em dois livros; *Recordações de Crates; Ética.*

São essas as suas obras.

Finalmente Zênon abandonou Crates e durante vinte anos ouviu as lições dos outros mestres já mencionados. Atribuem-se-lhe por isso as seguintes palavras: "Naufragando, fiz uma boa viagem." Outros autores põem essas palavras de Zênon na época de sua convivência com Crates.

(5) Outros dizem que ele estava em Atenas quando ouviu a notícia de que sua nau soçobrara e disse: "Trazes-me felicidade, Destino, conduzindo-me para a filosofia." Algumas fontes relatam que ele vendeu sua carga em Atenas antes de voltar-se para a filosofia.

Zênon costumava dar as suas lições passeando de um lado para outro na Colunata Pintada (*Poikile Stoá*), também chamada Colunata de Peisiânax, mas que recebeu o seu nome por causa das pinturas de Polígnotos (o objetivo de Zênon era evitar a presença de profanos). Naquele local foram mortos mil e quatrocentos cidadãos atenienses na época dos Trinta. Lá, então, os cidadãos vinham ouvir Zênon, e por isso passaram a ser chamados estóicos; assim também foram chamados seus seguidores, que a princípio tinham o nome de zenonianos, como afirma Epícuros nas *Epístolas*. De acordo com Eratostenes no oitavo livro de sua obra *Sobre a Comédia Antiga*, a designação de estóicos tinha sido aplicada anteriormente aos poetas que passavam o tempo naquele local, tornando ainda mais famoso o nome.

(6) Os atenienses prestaram grandes homenagens a Zênon, como provam os fatos de terem posto em suas mãos as chaves das muralhas da cidade e de lhe haverem concedido uma coroa de ouro e uma estátua de bronze. Esta última honraria foi-lhe também tributada por seus concidadãos, que consideravam sua estátua um ornamento para cidade. Zênon recebeu homenagens também dos cidadãos de Cítion que viviam em Sídon, orgulhosos da condição de seus concidadãos. Antígonos Gonatas também o distinguiu, e todas as vezes que vinha a Atenas ia ouvir suas lições, além de convidá-lo freqüentemente a ir à sua corte. Zênon recusou os convites, porém mandou Persaios, um de seus amigos – filho de Demétrios, natural de Cítion, que estava no apogeu na 130ª Olimpíada[494] –, quando Zênon já era velho. De acordo com Apolônios de Tiros em sua obra sobre Zênon, a carta de Antígonos dizia o seguinte:

(7) "O rei Antígonos saúda o filósofo Zênon.

Embora me considere superior a ti em sorte e fama, considero-me inferior a ti no intelecto, na cultura e na felicidade perfeita que conquistaste. Por isso decidi convidar-te a vir à minha corte, convencido de que acolherás o meu pedido. Faze tudo que for possível para ser meu hóspede, entendendo claramente que serás não somente o meu educador mas também o de todos os macedônios juntos. Com efeito, é evidente que quem educa para a excelência o governante dos macedônios, prepara também os súditos para se tornarem homens bons. Como for o dirigente, assim serão presumivelmente os súditos em sua maioria."

A resposta de Zênon foi a seguinte:

494. 260-256 a.C..

(8) "Zênon saúda o rei Antígonos.

Aprecio tua ânsia de saber, enquanto aspiras a uma educação verdadeira e realmente útil, e não à vulgar, tendente à corrupção dos costumes. Quem aspira à filosofia e detesta o muito louvado prazer, que torna efeminadas as almas de alguns jovens, tende naturalmente à nobreza espiritual não somente por natureza, mas também por uma escolha determinada. Uma natureza nobre, sustentada por exercícios moderados e depois por uma instrução intransigente, chega com facilidade à posse da excelência perfeita. (9) Quanto a mim, sofro de fraqueza corporal por causa da velhice, pois já tenho oitenta anos e por isso não posso ir viver junto a ti. Mando-te, porém, alguns companheiros de estudo que não me são inferiores em elevação espiritual e me superam em vigor físico. Convivendo com eles, nada te faltará para ultrapassar quantos já chegaram à felicidade perfeita."

Zênon mandou então Persaios e o tebano Filonides, e o próprio Epícuros em sua carta ao irmão Aristóbulos menciona ambos como presentes à corte de Antígonos.

Parece-me conveniente reproduzir em seguida o decreto com que os atenienses honraram Zênon. Ei-lo:

(10) "No arcontado de Arrenides, na quinta pritania da tribo Acamantis, no vigésimo primeiro dia do mês Memateríon, na vigésima terceira assembléia plenária da pritania, um dos presidentes, Hípon, filho de Cratistoteles, do demo de Xipataion, e seus colegas de presidência submeteram à votação a proposta; sobre esta tomou a palavra Tráson, filho de Tráson, do demo Anacaia.

"Considerando que Zênon de Cítion, filho de Mnaseas, por muitos anos dedicou-se à filosofia na cidade e que sua conduta foi sob todos os aspectos invariavelmente a de um homem de bem, exortando à excelência e à moderação os jovens que vinham a ele para ser instruídos, guiando-os para o que é melhor, proporcionando a todos com sua própria conduta um modelo a ser imitado em perfeita consonância com seu ensinamento, pareceu conveniente ao povo (11) – e que tudo saia bem – tributar louvores a Zênon de Cítion, filho de Mnaseas, e coroá-lo com uma coroa de ouro, de acordo com a lei, por sua excelência e moderação, e construir-lhe um sepulcro no Cerameicós a expensas do tesouro público. O povo deve escolher imediatamente cinco homens entre todos os atenienses, que assumam o compromisso de efetivar a confecção da coroa e de fazer construir o sepulcro, e o secretário da assembléia deverá escrever este decreto em duas estelas de pedra, ficando autorizado a pôr uma na Academia e a outra no Liceu. Das despesas com as estelas cuidará o magistrado que preside a administração, para que todos saibam que o povo ateniense honra os homens de bem na vida e na morte. (12) Tráson, do demo Anacaia, Filoclês, do Peiraieus, Faidros, de Anaflistos, Mêdon, de Acárnai, Mícitos, de Sipaletós e Díon, de Paiania foram escolhidos para superintender a confecção da coroa e a construção do sepulcro."

São estes os termos do decreto.

Antígonos de Caristos diz que ele nunca renegou sua condição de cidadão de Cítion. Com efeito, Zênon foi um dos contribuintes para a restauração de um banho público, e como na estela se inscreveu "Zênon filósofo" ele pediu para acrescentarem "de Cítion".

Certa vez Zênon pôs uma tampa côncava em um vaso, no qual levava dinheiro, de modo a tê-lo sempre ao alcance da mão para as necessidades imediatas de seu mestre Crates.

(13) Dizem que Zênon possuía mais de mil talentos quando chegou à Hélade, tendo empregado essa quantia em empréstimos relacionados com o tráfico marítimo. Costumava alimentar-se de pequenos pães e mel, e bebia um vinho barato porém de buquê suave. Raramente mantinha contacto com rapazes, e uma ou duas vezes teve relações com uma moça, para não parecer misógino. Partilhava a mesma casa com Persaios, e quando em certa ocasião trouxe consigo uma pequena flautista levou-a imediatamente a Persaios. Dizem que ele se adaptava rapidamente às circunstâncias, de tal modo que freqüentemente o rei Antígonos participava com ele de alguma festa ruidosa, e que ambos foram com outros folgazões, em certa ocasião, juntar-se ao citaredo Aristoclés (Zênon, entretanto, esgueirou-se dentro de pouco tempo).

(14) Dizem que Zênon não gostava de misturar-se a muita gente, e por isso preferia sentar-se nas extremidades dos coxins, pois assim pelo menos de um lado não tinha vizinhos; também não passeava com mais de duas ou três pessoas. Às vezes pedia aos transeuntes uma moeda de bronze, de tal maneira que estes, temerosos de terem de dá-la, evitavam aproximar-se do filósofo, como relata Cleantes em sua obra *Sobre o Bronze*. Quando muitas pessoas o rodeavam na Colunata ele apontava para a balaustrada de madeira na extremidade do altar e dizia: "Antes este local era aberto a todos, mas como ocorriam perturbações foi posta a balaustrada; se sairdes do caminho causar-nos-eis menos incômodo." Quando Democares, filho de Laques, cumprimentou-o e lhe disse que bastaria falar ou escrever pedindo qualquer coisa que quisesse de Antígonos, que certamente atenderia a todas as suas solicitações, Zênon, depois de ouvi-lo, não quis continuar a relacionar-se com ele.

(15) Conta-se que após a morte de Zênon, Antígonos teria dito: "Que audiência perdi!" Por isso o rei serviu-se de Tráson, seu legado, para conseguir que os atenienses lhe construíssem um sepulcro no Cerameicós[495]. Perguntaram ao rei o motivo de sua admiração; "Porque", disse Antígonos, "os muitos presentes que lhe ofereci nunca o deixaram enfatuado, e nunca me pareceu mesquinho".

Zênon era um pesquisador apaixonado, e em toda indagação punha a marca de sua precisão. Por isso Tímon exprime-se assim em suas *Sátiras*[496]:

> "Vi uma velha fenícia adulada, cheia de orgulho vão, desejosa de tudo. Os fios de seu tecido sutil demais desfizeram-se, e sua inteligência era menor que a de um instrumento de cordas."

(16) Esse filósofo costumava discutir cuidadosamente com o dialético Fílon e estudava juntamente com ele. Por isso Zênon, que era o mais novo dos dois, dedicava a Fílon uma admiração tão grande quanto a que sentia por seu mestre Diôdoros. Tinha em sua volta gente maltrapilha e suja, como diz também Tímon[497]:

> "Às vezes juntava em sua volta um bando de servos ignorantes, os mais piolhentos e famintos da cidade."

O próprio Zênon mostrava um semblante severo e sombrio, e a testa franzida. Era extremamente parcimonioso e de uma mesquinharia indigna de um

495. Veja-se o § 11 deste livro.
496. Fragmento 78 Diels.
497. Fragmento 39 Diels.

heleno, que acobertava com o pretexto de economia. Se dirigia um motejo a alguém, fazia-o concisamente, sem efusões, como se fosse de longe. (17) Cito como exemplo sua observação a respeito de um exibicionista elegantemente vestido. Quando esse exibicionista hesitava em passar sobre uma poça d'água estagnada Zênon disse: "Ele tem razões para ficar olhando o lodo, pois não pode ver o seu rosto nele."

Quando um filósofo cínico disse que não tinha óleo em seu frasco e lhe pediu algum, Zênon recusou-se. Entretanto, quando o primeiro se retirava, Zênon pediu-lhe para considerar qual dos dois era mais impudente. Zênon enamorou-se de Cremonides, e estando ele e Cleantes sentados perto do jovem, levantou-se e, diante da surpresa de Cleantes, disse: "Os bons médicos nos dizem que o melhor remédio para o tratamento das inflamações é o repouso."

Durante um banquete, o convidado sentado a seu lado, que bebera muito, batia com os pés no que estava em seguida a ele; então Zênon bateu no primeiro com o joelho, e quando este voltou-se para ele disse-lhe: "Por que pensas, então, que a pessoa sentada depois de ti deve suportar as pancadas de teus pés?"

(18) A um apreciador de meninos Zênon disse que os mestres que passam seu tempo sempre entre meninos têm tão pouca inteligência quanto estes últimos. Costumava comparar as expressões bem elaboradas e sem solecismos de certos retores às moedas prateadas de Alexandre, o Grande: eram belas na aparência e arredondadas como devem ser as moedas, mas nem por isso eram melhores. As frases compostas de modo inteiramente oposto eram comparadas por Zênon aos tetradracmas áticos, cunhados com alguma negligência e desarmonia, mas muitas vezes superiores às frases escritas cuidadosamente. Quando um discípulo seu, a quem não faltava habilidade, discorria longamente sobre muitos assuntos de maneira pouco inspirada, às vezes com ares de importância, Zênon disse: "É impossível que teu pai não te tenha gerado em estado de embriaguez." Por isso Zênon, que usava uma linguagem concisa, chamava-o de tagarela.

(19) Havia um glutão que nada deixava para seus companheiros de mesa. Em certa ocasião foi servido um grande peixe e Zênon apanhou-o todo para si mesmo, como se pretendesse comê-lo sozinho; o outro olhou-o estupefato e Zênon disse: "Que pensas que sentem teus companheiros diariamente, se não consegues suportar a minha gula por um dia só?" Certa vez um jovem lhe fez uma pergunta mais curiosa do que seria de esperar de sua idade; Zênon sugeriu-lhe que se aproximasse de um espelho e se olhasse nele, indagando depois se tais perguntas lhe pareciam adequadas à sua face. Alguém disse a Zênon que em geral ele não concordava com Antistenes; Zênon mencionou então um curto ensaio de Antistenes sobre Sófocles e lhe perguntou se achava que essa obra tinha algum mérito. O outro respondeu que não sabia. "Não te envergonhas então", disse Zênon, "de escolher e mencionar qualquer coisa errada dita por Antistenes enquanto eliminas suas boas coisas sem pensar nelas?"

(20) Dizendo-lhe alguém que certos raciocínios dos filósofos lhe pareciam muito breves e compactos, Zênon retrucou: "Falas a verdade; suas próprias sílabas deveriam ser todas breves, se fosse possível." Alguém lhe disse que Polêmon propunha uma tese e desenvolvia outra. Zênon respondeu franzindo a testa: "E não ficas contente com isso?" Esse filósofo dizia que quando conversamos devemos fazer como os atores: ter a voz forte e falar energicamente, mas não abrir demais a boca; abrem excessivamente a boca aqueles que tagarelam e sustentam

coisas absurdas. Dizia que não se deve submeter a um longo exame as frases eficazes e as obras dos bons artistas; ao contrário, o ouvinte deve estar de tal maneira absorvido no próprio discurso que não lhe sobre tempo para tomar notas.

(21) A um rapaz que falava muito Zênon disse: "Tuas orelhas confluem para a língua." A um belo jovem que emitiu como sua a opinião de que o sábio não deve enamorar-se, sua resposta foi: "Então ninguém poderia ser mais infeliz que vós, os jovens belos." Costumava dizer que em sua maioria os filósofos são sábios nas coisas muito importantes, e ignorantes nas coisas pequenas e fortuitas. E citava a frase de Cafisios que, lidando com um de seus discípulos que se esforçava por soprar vigorosamente a flauta, lhe deu um tapa e disse: "Tocar bem não depende do sopro vigoroso, embora o sopro vigoroso possa depender de tocar bem." A um rapaz que conversava despudoradamente Zênon dizia: "Eu não gostaria de dizer o que me vem à mente, rapaz."

(22) Um ródio belo e rico, porém nada mais além disso, insistia em tornar-se seu discípulo; Zênon, que não desejava admiti-lo, fê-lo sentar-se primeiro nos bancos empoeirados para sujar-lhe o manto, depois num local destinado aos mendigos para forçá-lo a esfregar os ombros em seus andrajos; finalmente o jovem foi embora. Zênon dizia que nada era tão pernicioso quanto a luxúria, especialmente nos jovens. Dizia também que não devemos guardar na memória as palavras e expressões, e sim exercitar a mente para tirar utilidade daquilo que ouvimos, em vez de, por assim dizer, saborearmos uma iguaria bem cozida ou bem arranjada. Costumava afirmar que os jovens devem ser exemplarmente corretos e sóbrios no andar, nas atitudes e nas roupas, e citava repetidamente os versos de Eurípides a respeito de Capaneus[498]:

> "Não se orgulhava de sua riqueza, e seus pensamentos eram tão humildes quanto os de um homem pobre."

(23) Costumava dizer que nenhum obstáculo à conquista do conhecimento científico é tão grande quanto a presunção, e que de nada temos tanta necessidade quanto do tempo. Perguntaram-lhe o que é um amigo; "Um outro eu", disse Zênon. Conta-se que ele certa vez estava castigando um servo que o havia roubado; dizendo-lhe o servo: "Meu destino era roubar", Zênon acrescentou: "E também ser espancado." Definia a beleza como a flor da simplicidade, enquanto segundo outros autores ele chamava a simplicidade de flor da beleza. Viu certa vez o escravo de um amigo com escoriações lívidas e disse ao amigo: "Vejo as marcas de teu furor." A alguém que se havia coberto de ungüento perfumado Zênon disse: "Quem está cheirando a mulher?" A Dionísios, o Renegado, que lhe perguntou por que era o único discípulo que ele não queria corrigir, sua resposta foi: "Porque não confio em ti." A um rapaz que falava tolices suas palavras foram: "A razão de termos duas orelhas e somente uma boca é que devemos ouvir mais e falar menos."

(24) Estando Zênon sentado silenciosamente num banquete, perguntaram-lhe a razão de sua atitude; sua resposta a quem lhe fizera a pergunta foi pedir que anunciasse ao rei a presença de alguém que sabia calar (os autores da pergunta tinham vindo como embaixadores de Ptolemaios e queriam saber a mensagem que ele desejava enviar ao rei). A alguém que lhe perguntou como se sentia diante

498. *Suplicantes*, 861-863.

da maledicência sua resposta foi: "Como um embaixador mandado de volta sem uma resposta." Apolônios de Tiros conta-nos a seguinte anedota: quando Crates o segurou pelo manto para afastá-lo de Stílpon, Zênon disse: "Os filósofos dispõem de um meio excelente, Crates: atacar os outros pelos ouvidos. Persuade-me, então, e leva-me contigo; mas, se me levares à força, meu corpo estará contigo, porém a alma permanecerá com Stílpon."

(25) Segundo diz Hipôbotos, Zênon também estudou com Diôdoros, exercitando-se em dialética. Já havia progredido na formação filosófica quando passou a ouvir as lições de Polêmon; na realidade Zênon não tinha qualquer pretensão a respeito de escolas filosóficas. Em conseqüência disso conta-se que Polêmon lhe dirigiu as seguintes palavras: "Não me passa despercebido o fato de entrares pela porta do jardim para te encontrares comigo e me roubares a minha doutrina para dar-lhe uma aparência fenícia." Um dialético demonstrou-lhe por meio de um sofisma chamado "o ceifeiro" que havia sete formas lógicas. Zênon perguntou-lhe quanto lhe devia pela demonstração; o outro pediu cem dracmas e Zênon lhe deu duzentos, tão grande era seu desejo de aprender. Dizem que ele introduziu pela primeira vez o termo "dever"[499] e escreveu um tratado sobre o assunto. Conta-se também que ele fez uma transposição dos versos de Heslodos[500]:

> "Quem segue os bons conselhos é o melhor de todos; quem descobre tudo por si mesmo também é bom."

(26) Em sua opinião, a transposição dos versos se justifica porque quem é capaz de ouvir bem o que lhe é dito e sabe servir-se do que ouve é superior a quem pensa tudo por si mesmo; este último tem somente inteligência, e o outro, obedecendo aos bons conselhos, demonstra possuir espírito prático. A alguém que lhe perguntou por que ele, sendo um homem austero, transigia às vezes em beber nos banquetes, sua resposta foi: "Os tremoços também são amargos, porém postos de molho ficam doces." No segundo livro de suas *Sentenças*, Hecáton afirma que Zênon costumava relaxar em tais ocasiões. Zênon dizia que é melhor titubear com os pés que com a língua, e que o bem-estar se conquista pouco a pouco, mas não é pouca coisa (outros autores atribuem esta frase a Sócrates[501]).

Zênon era perseverante e frugalíssimo; seus alimentos não requeriam fogo e seu manto era leve.

Por isso dizia-se dele:

> "Nem o gélido inverno, nem a chuva incessante, nem a chama do sol, nem a doença atroz consegue dominá-lo, nem os inúmeros folguedos populares; infatigavelmente ele se dedica noite e dia a seus estudos."

E os poetas cômicos não percebiam que na realidade suas sátiras se transformavam em elogios. Filêmon, por exemplo, fala dele nos seguintes termos em sua comédia *Os Filósofos*[502]:

> "A filosofia desse homem é de fato original; ele ensina a ter fome e consegue discípulos. Apenas um pão, um figo como sobremesa, e água para beber."

499. *Kathêkon*, no sentido de obrigação.

500. *Os Trabalhos e os Dias*, versos 293 e 295, cuja tradução é: "Quem descobre tudo por si mesmo é o melhor de todos; também é bom quem ouve os bons conselhos."

501. Veja-se o § 32 do Livro II.

502. Fragmento 85 Kock.

Outros autores atribuem esses versos a Posêidipos.

Nessa época Zênon já se havia tornado proverbial. Dizia-se a seu respeito: "Mais moderado que o filósofo Zênon."

Posêidipos também escreve em sua peça *Os Convertidos*[503]:

> "E assim durante dez dias parecia que ele era mais moderado que Zênon."

(28) Na realidade ele superava todos em seu modo de viver e em dignidade, e, por Zeus, em felicidade; com efeito, morreu com noventa e oito anos de idade sem jamais ficar doente, depois de uma vida perfeitamente sadia. Entretanto Persaios em suas *Lições Éticas* afirma que Zênon morreu com setenta e dois anos e que veio para Atenas com vinte e dois anos de idade, e Apolônios diz que Zênon foi escolarca durante cinqüenta e oito anos. Sua morte ocorreu da seguinte maneira. Saindo da escola, ele escorregou e fraturou um artelho, bateu com a mão no chão e citou o verso da *Niobe*[504]:

> "Estou indo; por que me chamas?"

E perdendo o fôlego morreu no mesmo instante.

(29) Os atenienses o sepultaram no Cerameicôs e o honraram com o decreto supracitado, acrescentando um testemunho de sua excelência. E Antípatros de Sídon compôs para ele o seguinte epigrama[505]:

> "Aqui jaz o célebre Zênon, caro a Cítion, que escalou agora o Ôlimpos sem sobrepor o Pélion ao Ossa e sem se cansar com os trabalhos de Heraclés, porém descobriu o caminho que leva às estrelas – apenas a moderação."

(30) O estóico Zenôdotos, discípulo de Diôgenes, compôs outro epigrama[506]:

> "Criaste a auto-suficiência e desprezaste a arrogante riqueza, Zênon, com teu aspecto grave e tuas sobrancelhas encanecidas. Inventaste uma doutrina viril e com muito labor fundaste uma nova escola, mãe de intrépida liberdade. Se tua pátria é a Fenícia, quem poderia menosprezar-te? Pois o próprio Cadmos, de quem a Hélade recebeu a arte de escrever, não nasceu também lá?"

E o epigramatista Atênaios expressa-se da seguinte maneira a propósito de todos os estóicos em conjunto[507]:

> "Peritos em fábulas estóicas, que nas sagradas páginas inscrevestes a ótima doutrina – que a excelência é o único bem da alma, e somente ela salva as vidas humanas e a cidade. Mas, uma só das filhas da Memória aprova os prazeres da carne, que outros homens escolheram como seu fim supremo."

(31) Também cantamos a morte de Zênon no *Livro em Metros de Todos os Tipos*[508]:

> "Há quem conte que Zênon de Cítion morreu consumido pela velhice depois de muito trabalhar, abstendo-se de comer; outros dizem que certa vez escorregou e bateu com a mão no chão exclamando: 'Estou indo espontaneamente; por que então me convocas?'"

503. Fragmento 15 Kock.
504. De Timôteos; fragmento 51 Nauck.
505. *Antologia Planúdea*, III, 104.
506. *Antologia Palatina*, VII, 117.
507. *Antologia Palatina*, IX, 496.
508. *Antologia Palatina*, VII, 118.

Com efeito, alguns autores dizem que ele morreu deste modo. São essas as versões correntes sobre a sua morte.

Em sua obra *Homônimos*, Demétrios de Magnesia relata que Mnaseas, o pai de Zênon, sendo um mercador, vinha freqüentemente a Atenas e de lá levava muitos livros socráticos para seu filho ainda menino. Por isso, antes mesmo de deixar sua pátria, já tinha uma formação filosófica.

(32) Sendo assim, chegando a Atenas, encontrou-se com Crates. Parece ainda, segundo Demétrios, que ele já havia definido o fim supremo enquanto os outros filósofos divergiam em suas opiniões. Dizem que Zênon tinha o hábito de jurar pela alcaparra, como Sócrates costumava jurar pelo cão. Alguns autores, entre os quais o cético Cássios, faziam ásperas críticas a Zênon; em primeiro lugar censuravam-no porque no início de sua *República* qualificava de inútil a educação enciclopédica, e em segundo lugar porque afirmava que os carentes de excelência eram adversários, inimigos e servos, e estranhos uns aos outros – pais a filhos, irmãos a irmãos, parentes a parentes.

(33) Censuravam-no também porque na *República* afirmava, contrastando-os, que somente os excelentes são cidadãos, amigos, parentes e livres, de tal maneira que para os estóicos os pais e filhos são inimigos se não forem sábios. Além disso o criticavam porque ainda na *República*, e ao longo de duzentas linhas, pregava a comunidade de mulheres e proibia a construção de templos, tribunais e ginásios nas cidades; e também o censuravam porque escrevia a propósito da moeda que "não se deve achar necessária a introdução da moeda, nem para trocas nem para viajar ao exterior", e porque determinava que os homens e as mulheres usassem as mesmas roupas e que nenhuma parte do corpo permanecesse inteiramente descoberta.

(34) Em sua *República*, Crísipos confirma a autenticidade da *República* de Zênon. Esse filósofo tratou de assuntos relativos ao amor no início de sua obra intitulada *Arte de Amar*, e além disso escreveu muito sobre o mesmo assunto em suas *Diatribes*. Algumas das censuras acima referidas aparecem não somente em Cássios mas também no retor Isídoros de Pêrgamon. Este último afirma que as passagens contrárias à doutrina estóica foram expurgadas de suas obras por iniciativa do estóico Atenôdoros na época em que lhe foi confiada a biblioteca de Pêrgamon, mas foram reinseridas posteriormente, quando se descobriu o procedimento de Atenôdoros, contra quem foi instaurado um processo. É isso que se sabe a respeito das passagens de seus escritos consideradas espúrias.

(35) Houve oito personagens com o nome de Zênon: o filósofo eleático, de quem falaremos; o filósofo de quem estamos tratando; um ródio, autor de uma história de sua pátria em um livro; um historiador da expedição de Pirros à Itália e à Sicília, autor também de uma epitome da história política de Roma e Cartago; um discípulo de Crísipos, que escreveu poucas linhas, porém deixou numerosos discípulos; um médico da escola de Herôfilos, pensador vigoroso mas escritor fraco; um gramático, autor entre outras obras de epigramas; um filósofo epicurista natural de Sídon, claro no pensamento e na exposição.

(36) Os mais famosos entre os muitos discípulos de Zênon são os seguintes: Persaios, filho de Demétrios, nascido em Cítion, que segundo alguns autores foi discípulo e amigo, e segundo outros estava entre os colaboradores mandados a

Antígonos para se incumbirem de serviços bibliográficos; foi tutor de Alcioneus. Certa vez Antígonos quis pô-lo à prova e mandou propalar a falsa notícia de que suas terras haviam sido saqueadas pelo inimigo; Persaios mostrou-se preocupado e então Antígonos lhe disse: "Vês como a riqueza não é uma coisa indiferente?"

Atribuem-se as seguintes obras a Persaios: *Da Realeza; A Constituição dos Espartanos; Do Casamento; Da Impiedade; Tiestes; Dos Amores; Exortações; Diatribes; Anedotas*, em quatro livros; *Comentários; Contra as "Leis" de Platão*, em sete livros.

(37) Outros discípulos ilustres foram: Ariston, filho de Miltiades, nascido em Quios, introdutor da doutrina da indiferença; Hérilos de Cartago, segundo o qual o conhecimento era o fim supremo; Dionísios, chamado também o "Renegado", que se tornou defensor da teoria hedonística, porque em conseqüência de uma grave doença nos olhos não teve mais convicção para afirmar que a dor é uma coisa indiferente (Dionísios nasceu em Heraclea); Sfairos do Bôsporos; Cleantes, filho de Fanias, nascido em Assos, sucessor de Zênon na direção da escola (Zênon costumava compará-lo a plaquetas enceradas duras, nas quais é difícil escrever, mas que retêm os caracteres nelas inscritos). Sfairos também tornou-se discípulo de Cleantes após a morte de Zênon, e teremos oportunidade de mencioná-lo na *Vida de Cleantes*.

(38) Hipôbotos relaciona também entre seus discípulos Filonides de Tebas, Cálipos de Corinto, Poseidônios de Alexandria, Atenôdoros de Sôloi e Zênon de Sidon.

Pareceu-nos oportuno apresentar nesta *Vida de Zênon* um resumo abrangente de todo o conjunto da doutrina estóica, pelo fato de ter sido Zênon o fundador da escola estóica. Já demos a lista de seus muitos escritos, nos quais manifestou-se como nenhum dos outros estóicos. Expomos a seguir as doutrinas fundamentais em seus elementos essenciais e gerais. De acordo com nosso método habitual, é suficiente uma exposição sumária.

(39) Os estóicos dividem a filosofia em três partes: física, ética e lógica. Essa divisão aparece pela primeira vez no livro *Sobre a Lógica*, de Zênon, depois em Crísipos no primeiro livro *Sobre a Lógica* e no primeiro livro *Sobre a Física*, e ainda em Apolôdoros e Silos no primeiro livro de suas *Introduções à Doutrina*, em Êudromos na *Exposição dos Princípios Elementares da Ética*, e em Diôgenes da Babilônia e em Poseidônios.

Apolôdoros chama essas partes de "tópicos"[509], Crísipos e Êudromos de "espécies"[510], e outros de "gêneros".

(40) Os estóicos comparam a filosofia a um ser vivo, onde os ossos e os nervos correspondem à lógica, as partes carnosas à ética e a alma à física. Ou então comparam-na a um ovo: a casca à lógica, a parte seguinte (a clara) à ética, e a parte central (a gema) à física. Ou a comparam ainda a um campo fértil: a cerca externa é a lógica, os frutos são a ética, e o solo ou as árvores são a física. Ou comparam-na a uma cidade bem amuralhada e racionalmente administrada. E nenhuma parte é separada das outras, como dizem alguns estóicos, mas ao contrário todas estão estreitamente unidas entre si.

509. *Tópoi*.
510. "Espécie" = *eide*, e em seguida "gênero" = *genos*.

Seu próprio ensino fazia-se conjuntamente. Outros estóicos, entretanto, dão o primeiro lugar à lógica, o segundo à física e o terceiro à ética. Entre estes estão Zênon em seu tratado *Sobre a Lógica*, Crísipos, Arquêdemos e Êudromos.

(41) Diôgenes de Ptolemais, por seu turno, começa pela étca, mas Apolôdoros põe a ética em segundo lugar; Panáitios e Poseidônios começam pela física, de acordo com a afirmação de Fanias, discípulo de Poseidônios, no primeiro livro das *Lições de Poseidônios*. Cleantes fala em seis partes: dialética, retórica, ética, política, física e teologia. Outros autores dizem que essa divisão não é da exposição filosófica, e sim da própria filosofia – por exemplo, Zênon de Tarsos. Alguns estóicos distinguem a parte lógica do sistema em duas ciências: retórica e dialética; outros atribuem-lhe a finalidade de definir e de fornecer cânones e critérios; outros, entretanto, eliminam a parte relativa às definições.

(42) Esses filósofos servem-se dos cânones para descobrir a verdade, porque no curso dessa descoberta explicam as diferentes espécies de percepções que possuímos. Analogamente servem-se das definições para reconhecer a verdade, porque a realidade é apreendida por meio de conceitos. Definem a retórica como sendo a ciência de falar bem sobre assuntos clara e unitariamente expostos, e a dialética como sendo a ciência de discutir corretamente sobre assuntos mediante perguntas e respostas. Por isso dão ainda outra definição: a ciência do que é verdadeiro e do que é falso, e do que não é nem verdadeiro nem falso.

A retórica, dizem eles, divide-se em três partes: deliberativa, forense e encomiástica.

(43) A retórica compõe-se dos seguintes elementos: invenção dos argumentos, sua expressão em palavras, sua disposição e representação. O discurso retórico é constituído das seguintes partes: o proêmio, a narração dos fatos, a refutação da parte contrária e o epílogo.

A dialética abrange dois campos: um deles é a coisa significada, e o outro é a expressão ou palavra. O campo das coisas significadas compreende de um lado a doutrina de sua apresentação e do outro a doutrina de seus elementos constituintes, as proposições enunciadas (independentes ou simples predicados), e termos similares ativos ou passivos, gêneros e espécies, e também palavras, tópicos, silogismos e sofismas determinados pela linguagem ou pelo assunto.

(44) As várias espécies de sofismas são: o mentiroso, o verdadeiro, o negativo, o sorites e similares (defectivo, insolúvel ou conclusivo), o velado, o cornudo, o "ninguém" e o ceifador.

Dissemos há pouco que o outro campo particular da dialética é o da própria linguagem. Essa doutrina se ocupa da palavra representada por letras, estuda as partes do discurso e trata do solecismo, do barbarismo, da dicção poética, das anfibolias, da eufonia e da música, e segundo alguns autores até das definições, das divisões e do estilo.

(45) Os estóicos afirmam que é extremamente útil o estudo da teoria dos silogismos. Ela ensina o método demonstrativo, que contribui consideravelmente para a formação correta dos juízos, para sua disposição e para sua memorização, e ensina ainda a adquirir com bastante segurança os conhecimentos científicos.

O raciocínio propriamente dito consiste em premissas e conclusões, e o silogismo é um raciocínio conclusivo baseado nesses elementos. A demonstração é um raciocínio que por meio de noções mais claras explica noções menos claras sobre todos os assuntos.

A apresentação (ou impressão mental)[511] é uma impressão na alma, e tirou-se o seu nome adequadamente da marca feita por um sinete na cera. (46) Há duas espécies de apresentação; uma apreende imediatamente a realidade, e a outra apreende a realidade com pouca ou nenhuma nitidez[512]. A primeira, que os estóicos definem como critério da realidade, é determinada pelo existente, de conformidade com o próprio existente, e é impressa e estampada na alma. A outra não é determinada pelo existente, ou se provém do existente, não é determinada de conformidade com o próprio existente, e não é, portanto, nem clara nem distinta.

Os estóicos dizem que a dialética é necessária e é uma forma de excelência que abrange outras formas de excelência especiais ou particulares. A tempestividade nos ensina com segurança científica o momento em que devemos dar ou negar o nosso assentimento; a cautela é a força da razão contra a simples verossimilhança, de modo a não ceder a esta; (47) a irrefutabilidade é o vigor no raciocínio diante do provável, que não nos deixa levar por este; ao contrário, a seriedade ou ausência de frivolidade é a capacidade de submeter a apresentação à reta razão.

O conhecimento propriamente dito é definido pelos estóicos como uma percepção segura, ou uma faculdade de receber a apresentação, que não pode ser abalada pela razão. Somente com o estudo da dialética o sábio poderá raciocinar sem cair em erro. De fato, por meio da dialética distingue-se o verdadeiro do falso e se diferencia o que é persuasivo do que é enunciado ambiguamente. Além disso, sem a dialética não é possível perguntar e responder metodicamente.

(48) A precipitação nas afirmações estende seu efeito sobre aquilo que acontece na realidade, de tal maneira que aqueles que não têm apresentações bem disciplinadas caem na desordem e na irreflexão. De nenhuma outra maneira o sábio se mostrará penetrante e perspicaz, e sobretudo hábil na argumentação. É próprio do sábio falar e pensar retamente, discutir as questões propostas e responder às perguntas; e o dialético exímio possui todos esses requisitos. São estes, sumariamente expostos, os princípios fundamentais da lógica estóica. Mas, desejamos expor ainda alguns detalhes e mencionar um princípio constante de seu manual introdutivo, tal como é citado literalmente por Dioclés de Magnesia em seu *Sumário de Filosofia*, nos seguintes termos: (49) "Os estóicos concordam em atribuir a primazia à doutrina da apresentação e da sensação; o critério, com que se discerne a verdade das coisas, é em geral apresentação; a teoria do assentimento, da apreensão e da inteligência, que precede todas as outras, não pode ser expressa firmemente sem a apresentação.

A apresentação tem de fato a precedência, a ela segue-se o pensamento que, enquanto é capaz de enunciar o que recebe da apresentação, o exprime por meio da palavra."

(50) A apresentação difere da imaginação arbitrária. Esta última é na realidade uma visão falsa da mente como acontece nos sonhos, ao passo que a apresentação é impressão na alma, ou seja, um processo de modificação, como admite Crísipos no segundo livro de sua obra *Da Alma*. Não devemos entender "impressão" no sentido próprio da marca do sinete, porque é inconcebível que muitas marcas possam ocorrer simultaneamente no mesmo lugar. Entende-se por apresentação aquilo que se forma do existente de conformidade com o próprio existente, estampado, marcado e impresso na alma, e que jamais poderia proceder do não-existente.

511. *Phantasia*.

512. Respectivamente *phantasia kataleptiké* e *akatáleptos*.

(51) Segundo os estóicos, algumas apresentações devem-se a sensações e outras não; as primeiras são determinadas por um ou mais órgãos sensoriais, enquanto temos as segundas por meio do pensamento, como as relativas a objetos incorpóreos e tudo que é percebido pela razão. As apresentações devidas a sensações formam-se com base no existente e têm a nossa aprovação e nosso consenso. Há, todavia, apresentações que são aparências que se nos mostram como se proviessem do existente.

Outra distinção das apresentações é em racionais e irracionais; são racionais as dos seres racionais, e irracionais as dos seres irracionais; as racionais são um efeito da inteligência, e as irracionais não têm nome. Além disso há apresentações técnicas e não-técnicas (por exemplo, uma estátua é olhada de um modo pelo artista e de outro modo pelo leigo).

(52) Os estóicos definem a sensação como um sopro espiritual passando pela parte principal da alma aos sentidos, como a apreensão por meio dos sentidos, e ainda como o aparato inteiro dos órgãos sensoriais, dos quais algumas pessoas podem carecer. Entretanto, chama-se também a atividade do órgão sensorial de sensação.

Segundo os estóicos, a apreensão pode realizar-se por meio da sensação, como do branco e do negro, ou do áspero e do macio, ou por meio da razão; este último é o caso das deduções obtidas por meio de demonstração, como a existência dos deuses e de sua providência.

Adquirem-se as noções gerais por meio de circunstâncias acidentais, ou por meio de semelhança, ou por meio de analogia, ou por meio de transposição, ou por meio de composição, ou por meio de oposição.

(53) Por acidente temos uma noção do sensível; por semelhança obtemos uma noção cuja origem está no que se encontra diante de nós, como por exemplo a noção de Sócrates, graças à sua imagem, ou por analogia ou por via de acréscimo, como é o caso de Titiôs ou do Ciclope[513], ou por via de decréscimo, como é o caso do pigmeu. E assim, também por analogia, temos uma noção de centro da terra, graças a esferas menores.

São um exemplo de transposição os olhos no peito; de composição é o hipocentauro; de oposição é a morte. Algumas noções adquirem-se por meio de uma espécie de passagem do perceptível para o imperceptível; é o caso do espaço e da significação das palavras. As noções do justo e do bem derivam da natureza. Às vezes adquire-se a noção por negação ou privação – por exemplo, a do homem sem mãos. Essa é em linhas gerais a doutrina estóica sobre a apresentação e sobre a inteligência.

(54) Os estóicos definem o critério da verdade como a apresentação que apreende imediatamente a realidade, ou seja, que procede do existente, como afirmam Crísipos no segundo livro da *Física* e Antípatros e Apolôdoros. Bôetos,

513. Dois gigantes da mitologia grega.

por seu turno, admite uma pluralidade de critérios – a mente, a sensação, a propensão e a ciência.

Por outro lado, Crísipos o contradiz no primeiro livro de sua *Lógica*, sustentando que os critérios são a sensação e a preconcepção; a preconcepção é a inteligência natural do universal.

Alguns outros representantes da escola estóica antiga admitem como critério a reta razão, de conformidade com a afirmação de Poseidônios em sua obra *Sobre o Critério*.

(55) Quanto à instrução dialética, a maioria dos estóicos parece concordar com a admissão de que é necessário começar pelo capítulo referente à voz. A voz é uma percussão do ar ou o objeto próprio da audição, de acordo com a definição de Diôgenes da Babilônia em seu manual *Sobre a Voz*. A voz do animal é uma percussão do ar devida a um impulso natural, enquanto a do homem é articulada e emitida graças ao pensamento, como afirma Diôgenes, chegando à plenitude no décimo quarto ano de vida. Segundo os estóicos, a voz é um corpo, como afirmam Arquêdemos na obra *Sobre a Voz*, e Diôgenes e Antípatros, e Crísipos no segundo livro da *Física*.

(56) De fato, tudo que produz um efeito é corpo, e a voz que vem de quem fala para quem ouve produz um efeito. A expressão, como sustenta Diôgenes, é a voz escrita articulada em letras – por exemplo, "dia". Uma afirmação ou proposição é voz semântica emitida pelo pensamento – por exemplo, "é dia". O dialeto é linguagem cunhada segundo a variedade das estirpes e dos povos helênicos, ou seja, a linguagem de uma região que tem características dialetais peculiares – por exemplo, no dialeto ático "mar" é *thálatta*, e não *thálassa*, e no dialeto iônico "dia" é *hemere* e não *hemera*. Os elementos da linguagem são as vinte e quatro letras. "Letra", entretanto, tem o significado tríplice de "elemento", "símbolo do elemento" e "nome" – por exemplo *alpha* é o nome da letra "A".

(57) Sete das letras são vogais: *alpha* (α), *epsilon* (ε), *eta*(η), *iota*(ι), *omicron* (ο), *ypsilon* (υ) e *omega* (ω); seis são mudas: *beta* (β), *gamma* (γ), *delta* (δ), *kappa* (κ), *pi* (π) e *tau* (τ). Há uma diferença entre voz e expressão, pois enquanto a voz é um simples som, a expressão é sempre articulada. A expressão, por seu turno, é diferente do discurso, porque o discurso é sempre semântico (ou significante), enquanto a expressão pode ser até destituída de significado, isto é, ininteligível – por exemplo *blítyri* – o que jamais acontece com o discurso. Discorrer é diferente de pronunciar ou emitir sons; as vozes emitem-se simplesmente, enquanto se discorre sobre coisas, ao menos sobre aquelas que podem ser ditas.

De acordo com Diôgenes[514] na obra *Sobre a Voz*, e Crísipos, as partes do discurso são cinco: nome próprio, nome comum, verbo, conjunção e artigo. Antípatros, em sua obra *Sobre a Expressão e sobre as Coisas Expressas*, menciona outra parte, o "médio"[515].

(58) Segundo Diôgenes, o nome comum é uma parte do discurso significando uma qualidade comum – por exemplo, "homem", "cavalo"; o nome próprio é uma parte do discurso indicativa de uma qualidade própria – por exemplo, Diôgenes, Sócrates; o verbo é uma parte do discurso significando um predicado

514. Da Babilônia.

515. Provavelmente o advérbio.

simples, de acordo com a definição de Diôgenes. Segundo outros autores[516], todavia, o verbo é um elemento indeclinável do discurso, significando algo que pode ser acrescentado a um ou mais sujeitos – por exemplo, "escrevo", "digo". A conjunção é uma parte indeclinável do discurso, que liga as várias partes do mesmo; o artigo é uma parte declinável do discurso, distinguindo os gêneros e números dos nomes: *ho, hé, tó, hoi, hai, tá*.

(59) São cinco as qualidades que dão excelência ao discurso; helenismo puro, lucidez, concisão, conveniência e distinção. O helenismo puro é a expressão correta na linguagem elegante e douta, totalmente isenta de vulgaridades e negligências; a lucidez representa os pensamentos com plena clareza; a concisão expõe o assunto com o número estritamente necessário de palavras; a conveniência é a adequação perfeita do estilo ao assunto; a distinção consiste em evitar qualquer coloquialismo. Entre os defeitos estilísticos devem-se enumerar o barbarismo e o solecismo; o barbarismo é a violação dos usos clássicos helênicos; o solecismo é uma impropriedade sintática.

(60) Uma composição poética, de acordo com a definição de Poseidônios na introdução à sua obra *Do Estilo*, é a forma métrica ou rítmica estilisticamente isenta de vulgaridade, que se destaca da forma prosaica. A expressão rítmica é, por exemplo:

"Terra enorme, éter divino."[517]

Poesia é uma composição poética semântica, incluindo a imitação das coisas humanas e divinas.

A definição, como diz Antípatros no primeiro livro de sua obra *Das Definições*, é um enunciado baseado numa análise minuciosa; segundo Crísipos no tratado *Das Definições*, a definição é uma reprodução que caracteriza a coisa. O delineamento é uma exposição que proporciona o conhecimento de uma coisa em linhas gerais, ou seja, uma definição que exprime de forma simplificada o significado da definição propriamente dita. O gênero é a abrangência em um termo único de grande número de objetos de pensamento inseparáveis – por exemplo, "animal", pois esse termo inclui todas as espécies de animais.

(61) Um objeto de pensamento (ou noção) é uma imagem do pensamento, que embora não seja realmente substância ou atributo é de certo modo substância e de certo modo atributo – por exemplo, a imagem de um cavalo que pode apresentar-se diante do espírito, embora não seja o cavalo. A espécie é o que está compreendido no gênero; assim, por exemplo, "homem" está incluído no gênero "animal". Gênero no sentido mais lato é aquilo que, embora sendo gênero, não tem gênero algum acima de si – por exemplo, "o que é", "o ente". Espécie no sentido mais estrito é aquilo que, embora sendo espécie, não tem qualquer espécie abaixo de si – por exemplo, Sócrates.

A divisão de um gênero é a sua partição nas espécies próximas – por exemplo, "dos animais, alguns são racionais e outros são irracionais". A divisão contrária é a partição do gênero em espécies por qualidades contrárias – por exemplo, mediante negação: "das coisas existentes, algumas são boas e outras não são boas"; e continuando: "das coisas que não são boas, algumas são más e outras são indiferentes".

516. Apolôdoros e sua escola; veja-se o § 64 deste livro.

517. Eurípides, fragmento 839 Nauck.

(62) Partição de um gênero é sua distribuição em classes (como diz Crínis) – por exemplo: "dos bens, alguns se relacionam com a alma, outros se relacionam com o corpo".

Ocorre a ambigüidade verbal quando uma expressão, usada própria e corretamente, e de acordo com o uso estabelecido, denota duas ou mais coisas diferentes, de tal maneira que nos é possível entendê-la ao mesmo tempo em vários sentidos distintos. Por exemplo, as palavras (em grego) *Auletris pêptoke* tanto podem significar normalmente "a antecâmara caiu três vezes" (como se fosse *aulé tris pêptoke*) como "a flautista caiu".

Segundo as palavras de Poseidônios, a dialética é a ciência do verdadeiro e do falso, e do que não é nem verdadeiro nem falso, enquanto de acordo com Crísipos ela se refere ao significante e ao significado. Esta é então a doutrina estóica relativa à teoria da linguagem.

(63) No capítulo referente às coisas como tais e às coisas significadas, os estóicos expõem a teoria das expressões, ou seja, das frases completas, dos juízos e dos silogismos, bem como a teoria das frases elípticas e dos silogismos e dos predicados ativos e passivos[518]. Eles dizem que a expressão verbal é o resultado de uma apresentação racional. De tais expressões, segundo os estóicos, algumas são completas em si mesmas, outras são elípticas. As elípticas são enunciados incompletos e imprecisos – por exemplo: alguém diz "escreve", e perguntamos "quem"? As expressões completas em si mesmas são enunciados completos e precisos – por exemplo: "Sócrates escreve." No tratamento das expressões elípticas incluem-se os predicados; no tratamento das expressões completas incluem-se os juízos, os silogismos, as interrogações e as indagações.

(64) O predicado é o que se diz de alguém ou de alguma coisa, ou então, segundo os adeptos de Apolôdoros, algo associado a uma ou a algumas coisas ou a uma ou algumas pessoas, ou ainda uma expressão elíptica que se torna um fato sintático unindo-se ao caso reto (nominativo, caso do sujeito) gerando assim uma frase. Dos predicados alguns são acidentais (adjetivos) – por exemplo: "navegar entre os escolhos." Além disso, alguns predicados são diretos (ativos), outros inversos (passivos), e outros nem ativos nem passivos. São ativos os predicados construídos sintaticamente com um dos casos oblíquos, dando assim lugar a uma frase – por exemplo: "ouve", "vê", "conversa". São inversos os compostos com sufixo passivo – por exemplo: "ouvi", "vi". Não são nem ativos nem passivos os que não se formam de nenhum dos dois modos mencionados – por exemplo: "pensar", "passear".

(65) Predicados reflexivos são aqueles entre os passivos que apesar de estarem na forma passiva são operações ativas – por exemplo: "deixa que lhe cortem o cabelo", porque quem deixa que lhe cortem o cabelo está em sua esfera de ação.

Os casos oblíquos são: genitivo, dativo e acusativo.

Um juízo é o que é verdadeiro, ou falso, ou algo completo em si mesmo, passível de ser negado ou afirmado em si e por si, como diz Crísipos nas *Definições Dialéticas*: "Um juízo é o que pode ser negado ou afirmado em si e por si. Por exemplo: 'é dia', 'Díon passeia.'" A palavra (grega) correspondente a "juízo" (*axíoma*) deriva de *axioústhai*, significando que algo pode ser aceito ou rejeitado.

518. Veja-se o § 43 deste livro.

Com efeito, quem diz "é dia" demonstra aceitar o fato de que é dia; ora: se realmente é dia, o juízo diante de nós é verdadeiro; se não é dia, o juízo é falso.

(66) Há diferença entre juízo, interrogação e indagação, de um lado, e do outro comando, juramento, imprecação, hipótese, apóstrofe e um enunciado semelhante ao juízo. O juízo, de fato, é aquilo que, expresso em palavras, se torna uma afirmação do que é verdadeiro e do que é falso; a interrogação é algo completo em si, da mesma forma que o juízo, porém exige uma resposta – por exemplo: "é dia"? E isso não é verdadeiro nem falso, de tal forma que "é dia" é um juízo e "é dia"? é uma interrogação. A indagação é algo a que não se pode responder com gestos, como a interrogação; não basta responder com um simples "sim", mas é necessário dizer, por exemplo: "ele mora neste ou naquele lugar". (67) Com o comando exprime-se uma ordem – por exemplo[519]:

"Vai tu às águas do Ínacos!"

O juramento é algo...[520]

Com a apóstrofe dirigimo-nos a alguém – por exemplo[521]:

"Gloriosíssimo Atrida, senhor de homens, Agamêmnon!"

Um enunciado semelhante ao juízo é aquele que, embora tenha a enunciação de um juízo, pelo acréscimo de elementos supérfluos ou patéticos distingue-se dos juízos verdadeiros e próprios – por exemplo[522]:

"É realmente belo o Partenon!"

"Como o boiadeiro se assemelha aos Priamidas!"

(68) Podemos achar também algo expresso em forma dubitativa, diferente de uma proposição ou juízo, cuja enunciação nos deixa em dúvida – por exemplo[523]:

"Será que a dor e a vida são aparentadas?"

Interrogações, indagações e similares não são nem verdadeiras nem falsas, enquanto os juízos são verdadeiros ou falsos. Dos juízos alguns são simples e outros não-simples, como dizem Crísipos, Arquêdemos, Atenôdoros, Antípatros e Crínis e seus adeptos. Simples são os juízos consistentes em uma ou mais proposições não-ambíguas – por exemplo: "É dia." Não-simples são os consistentes em uma ou mais proposições ambíguas. (69) Estas podem consistir, portanto, em uma proposição ambígua simples – por exemplo: "Se é dia é dia", ou em mais de uma proposição – por exemplo: "Se é dia há luz." Nos juízos simples incluem-se aqueles que afirmam ou negam. São juízos simples os afirmativos ou negativos, os privativos e os declarativos, os definidos e os indefinidos.

São juízos não-simples os ligados hipotética ou assertivamente, os conjuntivos e os disjuntivos, os causais e os indicativos do mais ou do menos.

Exemplo de uma proposição negativa é: "Não é dia." Uma espécie de juízo negativo é o duplamente negativo, onde a dupla negação significa a negação da negação – por exemplo: "Não é possível que não seja dia."[524] Esse enunciado pressupõe que é dia.

519. Fragmento trágico anônimo, nº 177 da coletânea de Nauck.
520. Há neste trecho uma lacuna nos manuscritos.
521. *Ilíada*, IX, 96.
522. O segundo verso é de um tragediógrafo anônimo, fragmento 286 Nauck.
523. Mênandros, fragmento 281, verso 8, Koerte.
524. Literalmente "Não é não-dia".

(70) O juízo negativo consiste num elemento negativo e num predicado – por exemplo: "Ninguém passeia." Um juízo privativo baseia-se num elemento privativo e num propósito significativo de um juízo – por exemplo: "Este homem é desumano." O juízo declarativo consiste num sujeito no caso nominativo e num predicado – por exemplo: "Díon passeia." O juízo definido consiste num demonstrativo no caso nominativo – por exemplo: "Este homem passeia." Indefinido é o juízo consistente em um ou mais elementos indeterminados e num predicado – por exemplo: "Alguém passeia", "aquilo se move".

(71) Das proposições não-simples, a hipoteticamente conjugada, como dizem Crísipos nas *Definições Dialéticas* e Diôgenes na *Arte Dialética*, é aquela formada com a conjugação "se". Essa conjunção antecipa que uma segunda parte segue a primeira, como, por exemplo, "Se é dia, há luz". A proposição conjugada assertivamente é, segundo a definição de Crínis na *Arte Dialética*, aquela introduzida por "já que" e consistente num enunciado inicial e num enunciado final – por exemplo: "Já que é dia, há luz." Essa conjunção antecipa que a uma primeira parte se segue uma segunda, e que a primeira parte tem o valor real de um juízo.

(72) A proposição conjuntiva é a conjugada por meio de uma conjunção populativa – por exemplo: "É dia e há luz." A proposição disjuntiva é a separada por uma conjunção disjuntiva – por exemplo: "É dia ou é noite." Essa conjunção antecipa que um dos enunciados é falso. A proposição causal é a constituída mediante a conjunção "já que" – por exemplo: "Já que é dia, há luz", como se a primeira parte fosse causa da segunda. A proposição explicativa do mais é a formada pela conjunção que significa "mais" e pela palavra "que" – por exemplo: "É mais dia que noite." A proposição explicativa do menos é a contrária à precedente – por exemplo: "É menos noite que dia."

(73) Além disso, entre as proposições há algumas opostas umas às outras em relação ao verdadeiro e ao falso, das quais uma nega a outra – por exemplo: "É dia" e "Não é dia". E uma proposição hipoteticamente conjugada é verdadeira se o contrário do enunciado final for incompatível com o enunciado inicial – por exemplo: "Já que é dia, o sol está sobre a terra." Uma proposição assertivamente contradição com a conclusão, seria incompatível com o enunciado inicial "é dia". Por outro lado, uma proposição hipoteticamente conjugada é falsa se o contrário do enunciado final não for incompatível com o enunciado inicial – por exemplo: "Se é dia, Díon passeia", por quanto a afirmação "Díon não passeia" não seria contrária ao enunciado inicial "é dia".

(74) Uma proposição assertivamente conjugada é verdadeira se, partindo de uma premissa verdadeira, apresenta ainda uma conclusão conseqüente – por exemplo: "Já que é dia, o sol está sobre a terra." Uma proposição assertivamente conjugada é falsa se parte de uma premissa falsa ou se não apresenta uma conclusão conseqüente – por exemplo: "Já que é noite, Díon passeia." Este último enunciado é válido também durante o dia.

Uma proposição causal é verdadeira se, partindo de uma premissa verdadeira, termina por uma conclusão conseqüente, ainda que a premissa não corresponda por seu turno à conclusão – por exemplo: "Já que é dia, há luz"; a afirmação "é dia" se coaduna com a outra "há luz", porém a afirmação "há luz" não se coaduna com a outra "é dia".

Uma proposição causal é falsa se parte de uma premissa falsa, ou tem uma conclusão inconseqüente, ou tem uma premissa que não corresponde à conclusão – por exemplo: "Já que é noite, Díon passeia."

(75) O juízo provável é aquele que leva ao assentimento – por exemplo: "Quem deu alguma coisa à luz é sua mãe". Isso, entretanto, não é necessariamente verdadeiro, porque a galinha não é mãe do ovo.

Além desses há juízos possíveis e impossíveis, e alguns necessários e outros não-necessários. É possível o juízo que pode ser verdadeiro enquanto as circunstâncias externas não se opõem à verdade – por exemplo "Dioclés vive". Impossível é o juízo que não pode ser verdadeiro – por exemplo: "A terra voa". É necessário o juízo que além de ser verdadeiro não pode ser falso, ou, embora possa ser falso, é impedido de sê-lo por circunstâncias externas a si mesmo – por exemplo: "A excelência é útil". É não-necessário o juízo que é verdadeiro, mas também pode ser falso se não há condições externas impeditivas – por exemplo: "Díon passeia".

(76) É razoável um juízo que tem muitas possibilidades de ser verdadeiro – por exemplo: "Amanhã estarei vivo". Existem ainda outras distinções nas proposições, e graus de transição do verdadeiro ao falso, e inversões, que iremos descrever agora em linhas gerais.

De acordo com a afirmação de Crínis e de seus adeptos, um raciocínio consiste numa premissa maior, numa premissa menor e numa conclusão – por exemplo: "Se é dia, há luz; e é dia, logo há luz". A premissa maior é "se é dia, há luz"; a premissa menor é "e é dia"; a conclusão é "logo há luz". Um argumento é como se fosse um esboço de raciocínio – por exemplo: "Se A existe, B também existe; ora: o primeiro existe, logo o segundo também existe".

(77) Há uma outra forma de silogismo, resultante da combinação de um raciocínio e de um argumento – por exemplo: "Se Platão vive, Platão respira; ocorre o primeiro caso, e, portanto, ocorre o segundo". Esse silogismo condicional foi introduzido com o objetivo de evitar a repetição da premissa menor, se for longa, e de poder levar tão concisamente quanto possível à conclusão – por exemplo: "Se o primeiro existe, o segundo também existe".

Dos raciocínios uns são inconclusivos, e outros são conclusivos. São inconclusivos aqueles em que o contrário da conclusão não é incompatível com a combinação das premissas – por exemplo: "Se é dia, há luz; e é dia, logo, Díon passeia".

(78) Dos raciocínios conclusivos alguns se chamam conclusivos propriamente ditos, com o nome comum a todo o gênero, enquanto outros se chamam silogísticos. São silogísticos os que não necessitam de demonstração, ou são redutíveis àqueles que não necessitam de demonstração, a respeito de uma ou mais premissas – por exemplo: "Se Díon passeia, Díon se move; Díon passeia, logo, Díon se move". Os raciocínios especificamente conclusivos são os que levam a conclusões, mas não mediante silogismos – por exemplo: "É falso que é dia e é noite; e é dia; logo, não é noite".

Raciocínios não-silogísticos são aqueles que têm alguma analogia plausível com os silogísticos, porém carecem de força conclusiva – por exemplo: "Se Díon é um cavalo, Díon é um animal; mas Díon não é um cavalo; logo, Díon não é um animal".

(79) Além disso, os raciocínios dividem-se em verdadeiros e falsos. São verdadeiros os raciocínios que concluem por meio de premissas verdadeiras – por exemplo: "Se a excelência é útil, a deficiência é prejudicial". São falsos os que apresentam um erro nas premissas ou são inconclusivos – por exemplo: "Se é dia, há luz; é dia, logo Díon vive".

Os raciocínios dividem-se ainda em possíveis e impossíveis, e necessários e não-necessários. Há também alguns indemonstráveis, porquanto não é necessário demonstrá-los; por meio deles se constrói qualquer argumento; quanto a seu número, os filósofos estóicos discordam, porém Crísipos enumera cinco. São usados seja nos raciocínios especificamente conclusivos, seja nos silogísticos, seja nos hipotéticos.

(80) O primeiro raciocínio indemonstrável é aquele em que todo o raciocínio consiste num juízo hipotético, enquanto o enunciado final é a conclusão – por exemplo: "Se o primeiro, também o segundo; há o primeiro, logo, há o segundo". O segundo raciocínio indemonstrável consiste num juízo hipotético e num oposto ao enunciado final, enquanto tem como conclusão o contrário da premissa – por exemplo: "Se é dia, há luz; mas é noite, logo, não é dia". Aqui a premissa é constituída do contrário do enunciado final, e a conclusão é constituída do contrário da premissa. O terceiro raciocínio indemonstrável apresenta uma combinação de proposições negativas como premissa maior, e o contrário da proposição restante como conclusão – por exemplo: "Não é possível que Platão esteja morto e que Platão esteja vivo; mas Platão está morto, logo, Platão não está vivo".

(81) O quarto raciocínio indemonstrável tem como premissa uma proposição disjuntiva e um dos dois membros da proposição disjuntiva, e tem como conclusão o contrário do outro membro – por exemplo: "Ou existe A, ou existe B; mas A existe; logo, B não existe". O quinto raciocínio indemonstrável é aquele em que todo o argumento se compõe de uma proposição disjuntiva, e do contrário de um dos dois membros da proposição disjuntiva, e tem por conclusão o outro membro – por exemplo: "Ou é dia, ou é noite; mas não é noite, logo, é dia". Segundo os estóicos, ao verdadeiro segue-se o verdadeiro – por exemplo: a "é dia" segue-se "há luz". E ao falso segue-se o falso; sendo assim, se se afirma falsamente "é noite", segue-se "está escuro". Mas, ao falso pode seguir-se o verdadeiro – por exemplo: a "a terra voa" segue-se "a terra existe". Ao contrário, a uma verdade não pode seguir-se uma falsidade: a "a terra existe" não pode seguir-se "a terra voa".

(82) Existem alguns raciocínios insolúveis[525]: o Velado, o Oculto, o Sorites, o Cornudo, o Ninguém. Exemplo do Velado é o seguinte...[526]. A afirmação "dois é pouco" carece absolutamente de valor, porque três também é pouco, e isto não vale sem que quatro também seja pouco, e assim por diante até dez...[526a].

O raciocínio chamado Ninguém consiste num enunciado indefinido e num enunciado definido, tendo ainda uma premissa menor e uma conclusão – por exemplo: "Se alguém está aqui, não está em Rodes; e há alguém aqui, logo, ninguém está em Rodes...[527]".

525. Ou seja, sofismas.
526. Os manuscritos são lacunosos neste trecho. O exemplo seguinte é do sorites.
526a. Aqui há outra lacuna nos manuscritos.
527. Há neste trecho uma terceira lacuna nos manuscritos.

(83) Esta é então a lógica dos estóicos, por meio da qual eles procuram fundamentar sua afirmação no sentido de que o único dialético verdadeiro é o sábio. Os estóicos sustentam que sem uma sólida formação lógica seria impossível penetrar inteiramente na física e na ética. De fato, dizem eles, a correção dos termos na linguagem dos sábios resulta do estudo da lógica, e igualmente as disposições legislativas pertinentes às ações dos homens não poderiam ser entendidas sem o mesmo estudo. Dois campos distintos de indagação estão na verdade subordinados à lógica: um sobre a verdadeira essência do ser, e outro sobre a terminologia dos conceitos. Esse é o conteúdo da lógica dos estóicos.

(84) Os estóicos dividem a parte ética da filosofia em doutrinas do impulso, do bem e do mal, das paixões, da excelência, do fim supremo, do valor mais alto, dos deveres, e da exortação e dissuasão em face da ação. Essa é a divisão adotada pelos seguidores de Crísipos, de Arquêdemos, de Zênon de Tarsos, de Apolôdoros, de Diôgenes, de Antípatros e de Poseidônios. Zênon de Cítion e Cleantes, como filósofos do estoicismo mais antigo, trataram do assunto de maneira menos elaborada, porém eles mesmos subdividiram tanto a lógica como a física.

(85) Os estóicos dizem que o primeiro impulso do ser vivo é o da sobrevivência, que lhe foi dado desde o início pela natureza. No primeiro livro de sua obra *Dos Fins*, Crísipos afirma que o primeiro bem possuído por cada ser vivo é a sua própria constituição física e a consciência da mesma. Não se pode admitir logicamente que a natureza torne o ser vivo estranho a si mesmo (de outra forma ela não o teria criado), nem que o trate como um estranho, nem que não o tenha como sua criatura. Somos então compelidos a dizer que a natureza, constituindo o ser vivo, fê-lo caro a si mesmo, pois assim ele repele tudo que lhe é prejudicial, e acolhe tudo que lhe é útil e afim. Os estóicos demonstram que falam falsamente todos os propugnadores da idéia de que o primeiro impulso dos seres vivos é em direção ao prazer.

(86) De fato, esses filósofos afirmam que o prazer, se realmente existe, vem num segundo estágio, quando a natureza por si mesma procurou e encontrou tudo que se adapta à sua constituição; deste modo, os animais têm a índole jovial e as plantas florescem. Eles dizem ainda que a natureza não faz diferença alguma entre as plantas e os animais, porque regula também a vida das plantas, em seu caso sem impulso e sem sensações, e por outro lado geram-se em nós fenômenos análogos aos das plantas. Mas, já que no caso dos animais foi acrescentado o impulso por meio do qual os mesmos se dirigem a seus próprios fins, daí decorre que sua disposição natural atua no sentido de seguir o impulso. E já que os seres racionais receberam a razão com vistas a uma conduta mais perfeita, sua vida segundo a razão coincide exatamente com a existência segundo a natureza, enquanto a razão se agrega a eles como aperfeiçoadora do impulso.

(87) Por isso Zênon foi o primeiro, em sua obra *Da Natureza do Homem*, a definir o fim supremo como viver de acordo com a natureza, ou seja, viver segundo a excelência, porque a excelência é o fim para o qual a natureza nos guia. O mesmo dizem Cleantes em sua obra *Do Prazer*, e Poseidônios e Hecáton na obra *Dos Fins*.

No primeiro livro de sua obra *Dos Fins*, Crísipos afirma também que viver segundo a excelência coincide com viver de acordo com a experiência dos fatos da natureza, e que nossas naturezas individuais são partes da natureza universal.

(88) Por isso o fim supremo pode ser definido como viver segundo a natureza, ou, em outras palavras, de acordo com nossa própria natureza e com a natureza do

universo, uma vida em que nos abstemos de todas as ações proibidas pela lei comum a todos, idêntica à reta razão difundida por todo o universo e idêntica ao próprio Zeus, guia e comandante de tudo que existe. E nisso consiste a excelência do homem feliz, e consiste o curso suave da vida, quando todas as ações praticadas promovem a harmonia entre o espírito existente em cada um de nós e a vontade do ordenador do universo. Diógenes define expressamente como fim supremo agir racionalmente na escolha do que é conforme a natureza. Arquêdemos, por seu turno, define como fim supremo a vida em que se cumprem todos os deveres.

(89) Por natureza, conforme à qual devemos viver, Crísipos entende tanto a natureza universal como a natureza humana em sua própria individualidade, enquanto Cleantes entende por natureza que devemos seguir somente a universal, e não a individual. Por excelência, ele entende uma disposição espiritual harmoniosamente equilibrada, digna de ser escolhida em si e por si, e não por qualquer temor, ou esperança, ou impulso exterior; a felicidade consiste na excelência, pois a excelência é como uma alma que tende a tornar toda a vida harmoniosa. O ser racional desvia-se às vezes dela, seja quando se deixa seduzir pelas exterioridades, seja quando sofre a influência das pessoas com as quais convive, porque a natureza proporciona pontos de partida incontrovertidos e não-pervertidos. (90) A excelência é uma certa perfeição comum a todas as coisas, como por exemplo a de uma estátua; ela é não-teórica, como a saúde física, ou teórica, como a prudência. Com efeito, no primeiro livro de sua obra *Da Excelência*, Hecáton diz que são formas de excelência científicas e teóricas aquelas cuja essência deriva de princípios especulativos, como a prudência e a justiça; são formas de excelência não-teóricas aquelas que por extensão se consideram próximas das precedentes e se baseiam em princípios científicos, como a saúde física e a força. Sendo assim, à prudência, que é uma forma de excelência teórica, segue-se por extensão a saúde física, do mesmo modo que a força é o resultado da estrutura de um arco.

(91) Estas chamam-se formas de excelência não-teóricas porque lhes falta o consenso da razão, e são fenômenos acessórios capazes de manifestar-se até nos homens maus, como a saúde e a força físicas. Para provar que a excelência existe realmente, Poseidônios no primeiro livro de sua obra *Da Ética* menciona o fato de Sócrates, Diógenes e Antístenes terem feito progressos concretos na mesma. Por outro lado, a deficiência também existe, em oposição à excelência. Crísipos, no primeiro livro de sua obra *Do Fim Supremo*, Cleantes, Poseidônios em suas *Exortações*, e Hecáton afirmam que a excelência pode ser ensinada; outra prova de que a excelência pode ser ensinada é o fato evidente de que os maus se tornam bons.

(92) Panáitios admite duas formas de excelência: a teórica e a prática; outros autores admitem três: lógica, física e ética. Poseidônios e seus adeptos, e mais tarde Cleantes, Crísipos, Antípatros e seus adeptos admitem quatro. Apolofanes admite apenas uma espécie, a prudência. Das formas de excelência algumas são primárias, e outras são subordinadas a estas. As primárias são as seguintes: prudência, coragem, justiça e moderação. São formas de excelência especiais: a magnanimidade, a continência, a perseverança, a perspicácia e o bom-senso. A prudência é o conhecimento do mal e do bem e do que não é nem mal nem bem; a coragem é o

conhecimento do que se deve escolher e do que se deve evitar, e do que nem se deve escolher nem evitar[528]; a justiça...[529].

(93) A magnanimidade é o conhecimento ou atitude que torna uma pessoa superior a tudo que acontece, seja bom ou mau; a continência é a disposição espiritual inabalavelmente aderente aos princípios da reta razão, ou a capacidade de não nos deixarmos dominar pelos prazeres; a perseverança é o conhecimento ou atitude que mostra a que coisas devemos apegar-nos e a que coisas não devemos, e a que coisas não devemos apegar-nos nem deixar de apegar-nos; a perspicácia é a faculdade de perceber o que é conveniente fazer em qualquer ocasião; o bom-senso é o conhecimento que nos permite distinguir o que devemos fazer e como devemos fazer para agir de acordo com nossos interesses.

Analogamente, das deficiências algumas são primárias, e outras são subordinadas a estas; por exemplo, são deficiências primárias a imprudência, a covardia, a injustiça, a imoderação; são subordinadas a estas a incontinência, a estupidez e a insensatez. Os estóicos definem a deficiência como a ignorância das coisas cujo conhecimento constitui a excelência.

(94) De um modo geral o bem é aquilo de que advém alguma utilidade, e com maior propriedade pode-se dizer que é idêntico ao útil ou não se distingue dele. Conseqüentemente, a própria excelência e o bem inerente a ela assumem o tríplice significado seguinte: (I) o bem de que deriva o útil; (II) aquilo de que resulta o bem (por exemplo, o ato excelente); (III) o bem que opera o útil (por exemplo, o homem bom que participa da excelência).

Outra definição mais particular que os estóicos dão do bem é a "perfeição natural de um ser racional enquanto racional". A isso correspondem a excelência e, por participarem da excelência, os atos excelentes e os homens bons; e também os fenômenos acessórios – o júbilo, a alegria e similares.

(95) Da mesma forma são deficiências a imprudência, a covardia, a injustiça e similares, ou coisas que participam da deficiência, inclusive os atos condenáveis e as pessoas deficientes, bem como fenômenos acessórios – a aflição, a tristeza e similares.

Além disso, dos bens alguns são da alma, outros são exteriores. Os bens da alma são a excelência e os atos excelentes; os bens exteriores são ter uma pátria digna ou um amigo digno, e a felicidade de ambos. Ser bom e feliz pertence à classe dos bens que não são nem exteriores nem da alma. (96) Quanto aos males, alguns são da alma, como as deficiências e ações deficientes; outros são exteriores, como ter uma pátria indigna ou ter um amigo indigno, e a infelicidade de ambos. Outros males não são nem da alma nem exteriores, como ser mau ou infeliz.

Mais ainda: alguns bens são absolutos, outros são eficientes, e outros são absolutos e eficientes. O amigo e as vantagens que derivam dele são bens eficientes; a coragem, a nobreza, a liberdade, o deleite, a alegria, a ausência de sofrimentos e todas as ações excelentes são bens absolutos.

(97) As formas de excelência são bens eficientes e absolutos. Enquanto produzem a felicidade são bens eficientes, e por outro lado enquanto a tornam completa e passam portanto a ser partes dela, são bens absolutos. Da mesma forma

528. Essa suposta definição de coragem é evidentemente uma continuação da definição de prudência; veja-se o § 126 deste livro.

529. Há aqui outra lacuna nos manuscritos; veja-se o § 126 deste livro.

também os males são absolutos ou eficientes, ou são absolutos e eficientes. O inimigo e o dano que ele causa são males eficientes; a consternação, a mesquinhez, a escravidão, a ausência de alegria, a tristeza, a aflição e todas as ações deficientes são males absolutos. As formas de deficiência são males eficientes e absolutos. Enquanto produzem a infelicidade são males eficientes, e enquanto a tornam completa e passam portanto a ser partes dela são males absolutos.

(98) Dos bens da alma alguns são hábitos, outros são disposições, outros não são nem hábitos nem disposições. Disposições são as formas de excelência, hábitos são as ocupações, e nem disposições nem hábitos são as ações. Em geral são bens mistos a felicidade dos filhos e a velhice feliz; o conhecimento, ao contrário, é um bem simples. As formas de excelência são bens permanentes, enquanto são bens transitórios, por exemplo, a alegria e o passear. Segundo os estóicos, todo bem é conveniente, compulsório, compensador, útil, benéfico, belo, vantajoso, desejável e justo.

(99) O bem é conveniente porque proporciona coisas de tal natureza que sua ocorrência nos recompensa; é compulsório porque causa unidade onde a unidade é necessária; é compensador porque retribui os gastos que ocasiona, de tal modo que o ganho resultante da operação supera em vantagem a despesa; é útil porque proporciona o uso dos benefícios; é benéfico porque a utilidade que traz é digna de louvor; é belo porque o bem é proporcional ao seu uso; é vantajoso porque por sua própria natureza traz benefícios; é desejável porque, graças ao seu conteúdo, é razoável escolhê-lo; e é justo porque está em harmonia com a lei e tende a constituir a comunidade.

(100) Os estóicos qualificam o belo de bem perfeito, porque está repleto de todos os fatores requeridos pela natureza, ou porque tem proporções perfeitas. São quatro as formas do belo: o que é justo, corajoso, ordenado e sábio; com efeito, é nessas formas que se realizam as belas ações. Analogamente há quatro espécies de feio: o que é injusto, covarde, desordenado e estulto. Os estóicos consideram belo unicamente o bem que torna dignos de louvor aqueles que o têm, ou o bem que é digno de louvor; em outro sentido o belo é a boa aptidão natural para uma função própria, ou então aquilo que ilustra, como quando dizemos que somente o sábio é bom e belo.

(101) Para os estóicos somente o belo é bom, e assim dizem Hecáton no terceiro livro de sua obra *Dos Bens*, e Crísipos em sua obra *Do Belo*. É essa a natureza da excelência e do que participa da mesma, o que equivale a afirmar que todo bem é belo, e que a palavra "belo" tem o mesmo significado da palavra "bem", porquanto um é igual ao outro. Se algo é bom, é belo; mas é belo, logo é bom.

Os estóicos sustentam que todos os bens são iguais, e que todo bem é desejável em altíssimo grau, e não é susceptível nem de diminuição nem de aumento. Das coisas existentes os estóicos dizem que algumas são boas e outras são más; outras não são nem boas nem más.

(102) Boas são as formas de excelência chamadas prudência, coragem, moderação, etc.; más são as formas de deficiência chamadas imprudência, injustiça, etc.; indiferentes são todas as coisas que não beneficiam nem prejudicam – por exemplo: a vida, a saúde, o prazer, a beleza, a força, a riqueza, a boa reputação, a nobreza de nascimento, e seus contrários: a morte, a doença, o sofrimento, a feiúra, a debilidade, a pobreza, a mediocridade, o nascimento humilde e similares, como afirmam Hecáton no sétimo livro de sua obra *Do Fim Supremo*, e Apolôdoros na *Ética*, e Crísipos. Estes, então, não constituem bens, sendo coisas indiferentes e dignas de serem desejadas em sentido relativo, não em sentido absoluto.

(103) Da mesma forma que a propriedade do quente é aquecer, e não esfriar, a propriedade do bem é beneficiar, e não prejudicar; a riqueza e a saúde causam mais danos que vantagens, e portanto nem a riqueza é um bem, nem a saúde. Além disso os estóicos dizem que não é um bem aquilo cujo uso nos pode fazer bem ou mal; já que tanto a riqueza como a saúde podem ser usadas para fazer bem ou mal, nem a riqueza é um bem, nem a saúde. Poseidônios, todavia, enumera esta última entre os bens. Hecáton no nono livro de sua obra *Dos Bens* e Crísipos em sua obra *Do Prazer* sustentam que o prazer não é tampouco um bem; há realmente prazeres vergonhosos, e nada que seja vergonhoso pode ser um bem. (104) Ser útil é um movimento ou comportamento inspirado pela excelência; prejudicar é um movimento ou comportamento inspirado pela deficiência. O termo "indiferente" tem um sentido duplo. Em primeiro lugar significa o que não contribui nem para a felicidade nem para a infelicidade – por exemplo: a riqueza, a glória, a saúde, a força e similares –; de fato, mesmo sem estas é possível obter a felicidade, desde que do uso que se faz delas possa resultar felicidade ou infelicidade. Em segundo lugar o termo "indiferente" significa aquilo que não provoca nem propensão nem aversão – por exemplo: ter na cabeça um número de cabelos par ou ímpar, ou ter o dedo reto ou dobrado. As coisas antes mencionadas não são definidas como indiferentes nesse sentido, porque podem provocar propensão ou aversão.

(105) Por isso tais coisas em parte são escolhidas, em parte são recusadas, enquanto as outras não suscitam o problema de escolha ou rejeição. Das coisas indiferentes os estóicos dizem que algumas merecem ser escolhidas, e outras merecem ser rejeitadas. Dignas de escolha são aquelas que têm valor; merecedoras de rejeição serão as destituídas de valor. Eles entendem por "valor" uma certa contribuição à vida equilibrada pela razão, requisito de todo bem; mas, entendem também uma certa potência ou utilidade mediata que contribui para a vida segundo a natureza, como a contribuição que a saúde e a riqueza trazem à vida segundo a natureza; os estóicos tiram outro significado do termo "valor" da troca de mercadorias calculada por um perito no assunto – por exemplo: trocar uma carga de trigo por uma carga de cevada mais o mulo.

(106) Então merece escolha tudo que tem valor: no âmbito espiritual, os dotes naturais de habilidade, a capacidade técnica, a capacidade de progredir e similares; no âmbito corporal, a vida, a saúde, a força, a boa compleição física, a integridade física, a beleza e similares; no âmbito dos bens exteriores, a riqueza, a glória, a nobreza de nascimento e similares. Ao contrário, merecem ser rejeitadas: no âmbito espiritual a ausência de dotes naturais ou técnicos e similares; no âmbito corporal a morte, a doença, a debilidade, a má compleição física, a mutilação, a feiúra e similares; no âmbito externo a pobreza, a mediocridade, a humildade de nascimento e similares. Existem, entretanto, coisas que não se incluem em nenhuma das duas classes, e portanto não são escolhidas nem rejeitadas.

(107) Além disso, das coisas escolhidas algumas merecem ser escolhidas por si mesmas, outras por motivos diversos, outras ainda por si mesmas e por motivos diversos. São escolhidos por si mesmos os dotes naturais de habilidade, a capacidade de progredir e similares; por motivos diversos a riqueza, a nobreza de nascimento e similares; por si mesmas e por motivos diversos a força, a acuidade

dos sentidos, a integridade física. As coisas merecem ser escolhidas por si mesmas por serem conformes à natureza, e por outros motivos por proporcionarem não poucas vantagens. Analogamente as coisas que merecem ser rejeitadas são rejeitadas por motivos opostos a estes.

Os estóicos entendem por "dever" o ato passível de ser justificado racionalmente, desde que seja conforme à natureza na vida, que se estende até as plantas e os animais, pois, segundo os estóicos, mesmo nelas e neles distinguem-se deveres.

(108) Zênon foi o primeiro a usar o termo "dever" (*kathékon*), derivado de *katá tinas hékein*, porquanto o dever se dirige ou incumbe a certos homens, e é um ato coerente com as disposições da natureza. Das ações inspiradas pelo impulso algumas são conformes ao dever, outras são contrárias ao dever, e outras nem são conformes nem contrárias ao dever. São conformes ao dever as ações ditadas pela razão – por exemplo: honrar os pais, os irmãos, a pátria, manter boas relações com os amigos; não são conformes ao dever as ações não aceitas pela razão – por exemplo: descuidar-se dos pais, não cuidar dos irmãos, não viver em harmonia com os amigos, desprezar a pátria e similares. (109) Nem conformes nem contrárias ao dever são todas as ações cuja prática a razão não impõe nem veta – por exemplo: arrancar os ramos secos, segurar uma pena ou um estilete e similares.

Dos deveres alguns são incondicionados, outros são condicionados. São deveres incondicionados os seguintes: cuidar da saúde e dos órgãos sensoriais e similares; são deveres condicionados mutilar-se e sacrificar uma propriedade.

Há uma distinção análoga nas ações contrárias ao dever. Outra distinção dos deveres é que alguns são sempre impositivos, e outros nem sempre são impositivos. É dever sempre impositivo, por exemplo, viver de acordo com os ditames da excelência, e nem sempre impositivo interrogar e responder, passear e similares. Aplica-se o mesmo critério às ações contrárias ao dever.

(110) Há também um dever que se pode considerar intermediário – por exemplo: que as crianças obedeçam aos preceptores.

Segundo os estóicos, a alma se compõe de oito partes: os cinco sentidos, o órgão vocal, a faculdade de pensar (que é o próprio pensamento) e a faculdade geradora. Do falso resulta a perversão do pensamento, e dessa perversão resultam muitas paixões causadoras de instabilidade. A própria paixão, segundo Zênon, é um movimento da alma, irracional e contrário à natureza, ou um impulso excessivo. Hecáton no segundo livro de sua obra *Das Paixões* e Zênon em sua obra *Das Paixões* afirma que os principais gêneros de paixões são quatro: dor, medo, concupiscência e prazer.

(111) Os estóicos sustentam que as paixões são juízos, como afirma Crísipos na obra *Das Paixões*. Com efeito, a avareza faz supor que o dinheiro seja belo, e analogamente a embriaguez, a imoderação e outras paixões. A dor é uma contração irracional da alma; suas espécies são: compaixão, inveja, ciúme, rivalidade, aflição, melancolia, inquietação, angústia, desvario. A compaixão é a dor por um sofrimento imerecido de outrem; a inveja é a dor pela prosperidade alheia; o ciúme é a dor de quem vê possuído por outrem o que ele mesmo deseja; a rivalidade é a dor de quem vê que outros possuem aquilo que ele mesmo tem; (112) a aflição é uma dor que oprime; a melancolia é uma dor constrangedora e depressiva; a inquietação é uma dor que se forma e desenvolve por causa de

considerações falsas; a angústia é uma dor penosa; o desvario é uma dor irracional, que piora constantemente e impede a visão global do presente.

O medo é a expectativa de um mal. Existem as seguintes espécies de medo: terror, excitação, vergonha, consternação, pânico e inquietação. O terror é o medo causador de angústia; a vergonha é o medo da desonra; a excitação é o medo diante da ação a realizar; a consternação é o medo produzido pela impressão de um acontecimento insólito; (113) o pânico é o medo em que ocorre a elevação da voz; a inquietação é o medo provocado por um fato obscuro. A concupiscência é um apetite irracional, e a ela subordinam-se as seguintes espécies: necessidade, ódio, ambição, ira, amor, cólera, ressentimento. A necessidade é uma concupiscência determinada pela posse frustrada de alguma coisa, em que a pessoa é como que separada do objeto desejado, sendo porém impelida para ele num ímpeto desesperado; o ódio é uma concupiscência crescente e duradoura, em que se anseia pelo mal de alguém; a ambição é uma concupiscência relativa à escolha de fins pessoais; a ira é a concupiscência da vingança contra quem se pensa ser o autor de um mal imerecido; o amor é uma concupiscência que não afeta os homens sérios, pois é a tentativa de conquistar afeição por causa de uma beleza exterior; (114) a cólera é uma ira inveterada e rancorosa, que espreita a ocasião da vingança, como evidenciam os seguintes versos[530]:

> "Embora por um dia ele engula a bile, conserva depois o rancor até havê-lo satisfeito."

O ressentimento é a primeira manifestação da ira.

O prazer é uma exaltação irracional diante daquilo que se considera digno de ser escolhido. A ele subordinam-se o encantamento, o gozo malévolo, o deleite, a efusão. O encantamento é um prazer que provoca o enlevo por meio dos ouvidos; o gozo malévolo é o prazer em face dos males de outrem; o deleite é como se fosse um arrebatamento, ou seja, um impulso da alma em direção ao relaxamento; a efusão é a dissolução da excelência.

(115) Da mesma forma que se fala de algumas enfermidades do corpo, como a gota e o artritismo, também existem enfermidades da alma, como o amor à glória, a busca do prazer e similares. A enfermidade da alma é uma afecção ligada à debilidade, e consiste em imaginar que uma coisa é fortemente desejável, quando na realidade não é.

E da mesma forma que se fala de indisposições que afetam facilmente o corpo, como os resfriados e a diarréia, também a alma é facilmente levada à inveja, à piedade, às contendas e similares.

(116) De acordo com os estóicos, existem igualmente três disposições passionais boas da alma: a alegria, a cautela e a vontade. Eles dizem que a alegria é contrária ao prazer, porquanto é uma exaltação racional; a cautela é contrária ao medo, porquanto evita racionalmente o perigo. Logo, o sábio nunca será medroso, e sim cauteloso. Os estóicos dizem ainda que a vontade se opõe à concupiscência, por ser um apetite racional. Como às paixões primárias se subordinam algumas outras, da mesma forma outras são subordinadas às disposições passionais primárias da alma; subordinam-se à vontade: a afabilidade, a complacên-

530. *Ilíada*, I, 81.

cia, a cordialidao .oordinam-se à cautela: o pudor e a pureza; subordinam-se à alegria: o enlevo, o contentamento, a equanimidade.

(117) Os estóicos dizem ainda que o sábio é imune às paixões porque não pode cair diante delas. Mas, o termo "apatia", que designa propriamente a ausência de paixões, pode aplicar-se também ao homem mau, no sentido de que ele é insensível e não se deixa comover. O sábio é igualmente imune à soberba e à vaidade, e é também indiferente à glória e à obscuridade. Entretanto o termo "indiferente", que designa propriamente a pessoa imune à vaidade, pode referir-se igualmente a quem se inclui entre os temerários, ou seja, a um estulto. Esses filósofos dizem que todas as pessoas excelentes são austeras, porquanto nem elas por si mesmas dão importância ao prazer, nem se deixam levar por outras às seduções do prazer. O termo "austero" aplica-se entretanto a outras pessoas, porém sua austeridade assemelha-se à aspereza do vinho próprio para fins medicinais, que não serve para ser bebido normalmente.

(118) As pessoas boas são sinceras e cuidadosas de seu próprio desenvolvimento, vivendo de maneira a fazer desaparecer o mal e revelando todos os bens possíveis; além disso tais pessoas são livres de falsidades, pois baniram a hipocrisia tanto nas palavras como nas atitudes. Os homens bons também não se imiscuem nos negócios, mantendo-se à distância deles porque repudiam qualquer ação que possa entrar em conflito com o dever. Beberão vinho mas não se embriagarão. Jamais poderão ser vítimas da loucura, embora estejam sujeitos a impressões absurdas em seguida a uma crise de melancolia ou a um delírio, idéias essas contrárias à natureza e não devidas ao critério do que é digno de ser escolhido. Os sábios tampouco se deixarão entristecer pelo sofrimento, porque este é uma contração irracional da alma, de acordo com a definição de Apolôdoros na *Ética*.

(119) Os sábios são criaturas divinas, pois têm em si, por assim dizer, a divindade, enquanto o homem mau é ateu. A palavra "ateu" tem um duplo sentido: em primeiro lugar indica quem é o oposto do divino, e em segundo lugar quem não reconhece a existência da divindade, e nesta última acepção, "ateu" não se aplica a todo homem mau. Os homens bons veneram a divindade, pois estão a par de tudo que se relaciona com os deuses, e a piedade é o conhecimento do culto dos deuses. Por isso oferecem sacrifícios aos deuses e se mantêm puros, e evitam todos os atos ofensivos aos deuses. E por serem santos e justos em tudo que se refere aos deuses, desfrutam do amor e dos favores divinos. Os sábios são os únicos sacerdotes porque têm idéias claras sobre os sacrifícios, sobre a construção dos templos, sobre as purificações e os demais assuntos divinos.

(120) De acordo com os estóicos, devemos honrar os pais e os irmãos em segundo lugar, logo após os deuses. Também afirmam que o amor extremado aos filhos é natural nos homens bons, mas não o é nos maus. Para os estóicos as culpas são iguais, como dizem Crísipos no quarto livro das *Questões Éticas* e também Persaios e Zênon. Com efeito, se uma verdade não é mais verdadeira que outra, nem uma falsidade é mais falsa que outra, e um engano não é mais enganoso que outro, tampouco uma culpa é mais culposa que outra. Pessoas que se encontram a cem estádios de distância de Canopos e pessoas que estão somente a um estádio não se encontram igualmente em Canopos. Da mesma forma, uma pessoa que erra mais e uma pessoa que erra menos se acham igualmente fora do caminho certo. (121) Entretanto, Heracleides de Tarsos, discípulo de Antípatros de Tarsos, e Atenôdoros afirmam que as culpas não são iguais.

No primeiro livro de sua obra *Dos Modos de Vida*, Crísipos sustenta que o sábio participará da vida política, se nada o impedir, pois assim ele conterá a deficiência e propagará a excelência. Na *República*, Zênon afirma que o sábio se casará e gerará filhos. Mais ainda: o sábio jamais confiará em simples opiniões, ou seja, jamais compactuará com o falso. O sábio também parecerá um cínico, pois a filosofia cínica é o caminho mais curto para a excelência, de acordo com a definição de Apolôdoros na *Ética*. Premido pelas circunstâncias, o sábio poderá tornar-se até um canibal. Somente o sábio é livre, mas os estultos são servos, pois a liberdade é a faculdade de agir independentemente e a servidão é a privação dessa faculdade.

(122) Há outra forma de escravidão, consistente na subordinação, e uma terceira consistente em ser propriedade de outrem e também na subordinação, à qual se contrapõe o senhorio, que é igualmente reprovável.

Além disso, os sábios não são somente livres, mas são também reis, porque reinar é uma forma de domínio isenta de prestação de contas, que pode subsistir apenas nas mãos dos sábios; esta é a tese defendida por Crísipos em sua obra *Da Propriedade dos Termos Usados por Zênon*. Com efeito, ele sustenta que o conhecimento do bem e do mal é um atributo necessário ao governante, e que nenhum homem mau possui essa ciência. Da mesma forma, somente os sábios estão capacitados para governar, para administrar a justiça e para praticar a oratória, enquanto dos homens maus nenhum é capaz. Mais ainda: os sábios são infalíveis, porque não estão sujeitos a errar.

(123) Os sábios são ainda inofensivos, pois não fazem mal a si mesmos nem aos outros. Eles também não são complacentes nem perdoam seja quem for, nem deixam de aplicar as penalidades impostas pela lei (a indulgência, a compaixão e a própria condescendência revelam uma alma débil ostentando uma bondade afetada em face das punições), nem as consideram muito severas. E o sábio não se admira do que parece extraordinário e imprevisto, como a porta dos condenados à morte denominada Cáron, o fluxo e o refluxo das marés, as nascentes de água quente ou as erupções de fogo. Tampouco o homem bom viverá na solidão – dizem os estóicos –, pois nasceu para a vida comunitária e ativa, nem descuidará dos exercícios destinados a dar força e resistência ao corpo.

(124) Poseidônios no primeiro livro de sua obra *Dos Deveres*, e Hecáton no terceiro livro de sua obra *Dos Paradoxos*, dizem que o sábio fará preces e pedirá coisas boas aos deuses. De acordo com os estóicos, a amizade existe somente entre os homens bons, porque estes se assemelham entre si. Definem a amizade como uma certa comunidade de tudo que interessa à vida, enquanto tratamos os amigos como nos trataríamos a nós mesmos. Afirmam que o amigo é digno de ser escolhido por seus próprios méritos, e que é um bem ter muitos amigos. Não pode subsistir a amizade entre pessoas más, e nenhum homem mau tem um amigo sequer. Todos os estultos são loucos; com efeito, não são prudentes, agindo em todas as circunstâncias com loucura, que é o equivalente da estultícia.

(125) O sábio é bem-sucedido em todas as suas ações, da mesma forma que dizemos que Ismenias toca bem todas as árias na flauta. Tudo pertence ao sábio, porque a lei – dizem os estóicos – lhes conferiu um poder absoluto sobre todas as coisas. Aos estultos, da mesma forma que aos injustos, pertencem somente alguns bens, tanto quanto se pode dizer em certo sentido que os bens obtidos desonestamente pertencem ao Estado, e em outro sentido àqueles que os usam.

Os estóicos dizem ainda que as formas de excelência se relacionam estreitamente umas com as outras, e que o possuidor de uma delas possui todas, porque elas têm princípios comuns, como afirmam Crísipos no primeiro livro de sua obra *Das Formas de Excelência*, Apolôdoros em sua obra *Física de Acordo com a Escola Antiga*, e Hecáton no terceiro livro de sua obra *Das Formas de Excelência*.

(126) O homem excelente não tem apenas uma formação teórica, mas também pode pôr em prática o que deve ser feito. Sua ação se desenvolve mediante uma escolha correta, perseverança, fidelidade, imparcialidade, de tal maneira que se um homem faz algumas coisas demonstrando escolha inteligente, outras coisas com coragem, outras coisas por meio de uma distribuição justa, e outras prontamente, ele é ao mesmo tempo sábio, corajoso, justo e moderado. De fato, cada forma de excelência constitui um princípio básico que leva à realização de um objetivo particular, como, por exemplo, a coragem se relaciona com o que deve ser suportado, a prudência com os atos que devem ser praticados, com os atos que não devem ser praticados e com os atos que nem devem ser praticados nem devem deixar de sê-lo. Assim, analogamente cada uma das outras formas de excelência se relaciona com sua própria esfera de ação: à prudência se subordinam o bom-senso e a inteligência, à moderação, o amor, à ordem e à disciplina, a justiça, a eqüidade e a probidade, à coragem, a constância e o esforço.

(127) Segundo os estóicos, nada há de intermediário entre a excelência e a deficiência, enquanto de acordo com os peripatéticos existe esse grau intermediário, que é o estágio de progresso moral. Com efeito, os estóicos sustentam que, da mesma forma que um bastão deve ser reto ou torto, um homem é justo ou injusto, não existindo um grau menor ou maior de injustiça; acontece o mesmo com as demais formas de excelência. Crísipos afirma que a excelência pode ser perdida, enquanto Cleantes sustenta que não pode. Para o primeiro pode-se perder a excelência por causa da embriaguez ou da melancolia; para o segundo ela nunca pode ser perdida porque se baseia em conhecimentos sólidos. A excelência é digna de ser escolhida por si mesma, e por outro lado coramos se praticamos alguma ação má, porque sabemos que somente o belo é bom. Zênon, Crísipos no primeiro livro de sua obra *Da Excelência*, e Hecáton no segundo livro de sua obra *Dos Bens* sustentam que a excelência é suficiente para assegurar a felicidade.

(128) Realmente Hecáton diz: "Se a magnanimidade basta por si mesma para elevar-nos acima de tudo, e ela é uma parte da excelência, então a própria excelência será suficiente para a felicidade, removendo tudo que possa perturbá-la." Entretanto Panáitios e Poseidônios afirmam que a excelência não é suficiente, sendo necessárias ainda a boa saúde, a abundância de meios de vida e a força.

Cleantes e seus adeptos afirmam que temos de fazer uso constante da excelência, pois não se pode perdê-la, e o homem excelente não renuncia em caso algum a servir-se dela, que é perfeita.

A justiça existe por natureza, e não por convenção, da mesma forma que a lei e a reta razão, como diz Crísipos em sua obra *Do Belo*.

(129) De acordo com os estóicos, nenhuma divergência de opinião entre filósofos é motivo para desistirmos da filosofia, ou então deveríamos renunciar a toda a vida por esse motivo; assim se manifesta Poseidônios em suas *Exortações*. Crísipos, por seu turno, declara que a educação enciclopédica é útil.

Além disso, segundo a doutrina estóica, não pode haver qualquer relação jurídica entre o homem e os outros animais, porque não há semelhança entre eles, como sustentam Crísipos no primeiro livro de sua obra *Da Justiça* e Poseidônios no primeiro livro de sua obra *Dos Deveres*. Os estóicos também dizem que o sábio sentirá afeição pelos jovens que por sua atitude mostram um pendor natural para a excelência, como dizem Zênon na *República*, Crísipos no primeiro livro de sua obra *Dos Modos de Vida*, e Apolôdoros na *Ética*.

(130) O amor é um esforço no sentido de estabelecer a amizade, provocado pela beleza exterior; não se trata de relações sexuais, e sim de amizade. Os estóicos apresentam o exemplo de Trasonides, que, embora tivesse a amante à sua disposição, se abstinha dela porque ela o detestava. Com efeito, os estóicos pensam que o amor depende da amizade, como diz Crísipos em sua obra *Do Amor*, e não é enviado pelos deuses. E a beleza é definida por eles como a flor da excelência.

Dos três modos de vida – o contemplativo, o prático e o racional –, os estóicos dizem que se deve escolher o terceiro, pois a natureza criou o ser racional adaptado para a contemplação e a ação.

Os estóicos afirmam que o sábio desprezará a vida se tiver motivos razoáveis, como por exemplo a salvação da pátria ou dos amigos, ou se for atormentado por dores insuportáveis, mutilação ou doenças incuráveis.

(131) É também sua doutrina que entre os sábios deve haver comunidade de mulheres com livre escolha de parceiros, como dizem Zênon em sua *República* e Crísipos em sua obra *Do Governo*[551]. Amaríamos assim todas as crianças com igual amor paternal e teria fim o ciúme resultante do adultério. Para os estóicos a melhor constituição política é a mista, resultante de uma combinação de democracia, monarquia e aristocracia.

Na esfera da ética são essas as doutrinas enunciadas por eles, e muitas outras além destas, juntamente com as demonstrações pertinentes, porém basta-nos haver exposto seus elementos principais numa forma elementar.

(132) A doutrina física dos estóicos divide-se em seções acerca dos corpos, dos princípios, dos elementos, dos deuses, dos limites, do espaço e do vazio. Essa é a divisão por espécies, mas existe ainda uma por gêneros composta de três partes: uma trata do cosmos, outra dos elementos e a terceira das causas. Por sua vez a doutrina dos corpos é dividida por eles em duas partes. O âmbito e o método de pesquisa relativos a algumas questões são comuns também à matemática; versam sobre as estrelas fixas e os planetas – se, por exemplo, o sol ou a lua é tão grande quanto parece –, e sobre o movimento de revolução e questões afins.

(133) Mas, o âmbito e o método de pesquisa relativos a outras questões pertencem exclusivamente à física: a indagação acerca da substância do cosmos, se este foi gerado ou não, se é animado ou inanimado, se é corruptível ou incorruptível, se é governado pela providência, e tudo mais.

A doutrina referente às causas divide-se em duas partes; o âmbito e o método de pesquisa relativos a algumas questões são comuns também à medicina; tratam da parte principal da alma, dos fenômenos da alma, do sêmen e similares; mas existem ainda um âmbito e um método de pesquisa comuns também à matemática: relacionam-se com a explicação de nossa capacidade visual, com a causa das imagens num espelho, com a origem das nuvens, dos trovões, do arco-íris, do halo, dos cometas e similares.

551. Segue-se nos manuscritos a frase: "Não somente eles, mas também Diógenes, o Cínico, e Platão", considerada espúria pelos editores e eliminada do texto.

(134) De acordo com os estóicos, os princípios são dois: o ativo e o passivo. O princípio passivo é a essência sem qualidade – a matéria –; o princípio ativo é a razão na matéria, ou seja, Deus. E Deus, que é eterno, é o demiurgo criador de todas as coisas no processo relativo à matéria. Essa doutrina é exposta por Zênon de Cítion na obra *Da Substância*, por Cleantes na obra *Dos Átomos*, por Crísipos na parte final do primeiro livro da *Física*, por Arquêdemos na obra *Dos Elementos* e por Poseidônios no segundo livro de sua *Física*. De conformidade com os estóicos, há uma diferença entre princípios e elementos: os princípios não foram gerados e são incorruptíveis, enquanto os elementos se corrompem quando ocorre a conflagração do cosmos. Além disso os princípios são incorpóreos e informes, enquanto os elementos têm uma forma determinada.

(135) Segundo a *Física* de Apolôdoros, é corpo aquilo que tem três dimensões: comprimento, largura e altura. Dá-se também a isso o nome de corpo sólido. Superfície é o limite do corpo, ou aquilo que tem somente comprimento e largura, e não tem altura. No terceiro livro de sua obra *Dos Fenômenos Celestes* Poseidônios demonstra que a superfície existe não somente no pensamento mas também na realidade. Linha é o limite da superfície, ou o comprimento sem largura, ou aquilo que tem somente comprimento. Ponto é o limite da linha, e constitui o menor sinal visível.

Deus é uma substância única, quer se chame mente, ou destino, ou Zeus, mas é designado ainda por muitos outros nomes.

(136) No princípio, Deus estava só em seu ser, e transformava toda a substância em sua volta por meio do ar em água; e como no sêmen está o germe, da mesma forma aquilo que é a razão seminal do cosmos permanece como criador no úmido, de tal maneira que a matéria passa a ter por sua obra a faculdade de continuar a gerar. O próprio Deus criou em primeiro lugar os quatro elementos – fogo, água, ar e terra. Esse ponto é discutido por Zênon em sua obra *Do Cosmos*, por Crísipos no primeiro livro de sua *Física*, e por Arquêdemos na obra *Dos Elementos*. "Elemento" é definido como aquilo de que todas as coisas tiram sua existência e em que afinal se dissolvem. (137) Os quatro elementos juntos constituem a substância privada de qualidade, ou seja, a matéria; o fogo é o elemento quente, a água é o úmido, o ar é o frio e a terra é o seco. Mas a mesma parte, isto é, o seco, está igualmente no ar. No lugar mais alto está o fogo, que se chama éter, onde se forma primeiro a esfera das estrelas fixas e depois a dos planetas, ao qual se seguem o ar e depois a água; no lugar mais baixo está a terra, que fica no centro de todas as coisas.

O termo "cosmos" tem para os estóicos uma significação tríplice: primeiro, o próprio Deus, cuja qualidade é idêntica àquela de toda a substância do cosmos; ele é por isso incorruptível e incriado, autor da ordem universal, que em períodos de tempo predeterminados absorve em si toda a substância do cosmos, e por seu turno a gera de si. (138) Segundo, a ordem cósmica das estrelas; terceiro, o conjunto resultante de ambas essas partes.

O cosmos em sua individualidade possui a qualidade da substância universal, ou, como o define Poseidônios em seus *Elementos de Meteorologia*, é um sistema constituído de céu e terra e de suas naturezas intrínsecas, ou seja, é um sistema de deuses e homens e de tudo que é criado por obra sua. O céu é a circunferência extrema em que a divindade tem sede.

O cosmos é ordenado pela razão e pela providência, como dizem Crísipos no quinto livro de sua obra *Da Providência*, e Poseidônios no terceiro livro de sua obra

Dos Deuses, enquanto a mente penetra em todas as partes do cosmos, como a alma em nós. Entretanto, em algumas partes penetra mais, e em outras menos. (139) Com efeito, em algumas partes penetra como princípio de coesão – por exemplo os ossos e os nervos; em outras penetra como inteligência – por exemplo na parte principal da alma. Assim então o cosmos inteiro, enquanto é vivo, animado e racional, tem seu princípio dominante no éter (segundo Antípatros de Tiros no oitavo livro de sua obra *Do Cosmos*), no céu (segundo Crísipos no primeiro livro de sua obra *Da Providência* e Poseidônios em sua obra *Dos Deuses*), no sol (segundo Cleantes). Crísipos, todavia, contradiz-se quando afirma que o princípio dominante é a parte mais pura do éter, que os estóicos definem como Deus em primeiro lugar, embora sem provas lógicas e apenas com a evidência dos sentidos, enquanto penetrou e penetra tudo que está no ar e todos os animais e plantas, e a própria terra como princípio de coesão.

(140) O mundo é um só e finito e sua forma é esférica, porque essa forma é compatível com o movimento, como afirmam Poseidônios no quinto livro de sua *Física* e Antípatros e seus adeptos na obra *Sobre o Cosmos*. Fora do cosmos difunde-se o vazio infinito, que é incorpóreo. Incorpóreo é aquilo que, embora seja capaz de conter corpos, não os contém. No cosmos não existe o vazio, sendo ele uma unidade compacta. Essa unidade é o resultado necessário da afinidade e sintonia predominantes entre as coisas celestes e terrestres. Tratam do vazio Crísipos em sua obra *Do Vazio* e no primeiro livro de sua obra *Das Ciências Físicas*, e Apolôdoros e Poseidônios no segundo livro de sua *Física*.

E estas, ou seja, a afinidade e a sintonia, são incorpóreas como o vazio. (141) O tempo também é incorpóreo, sendo a medida do movimento. O tempo passado e o futuro são infinitos, e o presente é finito. Mas, os estóicos admitem ainda que o cosmos seja corruptível, pois foi gerado analogamente às coisas apreendidas pelos sentidos; com efeito, se as partes são corruptíveis, o todo também é corruptível. Ora: as partes do cosmos são corruptíveis, porquanto se transformam umas nas outras; logo, o cosmos é corruptível. Mais ainda: se é corruptível aquilo que é susceptível de mudança para pior, o cosmos também é corruptível, pois primeiro evapora-se e depois dissolve-se na água.

(142) O cosmos formou-se quando sua substância primeiro se converteu de fogo que era (por meio do ar) em umidade, e então a parte mais densa da umidade se converteu em terra, enquanto as partículas mais sutis se transformaram em ar e, tornando-se sempre mais rarefeitas, geraram o fogo. Sendo assim, do processo de mescla desses elementos derivam as plantas e os animais e os outros gêneros de coisas. Tratam da gênese e dissolução do cosmos: Zênon em sua obra *Do Universo*; Crísipos no primeiro livro de sua *Física*; Poseidônios no primeiro livro de sua obra *Do Cosmos*; e Cleantes e Antípatros no décimo livro de sua obra *Do Cosmos*. Panáitios, entretanto, sustenta a incorruptibilidade do cosmos.

Crísipos no primeiro livro de sua obra *Da Providência*, Apolôdoros em sua *Física*, e Poseidônios sustentam que o cosmos é um ser vivo, racional, animado e inteligente, (143) um ser vivo no sentido de que o cosmos é uma substância animada, dotada da faculdade de percepção sensível. O ser vivo é superior ao ser sem vida; nada é superior ao cosmos; logo, o cosmos é um ser vivo. O cosmos é animado, e isso se evidencia diante do fato de nossas próprias almas serem cada uma um fragmento dele. Bôetos, entretanto, diz que o cosmos não é um ser vivo. A unidade do cosmos é demonstrada por Zênon em sua obra *Do Universo*, por Apolô-

doros em sua *Física*, e por Poseidônios no primeiro livro de sua *Física*. De conformidade com a definição de Apolôdoros, no conceito de totalidade estão compreendidos tanto o cosmos como em outro sentido o sistema do cosmos e o vazio que o envolve por fora. O cosmos é, portanto, finito, e o vazio é infinito.

(144) Dos astros, as estrelas giram juntamente com todo o céu, enquanto os planetas têm seu movimento especial. O sol perfaz uma trajetória oblíqua através do zodíaco, e analogamente a lua se move num itinerário espiralado. O sol é um fogo absolutamente puro, segundo a afirmação de Poseidônios no sétimo livro de sua obra *Dos Fenômenos Celestes*, e é maior que a terra, como diz o mesmo autor no sétimo livro de sua *Física*. À semelhança do cosmos ele é esférico, de acordo com a afirmação do mesmo autor e de seus seguidores. É fogo porque produz todos os efeitos do fogo, e é maior que a terra porque não somente a terra toda é iluminada por ele, mas também o céu. O fato de o sol ser maior que a terra é indicado ainda pela circunstância de a terra produzir uma sombra de forma cônica; e por sua grandeza ele é visível de todas as partes da terra.

(145) A lua, entretanto, é de uma composição predominantemente terráquea, pois está mais próxima da terra. Esses corpos ígneos, assim como os outros astros, têm fontes particulares de nutrição: o sol, que é massa ígnea provida de intelecto, nutre-se do grande oceano; a lua, que contém uma mistura de ar e está mais próxima da terra, tira sua nutrição das águas potáveis, como afirma Poseidônios no sexto livro de sua *Física*; os outros astros nutrem-se da terra. Segundo os estóicos, os próprios astros e a terra, que é imóvel, têm forma esférica. A lua não tem luz própria, recebendo-a do sol, pelo qual é iluminada. Em sua obra *Do Universo*, Zênon demonstra, graças a um diagrama, que os eclipses do sol ocorrem quando a lua se encontra diante dele, na parte que olha para nós.

(146) Vê-se, de fato, que a lua se aproxima do sol e primeiro o esconde, deixando-o depois visível; pode-se observar o fenômeno por meio de uma bacia cheia d'água. O eclipse da lua ocorre quando ela entra na sombra da terra; por isso a lua se eclipsa somente no plenilúnio, embora todos os meses fique diametralmente oposta ao sol; movendo-se em uma órbita oblíqua, diverge em latitude da órbita do sol, porque se acha mais ao norte ou mais ao sul. Mas, quando o movimento da lua em latitude entra na órbita do sol e do zodíaco, e fica assim diametralmente oposta ao sol, então a lua se eclipsa. Ora: a lua se encontra em latitude na órbita do zodíaco quando está na constelação de Câncer, de Escorpião, de Áries e de Touro, como afirmam Poseidônios e sua escola.

(147) Deus é um ser imortal, racional, perfeito e inteligente, feliz, insusceptível de qualquer mal, solícito em sua providência, em relação ao cosmos e a tudo que está no mesmo, mas não tem forma humana. É o demiurgo do universo e, como se fosse o pai de todas as coisas, é aquilo que penetra em toda parte, total ou parcialmente, e recebe muitos nomes de acordo com as várias modalidades de sua potência. Chama-se Dia (*Dia*) porque tudo acontece graças a ele (*diá*); Zeus (*Zena*) porque é causa da vida (*zen*) ou porque permeia toda a vida; Atena (*Athenan*) porque sua hegemonia se estende ao éter (*aithera*); Hera (*Héran*) porque domina o ar (*aera*); Héfaistos porque é senhor do fogo criador; Poseidon porque domina o elemento líquido, e Dêmetra porque domina toda a terra. Os homens lhe deram ainda outros nomes, para salientar outras propriedades particulares suas.

(148) Zênon diz que a substância de Deus é o cosmos inteiro e o céu, da mesma forma que Crísipos no primeiro livro de sua obra *Dos Deuses* e Poseidônios no

primeiro livro de sua obra *Dos Deuses*. Antípatros no sétimo livro de sua obra *Do Cosmos* diz que sua substância se assemelha ao ar, enquanto Bôetos em sua obra *Da Natureza* define a substância de Deus como a esfera das estrelas fixas. O termo "natureza" é usado pelos estóicos para significar às vezes aquilo que mantém o cosmos unido, e às vezes a causa do crescimento das coisas terrestres.

A natureza é a capacidade movida por si mesma que, de conformidade com os princípios seminais, produz e conserva tudo que germina por si em períodos definidos, fazendo as coisas como elas são e obtendo resultados condizentes com suas fontes.

(149) A natureza visa à utilidade e ao prazer, e isso se evidencia pela analogia com o espírito criador do homem. Que todas as coisas acontecem de acordo com o destino dizem Crísipos em sua obra *Do Destino*, Poseidônios no segundo livro de sua obra *Do Destino*, e Zênon e Bôetos no primeiro livro da obra *Do Destino*. O destino é um encadeamento de causas daquilo que existe, ou a razão que dirige e governa o cosmos. Mais ainda: os estóicos dizem que a adivinhação em todas as suas formas é um fato real e substancial, se há realmente uma providência, e provam que ela é de fato uma ciência diante da evidência de certos resultados, como afirmam Zênon, Crísipos no segundo livro de sua obra *Da Adivinhação*, Atenôdoros e Poseidônios no segundo livro de sua *Física* e no quinto livro da obra *Da Adivinhação*. Panáitios, entretanto, diz que a adivinhação é absolutamente inexistente.

(150) Os estóicos chamam de substância a matéria-prima de todas as coisas; assim dizem Crísipos no primeiro livro de sua *Física* e Zênon. Matéria é aquilo a partir de que se produzem todas as coisas. A acepção dos termos "substância" e "matéria" é dúplice, podendo uma ou outra significar o universal ou o particular. A substância ou matéria do universal não cresce nem decresce, mas a substância ou matéria do particular cresce e decresce. Segundo os estóicos, a substância é corpórea e finita (essa é a definição constante do segundo livro da obra *Da Essência* de Antípatros e da *Física* de Apolôdoros). A substância é susceptível de mudanças, como afirma o mesmo Apolôdoros, pois se fosse imutável já não seria a fonte da criação. Daí deriva a teoria da divisão da substância ao infinito. Crísipos, todavia, admite que a substância é infinita, mas sua divisão não se efetua ao infinito, porque não existe um infinito passível de ser dividido. A divisão, porém, é incessante.

(151) A fusão da essência e da matéria é perene e perfeita, como explica Crísipos no terceiro livro de sua *Física*; não é superficial e acessória, e sim íntima e fundamental. Sendo assim, uma gota de vinho derramada no mar somente por momentos resistirá à assimilação, e então se misturará com ele.

Os estóicos afirmam também que existem alguns demônios dotados de afetos e sentimentos comuns à condição humana, que vigiam as vicissitudes humanas. Crêem ainda nos heróis, que são almas sobreviventes de homens excelentes.

Quanto aos fenômenos do ar, os estóicos dizem que o inverno é o resfriamento do ar em decorrência do maior afastamento do sol em relação à terra; a primavera é a temperatura equilibrada do ar em seguida à reaproximação do sol em relação a nós; (152) o verão é o aquecimento do ar causado pela viagem do sol ao norte, e o outono coincide com o retorno do sol ao sul.

Os ventos são correntes de ar; a diversidade de seus nomes explica-se por sua proveniência de lugares diferentes. A causa de sua ocorrência é o sol, mediante a evaporação das nuvens. O arco-íris é o reflexo dos raios do sol nas nuvens úmidas ou, como diz Poseidônios em sua *Meteorologia*, é o reflexo de um segmento do sol

em uma nuvem umidecida de orvalho, oca e visível ininterruptamente, que aparece como num espelho sob a forma de um arco circular. Os cometas, as estrelas barbadas e os meteoros são fogos que se formam quando o ar denso eleva-se até a região etérea. (153) A estrela cadente é a ignição súbita de uma massa inflamada em movimento rápido através do ar, deixando um longo rastro atrás de si. A chuva é a transformação de uma nuvem em água, quando a umidade sugada pelo sol da terra ou do mar vaporiza-se pela ação do sol; se ocorre um resfriamento, forma-se então a geada. O granizo é uma nuvem gelada, dispersa pelo vento; a neve é a umidade de uma nuvem gelada, segundo a definição de Poseidônios no oitavo livro de sua *Física*; o relâmpago é uma ignição de nuvens que se rompem por causa do vento, como diz Zênon em sua obra *Do Universo*; (154) o trovão resulta do atrito ou do rompimento das nuvens; o raio é o fogo aceso violentamente e projetado com grande força para o solo quando as nuvens se chocam ou são rompidas pelo vento. Segundo outros autores, o raio é a compressão de ar inflamado descendo violentamente. O tufão é um raio grosso e violento, semelhante a um turbilhão de vento ou a um turbilhão de fumo que sai de uma nuvem rompida; o fulgor é uma nuvem lacerada pelo fogo e pelo vento.

Os terremotos, segundo os estóicos, ocorrem quando o vento penetra ou é aprisionado nas cavidades da terra, como explica Poseidônios em seu oitavo livro; alguns deles podem ser tremores, outros podem ser fendas na terra, outros deslocamentos laterais, e outros deslocamentos verticais.

(155) Os estóicos sustentam que o ordenamento cósmico é o seguinte: no meio está a terra, correspondendo ao centro; segue-se a ela a água, que é como uma esfera e concêntrica à terra, de tal forma que a terra está na água; à água segue-se uma camada esférica de ar.

Existem cinco círculos celestes: o primeiro é o círculo ártico, sempre visível; o segundo é o círculo tropical estival; o terceiro é o círculo equinocial; o quarto é o círculo tropical hibernal; o quinto é o círculo antártico invisível. Esses círculos são chamados de paralelos, porquanto um não se inclina para o outro; são descritos em torno do mesmo centro. O zodíaco é um círculo oblíquo, porquanto atravessa os círculos paralelos.

(156) Há cinco zonas terrestres: a primeira é a setentrional, além do círculo ártico, inabitável por causa do frio; a segunda é a temperada; a terceira é a chamada zona tórrida, inabitável por causa do calor; a quarta é a contratemperada; a quinta é a meridional, inabitável por causa do frio.

De acordo com a doutrina estóica, a natureza é um fogo artífice, percorrendo seu caminho para criar, isto é, um sopro ígneo e criador. A alma é capacidade de sentir, e os estóicos a consideram um sopro congênito conosco; por isso é corpo e permanece depois da morte, sendo entretanto corruptível. A alma universal, ao contrário, é incorruptível, e dela são partes as almas dos animais.

(157) Zênon de Cítion e Antípatros em suas obras *Da Alma*, e Poseidônios definem a alma como um sopro quente, que nos permite respirar e mover-nos. Cleantes afirma que todas as almas continuam a durar até a conflagração do mundo, enquanto Crísipos, ao contrário, sustenta que somente as almas dos sábios sobrevivem até essa conflagração.

Os estóicos dizem que as partes da alma são oito: os cinco sentidos, o poder gerador existente em nós, a voz e a razão. A alma vê quando a luz localizada entre o órgão visual e o objeto se estende em forma de cone, como afirmam Crísipos no segundo livro de sua *Física* e Apolôdoros. O ápice do cone de ar é o olho, e a base é o objeto visto. Assim, o cone de ar formado entre os olhos e o objeto transmite-nos o que vemos, como se fosse uma haste.

(158) Ouvimos quando o ar entre o objeto sonante e o órgão da audição sofre uma concussão, numa vibração que se propaga esfericamente e então forma ondas e atinge as orelhas, como a água de um recipiente forma ondas circulares quando lançamos nela uma pedra.

O sono ocorre quando se afrouxa a tensão da percepção na parte principal e guia da alma. As causas das paixões são as variações do sopro vital. Os estóicos definem o sêmen como aquilo que é capaz de gerar produtos semelhantes ao ser de que se separou. O sêmen humano, que o homem emite com a umidade, mistura-se então intimamente com a parte da alma que transmite as características do progenitor.

(159) Segundo a definição de Crísipos no segundo livro de sua *Física*, o sêmen é, quanto à essência, sopro vital, como se pode perceber observando as sementes lançadas na terra que, ficando velhas, não germinam mais, porque sua capacidade de gerar se evaporou. Sfairos e seus adeptos afirmam que o sêmen provém de todo o corpo, e por isso gera todas as partes do corpo. De acordo com os estóicos, o sêmen da mulher é estéril porque, como explica Sfairos, é destituído de tensão, escasso e aquoso. A parte principal e guia da alma é a alma no sentido mais verdadeiro; nela se formam as apresentações e os impulsos, e dela procede a razão. Sua sede é o coração.

(160) Essa é a doutrina física dos estóicos, em seus elementos que nos parecem gerais e suficientes, em concomitância com nosso empenho em manter as devidas proporções em nossa obra. Os pontos em que há divergências entre os estóicos são mencionados a seguir.

Capítulo 2. ARÍSTON[532]

Aríston, o Calvo, nasceu em Quios, e era chamado de Sereia. Afirmava que o fim supremo é viver perfeitamente indiferente a tudo que não é excelência ou deficiência, não admitindo distinção alguma entre coisas indiferentes, pois as considerava todas iguais. Comparava o sábio a um ator talentoso que, devendo pôr a máscara de Tersites ou de Agamêmnon, representa os dois papéis competentemente. Aríston eliminou a física e a lógica, argumentando que a primeira está acima de nossas forças, e a segunda nada tem a ver conosco; somente a ética nos interessa.

(161) Comparava os discursos dialéticos a teias de aranha, que embora tenham aparentemente algo de artístico, são entretanto inúteis. Não admitia uma pluralidade de formas de excelência, como Zênon, nem a existência de uma só com muitos nomes, como os megáricos, mas considerava a excelência em relação aos modos de vida. Ensinando essa filosofia e dando suas aulas no Cinosarges, exerceu tanta influência que chegou a ser considerado fundador de escola. De qualquer modo Miltíades e Dífilos eram chamados aristônicos. Possuía grande força de persuasão e agradava ao gosto do público em geral.

532. Aproximadamente 320-250 a.C..

Daí os versos de Tímon a seu respeito[533]:

"Alguém que se diz descendente do sedutor Áriston."

(162) Após o encontro com Polêmon, diz Dioclés de Magnesia, enquanto Zênon padecia de uma longa moléstia, mudou sua maneira de pensar. Da doutrina estóica adotava especialmente o princípio segundo o qual o sábio não confia em meras opiniões. Persaios opôs-se a ele valendo-se do seguinte expediente: mandou um de dois irmãos gêmeos depositar com Áriston certa quantia, e depois mandou o outro retirá-la; Áriston ficou perplexo e foi refutado por Persaios. Costumava polemizar com Arcesílaos; certa vez viu uma aberração da natureza na forma de um touro com útero, e exclamou: "Ai de mim! Agora Arcesílaos tem um argumento contra a evidência!"

(163) A um filósofo acadêmico que proclamava que não confiava nos sentidos para coisa alguma, Áriston perguntou: "Não vês sequer o teu vizinho sentado a teu lado?" O outro respondeu que não e Áriston recitou o verso:

"Quem te cegou? Quem te tirou a luz dos olhos?"

Atribuem-se-lhe as seguintes obras: *Exortações*, em dois livros; *A Doutrina de Zênon; Diálogos; Lições*, em seis livros; *Dissertações sobre Filosofia*, em sete livros; *Dissertações sobre o Amor; Notas sobre a Vanglória; Notas*, em vinte e quatro livros; *Comentários*, em três livros; *Anedotas*, em onze livros; *Contra os Retores; Respostas às Acusações de Alexinos; Contra os Dialéticos*, em três livros; *A Cleantes; Epístolas*, em quatro livros.

Panáitios e Sosícrates consideram autênticas somente as *Epístolas* e atribuem todas as outras obras ao Áriston peripatético.

(164) Conta-se que, sendo calvo, Áriston foi vítima de uma insolação e morreu por isso. Dedicamos-lhe como gracejo o seguinte poema no metro coliâmbico[534]:

"Por que, Áriston, velho e calvo, deixaste o sol assar-te a cabeça?
Buscando o calor mais do que era necessário, contra a tua vontade foste para o frio Hades."

Houve outro Áriston, natural de Iúlis; outro ainda, de Atenas, músico; um quarto, poeta trágico; um quinto, de Hálai, autor de manuais de retórica; e um sexto, de Alexandria, filósofo peripatético.

Capítulo 3. HÉRILOS[535]

(165) Hérilos nasceu em Cartago. Sustentava que o fim supremo é o conhecimento, isto é, viver sempre de maneira a fazer da vida conforme ao conhecimento o padrão em tudo e não se deixar enganar pela ignorância. Definia o conhecimento como a faculdade de acolher as apresentações, sem ceder a argumentos; às vezes Hérilos dizia que não existe um fim supremo único, mas que este muda de acordo com as circunstâncias e objetivos, da mesma forma que o bronze pode tornar-se uma estátua de Alexandre, o Grande, ou de Sócrates. Distinguia ainda o fim principal do fim secundário; este último pode ser atingido pelos não-sábios e o outro somente pelo sábio. O que não é excelência nem deficiência é indiferente. Suas obras são breves, porém cheias de vigor, contendo controvérsias em resposta a Zênon.

533. Fragmento 40 Diels.
534. *Antologia Palatina*, V, 38.
535. Estava no apogeu aproximadamente em 260 a.C..

(166) Dizem que Hérilos teve muitos admiradores quando era menino, porém Zênon conseguiu afastá-los, obrigando-o a raspar a cabeça (essa providência os desgostou).

Suas obras são as seguintes: *Do Exercício; Das Paixões; Da Suposição; O Legislador; O Obstetra; O Desafiante; O Mestre; O Revisor; O Fiscal das Contas; Hermes; Medéia; Diálogos; Temas Éticos*.

Capítulo 4. DIONÍSIOS[536]

Dionísios, o Renegado[537], afirmava que o fim supremo é o prazer; ele fez essa afirmação sob os efeitos de um ataque de oftalmia. De fato, sofrendo intensamente, viu-se impedido de definir a dor como indiferente. Era filho de Teôfrastos, e sua cidade natal foi Heraclea. Inicialmente, como diz Dioclés, foi aluno de seu concidadão Heracleides, depois de Alexinos e de Menêdemos, e finalmente de Zênon.

(167) A princípio, sendo um amante da literatura, tentou dedicar-se a todos os gêneros de poesia; em seguida manifestou predileção por Áratos e procurou imitá-lo. Abandonando Zênon, optou pelos cirenaicos e passou a freqüentar bordéis, entregando-se despudoradamente a todas as tentações da vida. Viveu até quase os oitenta anos, e deixou-se morrer de inanição.

Atribuem-se-lhe as seguintes obras: *Do Exercício*, em dois livros; *Do Prazer*, em quatro livros; *Da Riqueza, da Popularidade e da Vingança; Como Viver entre os Homens; Da Felicidade; Dos Reis Antigos; Dos que São Dignos de Louvor; Dos Costumes dos Bárbaros*.

Foram estes, então, os estóicos heterodoxos. O sucessor de Zênon foi Cleantes, de quem falaremos agora.

Capítulo 5. CLEANTES[538]

(168) Cleantes, filho de Fanias, nasceu em Assos. Inicialmente foi pugilista, como diz Antistenes em sua obra *Sucessão dos Filósofos*. Chegou a Atenas com quatro dracmas, segundo alguns autores, e encontrando-se com Zênon passou a estudar filosofia, demonstrando grande dedicação, e permaneceu fiel à sua doutrina. Sua operosidade tornou-se famosa, pois sua extrema pobreza obrigava-o a trabalhar para viver. Assim, enquanto à noite tirava água dos poços dos jardins, durante o dia exercitava-se na argumentação; daí vem o seu apelido de Freantles[539]. Dizem ainda que foi levado aos tribunais para explicar de onde tirava os meios de vida, sendo uma pessoa de constituição física sã e robusta, porém foi absolvido ao apresentar como testemunha o jardineiro junto ao qual tirava água dos poços, e a vendedora de farinha para quem moía trigo.

(169) Os juízes do Areópago ficaram satisfeitos e decretaram que lhe fossem dadas dez minas; Zênon proibiu-o de aceitá-las. Dizem ainda que Antígonos lhe tinha dado três mil dracmas. Certa vez, quando levava um grupo de efebos a um espetáculo público, o vento levantou-lhe o manto e ele apareceu nu, pois não

536. Aproximadamente 330-250 a.C..
537. Veja-se o § 37 deste livro.
538. 331-232 a.C..
539. *Freantles* significa "Tirador de água de poço".

usava túnica, tendo sido aplaudido pelos atenienses como conta Demétrios em sua obra *Homônimos*. Esse episódio aumentou a admiração de que era alvo. Conta-se também que Antígonos, ouvindo suas lições, perguntou-lhe por que tirava água e recebeu a resposta: "Tirar água é tudo que faço? Não rego o jardim e não faço tudo isso por amor à filosofia?" Zênon queria que ele realizasse essas tarefas sistematicamente, e lhe pediu como retribuição um óbolo de seu salário.

(170) Certa vez, depois de haver recolhido um punhado de moedas levou-as para o meio de seus amigos e disse: "Cleantes poderia sustentar outro Cleantes, se quisesse, enquanto aqueles que dispõem de meios de vida procuram deixar-se sustentar por outros, embora tenham muito tempo para dedicar-se à filosofia." Por isso chamavam Cleantes de um segundo Heraclés. Era diligente, mas faltava-lhe naturalidade nas atitudes e se mostrava excessivamente lento. Essa é a razão de Tímon ter dito dele[540]:

> "Quem é este que como um aríete percorre as fileiras de homens, um obtuso, rocha de Assos, um pilão passivo?"

Cleantes suportava pacientemente os gracejos de seus condiscípulos, e quando o chamavam de asno não se aborrecia, dizendo que somente ele era capaz de suportar o fardo de Zênon. (171) A quem o censurava por sua timidez, respondia: "Por isso erro pouco." Considerava sua vida superior à dos ricos, dizendo que enquanto estes jogavam bola ele trabalhava cavando a terra dura e árida. Costumava falar mal de si mesmo; em certa ocasião, quando Aríston o ouviu e perguntou: "Quem estás censurando?", Cleantes respondeu rindo: "Um velho com muitos cabelos brancos mas pouco tino." Dizendo-lhe alguém que Arcesílaos não fazia o que devia, sua resposta foi: "Pára! Não o censures! Se em palavras ele despreza o dever, nos atos mantém a sua validade."

Arcesílaos disse-lhe: "Sou imune à adulação!" Cleantes respondeu: "É verdade; minha adulação consiste em dizer que falas uma coisa, mas fazes outra!"

(172) Perguntando-lhe alguém que lição devia dar a seu filho, Cleantes respondeu com as palavras de Electra[541]:

> "Silêncio! Silêncio! Seja leve a tua marcha!"

Dizendo-lhe um espartano que a fadiga é um bem, Cleantes alegrou-se e recitou o verso[542]:

> "Teu sangue é bom, meu filho."

Em suas *Sentenças*, Hecáton conta que a um belo rapaz lhe dissera: "Se quem entrechoca o ventre pratica a arte do ventre, quem entrechoca as coxas pratica a arte das coxas", Cleantes replicou: "Guarda então para ti a arte das coxas." Conversando em certa ocasião com um rapaz, perguntou-lhe se estava vendo; o rapaz respondeu que estava; e Cleantes prosseguiu: "Por que então não vejo que estás vendo?"

(173) Quando o poeta Sosíteos dirigiu-lhe no teatro a que estava presente as palavras[543]:

> "Levados ao pasto pela loucura de Cleantes, como bois", ele permaneceu impassível e imóvel. Os espectadores ficaram tão admirados que o aplaudiram e ex-

540. Fragmento 41 Diels.
541. Eurípides, *Orestes*, 140.
542. *Odisséia*, IV, 611.
543. Fragmento 4 Nauck.

pulsaram Sosíteos do teatro. Depois, quando o poeta pediu desculpas pelo insulto, o filósofo aceitou-as dizendo que seria estranho se, enquanto Diônisos e Heraclés, ridicularizados em cena pelos poetas, não se encolerizavam, ele se aborrecesse por um insulto casual. Cleantes comentava que com os peripatéticos acontecia o mesmo que com as liras: emitiam belos sons sem ouvi-los. Contava-se que ele costumava repetir a máxima de Zênon segundo a qual se percebe o caráter de um homem por seu aspecto; então certa vez uns rapazes brincalhões levaram à sua presença um homem devasso com as mãos calejadas pelo trabalho no campo e lhe pediram para dar uma opinião a respeito de seu caráter; Cleantes ficou perplexo durante alguns momentos e depois mandou-o ir embora; quando o homem se retirava espirrou, e Cleantes gritou: "Ei-lo! É um efeminado!"

(174) A um homem solitário que falava consigo mesmo ele disse: "Não estás falando com um homem mau." A alguém que o ridicularizava por causa de sua idade avançada Cleantes ponderou: "Também estou pronto para partir, mas, quando considero que estou em perfeita saúde e escrevo e leio, fico à espera com satisfação." Conta-se que ele escrevia em conchas e em omoplatas de bois os apontamentos sobre as aulas de Zênon, porque lhe faltava dinheiro para comprar papel.

Ele era assim e sobressaiu de tal maneira entre os discípulos de Zênon, aliás numerosos e notáveis, que o sucedeu na direção da escola.

Cleantes deixou excelentes obras, relacionadas a seguir: *Do Tempo; Sobre a Filosofia Natural de Zênon*, em dois livros; *Interpretações de Heracleitos*, em quatro livros; *Da Sensibilidade; Da Arte; Contra Demócritos; Contra Arístarcos; Contra Hérilos;* (175) *Do Impulso*, em dois livros; *Antiguidades; Dos Deuses; Dos Gigantes; Do Casamento; Do Poeta; Do Dever*, em três livros; *Do Bom Conselho; Da Gratidão; Exortação; Da Excelência; Das Aptidões Naturais; Sobre Górgipos; Da Inveja; Do Amor; Da Liberdade; A Arte de Amar; Da Honra; Da Glória; O Estadista; Da Deliberação; Das Leis; Do Julgamento; Da Educação; Lógica*, em três livros; *Do Fim Supremo; Da Beleza; Da Conduta; Do Conhecimento; Da Realeza; Da Amizade; Do Banquete; Sobre a Tese de que a Excelência É a Mesma no Homem e na Mulher; Do Sábio que Usa Sofismas; Das Vantagens; Diatribes*, em dois livros; *Do Prazer; Das Características Próprias; Problemas Insolúveis; Da Dialética; Os Tropos; Os Predicados*. São essas as suas obras.

(176) Sua morte ocorreu da maneira seguinte. Sobreveio-lhe uma inflamação nas gengivas, e por prescrição médica o filósofo se absteve de alimentos durante dois dias. Quando se restabeleceu, os médicos lhe permitiram voltar à dieta normal, mas Cleantes não quis e continuou em jejum. Disse que já percorrera um longo caminho, e nos dias restantes não ingeriu alimentos. Cleantes morreu com a mesma idade de Zênon, de acordo com alguns autores, tendo sido discípulo de Zênon durante dezenove anos.

Nossos versos a seu respeito são os seguintes[544]:

> "Louco Cleantes, porém ainda mais o Hades, que não teve ânimo de vê-lo tão velho, e quis afinal que ao menos entre os mortos encontrasse sossego aquele homem, que havia tirado água do poço durante toda a vida."

544. *Antologia Palatina*, V, 56.

Capítulo 6. SFAIROS[545]

(177) Como já dissemos[546], após a morte de Zênon, Sfairos do Bósporos também ouviu as lições de Cleantes. Tendo feito consideráveis progressos na ciência filosófica, transferiu-se para Alexandria, freqüentando a corte de Ptolemaios Filopátor. Iniciou-se certa vez uma discussão em que se queria averiguar se o sábio deve mudar de opinião, e Sfairos sustentou que não. Então o rei, querendo contradizê-lo, mandou que fossem servidas romãs de cera. Sfairos enganou-se e o rei gritou que o filósofo havia dado assentimento a uma apresentação falsa. Sfairos, todavia, teve uma réplica pronta e feliz, dizendo que na realidade não havia reconhecido que fossem romãs, e sim que provavelmente eram romãs, pois há diferença entre apresentação certa e probabilidade.

Mnesistratos acusou-o de negar que Ptolemaios era um rei, e sua resposta foi: "Tendo tais requisitos, Ptolemaios é rei."

(178) Sfairos escreveu as seguintes obras: *Do Mundo*, em dois livros; *Dos Elementos; Do Sêmen; Da Sorte; Dos Corpos Mínimos; Contra os Átomos e as Imagens; Dos Órgãos Sensoriais; Cinco Diatribes sobre Herácleitos; Do Sistema Ético; Do Dever; Do Impulso; Das Paixões*, em dois livros; *Da Realeza; A Constituição Espartana; Licurgos e Sócrates*, em três livros; *Das Leis; Da Arte Divinatória; Diálogos sobre o Amor; Os Filósofos de Eretria; Dos Similares; Definições; Dos Hábitos; Das Contradições*, em três livros; *Da Razão; Da Riqueza; Da Glória; Da Morte; Da Arte Dialética; Dos Predicados; Dos Termos Ambíguos; Epístolas.*

Capítulo 7. CRÍSIPOS[547]

(179) Crísipos, filho de Apolônios, nasceu em Sóloi ou em Tarsos, como afirma Aléxandros na *Sucessão dos Filósofos*, e foi discípulo de Cleantes. Dedicou-se inicialmente a corridas de longa distância; mais tarde passou a ouvir Zênon, ou Cleantes como dizem Dioclés e muitos outros. Enquanto Cleantes ainda vivia, Crísipos abandonou a sua escola e desempenhou um papel destacado como filósofo. Homem bem dotado pela natureza, demonstrava tanta acuidade em todos os campos da filosofia que em numerosos pontos discordava de Zênon e também de Cleantes, a quem costumava dizer que lhe competia somente expor as doutrinas, pois descobria as demonstrações sozinho. Entretanto, sempre que discordava de Cleantes, Crísipos externava em seguida tanto remorso que citava repetidamente os seguintes versos[548]:

> "Em todas as outras coisas sou um homem venturoso, salvo em relação a Cleantes; nisso não sou feliz."

(180) Esse filósofo conquistou tanta fama na dialética que a maioria das pessoas pensava que se os deuses sentissem necessidade da dialética não adotariam outro sistema senão o de Crísipos. Os argumentos lhe ocorriam copiosamente, porém seu estilo era imperfeito. Em operosidade Crísipos superava qualquer outro, como o catálogo de suas obras evidencia; com efeito, estas ultrapassam o número de setecentas e cinco. Ele chegou a esse número elevado tratando repetida-

545. Estava no apogeu aproximadamente em 220 a.C..
546. Veja-se o § 37 deste livro.
547. Aproximadamente 282-206 a.C..
548. Veja-se Eurípides, *Orestes*, 540-541.

mente do mesmo assunto, escrevendo tudo que lhe ocorria, fazendo muitas correções e citando inúmeros testemunhos. Conta-se a propósito que como em uma de suas obras havia citado quase toda a *Medéia* de Eurípides, alguém que tinha o livro nas mãos, quando lhe perguntaram o que estava lendo respondeu: "A *Medéia* de Crísipos."

(181) E Apolôdoros de Atenas em sua *Coleção de Doutrinas*, querendo mostrar que as obras de Epícuros, escritas com vigor natural e forte originalidade e livres de citações alheias, eram muito mais numerosas que os livros de Crísipos, diz literalmente o seguinte: "Se tirássemos das obras de Crísipos todas as citações alheias, suas páginas ficariam em branco." Assim se exprime Apolôdoros. Por outro lado, Dioclés registra a menção de sua velha governanta segundo a qual Crísipos escrevia quinhentas linhas por dia. Hecáton afirma que ele se dedicou à filosofia porque sua herança paterna havia sido confiscada pelo tesouro do rei.

(182) Nosso filósofo era insignificante de corpo, como se pode ver pela estátua existente no Cerameicós, que é quase totalmente escondida pela estátua eqüestre vizinha; e por isso Carneades o chamou de Crípsipos[549].

A alguém que o recriminava por não ir com a maioria ouvir as lições de Aríston, sua resposta foi: "Se quisesse seguir a multidão, não me teria dedicado à filosofia." A um dialético que agredia Cleantes propondo-lhe sofismas, Crísipos disse: "Pára de distrair o ancião de suas graves meditações; propõe teus sofismas a nós, os jovens." Em outra ocasião, a alguém que lhe fora submeter um quesito reservadamente, e ao ver aproximar-se um grupo começou a mostrar-se mais exaltado, citou os versos seguintes[550]:

> "Ah! Irmão! Teu olhar está transtornado. Até há pouco parecias são e agora te enfureces!"

(183) Durante as reuniões para beber vinho ele se comportava tranqüilamente, mas suas pernas pouco firmes movimentavam-se, de tal maneira que a serva dizia: "Somente as pernas de Crísipos estão embriagadas." O filósofo julgava-se tão superior que a um pai que lhe perguntou a quem deveria confiar o filho sua resposta foi: "A mim; se acreditasse na existência de alguém melhor do que eu, eu mesmo teria ido estudar com essa pessoa." Por isso dizem que se lhe aplicava o verso[551]:

> "Somente ele é sábio; os outros são sombras esvoaçantes."

E este outro:

> "Sem Crísipos não existiria a escola estóica."

Finalmente, como diz Sotion em seu oitavo livro, encontrando-se com Arcesílaos e Lacides tornou-se discípulo de ambos em filosofia. (184) Essa circunstância explica por que Crísipos escreveu contra e a favor do senso comum e por que se ocupou da grandeza e dos números, adotando o método dos acadêmicos.

Conta Hêrmipos que, enquanto dava lições no Odêion, foi convidado por seus discípulos a participar de um sacrifício. Crísipos bebeu vinho doce sem mistura e passou a ter vertigens, e no quinto dia partiu desta vida, aos setenta e três anos de idade, na 143ª Olimpíada[552], como diz Apolôdoros em sua *Crônica*.

549. Ou seja, "Escondido pelo cavalo".
550. Eurípides, *Orestes*, 253 e seguintes.
551. *Odisséia*, X, 495.
552. 208-204 a.C..

Escrevemos os seguintes versos a seu respeito[553]:

"Crísipos bebeu de um único trago vinho puro e teve vertigens. Não pensou na Colunata, nem na pátria, nem na vida, e viajou diretamente para a casa de Hades."

(185) Segundo outros autores, Crísipos teria morrido em seguida a uma grande gargalhada: um asno havia comido seus figos e ele ordenou à sua velha criada que desse vinho puro ao asno, iniciando em seguida uma gargalhada tão forte que expirou.

Parece que Crísipos foi extremamente arrogante; com efeito, apesar de haver escrito tantas obras, não dedicou uma sequer a nenhum dos reis. Como afirma Demétrios nos *Homônimos*, contentava-se com a opinião de uma velhinha. Quando Ptolemaios escreveu a Cleantes pedindo-lhe para vir pessoalmente ou mandar alguém à corte, Sfairos empreendeu a viagem, mas Crísipos recusou-se a ir. Em vez disso mandou virem para sua companhia os filhos de sua irmã, Aristocrêon e Filocrates, e os educou. De acordo com as palavras de Demétrios, mencionado pouco acima, Crísipos foi o primeiro filósofo a aventurar-se a dar lições ao ar livre no Liceu.

(186) Houve outro Crísipos, de Cnidos, médico, de quem Erasístratos diz ter aprendido muitíssimo. Existiu também outro, neto do precedente, médico na corte de Ptolemaios, que em seguida a uma acusação de calúnia foi arrastado e chicoteado. Houve ainda outro, discípulo de Erasístratos, e mais outro, autor de uma obra *Sobre a Agricultura*.

Voltando ao nosso filósofo, ele costumava raciocinar da seguinte maneira: "Quem revela os mistérios aos não-iniciados comete impiedade; ora: o hierofante os revela aos não-iniciados; logo, o hierofante comete impiedade." Outro raciocínio seu: "O que não está na cidade, também não está na casa; não há poço na cidade; logo, não há poço na casa." Outro: "Há uma certa cabeça, e tu não a tens; sendo assim, há uma cabeça que não tens; logo, não tens cabeça."

(187) Outro: "Se alguém está em Mêgara, não está em Atenas; mas há um homem em Mêgara; logo, não há um homem em Atenas." Mais um: "O que dizes passa por tua boca; dizes 'carro'; logo, um carro passa por tua boca." E outros: "Tens o que não perdeste; mas não perdeste os chifres; logo, tens chifres." Certos autores atribuem este último raciocínio a Eubulides.

Alguns críticos fazem restrições a Crísipos por haver abordado em suas obras muitos assuntos de maneira escandalosa e indecente. Assim, em sua obra *Sobre os Antigos Filósofos Naturalistas* divulga certas histórias referentes a Hera e Zeus escandalosamente inventadas e apresentadas ao longo de seiscentas linhas, que ninguém poderia repetir sem sujar a boca. (188) Segundo esses críticos, as histórias por ele inventadas são tão escandalosas que, se são elogiosas do ponto de vista naturalista, são mais condizentes com prostitutas que com as divindades, e não são sequer catalogadas pelos bibliógrafos que escreveram sobre os títulos de seus livros. As histórias são totalmente inventadas por ele, pois nem Polêmon nem Xenocrates e nem mesmo Antígonos as citam.

Criticam-no além disso porque em sua *República* admite relações sexuais entre mães, filhos e filhas; Crísipos diz o mesmo também no início de sua obra *Sobre as*

553. *Antologia Palatina*, VII, 706.

Coisas que não São Preferíveis por si Mesmas. No terceiro livro de sua obra *Da Justiça* ele se estende por cerca de mil linhas para prescrever que se comam cadáveres. No segundo livro da obra *Da Vida e dos Meios de Preservá-la*, onde sustenta que está examinando *a priori* se o sábio deve proporcionar-se meios de subsistência, ocorrem as palavras seguintes: (189) "Por que o sábio haveria de proporcionar-se meios de subsistência? Se é pela própria vida, a vida é indiferente; se é pelo prazer, o prazer também é indiferente; se é pela excelência, a excelência basta por si mesma para a felicidade. São ridículos, portanto, os modos de proporcionar-se meios de subsistência. Se alguém os obtém de um rei, deve ceder a seus caprichos e a suas vontades; se os obtém dos amigos, compra-se a amizade pelo ganho; se os obtém por meio da sapiência, torna a sapiência mercenária."

São essas as objeções de seus críticos.

Considerando a fama de suas obras, pareceu-nos oportuno relacioná-las aqui num catálogo, onde as distinguiremos por assuntos. Ei-las.

I. Lógica em geral: *Teses Lógicas; Meditações Filosóficas; Definições Dialéticas a Metródoros*, em seis livros; *Termos Usados na Dialética, a Zênon*, em um livro; (190) *Arte Dialética, a Aristagoras*, em um livro; *Juízos Prováveis Hipoteticamente Conjuntivos, a Dioscurides*, em quatro livros.

II. Lógica das coisas.

Primeira série: *Dos Juízos*, em um livro; *Dos Juízos não-Simples*, em um livro; *Dos Juízos Complexos, a Atenades*, em dois livros; *Dos Juízos Negativos, a Aristagoras*, em três livros; *Dos Juízos Afirmativos, a Atenódoros*, em um livro; *Dos Juízos Expressos por Privação, a Têanos*, em um livro; *Dos Juízos Indefinidos*, em quatro livros; *Dos Juízos Temporais*, em dois livros; *Dos Juízos Completos*, em dois livros.

Segunda série: *Do Juízo Disjuntivo Verdadeiro, a Gorgípides*, em um livro; *Do Juízo Hipoteticamente Conjuntivo, a Gorgípides*, em quatro livros; *A Escolha entre Alternativas, a Gorgípides*, em um livro; *Sobre a Teoria das Frases Conseqüentes*, em um livro; (191) *Do Juízo Expresso em Três Membros, a Gorgípides*, em um livro; *Dos Juízos Possíveis, a Cleitos*, em quatro livros; *Réplica à Obra de Fílon sobre as Significações*, em um livro; *Quais são os Juízes Falsos?*, em um livro.

Terceira série: *Dos Imperativos*, em dois livros; *Das Perguntas*, em dois livros; *Da Indagação*, em quatro livros; *Epítome sobre a Pergunta e a Indagação*, em um livro; *Da Resposta*, em quatro livros; *Epítome sobre a Resposta*, em um livro, *Da Investigação*, em um livro; *Da Pesquisa*, em dois livros.

(192) Quarta série: *Dos Predicados, a Metródoros*, em dez livros; *Dos Predicados Ativos e Passivos, a Fílarcos*, em um livro; *Dos Casos Nominativos e Oblíquos, a Apolonides*, em um livro; *Sobre os Predicados, a Pásilos*, em quatro livros.

Quinta série: *Dos Cinco Casos; Dos Enunciados Definidos Segundo o Assunto*, em um livro; *Da Significação Acessória, a Stesagoras*, em dois livros; *Da Apóstrofe*, em dois livros.

III. Lógica das expressões e do discurso por elas constituído.

Primeira série: *Dos Enunciados no Singular e no Plural*, em seis livros; *Das Espécies de Estilo, a Sosigenes e Alêxandros*, em cinco livros; *Da Anomalia nas Expressões, a Díon*, em quatro livros; *Dos Sorites Aplicados às Palavras Proferidas*, em três livros; *Dos Solecismos*, em um livro; *Das Frases Solecizantes, a Dionísios*, em um livro; *Das Expressões Insólitas*, em um livro; *A Expressão, a Dionísios*, em um livro.

Segunda série: *Dos Elementos do Discurso e da Frase*, em cinco livros; *Sobre a Sintaxe da Frase*, em quatro livros; (193) *Da Sintaxe e dos Elementos da Frase, a Fílipos*, em três

livros; *Dos Elementos do Discurso, a Nícias*, em um livro; *Dos Termos Relativos*, em um livro.

Terceira série: *Contra os que não Admitem as Divisões*, em dois livros; *Das Ambigüidades Verbais, a Apolás*, em quatro livros; *Sobre a Ambigüidade das Figuras*, em um livro; *Sobre a Ambigüidade das Figuras Compostas*, em dois livros; *Réplica à Obra de Pantoídas sobre a Ambigüidade*, em dois livros; *Introdução às Ambigüidades*, em cinco livros; *Epítome sobre as Ambigüidades, a Epícrates*, em um livro; *Material Coligido para a Introdução ao Estudo das Ambigüidades*, em dois livros.

IV. Lógica dos raciocínios silogísticos e trópicos.

Primeira série: *Manual dos Raciocínios Silogísticos e Trópicos, a Dioscurides*, em cinco livros; (194) *Dos Raciocínios*, em três livros; *Da Constituição dos Tropos, a Stesagoras*, em dois livros; *Comparação dos Enunciados Trópicos*, em um livro; *Dos Raciocínios Recíprocos e Hipoteticamente Conjuntos*, em um livro; *Dos Problemas Dispostos em Séries, a Agáton*, em um livro; *Da Validade Silogística de um Juízo Conjunto com um ou mais Juízos*, em um livro; *Dos Enunciados Conclusivos, a Aristagoras*, em um livro; *Como o Mesmo Raciocínio Pode Ser Ordenado de Muitos Modos*, em um livro; *Réplica às Objeções no Sentido de que o Mesmo Raciocínio Pode Ser Ordenado de Forma Silogística e não-Silogística*, em dois livros; *Réplica às Objeções contra a Análise dos Silogismos*, em três livros; *Réplica à Obra de Fílon sobre os Tropos, a Timôstratos*, em um livro; *Coleção de Objeções Lógicas às Obras de Timocrates e Filomates sobre os Raciocínios e os Tropos*, em um livro.

(195) Segunda série: *Dos Raciocínios Concludentes, a Zênon*, em um livro; *Da Análise dos Silogismos*, em um livro; *Dos Raciocínios Prolixos, a Pásilos*, em dois livros; *Da Teoria dos Silogismos*, em um livro; *Silogismos Introdutivos, a Zênon*, em um livro; *Tropos Introdutivos, a Zênon*, em três livros; *Silogismos sob Figuras Falsas*, em cinco livros; *Raciocínios Silogísticos Resolvidos em Silogismos Indemonstrados*, em um livro; *Investigações sobre os Tropos, a Zênon e Filomates*, em um livro (esta obra é considerada espúria).

Terceira série: *Dos Raciocínios Invertíveis, a Atenades*, em um livro (obra espúria); (196) *Dos Raciocínios Invertíveis Segundo o Membro Médio*, em três livros (obra espúria); *Réplica aos Raciocínios Disjuntivos de Ameinias*, em um livro.

Quarta série: *Das Hipóteses, a Meléagros*, em três livros; *Raciocínios Hipotéticos sobre as Leis*, também dedicado a Meléagros, em um livro; *Introdução aos Raciocínios Hipotéticos*, em dois livros; *Raciocínios sobre Teoremas*, em dois livros; *Soluções dos Raciocínios Hipotéticos de Hédilos*, em dois livros; *Soluções dos Raciocínios Hipotéticos de Aléxandros*, em três livros (obra espúria); *Das Exposições, a Laodamas*, em um livro.

Quinta série: *Introdução ao Sofisma "Mentiroso", a Aristocrêon*, em um livro; *O Sofisma "Mentiroso", para Servir como Introdução*, em um livro; *Do Sofisma "Mentiroso", a Aristocrêon*, em seis livros.

Sexta série: *Contra os que Consideram que os Raciocínios São ao Mesmo Tempo Falsos e Verdadeiros*, em um livro; (197) *Contra os que Dividem em Partes o Sofisma "Mentiroso"*, em dois livros; *Provas de que os Raciocínios Indefinidos não Devem Ser Divididos*, em um livro; *Réplica às Objeções aos Argumentos contra a Divisão do Raciocínio Indefinido, a Pásilos*, em três livros; *Soluções Segundo os Antigos, a Dioscurides*, em um livro; *Sobre a Solução do "Mentiroso", a Aristocrêon*, em três livros; *Soluções dos Raciocínios Hipotéticos de Hédilos, a Aristocrêon e Apolás*, em um livro.

Sétima série: *Contra os que Afirmam que as Premissas do "Mentiroso" são Falsas*, em um livro; *Do Raciocínio Negativo, a Aristocrêon*, em dois livros; *Raciocínios Negativos para Exercícios*, em um livro; *Do Raciocínio que Parte dos Pequenos Incrementos, a Stesagoras*, em dois livros; *Dos Raciocínios Referentes às Suposições, e dos Ineficientes, a Onêtor*, em dois

livros; (198) *Do Sofisma "Velado", a Aristôbulos*, em dois livros; *Do Sofisma "Oculto", a Atenagoras*, em um livro.

Oitava série: *Do Sofisma "Nenhum", a Menecrates*, em oito livros; *Dos Raciocínios Derivados de Frases Indefinidas e Definidas, a Pásilos*, em dois livros; *Do Silogismo "Nenhum", a Epícrates*, em um livro.

Nona série: *Dos Sofismas, a Heracleides e Polis*, em dois livros; *Questões Dialéticas Insolúveis, a Dioscurides*, em cinco livros; *Contra o Método de Arcesílaos, a Sfairos*, em um livro.

Décima série: *Ataque ao Senso Comum, a Metrôdoros*, em seis livros; *Defesa do Senso Comum, a Gorgípides*, em sete livros.

V. Lógica.

Pertencem a esta seção trinta e nove investigações, que não se podem incluir nas quatro seções precedentes porque abrangem questões lógicas isoladas, não incorporadas em um conjunto orgânico. Os escritos lógicos são em número de trezentos e onze.

(199) VI. Ética. Classificação de conceitos éticos.

Primeira série: *Esboço da Doutrina Ética, a Teóporos*, em um livro; *Teses Éticas*, em um livro; *Premissas Prováveis à Doutrina Ética, a Filomates*, em três livros; *Definições do Homem Excelente, a Metrôdoros*, em dois livros; *Definições do Homem Deficiente, a Metrôdoros*, em dois livros; *Definições do Homem Medíocre em Termos de Excelência Moral, a Metrôdoros*, em dois livros; *Definições de Conceitos Gerais, a Metrôdoros*, em sete livros; *Definições de outras Ciências Particulares, a Metrôdoros*, em dois livros.

Segunda série: *Do Similar, a Aristoclés*, em três livros; *Das Definições, a Metrôdoros*, em sete livros.

Terceira série: *Das Objeções Falsas às Definições, a Laodamas*, em sete livros; (200) *Probabilidades em Apoio às Definições, a Dioscurides*, em dois livros; *Das Espécies e seus Gêneros, a Gorgípides*, em dois livros; *Das Classificações*, em um livro; *Dos Contrários, a Dionísios*, em dois livros; *Argumentos Plausíveis a Favor das Classificações, dos Gêneros e Espécies, e dos Contrários*, em um livro.

Quarta série: *Da Etimologia, a Dioclés*, em sete livros; *Questões Etimológicas, a Dioclés*, em quatro livros.

Quinta série: *Dos Provérbios, a Zenódotos*, em dois livros; *Da Poesia, a Filomates*, em um livro; *Como se Deve Ouvir a Poesia*, em dois livros; *Contra os Críticos, a Diódoros*, em um livro.

(201) VII. Ética. Os pontos de vista comuns da ética, e as ciências e formas de excelência dela derivadas.

Primeira série: *Contra a Restauração de Pinturas, a Timônax*, em um livro; *Das Concepções, a Laodamas*, em dois livros; *Das Suposições, a Pitônax*, em três livros; *Provas de que o Sábio não Emitirá Opiniões*, em um livro[554]; *Da Apreensão, do Conhecimento e da Ignorância*, em quatro livros; *Da Razão*, em dois livros; *Do Uso da Razão, a Leptines*.

Segunda série: *Que os Antigos Aprovaram a Dialética com as Demonstrações, a Zênon*, em dois livros; (202) *Da Dialética, a Aristocrêon*, em quatro livros; *Das Objeções aos Dialéticos*, em três livros; *Da Retórica, a Dioscurides*, em quatro livros.

Terceira série: *Dos Hábitos Mentais, a Cléon*, em três livros; *Da Técnica e da Impericia, a Aristocrêon*, em quatro livros; *Da Diferença entre as Formas de Excelência, a Diódoros*,

554. Veja-se o § 162 deste livro.

em quatro livros; *Das Características das Formas de Excelência*, em um livro; *Das Formas de Excelência, a Polis*, em dois livros.

VIII. Ética. Dos Bens e dos Males.

Primeira série: *Do Belo e do Prazer, a Aristocrêon*, em dez livros; *Provas de que o Prazer não é o Fim Supremo*, em quatro livros; *Provas de que o Prazer não é um Bem*, em quatro livros; *Dos Argumentos Geralmente Usados em Defesa do Prazer*[555]...

555. Perdeu-se a parte final deste livro. A conclusão do último título (*do Prazer*) é conjectura de alguns editores.

LIVRO VIII

Capítulo 1. PITÁGORAS[556]

(1) Concluída nossa exposição da filosofia iônica desde Tales, seu iniciador, até os homens que mais se distinguiram nela, passemos a examinar a filosofia itálica, fundada por Pitágoras, filho de Mnêsarcos (um gravador de pedras preciosas). De acordo com Hêrmipos esse filósofo nasceu em Samos, ou, segundo Aristôxenos, era um tirrênio das ilhas ocupadas pelos atenienses após a expulsão dos tirrênios. Outros autores, entretanto, afirmam que Pitágoras, por via de Eutífron, Hípasos e Mármacos, descendia de Cleônimos, que fora banido de Fliûs, e que, como Mármacos vivia em Samos, conseqüentemente o filósofo era chamado de sâmio. (2) De Samos ele foi para Lesbos com uma apresentação de seu tio Zoilos a Ferecides. Possuía três cálices de prata e os levou como presentes a cada um dos sacerdotes no Egito. Pitágoras tinha irmãos, o mais velho dos quais era Êunomos, e o segundo chamava-se Tirrenos; tinha também um escravo, Zamôlxis, que segundo Herôdotos[557] era honrado com sacrifícios pelos getas sob o nome de Cronos. Como já dissemos, foi discípulo de Ferecides de Siros; após a morte deste veio para Samos a fim de ouvir Hermodamas, descendente de Creôfilos, já muito idoso. Jovem e ávido de saber, abandonou a pátria e se iniciou em todos os ritos dos mistérios, tanto helênicos como bárbaros.

(3) Mais tarde Pitágoras foi para o Egito, levando uma carta de Policrates que o recomendava a Âmasis; aprendeu a língua egípcia, como diz Antifon na obra *Dos Homens que se Distinguiram em Excelência*, e também esteve entre os caldeus e os magos. Posteriormente, enquanto visitava Creta, penetrou na caverna de Ida com Epimenides, mas ainda no Egito entrara nos santuários e aprendera os ensinamentos secretos da teologia egípcia. De lá retornou a Samos e, achando a pátria sob a tirania de Policrates, embarcou para Crôton, na Itália. Lá elaborou uma constituição para os italiotas e conquistou grande fama juntamente com seus adeptos, que em número de aproximadamente trezentos administravam da melhor maneira possível o Estado, de tal modo que seu governo foi por assim dizer uma aristocracia no verdadeiro sentido da palavra[558].

(4) Heracleides do Pontos assinala que Pitágoras dizia de si mesmo que em outra encarnação fora Aitalides, e que se considerava filho de Hermes, e que Hermes lhe concedera a graça de escolher o que quisesse, à exceção da imortalidade. Ele pediu para poder, seja enquanto vivo, seja depois de morto, guardar a recordação de tudo que acontecesse. Por isso conseguia recordar-se de tudo enquanto vivo, e depois de morto conservou a mesma memória. Subseqüentemente vol-

556. Aproximadamente 582-500 a.C..
557. Veja-se Herôdotos, *História*, IV, 93 e seguintes.
558. Literalmente: "o governo dos melhores".

tou ao mundo no corpo de Êuforbos, e foi ferido por Menêlaos. Êuforbos, por seu turno, dizia que em outra encarnação tinha sido Aitalides, e que havia recebido de Hermes aquela concessão, e contava as peregrinações de sua alma, para quantas plantas e animais sua alma passara e todos os sofrimentos que suportara no Hades, e quais os padecimentos das outras almas.

(5) Morto Êuforbos, sua alma reencarnou-se em Harmótimos, e este, também querendo dar credibilidade a seu relato, dirigiu-se a Branquidai e, entrando no templo de Apolo, mostrou o escudo que Menêlaos havia consagrado ao deus (dizia, com efeito, que Menêlaos, ao regressar de Tróia, dedicara o escudo a Apolo); naquela ocasião o escudo já estava deteriorado, e dele conservava-se apenas a superfície de marfim. Morto Hermótimos, Pitágoras passou a ser Pirros, um pescador de Delos; recordava-se novamente de tudo – de ter sido primeiro Aitalides, depois Êuforbos, depois Hermótimos, depois Pirros. Morto Pirros, tornou-se Pitágoras e recordava-se de todas as mutações precedentes.

(6) Alguns autores afirmam que Pitágoras não deixou obra alguma, embora não tenham demonstrado essa assertiva. Heráclitos, o físico[559], quase nos grita ao dizer: "Pitágoras, filho de Mnêsarcos, superou enormemente todos os homens no exercício da pesquisa. Fez para si mesmo uma seleção desses escritos, dos quais derivou sua sabedoria, mostrando muita erudição, porém má elaboração." Herácleitos fala assim porquanto Pitágoras no início de seu tratado *Da Natureza* exprime-se nos seguintes termos: "Pelo ar que respiro, pela água que bebo, não permitirei que se censure esta minha obra." De fato Pitágoras escreveu três obras: *Da Educação, Do Estado, Da Natureza*.

(7) Entretanto o único livro conservado sob o nome de Pitágoras é de Lisis de Taras, um pitagórico que se exilou em Tebas e foi preceptor de Epameinondas. Heracleides, filho de Sarapíon, na *Epítome de Sotíon* diz que Pitágoras escreveu também um poema *Do Universo*, e ainda o *Discurso Sagrado* cujo início é o seguinte:

"Vinde, jovens, reverenciar quietamente todas estas palavras!", e em terceiro lugar *Da Alma*, em quarto *Da Piedade*, em quinto *Helotales* (o pai de Epícarmos de Cós), em sexto *Crôton*, e mais outros. O *Discurso Místico*, segundo a mesma fonte, é de autoria de Hípasos, e teria sido escrito para difamar Pitágoras; além disso, muitos outros discursos escritos por Áston de Crôton teriam sido atribuídos a Pitágoras.

(8) Entretanto, Aristóxenos afirma que Pitágoras tirou a maior parte de suas doutrinas éticas da sacerdotisa délfica Temistocleia. Nos *Tríagmos* Íon de Quios diz que Pitágoras atribuiu algumas de suas obras a Orfeus. Há quem lhe atribua também a obra *Imposturas*, cujo início é:

"Não vos comporteis indecorosamente diante de pessoa alguma."

Na *Sucessão dos Filósofos* Sosícrates diz que Pitágoras, quando Lêon, tirano de Fliûs, lhe perguntou quem era ele, respondeu: "Um filósofo." Comparava a vida aos Grandes Jogos, aos quais alguns compareciam para lutar, outros para fazer negócios, e outros ainda – os melhores – como espectadores; com efeito, alguns crescem escravos da fama, outros ambiciosos de ganhos, e os filósofos ávidos da verdade. Essa parte do assunto é assim.

(9) Nas três obras mencionadas acima conservam-se os seguintes preceitos gerais de Pitágoras. O filósofo nos proíbe de fazer preces por nós mesmos, porque

559. Fragmento 129 Diels-Kranz.

não sabemos o que nos é útil. Qualifica a embriaguez, em uma palavra, de malefício, e condena qualquer excesso, dizendo que ninguém deve ultrapassar a justa medida, seja ao comer, seja ao beber. Quanto aos prazeres do sexo, suas palavras são: "Cultiva os prazeres do amor no inverno, abstém-te no verão; esses prazeres são menos nocivos no outono e na primavera, porém são prejudiciais em todas as estações e não são bons para a saúde." Certa vez alguém lhe perguntou quando se deve fazer sexo, e sua resposta foi: "Quando quiseres ser mais fraco do que realmente és."

(10) Pitágoras divide a vida do homem da seguinte maneira: "Menino durante vinte anos, adolescente durante vinte, jovem durante vinte, e velho durante vinte."

Essas quatro idades correspondem às estações: a meninice equivale à primavera, a adolescência ao verão, a juventude ao outono e a velhice ao inverno. Para ele a adolescência é a idade da puberdade, a juventude a da virilidade. Foi o primeiro, de acordo com Tímaios, a qualificar de comuns as posses dos amigos e a chamar a amizade de igualdade. Com efeito, seus discípulos depunham os bens num só lugar. Durante um qüinqüênio guardavam silêncio, eram apenas ouvintes e nunca viam Pitágoras até serem considerados merecedores dessa distinção. Daí em diante passavam a freqüentar-lhe a casa e se lhes permitia vê-lo. Não se consentia entre os pitagóricos o uso de ataúdes de cipreste porque o cetro de Zeus era feito dessa madeira, como diz Hêrmipos no segundo livro de sua obra *Sobre Pitágoras*.

(11) Diz-se ainda que Pitágoras tinha um porte de tal maneira majestoso que seus discípulos pensavam que ele era Apolo vindo da terra dos hiperbóreos. Conta-se ainda que certa vez, estando ele nu, foi vista a sua coxa de ouro, e muita gente dizia que o rio Nessos o saudou enquanto o filósofo o atravessava[560]. No décimo livro de suas *Histórias* Tímaios afirma que segundo Pitágoras as mulheres que convivem com os homens têm nomes divinos e se chamam virgens, esposas e mais tarde mães.

Pitágoras aperfeiçoou a geometria, pois Môiris foi o primeiro a descobrir a parte inicial de seus elementos, como diz Anticleides no segundo livro de sua obra *Sobre Alêxandros*. (12) Pitágoras dedicou-se principalmente ao estudo do aspecto aritmético da geometria, e descobriu o cânone monocórdio. Não descurou tampouco a medicina. Apolôdoros, o teórico do cálculo, afirma que ele sacrificou uma hecatombe por haver descoberto que o quadrado da hipotenusa num triângulo retângulo é igual à soma dos quadrados de seus catetos. E há um epigrama nos seguintes termos[560a]:

"Quando Pitágoras descobriu a famosíssima figura, dedicou-lhe então um famoso sacrifício de bois."

Dizem ainda que ele foi o primeiro a submeter os atletas a uma dieta de carne, começando por Eurimenes, como diz Favorinos no terceiro livro de suas *Memórias*, pois anteriormente os mesmos se alimentavam de figos secos e queijo mole, e até de pratos de trigo, segundo o próprio Favorinos no oitavo livro de suas *Histórias Variadas*.

(13) Outros autores dizem que não foi o nosso Pitágoras, e sim um outro, treinador, também chamado Pitágoras, que instituiu essa dieta para os atletas. Com efeito, Pitágoras proibia não somente matar mas também comer os animais que

560. Veja-se o fragmento 191 de Aristóteles na coletânea de Rose.
560a. *Antologia Palatina*, VII, 119.

têm juntamente conosco o privilégio da alma. Trata-se de um pretexto; na realidade ele determinou a abstinência de carne querendo educar os homens e habituá-los a uma dieta frugal, de maneira a poderem facilmente nutrir-se com alimentos que não necessitam de fogo e satisfazerem a sede apenas com água; desse regime resultam a saúde do corpo e a acuidade da alma. É certo que ele venerava somente o altar de Apolo Genitor, em Delos, por trás do altar dos cornos, pelo fato de se consagrarem nesse altar somente trigo, cevada, bolos feitos sem necessidade de fogo, e de não haver vítimas animais, como diz Aristóteles na *Constituição dos Délios*[561].

(14) Dizem que Pitágoras foi o primeiro a revelar que a alma, de acordo com um ciclo imposto pelo destino, se liga ora a um ser vivo, ora a outro; foi também o primeiro a introduzir na Hélade pesos e medidas, como diz Aristôxenos, o músico; e o primeiro a verificar que as estrelas vespertina e matutina são uma só, como diz Parmenides[562]. A admiração por Pitágoras era tão grande que seus discípulos se chamavam "Profetas da Voz de Deus"; por outro lado, ele mesmo escreveu que voltara do Hades para juntar-se aos homens depois de duzentos e sete anos; por isso visitavam-no e assistiam às suas preleções lucanos, peucétios, messápios e romanos.

(15) Nem todas as doutrinas pitagóricas eram conhecidas até a época de Filôlaos, pois somente este divulgou as três obras célebres que Platão mandou comprar por cem minas. Não menos de seiscentas pessoas participavam de suas preleções noturnas, e as que eram consideradas dignas de vê-lo escreviam aos familiares anunciando a grande sorte que tinham tido. Os metapontinos chamavam a sua casa de Templo de Dêmetra e sua colunata de "recinto das Musas", como diz Favorinos em suas *Histórias Variadas*; os próprios pitagóricos sustentavam que nem tudo podia ser revelado a todos, de acordo com a afirmação de Aristôxenos no décimo livro de suas *Normas Educacionais;* (16) nessa obra também está dito que o pitagórico Xenôfilos, a quem lhe perguntou qual seria o melhor modo de educar um filho, respondeu: "Levando-o a tornar-se cidadão de um Estado bem governado"; e que através de toda a Itália Pitágoras transformou muitas pessoas em homens honestos e sérios, entre os quais podem citar-se os legisladores Záleucos e Carondas; e que Pitágoras era sobretudo fautor fervoroso da amizade, e quando sabia que qualquer pessoa havia adotado seus preceitos travava imediatamente relações com ela e passava a ser seu amigo.

(17) Seus preceitos eram os seguintes: não atiçar o fogo com uma faca, não forçar a balança, não sentar sobre a medida de grãos[563], não comer o coração, ajudar a depor a carga e não a agravá-la, ter sempre as cobertas enroladas juntas, não pôr a imagem de um deus na placa de um anel, não deixar a marca da panela nas cinzas, não esfregar um vaso com uma tocha, não urinar voltado para o sol, não caminhar por fora da estrada, não apertar mãos com facilidade, não ter andorinhas sob o próprio teto, não criar animais com os artelhos aduncos, não urinar nem pisar sobre unhas ou cabelos cortados, afastar de si as facas afiadas, não voltar atrás na fronteira quando sair da pátria.

561. Fragmento 489 Rose.
562. Fragmento 40 Diels-Kranz.
563. Literalmente: a khôinix, medida de capacidade equivalente a cerca de quatro litros.

(18) Com o preceito "não atiçar o fogo com uma faca" Pitágoras queria dizer: não se deve provocar a ira ou o orgulho inflado dos poderosos; com "não forçar a balança", não atentar contra a eqüidade e a justiça; com "não sentar sobre a medida de grãos", cuidar também do futuro, pois a medida de grãos é a ração para um dia; com "não comer o coração" queria significar não consumir a alma com aflições e penas; com "não voltar atrás na fronteira quando sair da pátria" advertia todos os que estão partindo da vida a não se deixarem deter pelo desejo de viver nem a se deixarem atrair pelos prazeres desta vida. Poderíamos explicar também os outros preceitos, mas isso nos levaria muito longe.

(19) Acima de tudo Pitágoras proibia seus adeptos de comerem os peixes chamados salmonete e melanuro, prescrevia a abstinência tanto do coração dos animais como das favas, e segundo Aristóteles[564] também do rúmen e da cabrinha. Outros autores dizem que ele se contentava às vezes apenas com o mel ou o favo, e pão, e que durante o dia não bebia vinho, e juntamente com o pão comia freqüentemente verduras cozidas e cruas, e raramente peixe. Sua roupa era imaculadamente alva, e suas cobertas eram também alvas e de lã (não se usavam ainda as de linho naquelas regiões). Nunca o viram comer demais, ou dedicar-se aos prazeres do amor, ou embriagar-se.

(20) Pitágoras evitava o riso e toda espécie de complacência com gracejos insultuosos e histórias vulgares. Quando encolerizado, não punia nem escravo nem homem livre. Chamava a admonição de "correção". Praticava a arte divinatória somente por meio de presságios e augúrios, e nunca com sacrifício de vítimas queimadas com fogo, à exceção do incenso. Suas oferendas consistiam em coisas inanimadas, embora alguns autores mencionem galos e os chamados cabritos de leite e leitões, mas nunca cordeiros. Aristôxenos, por outro lado, atesta que o filósofo admitia que se comessem todos os animais à exceção de bois de arado e carneiros reprodutores.

(21) O mesmo autor, como já dissemos antes, afirma que Pitágoras tirou suas doutrinas de Temistocleia de Delfos. Hierônimos diz que Pitágoras, descendo ao Hades, viu a alma de Hesíodos presa a uma coluna de bronze e gritando, e a de Homero pendente de uma árvore cercada de serpentes, pelo que esses poetas haviam dito dos deuses, e viu punidos também aqueles que não quiseram unir-se às suas mulheres. Especialmente por isso – lemos nessa fonte – ele era honrado pelos crotoniatas. Em sua obra *Sobre os Fisiólogos* Arístipos de Cirene diz que chamavam o filósofo de Pitágoras porque falava a verdade não menos que o deus Pítio.

(22) Conta-se que ele aconselhava seus discípulos a pronunciarem o seguinte verso toda vez que entrassem em casa:

"Que erro cometi? Que fiz? Que deveres não cumpri?"

Pitágoras proibia o sacrifício de vítimas aos deuses, e consentia que se venerasse somente o altar puro de sangue. Dizia que não devemos jurar pelos deuses. Devemos esforçar-nos por merecer fé. Cumpre-nos honrar os anciãos, porquanto o que está cronologicamente em primeiro lugar merece honras maiores; da mesma forma que no mundo a aurora precede o crepúsculo, na vida humana o princípio precede o fim, e na vida orgânica o nascimento precede a morte.

(23) Devemos honrar os deuses antes dos demônios, os heróis antes dos homens, e os pais antes de todos os outros homens. Nossas relações com os outros

564. Fragmento 194 Rose.

devem ser de molde a não fazermos dos amigos inimigos; ao contrário, devemos transformar os inimigos em amigos. Não devemos considerar coisa alguma propriedade individual nossa. Devemos apoiar a lei e combater a ilegalidade. Não devemos destruir nem danificar as plantas cultivadas, nem matar animais inofensivos aos homens. O pudor e a cautela consistem em não nos deixarmos dominar pelo riso nem assumir atitudes grosseiras. Devemos evitar o excesso de carne, e nas viagens devemos intercalar o esforço com o repouso. Devemos exercitar a memória, nada fazer e dizer nos ímpetos de cólera, e respeitar toda espécie de adivinhação; devemos cantar acompanhados pela lira, e demonstrar com hinos a gratidão devida aos deuses e aos homens bons. (24) Pitágoras prescrevia a abstinência de favas porque provocam flatulência e participam no mais alto grau do sopro vital; além disso, é melhor para o estômago se não as comemos, e enfim nossos sonhos serão calmos, sem perturbações. Na *Sucessão dos Filósofos* Alêxandros diz que encontrou também nas *Memórias Pitagóricas* os seguintes dogmas pitagóricos. (25) A mônada é o princípio de todas as coisas; da mônada nasce a díade indefinida, que serve de substrato material à mônada, sendo esta a causa; da mônada e da díade indefinida nascem os números; dos números nascem os pontos, destes nascem as linhas e destas as figuras planas; das figuras planas nascem as figuras sólidas; destas nascem os corpos perceptíveis pelos sentidos, cujos elementos são quatro: o fogo, a água, a terra e o ar. Esses elementos transmudam-se e transformam-se completamente uns nos outros, combinando-se para produzir um cosmos animado, inteligente, esférico, tendo em seu centro a terra, ela também esférica e habitada. (26) Existem também os antípodas, e nosso "em baixo" é seu "em cima". No cosmos há luz e trevas em proporções iguais, e calor e frio, e seco, e úmido; quando prevalece o calor é o verão, quando prevalece o frio é o inverno; quando prevalece o seco é a primavera, e quando prevalece o úmido é o outono; se há equilíbrio entre o frio e o calor temos os períodos mais belos do ano, dos quais um é florido e salubre – a primavera –, e o outro, quando chega ao fim, é malsão – o outono. Uma parte do dia também floresce e é a aurora, e a outra decai e é a tarde, razão pela qual esta última é mais insalubre. O ar existente em volta da terra é imóvel e insalubre, e tudo que há nele é mortal; ao contrário, o ar altíssimo está em movimento eterno, e é puro e salubre, e tudo que há nele é imortal e, portanto, divino.

(27) O sol, a lua e os outros astros são deuses, porque prevalece neles o calor, que é causa da vida. A lua é iluminada pelo sol. Há afinidade entre homens e deuses, pelo fato de o homem participar do calor, e esta é a razão de a divindade ser nossa providência. O destino governa o todo e as partes. Do sol se projeta um raio através do éter frio e do éter denso. Os pitagóricos chamam o ar de éter frio, e o mar e tudo que é úmido de éter denso. (28) Esse raio penetra até nos abismos e por isso vivifica todas as coisas. Tudo que participa do calor vive, e as próprias plantas são seres animados; entretanto, nem todos os seres animados possuem alma. A lua é uma partícula do éter quente e do éter frio, porque participa também do éter frio. A alma é diferente da vida, sendo imortal, pois aquilo de que ela se destaca é imortal. Os seres animados geram-se uns aos outros por meio do sêmen, e nada se gera da terra espontaneamente. O sêmen é uma gota de cérebro contendo em si mesma o vapor quente; este, introduzido no útero, faz sair do cérebro icor, umidade e sangue, dos quais resultam a carne, os nervos, os ossos, a pele e todo o corpo; do vapor nascem a alma e os sentidos.

(29) O embrião se forma em quarenta dias e depois, de conformidade com as relações harmônicas, chega a seu pleno desenvolvimento natural em sete, ou nove, ou no máximo dez meses, e vem à luz a criança, que tem em si mesma todas as relações da vida, e estas, formando uma série contínua, mantêm-na unida segundo as relações harmônicas, cada parte aparecendo a intervalos regulares. Os sentidos em geral, especialmente a vista, são vapores muito quentes. Por isso se diz que vemos através do ar e da água; com efeito, o calor resiste ao frio. Se o vapor nos olhos fosse frio, dissipar-se-ia no ar, seu similar; por isso em uma de suas obras Pitágoras chama os olhos de portas do sol. Ele ensina as mesmas coisas acerca da audição e dos outros sentidos.

(30) A alma do homem divide-se em três partes: inteligência, razão e ânimo. A inteligência e o ânimo existem também em todos os outros seres vivos, mas a razão existe apenas no homem. Os domínios da alma estendem-se desde o coração até o cérebro; a parte dela que está no coração é o ânimo, e as partes que estão no cérebro são a razão e a inteligência. Os sentidos são distilações dessas partes. A razão é imortal, tudo mais é mortal. A alma se nutre do sangue; as faculdades da alma são sopros, pois também são invisíveis, da mesma forma que o éter é invisível.

(31) Os vínculos da alma são as veias, as artérias e os nervos, mas, quando ela adquire seu vigor e quietude íntimos, seus vínculos são as palavras e os atos. Quando a alma é lançada sobre a terra, vaga no ar à semelhança de um corpo. Hermes é o guardião das almas, e por isso se chama Acompanhante, Porteiro e Hermes do mundo subterrâneo, pois conduz as almas de seus corpos tanto para a terra como para o mar; e as almas puras são conduzidas a um lugar altíssimo, as impuras nem se aproximam das puras nem se unem entre si, sendo atadas pelas Fúrias mediante vínculos indestrutíveis. (32) Todo o ar é cheio de almas, chamadas demônios e heróis, por quem são mandados aos homens os sonhos e os sinais de doenças e de saúde, e não somente aos homens, porém ainda às ovelhas e ao gado em geral. Por isso fazem-se as purificações e sacrifícios lustrais e toda espécie de adivinhações, vaticínios e similares. A coisa mais importante na vida humana é induzir a alma ao bem ou ao mal, e os homens são felizes quando os acompanha uma alma boa, e jamais estarão em paz nem seguirão o mesmo rumo se ela for má.

(33) A justiça é como se fosse um juramento, e por isso se diz que Zeus é o guardião dos juramentos. A excelência, a saúde física, todos os bens e a divindade são harmonia; essa é a razão de o próprio universo ser constituído segundo a harmonia. A amizade é também igualdade harmônica. Não devemos prestar a mesma reverência aos deuses e aos heróis; aos deuses, sempre o silêncio sagrado, vestidos de branco e puros, enquanto os heróis somente a partir do meio-dia. Obtemos a pureza com os ritos da purificação, do batismo e das abluções, e permanecendo livres de contato com cadáveres, com recém-nascidos e com toda poluição, e com a abstinência de carnes comestíveis de animais mortos de morte natural, e de salmonetes e de melanuros e dos ovos de animais ovíparos, e de favas, e de tudo mais que é prescrito por aqueles que perfazem os ritos dos mistérios nos templos.

(34) Em seu livro *Sobre os Pitagóricos* Aristóteles[565] diz que Pitágoras preconizava a abstinência das favas porque estas se assemelham aos órgãos genitais ou às portas do Hades (com efeito, trata-se da única planta inarticulada), ou ainda por serem nocivas, ou por serem semelhantes à natureza do universo, ou por terem conexão

565. Fragmento 195 Rose.

com a aristocracia, pois são usadas para eleições mediante sorteio. O filósofo proibia seus adeptos de recolherem pedaços de pão caídos no chão, seja para habituá-los a não comerem desmedidamente, seja por sua associação com a morte de alguém. Segundo Aristófanes, os pedaços caídos no chão pertencem aos heróis, pois em sua comédia *Os Heróis* ele diz[566]:

"Não deveis provar o que cai embaixo da mesa!"

Pitágoras proibia também seus adeptos de comerem galos brancos, por serem consagrados ao mês e serem como os suplicantes (a súplica é própria dos bons); são consagrados ao mês porque indicam as horas, e o branco é da natureza do bem, enquanto o negro é da natureza do mal. Proibia também seus adeptos de comerem os peixes sagrados, pois não devemos oferecer as mesmas coisas aos deuses e aos homens, da mesma forma que não se oferecem as mesmas coisas aos homens livres e aos escravos.

(35) Pitágoras ainda proibia seus adeptos de partirem o pão, porque em certa época os amigos reuniam-se em torno de um único pão, como até hoje fazem os bárbaros; tampouco se deve dividir o pão, porque ele reúne os amigos. Na explicação desse preceito alguns autores relacionam a proibição com o julgamento no Hades, enquanto outros dizem que a divisão do pão tornaria os combatentes covardes na guerra; outros afirmam ainda que o pão está ligado à origem do universo. O filósofo dizia que a mais bela das figuras sólidas é a esfera, e das planas o círculo. A velhice assemelha-se a tudo que decresce, enquanto juventude e crescimento são a mesma coisa. A saúde é a conservação da forma, e a doença é a sua destruição. Quanto ao sal, ele dizia que devemos pô-lo à mesa para nos lembrarmos da justiça; com efeito, o sal conserva tudo a que é adicionado, e provém de fontes puríssimas – o sol e o mar.

(36) Alêxandros diz que encontrou essas opiniões nas *Memórias Pitagóricas*, e Aristóteles menciona opiniões semelhantes[567].

O próprio Timon nas *Sátiras*[568], embora aguilhoando Pitágoras, não se esqueceu de sua dignidade extraordinária quando escreveu:

"E Pitágoras, confiante em sua palavra séria e elevada, voltou-se para as crenças mágicas a fim de conquistar os homens."

Xenofanes corrobora a afirmação no sentido de que Pitágoras foi ora uma criatura, ora outra, na elegia que começa com o seguinte verso[569]:

"Iniciarei agora um novo discurso, mostrarei o caminho."

Xenofanes faz-lhe referência nas palavras seguintes:

"Dizem que ele, passando perto de um cãozinho que estava sendo espancado, apiedou-se dele e falou a quem o maltratava: 'Pára! Não o espanques, pois a alma que reconheci ouvindo-lhe a voz é a de um homem amigo!'"

São estes os versos de Xenofanes.

(37) Cratinos[570] também o censura em sua comédia *As Pitagorizantes*, e ainda nos *Tarantinos*, onde diz[571]:

566. Fragmento 305 Kock.
567. Fragmento 195 Rose.
568. Fragmento 58 Diels.
569. Fragmento 7 Diels-Kranz.
570. Fragmento 6 Kock (de Cratinos, o Novo).
571. Fragmento 7 Kock.

"É seu costume perturbar e desconcertar o profano que o ouve e deseja experimentar a força da doutrina com as antíteses, os termos, as equações, as perífrases, as grandezas, sabiamente."

E Mensímacos no *Alcmáion*[572]:

"Sacrificamos a Loxias, segundo o rito pitagórico, não comendo absolutamente qualquer ser animado."

(38) E Aristofon no *Pitagorista*[573]:

"A. Dizia que, descendo à morada dos que estão lá embaixo, conseguira ver todos eles, e que os pitagóricos diferiam enormemente dos outros mortos, e que somente eles podiam fazer refeições em comum com Plúton graças à sua piedade.

B. Falas de um deus mal-humorado, se gosta de conversar com gente cheia de sujeira."

E ainda na mesma comédia[574]:

"Comem verdura e depois bebem água, mas nenhum dos jovens seria capaz de suportar os piolhos, o manto esfarrapado e a imundice."

(39) Pitágoras morreu da maneira descrita a seguir. Estava sentado com os amigos em casa de Mílon, quando essa casa foi incendiada por um homem despeitado que não foi considerado merecedor de ser acolhido pelo filósofo; outros autores dizem que o incêndio foi obra dos próprios crotoniatas, temerosos de que ele quisesse tornar-se tirano da cidade. Pitágoras viu-se abandonado à própria sorte enquanto saía pela porta, e chegando a uma localidade onde havia um campo de favas parou, dizendo que preferia ser capturado a atravessá-lo, e que seria melhor ser morto que falar; e assim seus perseguidores o degolaram. Seus amigos, em número de aproximadamente quarenta, foram mortos em sua maior parte em circunstâncias idênticas; poucos escaparam, entre os quais Árquitas de Taras e Lisis, já mencionados.

(40) Dicáiarcos diz que Pitágoras morreu no templo das Musas em Metapontos, onde se refugiara, depois de haver jejuado durante quarenta dias. Na *Epítome das "Vidas" de Sátiros* Heracleides conta que Pitágoras, após sepultar Ferecides em Delos, retornou à Itália, e quando encontrou Cílon de Cróton, que oferecia um banquete suntuoso a numerosas pessoas, retirou-se para Metapontos e lá pôs fim à vida deixando-se morrer de inanição, não querendo mais viver. Por outro lado Hêrmipos narra que, quando os acragantinos e siracusanos estavam guerreando-se, Pitágoras saiu juntamente com seus amigos e se pôs à frente dos acragantinos; entretanto estes foram postos em fuga e Pitágoras, querendo evitar um campo de favas, foi morto pelos siracusanos quando tentava contorná-lo; os remanescentes, em número de trinta e cinco, foram queimados em Taras por tentarem opor-se aos detentores do poder.

(41) Hêrmipos narra outro episódio da vida de Pitágoras. Chegando à Itália, construiu para si mesmo um abrigo subterrâneo e pediu à sua mãe que anotasse os acontecimentos numa plaqueta, com indicações quanto ao momento de sua ocorrência, e mandasse as notas para seu esconderijo subterrâneo até o seu reaparecimento. Sua mãe seguiu essas instruções. Passando algum tempo,

572. Fragmento 1 Kock.
573. Fragmento 12 Kock.
574. Fragmento 13 Kock.

Pitágoras voltou tão magro que parecia um esqueleto. Entretanto, no recinto da assembléia, declarou que estivera no Hades, e leu para os presentes tudo que acontecera durante sua ausência. Os participantes da assembléia, perturbados com suas palavras, choravam e gemiam, acreditando que Pitágoras fosse uma divindade, indo ao extremo de lhe confiarem suas mulheres para aprenderem algumas de suas doutrinas; elas passaram a ser chamadas de Pitagóricas. Essa é a narração de Hêrmipos.

(42) Pitágoras foi casado com uma mulher chamada Teanó, filha de Brontinos de Crôton, embora alguns autores digam que ela era mulher de Brontinos e discípula de Pitágoras. Teve também uma filha, cujo nome era Damó, como diz Lísis na epístola a Hípasos, exprimindo-se da seguinte maneira a respeito de Pitágoras: "Muita gente diz que vais filosofando em público, atitude considerada indigna por Pitágoras, que confiou suas *Memórias* à filha Damó com a recomendação de não as entregar a nenhuma das pessoas que não eram admitidas em sua casa. Embora pudesse ter vendido a obra de Pitágoras a um preço elevado, Damó não o fez, considerando mais preciosa que o ouro, a pobreza e as ordens do pai; e tratava -se de uma mulher."

(43) O casal teve um filho, Télauges, sucessor do pai e preceptor de Empedoclés segundo alguns autores. De fato, Hipôbotos faz Empedoclés dizer:

"Télauges, filho famoso de Teanó e Pitágoras"[575].

Nenhuma das obras de Télauges conservou-se, e de sua mãe Teanó conservaram-se algumas. Dizem que perguntaram a Teanó em quantos dias uma mulher se torna pura do contacto com um homem; sua resposta foi: "Com seu próprio marido, imediatamente; com outro homem, nunca." Teanó costumava aconselhar a mulher que ia manter relações sexuais com seu próprio marido a desfazer-se do pudor juntamente com a roupa, e quando se levantava a retomá-lo juntamente com a roupa. Perguntaram-lhe: "E mais o quê?" Sua resposta foi: "O que me faz ser chamada de mulher."

(44) Segundo Heracleides, filho de Sarapíon, Pitágoras morreu aos oitenta anos de idade, e essa informação concorda com sua própria descrição das idades; a maioria dos autores, entretanto, diz que o filósofo morreu aos noventa anos.

Há uma composição nossa dedicada a ele nos seguintes termos[576]:

"Não foste o único a manter as mãos distantes dos seres animados; nós também. Quem jamais provou seres animados, Pitágoras? Depois de cozidos, assados ou salgados, já não têm alma e os comemos."

E outra[577]:

"Pitágoras era tão sábio que não tocava nas carnes, dizendo que era uma impiedade, porém consentia que os outros as comessem. Espanta-me o sábio: falava que não queria ser ímpio, mas admitia que os outros fossem ímpios."

(45) E mais outra[578]:

"Se queres entender a mente de Pitágoras, olha a choupa do escudo de Êuforbos. Ele diz: 'Vivi anteriormente'. Se quando diz que era, já não era, não era ninguém quando era."

575. Fragmento 155 Diels-Kranz.
576. *Antologia Palatina*, VII, 121.
577. *Antologia Palatina*, V, 34.
578. *Antologia Palatina*, V, 35.

E ainda outra referente à sua morte[579]:

"Ai! Ai! Por que Pitágoras mostrava tanta veneração pelas favas? E por que morreu juntamente com seus discípulos? Havia um campo de favas; para não o atravessar foi morto pelos acragantinos numa encruzilhada."

Pitágoras floresceu na 60ª Olimpíada[580], e sua escola sobreviveu durante nove ou dez gerações.

(46) Os últimos pitagóricos, que Aristôxenos viu em sua época, foram: Xenófilos, o calcídico (da Trácia), Fânton de Fliús, Equecrates, Dioclés, Polímnestos (também de Fliús), que foram ouvintes de Filôlaos e de Êuritos, ambos tarantinos.

Na mesma época viveram quatro personagens com o nome de Pitágoras, não muito longe uns dos outros: um de Crôton, homem de tendências tirânicas; outro de Fliús, atleta ou, como dizem alguns autores, treinador; o terceiro de Zácintos; o quarto, nosso filósofo, que segundo dizem descobriu os segredos da filosofia e os ensinou. Graças a ele a frase "O próprio mestre disse" tornou-se proverbial na vida cotidiana.

(47) Alguns autores acrescentam que existiu outro Pitágoras, escultor de Région, que tinha a fama de haver sido o primeiro a dedicar-se ao estudo do ritmo e da simetria; e outro, também escultor, de Samos; e ainda outro, mau orador; e outro, médico, que escreveu sobre a hérnia e compôs algumas obras a propósito de Homero; e outro, que tratou da história dos dórios, de acordo com Dionísios. Segundo a menção de Favorinos no oitavo livro de suas *Histórias Diversas*, Eratostenes diz que o último Pitágoras foi o primeiro a lutar tecnicamente na competição pugilística, por ocasião da 48ª Olimpíada[581], com os cabelos longos e usando um manto de púrpura; depois de ser excluído da competição dos meninos e ridicularizado, enfrentou inesperadamente os homens e os venceu.

(48) Essa história é mencionada no epigrama composto por Teáitetos[582]:

"Conheces, estrangeiro, um Pitágoras de cabelos longos, o famoso pugilista de Samos? Pitágoras sou eu; se perguntares a algum dos eleus quais são os meus feitos, dirás que ele narra coisas incríveis."

Favorinos informa que o filósofo usou definições para os assuntos matemáticos, e com maior freqüência serviram-se delas Sócrates e seus seguidores, e depois destes Aristóteles e os estóicos.

Pitágoras foi o primeiro a chamar o céu de cosmos e a dizer que a terra é esférica (de acordo com Teôfrastos, o primeiro teria sido Parmenides[583]; segundo Zênon[584], foi Hesíodos).

(49) Dizem que Cílon foi adversário de Pitágoras, da mesma forma que Antífon[585] foi de Sócrates.

A propósito do Pitágoras atleta conserva-se o seguinte epigrama[586]:

579. *Antologia Palatina*, VII, 122.
580. 540-537 a.C..
581. 588-585 a.C..
582. *Antologia Palatina*, III, 35.
583. Veja-se o testemunho 44 A Diels-Kranz.
584. Fragmento 276 von Arnim.
585. "Antífon" é uma correção proposta por Apelt; os manuscritos trazem Antílocos.
586. *Antologia Planúdea*, III, 116.

"Assim, ainda sem ser um rapaz, compareceu à competição olímpica de pugilismo Pitágoras, filho de Eratoclés, Sâmio."

O filósofo escreveu a seguinte carta:

"Pitágoras a Anaximenes:

Tu mesmo, homem excelente, se não fosses superior a Pitágoras por nascimento e por fama, terias partido de Míletos; detém-te agora a fama de teus antepassados, que me teria detido a mim também se eu fosse igual a Anaximenes. Se vós, os melhores homens, sendo utilíssimos, abandonásseis as cidades, elas perderiam a boa ordem, e o poderio dos medos seria mais perigoso para elas. (50) Nem sempre é belo ocupar-se dos fenômenos celestes; é mais belo cuidar da pátria. Eu também não me dedico apenas à elaboração de minhas doutrinas; participo igualmente das guerras que os italiotas fazem uns aos outros."

Agora que tratamos de Pitágoras, resta-nos falar dos pitagóricos mais ilustres; depois, daqueles que alguns autores chamam de filósofos esporádicos[587]; e em continuação ocupar-nos-emos da sucessão dos filósofos dignos de menção até Epícuros, como dissemos antes[588]. Já mencionamos Teanó e Télauges; agora temos de falar primeiro de Empedoclés, que segundo alguns autores foi discípulo de Pitágoras.

Capítulo 2. EMPEDOCLÉS[589]

(51) De acordo com Hipôbotos, Empedoclés era filho de Mêton e neto de Empedoclés, e nasceu em Acragás. No décimo quinto livro de suas *Histórias*, Tímaios dá a mesma informação, acrescentando que Empedoclés, avô do poeta, foi um homem ilustre. Hêrmipos faz as mesmas referências a seu respeito. Heracleides também menciona em sua obra *Das Doenças* que Empedoclés pertencia a uma família ilustre, tendo o seu avô sido criador de cavalos. Valendo-se do testemunho de Aristóteles,[590] Eratostenes ainda afirma em sua obra *Vencedores em Olímpia* que o pai de Mêton obteve uma vitória na 71ª Olimpíada[591].

(52) O gramático Apolôdoros diz o seguinte em sua *Crônica*: "Empedoclés era filho de Mêton; Glaucon afirma que ele emigrou para Túrioi, recém-fundada." E pouco adiante: "Parecem-me absolutamente ignorantes aqueles que contam que, fugindo da pátria para Siracusa, juntamente com esta lutou contra os atenienses; com efeito, na época ele já não existia ou estava extremamente velho, o que não parece provável."

De fato, Aristóteles diz[592] que ele e Heráclitos morreram aos sessenta anos de idade. O vencedor na 71ª Olimpíada na competição hípica "era avô e homônimo", de tal maneira que Apolôdoros indica simultaneamente o fato e a época de sua ocorrência. (53) Sátiros, entretanto, diz nas *Vidas* que Empedoclés era filho de Exáinetos, e que na mesma Olimpíada o próprio Empedoclés venceu a competição hípica, e o filho foi vencedor na luta ou, como diz Heracleides na *Epítome*, na corrida.

587. Esporádicos: não-pertencentes a uma determinada escola.
588. Veja-se o § 19 do Livro I.
589. 484-424 a.C..
590. Fragmento 71 Rose.
591. Em 496 a.C..
592. Fragmento 71 Rose.

Nas *Memórias* de Favorinos descobrimos que Empedoclés dedicou aos delegados enviados pelas cidades aos Jogos um boi feito de mel e farinha de trigo, e que tinha um irmão chamado Calicratides. Télauges, filho de Pitágoras, diz na epístola a Filôlaos que Empedoclés era filho de Arquínomos.

(54) O próprio Empedoclés afirma no início das *Purificações*[593] que era acragantino da Sicília:

"Amigos que habitais a grande cidade às margens do Acragás amarelo, junto à cidadela."

São essas as notícias sobre sua família.

No nono livro de sua *História*, Tímaios conta que Empedoclés foi aluno de Pitágoras, acrescentando que o acusaram de haver furtado os discursos do mestre; então ele, como já ocorrera com Platão, foi proibido de participar das discussões da escola. Empedoclés recorda-se de Pitágoras quando diz[594]:

"Viveu entre eles um homem de sabedoria extraordinária, dotado da mais alta inteligência."

Outros autores afirmam que com essas palavras Empedoclés estava referindo-se a Parmenides.

(55) Neantes atesta que até a época de Filôlaos e de Empedoclés todos os pitagóricos participavam das conversas. Mas, quando Empedoclés as divulgou em seu poema, os pitagóricos tomaram a decisão de não dar conhecimento de sua doutrina a nenhum poeta. A mesma fonte menciona um incidente semelhante com Platão, do qual resultou sua exclusão. Não se diz, todavia, de que filósofo pitagórico Empedoclés foi ouvinte, porquanto a carta atribuída a Télauges, segundo a qual ele teria ouvido Hípasos e Brontinos, não é fidedigna. Teôfrastos relata que Empedoclés foi admirador de Parmenides e seu imitador nas composições e forma poética; com efeito, este último também havia publicado em versos uma obra intitulada *Da Natureza*.

(56) Hêrmipos, por seu turno, diz que Empedoclés foi admirador não de Parmenides, e sim de Xenofanes, com quem realmente conviveu e cuja maneira de fazer versos imitou, e que seu encontro com os pitagóricos ocorreu mais tarde. Em sua obra *Física*, Alcidamas diz que Zênon e Empedoclés foram ouvintes de Parmenides na mesma época, mas em seguida se afastaram dele, e que enquanto Zênon elaborou seu próprio sistema, Empedoclés tornou-se discípulo de Anaxagoras e de Pitágoras, imitando de um a dignidade do modo de viver e das atitudes, e do outro a filosofia da natureza.

(57) Aristóteles diz no *Sofista*[595] que Empedoclés foi o inventor da retórica, e Zênon da dialética. Na obra *Dos Poetas* o mesmo autor[596] diz que Empedoclés foi homérico e vigoroso nas expressões, apreciando as metáforas e todos os outros recursos da arte poética. Além disso ele escreveu outros poemas, especialmente sobre a invasão da Hélade por Xerxes e um hino a Apolo, queimados posteriormente por uma irmã do poeta (ou por sua filha, como declara Hierônimos). Ela destruiu o hino involuntariamente, mas o poema sobre a guerra persa, deliberadamente, por se tratar de uma obra inacabada.

593. Fragmento 112 Diels-Kranz.
594. Fragmento 129 Diels-Kranz.
595. Fragmento 65 Rose.
596. Fragmento 70 Rose.

(58) Em termos gerais, Empedoclés diz que compôs tragédias e obras políticas, porém Heracleides, filho de Sarapíon, afirma que as tragédias eram de outro autor. Hierônimos diz que encontrou quarenta e três delas, enquanto Neantes assegura que Empedoclés escreveu as tragédias em sua juventude, e que havia encontrado sete delas. Em suas *Vidas*, Sátiros diz que Empedoclés foi ótimo médico e orador, e que Gorgias de Leontinoi, homem excelente na retórica e autor de um manual, foi seu discípulo. De Gorgias, Apolôdoros diz na *Crônica* que viveu cento e nove anos.

(59) Segundo Sátiros, Gorgias dizia que havia assistido a exibições mágicas de Empedoclés, e o próprio Empedoclés apregoa seus poderes mágicos e muitas outras coisas em seus versos, nos quais diz[597]:

> "Aprenderás quantos são os remédios e quais são as defesas contra os males da velhice, pois somente para ti farei tudo isso. Deterás a violência dos ventos infatigáveis, que se levantando sobre a terra devastam os campos com seu sopro; depois, se quiseres, conterás novamente os sopros benéficos. Farás após chuvas tenebrosas uma estiagem benvinda aos homens, e provocarás também após a seca estival torrentes de chuva que nutrem as árvores. Trarás à luz, de volta do Hades, a força de um homem morto."

(60) Tímaios diz também no décimo oitavo livro de sua *História* que Empedoclés foi admirado sob vários aspectos. Com efeito, em certa ocasião em que os ventos etésios sopravam com tanta força que prejudicavam as colheitas, ele ordenou que tirassem o couro de asnos e fizessem odres, que foram postos em torno das colinas e no cume dos montes para conter os ventos; como os ventos cessaram, Empedoclés passou a ser chamado de "domador de ventos".

Em sua obra *Das Doenças* Heracleides diz que Empedoclés deu informações a Pausanias sobre fenômenos observados numa mulher em estado cataléptico. Segundo o testemunho de Arístipos e de Sátiros, Pausanias era amásio do filósofo, que lhe dedicou sua obra *Da Natureza* com as seguintes palavras[598]:

> (61) "Ouve, Pausanias, filho do sábio Ânquitos."

Além disso compôs um epigrama para o mesmo[599]:

> "Gela foi a pátria que nutriu o médico Pausanias, filho de Ânquitos, chamado com razão descendente de Asclépios; ele livrou dos abismos insondáveis de Persefone muitos mortais atormentados por penosos sofrimentos."

Heracleides diz que no caso da mulher em estado cataléptico Empedoclés a manteve durante trinta dias sem pulsação e sem respiração; por isso Heracleides o chamou de médico e de adivinho, derivando tais qualificações dos próprios versos do filósofo[600]:

> (62) "Amigos, que habitais a grande cidade às margens do Acragás amarelo, junto à cidadela, ocupados com boas obras, saúdo-vos! Caminho entre vós como um deus imortal, e não como um mortal, reverenciado por todos, como convém, com a cabeça cingida por uma

597. Fragmento 111 Diels-Kranz.
598. Fragmento 1 Diels-Kranz.
599. Fragmento 156 Diels-Kranz.
600. Fragmento 112 Diels-Kranz.

> faixa e coroas floridas. Quando chego às cidades florescentes, sou reverenciado por homens e mulheres, que me seguem às miríades, para aprenderem o caminho que leva à prosperidade, alguns desejosos de oráculos, outros aflitos por todos os tipos de doença, querendo ouvir uma mensagem salutar."

(63) Tímaios assinala que Empedoclés chamava Acragás de grande porque tinha 800.000 habitantes. Por isso, continua ele, Empedoclés, falando de seu luxo, comenta: "Os acragantinos vivem faustosamente, como se fossem morrer amanhã, porém constroem suas casas como se devessem viver para sempre." Conta-se que o rapsodo Cleomenes recitou em Olímpia o poema de Empedoclés *As Purificações*, como afirma Favorinos em suas *Memórias*. Aristóteles[601] diz também que ele foi um homem de temperamento liberal e avesso a assumir a chefia de qualquer espécie de governo, se é verdade que recusou o reinado que lhe foi oferecido, como diz Xantos nos livros referentes ao filósofo, naturalmente por preferir a vida privada.

(64) Tímaios diz as mesmas coisas, acrescentando ao mesmo tempo as razões pelas quais se pode afirmar que esse homem foi um democrata. Tímaios, com efeito, diz que Empedoclés foi convidado para jantar com um dos magistrados principais; o banquete chegou ao ponto em que já se devia beber, porém nenhuma bebida tinha sido servida; todos os presentes estavam tranqüilos, mas Empedoclés, mostrando-se indignado, ordenou que se trouxesse o vinho; o anfitrião ponderou que esperava a chegada de um membro do Conselho. Quando este chegou foi eleito convidado de honra, naturalmente por arranjo do anfitrião, que mal disfarçava a intenção de tornar-se tirano; ele ordenou em seguida aos convidados que bebessem o vinho, pois, se não o fizessem, este seria derramado em suas cabeças. Empedoclés permaneceu quieto no momento, porém no dia seguinte providenciou a citação judicial de ambos – o anfitrião e o convidado de honra – e obteve sua condenação à morte. Foi esse o início de sua atividade política.

(65) Em outra ocasião um médico chamado Ácron pediu ao Conselho um local para a ereção de um monumento a seu pai, que tinha sobressaído entre os médicos; apresentando-se diante dos membros do Conselho, Empedoclés impediu a concessão com um discurso em que, entre outras coisas, falou da igualdade dos homens, fazendo a seguinte pergunta: "Que inscrição gravaremos no monumento? Talvez esta?

> Ácron eminente médico acragantino, filho de Ácron, está sepulto sob a altaneira eminência de sua muito eminente cidade natal?"[602]

Outros autores citam o último verso com a seguinte redação:

> "está sepulto num túmulo culminante no mais alto cume".

Alguns autores atribuem o dístico a Simonides.

(66) Mais tarde Empedoclés aboliu também a Assembléia dos Mil, três anos após a sua instalação; esse fato prova não somente que ele era rico, mas ainda que tinha sentimentos democráticos. Tímaios, por seu turno, diz nos livros décimo primeiro e décimo segundo de sua obra – na verdade ele menciona Empedoclés muitas vezes – que o filósofo parece ter sustentado pontos de vista opostos na vida

601. Fragmento 66 Rose.
602. *Antologia Planúdea*, V, 4. Há vários jogos de palavras intraduzíveis no epitáfio proposto: *akros* significa "elevado", *Ákron* é o nome do médico, e *akrotates* é "muito eminente".

pública e em seus poemas. E cita um trecho seu onde ele se mostra cabotino e egocêntrico. Suas palavras são as seguintes[603]:

> "Saúdo-vos! Caminho entre vós como um deus imortal, e não como um mortal", etc.

Na época em que visitou Olímpia consideravam-no merecedor das maiores atenções, de tal maneira que jamais homem algum foi tão comentado nas conversas como Empedoclés.

(67) Mais tarde, entretanto, quando Acragás passou a lamentar-lhe a ausência, os descendentes de seus inimigos pessoais opuseram-se a seu retorno; por isso ele viajou para o Peloponeso e lá morreu. Nem assim Tímon o poupou, e voltou a atenção para ele dizendo[604]:

> "Empedoclés, também, vociferando versos de praça pública; a tudo que é dotado de força independente ele atribuía uma existência separada, e os princípios que escolheu necessitam de outros princípios para explicá-los."

A tradição acerca de sua morte é divergente. Heracleides, por exemplo, depois de contar a história da mulher em estado cataléptico, e como Empedoclés tornou-se famoso por haver restituído a vida à mulher morta, prossegue para dizer que ele oferecia um sacrifício nas imediações das terras de Peisiânax. Alguns de seus amigos tinham sido convidados para o sacrifício, inclusive Pausanias.

(68) Depois do banquete os outros componentes do grupo dispersaram-se e foram repousar, alguns sob as árvores num campo vizinho, outros onde lhes pareceu melhor, enquanto Empedoclés permaneceu no lugar em que se reclinara para o banquete. Quando clareou o dia seguinte todos se levantaram, e somente ele não foi encontrado. Os presentes saíram à sua procura; interrogaram os servos, cuja resposta foi que nada sabiam; somente um deles disse que ouvira no meio da noite uma voz altissonante que chamava Empedoclés; esse servo afirmou que se levantara em seguida e vira uma luz celeste e um esplendor de lâmpadas, e nada mais; todos ficaram estupefatos em face do que acontecera, e Pausanias desceu e mandou algumas pessoas para o procurarem; mais tarde, entretanto, proibiu o prosseguimento das investigações, dizendo que acontecera algo que todos desejam mais dificilmente obtêm, e que se deveria oferecer sacrifícios a Empedoclés, pois ele se tornara um deus.

(69) Hêrmipos conta que ele curou uma certa Pânteia de Acragás, desenganada pelos médicos, e que por isso ofereceu um sacrifício, para o qual convidou cerca de oitenta pessoas. Hipôbotos relata que Empedoclés, quando se levantou, dirigiu-se ao Etna e, chegando lá, precipitou-se nas crateras flamejantes e desapareceu, querendo confirmar a fama corrente de que se tornara um deus. Mais tarde a verdade transpareceu, pois uma de suas sandálias foi lançada para o alto em meio às chamas (era seu costume usar sandálias de bronze).

(70) Pausanias refutava essa versão. Diôdoros de Éfesos, escrevendo a respeito de Anaximandros, diz que Empedoclés o havia emulado, exibindo uma imponência teatral e usando trajes majestosos. Em certa ocasião os habitantes de Selinûs foram atingidos por uma pestilência por causa das exalações pútridas do rio vizinho, de tal maneira que os cidadãos pereciam e as mulheres perdiam os filhos

603. Veja-se o § 62 acima.
604. Fragmento 42 Diels.

no parto; Empedoclés pensou então em desviar a suas expensas o curso de dois rios próximos para aquele local, e com essa mistura as águas passaram a ser doces. Cessou dessa forma a pestilência, e enquanto os selinúntios banqueteavam-se nas imediações do rio apareceu Empedoclés; os componentes do grupo ergueram-se, prosternaram-se diante dele e lhe dirigiram preces como a um deus. Querendo depois confirmar essa fama a seu respeito, o poeta precipitou-se no fogo.

(71) Tímaios refuta essa tradição, dizendo expressamente que da Sicília o filósofo viajou para o Peloponeso, e nunca mais regressou. Por isso Tímaios afirma que sua morte é um assunto obscuro. Suas objeções dirigem-se especialmente à narração de Heracleides no décimo quarto livro de sua obra; Peisiânax, diz Heracleides, era siracusano e não tinha propriedades em Acragás; além disso, se tal tradição se tivesse transmitido, Pausanias, que era rico, teria mandado erigir um monumento a seu amigo, uma pequena estátua, ou um altar como se fosse a um deus. "Como então" – pergunta Tímaios – "o filósofo precitou-se nas crateras se nunca as menciona em suas obras embora fossem próximas? Empedoclés morreu então no Peloponeso. (72) Não é de admirar que sua sepultura não tenha sido encontrada, pois isso aconteceu com muitos outros." Após dizer mais ou menos isso Tímaios acrescenta: "Mas, Heracleides é sempre um escritor conhecido por seus paradoxos, contando-nos, por exemplo, que um homem caiu da lua."

Hipôbotos afirma que havia antigamente em Acragás uma estátua de Empedoclés com a cabeça coberta, e depois outra com a cabeça descoberta diante do edifício do Senado em Roma (obviamente transferida para aquele local pelos romanos). Ainda hoje existem estátuas do filósofo com inscrições. Neantes de Cízicos, autor de uma obra sobre os pitagóricos, diz que após a morte de Mêton começaram a aparecer os germes da tirania, e que então Empedoclés convenceu os acragantinos a desistirem de suas desavenças e a buscarem a igualdade política.

(73) Além disso, graças à sua riqueza o filósofo proporcionou dotes a muitas moças da cidade que não os tinham, e pela mesma razão vestia-se de roupas cor de púrpura cingidas por um cinto de ouro, como diz Favorinos em suas *Memórias*. Sua cabeleira era espessa e ele tinha servos para acompanhá-lo; seu semblante era sempre sério e solene, e sua atitude era uma só. Assim ele aparecia em público, e os concidadãos que o encontravam viam em sua compostura a marca por assim dizer de certa majestade. Mais tarde, enquanto ia numa carruagem para Messene, a fim de participar de uma festa solene, caiu e fraturou uma coxa; desse acidente resultou uma doença, da qual morreu aos setenta e sete anos de idade. Seu sepulcro, entretanto, é em Mégara.

(74) Quanto à sua idade, a indicação de Aristóteles[605] é divergente: Empedoclés teria morrido aos sessenta anos. Segundo outras fontes sua morte ocorreu aos cento e nove anos. O filósofo estava no apogeu na 84ª Olimpíada[606]. Em sua obra *Contra os Sofistas* Demétrios de Troizene diz que, nas palavras de Homero[607],

> "ele amarrou um laço num alto corniso, prendendo o pescoço ao mesmo, e sua alma desceu para o Hades".

605. Fragmento 71 Rose.
606. 444-441 a.C..
607. *Odisséia*, XI, 278 e seguintes.

Na breve carta de Télauges acima referida[608] está dito que por causa de sua idade avançada Empedoclés caiu no mar e morreu. Conservam-se todas essas notícias a propósito de sua morte.

Há também um epigrama satírico de nossa autoria sobre ele no *Livro em todos os Metros*, nos seguintes termos[609]:

> (75) "Tu também, Empedoclés, purificaste o corpo na chama volátil, bebendo fogo das crateras imortais[610]. Não direi que te lançaste voluntariamente na corrente do Etna, mas desejando ocultar-te caíste nela sem querer."

E outro[611]:

> "Conta-se realmente que Empedoclés morreu caindo de uma carruagem e fraturando a coxa direita. Mas, se ele lançou-se nas crateras de fogo e assim bebeu a vida, como, então, se mostrava em Mégara seu sepulcro?"

(76) Sua doutrina era a seguinte. Os elementos são quatro: fogo, água, terra e ar, além da Amizade que os junta e da Discórdia que os separa. Suas palavras são[612]:

> "Zeus brilhante e Hera portadora de vida e Aidoneus e Néstis que deixam fluir de suas lágrimas a fonte da vida mortal."

Por Zeus Empedoclés significa o fogo, por Hera a terra, por Aidoneus o ar, por Néstis a água.

Ele diz ainda[613]:

> "E sua mutação constante nunca cessa",
> como se tal ordenamento do universo fosse eterno.

Empedoclés prossegue dizendo[614]:

> "Ora são unidas em uma todas as coisas pela Amizade, ora cada uma é levada em direção diferente pelo ódio da Discórdia."

(77) Ele chama o sol de imenso acúmulo de fogo, maior que a lua; a lua, diz ele, tem a forma de um disco, e o céu é cristalino; a alma assume todas as formas de animais e plantas. Com efeito, Empedoclés diz o seguinte[615]:

> "Antes nasci rapaz e moça, um arbusto e um pássaro, um peixe mudo saltando fora do mar."

Suas obras *Da Natureza* e *Purificações* estendem-se por cinco mil versos, e seu tratado *Sobre a Medicina* por seiscentos. Já falamos a respeito das tragédias[616].

Capítulo 3. EPÍCARMOS[617]

(78) Epícarmos, filho de Helotalés, nasceu em Cós, e foi outro discípulo de Pitágoras. Tinha três meses de idade quando foi levado para Mégara, na Sicília, e de

608. Vejam-se os parágrafos 53 e 55 deste livro.
609. *Antologia Palatina*, VII, 123.
610. "Cratera" é também o nome de uma taça grande usada pelos gregos.
611. *Antologia Palatina*, VII, 124.
612. Fragmento 6 Diels-Kranz.
613. Fragmento 16, verso 6 Diels-Kranz.
614. Fragmento 16, versos 7-8 Diels-Kranz.
615. Fragmento 117 Diels-Kranz.
616. Veja-se o § 58 deste livro.
617. Aproximadamente 550-460 a.C..

lá foi para Siracusa, como nos diz em suas próprias obras. Há em sua estátua a seguinte inscrição[618]:

> "Se o grande sol resplandescente supera os astros, e se o mar é mais possante que os rios, digo que da mesma forma é proeminente em sapiência Epicarmos, coroado por esta pátria dos siracusanos."

Deixou memórias contendo suas doutrins físicas, éticas e médicas, e na maior parte de suas memórias introduziu acrósticos, nos quais demonstra claramente ser o autor das obras. Epícarmos morreu aos noventa anos de idade.

Capítulo 4. ARQUITAS[619]

(79) Arquitas nasceu em Taras e era filho de Mnesagoras ou, segundo Aristóxenos, de Hestíaios; foi também pitagórico. Com uma carta salvou Platão, que estava na iminência de ser morto por Dionísios. Mereceu a admiração da maioria dos homens por ser dotado de todas as formas de excelência. Tanto é assim que foi sete vezes estratego de seus concidadãos, enquanto os outros não podiam permanecer no comando por mais de um ano de acordo com a lei. Platão escreveu-lhe duas cartas, porém Arquitas já lhe havia dirigido antes uma carta, cujo teor é o seguinte:

"Arquitas a Platão, saúde.

(80) Felizmente conseguiste livrar-te de tua doença, como tu mesmo nos mandaste dizer e Lamiscos e seus amigos anunciaram. Estamos ocupados com as *Memórias* que nos pediste, e fomos à Lucânia onde nos encontramos com os descendentes de Óquelos. Nós mesmos tínhamos e te eviamos *Do Reinado, Da Piedade* e *Da Gênese do Universo;* quanto às outras, por enquanto não conseguimos encontrá-las; quando as obtivermos, ser-te-ão remetidas."

Essa é a carta de Arquitas; Platão enviou-lhe a seguinte resposta:

"Platão a Arquitas, saudações.

(81) Recebemos com muito prazer e grande admiração as *Memórias* que nos enviaste. Apreciamos seu autor tanto quanto possível, e ele parece digno de seus antepassados remotos. Segundo dizem, eles eram mireus, daqueles troianos que emigraram levados por Laomêdon: homens realmente valorosos, como demonstra a lenda conservada a seu respeito. Ainda não terminamos nossas *Memórias*, sobre as quais nos escreveste, porém as mandaremos tais como se encontram. Estamos de acordo quanto à sua guarda, e portanto não nos ocorre qualquer sugestão. Passa bem."

São essas, então, as cartas trocadas entre os dois.

(82) Houve quatro personagens com o nome de Arquitas: nosso filósofo; um músico de Mitilene; um autor de obras sobre a agricultura; e um autor de epigramas. Algumas fontes mencionam um quinto, arquiteto, a quem se atribui uma obra *Da Mecânica*, cujo início é o seguinte: "Ouvi estas coisas do cartaginês Teucros."

Conta-se do músico que, ridicularizado por não conseguir ser ouvido, replicou: "Meu instrumento, lutando, fala por mim."

618. *Antologia Palatina*, VII, 78.
619. Século IV a.C..

Aristóxenos diz que esse pitagórico, durante todos os períodos em que foi estratego, jamais sofreu uma derrota; certa vez, por causa da excessiva inveja de que era alvo, renunciou ao comando, e então as tropas foram capturadas dentro de pouco tempo.

(83) Arquitas foi o primeiro a tratar sistematicamente da mecânica, usando princípios matemáticos, e aplicou pela primeira vez o movimento mecânico a uma demonstração geométrica, procurando descobrir, por meio do corte de um semicilindro, duas médias proporcionais a fim de obter a duplicação do cubo. Ainda em geometria foi o primeiro a descobrir o cubo, como diz Platão na *República*[620].

Capítulo 5. ALCMÁION

Alcmáion nasceu em Crôton e também foi discípulo de Pitágoras; escreveu principalmente sobre medicina, embora às vezes se dedicasse ainda à filosofia natural, como quando diz: "As coisas humanas em sua maior parte vão aos pares." Parece ter sido o primeiro a escrever um tratado sobre a natureza, como informa Favorinos nas *Histórias Variadas,* e disse que a lua e de um modo geral os corpos celestes são eternos em sua natureza. Era filho de Peirítoos, de acordo com sua própria afirmação no início de sua obra: "Alcmáion de Crôton, filho de Peirítoos, disse a Brontinos e a Bátilos: 'das coisas invisíveis, tanto quanto das coisas mortais, somente os deuses têm conhecimento certo; a nós, sendo homens, somente é possível fazer inferências a partir da evidência, etc.'" Alcmáion dizia também que a alma é imortal e se move continuamente à semelhança do sol.

Capítulo 6. HÍPASOS[621]

(84) Hípasos, nascido em Metapontos, também pitagórico, dizia que o tempo da mutação do universo é definido e que o universo inteiro tem limites determinados e está em movimento perpétuo. Em sua obra *Homônimos*, Demétrios diz que Hípasos nada escreveu. Houve dois personagens com o nome de Hípasos: este, e outro, autor de uma *Constituição dos Lacedemônios* em cinco livros (ele mesmo era lacedemônio).

Capítulo 7. FILÔLAOS[622]

Filôlaos, pitagórico, nasceu em Crôton. Platão escreveu a Díon pedindo-lhe para comprar seus livros pitagóricos[623]. Acredita-se que aspirava à tirania e foi condenado à morte.

Existe o seguinte epigrama nosso a seu respeito[624]:

"Digo que todos são escravos principalmente da suposição; embora não faças, se dás a impressão de fazer estás perdido. Sendo assim, Crôton, a pátria de Filôlaos, matou-o porque aparentemente ele queria ter uma mansão de tirano."

620. 528 B.
621. Século IV a.C..
622. Talvez na parte final do século V a.C..
623. Veja-se o § 9 do Livro III.
624. *Antologia Palatina*, VII, 126.

(85) Filôlaos pensava que tudo acontece por força da necessidade e da harmonia. Foi o primeiro a dizer que a terra se move circularmente (outros autores dizem que o primeiro foi o siracusano Hicetas).

Esse filósofo escreveu um único livro, que, de acordo com o testemunho de Hêrmipos, certo autor diz que Platão, quando esteve na Sicília para encontrar-se com Dionísios, havia comprado dos parentes de Filôlaos por quarenta minas alexandrinas de prata, e transcreveu essa obra no *Tímaios.* Segundo outros autores, Platão havia recebido esse volume por haver conseguido que Dionísios libertasse um jovem prisioneiro, discípulo de Filôlaos. Nos *Homônimos*, Demétrios menciona que Filôlaos foi o primeiro a publicar os livros dos pitagóricos e a dar-lhes o título *Sobre a Natureza*. O início desses livros é o seguinte: "A natureza no universo ordenado compõe-se de elementos ilimitados e limitantes, tanto o universo inteiro como o que existe nele."

Capítulo 8. ÊUDOXOS[625]

(86) Êudoxos, filho de Aisquines, nasceu em Cnidos e foi astrônomo, geômetra, médico e legislador. Aprendeu geometria com Arquitas e medicina com o siceliota Filistíon, segundo o testemunho de Calímacos em seus *Quadros Sinópticos*. Na *Sucessão dos Filósofos*, Sotíon diz que Êudoxos também foi ouvinte de Platão. Tinha vinte e três anos de idade e atravessava uma situação difícil quando, atraído pela fama dos socráticos, viajou para Atenas com o médico Teomêdon, por quem era mantido (segundo outros autores foi seu amásio). Desembarcando no Peiraieus, todos os dias ia a Atenas, e regressava após haver ouvido os sofistas.

(87) Após uma estada de dois meses, regressou à pátria e, ajudado por contribuições dos amigos, viajou de lá para o Egito com o médico Crísipos, levando uma carta de apresentação de Agesílaos a Netanábis, que o recomendou aos sacerdotes. Êudoxos permaneceu no Egito durante um ano e quatro meses, raspou a barba e as sobrancelhas, e segundo alguns autores escreveu a *Octaeteris*. Do Egito foi para Cízicos e para a Propontis a fim de ensinar filosofia, porém depois dirigiu-se à corte de Máusolos. De lá regressou a Atenas, trazendo consigo numerosos discípulos, segundo dizem alguns autores para molestar Platão, que a princípio o menosprezara. (88) Certos autores mencionam que por ocasião de um banquete oferecido por Platão, sendo grande o número de convivas, Êudoxos introduziu a ordem dos lugares em forma semicircular. Nicômacos, filho de Aristóteles, diz que para Êudoxos o prazer é o bem supremo[626]. Êudoxos foi recebido em sua cidade natal com grandes homenagens, como prova o decreto relativo a ele. Mas sua fama estendeu-se a toda a Hélade, por haver elaborado as leis para seus concidadãos, como diz Hêrmipos no quarto livro de sua obra *Sobre os Sete Sábios,* e porque escreveu sobre astronomia e geometria e outras matérias importantes. Êudoxos teve três filhas: Actis, Filtis e Delfis.

(89) Nos livros dirigidos a Báton, Eratostenes diz que Êudoxos escreveu ainda *Diálogos de Cães*; outros autores afirmam que tais diálogos foram escritos pelos

625. Aproximadamente 407-357 a.C..
626. Veja-se a *Ética a Nicômacos* de Aristóteles, 1101 b 27, 1172 b 9 e seguintes.

egípcios em sua língua e ele os traduziu e publicou na Hélade. Crísipos, filho de Eríneos, de Cnidos, foi seu discípulo em teologia, cosmologia e meteorologia, enquanto estudou medicina com o siceliota Filistíon.

Deixou também excelentes comentários.

O filósofo teve também um filho chamado Aristagoras, que por sua vez teve um filho chamado Crísipos, discípulo de Aêtlios; atribui-se a este Crísipos uma obra sobre o tratamento dos olhos, pois submeteu ao crivo da razão suas especulações naturalísticas.

(90) Houve três personagens com o nome de Êudoxos: nosso filósofo; outro de Rodes, historiador; e um terceiro, siceliota, filho de Agatoclés, poeta cômico vitorioso três vezes nas Dionísias urbanas, e cinco nas Lênaias, de acordo com Apolôdoros em sua *Crônica*. Ainda descobrimos outro, um médico nascido em Cnidos, de quem diz Êudoxos em sua *Viagem pela Terra* que aconselhava as pessoas a exercitarem continuamente suas articulações com todas as formas de ginástica, e também seus sentidos.

O mesmo Apolôdoros diz que Êudoxos de Cnidos estava no apogeu na 103ª Olimpíada[627] e descobriu a teoria das linhas curvas. Morreu aos cinqüenta e três anos de idade. Quando vivia no Egito em companhia de Conúfis de Heliôpolis, o boi Ápis lambeu-lhe o manto; por isso os sacerdotes prognosticaram-lhe a celebridade, porém disseram que sua vida seria curta, como afirma Favorinos em suas *Memórias*.

(91) Há um poema de nossa autoria sobre ele, nos seguintes termos[628]:

> "Proclama-se em Mênfis que certo dia Êudoxos tomou conhecimento de seu próprio destino graças a um touro de belos chifres. Este nada disse (de fato, como poderia um boi falar?). A natureza não concedeu uma boca falante a Ápis! Mas, estando a seu lado, o touro lambeu-lhe o manto com a óbvia advertência: 'Dentro de pouco tempo acabará a tua vida.' De fato, logo lhe sobreveio a morte, quando ele tinha visto cinqüenta e três vezes as Plêiades."

Por causa de sua fama extraordinária deram-lhe o nome de Êndoxos[629] em vez de Êudoxos.

Agora que passamos em revista os pitagóricos famosos, resta-nos ainda tratar dos filósofos chamados "esporádicos", que não pertencem a uma escola definida; falaremos primeiro de Heráclitos.

627. 368-365 a.C..
628. *Antologia Palatina*, VII, 744.
629. *Êndoxos* = Ilustre.

LIVRO IX

Capítulo 1. HERÁCLEITOS

(1) Heráclitos, filho de Blôson, ou segundo outros autores de Herácon, nasceu em Éfesos; estava no apogeu na 69ª Olimpíada[630]. Era mais altivo que qualquer outro homem, e olhava para todos com desdém, como demonstra claramente sua própria obra, na qual diz: "A erudição não ensina a ser inteligente, pois, se ocorresse o contrário, teria ensinado a Hesíodos e a Pitágoras, e também a Xenofanes e Hecataios. A sapiência consiste em uma única coisa: entender a razão que governa todo o mundo em toda parte."[631]

Costumava dizer que Homero merecia ser banido dos concursos poéticos e surrado com varas, e Arquílocos também[632].

(2) Dizia ainda: "É mais necessário extinguir a insolência que um princípio de incêndio" e: "O povo deve lutar por suas leis como pelas muralhas da cidade[633]".

Heráclitos atacou violentamente os efésios por terem banido seu amigo Hermôdoros, dizendo: "Fariam muito bem os efésios se todos os adultos pusessem fim à vida e confiassem a cidade aos jovens impúberes, por terem banido da cidade seu homem mais digno, Hermôdoros, proclamando: "Não teremos entre nós nenhum homem digno; se, porém, houver um que o seja, vá-se embora viver com os outros."[634] E quando seus concidadãos lhe pediram para elaborar leis, ele se recusou porque a cidade já estava submetida a uma constituição má. (3) Retirou-se para o templo de Ártemis e foi jogar ossinhos com as crianças, apostrofando os efésios, que estavam à sua volta e o olhavam, com as palavras: "Por que vos admirais, canalhas? Não é melhor fazer isso do que participar convosco do governo da cidade?"

Finalmente Heráclitos tornou-se misantropo e se afastou do convívio humano, passando a viver nas montanhas, alimentando-se de ervas e verduras. Em decorrência desse modo de viver, adoeceu de hidropisia e teve de voltar à cidade. Perguntou aos médicos de modo enigmático se sabiam transformar uma inundação numa seca. Como eles não compreenderam suas palavras, enterrou-se num estábulo de bois, na esperança de que o calor do esterco bovino provocasse a evaporação da água que o afligia. Entretanto, como nem assim conseguiu curar-se, morreu aos sessenta anos de idade.

(4) Há um epigrama de nossa autoria sobre ele nos seguintes termos[635]:

630. 504-501 a.C..
631. Fragmentos 40-41 Diels-Kranz.
632. Fragmento 42 Diels-Kranz.
633. Fragmentos 43-44 Diels-Kranz.
634. Fragmento 121 Diels-Kranz.
635. *Antologia Palatina*, VII, 127.

"Muitas vezes perguntei-me admirado como Herácleitos pôde pôr termo com tal morte a uma vida tão atormentada e infeliz. Pois uma doença cruel inundou-lhe o corpo com água, apagou-lhe a luz dos olhos e o entregou às trevas."

Hêrmipos registra a notícia de que Herácleitos perguntou aos médicos se seria possível expelir a água esvaziando os intestinos e que, diante da resposta negativa dos mesmos, saiu para expor-se ao sol e mandou que os servos o cobrissem com esterco bovino, e que em meio aos tormentos morreu no dia seguinte e foi sepultado na praça pública.

Neantes de Cízicos apresenta uma versão diferente: Herácleitos, não podendo livrar-se do esterco bovino, permaneceu no lugar onde estava e, tornando-se irreconhecível por causa daquela transformação, foi devorado pelos cães.

(5) Desde a infância Herácleitos foi admirável; quando jovem costumava dizer que não sabia coisa alguma, porém, chegando à idade adulta, passou a afirmar que havia aprendido tudo. Não foi discípulo de ninguém, e declarava que investigara e aprendera tudo por si mesmo. Sotíon cita a opinião de alguns autores no sentido de que Herácleitos teria sido discípulo de Xenofanes, e diz também que em sua obra *Sobre Herácleitos* Ariston afirma que o filósofo se curou da hidropisia e morreu de outra doença. Hepôbotos transmite uma informação idêntica.

Sua obra conservada é um tratado *Da Natureza*, contínuo mas abrangendo três assuntos: o universo, a política e a teologia.

(6) Herácleitos depositou sua obra no templo de Ártemis, e segundo a opinião de alguns autores escreveu-a propositalmente num estilo obscuro a fim de que somente os iniciados se aproximassem dela, e para que a facilidade não gerasse o desdém.

Tímon[636] caracteriza-o dizendo:

"No meio deles levantou-se Herácleitos, que grita como um cuco, despreza o vulgo e é enigmático."

Teôfrastos atribui à sua melancolia o fato de algumas partes de sua obra terem ficado por acabar, enquanto em outras partes há contradições. Na *Sucessão dos Filósofos* Antistenes apresenta como exemplo de sua altivez a renúncia em favor de seu irmão ao direito de reinar. Sua obra tornou-se tão famosa que depois dele foi fundada uma escola e seus adeptos chamaram-se heraclíticos.

(7) De um modo geral, os pontos fundamentais de sua doutrina são os seguintes. Tudo se forma do fogo e volta a ele. Tudo acontece por força da necessidade, e as coisas existentes são postas em harmonia por meio de correntes antagônicas. Tudo está cheio de almas e de demônios. Herácleitos exprimiu sua opinião sobre todos os fenômenos ordenados do universo e afirmou que o sol não é maior do que parece. Outra expressão sua é: "Não poderás achar os limites da alma, nem mesmo se percorreres todos os caminhos, tão profunda é a razão que ela possui."[637] Ele definia a presunção como a "moléstia sagrada"[638], e afirmava que a visão engana[639]. Às vezes, entretanto, suas expressões são a tal ponto brilhantes e nítidas que até a pessoa mais obtusa pode entendê-las facilmente e

636. Fragmento 43 Diels-Kranz.
637. Fragmento 45 Diels-Kranz.
638. A epilepsia.
639. Fragmento 46 Diels-Kranz.

sentir a alma elevar-se. A concisão e a ponderosidade de seu estilo são incomparáveis.

(8) Seguem-se agora alguns tópicos de sua doutrina. O fogo é o elemento e todas as outras coisas são mutações do fogo e passam a existir por rarefação e condenação[640]. Mas Herácleitos não explica claramente esse assunto. O vir a ser de todas as coisas é determinado pelo conflito dos opostos e tudo flui como se fosse um rio; o todo é finito e constitui um cosmos único. O cosmos gera-se do fogo e periodicamente resolve-se do novo em fogo; esse processo, que se repete sempre com uma alternância constante no curso perene do tempo, acontece por força da necessidade. Dos opostos, aquele que leva à gênese se chama guerra e discórdia, e o outro, que leva à conflagração, chama-se concórdia e paz, e a mutação é um caminho ascendente e descendente, ao qual se deve a formação do cosmos.

(9) Contraindo-se, o fogo se transforma em umidade, e esta, condensando-se, transforma-se em água; a água, por seu turno, consolidando-se, transforma-se em terra. Este é o caminho descendente. Em sentido contrário, a terra volta a ser fluida, e assim dela se forma a água, e da água se formam todas as coisas restantes, que para Herácleitos resultam quase todas da evaporação do mar. Esta é a via ascendente. As evaporações ocorrem tanto da terra como do mar; as do mar são luminosas e puras, as da terra são escuras. O fogo é alimentado pelas evaporações luminosas, e a umidade pelas outras. Herácleitos, entretanto, não explica a natureza do elemento que circunda o todo. Diz, porém, que existem nesse elemento grandes bacias cuja parte côncava está voltada para nós, nas quais as evaporações luminosas, reunindo-se, produzem chamas: são os astros.

(10) A chama do sol é a mais luminosa e a mais quente; todos os outros astros estão mais distantes da terra, e por essa razão sua luz e seu calor são mais fracos; a lua, mais próxima da terra, move-se numa região impura. O sol, que está a uma distância bem proporcionada em relação a nós, move-se numa região límpida e pura, e por isso aquece e ilumina mais. O sol e a lua se eclipsam quando as bacias estão voltadas para o alto; as mutações mensais na forma de lua verificam-se todas as vezes que a bacia gira gradualmente sobre si mesma. O dia, a noite, os meses, as estações e os anos, as chuvas, os ventos e fenômenos semelhantes decorrem da diversidade das evaporações.

(11) Com efeito, a evaporação luminosa, inflamando-se na órbita do sol, produz o dia; a evaporação contrária, depois de obter o predomínio, produz a noite; o crescimento do calor devido à luz produz o verão, enquanto a umidade alimentada pelas trevas produz o inverno. As explicações das causas dos demais fenômenos harmonizam-se com estas. Herácleitos nada diz a respeito da natureza da terra e das bacias.

São estas, então, as suas doutrinas.

Quanto a Sócrates e sua opinião a propósito da obra de Herácleitos que Eurípides lhe trouxera, fazemos remissão ao que dissemos na *Vida de Sócrates*[641] de acordo com a exposição de Ariston.

(12) O gramático Sêleucos, entretanto, diz que um certo Crôton em sua obra *O Mergulhador* relata que um homem chamado Crates foi o primeiro a trazer para a Hélade a obra de Herácleitos; também foi ele quem disse que a obra necessitava de

640. Fragmento 90 Diels-Kranz.
641. Veja-se o § 22 do Livro II.

um mergulhador délio para não nos afogarmos nela. Alguns autores dão-lhe o título de *As Musas*, outros *Da Natureza*, mas Diôdotos a chama de

"guia exato para a regra da vida"[642].

Outros autores chamam-na ainda de "regra de conduta, o único ordenamento universal para cada um e para todos". Conta-se que, quando alguém perguntou a Heráclеitos por que se mantinha calado, sua resposta foi: "Para que possais tagarelar."

Dareios também desejou conhecê-lo, e lhe escreveu a seguinte carta: (13) "O rei Dareios, filho de Histaspes, manda saudar Heráclеitos, o sábio de Éfesos.

És o autor de uma obra sobre a natureza, difícil de entender e de interpretar. Alguns trechos, se forem interpretados literalmente, parecem conter uma vigorosa especulação sobre todo o universo e todas as coisas existentes nele, que dependem do movimento divino. Mas, na maior parte dos casos, não se chega a um juízo seguro, de tal maneira que os literatos mais capazes ficam em dúvida quanto à significação correta de tua obra. Diante disso, o rei Dareios, filho de Histaspes, quer beneficiar-se de teus ensinamentos e da cultura helênica. Vem, então, o mais depressa possível, para ver-me em meu palácio. (14) Em geral os helenos não distinguem especialmente os sábios e descuram seus excelentes preceitos no sentido de se obter uma formação cultural séria. Em minha corte, entretanto, ser-te-ão assegurados todos os privilégios e uma conversa cotidiana boa e nobre e um padrão de vida adequado ao mérito de teus conselhos."

A resposta de Heráclеitos foi a seguinte:

"Heráclеitos de Éfesos ao rei Dareios filho de Histaspes, saudações.

Todos os homens sobre a terra permanecem longe da verdade e da justiça, e por causa de sua miserável loucura devotam-se sofregamente à satisfação de suas ambições e sede de popularidade. Eu, que esqueci de toda a maldade e evito a insolente saciedade de todas as aspirações, intimamente associada à inveja, e desdenho a ostentação, não posso ir à terra dos persas, contente com pouco e obediente à minha razão."

Assim se mostrou o homem diante de um rei.

(15) Em seus *Homônimos*, Demétrios diz que Heráclеitos desprezava os atenienses, embora fosse muito famoso entre eles, e apesar de os efésios o menosprezarem preferiu permanecer em sua pátria. Demétrios de Fáleron também o menciona em sua *Apologia de Sócrates*.

Seus comentadores foram muito numerosos: Antistenes, Heracleides do Pontos, Cleantes, o estóico Sfairos, Pausanias, chamado Heraclítico, Nicomedes e Dionísios; entre os gramáticos, merece menção Diôdotos, segundo o qual a obra de Heráclеitos não trata da natureza, e sim do governo, porque a parte dedicada à natureza tem valor meramente ilustrativo.

(16) De acordo com Hierônimos, o poeta iâmbico Squitinos tentou pôr em versos as teorias de Heráclеitos.

Conservam-se muitos epigramas a seu respeito, entre eles o seguinte[643]:

"Heráclеitos sou eu. Por que me arrastais para cima e para baixo, vós que desconheceis as Musas? Minha obra não é para vós, e sim para quem me entende. Um homem para mim vale mais que trinta mil, porém a

642. Verso de um tragediógrafo anônimo, fragmento 287 Nauck.

643. *Antologia Palatina*, VII, 128.

multidão inumerável em minha opinião não vale um homem. Isso eu proclamo, mesmo nos domínios de Persefone."

Ou este outro[644]:

"Não tenhas pressa em chegar ao fim da obra de Heráclеitos, efésio; a trilha é difícil de percorrer. Nela há trevas profundas, sem luz. Mas, se um iniciado for o teu guia, sua luz é mais clara que o brilho do sol."

(17) Existiram cinco personagens com o nome de Heráclеitos; nosso filósofo; um poeta lírico, autor de um elogio dos doze deuses; um poeta elegíaco de Halicarnassôs, para o qual Calímacos compôs os versos seguintes[645]:

"Alguém me contou que estavas morto, Heráclеitos, e a notícia me levou às lágrimas, quando me lembrei de que muitas vezes olhávamos o sol poente durante nossas conversas. Mas, embora sejas pó há muito tempo, meu amigo de Halicarnassôs, teus cantos de rouxinol estão vivos, e sobre eles Hades, que tudo nos tira, não estenderá a mão."

O quarto, Heráclеitos, de Lesbos, escreveu uma história da Macedônia; o quinto foi um bufão, que adotou essa profissão depois de ter sido citaredo.

Capítulo 2. XENOFANES[646]

(18) Xenofanes, filho de Dêxios ou, segundo Apolôdoros, de Ortomenes, nasceu em Colofon. Mereceu elogios de Tímon, que de qualquer modo diz[647]:

"Xenofanes, imune ao orgulho, ironizador de Homero, açoite."

Banido de sua cidade natal, passou a viver em Zancle, na Sicília, e ainda em Catana. De acordo com alguns autores não foi discípulo de ninguém, segundo outros foi discípulo do ateniense Bôton ou, como dizem alguns, de Arquêlaos. A crer no testemunho de Sotíon foi contemporâneo de Anaxímandros. Além de poemas em verso heróico escreveu elegias e iambos contra Hesiodos e Homero, cujas afirmações a respeito dos deuses criticou severamente. Além disso costumava recitar suas poesias, à maneira dos rapsodos. Dizem que Xenofanes combateu as doutrinas de Tales e de Pitágoras e que atacou Epimenides. Viveu até uma idade muito avançada, como ele mesmo afirma[648]:

(19) "Há já sessenta e sete anos levo através da Hélade minhas preocupações e meus pensamentos. A essa idade devem acrescentar-se os vinte e cinco anos decorridos desde o meu nascimento, se sei como falar a verdade a respeito desses assuntos."

Xenofanes sustenta que as coisas existentes são constituídas de quatro elementos, e que os mundos são infinitos mas não se superpõem no tempo. As nuvens constituem-se quando o vapor formado pelo sol se dirige para cima e as eleva no ar que as circunda. A substância de Deus é esférica, e não tem qualquer analogia com o homem; o Deus inteiro vê e inteiro ouve, porém não respira, sendo todo inteligência, razão e eternidade. Xenofanes foi o primeiro a dizer que tudo é gerado e corruptível e que a alma é um sopro vital.

644. *Antologia Palatina*, IX, 540.

645. *Antologia Palatina*, VII, 80.

646. 570-478 a.C..

647. Fragmento 60 Diels.

648. Fragmento 8 Diels-Kranz.

(20) Ele também afirma que a multiplicidade das coisas subordina-se à inteligência, e que nossos encontros com os tiranos devem ser tão raros e agradáveis quanto possível. Quando Empedoclés lhe disse que é impossível encontrar um homem sábio, sua resposta foi: "É natural, pois é necessário ser sábio para reconhecer um sábio." Sotíon afirma equivocadamente que Xenofanes foi o primeiro a dizer que todas as coisas não podem ser apreendidas pelo conhecimento.

O filósofo compôs também a *Fundação de Colofon* e a *Colonização de Elea na Itália*, num total de dois mil versos. Estava no apogeu na 60ª Olimpíada[649]. Demétrios de Fáleron em sua obra *Da Velhice* e o estóico Panáitios em sua obra *Da Serenidade do Ânimo* afirmam que ele sepultou os filhos com as próprias mãos, à semelhança de Anaxagoras[650].

De acordo com as palavras de Favorinos no primeiro livro de suas *Memórias*, acredita-se que Xenofanes foi vendido como escravo e resgatado pelos pitagóricos Parmeniscos e Orestás.

Houve outro Xenofanes, de Lesbos, poeta iâmbico.

Foram esses os filósofos esporádicos.

Capítulo 3. PARMENIDES[651]

(21) Parmenides, filho de Pires, nascido em Elea, foi ouvinte de Xenofanes (em sua *Epítome*, Teôfrastos diz que Parmenides[652] foi discípulo de Anaxímandros). Entretanto, embora tenha sido discípulo de Xenofanes, não seguiu seus ensinamentos.

De acordo com Sotíon, Parmenides conviveu também com o pitagórico Ameinias, filho de Diocaitas, homem pobre porém excelente. Parmenides o preferiu e, por ocasião de sua morte, erigiu-lhe um altar. Com efeito, Parmenides descendia de uma família ilustre e era rico, e quem o levou a adotar a vida tranqüila de um estudioso foi Ameinias, e não Xenofanes.

Foi o primeiro a declarar que a terra é esférica e está no centro do universo. Em sua opinião os elementos são dois: o fogo e a terra. O fogo equivale a um demiurgo, e a terra à matéria.

(22) A criação do homem deriva do sol como causa primeira; o calor e o frio, a partir dos quais formou-se todo o universo, constituem o homem; a alma e a mente são a mesma coisa, como recorda Teôfrastos[653] em sua obra *Os Filósofos Naturalistas*, onde expõe as doutrinas de quase todos os filósofos. Parmenides divide a filosofia em duas partes, uma das quais segue a verdade, e a outra a opinião. Por isso ele diz em certo trecho de sua obra[654]:

> "Deves aprender todas as coisas, não somente o inabalável coração da verdade, mas também as opiniões dos mortais, nas quais não há verdade certa."

649. 540-537 a.C..
650. Veja-se o § 13 do Livro II.
651. Estava no apogeu aproximadamente em 500 a.C..
652. Fragmento 6a Diels, *Doxographi Graeci*, página 482, 14.
653. Fragmento 6a Diels, DG, página 483, 2.
654. Fragmento 1, 28, Diels-Kranz.

Nosso filósofo também expôs sua doutrina em versos, como Hesíodos, Xenofanes e Empedoclés. Ele fez da razão o critério da verdade, e afirmou que as sensações não são exatas. Suas palavras são[655]:

> "Não deixes que o hábito reiterado te leve à força por este caminho, nem sejas governado pelo olho sem objetivo, pelo ouvido que ecoa e pela língua, mas julga com a razão a prova muito contestada."

(23) Por isso Tímon diz dele[656]:

> "E a força do magnânimo Parmenides não foi a multiplicidade das opiniões; expulsou a imaginação enganosa e introduziu em seu lugar os pensamentos."

Platão escreveu sobre ele o diálogo intitulado *Parmenides ou Das Idéias*. Parmenides estava no apogeu na 69ª Olimpíada[657]. Acreditava-se que ele foi o primeiro a descobrir que as estrelas matutina e vespertina são a mesma, como afirma Favorinos no quinto livro de suas *Memórias*. Outros autores atribuem a descoberta a Pitágoras[658], embora Calímacos sustente que o poema não é de Pitágoras.

Diz-se ainda que ele havia elaborado leis para seus concidadãos, como afirma Spêusipos em sua obra *Dos Filósofos*. Por seu turno, Favorinos diz em suas *Histórias Variadas* que Parmenides foi o primeiro a usar o argumento "Aquileus e a Tartaruga".

Houve outro Parmenides, um retórico, autor de um manual sobre a sua arte.

Capítulo 4. MÊLISSOS

(24) Mêlissos, filho de Itaigenes, nasceu em Samos. Foi discípulo de Parmenides, porém manteve contatos com Herácleitos; nessa ocasião Mêlissos recomendou Herácleitos aos efésios, que se obstinavam em ignorar-lhe o valor[659], da mesma forma que Hipócrates recomendou Demôcritos aos abderitas. Participou também da política e conquistou a consideração de seus concidadãos. Conseqüentemente foi eleito comandante naval, tornando-se ainda mais admirado por seu valor.

Em sua opinião o universo é infinito, imutável, imóvel, uma unidade igual a si mesma e absolutamente cheio de matéria. Não existe movimento real, mas apenas aparente. Além disso afirmava que não devemos dizer coisa alguma a respeito dos deuses, pois é impossível ter conhecimento deles. De acordo com Apolôdoros, Mêlissos estava no apogeu na 84ª Olimpíada[660].

Capítulo 5. ZÊNON DE ELEA

(25) Zênon nasceu em Elea. Em sua *Crônica*, Apolôdoros diz que ele era filho de Teleutagoras, porém foi adotado por Parmenides (e Parmenides era filho de Pires). Sobre Zênon e Mêlissos Tímon diz o seguinte[661]:

655. Fragmento 1, 34, Diels-Kranz.
656. Fragmento 44 Diels-Kranz; compare-se a *Odisséia*, XI, 601.
657. 504-501 a.C..
658. Veja-se o § 14 do Livro VIII.
659. Veja-se o § 15 deste livro.
660. 444-441 a.C..
661. Fragmento 45 Diels-Kranz; veja-se a *Ilíada*, XXIII, 827, e V, 783.

"Zênon, com sua grande força, dificilmente resistível, capaz de defender uma tese e seu contrário, severo crítico de todos, e Mélissos, sobressaindo entre os numerosos fantasmas, cedem somente a poucos."

Zênon foi ouvinte de Parmenides, de quem tornou-se amásio.

Sua estatura era elevada, como diz Platão em seu *Parmenides*[662]. Platão refere-se a ele também no *Sofista* e no *Faidros*[663], e o chama de Palamedes Eleático. Aristóteles[664] aponta Zênon como inventor da dialética, e Empedoclés da retórica.

(26) Mostrou-se um homem nobilíssimo, seja como filósofo, seja como político. Sob todos os pontos de vista seus livros refletem muita inteligência. Quanto às suas atividades políticas, Zênon conspirou para a deposição do tirano Nêarcos (ou segundo outros autores Diomêdon), porém foi capturado, como diz Heracleides na *Epítome de Sátiros*. Naquela ocasião, interrogado a respeito de seus cúmplices e do transporte de armas para Lipara, denunciou todos os amigos do tirano, no intuito de isolá-lo completamente. Depois disse ao tirano que desejava fazer-lhe uma confidência ao pé do ouvido sobre alguns cúmplices; mordeu-lhe então a orelha e não o largou até cair ferido mortalmente, tendo o mesmo destino do tiranicida Aristogêiton.

(27) Entretanto, em sua obra *Homônimos*, Demétrios afirma que Zênon mordeu o nariz, e não a orelha do tirano. Na *Sucessão dos Filósofos*, Antistenes conta que, após haver denunciado os amigos do tirano, este perguntou-lhe se havia algum outro cúmplice e o filósofo respondeu: "Tu, maldição da cidade!", e aos outros circunstantes disse: "Admira-me vossa covardia, pois por receio de que vos possa advir algum sofrimento que me atingiu, continuais a servir ao tirano." E finalmente Zênon cortou a própria língua com os dentes e a cuspiu no rosto do tirano. Então os cidadãos rebelaram-se subitamente e apedrejaram o tirano.

Essa é em linhas gerais a versão com a qual concorda a maioria dos autores, mas Hêrmipos conta que Zênon foi lançado num pilão e reduzido a pedaços.

(28) Também escrevemos para ele o seguinte epigrama[664a]:

"Foi nobre, Zênon, tua intenção de matar o tirano e de livrar Elea da escravidão. Entretanto foste dominado, pois o tirano te capturou e te reduziu a pedaços num pilão. Mas, que digo? Não tu, e sim teu corpo."

Ainda sob outros aspectos Zênon mostrou-se um homem excelente, e olhava os poderosos com altivez a exemplo de Herácleitos. De fato, ele amou sua pátria, conhecida inicialmente pelo nome de Hiele, e depois pelo nome de Elea, colônia dos foceus, cidade pequena que somente sabia criar homens bons, e a preferiu ao orgulho dos atenienses, com os quais nunca desejou conviver, permanecendo em sua terra natal por toda a vida.

(29) Zênon foi o primeiro a propor o argumento "Aquileus e a Tartaruga", que entretanto Favorinos atribui a Parmenides[665], e muitos outros.

Suas doutrinas são as seguintes. Os mundos são múltiplos, o vazio não existe. A natureza de todas as coisas deriva do calor, do frio, do seco e do úmido, que se transmudam uns nos outros. Os homens originaram-se da terra, e a alma é uma

662. 127 B.
663. Respectivamente 216 A e 261 D.
664. Fragmento 65 Rose; veja-se também o § 57 do Livro VIII.
664a. *Antologia Palatina*, VII, 129.
665. Veja-se o § 23 deste livro.

mistura dos elementos supracitados, sem que nenhum deles prevaleça sobre os outros.

Conta-se que, quando recebia uma ofensa, Zênon se encolerizava, e como alguém o censurasse por isso o filósofo respondeu: "Se fico indiferente às injúrias, devo permanecer insensível também aos louvores"[666]. Já dissemos na Vida de Zênon de Cítion[667] que existiram oito personagens com o nome de Zênon. Nosso filósofo estava no apogeu na 79ª Olimpíada[668].

Capítulo 6. LÊUCIPOS

(30) Lêucipos nasceu em Elea, ou segundo outros autores em Ábdera, ou ainda segundo outros em Miletos, tendo sido discípulo de Zênon. Suas doutrinas são as seguintes. As coisas em sua totalidade são infinitas e transmudam-se umas nas outras; o todo é constituído de vazio e cheio; os mundos formam-se quando os corpos[669] penetram no vazio e se interligam uns com os outros; do movimento dos corpos à proporção que seu número aumenta forma-se a natureza das estrelas; o sol se move num círculo maior em torno da lua; a terra mantém-se suspensa girando em torno do centro, e sua forma assemelha-se à de um tambor. Lêucipos foi o primeiro a afirmar que os átomos são os primeiros princípios das coisas.

Essa é a doutrina em seu conjunto; agora eis alguns detalhes.

(31) Como já dissemos, Lêucipos afirma que o todo é infinito e é em parte cheio e em parte vazio, e a estes ele dá o nome de elementos. Deles se formam mundos infinitos, e neles os mundos se resolvem. Os mundos formam-se do seguinte modo: destacando-se do infinito, muitos corpos de toda espécie de figura vão para o grande vazio e, reunindo-se entre si, formam um único vórtice, no qual atritam-se uns aos outros, e movendo-se em círculos em todas as direções possíveis separam-se de modo a que os semelhantes se unam entre si. Estando em equilíbrio por causa de seu grande número e não podendo mover-se em círculo, os corpos leves dirigem-se para o vácuo externo, como se estivessem sendo peneirados; os remanescentes ficam juntos e, agregando-se entre si, continuam juntos em seu circuito, formando um primeiro sistema esférico.

(32) Este, que abrange corpos de todas as espécies, subsiste como uma membrana; e como esses corpos movem-se girando num vórtice por causa da resistência do centro, a membrana externa torna-se tênue, enquanto os corpos confluem sempre compactos em decorrência do contato com o vórtice. Assim se formou a terra, porquanto as partes levadas para o centro permanecem juntas. A mesma membrana que envolve os corpos reforça-se e aumenta pela penetração de outros corpos vindos de fora; e como se move no vórtice, junta a si mesma todos os corpos com os quais entre em contato. Destes, alguns agregam-se entre si e formam um sistema, que inicialmente é muito úmido e lodoso; quando esses corpos se tornam enxutos e giram juntamente com o vórtice do universo, incendeiam-se e formam a substância dos astros.

(33) A órbita do sol é a mais distante, e a da lua é mais próxima da terra; as órbitas dos outros corpos celestes estão entre essas duas. Todos os corpos tornam-

666. No *Gnomologion Parisinum*, nº 153, há uma resposta idêntica atribuída a Empedoclés.
667. Veja-se o § 35 deste livro.
668. 464-461 a.C..
669. Ou seja, os átomos.

em Demócritos, nem mesmo onde deveria tê-lo refutado, evidentemente por saber que teria de rivalizar com o melhor dos filósofos, elogiado pelo próprio Tímon[676] com as seguintes palavras:

"É assim o sábio Demócritos, pastor de palavras, conversador talentoso, que reconheço entre os primeiros."

(41) Passando à cronologia, ele mesmo afirma na *Pequena Cosmologia* que era jovem quando Anaxagoras já era velho, e que havia entre os dois uma diferença de idade de quarenta anos. Demócritos diz que compôs a *Pequena Cosmologia* setecentos e trinta anos após a captura de Tróia.

De acordo com a *Crônica* de Apolôdoros ele teria nascido na 80ª Olimpíada[677], mas, segundo Trasilos na obra intitulada *Introdução à Leitura das Obras de Demócritos*, teria nascido no terceiro ano da 77ª Olimpíada[678], sendo então, diz Trasilos, um ano mais velho que Sócrates. Neste caso seria contemporâneo de Arquêlaos, discípulo de Anaxagoras, e da escola de Oinopides (de fato, ele menciona Oinopides).

(42) Demócritos alude também à doutrina do Uno sustentada por Parmenides e Zênon, os filósofos mais em evidência em sua época, e menciona também Protagoras de Ábdera, que segundo o consenso geral foi contemporâneo de Sócrates.

No oitavo livro de seus *Passeios Filosóficos*, Atenôdoros conta que Hipócrates veio visitar Demócritos; o filósofo mandou trazer leite, e depois de havê-lo observado disse que era leite de cabra primípara e negra; Hipócrates ficou estupefato com a precisão da observação. Além disso Hipócrates estava acompanhado por uma serviçal, e no primeiro dia Demócritos cumprimentou-a dizendo: "Bom dia, moça", e no dia seguinte: "Bom dia, mulher." Com efeito, a virgem fora seduzida durante a noite.

(43) Hêrmipos transmite-nos a seguinte versão a respeito da morte de Demócritos. Ele estava muito idoso quando sentiu aproximar-se a morte; sua irmã sofria porque provavelmente Demócritos iria morrer na época da festa das Tesmofórias, impedindo-a de prestar o culto devido à deusa. Mas, o filósofo animou-a e ordenou-lhe que trouxesse diariamente pães quentes, recém-feitos. Assim, aproximando-os das narinas, conseguiu sobreviver durante todos os dias da festa. Transcorridos os três dias festivos, ele expirou sem o mínimo sofrimento, com a idade de cento e nove anos, como diz Híparcos.

Há em nosso *Livro em Todos os Metros* o seguinte epigrama de nossa autoria sobre ele[679]:

"Quem jamais foi tão sábio? Quem produziu uma obra tão vasta como a do onisciente Demócritos? A morte esteve presente em sua casa durante três dias, e ele a tratou como hóspede amiga com o cálido odor dos pães fumegantes."

Assim viveu esse homem.

(44) Suas opiniões são as expostas a seguir. Os primeiros princípios do universo são os átomos e o vazio; tudo mais apenas se pensa que existe. Os mundos

676. Fragmento 46 Diels.
677. 460-457 a.C..
678. 470-469 a.C..
679. *Antologia Palatina*, VII, 57.

são infinitos, sujeitos à geração e ao perecimento. Nada é gerado pelo não-ser e nada perece no não-ser. Os átomos são infinitos em tamanho e número; movem-se como num vórtice e geram assim todas as coisas compostas – fogo, água, ar e terra –, porque esses elementos também são uniões de determinados átomos, que por sua solidez são impassíveis e imutáveis. O sol e a lua se compõem de tais massas atômicas lisas e esféricas, e igualmente a alma, que é idêntica à mente. Enxergamos em conseqüência do impacto das imagens sobre nossos olhos.

(45) Tudo acontece por força da necessidade; Demócritos chama necessidade o vórtice causador da gênese de todas as coisas. O fim supremo é a serenidade da alma, que não é idêntica ao prazer, como alguns autores entendem falsamente, mas é a condição constante da calma e do equilíbrio da alma, não perturbada pelo medo, nem pela supertição, nem por outras emoções. Esse estado ele chama também de bem-estar e lhe dá muitos outros nomes. As qualidades das coisas existem por convenção, e os átomos e o vazio existem por natureza.

São essas, então, as suas opiniões.

Suas obras foram ordenadas em catálogo por Trasilos, e dispostas em tetralogias à semelhança das de Platão.

(46) As obras éticas são as seguintes:

I. *Pitágoras; Da Disposição do Sábio; Dos que Estão no Hades; Tritogêneia* (assim chamada porque vêm dela três coisas das quais toda a vida mortal depende).

II. *Da Probidade do Homem, ou Da Excelência; O Corno de Amalteia; Da Tranqüilidade; Comentários Éticos* (não é encontrada a obra *Do Bem-Estar*).

São essas as obras éticas.

As obras físicas são as seguintes:

III. *Grande Cosmologia* (atribuída a Lêucipos por Teôfrastos e sua escola); *Pequena Cosmologia; Cosmografia; Dos Planetas.*

IV. *Da Natureza*, livro primeiro; *Da Natureza do Homem, ou Da Carne*, livro segundo; *Da Mente; Dos Sentidos* (alguns autores reúnem esses dois livros em um só intitulado *Da Alma*).

V. *Dos Sabores; Das cores;* (47) *Das Formas Diferentes; Das Mutações de Forma.*

VI. *Confirmações* (com provas adicionais às teses desenvolvidas nas obras precedentes); *Das Imagens, ou Da Previsão do Futuro; Lógica, ou Cânon*, em três livro; *Problemas.*

São essas as obras físicas.

As obras não ordenadas em tetralogias são as seguintes: *Causas dos Fenômenos Celestes; Causas dos Fenômenos Atmosféricos; Causas dos Fenômenos Terrestres; Causas Referentes ao Fogo e ao que Existe no Fogo; Causas Referentes aos Sons; Causas Referentes ao Sêmen, às Plantas e aos Frutos; Causas Referentes aos Animais*, em três livros; *Causas Mistas; Da Pedra Magnética.*

São essas as obras não ordenadas em tetralogias.

As obras matemáticas são as seguintes:

VII. *Da Diferença de Ângulo, ou Do Contacto do Círculo e da Esfera; Da Geometria; Fatos Geométricos; Números.*

VIII. *Linhas e Sólidos Incomensuráveis*, em dois livros; *Projeções;* (48) *O Grande Ano, ou Astronomia*, calendário; *Contenda da Clepsidra e do Céu.*

IX. *Descrição do Céu; Geografia; Descrição do Pólo; Descrição dos Raios.*

São essas as obras matemáticas.

As obras literárias e musicais são as seguintes:

São estas, então, as suas obras. Platão escreveu um diálogo a respeito de Protagoras.

Filôcoros diz que durante uma viagem à Sicília sua nau afundou, e que Eurípides alude ao naufrágio no *Ixíon*[687]. Alguns autores afirmam que o filósofo morreu durante a viagem, aos noventa anos de idade.

(56) Apolôdoros, entretanto, afirma que o poeta morreu aos setenta anos, após haver exercido a profissão de sofista ao longo de quarenta anos. De acordo com a mesma fonte o filósofo estava no apogeu na 84ª Olimpíada[688].

Há o seguinte epigrama de nossa autoria sobre ele[689]:

> "Ouvi dizer, Protagoras, que também tiveste de abandonar Atenas já idoso e morreste durante a viagem. A cidade de Cêcrops decretou o teu exílio; se pudeste fugir à rocha de Palas, não escapaste a Plúton."

Conta-se que em certa ocasião ele pediu os honorários ao discípulo Êuatlos; tendo este dito: "Mas ainda não venci a causa!", Protagoras replicou: "Devo receber os honorários em qualquer hipótese; se te venci, devo recebê-lo porque venci; e se venceste, devo recebê-lo porque venceste."[690]

Existiu outro Protagoras, um astrônomo, para o qual Euforíon escreveu um epicédio. Houve ainda um filósofo estóico chamado Protagoras.

Capítulo 9. DIÔGENES DE APOLÔNIA

(57) Diôgenes de Apolônia, filho de Apolôtemis, foi um filósofo naturalista muito famoso. Segundo Antistenes recebeu lições de Anaximenes, porém foi contemporâneo de Anaxagoras. Deste último, Demétrios de Fáleron diz em sua *Apologia de Sócrates* que foi tão invejado em Atenas que quase perdeu a vida lá.

Suas doutrinas são as seguintes. O elemento originário é o ar. Os mundos são infinitos e o vazio é infinito. O ar, condensando-se e rarefazendo-se, gera os mundos. Nada passa a existir a partir do não-ser, e nada se resolve no não-ser. A terra é redonda e está firmemente posta no meio, depois de chegar à sua constituição segundo a revolução proveniente do calor e o congelamento proveniente do frio. As primeiras palavras de sua obra são as seguintes: "No preâmbulo de qualquer discurso parece-me necessário estabelecer-se um princípio irrefutável e fazer-se um exposição simples e elevada."

Capítulo 10. ANÁXARCOS

(58) Anáxarcos nasceu em Ábdera. Foi discípulo de Diôgenes de Smirne, que por seu turno foi discípulo de Metrôdoros de Quios. Este último dizia que nada sabia, nem mesmo que nada sabia. Metrôdoros foi discípulo de Nessos de Quios, porém circula também a versão de que teria sido discípulo de Demôcritos.

Anáxarcos acompanhou Alexandre, o Grande, e estava no apogeu na 90ª Olimpíada[691], e teve um inimigo, Nicocrêon, tirano de Chipre.

687. Veja-se Nauck, *Tragicorum Graecorum Fragmenta*, página 490 da 2a. edição.
688. 444-441 a.C..
689. *Antologia Palatina*, VII, 130.
690. Isto é: "porque te ensinei a vencer".
691. 340-337 a.C..

Em certa ocasião, durante um banquete, Alexandre perguntou-lhe o que pensava da festa, e dizem que sua resposta foi: "Tudo está magnífico, rei; falta apenas servir à mesa a cabeça de um sátrapa", escarnecendo assim de Nicocrêon.

(59) O tirano não esqueceu a ofensa e guardou rancor por isso. Após a morte do rei Anáxarcos, que estava navegando por mar, viu-se obrigado a deter a nau em Chipre. Nicocrêon mandou prendê-lo e lançá-lo num pilão, onde ordenou que o golpeassem com um apiloador de ferro. Mas o filósofo, menosprezando o castigo, pronunciou a célebre frase: "Pilas o saco em que está Anáxarcos, porém não pilas Anáxarcos!" Então Nicocrêon ordenou que lhe cortassem a língua. Dizem que ele mesmo mordeu e cuspiu-a no rosto do tirano[692].

Há o seguinte epigrama nosso a seu respeito[693]:

> "Pila, Nicocrêon, e cada vez mais; é apenas um saco. Pila! Anáxarcos já está há tempo perto de Zeus, e Persefone, após haver-te dilacerado num pente de cardar, dentro de pouco tempo dir-te-á as palavras: desaparece, moleiro perverso!"

(60) Por sua serenidade e por sua vida calma Anáxarcos era chamado "Eudemônico"[694], e conseguia induzir os homens à moderação com a maior facilidade. De qualque modo ele foi capaz de dissuadir Alexandre, que se julgava um deus. Com efeito, vendo escorrer o sangue de um ferimento que o rei sofrera, apontou em sua direção e disse:

> "Isto é sangue, e não o icor que corre nas veias dos deuses bem-aventurados."[695]

Plútarcos[696], entretanto, conta que o próprio Alexandre disse essas palavras a seus amigos. Além disso, em outra ocasião Anáxarcos, brindando à saúde de Alexandre, ergueu a taça e disse[697]:

> "Um dos deuses será golpeado por mão mortal."

Capítulo 11. PÍRRON[698]

(61) Pírron de Élis era filho de Plêistarcos, de acordo com o relato de Dioclés. Segundo o testemunho de Apolôdoros em sua Crônica, dedicou-se inicialmente à pintura e foi discípulo de Bríson, filho de Stílpon, como atesta Alêxandros na *Sucessão dos Filósofos*. Depois seguiu Anáxarcos e o acompanhou a toda parte em suas viagens, tendo tido assim a oportunidade de conviver com os ginosofistas na Índia, e com os magos. Essa convivência estimulou-lhe consideravelmente as convicções filosóficas e parece que o levou ao caminho mais nobre da filosofia, pois Pírron introduziu e adotou os princípios do agnosticismo[699] e da suspensão do juízo[700], como diz Ascânios de Ábdera. Pírron afirmava que nada é honroso ou vergonhoso, nada é justo ou injusto, e aplicava igualmente a todas as coisas o

692. Veja-se o § 27 deste livro, para uma atitude semelhante atribuída a Zênon de Elea.
693. *Antologia Palatina*, VII, 133.
694. Eudemônico = Homem Feliz.
695. Veja-se a *Ilíada*, V, 340.
696. *Vida de Alexandre*, capítulo 28.
697. Eurípides, *Orestes*, 271.
698. Aproximadamente 360-270 a.C..
699. Isto é, a *akatalepsia*.
700. Isto é, a *epokhé*.

princípio de que nada existe realmente, sustentando que todos os atos humanos são determinados pelos hábitos e pelas convenções, pois cada coisa não é mais isto que aquilo.

(62) Sua vida foi coerente com sua doutrina: o filósofo não saía de seu caminho por coisa alguma e não tomava qualquer precaução; ao contrário, mostrava-se indiferente em face de todos os perigos que se lhe deparavam, fossem eles carros, precipícios ou cães, nada deixando ao arbítrio dos sentidos. Mas, de acordo com o testemunho de Antígonos de Carístos, eram os amigos, seus acompanhantes habituais, que o salvavam dos perigos. Ainesídemos, entretanto, afirma que na filosofia Pírron aplicava o princípio da suspensão do juízo, porém na vida cotidiana não lhe faltava a precaução. Pírron viveu até os noventa anos.

Em sua obra *Sobre Pírron*, Antígonos de Carístos narra que a princípio o filósofo viveu ignorado, sendo pobre e dedicando-se à pintura, e que no ginásio atlético de Élis conservam-se algumas figuras portando archotes pintadas por ele, obra medíocre.

(63) Pírron abstraía-se do mundo e procurava a solidão tranqüila, aparecendo raramente a seus familiares. Comportava-se assim por ter ouvido um indiano censurar Anáxarcos, dizendo-lhe que jamais poderia ensinar alguém a ser melhor, porquanto ele mesmo freqüentava os palácios reais e cortejava os reis. Pírron mantinha sempre a compostura, de tal maneira que, mesmo quando alguém o deixava no meio do discurso, ele terminava o que tinha a dizer embora fosse a única pessoa restante, apesar de na juventude haver sido inquieto. Freqüentemente – acrescenta a mesma fonte – saía de casa sem prevenir ninguém, e andava sem rumo com qualquer pessoa que encontrasse. Quando em certa ocasião Anáxarcos caiu num pântano, Pírron continuou a caminhar sem o ajudar. Alguém lhe reprovou o comportamento, porém o próprio Anáxarcos louvou-lhe a indiferença e impassibilidade.

(64) Em outra ocasião foi surpreendido falando consigo mesmo, e como lhe perguntassem a razão de seu procedimento Pírron respondeu que se exercitava para ser um homem bom. Nos debates ninguém o subestimava, porque se exprimia meticulosamente e sem se desviar das perguntas feitas; por isso Nausifanes[701], que ainda era jovem, sentiu-se atraído por ele. Nausifanes dizia que na disposição espiritual devemos seguir Pírron, mas devemos seguir-nos a nós mesmos em questões de doutrina, e afirmava freqüentemente que o próprio Epícuros admirava Pírron por seu modo de viver, pedindo-lhe muitas vezes notícias dele. Respeitavam-no tanto em sua pátria que foi eleito sumo sacerdote, e por sua causa decretou-se que todos os filósofos fossem isentos de impostos.

Foram muitos os seus êmulos no tocante à abstenção em relação às atividades públicas; por isso Tímon diz o seguinte a seu respeito no *Píton* e nas *Sátiras*[702]:

> (65) "Como e onde, velho Pírron, encontraste salvação, em face de submissão às vãs e falsas opiniões dos sofistas, e rompeste as cadeias de todos os enganos e o encanto de suas charlatanices? Não te preocupaste com a investigação de quais são os ventos que correm na Hélade, nem quiseste saber de que se formam todas as coisas e em que as mesmas se resolvem."

701. Veja-se o testemunho 2 em Diels-Kranz.
702. Fragmento 48 Diels.

E ainda nas *Imagens*[703]:

> "Meu coração deseja saber de ti, Pírron, como tu, sendo apenas um homem, consegues com tanta facilidade levar a vida tranqüilamente, tu, o único guia dos homens, como um deus."

Os atenienses homenagearam-no com a cidadania, como diz Dioclés, por haver morto o trácio Cótis.

(66) Pírron viveu piedosamente em companhia de sua irmã, uma parteira, de acordo com o testemunho de Eratostenes em sua obra *Da Riqueza e da Pobreza*, onde o autor narra que às vezes Pírron levava conforme a ocasião pequenas aves e leitões para vender no mercado, e tirava o pó das coisas da casa com absoluta indiferença. Conta-se ainda que ele dava outra prova de indiferença lavando um porquinho. Certa vez, entretanto, Pírron perdeu a calma por causa de sua irmã, chamada Filista, e a alguém que o censurou respondeu que não era em relação a uma frágil mulher que se devia demonstrar indiferença. Em outra ocasião ficou agitado por causa da investida de um cão, e replicou a quem o criticou que era difícil desvencilhar-se inteiramente da debilidade humana, acrescentando que contra os fatos é necessário em primeiro lugar, sendo possível, lutar com atos, e não sendo possível, com a razão.

(67) Conta-se ainda que quando lhe foram aplicados medicamentos cáusticos ou teve de sofrer incisões ou cauterizações por causa de um ferimento, não contraiu sequer as sobrancelhas. Tímon ilustra também a disposição espiritual de Pírron em sua obra dirigida a Píton. E Fílon, ateniense, seu amigo íntimo, dizia que Pírron mencionava com muita freqüência Demócritos, e depois Homero; que admirava, e de quem costumava citar o verso[704]:

> "A estirpe dos homens é como a das folhas."

E o elogiava também por comparar os homens às vespas, às moscas e aos pássaros, citando igualmente os seguintes versos[705]:

> "Então, amigo, morre também! Por que choras assim? Pátroclos também morreu, e tinha muito mais valor que tu",

e todos os trechos alusivos à precariedade da condição humana, à imutabilidade dos propósitos e à loucura infantil dos homens.

(68) Poseidônios conta igualmente dele o seguinte episódio. Enquanto seus companheiros de viagem numa nau estavam nervosos por causa de uma tempestade, Pírron permanecia tranqüilo e confiante, apontando para um porquinho que continuava a comer e acrescentando que aquela imperturbabilidade era um exemplo para o comportamento do sábio. Somente Numênios afirma que Pírron também dogmatizava. Pírron teve discípulos notáveis, como Eurílocos, de quem se conhece o incidente em que ele falha quanto à indiferença. Com efeito, narra-se que em certa ocasião este se deixou dominar a tal ponto pela ira que apanhou o espeto com a carne e perseguiu o cozinheiro até a praça do mercado.

(69) Certa vez em Élis, durante uma discussão, Pírron foi de tal maneira pressionado pelas perguntas de seus discípulos que se desfez do manto e atravessou a nado o rio Alfeiós. Como diz Tímon, Pírron era extremamente hostil aos sofistas.

703. Fragmento 67 Diels.
704. *Ilíada*, VI, 146.
705. *Ilíada*, XXI, 106-107.

Fílon, outro discípulo seu, conversava principalmente consigo mesmo; por isso Tímon refere-se a ele com as seguintes palavras[706]:

"Ou então, Fílon, que foge dos homens, que ensina sozinho a si mesmo e fala somente consigo mesmo, que não se preocupa com a vanglória e com as discussões acirradas."

Além destes foram ouvintes de Pírron Hecataios de Ábdera e Tímon de Fliús (autor das *Sátiras*), de quem falaremos em seguida, e Nausífanes de Teos, que, de acordo com alguns autores, foi mestre de Epícuros. Todos estes chamaram-se pirronianos por causa do nome de seu mestre, e se subdividiram em aporéticos, céticos, eféticos e zetéticos, em decorrência dos princípios que defendiam, se é lícito falar neste caso de princípios.

(70) Chamam-se zetéticos os que buscam sempre e sobretudo a verdade, céticos os que indagam e nunca chegam a uma conclusão; os eféticos têm esse nome por causa do estado mental subseqüente à sua indagação, ou seja, a suspensão do juízo; finalmente, os aporéticos recebem tal nome porque não somente eles, mas os próprios filósofos dogmáticos, estão freqüentemente perplexos. Os pirronianos tiram obviamente o seu nome de Pírron.

Em sua obra *Capítulos Céticos* Teodósios nega que o ceticismo deva chamar-se pirronismo; com efeito, se não podemos apreender o movimento do pensamento numa direção ou noutra, nunca saberemos com certeza a disposição espiritual de Pírron, e sem sabê-la não poderemos ser chamados pirronianos. Além disso Teodósios diz que Pírron não foi de fato o iniciador do ceticismo, nem estabeleceu dogmas de escola. Pode-se, portanto, chamar pirroniano somente quem tem um caráter e um modo de vida semelhantes aos de Pírron.

(71) Alguns autores chamam Homero de iniciador dessa escola, porque ele mais que qualquer outro está sempre dando respostas diferentes sobre as mesmas coisas em diversas ocasiões, e jamais chega a definições ou enunciados dogmáticos. Além disso, as máximas dos Sete Sábios são céticas, como "Nada em excesso" e "Se te comprometes, atrais a maldição para ti mesmo", cujo significado é que atrai para si mesmo a maldição quem se pronuncia de maneira firme e convicta.

Também Arquílocos e Eurípides adotam às vezes uma atitude cética. Arquílocos, por exemplo, diz[707]:

"A alma dos homens, Glaucos, filho de Leptines, é como o dia efêmero que Zeus lhes manda."

E Eurípides[708]:

"Por que dizer, Zeus, que os míseros mortais pensam? Dependemos de ti e fazemos todas as tuas vontades."

(72) Além disso os pirronianos acham que Xenofanes, Zênon de Elea e Demócritos são céticos. Xenofanes, por exemplo, afirma[709]:

"Homem nenhum conhece a certeza e homem nenhum jamais a conhecerá."

E Zênon nega o movimento quando diz[710]: "Um corpo que se move não se move nem no lugar em que está, nem no lugar em que não está."

706. *Odisséia*, XXI, 364.
707. Fragmento 70 Bergk.
708. *Suplicantes*, versos 735-737.
709. Fragmento 34 Diels-Kranz.
710. Fragmento 4 Diels-Kranz.

E Demócritos elimina as qualidades ao afirmar[711]: "Por convenção existe o frio, por convenção existe o calor, mas em verdade existem apenas os átomos e o vazio". E ainda[712]: "De fato nada sabemos, pois a verdade está num abismo".

E Platão[713] deixa a verdade aos deuses e aos filhos dos deuses, e aspira somente à verossimilhança.

E Eurípedes diz[714]:

"Quem sabe se viver não é morrer, e se o que os mortais pensam que é a vida não é a morte?"

(73) Empedoclês também[715]:

"Os homens não sabem perceber essas coisas nem com os olhos, nem com os ouvidos, e nem mesmo com a mente."

E pouco antes[716]:

"Cada um crê somente naquilo que experimenta."

Herácleitos também afirma[717]: "Não conjecturemos inconsideradamente sobre as coisas mais importantes". Hipócrates, aliás, exprime-se de modo dubitativo e compatível com os limites da natureza humana. E antes de todos eles Homero[718]:

"A língua dos mortais é volúvel e são muitos os discursos."

E:

"Rico é o pasto das palavras esparsas aqui e ali."

E:

"As palavras que tu mesmo dizes, poderás ouvi-las de volta",

aludindo assim à eqüipolência e à contraditoriedade das palavras.

(74) Então os céticos empenhavam-se constantemente em demolir todos os dogmas das escolas, e nunca se expressavam dogmaticamente. Limitavam-se a apresentar e a expor os dogmas dos outros sem jamais chegar a definições, não afirmando sequer que não faziam qualquer definição. Sendo assim, eliminavam até o não-definir, e portanto não afirmavam: "Nada definimos"[719], porque, se assim não fosse, estariam dessa maneira dando uma definição. Eles dizem: "Apresentamos as teorias dos outros para indicar em seguida nossa atitude isenta de precipitação", como se lhes fosse possível indicá-la com um simples aceno de cabeça. Com a expressão "nada definimos" indicam seu estado espiritual de equilíbrio. Essa atitude é também expressa por outra sentença: "Não mais (uma coisa que outra)", ou com outra em que a cada proposição se contrapõe uma proposição. (75) Entretanto, "não mais (uma coisa que outra)" pode-se dizer afirmativamente, indicando que duas coisas são semelhantes – por exemplo: "O pirata não é mais vil que o mentiroso". Porém os céticos não adotaram "não mais" positivamente, e sim negativamente, como quando alguém diz com a intenção de refutar: "Squila não existe mais que a Quimaira". "Mais" é adotado em sentido

711. Fragmento 117 Diels-Kranz.
712. Fragmento 125 Diels-Kranz.
713. *Tímaios*, 40 D.
714. Fragmento 638 Nauck.
715. Fragmento 2, versos 7 e seguinte, Diels-Kranz.
716. Fragmento 2, verso 5, Diels-Kranz.
717. Fragmento 47 Diels-Kranz.
718. *Ilíada*, XX, 248-250.
719. Veja-se o § 104 deste livro.

comparativo, como quando dizemos: "O mel é mais doce que a uva", ou então em sentido positivo e negativo, como quando dizemos: "A excelência é mais vantajosa que prejudicial". Na realidade queremos dizer que a excelência ajuda e não prejudica.

(76) Mas, os céticos eliminam também a sentença "não mais". Com efeito, da mesma forma que a previdência não é mais existente que inexistente, "não mais" não é mais existente que inexistente. A sentença, como diz Tímon no *Píton*, significa: "Não definir coisa alguma, ou antes não aderir a opinião alguma". Também a outra sentença: "A toda proposição contrapõe-se outra", implica igualmente a suspensão do juízo; realmente, quando os fatos são contraditórios entre si e os juízos relativos são contraditórios e eqüipolentes, segue-se necessariamente a ignorância da verdade. E a esse mesmo juízo contrapõe-se outro juízo, que após haver destruído os outros juízos é por sua vez eliminado por si mesmo e se anula, à semelhança dos purgantes, que depois de terem eliminado do corpo os resíduos, são por sua vez eliminados e anulados.

(77) Os dogmáticos, entretanto, objetam que os céticos em vez de eliminar o juízo acrescentam-lhe novo vigor.

Então os céticos serviam-se das palavras como meios auxiliares, já que não era possível que um juízo não fosse eliminado por outro juízo. Assim, quando costumamos dizer que o espaço não existe, devemos usar compulsoriamente a palavra "espaço" não em sentido dogmático, mas constrangidos pelo processo demonstrativo. Da mesma forma, quando dizemos que nada acontece por necessidade, devemos usar compulsoriamente a palavra "necessidade". Essa era a espécie de interpretação que eles davam habitualmente. Segundo os céticos, as coisas não são na realidade como parecem ser, mas são meras aparências. E diziam ainda que sua investigação se dirigia não ao pensamento – pois o pensamento é evidentemente pensamento – e sim ao que se percebe por meio dos sentidos.

(78) A doutrina pirroniana, como diz Ainesídemos no *Esboço Introdutivo à Filosofia de Pírron*, consiste na indicação dos fenômenos e de tudo que é conhecido de um modo qualquer pelo pensamento, e segundo ela todas as coisas se relacionam entre si e no confronto se revelam muito anômalas e confusas. Quanto às contradições dos pontos de vista em suas dúvidas ou na consideração crítica das coisas, ela em primeiro lugar mostrava os diversos modos em que as coisas manifestam força persuasiva, para depois destruir a crença nas mesmas usando os mesmos métodos. Têm força persuasiva os fenômenos que segundo a percepção sensível estão de acordo entre si e tudo que nunca ou raramente sofre uma mutação, e além disso tudo que é habitual ou disposto pelas leis e tudo que suscita prazer ou admiração.

(79) Os pirronianos demonstravam que as considerações, contrapostas àquelas relativas às coisas dotadas de força persuasiva, têm por si um grau igual de credibilidade.

As aporias referentes ao acordo dos fenômenos ou dos juízos, que os pirronianos admitiam, dividiam-se em dez modos diferentes, segundo os quais as coisas fundamentais se nos mostram mutáveis.

Os dez modos são os seguintes:

O primeiro refere-se à diferença dos seres vivos quanto ao prazer e à dor, à desvantagem e à vantagem. Infere-se disso que as criaturas vivas não recebem as mesmas impressões dos mesmos objetos, e que por isso tal diversidade necessariamente gera a suspensão do juízo. Dos seres vivos alguns se geram sem copular, como os que vivem no fogo, o fênix árabe e os vermes; outros se geram mediante a união dos corpos, como os homens e o resto.

(80) Já que alguns seres são constituídos de um modo, e outros de modo diferente, seus sentidos também diferem. Assim, por exemplo, os falcões têm a visão agudíssima, e os cães têm o olfato apuradíssimo. É lógico, então, que à diferença da capacidade visual corresponde uma diferença das impressões. Se o broto da vinha é comestível para a cabra, para o homem é amargo, e se a codorna se nutre da cicuta, esta é mortal para o homem; e se o porco se alimenta de excrementos, o cavalo não os come.

O segundo modo refere-se à natureza e às idiossincrasias dos homens. Por exemplo, Demofon, mordomo de Alexandre, o Grande, aquecia-se na sombra enquanto sentia frio quando exposto ao sol. (81) Ândron de Argos, como diz Aristóteles[720], viajava através dos áridos desertos da Líbia sem beber água. Além disso, algumas pessoas preferem dedicar-se à medicina, outras à agricultura, outras ao comércio, e a mesma profissão traz desvantagens a algumas e vantagens a outras; segue-se daí a necessidade de suspendermos o juízo.

O terceiro modo decorre da diferença dos poros transmissores das sensações, pois a maçã dá a impressão de ser pálida à vista, doce ao paladar e perfumada ao olfato. E vemos a mesma figura ora de uma maneira, ora de outra, segundo as diferenças dos espelhos. Segue-se daí que aquilo que aparece não é mais uma coisa que outra coisa diferente.

(82) O quarto modo refere-se às disposições individuais e, em geral, às mutações de condições, como a saúde e a doença, o sono e a vigília, o prazer e a dor, a juventude e a velhice, a coragem e o medo, a carência e a abundância, o ódio e o amor, o calor e o frio, além da facilidade ou dificuldade da respiração. A dificuldade das impressões depende das condições diversas das disposições individuais. Nem mesmo a condição dos loucos é contrária à natureza; com efeito, por que seu estado seria mais contrário à natureza que o nosso? E à nossa vista o sol parece parado. O estóico Teôn de Titoraia passeava adormecido, e o escravo de Péricles andava como sonâmbulo pela cobertura da casa.

(83) O quinto modo relaciona-se com a educação, com as leis, com as crenças nas tradições míticas, com os pactos entre povos e com as concepções dogmáticas. Essa classe inclui considerações a respeito do que é belo e feio, verdadeiro e falso, bom e mau, dos deuses e da formação e dissolução do mundo dos fenômenos. A mesma coisa é justa para algumas pessoas e injusta para outras, ou para algumas é boa para outras é má. Os persas não consideram aberrante o casamento de um homem com sua filha, enquanto para os helenos essa união é ilegal. Os massagetas, como diz Êudoxos no primeiro livro de sua *Viagem em Volta da Terra*, admitem a comunidade de mulheres, enquanto os helenos não a admitem. Os cilícios deleitam-se com a pirataria, os helenos não.

(84) Cada povo crê em seus deuses, e há quem acredite na providência e quem não acredite. Os egípcios embalsamam seus mortos antes de sepultá-los, enquanto entre os romanos eles são cremados e os peônios lançam-nos aos pântanos. A conseqüência é a suspensão do juízo sobre a verdade.

720. Fragmento 103 Rose.

O sexto modo relaciona-se com as misturas e uniões, em decorrência das quais nada aparece puro e em si e por si, mas misturado com o ar, com a luz, com a umidade, com a solidez, com o calor, com o frio, com o movimento, com as exalações ou sujeito a outras influências. A púrpura mostra uma cor diferente ao sol, à lua, ou a uma lâmpada à noite, e nossa própria cor parece diferente ao meio-dia e ao crepúsculo.

(85) Uma pedra que requer duas pessoas para ser erguida no ar é levantada facilmente dentro d'água, ou porque sendo pesada se torna leve por causa da água, ou porque sendo leve se torna pesada por causa do ar. Não ignoramos as propriedades específicas, como o óleo no ungüento.

O sétimo modo refere-se às distâncias e às diversas posições, aos lugares e às coisas que estão nos lugares. De acordo com este modo, as coisas que imaginamos grandes parecem pequenas, as quadradas parecem redondas, as coisas chatas parecem ter saliências, as retas parecem oblíquas, as pálidas parecem de outra cor. Por causa da distância o sol parece pequeno, e os montes vistos de longe parecem enevoados e de contornos suaves, porém, vistos de perto, aparecem cheios de irregularidades.

(86) Além disso o sol nascente apresenta um aspecto diferente do sol no meio do céu. E o mesmo corpo parece diferente conforme esteja num bosque ou num campo aberto. A imagem também varia de acordo com a posição do objeto, e a cor do pescoço do pombo é mutável, dependendo da posição em que o pombo esteja. Logo, já que o conhecimento dessas coisas depende das relações de espaço e de posição, não se pode conhecer sua natureza própria.

O oitavo modo refere-se à quantidade e à qualidade das coisas, à multiplicidade de suas condições determinada pelo calor e pelo frio, pela velocidade e pela lentidão, pela ausência ou variedade das cores. Assim o vinho bebido moderadamente revigora o organismo, porém bebido em quantidade excessiva o debilita; o mesmo acontece com o alimento e similares.

(87) O nono modo se relaciona com a freqüência, a raridade ou a estranheza dos fenômenos. Os terremotos, por exemplo, não surpreenderam as pessoas junto às quais ocorrem freqüentemente, nem o sol, porque o vemos todos os dias (este nono modo é posto por Favorinos como oitavo, por Sextos e Ainesídemos como décimo, mas é posto por Sextos como oitavo e por Favorinos como nono).

O décimo modo baseia-se na inter-relação, por exemplo entre o leve e o pesado, entre o forte e o fraco, entre o maior e o menor, entre o alto e o baixo. Aquilo que se acha à direita não está à direita por natureza, mas é percebido como tal segundo a posição relativa a outro objeto; mudada a posição, a coisa já não está à direita.

(88) Analogamente "pai" e "irmão" são termos relativos, e o dia é condicionado ao sol, como todas as coisas condicionam-se ao nosso pensamento. Esses termos ou conceitos relativos, considerados em si e por si, não podem ser conhecidos.

São esses, então, os dez modos.

Agripa e seus adeptos acrescentaram a estes outros cinco modos; o primeiro refere-se ao desacordo, o segundo à extensão ao infinito, o terceiro à relatividade, o quarto à hipótese, e o quinto à inferência recíproca.

O modo referente ao desacordo demonstra que todas as questões, propostas pelos filósofos ou ocorrentes na vida cotidiana, provocam um contraste intensíssimo e uma grande confusão.

O modo referente à extensão ao infinito não admite uma prova firmemente estabelecida daquilo que se tenta demonstrar, pois uma coisa proporciona fundamento para a crença em outra, e assim por diante, até o infinito.

(89) O modo referente à relatividade diz que nada pode ser apreendido em si mesmo e por si mesmo, mas somente em relação a outra coisa. Daí resulta que nada pode ser conhecido.

O modo referente à hipótese baseia-se no fato de algumas pessoas pensarem que devemos pressupor os primeiros fundamentos das coisas imediatamente como fidedignos, sem demonstração ulterior. A inconsistência dessas premissas se evidencia pelo fato de outras pessoas partirem de hipóteses contrárias.

O modo referente à inferência recíproca ocorre sempre que aquilo que deve servir de meio de confirmação da coisa sobre a qual se indaga necessita de crença no objeto da indagação – por exemplo, alguém que pretenda demonstrar a existência dos poros pelas emanações serve-se da existência dos poros para confirmar a ocorrência das emanações.

(90) Os céticos eliminavam toda demonstração e não admitiam um critério, um sinal, uma causa, nem o movimento, nem a instrução, nem o vir a ser, nem o princípio da existência de qualquer coisa boa ou má por natureza. Eles afirmam que toda demonstração consiste em coisas demonstradas ou indemonstradas. Se consiste em coisas demonstradas, essas coisas também terão necessidade de uma demonstração, e assim por diante até o infinito; se consiste em coisas indemonstradas, basta que todas as coisas, ou algumas, ou mesmo uma única coisa, suscitem dúvidas, para que todo o conjunto permaneça indemonstrado. E acrescentam que se alguém admite a existência de certas coisas que não necessitam de demonstração alguma, a inteligência dessa pessoa é extraordinária se não percebe que até isso deve ser demonstrado, ou seja, a existência de coisas que têm por si mesmas a característica de serem fidedignas.

(91) Não devemos provar a existência dos quatro elementos com o fato de os elementos serem quatro. Além disso, se as demonstrações isoladas não merecem fé, necessariamente as demonstrações gerais devem ser recusadas como destituídas de valor. Para reconhecermos a validade de uma demonstração, essa demonstração necessita de um critério da verdade; para reconhecermos a validade de um critério, esse critério necessita de uma demonstração; logo, um se respalda no outro e vice-versa, e nem um nem o outro pode ser conhecido. Se se ignora a demonstração, como é possível aprender o que é incerto? A questão, portanto, não é saber se as coisas aparecem como tais, mas se são realmente assim em sua essência.

Os céticos chamam os filósofos dogmáticos de estultos, observando que aquilo que se conclui por hipótese é descrito propriamente não como uma investigação, mas como uma mera suposição, e, raciocinando-se dessa maneira, pode-se demonstrar até o impossível.

(92) Os céticos diziam que aqueles em cuja opinião não é necessário julgar o verdadeiro segundo as circunstâncias e não é necessário legislar com base em princípios naturais tornavam-se arbitrariamente a medida de todas as coisas, sem observar que todos os fenômenos aparecem relacionados com certas circunstân-

cias e numa determinada disposição. É necessário, portanto, dizer que ou todas as coisas são verdadeiras ou todas as coisas são falsas. Com efeito, se somente algumas são verdadeiras e outras são falsas, com que critério deveríamos distingui-las? Nem as coisas sensíveis com os sentidos, porque estas aparecem aos sentidos todas iguais, nem com a razão pelo mesmo motivo. Além destes não se pode ver outro meio de discernimento. Então – dizem os céticos – quem quer dar uma determinada confirmação a uma coisa sensível ou inteligível deve primeiro determinar uma opinião corrente a seu respeito, porque alguns eliminaram uma teoria, e outros, outra. Os meios para julgar são os sentidos ou a razão, mas tanto eles como ela estão sujeitos a dúvidas.

(93) Mas, por outro lado é impossível julgar as coisas sensíveis ou inteligíveis de acordo com determinadas opiniões. E se é necessário negar fé a todas as coisas por causa do conflito de nossos pensamentos, elimina-se assim a medida com que todas as coisas podem ser aparentemente determinadas. E por isso os céticos pensam que todas as coisas são iguais. Além disso, acrescentam os céticos, quem investiga conosco um fenômeno ou é digno de fé ou não é. Se é digna de fé, essa pessoa nada terá a replicar a quem afirmar o contrário, porque como ela é digna de fé naquilo que diz sobre o fenômeno, seu opositor também o é. Se, ao contrário, não merece fé, ela não terá crédito naquilo que diz sobre o fenômeno.

(94) Não se deve tampouco admitir que seja verdadeiro aquilo que tem força de convicção, pois a mesma coisa não convence todos, nem convence sempre as mesmas pessoas. E a capacidade de persuasão depende de circunstâncias externas e da fama do orador e de sua profundidade de pensamento, ou de sua capacidade de agradar, ou do tom familiar ou gracioso de sua oratória.

Os céticos suprimem também o critério da verdade, raciocinando da seguinte maneira: O critério tem ou não tem uma base crítica. Se não tem, carece de credibilidade e não está em condições de aprender nem o verdadeiro nem o falso. Se o critério tem uma base crítica pertence à classe do juízo particular, de tal maneira que a mesma coisa julga e é julgada, e aquilo que determinou criticamente o critério será criticado por outro critério, e este, por seu turno, por outro e assim por diante até o infinito.

(95) Além disso o critério é determinado de maneira divergente. Alguns filósofos sustentam que o critério é o homem, outros que são os sentidos, outros que é a razão, e outros ainda que é a apresentação compreensiva[721].

Ora: o homem está em desacordo seja consigo mesmo, seja com os outros, como se pode ver claramente graças à diversidade das leis e dos costumes; os sentidos enganam, a razão é discordante, a apresentação compreensiva é determinada pela mente e a mente volta-se em várias direções. Não se pode então conhecer o critério; logo, não se pode também conhecer a verdade.

(96) Os céticos negam a existência de um sinal indicativo da verdade, argumentando da seguinte maneira: se existe um sinal, ele é sensível ou inteligível; ora: o sinal não é sensível porque o sensível é um atributo comum, enquanto o sinal é particular. O sensível caracteriza o que se diversifica em si e por si, e o sinal caracteriza o que é relativo. O sinal não é tampouco inteligível, porque o inteligível é aparição de um fenômeno ou ausência de aparição daquilo que não

721. A *kataleptiké phantasia*.

é fenômeno. O sinal não é nada disso, portanto não existe. Não é aparição de um fenômeno porque o fenômeno não necessita de um sinal; não é ausência de aparição daquilo que não é fenômeno porque o que é revelado por qualquer coisa deve aparecer; (97) tampouco pode ser ausência da aparição de um fenômeno, porquanto aquilo que pode oferecer a possibilidade de compreensão deve aparecer; não é aparição do que é fenômeno porque o sinal pertencente a coisas relativas deve ser compreendido sempre em conjunto com aquilo de que é sinal, e não é este o caso. Logo, nada daquilo que é obscuro ou incerto pode ser compreendido, pois é por meio dos sinais que se diz que as coisas incertas devem ser compreendidas.

Os céticos suprimem também a causa com o seguinte raciocínio. A causa é algo relativo, e de fato é relativa ao efeito. (98) O relativo é apenas pensado, faltando-lhe existência real. Portanto a causa pode ser somente objeto de pensamento, pois se é causa deve trazer consigo aquilo de que se diz que é causa; se assim não fosse, não seria uma causa. Da mesma forma que um pai, se não está presente aquilo em relação a que se diz que ele é pai, já não seria pai, assim é a causa. Mas, não existe aquilo em relação a que se pensa a causa, ou seja, o efeito, porque não existe criação nem destruição nem outra coisa qualquer; logo, a causa não existe. Entretanto, admitindo-se que haja uma causa, ou o corpo é causa de um corpo, ou o que é incorpóreo é causa daquilo que é incorpóreo. Mas nada disso acontece; logo, a causa não existe. De fato, o corpo não poderia ser causa de um corpo, porquanto ambos têm a mesma natureza. E se chamamos um corpo de causa enquanto é corpo, também o outro enquanto é corpo tornar-se-á causa.

(99) Mas, se ambos são igualmente causas, nada haverá para sofrer o efeito. Pela mesma razão o incorpóreo não poderia ser causa do incorpóreo. E o incorpóreo não é causa do corpo, pois nada que é incorpóreo pode criar um corpo. Tampouco o corpo poderia ser causa do incorpóreo, porquanto aquilo que é produzido deve ser matéria passiva; mas, já que não sofre coisa alguma por causa de sua incorporeidade, não pode ser produzido por coisa alguma. Logo, não existe a causa. Disso conclui-se também que os princípios do universo não têm uma existência real, pois nesse caso deveria existir algo que cria e age.

O movimento também não existe, pois o que se move ou se move no lugar em que está ou no lugar em que não está. Ora: no lugar em que está não se move, e ainda menos no lugar em que não está. Logo, o movimento não existe.

(100) Os céticos suprimem também a instrução, usando o seguinte raciocínio. Se algo é ensinado, dizem eles, o existente é ensinado por meio de sua existência, ou o não-existente é ensinado por meio de sua não-existência. Mas o existente não é ensinado por meio de sua existência, pois a natureza das coisas manifesta-se espontaneamente a todos e é conhecida imediatamente; tampouco o não-existente é ensinado por meio do não-existente, pois nada acontece ao não-existente, de tal maneira que nada pode ser ensinado.

Os céticos negam igualmente o vir a ser. Com efeito, o que é não vem a ser, porque já é; nem o que não é, pois não tem existência substancial, e o que não é substancial nem existente não pode tampouco ter possibilidade de vir a ser.

(101) Nem o bem nem o mal existem por natureza, pois se há por natureza algo bom ou algo mau, deve ser bom ou mau para todos, da mesma forma que a neve é fria para todos; mas nada existe de bom ou de mau para todos; logo, nem o bom nem o mal existem por natureza. Com efeito, ou tudo que é considerado bom

por qualquer pessoa deve ser chamado bom, ou nem tudo; mas certamente não se pode dizer que tudo é bom, pois uma mesma coisa é considerada um bem para uma pessoa – por exemplo, o prazer por Epicuros – e um mal para outra, como o mesmo prazer por Antistenes. Disso se deve deduzir que a mesma coisa é boa e má ao mesmo tempo. Mas, se dizemos que nem tudo que alguém considera bom é bom, temos de distinguir as opiniões diferentes, porém isso é impossível em decorrência da eqüipolência de argumentos opostos. Logo, o bem por natureza não pode ser conhecido.

(102) Pode-se compreender todo o modo de deduções conclusivas dos céticos lendo suas obras conservadas. O próprio Pírron, na verdade, nada deixou escrito, porém seus discípulos e companheiros de investigação – Tímon, Ainesídemos, Nausifanes e ainda outros –, deixaram.

Os filósofos dogmáticos polemizam com eles sustentando que não é verdade que os céticos não compreendem ou não dogmatizam, pois o momento mesmo em que imaginam estar refutando chegam a uma compreensão das coisas e no mesmo instante afirmam e dogmatizam[722]. Sendo assim, quando dizem que não definem coisa alguma, e que a cada proposição se contrapõe outra, eles não somente definem como dogmatizam. (103) Os céticos rebatem dizendo o seguinte. "Para aquilo que nos afeta como homens, damos razões. Admitimos reconhecer o dia e o fato de vivermos, além de muitos outros fatos da vida cotidiana. Mas, quando se trata de afirmações categóricas dos dogmáticos, que sustentam havê-las compreendido definitivamente, suspendemos o juízo porque para nós elas são incertas, e nos limitamos a conhecer somente o que nós mesmos provamos e sentimos. Admitimos ver e reconhecemos ter este pensamento determinado, mas na realidade não sabemos como vemos e como pensamos. Que um certo objeto parece branco, dizemos para narrar alguma coisa, mas não afirmamos com segurança que seja realmente assim. E quanto à nossa máxima 'Nada defino' e similares[723], elas não têm valor dogmático para nós, e não são de forma alguma iguais às afirmações do tipo 'O mundo é esférico'. (104) Esta última afirmação pressupõe a determinação de algo incerto, enquanto nossos modos de dizer são meras admissões. Quando dizemos que não definimos coisa alguma, nem isto definimos."

Além disso os dogmáticos dizem que os céticos suprimem a própria vida, pois rejeitam tudo que compõe a vida. Os céticos, todavia, respondem que essa acusação é falsa, pois não negam que vemos, dizendo somente que não sabem como vemos. "Admitimos o fenômeno" – dizem os céticos – "sem admitir-mos que ele é o que aparenta ser. Percebemos que o fogo queima, porém suspendemos o juízo quando se trata de saber se queimar é da natureza do fogo".

(105) "Vemos que um homem se move e que outro morre, mas não sabemos como isso acontece. Nossa única objeção fundamental refere-se à inclusão das coisas obscuras entre os fenômenos, como se tivessem a mesma substância destes. E quando dizemos que um quadro apresenta projeções, estamos descrevendo o que é aparente; entretanto, se dizemos que o mesmo não apresenta projeções, já

722. Veja-se o § 77 deste livro.
723. Veja-se o § 74 deste livro.

não estamos falando do que é aparente, e sim de outra coisa." Por isso Tímon diz no *Píton* que não se afasta do costumeiro. E nas *Imagens* o mesmo Tímon diz[724]:

"Mas a aparência é onipotente, onde quer que ela se mostre."

E na obra *Das Sensações*:

"Não asseguro que o mel seja doce, apenas reconheço que parece ser."

(106) E no primeiro livro de seus *Discursos Pirronianos* Ainesídemos diz que Pírron nada define dogmaticamente, por causa da possibilidade de contradição, mas guia-se pelos fenômenos. Ainesídemos repete a mesma afirmação em suas obras *Contra a Sapiência* e *Da Investigação*. Também Zêuxis, amigo de Ainesídemos, em sua obra *Dos Discursos Dúplices*, e Antíocos de Laodicea, e Apelás em sua obra *Agripa*, admitem que somente os fenômenos são válidos. Logo, o fenômeno é o critério da verdade dos céticos (pelo menos é o que diz Ainesídemos). E Epícuros também se manifesta assim. Demócritos, entretanto, tira toda a validade dos fenômenos, que para ele não existem.

(107) Contra esse critério dos fenômenos os dogmáticos objetam: se temos impressões diferentes das mesmas coisas – por exemplo, de uma torre que parece redonda mas é quadrada –, o cético, a não ser que dê preferência a uma ou a outra, será incapaz de tomar uma decisão; mas – dizem os dogmáticos –, se ele seguir uma das duas impressões não admitirá mais que os fenômenos sejam eqüipolentes. Os céticos replicam: se temos impressões diferentes, diremos que ambas têm para nós o valor de aparência. Conseqüentemente, admitimos a validade dos fenômenos porque estes aparecem.

O fim supremo para os céticos é a suspensão do juízo, à qual se segue a imperturbabilidade como se fosse sua sombra, como dizem Tímon e Ainesídemos e seus adeptos.

(108) "Tanto quanto depende de nós, não escolhemos isto nem evitamos aquilo; e no que não depende de nós, mas é determinado pela necessidade, como a fome, a sede e a dor, não podemos escapar; trata-se, com efeito, de coisas que não podemos suprimir com a simples força da razão." Os dogmáticos objetam que, sendo assim, o cético poderá viver em tal estado de espírito que não se absterá de matar e comer seu próprio pai se lhe ordenarem que faça isso. Os céticos replicam que poderão viver porque se comportarão de maneira a suspender o juízo a propósito de questões dogmáticas, mas não a propósito de questões relacionadas com a vida e sua preservação. Conseqüentemente, escolheremos e rejeitaremos deixando-nos guiar pela observação dos hábitos e das leis. Segundo outros autores, o fim supremo dos céticos é a impassibilidade, e ainda de acordo com outros, a calma.

Capítulo 12. TÍMON[725]

(109) Nosso[726] Apolonides de Nícaia, no primeiro livro de seus *Comentários às Sátiras*, dedicados ao imperador Tibério, afirma que Tímon era filho de Timarcos e

724. Fragmento 69 Diels.
725. Aproximadamente 320-230 a.C..
726. Esse "nosso", segundo alguns estudiosos, denotaria que Diógenes Laértios se considerava um cético. Veja-se a introdução.

natural de Fliús. Ficando órfão ainda jovem, foi coreuta nos teatros; mais tarde, desgostoso dessa atividade, foi para Mégara juntar-se a Stílpon; permaneceu com ele durante algum tempo, mas voltou em seguida à sua terra natal e se casou. Juntamente com a mulher viajou em seguida para Élis a fim de tornar-se discípulo de Pírron, e lá viveu até o nascimento de dois filhos. O mais velho destes chamava-se Xantos e foi instruído por ele na medicina, sendo deixado como sucessor de seu modo de viver.

(110) Esse filho, segundo o testemunho de Sotíon em seu undécimo livro, conquistou uma reputação considerável. Tímon, entretanto, compelido pela necessidade de obter seu sustento, emigrou para o Heléspontos e para a Propontis. Em Calcêdon, exercendo a profissão de sofista, despertou sempre a maior admiração, e de lá, depois de enriquecer, veio para Atenas, onde residiu até morrer, excetuando-se um breve período passado em Tebas. Conheceu o rei Antígonos e Ptolemaios Filadelfos, como ele mesmo diz em seus *Iambos*.

De acordo com a informação de Antígonos de Caristos, Tímon apreciava o vinho, e quando podia interromper os estudos filosóficos dedicava-se à poesia, tendo escrito poemas épicos, tragédias, dramas satíricos, trinta comédias e sessenta tragédias, além de sátiras e versos obscenos. (111) Existem dele ainda obras em prosa num total de vinte mil linhas, mencionadas por Antígonos de Caristos, que escreveu também uma *Vida de Tímon*. As *Sátiras* abrangem três livros, nos quais Tímon, como cético, ataca e satiriza todos os filósofos dogmáticos em tom de paródia. O primeiro livro é em forma simplesmente expositiva, na primeira pessoa, e o segundo e o terceiro são em forma de diálogo. Nestes ele se apresenta interrogando Xenofanes de Colofon acerca de cada filósofo, enquanto Xenofanes lhe responde longamente, no segundo livro sobre os filósofos antigos e no terceiro sobre os filósofos recentes, razão pela qual este último livro recebeu de alguns autores a denominação de *Epílogo*. (112) O primeiro livro trata dos mesmos assuntos, com a diferença de que o poema é em forma de monólogo.

Seu início é o seguinte:

"Dizei-me agora, sofistas, gente polêmica."

Morreu aproximadamente aos noventa anos de idade, como afirmam Antígonos e Sotíon no undécimo livro. Ouvimos dizer ainda que Tímon tinha um olho só, e o próprio filósofo costumava chamar-se de Ciclope. Houve um outro Tímon, chamado "o Misantropo".

Nosso filósofo, ainda de acordo com Antígonos, apreciava muito os jardins e preferia tratar de seus próprios assuntos. Há uma história segundo a qual o peripatético Hierônimos teria dito a seu respeito: "Da mesma forma que entre os citas tanto os que fogem como os que avançam atiram com o arco, os filósofos também vão à caça de discípulos, alguns seguindo-os, e outros fugindo, como Tímon."

(113) Tímon foi um pensador perspicaz, além de manejar habilmente o escárnio. Dedicava-se apaixonadamente à literatura e sempre elaborava detalhadamente esboços mitológicos para os poetas desenvolverem, além de colaborar com eles no arranjo correto da estrutura dos dramas. Fornecia habitualmente material para as tragédias de Alêxandros e Hômeros[727]. Quando as criadas e os cães o perturbavam nada conseguia fazer, sendo seu maior desejo manter a

727. Alêxandros da Aitolia e Hômeros de Bizântion.

tranqüilidade. Conta-se que Áratos lhe havia perguntado como poderia conseguir os poemas homéricos no texto autêntico, e Tímon respondeu-lhe: "Dando preferência às cópias antigas, e não às corrigidas."

(114) Tímon deixava seus poemas negligentemente em casa, às vezes já meio deteriorados. Ele era tão distraído que, lendo-os para o retórico Zópiros, saltava as páginas, e recomeçando de um trecho qualquer recitava o que lhe caía sob os olhos; chegando porém à metade, descobria o trecho que procurava em vão. Era de tal forma afeito à tranqüilidade do estudo que não o interrompia sequer para ir jantar.

Conta-se que em certa ocasião viu Arcesílaos atravessando a praça dos Cêrcopes e lhe disse: "Que fazes aqui onde estamos, nós, os homens livres?" Contra os filósofos que admitiam a validade das sensações confirmadas pela razão, Tímon citava freqüentemente o verso[728]:

"Atagás e Numênios se encontraram."

Tímon costumava fazer gracejos desse tipo, como se pode deduzir também das seguintes anedotas. A alguém que se admirava de tudo o filosófo disse: "Por que não te admiras de que nós, embora sejamos três, tenhamos apenas quatro olhos?" De fato, Tímon tinha apenas um, e seu discípulo Dioscurides também, enquanto a pessoa a quem ele se dirigia era normal.

(115) Arcesílaos perguntou-lhe em certa ocasião por que viera de Tebas para Atenas, e sua resposta foi: "Para rir, vendo-vos em exibição ao ar livre."

Entretanto, embora atacando Arcesílaos nas *Sátiras*, Tímon lhe faz elogios na obra intitulada *Banquete Fúnebre de Arcesílaos*.

De acordo com Menôdotos, Tímon não deixou sucessor algum, e a escola interrompeu as atividades até sua reabertura por Ptolemaios de Cirene. Mas, como dizem Hipóbotos e Sotíon, foram seus discípulos Dioscurides de Chipre, Nicólocos de Rodes, Eufrânor de Seleucia e Prailos da Troas; este último era tão obstinadamente corajoso que, acusado injustamente de traição, sofreu o castigo sem dar aos concidadãos a satisfação de lhes dirigir uma palavra sequer.

(116) Eufrânor teve como discípulo Êubolos, de quem foi aluno Ptolemaios; deste, por seu turno, foram discípulos Sarpêdon e Heracleides. De Heracleides foi discípulo Ainesídemos de Cnossos, autor de oito livros de *Discursos Pirronianos*. De Ainesídemos foi discípulo Zêuxipos, seu concidadão, e deste foi discípulo Zêuxis, cognominado "Pés Tortos", que foi mestre de Antíocos de Laodicea no Licos. Deste Antíocos foram discípulos Menôdotos de Nicomedia, médico empírico, e Teiodás de Laodicea. De Menôdotos foi discípulo Heródotos de Tarsos, filho de Arieus; de Heródotos foi discípulo Sextos Empeiricôs, autor de uma obra em dez livros sobre o ceticismo. De Sextos foi discípulo Saturninos, chamado Citenas, também médico empírico.

728. Nomes de dois ladrões famosos. Trata-se de um provérbio aplicável quando duas pessoas (ou coisas) de má fama estão juntas.

LIVRO X

EPÍCUROS[729]

(1)Epícuros, filho de Neoclés e de Cairestrate, ateniense do demo Gargetos, era de estirpe dos Filaídas, como diz Metrôdoros em sua obra *Da Nobreza de Nascimento*. Outros autores, entre os quais Heracleides em sua *Epítome de Sotíon*, afirmam que ele foi criado em Samos, após a colonização ateniense, e que aos dezoito anos veio para Atenas, quando Xenocrates ensinava na Academia e Aristóteles em Calcis. Após a morte de Alexandre, o Macedônio, e a expulsão dos colonizadores atenienses de Samos por Perdicas, Epícuros deixou Atenas para ir juntar-se a seu pai em Colofon. (2) Lá ele permaneceu durante algum tempo e reuniu discípulos em torno de si, mas em seguida retornou a Atenas, no arcontado de Anaxicrates[730].

Até certa época dedicou-se à filosofia juntamente com outros mestres, porém depois adotou pontos de vista independentes, fundando a escola cujo nome deriva dele. O próprio Epícuros narra que teve o primeiro contato com a filosofia aos quatorze anos de idade. No primeiro livro de sua *Vida de Epícuros*, o epicurista Apolôdoros afirma que Epícuros se voltou para a filosofia após haver repudiado os mestres-escolas porque não souberam explicar-lhe a significação de "caos" em Hesíodos[731]. Hêrmipos, todavia, diz que o próprio Epícuros foi mestre-escola, e que mais tarde a leitura das obras de Demôcritos o levou a dedicar-se avidamente à filosofia.

(3) Por isso Tímon fala dele nos seguintes termos[732]:

> "Último dos físicos, o mais porco e mais cão, vindo de Samos, mestre-escola, o mais ignorante dos seres vivos."

Instigados por Epícuros, seus três irmãos Neoclés, Cairêdemos e Aristôbulos estudaram filosofia juntamente com ele, de acordo com o testemunho do epicurista Filôdemos no décimo livro de sua obra *Índice dos Filósofos*, e além deles um escravo seu chamado Mis, como diz Mironianos em seus *Paralelos Históricos*.

O estóico Diôtimos demonstrou sua hostilidade a Epícuros caluniando-o acerbamente com a publicação de cinqüenta cartas escandalosas sob o nome de Epícuros. Teve a mesma intenção o compilador de uma coletânea de cartas publicadas como se fossem de Epícuros, mas na realidade atribuídas geralmente a Crísipos.

(4) Também o caluniaram o estóico Poseidônios e sua escola, e Nicôlaos e Sotíon no décimo segundo livro da obra intitulada *Refutações Dioclecianas* (composta de vinte e quatro livros), e Dionísios de Halicarnassôs. Segundo estes autores,

---

729. 341-271 a.C..
730. 307-306 a.C..
731. Essa informação aparece com maiores detalhes em Sextos Empeiricôs, *Contra os Matemáticos*, X, 18.
732. Fragmento 51 Diels.

Epícuros andava juntamente com sua mãe pelas casas de pessoas pobres recitando fórmulas expiatórias, e ajudava seu pai como mestre-escola por um salário irrisório; além disso prostituiu um de seus irmãos e convivia com a cortesã Leôntion, e fazia passar por suas a doutrina atomística de Demôcritos e a hedonística de Arístipos. Mais ainda: Epícuros não seria cidadão ateniense legítimo, de acordo com a afirmação de Timocrates e Herôdotos em seu livro *Sobre a Efebia de Epícuros*. Teria adulado vergonhosamente Mitres, ministro de Lisímacos, atribuindo-lhe em suas cartas os epítetos "Deus da Cura" e "Senhor", privativos de Apolo, (5) e não regateou louvores e adulações a Idomeneus, Herôdotos e Timocrates, divulgadores de suas doutrinas exotéricas.

E nas cartas a Leôntion o filósofo escreve: "Deus da Cura! Senhor! Pequena Leôntion querida, que transbordamento de alegria me inspirou a leitura de tua carta!" E a Temista, mulher de Leonteus: "Se não vieres ver-me, estou pronto a ser impelido até onde tu e Temista me disserdes para ir, girando a cadeira de três rodas."

E a Pitoclés, um belo jovem: "Sentarei e esperarei que tu, meu desejo, chegues a mim igual a um deus."

E como diz Teôdoros no quarto livro de sua obra *Contra Epícuros*, em outra carta a Temista ele escreve que está acostumado a entregar-se a qualquer loucura com ela sob o efeito do vinho.

(6) Ele teria escrito ainda a muitas cortesãs, especialmente a Leôntion, por quem Metrôdoros também estava enamorado. Há até uma citação de um trecho de sua obra *Do Fim Supremo*, nos seguintes termos: "Não sei como conceber o bem se excetuo os prazeres do palato, os prazeres do sexo e os prazeres derivados da audição ou da contemplação da beleza."

E em uma passagem de sua carta a Pitoclés: "Alça tua vela, amigo, e foge de toda cultura, seja ela qual for."

Epíctetos o chama de pregador de obscenidades e o critica asperamente.

Além disso Timocrates, irmão de Metrôdoros e discípulo de Epícuros, após abandonar a escola, numa obra intitulada *Delícias* afirma que Epícuros era tão afeito à vida dissoluta que vomitava duas vezes por dia[733], acrescentando que ele mesmo somente a muito custo conseguiu fugir àqueles entretenimentos filosóficos noturnos e àquelas reuniões de iniciados em seus segredos; (7) e que Epícuros era muito deficiente na preparação filosófica, porém demonstrava ignorância ainda maior nos problemas da vida cotidiana; e que suas condições físicas eram tão precárias que durante muitos anos não pôde levantar-se de sua cadeira; e que gastava uma mina por dia à mesa; como o próprio filósofo escreve numa carta a Leôntion e noutra aos filósofos de Mitilene; e que viviam com ele e com Metrôdoros muitas cortesãs, entre as quais Mamárion, Hedeia, Erótion e Nicídion; e que nos trinta e sete livros *Da Natureza* Epícuros repete inúmeras vezes as mesmas coisas e polemiza constantemente com os outros, especialmente com Nausífanes, como se pode ver em suas palavras transcritas a seguir: "Mas, que se vão embora! Quando ele dava à luz alguma coisa, como se fosse entre as dores do parto, deixava sair de seus lábios a jactância sofística, à semelhança de tantos outros servos."

733. Subentenda-se: "para poder comer mais".

(8) E que o próprio Epícuros diz em suas cartas o seguinte de Nausífanes: "Isso o transtornou a tal ponto que ele me injuriou e se proclamou o meu mestre."

Epícuros costumava chamar Nausífanes de "água viva" (o molusco), "analfabeto", "fraudador" e "prostituta"; chamava os platônicos de "aduladores de Dionísios", e o próprio Platão de "homem de ouro", e Aristóteles de "dissipador", que após haver devorado a herança paterna se dedicou à vida militar e à venda de medicamentos, e Protagoras de "carregador" e "escriba de Demôcritos", além de "mestre-escola nas vilas", e Heráclitos de "remisturador", e Demôcritos de "Lerôcritos"[734], e Antídoros de "Sanídoros"[735], e os filósofos cínicos de "inimigos da Hélade", e os dialéticos de "espoliadores", e Pírron de "ignorante e mal-educado".

(9) Mas, esses detratores são uns desatinados, porque nosso filósofo apresenta testemunhos suficientes de seus sentimentos insuperavelmente bons para com todos: a pátria que o honrou com estátuas de bronze; os amigos, cujo número era tão grande que não podiam ser contados em cidades inteiras; todos aqueles que conviviam intimamente com o filósofo, ligados a ele pelo vínculo do fascínio de sua doutrina, como se fosse uma sereia (se excetuarmos Metrôdoros de Stratonicea, que se transferiu para a escola de Carneades, talvez porque a invencível bondade do mestre lhe pesasse); a continuidade ininterrupta de sua escola que, enquanto quase todas as outras desapareciam, permanece para sempre com seu contingente inumerável de discípulos transmitindo uns aos outros o posto de escolarca; (10) e a gratidão a seus pais, a generosidade para com os irmãos, a gentileza em relação aos servos, como demonstram claramente seu testamento e o fato de estes últimos participarem de seu ensinamento filosófico (o mais notório entre eles foi Mis, de quem já falamos); e de um modo geral sua filantropia extensiva a todos.

Sua piedade para com os deuses e seu apego à pátria não podem ser expressos com palavras. Por excesso de moderação, Epícuros não participou da vida política. Apesar das terríveis calamidades que se abatiam sobre a Hélade em sua época, ele passou toda a sua vida lá, à exceção de duas ou três viagens a certas regiões da Iônia com o objetivo de visitar amigos. Os amigos vinham de todas as partes para vê-lo, e viviam juntamente com ele no Jardim, como diz Apolôdoros (11) – sabemos, graças a Dioclés no terceiro livro de seu *Sumário*, que Epícuros havia comprado o Jardim por oitenta minas –, numa convivência muito simples e modesta; "contentavam-se", diz Dioclés, "com um copo de vinho ordinário, mas geralmente bebiam apenas água". O mesmo autor acrescenta que Epícuros não admitia a comunhão dos bens e não aceitava, portanto, a máxima de Pitágoras "Os bens dos amigos são comuns", pois a comunhão traria desconfiança, e sem confiança não pode haver amizade. O próprio Epícuros diz em suas cartas que se contentava apenas com água e um simples pão. E diz: "Manda-me um pequeno pote de queijo, para que eu possa banquetear-me quando tiver vontade."

Este era o homem segundo o qual o prazer é o fim supremo da vida, que Atênaios elogia no seguinte epigrama[736]:

> (12) "Cansai-vos, homens, por coisas de nenhum valor, para conseguir algum proveito, e com vossa avidez provocai discórdia e guerras. Mas, a

734. Ou seja: "Falador de tolices".
735. Ou seja: "Corruptor com presentes".
736. *Antologia Palatina*, IV, 43.

duração da riqueza estabelecida pela própria natureza é breve, enquanto o vão juízo humano estende-se infinitamente." Esta mensagem o sábio filho de Neoclés ouviu das Musas ou da trípode sagrada de Píton.

Essas qualidades mostrar-se-ão com clareza ainda maior no curso de nossa exposição de sua doutrina e de suas máximas.

De conformidade com o testemunho de Dioclés, entre os filósofos antigos Epícuros apreciava mais Anaxagoras, embora discordasse dele em alguns pontos específicos, e Arquêlaos, mestre de Sócrates.

Dioclés acrescenta que Epícuros exercitava os discípulos para decorarem seus tratados[737].

(13) Em sua *Crônica*, Apolôdoros diz que Epícuros foi discípulo de Nausífanes e Praxífanes. Na realidade Epícuros nega essa circunstância, e na carta a Eurílocos afirma sua condição de autodidata. Segundo Epícuros e Hêrmacos, o filósofo Lêucipos não teria existido, enquanto outros autores – entre estes o epicurista Apolôdoros – dizem que Lêucipos foi mestre de Demôcritos. De acordo com Demétrios de Magnesia, Epícuros ouviu as lições de Xenocrates.

Epícuros designa as coisas com estilo apropriado porém individualíssimo, como assinala o gramático Aristófanes. Foi um escritor a tal ponto lúcido que em sua *Retórica* exigia a clareza do estilo como requisito fundamental.

(14) Em sua correspondência ele substituía a fórmula introdutória habitual "Vive bem" ou "Vive retamente" por "Saudações". Em sua *Vida de Epícuros* Áriston afirma que esse filósofo derivou a matéria de seu *Cânon* da *Trípode* de Nausífanes, e foi discípulo não somente de Nausífanes mas também do platônico Pânfilos de Samos, acrescentando que começou a estudar filosofia aos doze anos e passou a ensinar aos trinta e dois anos de idade.

De acordo com a *Crônica* de Apolôdoros, Epícuros nasceu no terceiro ano da 109ª Olimpíada[738], sendo arconte Sosigenes, no sétimo dia do mês Gamelion, sete anos após a morte de Platão.

(15) Com trinta e cinco anos de idade fundou uma escola de filosofia, primeiro em Mitilene e Lâmpsacos, e depois de cinco anos transferiu-a para Atenas, onde Epícuros morreu no segundo ano da 127ª Olimpíada[739], sendo arconte Pitáratos, aos setenta e dois anos de idade. Seu sucessor como escolarca foi Hêrmarcos filho de Agêmortos, nascido em Mitilene. Epícuros morreu em conseqüência de cálculos renais, depois de passar quatorze dias enfermo, como diz Hêrmarcos nas *Epístolas*. Hêrmarcos registra um detalhe, segundo o qual Epícuros, entrando numa tina de bronze cheia de água quente, pediu vinho puro e o bebeu avidamente, (16) e depois de recomendar aos amigos que se lembrassem de sua doutrina, expirou.

Há o seguinte epigrama de nossa autoria a seu respeito[740]:

"Adeus, e lembrai-vos de minha doutrina!" Estas foram as últimas palavras de Epícuros moribundo aos amigos; entrando então na tina de água quente, bebeu um gole de vinho puro e no mesmo gole o frio do Hades.

737. Vejam-se os parágrafos 35 e 85 deste livro.
738. Em 341 a.C..
739. 271-270 a.C..
740. *Antologia Palatina*, VII, 106.

Foi esta a vida desse homem, e este foi o seu fim.

Seu testamento é o seguinte: "Desta maneira lego todos os meus bens a Aminômacos, filho de Filocrates, do demo Bate, e a Timocrates, filho de Demétrios, do demo Pôtamos, de conformidade com a doação feita a cada um deles, cujos termos estão transcritos no Metrôon, (17) com a condição de que ponham o Jardim e todas as suas dependências à disposição de Hêrmarcos, filho de Agêmortos, mitilênio, e de seus companheiros em filosofia, e daqueles que Hêrmarcos deixará como seus sucessores na direção da escola, para lá viverem e estudarem, de modo a poderem colaborar da melhor maneira possível com Aminômacos e Timocrates em sua preservação. E confio esperançoso a continuidade para sempre do ensino no Jardim a todos os membros de nossa escola, e aos herdeiros de Aminômacos e Timocrates para que estes conservem e mantenham o Jardim tão seguro e intacto quanto possível, e também àqueles aos quais o confiarão os membros de nossa escola. A casa situada em Melita deve ser destinada por Aminômacos e Timocrates a Hêrmacos e a seus companheiros em filosofia, para que morem lá até a morte de Hêrmarcos.

(18) As rendas provenientes dos bens por nós legados a Aminômacos e Timocrates devem ser tanto quanto possível subdivididas por eles, de acordo com Hêrmarcos, e destinadas tanto aos sacrifícios fúnebres por meu pai, por minha mãe e por meus irmãos, como às celebrações habituais de meu aniversário natalício anualmente, no décimo dia do mês Gamelion, e à reunião de todos os nossos companheiros em filosofia no dia vinte de cada mês, dedicada à nossa recordação e à de Metrôdoros. Seguindo o nosso exemplo, devem ser celebrados os aniversários natalícios de meus irmãos no mês Poseideon, e o de Políainos no mês Metagitnion.

(19) Aminômacos e Timocrates deverão cuidar de Epícuros, filho de Metrôdoros, e do filho de Políainos, enquanto cultivarem a filosofia e viverem com Hêrmarcos. Deverão cuidar também da filha de Metrôdoros, e quando ela chegar à idade apropriada deverão dá-la em casamento àquele entre seus companheiros em filosofia que Hêrmarcos escolher, desde que ela tenha bons costumes e obedeça docilmente a Hêrmarcos. De nossas rendas, Aminômacos e Timocrates deverão destacar a importância necessária para seu sustento e entregar-lhe anualmente na medida em que lhes parecer conveniente, em consulta com Hêrmarcos.

(20) Além de terem o direito de dispor das rendas, Aminômacos e Timocrates deverão conceder o mesmo direito a Hêrmarcos, a fim de que tudo aconteça com o consentimento de quem envelheceu juntamente conosco na filosofia e passou a ser o dirigente de nossa escola. O dote para a menina, quando esta crescer, deverá ser tirado por Aminômacos e Timocrates do patrimônio, tanto quanto as circunstâncias permitirem, ouvido o parecer de Hêrmarcos. Seguindo o nosso exemplo, os dois deverão cuidar também de Nicânor, para que a todos os membros da escola que me prestaram serviços em minhas necessidades pessoais e demonstraram generosidade para comigo de qualquer modo e preferiram envelhecer comigo na escola não falte nada do que é necessário para viverem, tanto quanto nossos bens permitirem.

(21) Todos os meus livros devem ser dados a Hêrmarcos.

Se acontecer alguma das desditas humanas a Hêrmarcos antes de crescerem os filhos de Metrôdoros, Aminômacos e Timocrates dar-lhes-ão dos fundos deixados por nós o suficiente para todas as suas necessidades, enquanto sua conduta for

boa. E deverão cuidar de tudo mais de conformidade com nossas disposições. Dos escravos concedo liberdade a Mis, Nícias e Lícon; concedo liberdade também à escrava Fáidrion."

(22) Quando estava prestes a morrer, Epícuros escreveu a seguinte carta a Idomeneus: "Neste dia feliz, que é também o último dia de minha vida, escrevo-te esta carta. As dores contínuas resultantes da estrangúria e da disenteria são tão fortes que nada pode aumentá-las. Minha alma, entretanto, resiste a todos esses males, alegre ao relembrar os nossos colóquios passados. Cuida dos filhos de Metrôdoros, de maneira compatível com a generosa disposição espiritual que desde jovem mostrastes em relação a mim e à filosofia."

Foram estas suas últimas vontades. Epícuros teve numerosos discípulos, entre os quais foi especialmente ilustre Metrôdoros de Lâmpsacos, filho de Atênaios (ou de Timocrates) e de Sande. Desde o primeiro encontro com Epícuros, Metrôdoros não o deixou mais, à exceção de um período de seis meses durante o qual esteve em sua terra natal, de onde regressou novamente para sua companhia.

(23) Metrôdoros foi excelente em tudo, como Epícuros testemunha nas introduções a seus livros e no terceiro livro de sua obra *Timocrates*. Ele era assim; deu em casamento a Idomeneus sua irmã Batis, e fez da cortesã ateniense Leôntion sua companheira. Mostrou-se imperturbável ao enfrentar os tormentos e a morte, como Epícuros diz no primeiro livro de sua obra *Metrôdoros*. Sabemos ainda que sua morte ocorreu sete anos antes da morte do mestre, aos cinqüenta e três anos de idade, e o próprio Epícuros em seu testamento já mencionado fala claramente dele como já estando morto, dando instruções a seus testamenteiros para cuidarem dos filhos de Metrôdoros.

Timocrates, a quem aludimos anteriormente[741], irmão de Metrôdoros e um homem estouvado, foi também seu discípulo.

(24) As obras de Metrôdoros são as seguintes: *Contra os Médicos*, em três livros; *Das Sensações; Contra Timocrates; Da Magnanimidade; Da Saúde Precária de Epícuros; Contra os Dialéticos; Contra os Sofistas*, em nove livros; *Do Caminho para a Sabedoria; Da Mutação; Da Riqueza; Contra Demócritos; Da Nobreza de Nascimento.*

Outro discípulo ilustre foi Políainos de Lâmpsacos, filho de Atenôdoros, homem equânime e cordial, como dizem Filôdemos e seus seguidores. Também foi seu discípulo Hêrmarcos de Mitilene, filho de Agêmortos, sucessor de Epícuros como escolarca; seu pai era pobre e ele dedicou-se inicialmente ao estudo da retórica. Conservam-se dele os seguintes livros excelentes: (25) *Tratado sobre Empedoclés em Forma Epistolar*, em vinte e dois livros; *Das Ciências Matemáticas; Contra Platão; Contra Aristóteles*.

Hêrmarcos morreu de paralisia, depois de mostrar-se um homem capaz.

Além desses ainda se distinguiram entre seus discípulos Leonteus de Lâmpsacos e sua mulher Temista, a quem Epícuros escreveu cartas, e ainda Colotes e Idomeneus, também naturais de Lâmpsacos. Igualmente notável foi Polístratos, sucessor de Hêrmarcos como escolarca; sucedeu-o Dionísios, e a este sucedeu Basilides. Também se destacou Apolôdoros, o "tirano do Jardim", autor de mais de quatrocentos livros; distinguiram-se ainda os dois Ptolemaios de Alexandria – o moreno e o louro –, (26) e Zênon de Sídon, discípulo de Apolôdoros, polígrafo; e Demétrios, chamado Lácon; e Diôgenes de Tarsos, autor

741. Veja-se o § 6 deste livro.

da obra *Lições Seletas*; e Órion e outros que os epicuristas autênticos chamam de sofistas.

Existiram outros três personagens com o nome de Epícuros: o filho de Leonteus e de Temista; outro, de Magnesia, e ainda outro, mestre de esgrima.

Epícuros foi um polígrafo extraordinário, e superou todos os seus antecessores pelo número de obras, que totalizaram cerca de trezentos volumes; nelas não há citações de outros autores, sendo todas as palavras do próprio Epícuros. Crísipos tentou sobrepujá-lo em autoria de obras, e Carneades o chamou de parasita dos livros de Epícuros: "Crísipos tenta emular Epícuros abordando cada obra escrita por ele sobre um determinado assunto em outra obra da mesma extensão. (27) Por isso ele se repete com freqüência e escreve tudo que lhe vem à mente, e por causa da pressa deixa tudo por rever; as citações são tantas que somente elas enchem seus livros. E é possível descobrir o mesmo procedimento em Zênon e em Aristóteles."

São esses então os dados sobre as obras de Epícuros e suas peculiaridades; as melhores entre elas são as seguintes: *Da Natureza*, em trinta e sete livros; *Dos Átomos e do Vazio; Do Amor; Epítome dos Livros Contra os Físicos; Contra os Megáricos; Problemas; Máximas Principais; Do que Deve Ser Escolhido e Rejeitado; Do Fim Supremo; Do Critério, ou Cânon, Cairêdemos; Dos Deuses; Da Santidade*; (28) *Hegesiânax; Dos Modos de Vida*, em quatro livros; *Da Maneira Justa de Agir; Neoclés, a Temista; O Banquete; Eurílocos, a Metrôdoros; Da Visão; Do Ângulo no Átomo; Do Tato; Do Destino; Opiniões sobre os Sentimentos, Contra Timocrates; Prognóstico; Exortação à Filosofia; Das Imagens; Da Apresentação; Aristôbulos; Da Música; Da Justiça e das Outras Formas de Excelência; Dos Benefícios e da Gratidão; Polimedes; Timocrates*, em três livros; *Opiniões sobre as Doenças e a Morte, a Mitres; Calistolás; Da Realeza; Anaximenes; Epístolas.*

Tentarei expor a doutrina desenvolvida por Epícuros nessas obras transcrevendo três de suas *Epístolas*, nas quais ele apresenta uma epítome de toda a sua filosofia. (29) Transcreveremos também suas *Máximas Principais* e demais sentenças dignas de menção, de tal forma que possas, leitor, apreender todos os aspectos da personalidade do filósofo, ficando em condições de poder julgá-lo.

A primeira *Epístola*, dirigida a Heródotos, trata da física; a segunda, dirigida a Pitoclés, trata da meteorologia e da astronomia; a terceira, dirigida a Menoiceus, trata das concepções sobre a vida humana. Devemos começar pela primeira, após umas poucas observações acerca das divisões da filosofia segundo Epícuros.

A filosofia se divide em três partes: a canônica, a física e a ética. (30) A canônica é uma introdução ao sistema doutrinário, e constitui o conteúdo de uma única obra intitulada *Cânon*; a física abrange toda a teoria da natureza, e constitui a matéria dos trinta e sete livros *Da Natureza* e, em suas linhas gerais, das *Epístolas*; a ética trata dos fatos relacionados com a escolha e a rejeição, constituindo a matéria das obras *Dos Modos de Vida, Epístolas* e *Do Fim Supremo*. Os epicuristas, todavia, costumam reunir a canônica e a física e chamam a canônica de ciência do critério da verdade e do primeiro princípio, e também doutrina elementar; chamam a física de ciência do nascimento e da morte, e também da natureza; a ética é chamada pelos mesmos de ciência do que deve ser escolhido e rejeitado, e também dos modos de vida e do fim supremo.

(31) Os epicuristas rejeitam a dialética como supérflua, porque os físicos devem limitar-se a usar os termos naturais para significar as coisas. No *Cânon*, Epícuros afirma que os critérios da verdade são as sensações, as antecipações e os

sentimentos, acrescentando a estes a apreensão direta das apresentações do pensamento. Essas afirmações ocorrem também na *Epítome a Herôdotos* e nas *Máximas Principais*.

Toda sensação, diz ele, é destituída de lógica e incapaz de memorizar; nem por si mesma, nem movida por causas externas, pode acrescentar e tirar seja o que for. E nada existe que possa contradizer as sensações. (32) Tampouco uma sensação homogênea pode contradizer outra sensação homogênea, porque uma e outra são eqüipolentes, nem uma sensação heterogênea pode contradizer outra heterogênea, porque os objetos de seus juízos não são os mesmos; nem a razão pode contradizer as sensações, porque a razão depende totalmente das sensações. Nem uma sensação pode contradizer outra, porque nossa atenção está voltada igualmente para todas. A veracidade das sensações é garantida pela existência efetiva das percepções imediatas. Ver e ouvir são tão reais quanto sentir a dor; logo, é necessário que nossas inferências sobre aquilo que não cai no âmbito dos sentidos provenham do mundo dos fenômenos. Realmente, todas as nossas noções derivam das sensações, seja por incidência, ou por analogia, ou por semelhança, ou por união, com uma certa colaboração também do raciocínio. As visões dos loucos e as que aparecem nos sonhos são verdadeiras, porque movem a mente; e o que não existe não a move.

(33) Por antecipação eles entendem uma espécie de cognição ou apreensão imediata do real, ou uma opinião correta, ou um pensamento ou uma idéia universal ínsita na mente, ou seja, a memorização de um objeto externo que apareceu freqüentemente, como quando dizemos: "Isto aqui é um homem". De fato, logo que se pronuncia a palavra "homem", sua figura se apresenta imediatamente ao nosso pensamento por via de antecipação, guiada preliminarmente pelo sentido. Por meio de cada palavra, evidencia-se aquilo que está originariamente no fundo. E não poderíamos investigar sobre aquilo que investigamos se já não tivéssemos tido um conhecimento anterior. Por exemplo, para podermos afirmar: "aquilo que está à distância é um cavalo ou um boi", devemos, por antecipação, ter conhecido em alguma ocasião a figura de um cavalo ou de um boi. A nada poderíamos dar o nome se anteriormente não tivéssemos percebido a sua forma por antecipação. As antecipações são imediatamente evidentes. Também aquilo que constitui uma opinião nova depende de uma visão anterior imediatamente evidente, à qual já nos referimos, quando por exemplo dizemos: "Como sabemos que isto é um homem?"

(34) Os epicuristas chamam também a opinião de suposição, e distinguem a opinião verdadeira da falsa; a opinião é verdadeira se a evidência dos sentidos a confirma ou não a contradiz; é falsa se a evidência dos sentidos não a confirma ou a contradiz. Por isso eles introduziram a frase "aquilo que espera confirmação", como quando estamos na expectativa e nos aproximamos da torre e percebemos como ela é de perto.

Eles dizem que os sentimentos (ou afecções) são dois: o prazer e a dor, que se manifestam em todas criaturas humanas, e que o primeiro é conforme à natureza humana, e a outra lhe é contrária, e que por meio dos dois são determinadas a escolha e a rejeição. Há duas espécies de investigação: uma relativa às coisas e outra relativa às simples palavras.

São essas as linhas básicas das divisões da filosofia e do critério da verdade. Voltemos agora à carta.

"Epícuros a Herôdotos, saudações.

(35) Para os incapazes de estudar acuradamente cada um de meus escritos sobre a natureza, Herôdotos, ou de percorrer detidamente os tratados mais longos, preparei uma epítome de todo o meu sistema a fim de que possam conservar bem gravado na memória o essencial dos princípios mais importantes e estejam em condições de sustentá-los em quaisquer circunstâncias, desde que se dediquem ao estudo da natureza.

Aqueles que progrediram suficientemente na contemplação do universo devem ter na memória os elementos fundamentais de todo o sistema doutrinário, pois necessitamos freqüentemente de uma visão de conjunto, embora não aconteça o mesmo com os detalhes.

(36) Com efeito, devemos voltar incessantemente à visão unitária e sintética, e memorizá-la de maneira a poder obter dela uma concepção fundamental para a compreensão das coisas e especialmente descobrir todos os pontos de vista exatos para a compreensão das particularidades, quando os princípios gerais e fundamentais estiverem corretamente entendidos e firmemente fixados na memória; com efeito, também para quem tiver chegado a uma perfeita maturidade o requisito básico para todo conhecimento exato é a faculdade de adotar com presteza as concepções principais, porquanto cada particularidade se reduz a elementos simples e a termos igualmente simples; realmente, será impossível obtermos a massa compacta dos resultados derivados do estudo diligente da ciência do universo, se não estivermos em condições de abraçar com a mente, por meio de fórmulas concisas, também os mínimos detalhes expressos com a máxima exatidão.

(37) Portanto, sendo tal caminho útil a todos que se familiarizaram com a investigação da natureza, eu, que dedico incessantemente minhas energias à investigação da natureza, e desse modo de viver tiro principalmente a minha calma, preparei para teu uso uma espécie de epítome e um sumário dos elementos fundamentais de minha doutrina em sua totalidade.

Em primeiro lugar, Herôdotos, devemos apreender as idéias inerentes às palavras, para podermos ser capazes de nos referir a elas e julgar assim as inferências de opinião ou problemas de investigação ou reflexão, de maneira a não deixar tudo incerto e não ter de continuar explicando tudo até o infinito, ou então usar palavras destituídas de sentido.

(38) Para atingirmos esse objetivo é essencial que a primeira imagem mental associada a cada palavra seja percebida, e que não haja necessidade de explicação, se quisermos ter realmente um padrão ao qual seja possível referir um problema de investigação ou reflexão ou uma inferência mental. Além disso devemos compatibilizar todas as nossas investigações com nossas sensações, e particularmente com as apreensões imediatas, sejam elas da mente ou de qualquer outro instrumento de juízo, e compatibilizá-las igualmente com os sentimentos existentes em nós, para podermos ter indicações que nos permitam julgar o problema da percepção por via dos sentidos e do que é imperceptível aos sentidos.

Após haver esclarecido este ponto, devemos considerar agora as coisas imperceptíveis aos sentidos. Em primeiro lugar, nada nasce do não-ser. Se não

fosse assim, tudo nasceria de tudo e nada teria necessidade de seu próprio germe[742].

(39) Se aquilo que desaparece perecesse e se resolvesse no não-ser, todas as coisas estariam mortas, pois não existiria aquilo em que deveriam resolver-se. Entretanto, o todo sempre foi exatamente como é agora, e sempre será assim. Então, nada existe em que ele poderia transformar-se, porque além do todo, nada há que possa penetrar nele e provocar a transformação.

Além disso (essa afirmação aparece também no *Grande Compêndio* e no primeiro livro da obra *Da Natureza*)[743], o todo é constituído de corpos e vazio. Com efeito, a existência de corpos é atestada em toda parte pelos próprios sentidos, e é nos sentidos que a razão deve basear-se quando tenta inferir o desconhecido partindo do conhecido.

(40) Se aquilo que chamamos vazio ou espaço, ou aquilo que por natureza é intangível, não tivesse uma existência real, nada haveria em que os corpos pudessem estar, e nada através de que eles pudessem mover-se, como parece que se movem. Além dos corpos e do vazio nada pode ser apreendido pela mente nem concebido por si mesmo ou por analogia, já que os corpos e o vazio são considerados essências inteiras e seus nomes significam, por isso, essências realmente existentes e não propriedades ou acidentes de coisas separadas.

Além disso (isto ele diz também no primeiro, no décimo quarto e no décimo quinto livros da obra *Da Natureza* e no *Grande Compêndio*), alguns corpos são compostos, enquanto outros são os elementos de que se compõem os corpos compostos. (41) Esses elementos são os átomos, indivisíveis e imutáveis, se é verdade que nem todas as coisas poderão perecer e resolver-se no não-ser. Com efeito, os átomos são dotados da força necessária para permanecerem intactos e para resistirem enquanto os compostos se dissolvem, pois são impenetráveis por sua própria natureza e não estão sujeitos a uma eventual dissolução. Conseqüentemente, os princípios das coisas são indivisíveis e de natureza corpórea.

Mais ainda: o todo é infinito, pois aquilo que é infinito tem uma extremidade, e a extremidade se vê somente em confronto com outra coisa. Ora: o todo não se vê em confronto com outra coisa, e portanto não tendo extremidade não tem limite, e por não ter limite deve ser infinito e ilimitado.

(42) Mas, o todo é infinito também pelo número enorme de corpos e pela grandeza do vazio, porquanto se o vazio fosse infinito e os corpos fossem finitos, os corpos não permaneceriam em lugar algum e se moveriam continuamente, dispersos pelo vazio infinito, nem teriam um suporte, nem um impacto para a volta ascendente; se por outro lado o vazio fosse finito, os corpos, que são infinitos, não teriam onde estar.

Além disso, os átomos, dos quais se formam os compostos e nos quais os compostos se dissolvem, são não somente impenetráveis mas têm uma variedade infinita de figuras; com efeito, não seria possível que a variedade ilimitada dos fenômenos derivasse do número limitado das mesmas figuras. Os átomos semelhantes de cada figura são absolutamente infinitos, porém pela variedade de figuras não são absolutamente infinitos, apesar de serem ilimitados diante da

742. Vejam-se os parágrafos 41 e 54 deste livro e Lucrécio, *Da Natureza das Coisas*, I, 125 e seguintes.
743. Passagens existentes nos manuscritos, que obviamente não são de autoria de Epicuros, e sim de algum escoliasta, aparecem na tradução entre parênteses duplos.

capacidade de nossa mente. (43) (Tampouco a divisibilidade prossegue ao infinito, como diz ele abaixo. Ele faz essa afirmação, de fato, porque suas qualidades mudam, a não ser que se queira continuar aumentando suas magnitudes até o infinito.)

Os átomos estão em movimento contínuo por toda a eternidade. (Ele diz também abaixo que os átomos se movem com velocidade igual porque o vazio dá passagem da mesma forma ao átomo mais leve e ao mais pesado.) Alguns deles são projetados a grande distância uns dos outros, enquanto outros, ao contrário, recebem o impacto onde estão, quando se encontram com um aglomerado de átomos ou permanecem aglomerados e, portanto, compactos, ou então contidos e protegidos pelos átomos aglomerados entre si, e, portanto, fluidos.

(44) Isso acontece porque a própria natureza do vazio determina a separação de cada átomo do resto, e não é capaz de produzir qualquer resistência a seu impulso, e a solidez inerente aos átomos determina o impulso na colisão; entretanto, o impulso dos átomos causado pela colisão é limitado pela presença dos átomos aglomerados que os rechaçam para trás. Não há um início para tudo isso, porque os átomos e o vazio existem eternamente. (Ele diz mais adiante que os átomos não têm qualidade alguma à exceção do tamanho, da forma e do peso, porém afirma nos *Doze Elementos Fundamentais da Doutrina* que as cores mudam de acordo com a posição dos átomos. E acrescenta que os átomos não têm todos os tamanhos possíveis; seja como for, jamais um átomo foi percebido por um sentido.)

(45) Essa repetição, se tivermos em mente todos os pontos mencionados, proporciona um esboço suficiente para o entendimento da natureza das coisas fundamentais.

Além disso, existe um número infinito de mundos, tanto semelhantes ao nosso como diferentes dele[744], pois os átomos, cujo número é infinito como acabamos de demonstrar, são levados em seu curso a uma distância cada vez maior. E os átomos dos quais poderia formar-se um mundo, ou dos quais poderia criar-se um mundo, não foram todos consumidos na formação de um mundo só, nem de um número limitado de mundos, nem de quantos mundos sejam semelhantes a este ou diferentes deste. Nada impede que se admita um número infinito de mundos.

(46) Há impressões semelhantes à figura dos corpos sólidos, que por sua sutileza superam consideravelmente as coisas que aparecem aos nossos sentidos. Não é impossível que no ar circunstante se formem combinações desse gênero ou que se achem materiais adequados à produção de superfícies côncavas ou planas ou emanções que conservem a mesma disposição e a mesma seqüência dos átomos dos corpos sólidos, dos quais provêm; damos a essas impressões o nome de imagens.

E seu movimento no vazio, desde que nada impeça e nada oponha resistência, leva-as a percorrerem qualquer distância imaginável num lapso de tempo inconcebivelmente breve; com efeito, a presença de um obstáculo ou de uma resistência equivale à lentidão, da mesma forma que a ausência de um obstáculo ou de uma resistência equivale à velocidade.

744. Vejam-se os parágrafos 73 e 89 deste livro, e Lucrécio, II, 1048 e seguintes.

qualidades, como a forma que permanece, sejam inerentes ao objeto mutável, mas desaparecem inteiramente do corpo. Ora: os elementos que permanecem são suficientes para produzir as diferenças nos corpos compostos, porque alguma coisa deve permanecer, não perecendo no não-ser. Tampouco se deve supor que os átomos tenham todos os tamanhos, a menos que se queira ser contraditado pelos fenômenos; deve-se, entretanto, admitir a existência de algumas diferenças de tamanho entre eles. Com a admissão dessa particularidade, pode-se explicar mais claramente a formação dos sentimentos e das sensações.

(56) Mas, atribuir aos átomos todas as magnitudes não ajuda a explicar as diferenças das qualidades das coisas; por outro lado, nesse caso deveriam ter chegado a nós átomos visíveis; entretanto, não se observa a ocorrência disso, nem podemos conceber como jamais poderia aparecer um átomo visível[747].

Além disso, não se deve crer que num corpo limitado haja partículas infinitas nem de todos os tamanhos possíveis. Logo, não somente não se deve admitir a divisão ao infinito em partes sempre menores – de outra maneira tornamos todas as coisas destituídas de força e em nossa concepção dos corpos agregados somos constrangidos, seguindo o processo de compressão, a exaurir no não-ser as coisas existentes –, mas não se deve tampouco crer que nos corpos limitados ocorra uma passagem de uns para outros ao infinito em partes sempre menores.

(57) E ainda, se quisermos sustentar que num corpo qualquer existem partículas infinitas ou de todos os tamanhos, não é possível conceber como poderia ser esse corpo de grandeza finita. Com efeito, obviamente as partículas infinitas devem ter uma certa grandeza, e seja qual for a sua grandeza, a grandeza do corpo deveria ser infinita. Ora: já que o corpo finito tem uma extremidade perceptível, embora não seja visível por si mesma, não podemos pensar que aconteça o mesmo também com aquilo que se segue a essa extremidade. Nem podemos deixar de pensar que dessa maneira, continuando a avançar de uma extremidade para a seguinte, é possível, mediante tal progressão, chegar em pensamento ao infinito.

(58) É necessário considerar ainda que o mínimo perceptível na sensação não corresponde àquilo que pode ser atravessado, nem difere totalmente disso; há até algo em comum com as coisas passíveis de serem atravessadas, sem que haja, porém, distinção de partes. Mas, quando em decorrência da analogia resultante da propriedade comum supramencionada, cremos distinguir alguma coisa no mínimo – uma parte de um lado e outra parte do outro lado –, um outro mínimo igual ao primeiro deve aparecer diante de nossos olhos. Vemos esses mínimos, a começar do primeiro, um depois do outro, em série e não no mesmo corpo, nem tocando com suas partes as partes de outro, e sim, em sua própria característica de unidade indivisível, proporcionando um meio de medir magnitudes; o número desses mínimos é maior se a magnitude medida é maior, e é menor se a magnitude medida é menor.

(59) Deve-se admitir que essa analogia também se aplica ao mínimo existente no átomo. Obviamente este difere em pequenez do mínimo percebido por nossos sentidos, porém segue a mesma analogia. De acordo com a analogia das coisas que caem no âmbito de nossos sentidos, afirmamos que o átomo tem magnitude, e esta,

747. Veja-se Lucrécio, I, 599-627; II, 478-521; IV, 110-128.

pequena como é, meramente reproduzimos numa escala maior. Mais ainda: adaptando um procedimento lógico restrito ao campo do invisível, devemos conceber as partes do átomo como sendo mínimas e imunes à mistura por serem extremidades das extensões, fornecendo por si mesmas a unidade de medida para as extensões maiores e menores mediante a aplicação da visão mental, já que a observação direta é impossível. De fato, os pontos em comum existentes entre as partes mínimas e as partes indivisíveis e imutáveis são suficientes para justificar a conclusão a que até agora chegamos. Não é possível, entretanto, uma agregação das partes mínimas do átomo, como se elas fossem capazes de mover-se[748].

(60) E não devemos afirmar que o alto ou o baixo do infinito possa ser considerado em sentido absoluto o ponto mais alto e o ponto mais baixo. Sabemos com certeza que se do ponto onde estamos prolongarmos ao infinito o espaço que está acima de nossas cabeças, jamais aparecerá o ponto extremo dessa linha imaginária, e se por outro lado prolongarmos ao infinito o espaço que está por baixo do suposto ponto de partida, esse parecerá simultaneamente alto e baixo em relação ao mesmo ponto de partida. Mas isso é absurdo. É possível então presumir como uma única direção de movimento aquela que imaginamos estender-se para o alto ao infinito, e como uma única aquela que pensamos estender-se para baixo, ainda que aconteça dez mil vezes que tudo aquilo que se move de nós para o espaço acima de nossas cabeças atinja os pés daqueles que estão acima de nós, ou aquilo que se move de nós para o espaço abaixo de nossos pés atinja as cabeças daqueles que estão abaixo de nós. Todo o movimento nas duas direções é concebido como estendendo-se ao infinito em direções opostas.

(61) Além disso os átomos têm necessariamente velocidade igual quando, movendo-se através do vazio, não encontram resistência alguma. Tampouco os átomos pesados movem-se mais velozmente que os átomos pequenos e leves, pelo menos enquanto não encontram um impedimento qualquer; nem os átomos pequenos movem-se mais velozmente que os grandes, achando todas as passagens simetricamente proporcionais ao seu tamanho, enquanto não se lhes opuser algum obstáculo. Nem o movimento ascendente é mais veloz, nem o movimento oblíquo decorrente de colisões, nem o movimento descendente devido ao próprio peso afeta a sua velocidade. Enquanto dura um desses movimentos ele tem a mesma velocidade do pensamento, desde que não haja obstáculos devidos a colisões externas ou decorrentes do próprio peso dos átomos opondo-se à violência da colisão.

(62) Quanto aos corpos compostos, eles não se movem com a mesma velocidade, e sim com velocidade variável de um para outro, apesar de a velocidade dos átomos ser igual. Isso acontece porque os átomos componentes dos corpos agregados se movem em direção a um ponto único no mais breve tempo contínuo, apesar de se moverem em direções diferentes em tempos tão breves que só a razão pode perceber, mas freqüentemente colidem até que a continuidade de seu movimento se torne perceptível aos nossos sentidos. E a presunção de que além do âmbito da observação direta os próprios tempos mínimos concebidos pela razão apresentarão continuidade de movimento não é verdadeira no caso em exame. É verdadeiro apenas aquilo que se percebe por meio dos sentidos ou se apreende por meio da mente.

748. Veja-se Lucrécio, I, 628-634.

(63) Depois disso, tendo em vista nossas sensações e sentimentos (pois assim teremos os fundamentos mais seguros para a credibilidade), é necessário considerar que a alma é corpórea e constituída de partículas sutis, dispersa por todo o organismo[749], extremamente parecida com um sopro consistente numa mistura de calor, semelhante em muitos aspectos ao sopro e em outros ao calor. Há também uma terceira parte, que pela sutileza de suas partículas difere consideravelmente das outras duas[750], e por isso está em contato mais íntimo com o resto do organismo. Tudo isso é evidenciado pelas faculdades da alma e pelos sentimentos, e pela mobilidade da mente e pelos pensamentos e por tudo aquilo cuja perda causa a morte. Devemos ainda considerar que a alma desempenha o papel mais importante na sensação.

(64) Tampouco a alma jamais teria sensações se não fosse de certo modo contida no resto do organismo. Mas, todo o resto do organismo, ao fornecer à alma a causa da sensação, participa também dessa propriedade que atinge a alma, embora não participe de todas as faculdades da alma. Por isso, com a perda da alma o organismo perde também a faculdade de sentir. De fato, o corpo não possuía em si mesmo tal faculdade, que lhe era suprida por alguma outra coisa, congenitamente afim a ele, ou seja a alma, que com a realização de sua potencialidade determinada pelo movimento, produz imediatamente por si mesma a faculdade da sensação e torna participante o organismo, ao qual, como já dissemos, está ligada por uma estreita relação de vizinhança e consenso.

(65) Conseqüentemente, a alma enquanto permanece no organismo nunca perde a faculdade de sentir, mesmo com a perda de alguma parte do organismo. E se alma também devesse perder alguma parte sua na dissolução total ou parcial daquilo que a contém, enquanto permanece e continua a sobreviver não perderá jamais a faculdade da sensação. O organismo remanescente, ao contrário, embora continuando a permanecer total ou parcialmente, já não tem sensações, quando o abandona aquele número de átomos, embora pequeno, necessário à constituição da natureza da alma. Além disso, quando todo o organismo se dissolve, a alma se dispersa e não tem mais as mesmas faculdades, e já não é móvel nem possui a faculdade de sentir.

(66) Não podemos pensar na alma como senciente, a não ser que ela esteja nesse todo composto e mova com esses movimentos; nem podemos pensar assim a respeito dela quando ela não está no complexo do organismo e não se move com esses movimentos. (Ele diz em outra parte que a alma é composta de átomos extremamente lisos e arredondados, muito diferentes dos átomos do fogo; que a parte esparsa por todo o resto do corpo é irracional, enquanto a parte racional reside no peito, como podemos perceber claramente em nossos temores e em nossa alegria; que o sono sobrevém quando as partículas da alma esparsas por todo o complexo do organismo se mantêm juntas ou se disseminam e depois caem umas sobre as outras por colisão; e que o sêmen provém de todo o corpo.)

(67) Devemos considerar ainda que aquilo que chamamos de incorpóreo na acepção comum da palavra se refere ao que é pensado como existente por si mesmo. Ora: não é possível conceber o incorpóreo como existente por si mesmo, à exceção do vazio. E o vazio não é ativo nem passivo, mas simplesmente permite

749. Veja-se Lucrécio, III, 161-176, 177-230.
750. Essa terceira parte é chamada por Epícuros de "sem nome" (*akatonómaston*).

aos corpos o movimento através de si mesmo. Conseqüentemente, aqueles que afirmam que a alma é incorpórea falam palavras vãs. Se fosse assim a alma não seria nem ativa nem passiva, porém é evidente que a alma possui ambas essas qualidades.

(68) Se correlacionarmos todos esses raciocínios referentes à alma com os sentimentos e as sensações, e relembrarmos tudo que foi dito inicialmente, teremos de reconhecer que esses raciocínios apresentam em suas linhas essenciais a doutrina que nos permite determinar os próprios detalhes com precisão e segurança.

Não devemos todavia crer que as formas e cores, e as magnitudes e os pesos e todas as qualidades predicadas a um corpo enquanto são propriedades constantes de todos os corpos ou dos corpos visíveis, passíveis de ser conhecidas pela sensação dessas mesmas qualidades, sejam naturezas existentes por si mesmas (isto é inconcebível), (69) nem totalmente inexistentes, nem como outros incorpóreos aderentes a esse corpóreo, nem como parte deste; devemos então crer que o corpo inteiro deriva sua própria natureza permanente de todas essas qualidades sem ser um amontoado delas – como quando das mesmas partículas próprias se forma um agregado maior, por serem grandezas primárias ou grandezas inferiores ao todo, seja este o que for (repito, entretanto, que devemos simplesmente crer que o corpo deriva de todas essas qualidades sua própria natureza permanente). E todas essas qualidades têm seus modos característicos de ser percebidas e distinguidas, porém sempre em conexão com o complexo do corpo do qual são inseparáveis. E o corpo apresenta seus predicados somente se é concebido na visão de sua substância integral.

(70) As qualidades agregam-se freqüentemente aos corpos sem lhes serem permanentemente concomitantes. Elas não devem ser qualificadas entre as entidades invisíveis nem são incorpóreas. Por isso, usando o termo "acidentes" no sentido mais comum, dizemos claramente que "acidentes" não têm a natureza da coisa toda à qual pertencem, que chamamos de corpo concebendo-a como um todo, nem têm a natureza das propriedades permanentes sem as quais o corpo não pode ser pensado. Em decorrência de certos modos peculiares de apreensão em que o corpo completo sempre entra, cada um deles pode ser chamado de acidente, (71) mas somente quando se vê que pertencem realmente ao corpo, já que tais acidentes não são permanentemente concomitantes.

Não é necessário banir da realidade essa evidência imediata de que o acidente não tem a natureza daquele todo ao qual pertence, a que damos o nome de corpo, nem a natureza das propriedades permanentemente concomitantes; por outro lado, não é necessário pensá-los como sendo existentes por si mesmos – isso é inconcebível não somente para os acidentes mas também para as propriedades permanentes –, mas, como parece claro, deve-se pensar em todos eles como acidentes dos corpos, e não como propriedades perenemente concomitantes; não é tampouco necessário pô-los entre as coisas dotadas de existência autônoma, devendo ser vistos antes em sua particularidade, tal qual é revelada pela própria sensação.

(72) Há ainda outro ponto a ser considerado cuidadosamente. A investigação acerca do tempo não deve ser conduzida de forma idêntica à relativa a todos os acidentes que pesquisamos em um assunto, ou seja, referindo-os às preconcepções que contemplamos em nós mesmos; devemos considerar o tempo em

analogia com a evidência imediata, como resulta de nossas expressões "muito tempo" e "pouco tempo", aplicando-lhe em conexão íntima esse atributo de duração. Não é necessário recorrer a outras designações presumivelmente melhores; basta-nos adotar as expressões usuais a seu respeito. Tampouco devemos atribuir ao tempo outro predicado qualquer e adotar outro termo como se tivesse a mesma essência contida na significação própria da palavra "tempo" (algumas pessoas fazem isso), mas principalmente devemos refletir sobre aquilo a que atribuímos esse caráter peculiar de tempo e com que o medimos. (73) E isso não necessita de demonstração ulterior; basta refletirmos que correlacionamos o tempo com os dias e as noites e as partes destes e destas, e também com os sentimentos de prazer e sofrimento e os estados de movimento e imobilidade, e quando usamos a expressão "tempo" pensamo-lo como um acidente peculiar a esses detalhes. (Ele diz isso também no segundo livro da obra *Da Natureza* e no *Grande Compêndio*.)

Além de tudo que foi dito, devemos ter em vista ainda que o mundo e todos os compostos finitos, acentuadamente semelhantes às coisas que vemos com freqüência, nasceram do infinito[751], e todos esses compostos separaram-se de conglomerados especiais de átomos maiores e menores, e todos dissolvem-se[752], alguns mais velozmente, outros mais lentamente, e alguns sofrem esse processo de dissolução por uma causa, enquanto outros o sofrem por outra causa. (É claro, então, que ele sustenta igualmente a perecibilidade dos mundos, porque suas partes mudam. Em outra obra ele diz que a terra é sustentada pelo ar.)

(74) Devemos ainda considerar que os mundos não têm necessariamente uma forma única e idêntica. (Ele afirma também no décimo segundo livro *Da Natureza* que os mundos são diferentes uns dos outros, sendo alguns esféricos, outros ovoidais, e outros ainda de outras formas; mas eles não têm todas as formas. Tampouco são seres vivos separados do infinito.)

Ninguém jamais conseguiria demonstrar que em um mundo poderiam e não poderiam ser contidas sementes das quais se formam os animais e plantas e todas as outras coisas que vemos, e que em outro mundo isto não seria absolutamente possível. (O mesmo raciocínio se aplica à nutrição. E poderíamos pensar que isso acontece também na terra.)

(75) Deve-se ainda supor que a natureza aprendeu muitas e variadas lições dos próprios fatos e foi constrangida por eles, e que a razão desenvolve escrupulosamente o que recebe da natureza e faz descobertas em alguns campos mais velozmente, e em outros mais lentamente, e em algumas ocasiões e épocas faz progressos maiores, e em outras faz progressos menores.

Por isso os nomes das coisas também não foram originariamente postos por convenção[753], mas a natureza dos homens de conformidade com as várias raças os criou; sob o impulso de sentimentos peculiares e de percepções peculiares os homens emitiam gritos peculiares[754]. O ar assim emitido era moldado por seus sentimentos ou percepções sensitivas individuais, e de maneira diferente segundo as regiões habitadas pelas raças. (76) Mais tarde as raças isoladas chegaram a um

751. Veja-se Lucrécio, II, 1048-1089.
752. Veja-se Lucrécio, II, 1144-1145.
753. Veja-se Lucrécio, V, 1041 e seguintes.
754. Veja-se Lucrécio, V, 1028-1029, 1056-1058.

consenso e deram assim nomes peculiares a cada coisa, a fim de que as comunicações entre elas fossem menos ambíguas e as expressões fossem mais breves. Quanto às coisas invisíveis, alguns homens que tinham consciência delas quiseram introduzir a sua noção e as designaram com certos nomes que pronunciavam impelidos pelo instinto ou escolhiam com o raciocínio, de acordo com o modo predominante de formação, dando assim maior claridade ao que desejavam expressar.

Quanto aos fenômenos celestes, não se deve crer que os movimentos, as revoluções, os eclipses, o surgir e o pôr dos astros e fenômenos similares ocorram por obra ou por disposição presente ou futura de algum ser dotado ao mesmo tempo de perfeita beatitude e imortalidade (77) (de fato, interesses de ordem prática e cuidados e sentimentos de cólera e parcialidade não condizem com a beatitude, sendo antes sinais de fraqueza e temor e dependência em relação ao próximo). Não se deve também crer que massas de fogo esféricas possuam a beatitude e ao mesmo tempo assumam esses movimentos segundo a sua vontade. Mas, em todos os termos referentes a tais noções, devemos conservar intacta a gravidade majestosa da significação, a fim de que não resultem opiniões contrastantes com tal gravidade. De outra forma esse contraste produzirá as piores perturbações em nossos espíritos. Cumpre-nos, portanto, admitir que a necessidade e a periodicidade dos movimentos celestes ocorrem segundo a inter-relação originária desses aglomerados de átomos na gênese do mundo.

(78) Devemos ainda sustentar que a função da ciência da natureza é a determinação precisa da causa dos elementos principais e que nesse conhecimento consiste a felicidade, e também no conhecimento da natureza real dos corpos que vemos nos céus, e na aquisição de conhecimentos afins que contribuem para o conhecimento completo a esse respeito, indispensável também à felicidade.

Devemos também crer que em tais questões não cabem a admissão da pluralidade das causas e a possibilidade de explicações diferentes; é necessário, isto sim, admitir simplesmente que nada capaz de provocar divergências ou inquietações é compatível com uma natureza imortal e feliz.

O caráter absoluto dessa verdade pode ser apreendido pelo pensamento.

(79) Quanto à investigação dos fenômenos, o conhecimento do surgir e do pôr dos astros e das revoluções e dos eclipses e de todos os fenômenos afins a estes não contribui de forma alguma para a nossa felicidade, e também as pessoas possuidoras de algum conhecimento desses assuntos mas ignorantes de quais sejam as naturezas reais dos corpos celestes e quais as causas principais dos fenômenos sofrem os mesmos temores das pessoas que não têm informação alguma, ou talvez ainda maiores, quando a perplexidade suscitada pelo conhecimento limitado desses fenômenos torna as pessoas incapazes de achar a solução e de entender que os fenômenos são subordinados a causas tão remotas quanto fundamentais.

Por isso, se descobrirmos mais de uma causa das revoluções e do surgir e pôr e eclipsar-se dos astros e de fenômenos semelhantes, como acontece também no tratamento dos fenômenos particulares, (80) não devemos crer que o exame desse assunto tenha atingido aquele conhecimento exato e detalhado, necessário à nossa imperturbabilidade e à nossa felicidade. Portanto, em nossa investigação dos fenômenos celestes e de todos os fenômenos que não se enquadram no âmbito de nossos sentidos, devemos utilizar as nossas observações relativas à multiplicidade

dos modos de ocorrência de um fenômeno terrestre análogo, e não devemos atribuir importância alguma às pessoas que não reconhecem o que existe ou passa a existir por uma causa única, nem aquilo que acontece por causas múltiplas, e não consideram que os fenômenos são observados à distância, e além disso ignoram em que condições é impossível conservar a tranqüilidade da alma e em que condições é possível. Se admitimos, então, que um determinado fenômeno pode verificar-se de uma determinada maneira, porém reconhecemos também que isso acontece de mais de um modo, conservamos nossa tranqüilidade de alma como se tivéssemos consciência clara de que isso ocorre dessa maneira determinada.

(81) A todas essas considerações deve-se acrescentar ainda a seguinte: a principal perturbação das almas humanas tem sua origem na crença de que esses corpos celestes são bem-aventurados e indestrutíveis, e que ao mesmo tempo têm vontades e praticam ações e são causas incompatíveis com este seu estado; na expectativa e na apreensão constante de algum castigo eterno sob a influência dos mitos, ou por temor da mera insensibilidade que há na morte, como se esta tivesse algo a ver conosco, e finalmente porque se acham nessas condições não por uma convicção firme e sim por uma espécie de delírio irracional, de tal forma que não põem limite algum a seus terrores, essas pessoas sofrem uma perturbação igual ou ainda mais intensa que a daqueles que nesses assuntos seguem opiniões vãs. (82) Mas, a tranqüilidade perfeita da alma consiste em estar livre de todos esses terrores e temores e em relembrar tenaz e constantemente a doutrina em suas linhas gerais e fundamentais.

Disso decorre a necessidade de estarmos atentos aos sentimentos e sensações presentes, sejam eles da humanidade em geral ou peculiares aos indivíduos, e em cada caso à evidência imediata de acordo com um dos critérios da verdade. Aplicando atentamente esta doutrina, determinaremos corretamente as origens da perturbação e do temor e nos livraremos deles, investigando as causas dos fenômenos celestes e de todos os outros que se nos apresentam sempre, causa dos mais terríveis temores para o resto da humanidade. Eis então, Heródotos, os elementos fundamentais da doutrina sobre a natureza do universo, em forma resumida. (83) Assim, se esta exposição for memorizada cuidadosamente e produzir efeito, creio que qualquer pessoa, seja ela quem for, embora não penetre em todos os detalhes mínimos, conquistará uma segurança incomparavelmente forte em comparação com o resto da humanidade. Com efeito, por si mesma ela esclarecerá muitos pontos particulares por mim tratados exaustivamente no sistema completo de minha doutrina, e esses mesmos elementos, uma vez fixados na memória, jamais cessarão de ajudá-la. É tal a natureza deste resumo que aqueles que em medida suficiente ou completa já possuem conhecimentos especiais, analisando-os à luz dessas noções elementares, poderão realizar o maior número possível de investigações sobre a natureza inteira; por outro lado, aqueles que ainda não tenham atingido a condição de estudiosos maduros, com base nesses elementos e sem a palavra viva do mestre, poderão recapitular com a rapidez do pensamento as doutrinas mais importantes para a serenidade da alma.

Esta é a sua epístola sobre a física.

A epístola sobre os fenômenos celestes é a seguinte:

"Epícuros a Pitoclés, saudações.

(84) Clêon trouxe-me a tua carta, na qual continuas a mostrar-me teus sentimentos amistosos, contrapartida de minha devoção para contigo, e não sem

sucesso procuras recordar os raciocínios capazes de ensejar a conquista de uma vida feliz. Pedes ainda que eu te mande uma exposição sumária e suficientemente clara sobre os fenômenos celestes, a fim de que possas fixá-la facilmente na memória, pois o que escrevi em outras obras é difícil de recordar, embora, como dizes, tenhas continuamente entre as mãos aquelas obras. Alegra-me receber o teu pedido, e concordo em atender ao mesmo, tendo em vista as agradáveis expectativas do futuro.

(85) Sendo assim, após haver escrito tudo que tinha de escrever, preparo-me para executar esta exposição, que segundo pensas poderá ser útil a muitas outras pessoas, principalmente àquelas que tomaram conhecimento há pouco tempo da clara doutrina sobre a natureza e àquelas que se empenham em estudos mais profundos que os da educação enciclopédica. Aprende bem esses preceitos, guarda-os na mente e recapitula-os com o pensamento juntamente com os outros já expostos por mim na pequena epítome a Heródotos.

Em primeiro lugar lembra-te de que, como tudo mais, o conhecimento dos fenômenos celestes, quer os consideremos em suas relações recíprocas, quer isoladamente, não têm outra finalidade além de assegurar a paz de espírito e a convicção firme, à semelhança das outras investigações.

(86) Não procuramos forçar o impossível, nem adotar em tudo o mesmo método de pesquisa aplicado em minha exposição sobre os modos de vida ou naquela com vistas à solução dos outros problemas físicos, como, por exemplo, que o todo consiste em corpos e natureza intangível, ou que os elementos são indivisíveis, e proposições semelhantes, passíveis apenas de uma solução em harmonia com os fenômenos. Esse procedimento não é aplicável aos fenômenos celestes, que admitem não somente causas múltiplas de sua formação, mas também uma determinação múltipla de sua essência em harmonia com as sensações.

(87) Não devemos fazer indagações sobre a natureza de acordo com axiomas vãos e leis arbitrárias, e sim de acordo com o desafio dos próprios fenômenos. Nossa vida não necessita de irracionalidade nem de opiniões vãs, e sim de que vivamos sem perturbações. Todas as coisas acontecem ordenadamente se tudo se explica pela multiplicidade de suas causas, de acordo com os fenômenos, e se deixamos prevalecer, como devemos, explicações plausíveis a seu respeito. Mas, se deixamos prevalecer uma explicação e rejeitamos outra igualmente compatível com o fenômeno, afastamo-nos obviamente de todo o estudo da natureza e caímos no mito. Por outro lado, alguns fenômenos terrestres devem proporcionar os indícios necessários à interpretação dos fenômenos celestes, desde que estes sejam observados em sua ocorrência concreta, e não os fenômenos celestes que possam verificar-se de modos múltiplos. (88) Devemos então observar o modo de manifestar-se de cada um deles e discernir nos fatos concomitantes aquilo cuja formação de modo múltiplo não é contraditada pelos fenômenos ocorrentes no âmbito de nossos sentidos.

Um mundo é uma porção circunscrita do universo, compreendendo astros e terra e todas as coisas visíveis, destacado do infinito; tem um perímetro redondo ou triangular ou de qualquer outra forma, e termina num limite poroso ou denso em rotação ou imóvel, cuja dissolução levará à ruína tudo que está nele. Tudo isso é realmente possível e não é contraditado por qualquer fenômeno ocorrente neste mundo, no qual não é possível discernir uma extremidade.

(89) Que há um número infinito de tais mundos é possível perceber com o pensamento, e também que um mundo destes pode nascer de um mundo ou de um intermúndio (assim chamamos o intervalo entre mundos), em um espaço com muito vazio, e não, como dizem alguns filósofos, em um espaço vasto perfeitamente límpido e vazio[755]. Esse mundo se forma quando certas sementes apropriadas afluem de um mundo ou de um intermúndio, ou de mais de um, e aos poucos crescem e se articulam entre si e passam de um lugar para outro, segundo acontece, e são adequadamente supridas por fontes próprias, até se tornarem maduras e firmemente consolidadas, desde que os fundamentos postos possam suportar a matéria recebida. (90) E não se deve formar um só agregado ou um vórtice no vazio, no qual, de acordo com a opinião de alguns filósofos, o nascimento de um mundo é possível por necessidade mecânica, e também seu crescimento até colidir com outro, como afirma um dos filósofos chamados físicos[756]. Com efeito, isso contradiz os fenômenos.

O sol, a lua e os outros astros não tiveram origem independente e mais tarde incluíram-se em nosso mundo e naquelas partes que lhes servem de defesa; formaram-se imediatamente e cresceram (à semelhança do mar e da terra) graças às agregações e aos vórtices de algumas substâncias constituídas de partículas sutis, similares ao vento ou ao fogo ou a ambos, porque assim sugere a própria sensação.

(91) O tamanho do sol, da lua e dos outros astros em relação a nós é exatamente o que vemos (isto ele afirma também no décimo primeiro livro *Da Natureza*. Se houvessem perdido em grandeza por causa da distância, muito mais teriam perdido em luminosidade. Nenhuma distância, então, é mais proporcional que esta). Mas, o tamanho em si na realidade pode ser maior que aquele que vemos, ou um pouco menor, ou igual. Assim, também os fogos que nossos sentidos percebem, quando observados à distância são vistos de modo correspondente às nossas sensações. Toda objeção contra esta parte de minha doutrina será facilmente refutada por quem estiver atento à evidência imediata dos fatos, como demonstro nos livros *Da Natureza*.

(92) O surgir e o pôr do sol, da lua e dos outros astros podem verificar-se por acendimento e apagamento, porque as circunstâncias relacionadas com os dois lugares (este e oeste) são de molde a determinar os fatos mencionados, e isto não é contraditado por nenhum dos fenômenos. Tais fenômenos poderiam também ser produzidos por aparição sobre a terra e novamente por ocultação, e isso tampouco é contraditado pelos fenômenos. É possível que seus deslocamentos se verifiquem por causa do movimento vorticoso de todo o céu, ou então pelo estado de quietude e pelo movimento vorticoso dos astros segundo o impulso produzido nestes desde a gênese originária do mundo...[757], ou ainda pelo calor excessivo devido a alguma difusão do fogo estendendo-se sempre pelos lugares imediatamente seguintes[758].

(93) Os giros do sol e da lua devem-se possivelmente à posição oblíqua do céu, constrangido a estar nessa posição em certas épocas, mas também podem ser devidos à pressão contrária do ar, ou ainda ao fato de a matéria sempre adequada se incendiar continuamente e depois tornar-se rarefeita, ou enfim ao fato de desde

755. Vejam-se Lucrécio, I, 334, e o § 31 do Livro IX para a opinião de Lêucipos rejeitada aqui.
756. Demócritos, testemunho 40, 3 em Diels-Kranz.
757. Os manuscritos apresentam uma lacuna neste ponto.
758. Veja-se Lucrécio, V, 509 e seguintes e 614 e seguintes.

a origem tal movimento vorticoso ter estado intimamente ligado a esses astros, de maneira a realizar-se como numa espiral. Todas estas explicações e outras semelhantes não estão em desacordo com a evidência imediata dos fenômenos, se nessas questões específicas nos restringirmos sempre ao possível e se pudermos preservar a compatibilidade entre toda explicação isolada e os fenômenos, sem nos deixarmos atemorizar pelos artifícios servis dos astrônomos.

(94) A lua nova e a lua cheia poderiam ocorrer[759] por causa da rotação da lua, ou então em decorrência da configuração tomada pelo ar, ou em virtude da interposição de outros corpos, ou ainda por todos os modos sugeridos pelos fenômenos terrestres para a explicação dessa aparência, desde que as pessoas não se obstinem por uma explicação única, nem rejeitem estultamente as outras sem ter em vista quais as coisas que o homem pode discernir e quais as que não pode, desejando conseqüentemente conhecer o impossível. É ainda possível que a lua tenha luz própria, mas também é possível que a receba do sol.

(95) Ainda no âmbito dos sentidos vemos muitos corpos dotados de luz própria e muitos que a recebem de outros; nenhum dos fenômenos celestes opõe-se a isso, se tivermos sempre em mente o método das explicações múltiplas e ao mesmo tempo considerarmos as hipóteses decorrentes destas e as causas, em vez de nos determos em alguma incongruência, dando-lhe uma importância descabida, para terminarmos depois de um modo ou de outro na explicação única. Também a aparência da face da lua pode dever-se à diversidade de suas partes ou à interposição de outro corpo, ou então a todos os outros modos observáveis compatíveis com os fenômenos.

(96) Com efeito, para todos os fenômenos celestes nunca devemos renunciar a tal método. Quem, ao contrário, contradiz a evidência dos fatos, jamais poderá participar da imperturbabilidade verdadeira.

Os eclipses do sol e da lua podem dever-se à extinção de sua luz, como observamos que acontece também nos fenômenos terrestres, mas podem ainda dever-se à interposição de outros corpos quaisquer ou da própria terra, ou de outro corpo celeste semelhante. Devemos então considerar em conjunto os modos de explicação afins uns aos outros, e lembrar-nos de que não é impossível a ocorrência de coincidências simultâneas de algumas explicações. (Ele faz essa afirmação também no décimo segundo livro *Da Natureza* e acrescenta que o sol se eclipsa quando é obscurecido pela lua, e que a lua é eclipsada pela sombra da terra, ou ainda porque a própria lua se retira. (97) O filósofo epicurista Diógenes (de Tarsos) também se refere a isso no primeiro livro de suas *Lições Seletas*.)

Continuando, a regularidade das órbitas dos astros deve ser entendida de maneira idêntica à da ocorrência de alguns fenômenos terrestres comuns; em nenhum caso deve adotar-se para uma explicação desse gênero a natureza divina; ao contrário, cumpre-nos conservá-la livre de qualquer tarefa e em perfeita bem-aventurança. Se não agirmos dessa maneira, toda investigação a propósito das causas dos fenômenos celestes será inútil. Isso já aconteceu a alguns filósofos que não adotaram o método da possibilidade e caíram na verbosidade vã porque opinaram que todos os fenômenos ocorrem de um modo único e descartaram todas as outras possibilidades; deixaram-se assim levar para o campo do ininteligível e não souberam considerar em seu conjunto os fenômenos, nem tirar

759. Veja-se Lucrécio, V, 705-750.

de suas observações os indícios necessários à interpretação dos fenômenos celestes.

(98) A duração variável das noites e dos dias pode resultar do fato de o sol mover-se sobre a terra ora rapidamente, ora lentamente segundo a maior ou menor extensão dos espaços, e do fato de o sol percorrer alguns espaços com maior velocidade e outros com menor velocidade, como se observa que às vezes acontece nos fenômenos terrestres, com os quais deve harmonizar-se nossa explicação dos fenômenos celestes. Aqueles filósofos que, ao contrário, admitem uma única explicação, estão em desacordo com os fenômenos e incorrem em erro grave quanto à possibilidade humana de conhecer.

Os prognósticos podem dever-se a coincidências de circunstâncias ligadas às estações, como acontece com os prognósticos dos animais vistos na terra, ou a mudanças e alterações do ar. Ambas as possibilidades não contradizem a evidência dos fenômenos, mas não é possível discernir em quais casos age uma causa ou a outra.

(99) As nuvens podem formar-se e unir-se por condensação do ar sob a pressão dos ventos, ou pelo entrelaçamento de átomos propícios à produção desse efeito, ou ainda por causa da vinda de correntes de ar da terra e das águas. Não é impossível, todavia, que a formação das nuvens ocorra de vários outros modos. As chuvas podem dever-se à compressão de nuvens ou à sua transformação, (100) ou então ocorrem quando se movem continuamente exalações úmidas através do ar, tangidas por ventos provenientes de lugares propícios, e neste último caso forma-se uma precipitação mais violenta causada por certos acúmulos favoráveis a tais descargas violentas de água.

Os trovões podem dever-se ao movimento rotativo do vento nas cavidades das nuvens, como em nossos vasos, ou ao estrondo do fogo nas nuvens quando impelido pelo vento[760], ou a uma fratura e separação violenta de nuvens, ou ainda a fricções seguidas de rupturas de nuvens que se tornaram compactas como o gelo. Da mesma forma que em toda investigação, também nesta questão particular os fenômenos exigem que demos mais de uma explicação.

(101) Os relâmpagos também ocorrem de diversos modos: quando as nuvens se atritam e se chocam, dando origem àquele complexo de átomos que, produzindo fogo, gera o relâmpago; ou quando se libertam das nuvens sob a ação do vento partículas flamejantes capazes de produzir esse fulgor; ou quando esse fulgor é expelido para fora das nuvens, comprimidas por causa de seu próprio peso ou pela ação dos ventos; ou quando a luz difusa dos astros e contida nas nuvens, comprimida em certo momento pelas nuvens e pelos ventos, escapa através das próprias nuvens; ou quando filtra-se através das nuvens uma luz composta de partículas sutis (por meio dessa luz as nuvens se inflamam produzindo os trovões) e com seu movimento ocasiona o relâmpago; ou quando ocorre a combustão do vento em decorrência da intensidade do movimento e da violência da compressão. (102) Mas o relâmpago pode produzir-se ainda por causa de uma fratura de nuvem provocada pelo vento e pela liberação de átomos geradores de fogo, provocando a imagem do relâmpago. Também será fácil compreender a formação de relâmpagos de outros modos diferentes, desde que nos apeguemos aos fatos e saibamos considerar em seu conjunto tudo que é análogo aos fenômenos.

760. Veja-se Lucrécio, VI, 271-284.

O relâmpago precede o trovão quando esses fenômenos acontecem nas nuvens, porque se a expulsão violenta da imagem do relâmpago ocorre simultaneamente com o impacto do vento na nuvem, somente mais tarde o vento girando na nuvem produz o estrondo do trovão, ou então porque, se se verificam simultaneamente ambos os fenômenos, o relâmpago vem a nós com velocidade maior e o trovão com velocidade menor, como quando observamos à distância alguns corpos que golpeiam outros.

(103) Os raios podem produzir-se em seguida a uma convergência múltipla de ventos e à sua compressão violenta e subseqüente ascensão, e à fratura de uma nuvem e à forte precipitação para baixo do vento inflamado (tal fratura ocorre em decorrência da maior densidade dos espaços seguintes, por causa do espessamento da nuvem). Mas, os raios podem dever-se ainda à própria precipitação do fogo girando na nuvem – e assim pode produzir-se também o trovão – quando o fogo se torna mais intenso e é mais soprado e impelido pelo vento e rompe a nuvem, porque não pode propagar-se aos espaços seguintes (as nuvens se comprimem umas sobre as outras com maior freqüência por cima das montanhas mais altas, nas quais caem principalmente os raios). (104) Os raios, entretanto, podem produzir-se ainda de diversos outros modos. Somente o mito deve ser excluído, e será excluído se nos apegarmos corretamente aos fenômenos e a partir destes procedermos por indução à interpretação das coisas que não caem no âmbito dos sentidos.

Os ciclones podem ocorrer quando uma nuvem em forma de coluna precipita-se para baixo, impelida por um acúmulo de ventos e movida por uma tempestade de vento, enquanto um vento vindo de fora atinge simultaneamente a nuvem pelos lados; ou então quando o vento se desloca em movimento giratório e impele ao mesmo tempo uma corrente de ar de cima para baixo, e se forma um forte fluxo de ventos que não consegue expandir-se lateralmente por causa da pressão do ar circundante.

(105) Quando o ciclone desce sobre a terra causa os tornados, cuja formação corresponde ao movimento do vento, e quando desce sobre o mar causa trombas d'água.

Os terremotos podem produzir-se quando, ocorrendo a retenção de vento no subsolo em mistura com pequenas porções de terra, o vento inicia um movimento incessante, provocando assim os tremores de terra. A terra recebe esse vento do exterior, ou em conseqüência da queda de camadas de solo em locais cavernosos da terra, que transformam em vento o ar ali retido. Eles podem também produzir-se por causa da propagação do movimento decorrente da queda de muitas camadas de solo e por sua repercussão, quando o movimento atinge partes mais compactas e sólidas da terra. (106) Entretanto, esses movimentos da terra podem também acontecer de outros modos diferentes.

Os ventos ocorrem de tempos em tempos quando uma matéria estranha penetra no ar contínua e gradualmente, e pelo acúmulo de grande quantidade de água. Os ventos restantes formam-se quando pequenas quantidades de matéria caem nas numerosas cavidades da terra, e a partir delas se propagam e multiplicam.

O granizo forma-se por causa de um forte congelamento, quando certas partículas aeriformes reúnem-se vindas de toda parte e em seguida se dividem; ou então por um congelamento menos forte e ruptura simultânea de certas partículas

aquosas, que determinam ao mesmo tempo sua união e sua separação, de tal maneira que essas partículas se congelam parcialmente ou em massa compacta. (107) Não é impossível que a forma arredondada do granizo resulte da liquefação de todos os ângulos, também porque, como dissemos há pouco, as partículas aquosas e as aeriformes se unem regularmente vindas de todos os lados e em toda parte em torno de seus átomos componentes, quando se congelam.

É possível que a neve se forme quando a chuva fina se precipita das nuvens através de poros simetricamente distribuídos, sob a pressão contínua e violenta de nuvens propícias, impelidas pelos ventos, e em seguida se congela em seu movimento por causa do forte resfriamento nas regiões abaixo das nuvens.

Ou então a queda de neve das nuvens que se tornam mais densas umas sobre as outras poderia decorrer de um congelamento subseqüente a uma rarefação regular das nuvens, enquanto se acham nas proximidades partículas aquosas que, se se unem mais estreitamente, produzem o granizo (isso acontece principalmente no ar). (108) Ou ainda a fricção de nuvens congeladas pode provocar o rechaço desse acúmulo de neve. Mas, a neve pode formar-se ainda de outros modos. O orvalho se forma por causa do afluxo simultâneo do ar constituído de partículas capazes de produzir essa umidade, ou então quando em lugares úmidos e aquosos – o orvalho forma-se especialmente nesses lugares – tais partículas produzem emanações e depois se unem no mesmo ponto e formam umidade, precipitando-se para baixo, como podemos observar que acontece em numerosos fenômenos terrestres.

(109) A geada se forma quando o orvalho de algum modo se congela por causa da superveniência de ar frio.

O gelo se forma quando são expelidos da água os átomos redondos e se unem os átomos desiguais e em ângulos agudos contidos na água, ou então quando se juntam átomos que, unindo-se, fazem congelar a água após a expulsão de um certo número de átomos redondos.

O arco-íris forma-se quando o sol brilha sobre o ar úmido, ou por causa de uma união especial de luz e de ar que determina todas ou algumas propriedades de suas cores, e por causa da refração dessa luz o ar circundante toma as cores que vemos, segundo as várias irradiações da luz em direção às várias partes do ar.

(110) Sua aparição em forma circular deve-se ao fato de nossos olhos perceberem de todos os pontos uma distância igual, ou ao fato de os átomos contidos no ar ou nas nuvens sofrerem por meio do próprio ar uma pressão capaz de determinar a forma circular.

O halo em torno da lua forma-se quando de todas as partes o ar estende-se em direção à lua, ou quando o ar repele de modo regular as emanações provenientes da lua até imprimir uma forma circular à massa nebulosa sem separá-la completamente dela, ou ainda quando o ar (que se encaminha para a lua) repele simetricamente de todos os lados a parte do ar que já se acha na vizinhança imediata da lua até imprimir-lhe uma forma circular e compacta em volta de toda a lua.

(111) Isso acontece quando em determinadas partes uma corrente exerce uma pressão violenta de fora, ou quando o calor acha poros propícios à produção desse efeito.

Os cometas formam-se quando ocorre uma aglomeração de fogo que em certos espaços e em certos intervalos de tempo se desenvolve nos corpos celestes, ou quando o céu em certas ocasiões tem um movimento especial por cima de nós, de tal maneira que aparecem esses astros, ou que eles mesmos, em épocas determinadas ou por quaisquer circunstâncias, se põem em movimento e vêm para nossas regiões, tornando-se visíveis. Eles desaparecem por causas opostas àquelas que os levam a aparecer.

(112) Alguns astros podem mover-se no mesmo lugar não somente porque esta parte do mundo, em torno da qual se move o resto do céu, está parada, como sustentam alguns autores, mas também porque um vórtice de ar a cinge em forma de círculo, impedindo-os de girar em volta do céu como os outros astros; ou então porque nos espaços imediatamente adjacentes não existe matéria propícia a eles, o que somente ocorre no lugar em que se acham e são observados por nós. Esse fenômeno, entretanto, pode ocorrer de vários outros modos diferentes, como perceberá qualquer pessoa capaz de raciocinar tendo em vista os fenômenos terrestres.

(113) A trajetória errante de certos astros (se tal trajetória é seu movimento real) e o movimento regular de outros astros podem ocorrer porque em seu giro originário foram constrangidos a mover-se desse modo, de tal maneira que uns se movem no mesmo vórtice regular e outros em outro vórtice que apresenta simultaneamente certa regularidade. Mas, é também possível que nas regiões onde se movem, num lugar haja extensões regulares de ar que os impelem numa mesma direção e os inflamam com regularidade, e em outros lugares haja extensões de ar de tal maneira irregulares que impõem as variações de movimento por nós observadas. Apresentar uma única explicação, quando os fenômenos pedem várias, é loucura e é uma incongruência típica das pessoas que aderem à astronomia infundada e aduzem razões inconsistentes para alguns fenômenos, porque se obstinam em não liberar a natureza divina de tarefas tão pesadas.

(114) Que se vejam alguns astros permanecerem atrás de outros pode acontecer não somente porque, embora percorrendo a mesma órbita, se movem mais lentamente, mas também porque se movem em direção oposta, levados em sentido contrário pelo mesmo vórtice, e ainda porque uns percorrem um espaço maior, e outros um espaço menor, embora girando no mesmo vórtice. Apresentar uma única explicação para esses fenômenos é condizente com aqueles que procuram pasmar a maioria dos homens com coisas assombrosas.

As chamadas estrelas cadentes podem formar-se em alguns casos por causa da fricção recíproca das próprias estrelas, e em outros casos por causa da queda de algumas partes, quando ocorre a combinação de fogo e de vento já mencionada por nós a propósito do relâmpago; (115) ou então pela mistura de átomos geradores de fogo, quando ocorre uma união propícia à produção desse efeito, e também pelo movimento sucessivo na direção para a qual os impele o impulso originário que os reúne; ou ainda pela concentração de vento em certas massas nebulosas e por sua combustão devida ao adensamento, e depois pela ruptura das partes circundantes e pelo movimento no lugar para onde são impelidas pelo próprio impulso. Há entretanto outros modos para a produção desse efeito.

Os prognósticos do tempo dados por alguns animais ocorrem por mera coincidência de ocasião[761] em certas estações do ano. Na realidade os animais não exercem qualquer influência no início e no fim do inverno, nem alguma natureza

761. Veja-se o § 98 deste livro.

divina senta-se para observar a saída desses animais e depois confirma-lhes os prognósticos. (116) Uma loucura dessas não atingiria nem mesmo um ser vivo comum, ainda que fosse pouco dotado, e muito menos pode atingir quem possui a felicidade perfeita.

Fixa na memória, Pitoclés, todas essas explicações. Assim te livrarás em muitos casos dos mitos e poderás compreender outras explicações semelhantes a estas. Mas, dedica-te principalmente ao estudo dos princípios originários do universo, do infinito e de temas afins, e além disso ao estudo dos critérios da verdade, dos sentimentos e do fim supremo com vistas ao qual escolhemos entre eles. O estudo conjunto desses assuntos capacitar-te-á facilmente a compreender as causas dos fenômenos particulares. Entretanto, aqueles que não apreciam com toda a intensidade possível esse estudo não poderão entender corretamente essa matéria mesma nem atingir o objetivo para cuja consecução ela deve ser estudada."

(117) Esta é então a doutrina acerca dos fenômenos celestes.

Quanto à nossa conduta na vida e à questão de sabermos o que devemos escolher e o que devemos rejeitar, suas palavras serão transcritas a seguir. Antes, porém, de citar-lhe as palavras, rememoraremos sumariamente a doutrina de Epícuros e de seus adeptos referente ao sábio. As causas dos males praticados pelos homens são o ódio, a inveja e o desprezo, que o sábio domina por meio do raciocínio. Aquele que se torna sábio uma vez, nunca mais assumirá nem fingirá assumir voluntariamente uma atitude contrária. Ele será mais susceptível aos sentimentos, porém isso não constituirá um estorvo à sua sabedoria. Entretanto, nem toda constituição física nem toda nacionalidade permite a um homem tornar-se sábio. Mesmo submetido à tortura o sábio é feliz. (118) Somente o sábio saberá ser grato aos amigos, presentes e ausentes igualmente, e demonstrará a amizade em palavras e atos. Quando for submetido à tortura, então gritará e lamentar-se-á. Como diz Diógenes (de Tarsos) na *Epítome da Doutrina Ética de Epícuros*, o sábio não se unirá à mulher a quem as leis o impedem de unir-se. Não punirá os servos – ao contrário, apiedar-se-á deles, e perdoará os que se lhe mostrarem dedicados. Segundo os epicuristas, o sábio não se apaixonará, nem se preocupará com sua sepultura. De acordo com Diógenes (de Tarsos) em seu décimo segundo livro o amor não é mandado por um deus. O sábio também não cederá ao fascínio dos artifícios retóricos. Os epicuristas sustentam ainda que a união carnal jamais faz bem, e que se deve ficar contente se ela não faz mal.

(119) O próprio Epícuros afirma nos *Problemas* e nos livros *Da Natureza* que o sábio não se casará nem gerará filhos. Contrairá matrimônio somente em circunstâncias especiais de sua vida, porém outras circunstâncias poderão levá-lo a desistir de seu propósito. Em seu *Banquete*, Epícuros afirma que o sábio não se entregará a palavrórios vãos quando estiver embriagado; nem participará da vida política, segundo as palavras do filósofo no primeiro livro da obra *Dos Modos de Viver*; nem será tirano; nem se tornará adepto da escola cínica, como afirma Epícuros no segundo livro da mesma obra; nem será um pedinte. E ainda que perca a vista não abandonará a vida, de acordo com sua afirmação no mesmo livro.

(120) O sábio sentirá a dor, como diz Diógenes (de Tarsos) no quinto livro de sua obra *Lições Seletas*; e recorrerá aos tribunais; e deixará escritos, porém não comporá panegíricos. Será previdente quanto ao seu patrimônio e ao futuro. Resistirá aos reveses da sorte e jamais trairá um amigo. Defenderá cuidadosamen-

te sua reputação de modo a nunca incorrer no desprezo alheio. Sentirá mais que os outros homens a alegria suprema da indagação científica.

Dedicará imagens votivas. Ser ou não ser rico lhe é indiferente. Apenas o sábio discorrerá acertadamente sobre a música e a poesia, sem chegar, entretanto, a compor poemas. Nenhum sábio é mais sábio que outro. Somente se estiver em condições difíceis o sábio procurará ganhar dinheiro, mas apenas por sua sabedoria. Cortejará o monarca se for oportuno. Demonstrará alegria intensa quando alguém houver conseguido progredir moralmente. Fundará uma escola filosófica, mas não para reunir uma multidão em torno de si, e fará leituras públicas, porém somente atendendo a pedidos. Será dogmático em suas convicções doutrinárias, sem jamais deixar dúvidas. Até adormecido será igual a si mesmo, e se for necessário morrerá por um amigo.

Segundo os epicuristas, as culpas não são todas iguais. Para alguns a saúde do corpo é um bem, para outros é indiferente. A coragem não decorre de uma disposição natural, e sim do cálculo da conveniência. A amizade é uma necessidade. Da mesma forma que lançamos a semente na terra, devemos tomar a iniciativa da amizade; depois ela cresce e se transforma na vida em comum entre todos aqueles que realizaram plenamente o ideal da agradável serenidade.

(121) Pode-se conceber de dois modos a felicidade: a suprema, própria da divindade, que não pode ser mais intensa, e a outra, susceptível de adição e subtração de prazeres.

Passemos agora à sua epístola:

"Epícuros a Menoiceus, saudações.

(122) Nenhum jovem deve demorar a filosofar, e nenhum velho deve parar de filosofar, pois nunca é cedo demais nem tarde demais para a saúde da alma. Afirmar que a hora de filosofar ainda não chegou ou já passou é a mesma coisa que dizer que a hora da felicidade ainda não chegou ou já passou; devemos, portanto, filosofar na juventude e na velhice para que enquanto envelhecemos continuemos a ser jovens nas boas coisas mediante a agradável recordação do passado, e para que ainda jovens sejamos ao mesmo tempo velhos, graças ao destemor diante do porvir. Devemos então meditar sobre tudo que possa proporcionar a felicidade para que, se a temos, tenhamos tudo, e se não a temos, façamos tudo para tê-la.

(123) Põe em ação os preceitos que te comuniquei ininterruptamente e medita, com a nítida consciência de que eles são os elementos fundamentais de uma vida bela. Em primeiro lugar considera a divindade um ser vivo e feliz, de acordo com a noção da divindade impressa em nós pela natureza, e não lhe atribuas coisa alguma estranha à imortalidade ou incompatível com a felicidade. Crê firmemente que a ela convém tudo que pode confirmar e não eliminar a sua bem-aventurança e imortalidade. Os deuses realmente existem, e o conhecimento de sua existência é manifesto. Mas eles não existem como a maioria crê, pois na verdade ela não os representa coerentemente com o que crê que eles sejam. Ímpio não é quem elimina os deuses aceitos pela maioria, e sim quem aplica aos deuses as opiniões da maioria. (124) De fato, as afirmações da maioria sobre os deuses não são preconcepções verdadeiras e sim suposições falsas. Por causa de tais suposições falsas imagina-se que derivam dos deuses os maiores males e bens. Mas, aqueles que têm uma familiaridade constante com as próprias formas de excelência fazem uma imagem coerente dos deuses e repelem como alheio a estes tudo que não se coaduna com sua natureza.

Acostuma-te a crer que a morte nada é para nós. Efetivamente, todos os bens e males estão na sensação, e a morte é a privação das sensações. Logo, o conhecimento correto de que a morte nada é para nós torna fluível a mortalidade da vida, não por atribuir a esta uma duração ilimitada, mas por eliminar o desejo de imortalidade.

(125) Não há realmente nada de terrível na vida para quem tem a consciência clara de que nada existe de terrível na cessação da vida. É insensato, portanto, quem diz que teme a morte não porque sua presença pode causar sofrimento, mas porque sua perspectiva faz sofrer. Aquilo que não perturba quando está presente causa somente um sofrimento infundado quando é esperado. Então o mais pavoroso dos males – a morte – nada é para nós, pois enquanto existimos a morte não está presente, e quando a morte está presente já não existimos. Nada é, então, a morte para os vivos, e nada é para os mortos, porque para os vivos ela não existe, e os mortos já não existem. Mas a maioria ora foge da morte como o maior dos males, ora a procura como a cessação dos males da vida.

(126) O sábio não renuncia à vida nem teme a cessação da vida. Viver não o entedia, nem ele crê que a cessação da vida seja um mal. Da mesma forma que não escolhe nos alimentos apenas e simplesmente a porção maior, e sim a mais agradável, o sábio procura aproveitar o tempo mais agradável, e não meramente o mais longo. E quem aconselha o jovem a viver bem, e o velho a morrer bem, fala insensatamente, não só porque a vida é desejável, mas também porque a meditação sobre uma vida bela coincide com a meditação sobre uma morte bela. Mas é ainda muito pior dizer que seria melhor não ter nascido, porém já que se nasceu o melhor seria transpor as portas do Hades o mais depressa possível[762].

(127) Com efeito, se quem diz isso tem convicção do que afirma, por que não deserta da vida? Ser-lhe-ia mais fácil, se sua convicção fosse firme. Entretanto, se fala somente por zombaria, suas palavras são uma insensatez, pois quem o ouve não acredita nessa afirmação.

Devemos lembrar-nos de que o futuro não é inteiramente nosso, de tal maneira que não devemos esperar a sua realização de qualquer modo, nem que não se realize de modo algum.

Devemos também ter em mente que alguns dos desejos são naturais, e outros são infundados. Dos naturais alguns são necessários, e outros são apenas naturais; dos necessários alguns são necessários à felicidade, outros à tranqüilidade sem perturbações do corpo, e outros à própria vida.

(128) Um entendimento correto dessa teoria permitir-nos-á dirigir toda escolha e rejeição com vistas à saúde do corpo e à tranqüilidade perfeita da alma, pois isto é a realização suprema de uma vida feliz. A finalidade de todas as nossas ações é nos livrarmos do sofrimento e do temor, e quando atingimos esse objetivo desaparece toda a tempestada da alma, porquanto a criatura viva não tem necessidade de buscar algo que lhe falta, nem de procurar outras coisas com que possa realizar o bem da alma e do corpo. Sentimos necessidade do prazer somente quando sofremos pela ausência do prazer, mas quando não sofremos não sentimos mais necessidade do prazer. Por isso afirmamos que o prazer é o princípio e o fim da vida feliz. (129) O prazer é nosso bem primordial e congênito, e partindo dele

762. Téognis, versos 425 e 427.

movemo-nos para qualquer escolha e rejeição e a ele voltamos usando como critério de discriminação de todos os bens as sensações de prazer e de dor. Já que o prazer é nosso bem primordial e congênito, também por causa dele não escolhemos qualquer prazer, mas às vezes passamos sobre muitos prazeres, quando são seguidos por um aborrecimento maior; e consideramos muitos sofrimentos superiores aos prazeres, quando a submissão ao sofrimento por um longo período nos traz como conseqüência um prazer maior. Então todo prazer, por ter uma natureza condizente conosco, é um bem, mas nem por isso todo prazer deve ser escolhido, da mesma forma que toda dor é um mal, mas nem por isso devemos fugir de toda dor por sua própria natureza. (130) Convém então discriminar todas essas coisas com o cálculo daquilo que é útil e a ponderação daquilo que é prejudicial, porque em certas circunstâncias o bem é um mal para nós e o mal é um bem para nós.

Às vezes consideramos a auto-suficiência um grande bem, não porque em todos os casos devemos contentar-nos com pouco, mas para que se não tivermos o muito nos contentemos com o pouco, sinceramente persuadidos de que quanto maior a moderação com que se goza a abundância, tanto menor a necessidade dela, e de que todo desejo conforme a natureza pode ser facilmente satisfeito, ao passo que todo desejo vão é difícil de satisfazer. Uma dieta simples proporciona um prazer análogo ao de uma mesa suntuosa, desde que se elimine o sofrimento provocado pela necessidade; (131) e pão e água proporcionam o prazer supremo quando levados a uma boca faminta. O hábito de alimentar-se com simplicidade, e não suntuosamente, não só garante a boa saúde e faz com que o homem enfrente sem hesitação as inevitáveis necessidades da vida, mas ainda o predispõe melhor a apreciar as mesas suntuosas que se lhe oferecem às vezes, e o torna destemeroso diante da sorte.

Então, quando dizemos que o prazer é a realização suprema da felicidade, não pretendemos relacioná-lo com a voluptuosidade dos dissolutos e com os gozos sensuais, como querem algumas pessoas por ignorância, preconceito ou má compreensão; por prazer entendemos a ausência de sofrimento no corpo e a ausência de perturbação na alma.

(132) Não é uma sucessão ininterrupta de banquetes e festas, nem o prazer sexual com meninos e mulheres, nem a degustação de peixes e outras iguarias oferecidas por uma mesa suntuosa que proporciona a vida agradável, e sim um cálculo sóbrio que investigue as causas de toda escolha e de toda rejeição e elimine as opiniões vãs por obra das quais um intenso tumulto se apossa das almas. O princípio de tudo isso e o maior bem é a sabedoria; conseqüentemente a possessão mais preciosa da própria filosofia é a sabedoria, origem natural de todas as outras formas de excelência restantes; com efeito, ela ensina que não se pode levar uma vida agradável se não se vive com sabedoria, moderação e justiça, nem se pode levar uma vida sábia, moderada e justa se não se vive agradavelmente. As formas de excelência são concomitantes com a vida agradável, e a vida agradável é inseparável delas.

(133) Crê, então, Menoiceus, que ninguém é superior a tal homem. Sua opinião em relação aos deuses é piedosa e ele se mostra sempre destemeroso diante da morte. Ele reflete intensamente sobre a finalidade da natureza e tem uma concepção clara de que o bem supremo pode ser facilmente atingido e facilmente conquistado, e que o mal supremo dura pouco e causa sofrimentos

passageiros. Finalmente ele proclama que o destino, introduzido por alguns filósofos como senhor de tudo, é uma crença vã, e afirma que algumas coisas acontecem necessariamente, outras por acaso, e que outras dependem de nós, porque para ele é evidente que a necessidade gera a irresponsabilidade e que o acaso é inconstante, e as coisas que dependem de nós são livremente escolhidas e são naturalmente acompanhadas de censura e louvor.

(134) Seria melhor, realmente, aceitar os mitos sobre os deuses do que aceitar ser o escravo do destino adotado pelos filósofos naturalistas, pois os mitos têm como se fosse impressa em si mesmos a esperança de que os deuses podem ceder às preces e homenagens que lhes são prestadas, enquanto o destino dos filósofos naturalistas é uma necessidade inflexível. Tampouco um homem sábio supõe que o acaso seja uma divindade, como crê a maioria, pois não há desordem nos atos dos deuses; nem supõe que seja uma causa, embora incerta, pois não crê que nenhum bem ou mal seja concedido por acaso aos homens de maneira a fazer a vida feliz, embora proporcione o ponto de partida de grandes bens e grandes males. (135) Ele crê que o infortúnio do sábio é melhor que a prosperidade do insensato, pois acha melhor numa ação humana o fracasso daquilo que é bem escolhido que o sucesso por obra do acaso daquilo que é mal escolhido.

Medita, portanto, sobre essas coisas e outras afins dia e noite, por ti mesmo e com companheiros semelhantes a ti, e nunca serás perturbado, desperto ou adormecido, mas viverás como um deus entre os homens, pois em nada se assemelha a uma criatura mortal o homem que vive entre bens imortais."

Em outra parte, e também na *Pequena Epítome*, Epícuros rejeita totalmente a adivinhação, dizendo: "A adivinhação não tem uma existência real, e ainda que tivesse devemos considerar que tudo que acontece de acordo com ela nada é para nós."

São estes os seus pontos de vista sobre questões éticas.

(136) Nas concepções a propósito do prazer Epícuros diverge dos cirenaicos. Estes, com efeito, não admitem o prazer estático, mas somente o prazer em movimento; Epícuros, ao contrário, admite ambos, quer os da alma, quer os do corpo, como afirma na obra *Da Escolha e da Rejeição*, em outra intitulada *Do Fim Supremo* e no primeiro livro da obra *Dos Modos de Vida*, e na epístola *Aos Filósofos de Mitilene*. Também Diôgenes (de Tarsos) no décimo sétimo livro das *Lições Seletas*, e Metrôdoros no *Timocrates* exprimem-se da seguinte maneira: "Concebe-se o prazer de dois modos: o prazer em movimento e o prazer estático." E Epícuros na obra *Da Escolha e da Rejeição* diz o seguinte: "A tranqüilidade perfeita e a ausência completa de sofrimento são prazeres estáticos; a alegria e o deleite são prazeres em movimento enquanto vistos em sua atividade."

(137) Epícuros também diverge dos cirenaicos em outros pontos. Com efeito, estes sustentam que as dores do corpo são piores que as da alma (de qualquer modo os culpados sofrem penas corporais); Epícuros, ao contrário, considera as dores da alma piores. Realmente, a carne é transtornada pelo sofrimento apenas no presente, enquanto a alma, além de sofrer pelo presente, sofre ainda pelo passado e pelo futuro. Sendo assim, ele também crê que os prazeres da alma são maiores que os do corpo.

E como prova de que o prazer é o fim supremo, Epícuros aduz o fato de os seres vivos imediatamente após o nascimento estarem contentes com o prazer, enquanto rebelam-se contra a dor por disposição natural, sem a intervenção da

razão. Por instinto legítimo fugimos então à dor. De fato, Heraclés também, quando estava sendo consumido pela túnica envenenada, gritou[763]

> "bradando e ululando; as rochas em volta ecoam seu lamento, e os promontórios arborizados da Locris e os despenhadeiros longínquos da Euboia".

(138) Segundo Epícuros, escolhemos as formas de excelência não por si mesmas, e sim pelo prazer, tal como escolhemos a medicina por causa da saúde, como diz no vigésimo livro das *Lições Seletas* Diôgenes (de Tarsos), que chama a educação[764] de guia para a vida[765]. Epícuros afirma também que a excelência é a única coisa inseparável do prazer; todas as outras coisas podem ser separadas dele, como por exemplo os alimentos.

Aponhamos agora, por assim dizer, o selo final a toda esta obra e à biografia deste filósofo, citando as suas *Máximas Principais* em conclusão a todo o trabalho. Dessa forma seu fim assinala o início da felicidade.

(I)

(139) O ser bem-aventurado e eterno não tem perturbações nem perturba outro ser; por isso é imune a movimentos de ira ou de gratidão, pois todo movimento desse tipo implica fraqueza. (Em outra parte Epícuros diz que os deuses são visíveis à nossa mente, sendo alguns numericamente distintos, enquanto outros aparecem uniformemente do influxo contínuo de imagens similares dirigidas ao mesmo ponto e com a figura humana.)

(II)

A morte nada é para nós, pois o que se decompõe é insensível, e o que é insensível nada é para nós.

(III)

A magnitude do prazer atinge seu limite na remoção de todo sofrimento. Quando o prazer está presente, durante todo o tempo em que ele permanece não há dor nem no corpo, nem na alma, nem nos dois.

(IV)

(140) Uma dor contínua não dura muito tempo na carne; ao contrário, quanto mais aguda é a dor menor é a sua duração, e também se por sua intensidade ela vence o prazer, não dura muitos dias na carne. As doenças prolongadas permitem até uma preponderância do prazer sobre o sofrimento carnal.

763. Sófocles, *Traquínias*, 787-788.
764. Educação = *agogé*.
765. Guia para a vida = *diagogé*.

(V)

Não é possível uma vida agradável se não se vive com sabedoria, moderação e justiça, nem é possível uma vida sábia, moderada e justa se não se vive agradavelmente. Se falta uma dessas condições (quando, por exemplo, o homem não é capaz de viver sabiamente), embora ele viva moderada e justamente, é-lhe impossível viver agradavelmente.

(VI)

(141) Para conseguir a segurança em relação a outros homens, a instituição do poder e da realeza deve ser incluída entre os bens conformes à natureza, sempre que por meio dessa instituição os homens possam obter aquela segurança.

(VII)

Alguns homens procuram tornar-se famosos e ilustres, pensando que desse modo garantiriam para si mesmos segurança diante dos homens restantes. Se, então, a vida de tais pessoas for realmente segura, elas terão atingido o bem conforme a natureza; se, entretanto, for insegura, elas não terão atingido o fim que perseguiram impelidos pela própria natureza.

(VIII)

Nenhum prazer é um mal por si mesmo, porém aquilo que produz alguns prazeres traz perturbações muitas vezes maiores que os próprios prazeres.

(IX)

(142) Se todo prazer pudesse intensificar-se de tal maneira que durasse e influenciasse todo o organismo, ou as partes mais essenciais de nossa natureza, os prazeres nunca difeririam uns dos outros.

(X)

Se as causas dos prazeres dos dissolutos libertassem o pensamento de tais pessoas do temor suscitado pelos fenômenos celestes, pela morte e pelos sofrimentos, e se ainda lhes ensinassem os limites dos desejos, nunca teríamos razões para censurá-los, pois estariam cumulando-se de toda espécie de prazeres e seu corpo e sua alma nunca experimentariam sofrimentos, que são o mal da vida.

(XI)

Se não nos perturbássemos com nossas dúvidas a respeito dos fenômenos celestes, e se não receássemos que a morte significasse alguma coisa para nós, e também não nos perturbássemos com nossa incapacidade de discernir os limites dos sofrimentos e desejos, não teríamos necessidade da ciência natural.

(XII)

(143) Quem desconhece a natureza do todo, mas sente um temor cheio de dúvidas por causa de alguns mitos, não consegue livrar-se do medo em assuntos extremamente importantes. Sendo assim, sem o estudo científico da natureza não seria possível fruir os prazeres em sua pureza.

(XIII)

Não há proveito em assegurar a proteção diante dos homens se as coisas acima e abaixo da terra e na realidade em todo o universo infinito permanecerem como motivos de receios.

(XIV)

A fonte mais pura de proteção diante dos homens, assegurada até certo ponto por uma determinada força de rejeição, é de fato a imunidade resultante de uma vida tranqüila e distante da multidão.

(XV)

(144) A riqueza conforme a natureza é limitada e fácil de obter; a requerida pelas opiniões vãs estende-se ao infinito.

(XVI)

Raramente a sorte prejudica um homem sábio, pois as coisas principais e fundamentais sempre foram governadas pelas razão, e por todo o curso da vida a razão as governa e governará.

(XVII)

A vida do homem justo é totalmente imune a perturbações interiores, mas a do homem injusto é repleta de inquietude.

(XVIII)

O prazer carnal não cresce quando o sofrimento devido à necessidade é afastado, mas somente varia. O limite dos prazeres da alma resulta do cálculo racional dos próprios prazeres e das emoções afins a eles, causas habituais dos maiores temores do espírito.

(XIX)

(145) O tempo infinito contém o mesmo prazer que o tempo finito, se os limites do prazer são calculados racionalmente.

(XX)

A carne não admite limite algum ao prazer, nem é limitado o tempo necessário para proporcioná-lo. O espírito, entretanto, tendo atingido um entendimento racional do bem carnal supremo e seus limites, e tendo dissipado os temores relativos à eternidade, proporciona-nos a vida integral, e já não temos necessidade de tempo infinito. Mas, o espírito não repele o prazer, nem, quando as circunstâncias começam a levar-nos ao termo da vida, aproxima-se de seu fim como se houvesse interrompido de algum modo a vida ótima.

(XXI)

(146) Quem aprendeu a conhecer os limites da vida sabe que aquilo que remove o sofrimento devido à necessidade e torna a vida completa é fácil de obter; sendo assim, não há necessidade de ações que envolvam luta.

(XXII)

Devemos considerar como fim o propósito real e a evidência da percepção direta, padrões de referência com que sempre conferimos as conclusões da opinião; se assim não for, tudo estará cheio de dúvida e confusão.

(XXIII)

Se lutares contra todas as sensações, não terás um critério de referência, e assim não poderás julgar sequer aqueles juízos que qualificas de falsos.

(XXIV)

(147) Se rejeitares sumariamente qualquer sensação e se não conseguires distinguir entre a conclusão da opinião quanto à aparência que espera confirmação e aquela realmente dada pela sensação ou sentimento, ou cada apreensão intuitiva do espírito, confundirás também todas as outras sensações com a mesma opinião infundada, de tal forma que rejeitarás todos os padrões de juízo. E se entre as imagens mentais criadas por tua opinião afirmas tanto aquilo que espera confirmação como aquilo que não espera, não escaparás do erro, pois terás conservado toda causa de dúvida em cada juízo a propósito do que é verdadeiro e do que é falso.

(XXV)

(148) Se em cada ocasião em vez de submeter tuas ações ao objetivo da natureza preferires voltar-te para qualquer outro padrão de referência mais próximo quando estiveres fazendo uma escolha ou rejeição, tuas ações não se coadunarão com teus princípios.

(XXVI)

Dos desejos, todos os que não levam a uma sensação de sofrimento, se não são satisfeitos não são necessários, mas envolvem um anseio facilmente dissipável, quando o objeto é difícil de obter ou se tendem a prejudicar.

(XXVII)

De todos os bens que a sabedoria proporciona para produzir a felicidade por toda a vida, o maior, sem comparação, é a conquista da amizade.

(XXVIII)

A mesma convicção que nos inspirou a confiança de que nada existe de terrível que dure para sempre ou mesmo por muito tempo, também nos habilita a ver que nos limites mesmos da vida nada aumenta tanto a nossa segurança como a amizade.

(XXIX)

(149) Dos desejos, alguns são naturais e necessários, outros são naturais e não-necessários; outros ainda, nem naturais nem necessários, devidos à imaginação ilusória. (Epícuros considera naturais e necessários os desejos que nos livram do sofrimento, como beber quando temos sede; naturais e não-necessários são os desejos que simplesmentee fazem variar o prazer, sem remover o sofrimento, como os alimentos suntuosamente preparados; nem naturais nem necessários são os desejos por coroas e ereção de estátuas em honra da própria pessoa.)

(XXX)

Os desejos naturais não seguidos de sofrimento, quando não são satisfeitos, embora seus objetos sejam ardentemente perseguidos, devem-se também a uma opinião ilusória; e quando não nos livramos deles não é por causa de sua própria natureza, mas por causa da opinião ilusória dos homens.

(XXXI)

(150) O direito natural simboliza a vantagem recíproca de impedir os homens de prejudicarem os outros, e os livra de serem prejudicados.

(XXXII)

Para todos os seres vivos incapazes de estabelecer pactos com o intuito de não prejudicar os outros e de não ser prejudicados, nada era justo nem injusto. Acontece o mesmo em relação aos povos que não podiam ou não queriam estabelecer pactos destinados a não prejudicar e não ser prejudicados.

(XXXIII)

A justiça não era a princípio algo em si e por si, mas nas relações recíprocas dos homens em qualquer lugar e a qualquer tempo é uma espécie de pacto no sentido de não prejudicar nem ser prejudicado.

(XXXIV)

(151) A injustiça não é um mal por si mesma, porém somente por causa do medo gerado pela expectativa de que as pessoas incumbidas de punir as ações injustas descubram a injustiça.

(XXXV)

Quem viola secretamente uma das cláusulas do pacto estabelecido para que ninguém cause ou receba males não pode ter a esperança de conseguir permanecer ignora·lo, embora no presente seja bem-sucedido dez mil vezes. Não há realmente certeza de que conseguirá permanecer ignorado até a morte.

(XXXVI)

Em seu aspecto geral a justiça é a mesma para todos, pois representa uma espécie de vantagem recíproca nas relações dos homens uns com os outros; mas, com referência às peculiaridades locais e outras circunstâncias quaisquer, a mesma coisa não é justa para todos.

(XXXVII)

(152) Das disposições codificadas no direito vigente, aquelas confirmadas como úteis nas relações recíprocas da vida comunitária apresentam o requisito do justo, sejam ou não sejam as mesmas para todos. Mas, se for promulgada uma lei que não se mostre útil nas relações recíprocas da vida comunitária, essa lei não terá mais a natureza do justo. E também se aquilo que é útil de conformidade com o direito vigente vier a cessar, embora tenha correspondido durante um certo período de tempo à noção primordial do justo, apesar disso durante aquele período foi justo, desde que não nos preocupemos com palavras vãs e tenhamos em vista simplesmente os fatos.

(XXXVIII)

(153) Onde, sem a superveniência de circunstâncias novas, as normas estabelecidas pelo direito vigente demonstraram que não correspondiam à noção primordial do justo na própria realidade dos fatos, então elas não eram justas. Onde, sobrevindo novas circunstâncias, as mesmas normas vigentes já não se mostravam justas, então eram justas enquanto foram úteis às relações recíprocas da comunidade de cidadãos; posteriormente deixaram de ser justas, quando deixaram de ser úteis.

(XXXIX)

(154) O homem que soube enfrentar melhor o temor de inimigos externos transformou por assim dizer numa família todas as criaturas que pôde; e as que não pôde ele ao menos não tratou como estranhas; mas, quando até isso lhe pareceu impossível, evitou toda espécie de relações, e tanto quanto lhe era conveniente as manteve à distância.

(XL)

Todos os homens capazes de proporcionar-se a mais completa segurança em relação aos vizinhos convivem da maneira mais agradável, pois têm a mais certa garantia de segurança; e depois de conviverem na mais completa intimidade não lamentam a partida prematura de um dos seus como se o morto devesse ser lamentado.

ÍNDICES

(os algarismos romanos indicam os livros e os arábicos os parágrafos).

I – ÍNDICE DAS FONTES

Acaicôs, VI, 99.
Ainesídemos, IX, 62, 78, 87, 102, 106.
Aisquines, II, 60 e seguintes.
Alcaios (o poeta), I, 31, 81.
Alcidamas, VIII, 56.
Álcimos, III, 9, 12.
Alcmáion, VIII, 83.
Alèxandros (Poliístor), I, 116; II, 19, 106; III, 4, 5; IV, 62; VII, 179; VIII, 36.
Alexis, poeta cômico, III, 27, 28.
Álexon de Mindos, I, 29.
Ambríon, V, 11.
Ameipsias, poeta cômico, II, 28.
Anaxagoras, II, 6 e seguintes.
Anaxandrides, poeta cômico, III, 26.
Anaxilaídes, III, 2.
Anaximenes, I, 40.
Ândron de Éfesos, I, 30, 119.
Anficrates, II, 101.
Ânfis, poeta cômico, III, 27, 28.
Antagoras de Rodes, poeta, IV, 21, 26.
Anticleides, VIII, 11.
Antifon, VIII, 3.
Antigonos de Caristos, II, 136, 143; III, 66; IV, 17; V, 67; VII, 12; IX, 62, 110.
Antilêon, III, 3.
Antiocos de Laodicea, IX, 106.
Antípatros de Sídon, epigramatista, VII, 29.
Antípatros (de Tarsos?), VII, 54, 55, 57, 60.
Antípatros de Tiros, VII, 140, 142, 148, 157, 158.
Antistenes de Rodes, I, 40; II, 39, 98; VI, 77, 87; VII, 168; IX, 6, 27, 35, 38, 39, 57.
Apelás, IX, 106.
Apolôdoros de Atenas, I, 37, 58, 60, 74; II, 2, 3, 7, 44; IV, 65; V, 9, 58; VII, 140 (?), 181, 184; VIII, 52, 58, 90; IX, 18, 24, 25, 41, 50, 61; X, 13, 14.
Apolôdoros de Cízicos, IX, 38.
Apolôdoros, o epicurista, X, 2, 10, 13, 25.
Apolôdoros de Seleucia, estóico, VII, 39, 54, 64, 102, 118, 121, 125, 129, 135, 140(?).
Apolôdoros, o aritmético, I, 25.
Apolofanes, VII, 92, 140.

Apolonides de Nicaia, IX, 109.
Apolônios de Tiros, VII, 1, 2, 6, 24, 28.
Aristagoras de Miletos, I, 11, 72.
Arístipos de Cirene, I, 96; II, 23, 48, 79; III, 29; IV, 19; V, 3, 39; VIII, 21, 60.
Aristófanes, poeta cômico, II, 18, 20; IV, 18; VIII, 34.
Aristófanes, gramático, III, 61; X, 13.
Aristofon, poeta cômico, VIII, 38.
Ariston de Céos, V, 64.
Aristóteles, I, 1, 8, 24, 98; II, 23, 26, 46, 104; III, 37, 48; V, 21, 61; VIII, 13, 19, 34, 36, 52, 57, 63, 74; IX, 25, 53, 54, 81; X, 27.
Aristôxenos, I, 42, 107, 118; II, 19, 20; III, 8, 37; V, 35, 92; VIII, 1, 8, 14, 15, 79, 82; IX, 40.
Arquêdemos, VII, 40, 55, 68, 84, 88, 134, 136.
Arquêtimos de Siracusa, I, 40.
Artemídoros, o dialético, IX, 53.
Ascânios de Ábdera, IX, 61.
Atênaios, o epigramatista, VI, 14; VII, 30; X, 2.
Atenôdoros, III, 3; V, 36; VI, 81; VII, 68, 121; IX, 42.
Autôdoros, filósofo epicurista, V, 92.

Bion de Boristenes, II, 77.
Bôetos, VII, 148, 149.

Caineus, IV, 2.
Calias, II, 18.
Calímacos, I, 23, 25, 28 e seguintes, 80; VIII, 86; IX, 17, 23.
Camailêon, III, 46; V, 92.
Carneades, X, 26.
Cássios, filósofo cético, VII, 82, 84.
Cercidas de Megalôpolis ou Creta, VI, 76 e seguintes.
Cleantes, VII, 14, 84, 87, 89, 91, 92, 127, 128, 134, 139, 142.
Clêarcos de Sôloi, I, 9, 30, 81; III, 2.
Clêitarcos, I, 6.
Cleitômacos, II, 92.
Cleôbulos, I, 89, 90.
Cleomenes, VI, 75.
Coirilos, poeta, I, 24.
Comediógrafo anônimo, II, 108; IV, 20.
Crates, II, 126; VI, 85.
Cratinos, poeta da Comédia Antiga, I, 12, 62, 89.
Cratinos, o jovem, poeta da Comédia Intermediária, III, 28; VIII, 37.
Crinis, VII, 62, 68, 71, 76.
Crísipos, VII, 34, 39, 40, 50, 54, 55, 60, 65, 68, 71, 79, 84, 89, 91, 92, 101, 102, 103, 111, 120, 121, 122, 125, 127, 129, 130, 131, 134, 138, 139, 140, 142, 149, 150, 151, 187, 188.
Crôton, IX, 12.
Ctesiclês de Atenas, II, 56.

Daímacos, I, 30.
Dânon de Cirene, I, 40.
Dêinarcos, II, 52.
Dêinon, I, 8; IX, 50.
Demétrios de Bizântion, II, 20 e seguintes; V, 83(?).
Demétrios de Fáleron, I, 22; II, 7, 13, 44; IX, 15, 20, 57.
Demétrios de Magnesia, I, 38, 79, 113; II, 52, 56, 57; V, 3, 75, 89; VI, 79, 84, 88; VII, 31, 169, 185; VIII, 84, 85; IX, 15, 27, 35, 40; X, 13.
Demétrios de Troizen, VIII, 74.
Demôcritos de Ábdera, I, 23; IX, 41, 72, 106; X, 4.
Demôdicos de Leros, I, 84.
Dicáiarcos, I, 41; II, 243; III, 4, 38, 46; VIII, 40.
Dídimos, V, 76.
Dieuquidas, I, 57.
Dioclés de Magnesia, II, 54, 82; VI, 12, 13, 20, 36, 87, 91, 99, 103; VII, 48, 162, 166, 179, 181; IX, 61, 65; X, 11, 12.
Diôdoros, IV, 2.
Diôdoros de Éfesos, VIII, 70.
Diôdotos, IX, 12.
Diôgenes da Babilônia, VII, 39, 55, 57, 71, 84, 88.
Diôgenes, filósofo cínico, VI, 20; VII, 131.
Diôgenes, filósofo epicurista, X, 97, 118, 119, 136, 188.
Dionísios, I, 38; VIII, 46.
Dionísios de Calcêdon, II, 106.
Dionísios de Halicarnassôs, X, 4.
Dionísios, filósofo estóico, VI, 43.
Dionísios, o Renegado, V, 92.
Dionisôdoros, II, 42.
Dioscurides, I, 63.
Diôtimos, filósofo estóico, X, 3.
Dúris, historiador, I, 22, 38, 74, 82, 89; II, 19.
Éforos, historiador, I, 40, 96, 98.
Eleusis, I, 29.
Empedoclés, VIII, 54; IX, 73.
Epícarmos, poeta cômico, III, 10-17.
Epíctetos, X, 6.
Epícuros, VII, 5, 9; IX, 53, 106; X, 5, 31, 35-83, 84-116, 122-135, 139-154.
Erasístratos, VII, 186.
Eratostenes, I, 119; VI, 88; VII, 5; VIII, 47, 51, 89; IX, 66.
Euantes de Miletos, I, 29.
Eubulides, II, 41; VI, 20.
Êubulos, VI, 30.
Êudemos de Rodes, I, 9, 23; VII, 40.
Êudoxos de Cnidos, I, 8, 29; VIII, 9; IX, 83.
Êudromos, VII, 39, 40.
Êufantos, II, 141.
Euforíon, III, 87.

Êumelos, V, 6.
Êupolis, poeta cômico, III, 7; IX, 50.
Eurípides, poeta trágico, I, 56; II, 10, 33, 44; III, 63; IV, 26, 29; IX, 55.
Eutífron, I, 207.

Fanias de Êresos, II, 65; VI, 8; VII, 41.
Fanôdicos, I, 31, 82.
Favorinos de Arles, I, 79; II, 1, 11, 20, 23, 38, 39, 40, 48, 62; IV, 15, 54, 63; V, 5, 41, 77; VI, 25, 73, 89; VII, 12, 15, 47, 83; IX, 20, 23, 29, 34, 50, 87.
Filarcos, historiador, IX, 115.
Filêmon, poeta cômico, VI, 87; VII, 27.
Filipos de Mêgara, II, 113.
Filôcoros, II, 44; IX, 55.
Filôdemos, X, 3, 24.
Filon de Atenas, II, 67; III, 40.
Flêgon, I, 111.
Frínicos, poeta cômico, IV, 20.

Glaucos de Région, historiador, VIII, 52; IX, 38.

Hecataios, historiador, I, 9, 10, 11.
Hecáton, VI, 4, 82, 95; VII, 2, 26, 87, 90, 91, 102, 103, 110, 124, 125, 127, 172, 181.
Heracleides Lembos, I, 98(?); II, 43; III, 26; V, 79; VIII, 7, 40, 44, 53, 58; IX, 26; X, 1.
Heracleides Pôntico, I, 12, 25, 94, 98(?); II, 43; III, 26; V, 79; VIII, 7, 40, 44, 53, 58; IX, 26; X, 1.
Heracleides de Tarsos, VII, 126.
Herácleitos de Éfesos, I, 23, 76, 88; VIII, 6; IX, 78.
Hêrmarcos, X, 15.
Hêrmipos de Smirne, I, 8, 33, 42, 72, 101, 106, 117; II, 13, 55, 98, 109; III, 2; IV, 44; V, 12, 41, 51, 56, 69, 85; VI, 2, 99; VII, 184; VIII, 1, 10, 41, 51, 56, 69, 85, 88; IX, 4, 27, 43; X, 2, 15.
Hermôdoros, I, 2, 8; II, 106; III, 6.
Herôdotos, historiador, I, 9, 22, 23, 68, 95; VIII, 2; IX, 34.
Herôdotos, filósofo epicurista, X, 4.
Hesíodos, poeta, VII, 25; X, 2.
Hierônimos de Rodes, I, 27; II, 14, 26, 105; VIII, 21, 58; IX, 16.
Híparcos, IX, 43.
Hípias de Élias, I, 24.
Hipôbotos, I, 19, 42; II, 88; V, 90; VI, 85, 102; VII, 25, 38; VIII, 43, 51, 72; IX, 5, 40, 115.
Hipócrates, IX, 73.
Hipônax, poeta iâmbico, I, 84, 88, 107; IV, 58.
Homero, VII, 67; VIII, 74; IX, 67, 73.

Idomeneus, II, 19, 20, 60; III, 36.
Íon de Quios, I, 120; II, 23; VIII, 8.

Isídoros de Pêrgamon, retor, VII, 34.
Istros, II, 59.
Iustos de Tiberias, II, 41.

Lêucipos, IX, 30 e seguintes, 46.
Licofron, II, 140.
Lícon, V, 16.
Lisanias, VI, 23.
Lisias, o orador, I, 55; II, 40.
Lísis de Taras, VIII, 42.
Lôbon de Argos, I, 34, 112.

Maiândrios de Míletos, I, 28, 41.
Maneto, I, 10.
Melântios, pintor, IV, 18.
Melêagros, II, 92.
Mênandros, poeta da Comédia Nova, VI, 82, 93.
Mênipos, VI, 29.
Menôdotos, II, 104; IX, 115.
Metroclés, VI, 33.
Metrôdoros, X, 1, 136.
Mimnermos, poeta elegíaco, I, 60.
Minias, I, 27.
Mironianos de Amastris, I, 115; III, 40; IV, 8, 14; V, 36.
Mnesímacos (ou Mnesílocos), II, 18; VIII, 37.

Neantes de Cízicos, I, 99; III, 3, 4, 25; VI, 13; VIII, 55, 58, 72.
Nicôlaos, X, 4.
Nicômacos, filho de Aristóteles, VIII, 88.
Numênios, IX, 68.

Olimpiôdoros, VI, 23.
Onétor, II, 114; III, 9.

Panáitios de Rodes, II, 64, 85, 87; III, 37; VII, 92, 128, 142, 163; IX, 20.
Panfile, I, 24, 68, 76, 90, 98; II, 24; III, 23; V, 36.
Parmenides, VIII, 14.
Pasífon de Eretria, II, 61.
Peisístratos de Éfesos, II, 60.
Persaios, II, 61; VII, 1, 28, 120.
Platão, I, 22, 41, 77, 99, 108; II, 18, 28, 30, 38, 39, 42, 45, 65; III, 34, 35, 37; VII, 131; VIII, 83; IX, 25, 37, 40, 50, 51, 72.
Plútarcos, IV, 4; IX, 60.
Polêmon, II, 104; III, 46; IV, 58; V, 85.
Polícritos de Mende, II, 63.
Polieuctos, orador, VI, 28.
Posêidipos, VII, 27, 28.

Poseidônios, VII, 39, 54, 60, 62, 87, 91, 92, 103, 124, 129, 134, 135, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 149, 152, 153, 154.
Praxifanes, III, 8.
Protagoras, III, 37.

Sabinos, III, 47.
Sátiros, I, 82; II, 12, 26; III, 9; VI, 80; VIII, 53, 58, 59, 60.
Sêleucos, gramático, III, 109; IX, 12.
Sextos Empeiricôs, IX, 87.
Sfairos, VII, 159.
Silenôs de Calatia, II, 11.
Simonides de Céos, poeta lírico, I, 76, 90; IV, 45; VIII, 65.
Sófocles, poeta trágico, IV, 35.
Sosíbios da Lacônia, I, 115.
Sosicrates de Rodes, I, 38, 49, 68, 75, 95, 101, 106, 107; II, 84; VI, 13, 80; VIII, 8.
Sosíteos, poeta dramático, VII, 173.
Sotion, I, 1, 7, 98; II, 12, 74, 85; VI, 26, 80; VIII, 86; IX, 110, 112; X, 4.
Spêusipos, III, 2; IX, 23.

Teáitetos, poeta, IV, 25; VIII, 48.
Telauges, VIII, 53, 55, 74.
Telecleides (?), II, 18.
Teôcritos de Quios, orador, V, 11.
Teôdoros de Cirene, II, 65; X, 5.
Teodósios, IX, 70.
Teofanes, II, 104.
Teôfrastos, V, 37; VI, 22; VIII, 48, 55; IX, 6, 21, 22.
Teôpompos, historiador, I, 8, 109, 115, 116, 117; III, 40; VI, 14.
Teôpompos, poeta cômico, III, 26.
Timaios, historiador, I, 114; VIII, 10, 11, 51, 54, 60, 64, 66, 71, 72.
Timocrates, VII, 2; X, 4, 6.
Tímon de Fliús, I, 34; II, 6, 19, 55, 62, 66, 107, 126; III, 7, 26; IV, 33, 34, 42; V, 11; VI, 18; VII, 16, 161, 170; VIII, 36, 67; IX, 6, 18, 23, 25, 40, 52, 64, 65, 76, 105, 107, 110, 115; X, 3.
Timonides (?) ou Simonides, IV, 5.
Timôteos de Atenas, III, 5; IV, 4; V, 1; VII, 1.
Trasilos, II, 1, 56, 57; IX, 37, 38, 41, 45.

Xantos da Lídia, historiador, I, 2; VIII, 63.
Xenofanes de Colofon, I, 23, 111; VIII, 37; IX, 72.
Xenofon, II, 29, 31, 32, 45, 50; III, 34, 35.

Zenôdotos, VII, 34.
Zênon de Cítion, VII, 39, 84, 87, 110, 120, 121, 129, 131, 134, 136, 142.
Zênon de Elea, IX, 29, 72.
Zênon de Tarsos, VII, 84.
Zêuxis, IX, 106.
Zoilos de Perga, VI, 37.

II – ÍNDICE GERAL

Ábdera, IX, 34, 50, 58.
Abderita, IX, 24.
Abos, escravo liberto por Stráton, V, 63.
Academia (ou Hecademia), etimologia, III, 7; local do jardim de Platão, III, 20; Antiga, Média e Nova, I, 19; IV, 28; doutrinas, III, 67 e seguintes.
Acaicos, VI, 99.
Acaios de Eretria, poeta trágico, II, 133.
Acamatis, tribo ática, VII, 10.
Acragás (a atual Agrigento), cidade, VIII, 40; pátria de Empedoclés, VIII, 51, 63, 67; rio, VIII, 92.
Ácron, médico, ridicularizado por Empedoclés, VIII, 65.
Actis, filha de Êudoxos, VIII, 88.
Acusativo (caso), na lógica estóica, VII, 65.
Acusílaos, incluído entre os Sete Sábios, I, 42.
Adêimantos, irmão de Platão, III, 4; filho do primeiro, III, 141.
Aêtlios, pai de Crísipos, VIII, 89.
Afrodite, VI, 60, 69.
Agamêmnon, VII, 67, 160.
Agatênor, pai de Xenocrates, IV, 6.
Agáton, II, 28.
Agêmarcos, pai de Hêrmarcos, X, 15, 17.
Agênor, antepassado de Tales, I, 22.
Agêsarcos, tido como pai de Epimenides, I, 109.
Agesílaos, sua amizade com Xenofon, II, 51.
Agêtor, patrono de Menêdemos, II, 138.
Agnonides, acusador de Teôfrastos, V, 37.
Agripa, filósofo cético, IX, 88.
Água, elemento primordial, I, 27; III, 73; V, 32; VII, 137; VIII, 29, 76; X, 107 e seguinte.
Aiacidas, II, 5.
Aias, I, 48, 62; V, 7.
Áigina, II, 115; III, 3, 19, 36; V, 70; VI, 74 e seguinte.
Aigos Potamoi, II, 10.
Ainesídemos, filósofo cético tardio, IX, 62, 87, 102, 106, 107; veja-se o Índice I.
Aiscrion, pai de Lisanias, VI, 23.
Aitalides (Pitágoras em outra encarnação), VIII, 4.
Aitna (atualmente Etna), VIII, 69.
Alcaios, poeta, I, 31, 81; II, 46.
Alcibiades, II, 23.
Álcimos, retor, discípulo de Stílpon, II, 114; veja-se o Índice II.

Alcmáion de Crôton, VIII, 83.
Alegria, ou satisfação, a *eupathia* estóica, sua definição, VII, 116.
Alexámenos, III, 48.
Alexandre, o Grande, V, 4, 5; VI, 32, 38, 60, 63, 68.
Alexandria, V, 61, etc..
Alêxandros, pai de Lacides, IV, 59.
Alêxandros da Aitolia, poeta trágico, IX, 113.
Alêxandros (Páris), I, 32.
Alêxinos, dialético, II, 109; IV, 36; VII, 166.
Alexis, amado por Platão, III, 31.
Alfeiôs, rio da Élis, II, 110.
Aliates, pai de Croisos, I, 81.
Alma, I, 11, 24, 86, 120; II, 20, 89, 124; III, 12, 28, 45, 63, 68 e seguintes, 90; IV, 13; V, 30, 32; VI, 5; VII, 156 e seguintes; VIII, 28-32, 83; IX, 7, 19, 22, 51; X, 63-68.
Alopece, demo ático, II, 18; V, 57.
Âmasis, rei do Egito, VIII, 3.
Ambraces, escravo liberto por Aristóteles, V, 14.
Ambrion, autor de uma obra sobre Teôcritos, V, 11.
Ameinias, pai de Diôdoros Cronos, II, 111.
Amiclas (ou Amiclos) de Herácleia, discípulo de Platão, III, 46; IX, 40.
Aminômacos, amigo e herdeiro de Epícuros, X, 16 e seguintes.
Amintas, rei da Macedônia, V, 1.
Amizade, definição dos estóicos, VII, 127; a ser apreciada, I, 37; espécies de amizade (segundo Platão), III, 81; amizades individuais, I, 37, 61, 70, 87, 91; II, 30, 91, 96, 97; IV, 51; V, 20, 21, 31, 83; VII, 23, 124; VIII, 10, 23; X, 11, 118.
Anacaia, demo ático, VII, 10, 12.
Anácarsis da Cítia, I, 101 e seguintes.
Anáflistos, demo ático, VII, 12.
Analogéticos, nome dado a certos filósofos, I, 17.
Anaxagoras de Clazomênai, I, 14, 42; II, 6 e seguintes, 45; IX, 20, 34; homônimos, II, 15.
Anaxandrides, poeta, III, 26.
Anáxarcos de Ábdera, IX, 58 e seguintes.
Anaxímandros de Miletos, I, 13; II, 1 e seguintes.
Anaximenes de Lâmpsacos, retor, II, 3; V, 10; VI, 57.
Anaximenes de Miletos, II, 3 e seguintes; homônimos, II, 3.
Âncora, segundo a tradição descoberta por Anácarsis, I, 105.
Ândron de Argos, IX, 81.
Androstenes de Áigina, discípulo de Diôgenes, VI, 75.
Anfiáraos, profeta, seu templo em Óropos, II, 142.
Anfibolia, ambigüidade verbal, definida pelos estóicos, VII, 62.
Anficleides, pai de Sófocles (acusador de Teôfrastos), V, 38.
Anficritos, amigo de Arcesílaos, IV, 43.
Anfimenes de Cós, rival do poeta Píndaros, II, 46.
Anfion, amigo de Lícon, V, 70.
Anfípolis, II, 22.

Aniceris, o filósofo cirenaico, II, 85, 96; resgatou Platão, II, 86; III, 20.
Ânitos, acusador de Sócrates, II, 38, 43.
Anquípilon, discípulo de Fáidon, II, 126.
Ânquitos, VIII, 61.
Apatia, IX, 108.
Apêmantos, I, 107.
Ápis, deus egípcio, VIII, 90.
Apolo, seu aniversário, III, 2; altar em Delos, VIII, 13; matador de Linos, I, 4; délfico, I, 29; VI, 20.
Apolôdoros, filósofo socrático, II, 35.
Apolôdoros, "Tirano do Jardim", filósofo epicurista, X, 25.
Apolôdoros, pai de Arquêlaos, II, 16.
Apolofanes, filósofo estóico, VII, 92; autor de uma *Física*, VII, 40.
Apolônia, VI, 81; IX, 57.
Apoloniades, serviçal de Platão, III, 42.
Apolonides de Nícaia, IX, 109.
Apolonides e Xenofon, II, 50.
Apolônios Cronos, II, 111.
Apolônios, pai de Crísipos, VII, 179.
Apolônios de Tiros, autor de uma *Vida de Zênon*, VII, 1, 2, 6, 24.
Apolôtemis, pai de Diôgenes de Apolônia, IX, 57.
Aporéticos, sinônimo de céticos, IX, 69.
Apresentação (*phantasia*), sua definição, VII, 50; suas espécies, VII, 51.
Apsefion, arconte em Atenas, II, 44.
Aquêron, IV, 31.
Aquileís, nome de um distrito na Troas, I, 74.
Aquileus (e a tartaruga), argumento de Zênon, IX, 23.
Áratos, poeta, II, 133; VII, 167; IX, 113.
Arcádia, I, 94.
Arcagoras, discípulo de Protagoras, IX, 54.
Arcesílaos de Pitane, fundador da Academia Média, IV, 28 e seguintes; V, 41; homônimos, IV, 45.
Arcesílaos, herdeiro de Stráton, V, 61, 63.
Arco-Íris, VII, 152; X, 109.
Arcontes de Atenas: Ameinias, III, 3; Anaxicrates, X, 2; Apsefion, II, 44; Aristomenes, I, 79; Arrenides, VII, 10; Caliades, II, 45; Calidemides, II, 56; Damasias, I, 22; Dêmilos, II, 11; Êubulos, II, 9, 59; V, 9; Eucrates, I, 101; Eutídemos, I, 68; Lisímacos, III, 3; Lisimaguides, IV, 14; Pitáratos, X, 15; Pitôdotos, V, 10; Sosigenes, X, 14; Teôfilos, V, 9; Xenáinetos, II, 55.
Areté, filha ou irmã de Arístipos, II, 72, 86.
Ariarates (rei da Capadocia), carta de Carneades ao mesmo, IV, 65.
Aridices (ridicularizado por Arcesílaos), IV, 42.
Arieus, filósofo cético, IX, 116.
Arimânios (princípio do mal segundo os Magos), I, 8.

Aristagoras de Miletos, I, 11(?), 72.
Aristeides, testamenteiro de Stráton, V, 62.
Aristeides, dialético, II, 113.
Arístipos de Cirene, II, 65 e seguintes; seus discípulos, II, 86; seus ensinamentos, II, 86 e seguintes; suas obras, II, 84, 85; X, 4; homônimos, II, 83.
Arístipos Metrodidactos, II, 83, 86.
Aristôbulos, irmão de Epícuros, X, 30.
Aristoclês, músico, VII, 13.
Aristocracia, III, 82.
Aristôdemos, I, 31.
Aristófanes, poeta cômico, II, 38; veja-se também o Índice I.
Aristogêiton, VI, 50; IX, 26.
Aristômacos, amigo de Licon, V, 70.
Aristomenes, discípulo de Platão, III, 19.
Ariston de Céos, filósofo peripatético, V, 64.
Ariston, instrutor de ginástica de Platão, III, 4.
Ariston, pai de Platão, III, 1.
Ariston de Quios, filósofo estóico, IV, 41; VI, 103; VII, 37, 160 e seguintes.
Aristóteles de Stágeira, vida, V, 1 e seguintes; lista de suas obras, V, 22 e seguintes; homônimos, V, 35; veja-se também o Índice I.
Aritmética, sua descoberta, pretendida pelos egípcios, I, 11.
Arrogância, II, 129; V, 5; VI, 69.
Arqueânassa, amiga de Platão, III, 31.
Arquecrates, IV, 38.
Arquêdemos, filósofo estóico, VII, 40, 55, 68.
Arquêlaos, filósofo naturalista, II, 16, e seguintes; homônimos, II, 17.
Arquêstratos, III, 41.
Árquias da Arcádia, IV, 38.
Arquílocos, poeta iâmbico, IX, 1, 71.
Arquínomos, VIII, 53.
Arquípolis, patrono de Menêdemos, II, 137.
Arquitas, filósofo pitagórico, III, 21, 22, 61; VIII, 39, 79-83, 86.
Artafernes, II, 79.
Arte, suas três divisões segundo Platão, III, 100.
Ártemis, II, 42, 51; seu aniversário, II, 44.
Artêmon, pai de Protagoras, IX, 50.
Asclepiadas, VIII, 61.
Asclepiades de Fliûs, amigo de Menêdemos, II, 105, 131, 137, 138.
Asclépios, pugilista, VI, 38.
Asdrúbal, conhecido na Grécia como Cleitômacos, IV, 67.
Ásia, guerras em seu território, III, 7.
Assírios, I, 1.
Assos, VI, 168.
Asterisco, sinal crítico, III, 66.

Astiânax, irmão de Licon (filósofo peripatético), V, 69.
Astidamas, poeta trágico, II, 43.
Astipálaia, cidade e ilha, VI, 84.
Astrâmpsicos, um Mago, I, 2.
Atagás e Numênios, IX, 114.
Átalos de Pêrgamon, IV, 60; V, 67.
Atanes, testamenteiro de Stráton, V, 62.
Ateísmo, I, 86; IV, 51; VII, 119.
Atena, seu templo em Lindos, I, 89; sua estátua por Feidias, II, 116; estátua erigida à deusa, V, 16.
Atênaios, filósofo epicurista, X, 22.
Atênaios, médico, II, 104.
Atenas, pátria dos seguintes filósofos: Aisquines, Antistenes, Arquêlaos, Crates, Críton, Epícuros, Gláucon, Platão, Polêmon, Símon, Sócrates, Sôlon, Spêusipos, Xenofon; comparação com Esparta, VI, 59.
Atenienses, seu arrependimento pela execução de Sócrates, II, 43; V, 17; honrarias conferidas por eles a Demétrios, V, 75; a Zênon (estóico), VII, 10 e seguintes; veja-se II, 16.
Atenôcritos, pai de Demôcritos, IX, 34.
Ática, suas três classes de habitantes, I, 58, 66.
Atlas, filósofo líbio, I, 1.
Atletas, I, 55, 103; V, 67; VIII, 12.
Átlios, VI, 34 (jogo de palavras).
Átomos, IX, 44; X, 41 e seguintes.
Atrida (Agamêmnon, filho de Atreus), VII, 67.
Audição (sentido), segundo os estóicos, VII, 158; segundo os pitagóricos, VIII, 29; segundo os epicuristas, X, 52 e seguintes.
Autôdoros, filósofo epicurista, V, 92.
Autólicos (matemático), professor de Arcesílaos, IV, 29.
Avareza, VI, 28.
Axioteca de Fliûs, discípula de Platão, III, 46; IV, 2.

Babilônia, VI, 81.
Badis, pai de Ferecides, I, 119.
Banhos, casa de, suja, VI, 47.
Bárbaros, filosofia entre os, I, 1 e seguintes.
Bargílis, V, 94.
Basilides, filósofo epicurista, sucessor de Dionísios, X, 25.
Bate, demo ático, X, 16.
Baticlês, arcádio, I, 128.
Bátilos, VIII, 83.
Batis, irmã de Epícuros, X, 23.
Báton, honrado pelos pitagóricos, VIII, 19, 24, 34.
Barenice, rainha do Egito, V, 78.

Bias, um dos Sete Sábios, I, 82 e seguintes.
Bictas, escravo de Platão, III, 42.
Bion de Ábdera, discípulo de Demôcritos, IV, 58.
Bion de Boristenes, II, 135; IV, 23, 46 e seguintes.
Bíton e Clêobis, I, 50.
Bizântion, pátria de escritores: Demétrios, II, 20; V, 93; Teôdoros, II, 104.
Blôson, pai de Herácleitos, IX, 1.
Bôetos, filósofo estóico, VII, 54, 143, 148, 149.
Boiotia, pátria de Crates, VI, 85, 98.
Bondade, o homem bom segundo os estóicos, VII, 94 e seguintes; segundo Platão, III, 101, 104; segundo os cirenaicos, II, 87 e seguintes; segundo Aristóteles, V, 30.
Boristenes (o atual rio Dnieper), IV, 46, 55.
Bôton, tido como professor de Xenofanes, IX, 18.
Branco, simbolizando o que é bom, VIII, 35.
Brancos, construtor do templo em Branquídai, I, 72.
Branquidas, I, 72; VIII, 5.
Brison, I, 16; professor de Crates, VI, 85; de Pirron, X, 61.
Brontinos (ou Brotinos), pai de Teanó, VIII, 42, 55.
Búlon, amigo de Lícon, V, 70.

Cabas (ou Scabras), pai de Acusílaos, I, 41.
Cabrias, general, III, 20, 23.
Cádanos, pai de Menôdoros, IV, 31.
Cadmos, I, 22; VII, 30.
Caduídas, irmão de Anácarsis, I, 101.
Cães, suas raças, VI, 55; como um título (cínicos, de *kýon* = cão), id., 60, 61; hábitos, id., 46.
Cafísios, VII, 21.
Caineus, V. Índice I.
Cairêdemos, irmão de Epícuros, X, 3.
Cairefon, amigo de Sócrates, II, 37.
Cairestrate, mãe de Epícuros, X, 1.
Calaiscros, filho de Crítias (antepassado de Platão), III, 1.
Calauria, na Argolis, onde morreu Demóstenes, V, 10.
Calcêdon, pátria de Xenocrates, IV, 6.
Calcis, V, 5, 14, 36, 56.
Caldeus, I, 1.
Calicrates, IV, 38.
Calicratides, irmão de Empedoclés, VIII, 53.
Calides, Pitágoras numa encarnação anterior, VIII, 4.
Calímacos, guerreiro em Maratona, I, 56.
Calínicos, epíteto de Heraclés, VI, 50.
Calinos, herdeiro de Teôfrastos, V, 52, 55.
Calinos, amigo e adepto de Lícon, V, 70.

Cálipos de Corinto, filósofo estóico, VII, 38.
Cálipos, discípulo de Platão, III, 46.
Calistenes de Ôlintos, parente de Aristóteles, membro da expedição de Alexandre, o Grande, seu destino trágico, V, 4, 5, 44.
Canônica, em substituição à lógica, na filosofia de Epícuros, X, 30.
Cânopos, no Egito, VII, 120.
Caos, III, 10.
Capadocia, IV, 65.
Cária, I, 89; VI, 101.
Cármandros, acusador de Platão, III, 19.
Carmantidas, pai de Lasos, I, 42.
Carneades, filósofo acadêmico e cético, I, 14, 16; vida, IV, 62 e seguintes; obras, ib., 65; V, 19; VII, 182; X, 9, 26; homônimos, IV, 66; veja-se também o Índice I.
Cartago, IV, 67; V, 83.
Casos (gramaticais), oblíquos, VII, 65.
Cássandros, IV, 1; V, 37, 38, 78.
Catana (a atual Catânia), cidade na Sicília, IX, 18.
Cebes de Tebas, autor de diálogos, II, 125.
Cêcrops, II, 58; IX, 56.
Cefisia, tribo ática, III, 41.
Cefisôdoros, comandante de cavalaria, II, 54.
Cefisôs, III, 42.
Celtas, I, 1.
Centauros, VI, 51.
Cerameicôs, bairro de Atenas, VI, 35; VII, 3, 11, 15, 29, 182.
Ceráunion, um sinal crítico, III, 66.
Cêrcops, crítico de Hesíodos, II, 46.
Céticos, I, 20; IX, 69, 70 e seguintes, 111.
Céus, VII, 138 e seguinte (segundo os estóicos); morada dos filósofos, II, 7.
Chipre, I, 50; II, 129; VII, 1; IX, 58.
Chuvas, VIII, 153; X, 99 e seguinte.
Cíclopes, VII, 53.
Ciências, práticas (distintas das teóricas e produtivas), III, 84; V, 28.
Cilícia, cilícios (piratas), I, 51; IX, 83.
Cílon, tirano de Crôton, II, 46; VIII, 48; maldição de Cílon, I, 110.
Cime, I, 76.
Cinêgeiros, guerreiro em Maratona, I, 56.
Cínicos, sua escola filosófica, VI, 2, 13; seus principais professores, II, 47; VI, 103 e seguintes; VI, 17, 121.
Cinosarges, ginásio de esportes, VI, 13; VII, 161.
Cípselos, filho de Periandros, I, 94.
Cirenaicos, sua escola filosófica, II, 85; doutrinas, II, 86 e seguintes.
Cirene, III, 6; IV, 41.
Ciros, rei da Pérsia, III, 34.

Ciros, o Jovem, II, 50.
Cirurgia, ramo da medicina, III, 85.
Citas, I, 13, 101; diálogos citas, II, 105.
Citera, ilha, I, 71.
Cítion, em Chipre, VII, 1, etc..
Cízicos, I, 99, etc..
Clazomênai, pátria de Anaxagoras, II, 6.
Cleantes, filósofo estóico, VII, 168 e seguintes; veja-se também o Índice I.
Cleantes do Pontos, filósofo heraclítico, IX, 5.
Cleinias, filósofo pitagórico, IX, 40.
Cleinias, amado por Xenofon, II, 49.
Cleipides, II, 127.
Cleitômacos de Cartago, I, 14; IV, 67; veja-se também o Índice I.
Clêobis, I, 50.
Cleobuline, mãe de Tales, I, 22.
Cleôbulos, sua vida, I, 89 e seguintes; veja-se também o Índice I.
Cleocares de Mirlea, IV, 41.
Cleomenes, discípulo de Metroclês, VI, 95.
Cleomenes, rapsodo, VIII, 63.
Clêon, acusador de Anaxagoras, II, 12; III, 61.
Clêon, filósofo epicurista, X, 84.
Cleônimos de Fliús, antepassado de Pitágoras, VIII, 1.
Codros, codridas, I, 53.
Côlitos, demo ático, III, 3.
Colofon, X, 1, etc..
Colotes de Lâmpsacos, professor de Menêdemos, VI, 102.
Colotes, filósofo epicurista, X, 25.
Colonôs, jardim em, III, 5.
Cometas, segundo Anaxagoras, II, 9; segundo os estóicos, VII, 152; segundo os epicuristas, X, 111.
Conjunções, na gramática, VII, 58.
Cônon, reconstrói as muralhas longas de Atenas, II, 39.
Conúfis, sacerdote em Heliôpolis, VIII, 190.
Coração, VII, 159.
Côrcira, onde morreu Licofron, I, 95.
Corinto, I, 40, etc..
Coriscos, discípulo de Platão, III, 46.
Corpo, definido pelos estóicos, VII, 135.
Cós, ilha, I, 32, etc..
Cosmopolitismo, VI, 63, 98.
Côtis, rei trácio, morto por Pírron, IX, 65.
Covardia, seu valor em certas circunstâncias, VII, 171.
Crânaos, rei de Atenas, II, 58.
Cranêion, ginásio esportivo em Corinto, VI, 38, 67.

Crântor, filósofo acadêmico, IV, 24 e seguintes. Veja-se também o Índice I.
Crâteia, mãe de Periandros, I, 96.
Crâteros, VI, 57.
Crates, introdutor das obras de Heráclcitos na Grécia, IX, 12.
Crates, filósofo cínico, VI, 85 e seguintes. Veja-se também o Índice I.
Crates de Atenas, filósofo acadêmico, sucessor de Polêmon, IV, 21 e seguintes.
Crates de Tarsos, filósofo acadêmico, e outros homônimos, IV, 28.
Crátilos, filósofo heraclítico, professor de Platão, III, 6.
Creta, I, 43, etc..
Crísipos, sua vida, VII, 179 e seguintes; obras, ib., 189 e seguintes; veja-se também o Índice I.
Critério da verdade, V, 29; VII, 57; X, 31, 39, 50 e seguinte, 71, 82, 116.
Crítias, antepassado de Platão, III, 1.
Crítias, poeta, sofista e estadista, II, 24.
Críton, filósofo socrático, autor de diálogos, II, 121.
Crôbilos, sicofante, III, 24.
Croisos, o Lídio, I, 40, 50, 67, 75, 95, 99, 105.
Crôton, IX, 12.
Crôton, cidade cujas leis foram elaboradas por Pitágoras, VIII, 3.
Ctesíbios, jovem sacrificado pelos atenienses, I, 110.
Ctesíbios, amigo de Arcesílaos, IV, 37.
Ctêsipos, filho de Críton, II, 121.

Damásipos, pai de Demôcritos, IX, 34.
Damastes, irmão de Demôcritos, IX, 39.
Damó, filha de Pitágoras, VIII, 42.
Dâmon, músico, professor de Sócrates, II, 19.
Dânaos, construtor do templo de Atena em Lindos, I, 89.
Dareios, filho de Histaspes, IX, 12 e seguinte.
Dativo, caso, na gramática estóica, VII, 65.
Definição, segundo os filósofos estóicos, VII, 60.
Dêinarcos, o Orador, II, 52.
Delfis, filha de Êudoxos, VIII, 88.
Delfos, I, 28, 40; II, 50, 51; V, 6; VI, 21; VIII, 73.
Délion, batalha de que Sócrates participou, II, 22; III, 8.
Delos, délios, III, 2; VIII, 40; pescador délio, IX, 12; Apolo Délio, VI, 20.
Demáratos, sua advertência a Xerxes, I, 72.
Deméter, V, 16; VI, 69.
Demétrios de Fáleron, V, 75 e seguintes; homônimos, V, 83; veja-se também o Índice I.
Demétrios, filho de Antígonos, II, 115, 140; V, 77.
Dêmilos, arconte, II, 11.
Democares, amigo de Arcesílaos, IV, 41.
Democracia, sua definição, III, 82.

Demôcritos de Ábdera, vida, IX, 39 e seguintes; obras catalogadas em tetralogias, IX, 46 e seguintes; não mencionado por Platão, III, 25; X, 4.
Demôdicos de Leros, poeta, I, 84; veja-se também o Índice I.
Demôfilos, acusador de Aristóteles, V, 5.
Demofon, mordomo de Alexandre, o Grande, IX, 80.
Demônios (*dáimones*), III, 78; divindades, I, 27; gênios, VIII, 32.
Demóstenes, o Orador, discípulo de Eubulides, II, 108.
Deus, segundo Platão, III, 76 e seguinte; segundo os estóicos, VII, 135 e seguintes, 147 e seguintes.
Dever (*tô kathêkon*), VII, 108.
Dexios, pai de Xenofanes, IX, 18.
Diagoras de Melos, o ateu, VI, 59.
Dialética, sua definição pelos estóicos, VII, 46 e seguinte; diferente da retórica, III, 55; VII, 42; processo dialético, II, 108; VII, 79.
Dialéticos, escola filosófica, I, 17; II, 106; X, 8.
Dialeto, definido pelos estóicos, VII, 56.
Diálogo, sua origem e natureza, III, 47 e seguinte; platônico, III, 49 e seguintes.
Dicáiarcos, I, 40; III, 38; VIII, 40; veja-se também o Índice I.
Difilos, filósofo estóico, discípulo de Ariston, VII, 161.
Difilos do Bôsporos, II, 113.
Diocaitas, pai de Ameinias, pitagórico amigo de Parmenides, IX, 21
Dioclês, filósofo pitagórico, VIII, 46.
Dioclês, um dos testamenteiros de Stráton, V, 62.
Diôdoros de Áspendos, filósofo cínico, VI, 13.
Diôdoros Cronos, de Íasos, II, 11 e seguinte; IV, 33; VII, 25.
Diôdoros, filho de Xenofon, II, 52, 54.
Diôdoros de Éfesos, VIII, 70.
Diôdotos, gramático, IX, 15.
Diôgenes de Apolônia, filósofo naturalista, vida, VI, 81; IX, 57 e seguintes.
Diôgenes de Seleucia, chamado Babilônio, filósofo estóico, VI, 81; veja-se também o Índice I.
Diôgenes de Sinope, filósofo cínico, vida, VI, 20 e seguintes; obras, VI, 20, 73, 80; homônimos, VI, 81.
Diôgenes de Smirne, IX, 58.
Diomêdon, tirano de Elea, IX, 26.
Dion, amigo de Platão, II, 63; III, 23, 29; IV, 5.
Dion (em exemplos lógicos), sujeito típico, VII, 70, 78, etc..
Dion, cidade da Macedônia, I, 5.
Dionísios, o Renegado, V, 92; VII, 23, 166 e seguinte.
Dionísios de Colofon, VI, 100.
Dionísios, mestre-escola de Platão, III, 4.
Dionísios, expositor da filosofia de Herácleitos, IX, 15.
Dionísios de Halicarnassôs, X, 4.
Dionísios, o Antigo, tirano de Siracusa, III, 18.

Dionísios, o Novo, de Siracusa, II, 62, 63, 66; IV, 11; VI, 58; VIII, 79; sua carta a Platão, IV, 2; em Corinto, provérbio, III, 34.
Dionisôdoros, flautista, IV, 22.
Dioscurides, discípulo de Tímon, IX, 114.
Diôspolis, no Egito, V, 78.
Doenças, do corpo, VIII, 35; da alma, VII, 115; X, 137.
Dogma, sua definição, III, 51.
Dogmáticos e céticos, I, 16; IX, 77, 104.
Dórico, modo musical, IV, 19.
Drácon, legislador, I, 55.
Dropides, irmão de Sôlon, III, 1.
Druidas, I, 1, 6.

Ecléticos, filósofos, I, 21.
Educação, II, 69, 71, 106; V, 17, 18, 19, 21; IX, 1.
Efécticos, filósofos que suspendem o juízo (céticos), I, 16; IX, 70.
Éfesos, II, 103, etc..
Éforos, em Esparta, sua instituição, I, 61.
Éidola, ou imagens, insinuando-se no órgão da visão, termo técnico na teoria epicurista, X, 46 e seguintes.
Elea, no sul da Itália, IX, 28; pátria de Zênon, de Lêucipos e Parmenides, IX, 21, etc..
Eleatas, ou eleáticos, filósofos, I, 17, 18; IX, 21, 25 e seguintes.
Elementos, segundo Platão, III, 70; segundo os estóicos, VII, 134 e seguintes; segundo Herácleitos, IX, 8 e seguintes; segundo Pitágoras, VIII, 25.
Elíaca (de Élis), escola de filosofia, II, 105, 126.
Élis, II, 53, etc..
Eleusis, Demêter de, V, 4.
Eleusis, autor de um livro sobre Aquileus, I, 29.
Eloqüência, V, 82.
Empedoclês de Acragás, vida, VIII, 51 e seguintes; obras, VIII, 57-60; IX, 73.
Enteléquia (entelêkheia), sua definição, V, 33.
Entendimento, VII, 50-53.
Epamêinondas, II, 54; VIII, 7.
Epicarmos, III, 13 e seguinte; VIII, 78. Veja-se também o Índice I.
Epicuristas, filósofos, I, 17, 18; X, 3, 9, 12, 18, 85.
Epícuros, vida, X, 1 e seguintes; testamento, X, 16 e seguintes; obras, X, 27 e seguintes; homônimos, X, 26.
Epídauros, I, 94.
Epimenides de Cnossos, em Creta, vida, I, 100 e seguintes; obras, I, 111 e seguinte; homônimos, I, 115.
Epitimides de Cirene, discípulo de Antípatros, II, 86.
Equeclês, discípulo de Cleomenes, VI, 95.

Equecrates, filósofo pitagórico, VIII, 46.
Erasístratos, médico, V, 57, 61; VII, 186.
Erastos de Squépsis, discípulo de Platão, III, 46.
Eratostenes de Cirene, dirigente da biblioteca de Alexandria, VIII, 59; veja-se também o Índice I.
Êresos, cidade na ilha de Lesbos, pátria de Teôfrastos, II, 65; V, 36.
Eretria, II, 125, 140, 143.
Eretriana, escola filosófica, I, 18; II, 85, 105; argumentos dos eretrianos, IV, 33.
Erística, II, 106.
Erquia, demo ático, II, 48.
Esfera, de Anaxímandros, II, 2; o mais belo dos sólidos, VIII, 35.
Esopo, I, 69, 72; II, 42.
Esperança, I, 69; V, 18.
Ésquilo, poeta trágico, II, 43; III, 56.
Estado, III, 78, 91 e seguinte; V, 22, 28; VI, 5; VII, 4, 34, 121, 131.
Estátuas, I, 9; II, 33; III, 25; V, 33; VIII, 78.
Estóicos,filósofos, I, 17, 19; VII (em geral).
Estrelas, I, 11; II, 9; III, 74; V, 26, 43; VII, 138, 144 e seguinte; VIII, 27; X, 112-115.
Eteia, cidade em Creta, I, 107.
Etésios, ventos, I, 37; VIII, 60.
Ética, I, 18; II, 20, 21; ética estóica, VII, 84-131.
Éticos (filósofos moralistas), I, 17, 18.
Euáion de Lâmpsacos, discípulo de Platão, III, 46.
Êuandros de Fócaia, IV, 60.
Êuatlos, aluno e contraditor de Protagoras, IX, 56.
Êuboia, I, 4; X, 37.
Eubulides de Miletos, sucessor de Eucleides, II, 108 e seguintes; VII, 187.
Êubulos, a quem Hermeias servia como escravo, V, 3.
Êubulos de Alexandria, filósofo cético, IX, 116.
Eucleides de Mégara, sua vida, II, 106 e seguintes.
Eudemonista, escola filosófica da felicidade, I, 17.
Êudoxos de Cnidos, astrônomo célebre, sua vida, VIII, 86 e seguintes; homônimos, VIII, 90; veja-se também o Índice I.
Êudromos, filósofo estóico, autor de obras éticas, VII, 39, 40; veja-se também o Índice I.
Êufantos de Ôlintos, filósofo, historiador e poeta, II, 110.
Êuforbos, o Frígio, suas descobertas na geometria, I, 25.
Êuforbos, Pitágoras numa encarnação anterior, VIII, 4, 5.
Euforíon, IX, 56; veja-se também o Índice I.
Eufrânor da Seleucia, professor de Êubulos de Alexandria, IX, 116.
Eumenes, sua liberalidade em relação a Arcesílaos, IV, 38; patrono de Lícon, V, 67.
Eumôlpidas em Atenas, I, 3.
Êumolpos, I, 3.
Êunomos, irmão de Pitágoras, VIII, 2.

Êupolis, poeta cômico, veja-se o Índice I.
Euridice, mulher de Ptolemaios Sóter, V, 78.
Eurílocos de Lárissa, 25, 127.
Eurílocos, discípulo de Pírron, IX, 68.
Eurimêdon, adversário de Aristóteles, V, 6.
Eurimenes, atleta, VIII, 12.
Êuritos, filósofo pitagórico, III, 6; VIII, 46.
Euticrates, VI, 90.
Eutidemos, no diálogo homônimo de Platão, III, 52.
Eutífron, filósofo socrático, II, 29.
Exáinetos, pai de Empedoclés, VIII, 53.
Examias, pai de Tales, I, 22.
Excelência (traduzido tradicional e impropriamente por "virtude"), e formas de excelência, III, 78, 90-91; V, 30, 31; VII, 87-88, 127-128; VIII, 33; X, 132.
Execestides, pai de Sôlon, I, 45.

Faidon, de Élis, discípulo de Sócrates, II, 105.
Faidros, o jovem, III, 29; o diálogo homônimo de Platão, III, 38.
Fainarete, mulher de Sócrates, II, 18.
Faisão, II, 3; correlacionado com o pavão, ib..
Faistis, mulher de Aristóteles, V, I, 16.
Fáleron, na Ática, famoso por ser o local do túmulo de Musaios, filho de Êumolpos, I, 3.
Fânton de Fliús, filósofo pitagórico, VIII, 46.
Farmácia, ou Farmacêutica, um dos ramos da medicina, III, 85.
Favas, evitadas pelos pitagóricos, VIII, 19, 24, 34.
Feidiades, III, 3.
Feidias, II, 116.
Felicidade, I, 37, 50; III, 78, 98; V, 43, 49; VI, 5.
Femonoe, I, 40.
Fenícia, fenícios, I, 1, 22; VI, 99; VII, 1, 2, 15, 30.
Ferecides, de Siros, I, 116 e seguintes; outro, de Siros ou de Atenas, ib., 119.
Figos, V, 18; dieta para os atletas, VIII, 12.
Filadelfos (Ptolemaios), V, 79.
Filipe, rei da Macedônia, IV, 8, 9; V, 4.
Filipos de Opus, discípulo de Platão, III, 37, 46.
Filipos, ateniense de Colidai, III, 4; outro Filipos, I, 16.
Filiscos de Áigina, poeta trágico, VI, 73, 76, 80.
Filista, irmã de Pírron, IX, 66.
Filistíon de Locris, na Sicília, médico, VIII, 86.
Filoclés, ateniense, VII, 12.
Filôlaos de Crôton, filósofo pitagórico, VIII, 15, 84, 85.

Filon, V, 38.
Filon, o dialético, VII, 16.
Filonides de Tebas, estóico, VII, 38; um homônimo, IV, 47.
Filopidas de Esparta, II, 53.
Filosofia, suas origens, I, 1; seu objetivo e características essenciais segundo Platão, III, 63; uma busca, VI, 92; X, 122-123; pressupostos para a sua prática, IV, 10; suas partes, espécies ou divisões, I, 18; segundo Aristóteles, V, 28-29; segundo os estóicos, VII, 39-40; segundo Epícuros, X, 29-30; ordem, correlação e subdivisões de seus ramos, VII, 40-41; seus benefícios e vantagens, II, 68; V, 20; VI, 6, 63; seus adeptos comparados com seus detratores, II, 79; conduta de seus adeptos em face do perigo, II, 71; o desacordo entre os filósofos não deve causar desânimo, VII, 129; duas sucessões principais na filosofia reconhecidas por Diôgenes Laêrtios, I, 13-14; VIII, 1; suas seitas, ou escolas, e seus nomes, I, 17, 21, 122 (fim); II, 144 (fim); IV, 67; VI, 19, 105; VIII, I, 91; IX, 115-116.
Filósofo, início do uso do termo, VIII, 8 (veja-se também I, 122); filósofos diante das portas dos ricos, II, 69, 70.
Filôxenos, poeta ditirâmbico, VI, 36.
Filtis, filha de Êudoxos, VIII, 88.
Finalidade (*telos*), fim, segundo Platão, III, 96.
Física (ciência da natureza), I, 18; V, 25-26, 28, 46, 58; VII, 132-160; IX, 30-31, 37, 46-47; X, 29-30, 78 e seguintes; 85-116; 142.
Fliús, VIII, 1, 46.
Focion, discípulo de Diôgenes, VI, 76.
Focos de Samos, autor presumido de uma *Astronomia Náutica*, I, 23.
Folêgandros, ilha no mar Egeu, I, 47.
Fôsforos, (Estrela Matutina), equivalente a Hêsperos (Estrela Vespertina), VIII, 14.
Frasidemos, filósofo peripatético, II, 114.
Freárroi, demo ático, III, 41.
Frígia e frígios, I, 25; IV, 31; VI, 1.
Friné, cortesã famosa, IV, 7; VI, 60.
Frínon, I, 74.

Gálatas (Druidas), I, 1.
Gamelion, mês ático, X, 14, 18.
Gargetos, demo ático, X, 1.
Gela, cidade da Sicília, II, 106; VIII, 61.
Gelo, sua formação segundo Epícuros, X, 109.
Gênero, VII, 61.
Genitivo, caso, chamado oblíquo pelos estóicos, VII, 65.
Geometria, seus inventores e continuadores, I, 11; VIII, 11; atitude de Sócrates e dos cínicos em relação a ela, II, 33.
Getas, VIII, 2.
Ginosofistas (sábios nus), I, 1, 6.

Gláucon, irmão de Platão, II, 29; III, 4.
Gláucon de Atenas, II, 124.
Gnômon, relógio solar, seu inventor, II, 1.
Gnuros, pai de Anácarsis, I, 101.
Gobrias, Mago, I, 2.
Gorgias de Leontínoi, II, 49, 63; VI, 1; VIII, 58.
Górgilos, testamenteiro de Stráton, V, 62.
Gramáticos, ridicularizados por Diôgenes, VI, 27.
Granizo, sua formação, X, 106.
Grílion, escultor, V, 15.
Gilos, filho de Xenofon, II, 54, 55.
Guerra Lâmia, IV, 9.
Guerra do Peloponeso, I, 72.

Hades, morada dos mortos, II, 11, 80; IV, 31, 50; VI, 89, 92; viagem ao, IV, 49, 66; V, 68.
Halcioneus, filho de Antígonos Gonatas, IV, 41.
Hális, rio sobre o qual Tales opinou, I, 38.
Haplocion, apelido de Antistenes, VI, 13.
Harmôdios, VI, 50.
Harmonia musical, sua explicação pelos pitagóricos, II, 84; VIII, 33.
Hárpalos, em luta com Alexandre, o Grande, V, 75.
Hecabe, III, 30.
Hecademia, em vez de Academia, III, 8.
Hecádemos, em vez de Acádemos, III, 7.
Hecataios, historiador, IX, 1; veja-se também o Índice I.
Hêctor, VI, 63.
Hedia, serviçal de Epícuros, X, 7.
Hegasaios de Sinope, discípulo de Diôgenes, VI, 84.
Hegesíacos, membros de uma escola filosófica criada por Arístipos, II, 93.
Hegesias (*Peisithânatos*, "que persuade a morrer"), chefe dos hegesíacos, II, 86.
Hegesias, VI, 48.
Hegêsinos, de Pêrgamon, IV, 60.
Hegesístratos, pai de Demôcritos, IX, 34.
Hêlade, pátria da filosofia, helenos, I, 3.
Helena, I, 32.
Helenismo, sua definição, VII, 59.
Helêspontos, IX, 110.
Heliôpolis, VIII, 90.
Heliotrópio (relógio solar) de Ferecides, I, 119.
Hêmon de Quios, IV, 34.
Hera, significação de seu nome, VII, 147; VIII, 76.
Herácleia, no Pontos, II, 43; V, 86; VII, 166.

Heracleides, filósofo cético, professor de Ainesidemos, IX, 116.
Heracleides Lembos, e outros homônimos, V, 94.
Heracleides Pôntico, V, 86-93; veja-se também o Índice I.
Heráclеitos de Éfesos, IX, 1-17; citado, VIII, 6; veja-se também o Índice I; seus divulgadores, IX, 15-16; homônimos, IX, 17.
Haraclês, I, 83,89; V, 7; VI, 50; VII, 29, 173; louvado por Antistenes, VI, 2.
Heracleus, amigo de Lícon, V, 70.
Herácon, tido como pai de Heráclеitos, IX, 1.
Hêrilos de Cartago, discípulo de Zênon, VII, 37, 165-166.
Hêrmarcos, sucessor de Epícuros, X, 13, 15.
Hermeias, V, 4, 5, 11.
Hermeias, escravo liberto de Lícon, V, 73.
Hermes, V, 33; VIII, 31.
Hermione, cidade, I, 42.
Hermodamas, mestre de Pitágoras, VIII, 2.
Hemôdoros, amigo de Heráclеitos, IX, 2.
Hermogenes, discípulo de Parmenides e mestre de Platão, III, 6.
Hermôlaos, conspirador contra Alexandre, o Grande, V, 5.
Hermôtimos, Pitágoras numa encarnação anterior, VIII, 5.
Herôdotos, filósofo epicurista, X, 4, 29, 35.
Herôdotos, historiador, veja-se o Índice I.
Herôdotos de Tarsos, filósofo cético, IX, 116.
Herpílis, mãe de Nicômacos, V, 1.
Hestíaios, discípulo de Platão, III, 46.
Hicetas de Siracusa, VIII, 85.
Hieroclês, comandante do Peiraieus, II, 127; IV, 39.
Hieromnêmones, guardiães do Tesouro Sagrado (Herôdotos, VII, 51), VI, 45.
Hierônimos de Rodes, filósofo peripatético, IV, 41-42; V, 68; veja-se também o Índice I.
Híparcos, amigo de Teôfrastos, V, 51, 55.
Hiparquia, mulher de Crates, o Cínico, VI, 96 e seguintes.
Hípasos de Metapontos, VIII, 7, 84; homônimos, VIII, 84.
Hiperbóreos, VIII, 11.
Hipocentauro, VII, 53.
Hipócrates, IX, 42.
Hipônicos, geômetra, IV, 32.
Hipotalês, discípulo de Platão, III, 46.
Homem, sua definição segundo Platão, VI, 40.
Homero, I, 90; II, 11, 43, 46; III, 7; IV, 20; VIII, 21; IX, 71; veja-se também o Índice I.
Horóscopo, ou Horológio, invenção de Anaximandros, II, 1.

Ictias, filho de Mêtalos, II, 112, 113.
Idaia, caverna ou gruta, VIII, 3.

Idéias de Platão, II, 64, 77; VI, 53.
Idomeneus de Lâmpsacos, filósofo epicurista, X, 5, 22, 25; veja-se também o Índice I.
Ificrates, um general, II, 30.
Ifistiádai, localidade na Ática, III, 41.
Ilissôs, rio na Ática, VI, 79.
Imortalidade, da alma, I, 24; III, 67; VI, 5; VIII, 28; do éter, VII, 26 e seguintes.
Imperativo, VII, 67.
Indefinido, VII, 70.
Indianos, I, 1; IX, 35, 61, 63.
Indiferença, ou equivalência (*adiaphoria*), segundo os estóicos, VII, 102 e seguintes.
Inimigos, sua definição, I, 91; VII, 32.
Injustiça, I, 59, 92; VII, 93; IX, 61; X, 144, 151.
Inveja, I, 60; IV, 7; VII, 115.
Iônica, escola ou sucessão filosófica, I, 13, 14; VIII, 1.
Ísis, I, 10.
Ismenias, flautista, IV, 22; VII, 125.
Isocrates, II, 15, 55, 64; III, 3, 8; IV, 2, 23; V, 35, 61.
Ístmicos, Jogos, I, 55; III, 4; VI, 2, 78.
Istmo de Corinto, I, 99.
Itagenes, pai de Melissos, IX, 24.
Italiana, escola ou sucessão filosófica, I, 13, 14-15; VIII, 1, 3, 16.
Iúlis, cidade na ilha de Céos, pátria de Ariston, o peripatético, VII, 164.

Judeus, I, 9.
Justiça, I, 36; II, 16; III, 70, 83; VII, 92,128; X, 144, 150.

Lacedemônios, I, 32, 117; II, 51-2; III, 106; VI, 2; VIII, 84.
Lacides de Cirene, sucessor de Arcesílaos, IV, 59-60; V, 41.
Lagos, pai de Ptolemaios, II, 102.
Laís, cortesã famosa, II, 74, 84; IV, 7.
Lamproclês, filho de Sócrates, II, 26.
Lâmpsacos, cidade, II, 10.
Laodicea, IX, 116.
Laomêdon, VIII, 81.
Lárissa, II, 25.
Lastêneia de Mantinea, III, 46; IV, 2.
Lasos, incluído por algumas fontes entre os Sete Sábios, I, 42.
Lei, I, 58, 59; III, 78, 86, 103; VI, 72; VIII, 23; IX, 2.
Leodamas de Tasos, III, 24.
Leôfantos, incluído por algumas fontes entre os Sete Sábios, I, 42.
Lêon, amigo de Alcmáion, VIII, 83.

Lêon, de Salamina, II, 24.
Lêon, tirano de Fliûs, VIII, 8.
Lêon, tido como autor do diálogo *Alcíon*, III, 62.
Leonteus, marido de Temista, X, 25, 26.
Leôntion, X, 4 e seguinte.
Leostenes, um dos testamenteiros de Platão, III, 43.
Lesbos, ilha e cidade, I, 74; VIII, 2.
Lêucipos, IX, 30 e seguintes, 46; X, 3.
Líbia, II, 103; IX, 81, etc.
Liceu, V, 2, 10; VII, 11; IX, 54.
Licofron, filho de Períandros, I, 94; veja-se também o Índice I.
Licomedes, filósofo peripatético, V, 70.
Lícon, filósofo peripatético, V, 65 e seguintes; homônimos, ib., 69; veja-se também o Índice I.
Lícon, acusador de Sócrates, II, 39.
Licurgos, orador, II, 40; III, 25; veja-se também o Índice I.
Lindos, I, 90, 93.
Linha, sua definição, VII, 135.
Linos, chamado "filho de Hermes e Urania", I, 4.
Lípara, IX, 26.
Lísias, o orador, I, 55; II, 40.
Lisida, mulher de Períandros, I, 94.
Lisifanes, mestre de Epícuros, X, 13. Veja-se Nausifanes.
Lisímacos, II, 40; VI, 97; X, 4.
Lísipos, escultor, II, 43.
Lísis de Taras, filósofo pitagórico, VIII, 7, 39; veja-se também o Índice I.
Lísis, discípulo de Sócrates, II, 29.
Lógica, II, 92; III, 49; V, 28; VII, 39, 40, 41, 160.
Loxias, epíteto de Apolo, VIII, 37.
Lua, II, 8; VIII, 27, 77; IX, 10; X, 92 e seguintes.
Lucânios, VIII, 14, 80.

Macedônia e Macedônios, II, 25; V, 4; VI, 32; IX, 17.
Magnanimidade, sua definição, VII, 93.
Magnesia, X, 26.
Magos, I, 1-2; suas doutrinas, I, 6-9.
Maiândrios (ou Leândrios) de Miletos, I, 28.
Manes, escravo de Diôgenes, VI, 55; de Teôfrastos, V, 55.
Mantinea, batalha de, II, 54.
Manto dos filósofos cínicos, IV, 13, 66.
Mar, I, 56, 77; II, 17, 71, 77, 130; III, 6; IV, 50; VI, 74; VII, 2; IX, 59, 68.
Mar Vermelho, IX, 35.
Mármacos, tido como pai de Pitágoras, VIII, 1.

Marmárion, X, 7.
Marôneia, cidade na Trácia, VI, 96.
Massagetas, IX, 83.
Matéria, sua definição, III, 69; segundo os estóicos, VII, 150.
Máusolos, II, 10; VIII, 87.
Medicina, suas espécies ou divisões, III, 85.
Médicos, III, 6; V, 1, 72; VI, 24; VIII, 86.
Medos (povo), II, 5; VIII, 49.
Medias, um médico, V, 72.
Mêdon de Acárnai, VII, 12.
Megábizos, sacerdote de Ártemis em Éfesos, II, 51.
Megacleides, ateniense, IX, 54.
Megalôpolis, na Arcádia, III, 23.
Mêgara, II, 62, 106; VI, 41.
Megárica, escola de filosofia, I, 17, 18; II, 106 e seguintes; VII, 161.
Meidias, um cambista, VI, 42; um barbeiro, II, 30.
Mêlancros, tirano de Lesbos, I, 74.
Melantes, pai de Teôfrastos, V, 36; seu herdeiro, V, 51.
Melanto, criada de Penelôpeia, II, 79.
Melêagros, filósofo cínico, VI, 99; veja-se também o Índice I.
Mêletos, acusador de Sócrates, II, 38, 43.
Melissa, mulher de Períandros, I, 94.
Melissos de Samos, IX, 24.
Melite, demo ático, X, 17.
Meliteus, cães de caça, VI, 55.
Mênandros, poeta cômico, discípulo de Teôfrastos, V, 36, 79; veja-se também o Índice I.
Mênandros, discípulo de Diôgenes, VI, 84.
Mende, cidade na Trácia, II, 63.
Mendigos, VI, 49, 56.
Menêdemos de Eretria, II, 125-144; VI, 91.
Menêdemos, discípulo de Colotes de Lâmpsacos, VI, 102 e seguintes.
Menêlaos, I, 32; VIII, 4.
Menêxenos, filho de Sócrates, II, 26.
Mênfis, VIII, 91.
Mênipos, filósofo cínico, VI, 99 e seguintes; veja-se também o Índice I; homônimos, VI, 101.
Menôdoros, colega de estudos de Arcesílaos, IV, 30, 31.
Menôdotos de Nicomédia, IX, 116; veja-se também o Índice I.
Menoiceus, destinatário de uma das cartas de Epícuros, X, 29, 122-135.
Mênon, farsálio, II, 50.
Mêntor, bitínio, discípulo de Carneades, IV, 63.
Meses no ano, enigma, I, 91.
Messápios, VIII, 14.

Olfato, X, 53.
Oligarquia, sua definição, III, 82.
Olimpia, II, 109; III, 25; VIII, 63.
Olimpica, escola filosófica iniciada por Alexinos, II, 109.
Olimpicos, Jogos, vencedores nos, I, 55.
Ôlintos, cidade, pátria de Êufrontos, II, 110.
Onesícritos de Áigina, VI, 75; ou de Astipalaiá, ib., 84.
Opinião, III, 52.
Opostos, suas espécies segundo Platão, III, 104.
Orestades, filósofo pitagórico, IX, 20.
Orestes (e Pilades), III, 81.
Orfeus, I, 5; VIII, 8. Veja-se também *Mistérios Órficos.*
Orion, discípulo de Epícuros, X, 26.
Oromades (= Ormuzd), I, 8.
Orontobates, III, 25.
Ôropos, na Boiotia, II, 141, 142.
Ortomenes, pai de Xenofanes, IX, 18.
Ôsiris, como o sol, I, 10.
Ossa, Pêlion e Ôlimpos, montanhas, VII, 29.
Ostanas, Magos persas, I, 2.

Paiania, demo ático, IV, 74; VII, 12.
Paiônios, discípulo de Aristeides (o dialético), II, 113.
Paixões, II, 80; III, 90; V, 31; segundo os estóicos, VII, 110 e seguintes; X, 34, 128, 149-150, 154.
Palamedes, II, 44; IX, 25.
Palavra, VII, 56, 58, 59.
Panáitios, filósofo estóico, VII, 41; veja-se também o Índice I.
Panatenaias, III, 56.
Pancrêon, co-herdeiro de Teôfrastos, V, 51.
Pânfilos, filósofo platônico, X, 14.
Paniônion, I, 40.
Pantea de Acragás, curada por Empedoclês, VIII, 69.
Pantoídes, dialético, professor de Lícon, V, 68.
Papel (*khartia*), e seus substitutos, VII, 174.
Paráibates, filósofo cirenaico, II, 86.
Pardal, caçado pelo gavião, IV, 10.
Pária, pedra (ou mármore) , VI, 78.
Páris, I, 32; II, 67.
Parmenides de Elea, IX, 21 e seguintes; um homônimo, ib., 23.
Pasiclês, filho de Crates, VI, 89.
Pasifon, filho de Lucianôs, VI, 73.
Pasitemis, médico, V, 72.

Pátroclos, IX, 67.
Pausanias, amigo de Empedoclês, VIII, 60, 61.
Pausanias, filósofo heraclítico, IX, 15.
Pazatas, magos persas, I, 2.
Peã (*paian*), hino de louvor, V, 4; X, 5.
Pedieis ("da planície"), membros de uma facção política na Ática, I, 58.
Peiraieus, porto de Atenas, II, 127, etc..
Peisistratos, I, 49-50, 53-54, 60, 65 e seguintes.
Peloponeso, VIII, 67.
Pêlops, I, 32.
Penelôpeia (= Penélope), II, 79.
Pensamento, VII, 22, 42, 45, 48, 49, 50, 52 e seguintes.
Perdicas, VI, 44; X, 1.
Pêrgamon, ou Pêrgamos, IV, 30, 60; VII, 34; IX, 49.
Periandros, tirano de Corinto, I, 94 e seguintes.
Péricles, discípulo de Anaxagoras e famoso estadista ateniense, II, 12.
Perictione, mãe de Platão, III, 1.
Perílaos, amigo de Ferecides, I, 116.
Peripatéticos, filósofos, I, 17; II, 47; IV, 67; V, 2, 80, 83; VII, 127, 164.
Perjúrio, I, 36.
Persaios, II, 143; VII, 6, 13, 36; veja-se também o Índice I.
Persas, I, 7-8; IX, 83.
Persefone, VIII, 61; IX, 59.
Perseus, em guerra contra Roma, VI, 61.
Perseverança, estóica, VII, 93.
Percêtios, VIII, 114.
Pilades, irmão de Arcesílaos, IV, 28, 38, 43.
Píndaros, II, 46; IV, 31.
Pírron de Élis, fundador da escola cética de filosofia, IX, 61, 69, 70-108.
Pirros de Delos, Pitágoras numa encarnação anterior, VIII, 5.
Pítacos de Mitilene, I, 84-81.
Pitágoras, VIII, 1-50; homônimos, VIII, 46.
Pitane, na Aiolis, pátria de Arcesílaos, IV, 28.
Pítia, sacerdotisa, I, 106, 110; II, 37; V, 91.
Pítias, mulher de Aristóteles, V, 3, 16.
Pítias, filha de Aristóteles e de Pítias, V, 12.
Pito (Delfos), II, 23; X, 12.
Pitoclês, filho de Búgelos, IV, 41.
Pitoclês, destinatário de uma das cartas de Epícuros, X, 5, 84, 116.
Pitôdoros, filho de Polízelos, IX, 54.
Píton, amigo de Lícon, V, 70.
Píton, discípulo de Platão, III, 46.
Pitos, demo ático, II, 40.
Pitôstratos, autor de um poema chamado *Teseís*, II, 59.

Platão, III, 1 e seguintes; nascimento, família e antepassados, III, 1-3; educação, 4-5; relacionamento com Sócrates, 5-6; viagens, 6-7; a Academia, 7-8; serviço militar, 8; viagens à Sicília, 18-23; vida após essas viagens, 23-24, 34 e seguintes; morte, 2, 40; testamento, 41 e seguintes; epitáfios, 43-45; discípulos, 46; resumo de suas doutrinas, 47-48, 67-80, 81-109; divergências de opinião a propósito de Platão, 51; seu método e estilo, 48, 63 e seguintes; lista dos diálogos, autênticos ou não, classificados de várias maneiras, 49-50, 56 e seguintes; epístolas, 61; homônimos, 109; veja-se também o Índice I.
Plêistanos de Élis, sucessor de Fáidon, II, 105.
Plúton, IV, 27; VIII, 38, 76.
Poesia, sua definição, VII, 60.
Polêmon, escolarca da Academia depois de Xenocrates, IV, 16-20; veja-se também o Índice I.
Políainos de Lâmpsacos, filósofo epicurista, X, 24; veja-se também II, 105.
Policrates de Samos, III, 2; VIII, 3.
Policrates, retórico em Atenas, II, 38.
Polieuctos, II, 38; VI, 23.
Polimnastos de Fliûs, filósofo pitagórico, VIII, 46.
Polis de Esparta, III, 19-20.
Polistratos, filósofo epicurista, sucessor de Hêrmarcos, X, 25.
Política, ciência política, III, 84; V, 28; VII, 33.
Políxenos, sofista, II, 76.
Polizelos, I, 56; IX, 54.
Pômpilos, serviçal fiel e estudioso de Teôfrastos, V, 36.
Ponto, sua definição, VII, 135.
Poseideon, mês ático, X, 18.
Poseidônios de Apamea, filósofo estóico, X, 4; veja-se também o Índice I.
Poseidônios de Alexandria, discípulo de Zênon, VII, 38.
Potâmon de Alexandria, filósofo eclético, I, 21.
Potídaia, II, 23.
Potone, irmã de Platão, IV, 14.
Práilos, filósofo cético, IX, 115.
Praxífanes, III, 8; X, 13.
Praxíteles, escultor, V, 52.
Prazer, segundo Arístipos, II, 75, 86 e seguintes; V, 31, 44; segundo Zênon, VII, 114; VIII, 88; segundo Epícuros, X, 6, 128-132, 139, 145.
Predicado, VII, 64.
Priene, I, 44, 83, 84.
Princípios (*arkhai*), I, 27; II, 1, 3, 8; III, 69; VII, 134; IX, 30, 44.
Pritanêion, II, 42.
Prôdicos de Céos, IX, 50.
Profetas, I, 1; III, 6.
Prognósticos meteorológicos, X, 115.
Prolepse, sua definição, VII, 54; X, 33.

Propontis, VIII, 87.
Protagoras de Ábdera, IX, 50-56; veja-se também o Índice I; homônimos, IX, 56.
Providência divina, III, 24, 79; VII, 133, 138; X, 77 e seguintes, 113, 133, 134, 139.
Prôxenos, amigo de Aristóteles, V, 15.
Prudência, I, 87; II, 91; IV, 51; VI, 13; VII, 92, 93; X, 132.
Ptolemaios, o negro e o branco, de Alexandria, filósofos epicuristas, X, 25.
Ptolemaios de Cirene, filósofo cético, IX, 115.
Ptolemaios, reis do Egito (Lagos, Sóter, Filadelfos, Filopátor), II, 111, 115, 140; V, 37, 58, 78; VII, 27, 177, 185; IX, 110.
Qualidade, termo filosófico (*poiotes*), III, 24; VIII, 58; X, 54 e seguintes.
Quantidade (tamanho ou número), VIII, 25; X, 10, 57-58, 61, 68.
Quen, cidade, pátria de Míson, I, 106.
Quersonesos, I, 47.
Quílon, o éforo, I, 13, 68-73.

Raças, a que pertenciam homens famosos, I, 1 e seguintes.
Refutacionistas (*elegktikoi*), I, 17.
Région (a atual Reggio Calabria), VIII, 47; IX, 38.
Relâmpagos, VIII, 153; X, 101-102.
Retórica, criada segundo Aristóteles por Empedoclés, VII, 57; IX, 25; sua conexão com a dialética, III, 54, 55; VII, 42; suas espécies, III, 93 e seguintes; VI, 24, 28; VII, 42.
Riquezas, I, 88; II, 6, 69; VI, 47; VII, 22; X, 120, 143, 144.
Rodes, I, 9; IV, 49, 53; V, 84; VI, 19; VII, 22; IX, 115.
Romanos, V, 61; VIII, 14; IX, 84.

Sabedoria, I, 12; II, 37, 42, 98; III, 90, 91; V, 31; VII, 92, 125; X, 126, 132.
Sábios, I, 13 e seguintes; II, 37, 98; III, 78; V, 30, 31; VII, 117-125; X, 117 e seguintes.
Sal, VIII, 35.
Salamina, I, 46-48; II, 24.
Sálaros, de Priene, II, 46.
Samos, I, 28, 95; II, 2, 5, 23; VIII, 2, 46; IX, 24; X, 1, 3, 14.
Samotrácia, VI, 59.
Sarapíon, VIII, 7, 58.
Sárapis, V, 76; VI, 63.
Sárdis, I, 81; II, 3, 49.
Sarpêdon, filósofo cético, IX, 116.
Saturninos, filósofo cético, discípulo de Sextos Empeiricôs, IX, 116.
Scopas de Crânon, II, 25.
Seleucia, pátria de Diôgenes, filósofo estóico, VI, 81.
Selinus, cidade, VIII, 70.

Selinus, rio, II, 52.
Semele, II, 102.
Semnotheoi ("veneráveis"), I, 1.
Sentido (os sentidos, e coisas sensíveis), III, 9, 64, 71; VII, 49, 52; VIII, 29; X, 49-53, 63-71.
Seutes, rei dos odrísios, II, 51.
Sextos Empeiricós, filósofo cético, IX, 116; veja-se também o Índice I.
Sfairos, filósofo estóico, discípulo de Cleantes, VII, 177 e seguintes; IX, 15; veja-se também o Índice I.
Sicília, III, 18, 34; VI, 25; VIII, 54, 78, 85; IX, 55.
Sicion, VII, VI; X, 15.
Silânion, escultor de uma estátua de Platão, III, 25.
Silêncio, I, 86; VIII, 10.
Silogismo, V, 23, 29; VII, 47.
Símbolos, conselhos simbólicos de Pitágoras, VIII, 17.
Simias, discípulo de Sócrates, II, 113, 114, 124.
Símon de Atenas, um sapateiro, filósofo socrático, II, 122-123; homônimos, ib., 124.
Símon, serviçal de Aristóteles, V, 15.
Simonides, poeta lírico, II, 43; veja-se também o Índice I.
Simos, serviçal de Dionísios, II, 75.
Simpósios, II, 129, 133, 139-140, 144; IV, 41; VIII, 64; X, 18.
Sinal, o sinal interior de Sócrates, II, 34; sinais críticos, III, 65.
Sinope, VI, 20.
Sipáletos, demo ático, VII, 12.
Siracusa, I, 40; II, 63; IV, 58; VI, 25, 82; VIII, 40, 52, 78, 85.
Siros, ilha, pátria de Ferecides, I, 119.
Soberba, VI, 26.
Sócrates, I, 14 e seguintes; II, 18-49; homônimos, II, 47.
Socráticos, filósofos, I, 15, 17; II, 47, 48-64, 65, 105, 107, 121, 122 e seguintes, 144.
Sófilos, poeta cômico, II, 120.
Sofismas, os sete dos megáricos, II, 108.
Sofistas, I, 12; II, 30.
Sófocles, o poeta trágico, II, 3; V, 92; VII, 19; homônimos, V, 38; veja-se também o Índice I.
Sofrimento, II, 88-89; X, 129-130, 140, 142.
Sôfron, autor de mimos, III, 18.
Sofroniscos, filho de Sócrates, II, 26.
Sol, I, 2, 23; II, 1, 8; III, 74; VII, 144-145; VIII, 27; IX, 7, 10; X, 90, 97.
Solecismo, I, 51; VII, 59.
Sôloi, I, 51; IV, 24, 27; VII, 38, 179.
Sôlon, I, 45, 67.
Sono, VII, 158.
Sorites ("acúmulo"), uma espécie de sofisma, II, 108; VII, 44, 82.

Spêusipos, sobrinho e sucessor de Platão na Academia, IV, 1-5; veja-se também o Índice I; homônimo, ib., 5.
Sosíbios, rival de Anaxagoras, II, 46.
Squitinos, poeta iâmbico, IX, 16.
Substantivos, VII, 58-59.

Tales de Miletos, I, 22-44; homônimos, I, 38.
Tânagra, batalha em, III, 8; VI, 1.
Taras (a atual Táranto), V, 94; VII, 7, 39, 46, 79.
Targelion, mês ático, II, 44.
Tarsos, cidade, VI, 81; VII, 41, 121; IX, 116; X, 26; pátria de Bion, um dos chamados poetas trágicos tarsianos, IV, 58.
Taumasias, amigo de Arcesílaos, IV, 43.
Teáitetos, amigo de Sócrates, II, 29; diálogo de Platão, II, 18; IX, 51.
Teanó, mulher de Pitágoras, VIII, 42.
Tebas, I, 3, 83; II, 51, 104, 124, 125; VI, 2, 85, 90, 99, 100; VII, 38; VIII, 7; X, 110.
Teiodas de Laodicea, filósofo cético, IX, 116.
Telauges, filho de Pitágoras, VIII, 43; veja-se também o Índice I.
Teleclês, filósofo da Academia Média, IV, 60.
Telêsforos, amigo de Mênandros, o poeta cômico, V, 80.
Telidas (ou Nelidas), I, 22.
Telos, ateniense, I, 50
Temista, X, 5.
Temistoclês, VIII, 8, 21.
Tempo, III, 73; VII, 141; X, 72-73, 145.
Teôdoros de Cirene, matemático II, 103; III, 6.
Teôdoros de Cirene, II, 86, 97 e seguintes; veja-se também o Índice I; homônimos, 103-104.
Teôfrastos, sucessor de Aristóteles na escola peripatética, V, 36-57; veja-se também Índice I.
Teômbrotos, discípulo de Metroclês, VI, 95.
Teomêdon, médico, amigo de Êudoxos, VIII, 86.
Têon de Titorea, sonâmbulo, IX, 82.
Terremotos, II, 9; VII, 154; X, 105.
Tersites, VII, 160.
Tesmoforias, festival em Atenas, IX, 43.
Téspis, I, 59; III, 56; V, 92.
Tibêrios Cáisar (= Tibério César), IX, 109.
Timagoras de Gela, adepto de Stílpon, II, 113.
Tímaios, III, 50, 52, 60; VIII, 85.
Tímarcos, discípulo de Cleomenes, VI, 95.
Tímarcos, pai de Tímon, IX, 109.
Timocrates, discípulo de Epícuros, X, 5, 22-23; veja-se também o Índice I.

Timôlaos de Cízicos, III, 46.
Timon de Fliús, filósofo cético, IX, 109-115; veja-se também o Índice I.
Tirania, tiranos, I, 36, 59, 66, 97, 98; II, 82; III, 83.
Tirrênios, VIII, 1.
Trácia, I, 47; VI, 1; VIII, 46; IX, 65.
Trasíbulos, tirano de Miletos, I, 27, 31, 100.
Trasímacos de Corinto, II, 113.
Tria, demo ático, IV, 21.
Trípode, I, 28 e seguinte.
Troas, IX, 115.
Tróia, I, 2; IX, 41.
Troizen, VIII, 74.
Trovão, VII, 153; X, 100 e seguinte.
Tucídides, acusador de Anaxagoras, II, 12.
Tucídides, autor da História da Guerra do Peloponeso, II, 57.
Túrioi, VIII, 52.

Urania, uma das Musas, mãe de Linos, I, 4.

Velado, sofisma, VII, 44.
Velhice, I, 70; IV, 48, 51; VIII, 22.
Vento, sua origem, II, 9; VII, 152, 154; X, 100.
Verdade, II, 22; III, 39, 53; V, 28, 29; VII, 54; VIII, 8.
Via-Láctea, II, 9.
Vida (*Bios*), extensão, I, 54, 61, 87; tipos de vida, VIII, 130; idades, VIII, 110.
Vida (*To Zen*), V, 32; VI, 55; VII, 160; IX, 73.
Vinho, VII, 184; IX, 86; X, 132.
Virtude, veja-se *Excelência*.
Voz, III, 107; VII, 55; X, 52-53.

Xantipe, II, 26, 36, 37.
Xantos de Atenas, IV, 29.
Xeniades, VI, 30 e seguintes; 36, 74.
Xenocrates, escolarca da Academia, IV, 6-15; homônimos, ib., 15.
Xenofanes de Colofon, IX, 18 e seguintes; veja-se também o Índice I; homônimo, IX, 20.
Xenôfilos, filósofo pitagórico, VIII, 16.
Xenofon de Atenas, II, 48, 59; homônimos, ib., 59.
Xerxes, I, 9, 72; VIII, 57; IX, 34.

Záleucos, legislador, VIII, 16.
Zâmolxis, trácio, I, 1; VIII, 2.
Zancle, na Sicília, IX, 18.
Zenôdotos, filósofo estóico, discípulo de Diôgenes, VII, 29; veja-se também o Índice I.
Zênon de Cítion, VII, 1-159; homônimos, ib., 35.
Zênon de Elea, discípulo de Parmenides, IX, 25-29.
Zênon de Sídon, filósofo epicurista, X, 25.
Zênon de Tarsos, filósofo estóico, VII, 41, 84.
Zetéticos, outra denominação dos pirronianos (céticos), IX, 69.
Zeus, I, 69; VII, 147; VIII, 33.
Zêuxipos, filósofo cético, discípulo de Ainesídemos, IX 116.
Zêuxipos, filósofo cético, discípulo de Ainesídemos, IX, 116.
Zoilos, tio de Pitágoras, VIII, 2.
Zôpiros de Colofon, VI, 100.
Zôpiros, um retor, IX, 114.
Zorôastros, I, 2, 8.